



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

LUANA RODRIGUES CAMPOS

**O PAPEL DAS UNIVERSIDADES NA DIVULGAÇÃO
CIENTÍFICA DO PANTANAL: O CASO UFMS E UEMS**

**CAMPINAS,
2018**

LUANA RODRIGUES CAMPOS

**O PAPEL DAS UNIVERSIDADES NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO
PANTANAL: O CASO UFMS E UEMS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças Conde Caldas

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna Luana Rodrigues Campos e orientada pela Profa. Dra. Maria das Graças Conde Caldas

**CAMPINAS,
2018**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES, 1582825

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Dionary Crispim de Araújo - CRB 8/7171

C157p Campos, Luana Rodrigues, 1989-
O papel das universidades na divulgação científica do Pantanal : o caso UFMS e UEMS / Luana Rodrigues Campos. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Maria das Graças Conde Caldas.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Divulgação científica. 2. Jornalismo científico. 3. Comunicação nas organizações. 4. Pantanal Mato-grossense (MT e MS). 5. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 6. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. I. Caldas, Maria das Graças Conde. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The role of universities in the scientific disclosure of Pantanal : the UFMS and UEMS case

Palavras-chave em inglês:

Scientific dissemination

Scientific journalism

Communication in organizations

Pantanal Mato-grossense (MT e MS)

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural

Banca examinadora:

Maria das Graças Conde Caldas [Orientador]

Katarini Giroldo Miguel

Katia Zanvettor Ferreira

Data de defesa: 27-07-2018

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural



BANCA EXAMINADORA

Maria das Graças Conde Caldas

Katarini Giroldo Miguel

Katia Zanvettor Ferreira

**IEL/UNICAMP
2018**

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA – Sistema de Gestão Acadêmica.

“No final das contas, nós vamos conservar apenas aquilo que amamos. Nós amamos apenas o que conhecemos e conhecemos apenas o que nos é ensinado. Se a gente conhece apenas o que nos é ensinado, então educação e comunicação são importantes. Informação por si só nem sempre serve de motivação para a adoção de um novo comportamento, mas falta de informação quase sempre é uma barreira para a mudança comportamental”

(Silvio Marchini)

AGRADECIMENTOS

Em 2012, ainda durante a graduação, entrei na internet e fiz uma busca por especializações na área de divulgação científica. Lembro que foi a primeira vez que me deparei com a existência do Mestrado em Divulgação Científica e Cultural da Unicamp. Naquele dia tudo que vivi nos últimos 28 meses pareceu uma coisa muito além da minha capacidade e da minha realidade devido a várias condições - ou mais precisamente a falta delas. Por isso, parar e refletir sobre como as coisas aconteceram é um momento muito especial. Principalmente porque confirma uma certeza muito profunda que carrego comigo: a gente nunca está sozinho.

Foram muitas experiências, algumas que erroneamente julguei ruins em algum momento, mas que serviram de alicerce para estar aqui escrevendo sobre isso. Muita gente fez/faz parte dessa jornada, onde tive/tenho um gostinho de provar que realmente “cada bater de asas já é a meta”.

Por isso em primeiro lugar de tudo agradeço a essa força maravilhosa da Vida que se expande em todas as direções e impulsiona todos a encontrarem seu verdadeiro caminho no silêncio de cada coração.

Agradeço a minha família, Elizabeth, Hamilton, Geovana e Mayana por serem o suporte e o farol de todas as minhas horas, principalmente as mais escuras.

A meu companheiro Rodolfo por tudo que pudemos/poderemos crescer, nos acolhendo, nos apoiando e nos respeitando.

A familinha querida que Campinas me proporcionou, me ensinando que as coisas de fato começam a acontecer quando a gente abre o coração para tudo que nos é oferecido: Ádria, Diego, Josi, Fabi, Juan, Paula, Andressa, Vinícius, Edvan e Kyene.

Aos meus amigos-irmãos, catalisadores de pequenas revoluções, gente que admiro de paixão. Agradeço não só por compreenderem minha ausência, mas por se fazerem presentes mesmo com toda a distância: Cássia, Mika, Naíra, Laura, Ananda, Wagner, Elaine, Aline, Laís e Fátima.

Agradeço a Adriana Cohen por sua força e autenticidade que me fizeram enxergar que sou capaz de muitas coisas e o quanto é importante a gente não se encaixar em tudo que nos exigem.

Aos meus queridos amigos da Ecoa pela formação ambiental que me proporcionaram, em especial ao Alcides por dar um empurrãozinho extra quando não acreditei muito que conseguiria.

A sanga maravilhosa do Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB): Denilson, Cíntia, Cibele, Cris e Katiane de Campinas e Gi, Taninha, João, Jamila e Délia de Campo Grande. Em especial agradeço ao Lama Padma Samten por ter aberto caminhos para que todos possam encontrar/reconhecer o Dharma em suas vidas.

Agradeço a todos os funcionários da Unicamp, principalmente as pessoas que atuam nos RUs e nas bibliotecas, lugares que passei um bom tempo nesses meses todos e signifiquei com muito carinho. Em especial, agradeço à Alessandra e Andressa do Labjor por toda paciência e competência em ajudar a nós alunos a lidarmos com documentações necessárias e muitos prazos.

Agradeço a CAPES por ter me concedido auxílio financeiro sem o qual teria sido muito difícil me mudar de cidade.

Quero também agradecer a todas as pessoas que dispuseram de tempo para me concederem informações por meio de fecundas e proveitosas entrevistas: André Mazini, Marcos Paulo da Silva, Fábio Edir dos Santos, Nalvo de Almeida, Lúcia Morel, Marta Ferreira, Ieda Bortolotto, Paulo Robson de Souza, Arnildo Pott, Guilherme Mourão e Liliam Hayd. Também a Eduarda Rosa por ter atendido minhas demandas emergenciais por informações.

Agradeço muitíssimo as professoras Patrícia Mariuzzo e Vera Toledo por aceitarem o convite para serem membros suplentes da minha banca de defesa e a professora Germana Barata por suas valiosas contribuições à minha qualificação. Agradeço especialmente as professoras Katarini Miguel e Kátia Zanvettor pela leitura atenta, sugestões e considerações mais que pertinentes para o aperfeiçoamento deste trabalho durante a banca de defesa. Ah, e claro a Dorinha que agora já chegou nesse mundão, mas deu aquela forcinha ainda na barriga da Katarini.

Muito e muito especialmente quero agradecer à Graça Caldas, minha orientadora, a pessoa que abriu as portas da Unicamp para mim por meio do projeto Escola Brasil de Jornalismo Científico (EBJC) junto com Adriana Cohen. Nesse tempo em que pudemos conviver intensamente Graça foi a professora, mas também um pouco mãe, psicóloga, amiga, e acima de tudo muito humana.

Perdi três pessoas muito importantes da minha vida nos últimos 15 meses: meu tio-padrinho Jorge, minha vó Tereza e meu pai biológico, Nivaldo. Graça me deu tempo quando foi necessário chorar, mas também soube a hora de me tirar da dor e me ajudar a focar nos estudos. Muito obrigada por viver tudo isso comigo Graça!

Essas e outras tantas pessoas, que de diferentes maneiras fizeram parte deste processo comigo, me fazem perceber que nessa teia da Vida cada um de nós é realmente uma jóia mágica. Juntos fazemos tudo acontecer. Juntos chegamos até aqui. Que a gente possa seguir encorajando e catalisando na vida uns dos outros.

Que os méritos deste trabalho se estendam a todos os seres. Emahô!

RESUMO

Considerado um dos ecossistemas mais abundantes em biodiversidade do mundo, o Pantanal, maior planície alagadiça do planeta, caracteriza-se por seu regime de secas e cheias e pelo mosaico de diferentes biomas que o compõe. Sua importância é reconhecida a nível mundial pela UNESCO, que concedeu ao bioma o título de Patrimônio Natural da Humanidade e Reserva da Biosfera desde os anos 2000. No entanto, atuais tendências de desenvolvimento econômico têm causado profundos impactos ambientais ameaçando o pulso de inundação que garante o equilíbrio natural da região. Desde 2011 um Projeto de Lei federal específico para o Pantanal vem sendo debatido no Senado com a finalidade de assegurar maior proteção à região. O debate tem sido composto por interesses diversos e muitas vezes contrários entre as diferentes populações que compartilham o território pantaneiro. Por isso é essencial que haja informações de qualidade circulando pelos meios de comunicação, reconhecidamente capazes de moldar visões de mundo na sociedade. Para tanto reconhece-se que não se trata de uma tarefa exclusiva da mídia, mas de diversos atores envolvidos na produção e circulação do conhecimento científico. Entre estes localizam-se instituições públicas de pesquisa e em especial as universidades públicas brasileiras apontadas como responsáveis por 80% da produção científica nacional. Por seu papel de vanguarda é da onde se espera que partam as reflexões sobre as questões que afligem a sociedade. Desse modo, o interesse deste trabalho foi analisar se e de que modo as instituições de ensino superior públicas Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) divulgam as pesquisas que produzem sobre o Pantanal por meio do trabalho de suas assessorias de comunicação. Estas são instituições de grande relevância para o estado de Mato Grosso do Sul, onde está localizado 65% do Pantanal brasileiro. A pesquisa contempla ainda, a análise sobre a divulgação do Pantanal em dois veículos de comunicação de ampla circulação no estado de Mato Grosso do Sul: o jornal impresso Correio do Estado e o site de notícias Campo Grande News. O interesse foi verificar a presença das pesquisas científicas sobre o bioma nas pautas e das referidas universidades como fonte. Trata-se de um Estudo de Caso Múltiplo (YIN, 2005), que combina revisão bibliográfica e documental, entrevistas semi-estruturadas (DUARTE, 2012) e a Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). O que se observou a partir desta pesquisa é que ainda é muito pequena a participação das universidades na construção do saber sobre o bioma para a população em geral, apesar do grande número de pesquisas realizadas sobre a região. Um dos fatores encontrados para tanto é o distanciamento entre as assessorias de comunicação científicas e a mídia tradicional. Outro ponto observado é que apesar de ser tema constante na mídia regional a abordagem sobre o Pantanal tem sido superficial e fragmentada. As questões latentes ao bioma como a degradação ambiental e o referido Projeto de Lei Federal do Pantanal aparecem minimamente e de forma enviesada, não havendo espaço para a pluralidade de vozes que compõe o bioma.

Palavras-chave: Divulgação científica. Jornalismo científico. Comunicação nas organizações. Pantanal Mato-grossense (MT e MS). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

ABSTRACT

Considered one of the most abundant biodiversity ecosystems in the world, the Pantanal, the largest swampy plain on the planet, is characterized by its drought and flood regime and the mosaic of different biomes that compose it. Its importance is recognized worldwide by UNESCO, which awarded the biome the title of Natural Heritage of Humanity and Biosphere Reserve since the 2000s. However, current trends of economic development have caused deep environmental impacts threatening the flood pulse that ensures the natural balance of the region. Since 2011 a specific federal Bill for the Pantanal has been debated in the Senate with the purpose of ensuring greater protection to the region. The debate has been composed of diverse and often conflicting interests among the different populations that share the pantaneiro territory. That is why it is essential that there be quality information circulating in the media, recognized as capable of shaping worldviews in society. In order to do so, it is recognized that this is not a task exclusively of the media, but of several actors involved in the production and circulation of scientific knowledge. Among these are located public research institutions and in particular the Brazilian public universities designated as responsible for 80% of the national scientific production. Because of its vanguard role, it is expected that reflections on the issues that afflict society will start. In this way, the interest of this work was to analyze if and how the public higher education institutions of the Federal University of Mato Grosso do Sul (UFMS) and State University of Mato Grosso do Sul (UEMS) divulge the researches that they produce on the Pantanal by through the work of its communications consultants. These are institutions of great relevance to the state of Mato Grosso do Sul, where 65% of the Brazilian Pantanal is located. The research also includes the analysis of the dissemination of the Pantanal in two communication vehicles of wide circulation in the state of Mato Grosso do Sul: the printed newspaper *Correio do Estado* and the Campo Grande News news site. The interest was to verify the presence of scientific research on the biome in the guidelines and of the referred universities as source. It is a Multiple Case Study (YIN, 2005), which combines bibliographical and documentary review, semi-structured interviews (DUARTE, 2012) and Content Analysis (BARDIN, 1977). What has been observed from this research is that the participation of universities in the construction of knowledge about the biome for the general population is still very small, despite the large number of researches carried out on the region. One of the factors found for this is the distance between scientific advisory services and traditional media. Another point observed is that despite being a constant theme in the regional media, the approach to the Pantanal has been superficial and fragmented. The questions latent to the biome, such as environmental degradation and the Federal Pantanal Law Project, appear minimally and in a biased way, with no space for the plurality of voices that make up the biome.

Keywords: Scientific dissemination. Scientific journalism. Communication in organizations. Pantanal Mato-grossense (MT e MS). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Rachel Carson e seu livro "Primavera Silenciosa"	33
Figura 2. Garret Hardin e a edição especial da revista Science (dez/2003) que explora o dilema apresentado pelo economista 35 anos antes em um ensaio científico publicado no periódico	33
Figura 3. Paul Ehrlich e seu livro "A bomba populacional"	33
Figura 4. Barry Commoner estampando a capa da Revista Time (fev/1970) e seu livro "The closing circle"	34
Figura 5. Brundtland e o relatório "Nosso Futuro Comum"	37
Figura 6. Onde o brasileiro busca informações sobre o meio ambiente.....	47
Figura 7. Preocupação dos brasileiros com temas ambientais que envolvem C&T.....	48
Figura 8. Cartilha "Pantanal de A a Z" de Paulo Robson de Souza.....	54
Figura 9. "Os reis do pedaço" por Paulo Robson de Souza	54
Figura 10. Música composta por Paulo Robson de Souza no livro "Animais Mais Mais".....	54
Figura 11. Página inicial do portal da "Rede Aguapé"	56
Figura 12. Divisão geopolítica do Pantanal brasileiro	71
Figura 13. Delimitação das sub-regiões do Pantanal brasileiro.	75
Figura 14. Avanço do desmatamento no Pantanal	83
Figura 15. Mídia sul-mato-grossense veicula tentativas de aproximação entre MS e MT para uniformizar leis relativas ao Pantanal	87
Figura 16. Notícia sobre possibilidade do Pantanal deixar de ser considerada RB pela UNESCO.....	89
Figura 17. Instituições que mais possuem pesquisas publicadas sobre o Pantanal no Web of Science	97
Figura 18. Instituições que mais possuem pesquisas sobre o Pantanal no repositório da CAPES.....	97
Figura 19. Percentual de pesquisas com a palavra-chave Pantanal em MS e MT no repositório da CAPES	98
Figura 20. Instituições brasileiras com maior número de grupos de pesquisa sobre o Pantanal no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq	99
Figura 21. Áreas de concentração dos grupos de pesquisa sobre o Pantanal no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq	100
Figura 22. Número de publicações com a palavra-chave "Pantanal" por ano no repositório da CAPES	100
Figura 23. Número de publicações com a palavra-chave "Pantanal" por ano no Web of Science	101
Figura 24. Pesquisas da UFMS e UEMS com a palavra-chave "Pantanal" cadastradas no SIGPROJ	102
Figura 25. Número de pesquisas da UFMS e UEMS com a palavra-chave "Pantanal" cadastradas no SIGPROJ por ano.....	102
Figura 26. Captura de tela do vídeo institucional da UFMS publicado no Facebook.....	115

Figura 27. Os campus da UFMS no Mato Grosso do Sul	128
Figura 28. Organograma da UFMS.....	130
Figura 29. Estatísticas do Facebook institucional da UFMS	133
Figura 30. Mapa das unidades Universitárias da UEMS	136
Figura 31. Organograma da estrutura administrativa da UEMS	138
Figura 32. Aba criada para divulgação de pesquisas na página inicial do site da UFMS	148
Figura 33. Aba criada para divulgação de pesquisas na página inicial do site da UEMS.....	148
Figura 34. Pesquisadores da UFMS entrevistados para Globo Repórter sobre o Pantanal	150
Figura 35. Pesquisadores da UEMS em reportagem televisiva sobre uso da bocaiúva	150
Figura 36. Livro "A Mídia do Pantanal"	164
Figura 37. Pantanal é objeto recorrente em capas de revistas, programas de televisão e livros de divulgação, entre outros meios de comunicação	166
Figura 38. Mapa interativo com a localização geográfica dos veículos comunicação de Mato Grosso do Sul.	168
Figura 39. Gráfico da quantidade de matérias sobre o Pantanal publicadas nos sites da UFMS e UEMS.....	170
Figura 40. Captura de tela no site da UFMS	174
Figura 41. Capturas de tela do site da UFMS	174
Figura 42. Captura de tela do site da UFMS	175
Figura 43. Captura de tela do site da UFMS	176
Figura 44. Captura de tela do site da UEMS.....	178
Figura 45. Captura de tela do site da UEMS.....	179
Figura 46. Capturas de tela dos sites A Crítica, Dourados News e Campo Grande News, respectivamente.....	180
Figura 47. Capturas de tela do site da UEMS	181
Figura 48. Captura de tela do site da UEMS.....	182
Figura 49. Capturas de tela de matérias do relatório de clipping da UFMS originalmente publicadas no site da Embrapa Pantanal	185
Figura 50. Capturas de tela de matérias do relatório de clipping da UFMS originalmente divulgadas pela assessoria da ONG WCS	185
Figura 51. Captura de tela da matéria "Incêndio destrói vegetação de banhado do Rio Formoso em Bonito"	189
Figura 52. Captura de tela de matéria televisiva localizada no clipping da UFMS	190
Figura 53. Captura de tela de matérias televisivas localizadas no clipping da UEMS	194
Figura 54. Captura de tela de matéria televisiva localizada no clipping da UEMS	194
Figura 55. Matéria publicada pelo jornal impresso Correio do Estado.....	199
Figura 56. Matéria publicada pelo jornal impresso Correio do Estado.....	200

Figura 57. Matéria publicada pelo jornal impresso Correio do Estado.....	201
Figura 58. Matérias publicadas pelo site Campo Grande News.....	206
Figura 59. Captura de tela de matéria publicada pelo site Campo Grande News	207
Figura 60. Captura de tela de matéria veiculada pelo site Campo Grande News	208
Figura 61. Captura de tela de matéria veiculada pelo site Campo Grande News	209
Figura 62. Captura de tela de matéria veiculada pelo site Campo Grande News	209
Figura 63. Captura de tela de matéria veiculada pelo site Campo Grande News	211
Figura 64. Captura de tela de matéria veiculada pelo site Campo Grande News	212
Figura 65. Captura de tela de matéria veiculada pelo site Campo Grande News	213

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Pesquisas com a palavra-chave Pantanal em IES de MS e MT no repositório da CAPES ...	98
Tabela 2. Síntese das matérias sobre o Pantanal veiculadas no site da UFMS	172
Tabela 3. Síntese das matérias sobre o Pantanal veiculadas no site da UEMS	177
Tabela 4. Síntese das matérias sobre o Pantanal encontradas no relatório de clipping da UFMS	186
Tabela 5. Síntese das matérias sobre o Pantanal encontradas no relatório de clipping da UEMS	191
Tabela 6. Síntese das matérias sobre o Pantanal encontradas no Correio do Estado	197
Tabela 7. Síntese das matérias sobre o Pantanal encontradas no Campo Grande News	203

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1. Tabela com Grupos de pesquisa da UFMS cadastradas no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq	240
Anexo 2. Tabela com Grupos de pesquisa da UEMS cadastradas no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq	244
Anexo 3. Tabela de projetos da UFMS registrados na plataforma SIGPROJ com a palavra-chave Pantanal	245
Anexo 4. Tabela de projetos da UEMS registrados na plataforma SIGPROJ com a palavra-chave Pantanal	252
Anexo 5. Notícia publicada no site da UFMS.....	253
Anexo 6. Notícia publicada no site da UFMS.....	254
Anexo 7. Notícia publicada no site da UFMS.....	255
Anexo 8. Notícia publicada no site da UFMS.....	256
Anexo 9. Notícia publicada no site da UFMS.....	257
Anexo 10. Notícia publicada no site da UEMS	259
Anexo 11. Notícia publicada no site da UEMS	261
Anexo 12. Notícia publicada no site da UEMS	263
Anexo 13. Notícia publicada no site da UEMS	265
Anexo 14. Notícia publicada no site da UEMS	266
Anexo 15. Notícia publicada no site da UEMS	267
Anexo 16. Notícia publicada no site MS Notícias	269
Anexo 17. Notícia publicada pelo jornal impresso Correio do Estado	270
Anexo 18. Notícia publicada pelo jornal impresso Correio do Estado	271
Anexo 19. Notícia publicada pelo jornal impresso Correio do Estado	272
Anexo 20. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News.....	273
Anexo 21. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News.....	274
Anexo 22. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News.....	275
Anexo 23. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News.....	276
Anexo 24. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News.....	277
Anexo 25. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News.....	279
Anexo 26. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News.....	280
Anexo 27. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News.....	282
Anexo 28. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News.....	283

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO	9
ABSTRACT	10
LISTA DE FIGURAS	11
LISTA DE TABELAS	14
LISTA DE ANEXOS	15
SUMÁRIO	16
INTRODUÇÃO	18
1. MEIO AMBIENTE, SOCIEDADE E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA	29
1.1. O debate sobre a escassez.....	30
1.2. A noção de sustentabilidade.....	37
1.3. Políticas públicas de meio ambiente no Brasil.....	40
1.4. Meio Ambiente e Opinião Pública.....	46
1.5. Divulgação Científica e Meio Ambiente.....	47
1.6. Divulgação Científica e Jornalismo Científico	50
1.7. A Divulgação Científica na visão dos pesquisadores.....	53
1.8. Desafios do Jornalismo Científico	57
1.8.1. Formação	57
1.9. Jornalismo Científico e Meio Ambiente	63
2. O BIOMA PANTANAL	71
2.1. Panorama Socioambiental	74
2.2. Cheias e vazantes	76
2.3. População e principais atividades econômicas.....	78
2.4. Principais ameaças	80
2.5. Políticas públicas de proteção do Pantanal	88
2.6. Marcos regulatórios.....	90
2.7. Lei Federal do Pantanal.....	92
2.8. Pantanal, um laboratório vivo	94
2.8.1. Publicações no Brasil e no mundo.....	96
2.8.2. As pesquisas sobre o Pantanal em Mato Grosso do Sul.....	99
3. ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO NAS ASSESSORIAS DE COMUNICAÇÃO: AÇÕES E RESULTADOS	108
3.1. O papel das Assessorias de Comunicação.....	109
3.2. As Assessorias de Comunicação e as Universidades	117
3.3. Pantanal entre o desconhecido e o exótico.....	123
3.4. As Assessorias das Universidades Públicas do Pantanal Sul.....	126
3.4.1. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)	127
3.4.2. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)	134
3.5. A visão dos gestores das universidades sobre a comunicação	140

3.6. A visão dos assessores de comunicação.....	143
3.7. A visão dos pesquisadores	154
3.8. A visão de jornalistas da mídia tradicional	160
4. O PANTANAL NA MÍDIA	164
4.1. A divulgação do Pantanal nos portais institucionais: UFMS e UEMS	170
4.2. O Pantanal no site da UFMS	172
4.3. O Pantanal no site da UEMS	177
4.4. A divulgação do Pantanal no clipping das universidades	183
4.4.1. O Pantanal no clipping da UFMS	186
4.4.2. O Pantanal no clipping da UEMS	190
4.5. Pantanal na mídia regional: Correio do Estado e Campo Grande News.....	195
4.5.1. Correio do Estado	195
4.5.2. Campo Grande News.....	202
4.6. Considerações preliminares.....	214
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	215
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	226
ANEXOS	240
APÊNDICES	285

INTRODUÇÃO

As discussões acerca das problemáticas ambientais expõem a necessidade de repensar o paradoxo da racionalidade econômica e tecnológica dominantes. Isto porque ao mesmo tempo em que se observa um acelerado crescimento de índices macroeconômicos, se testemunha a rápida deterioração de indicadores sociais e ambientais (GUIMARÃES e BEZERRA, 2014). Este debate vem desde o século XIX, e mais particularmente nas últimas décadas, pautando e sendo pautados pela esfera política e pelos meios de comunicação.

Apoiados no conhecimento científico interdisciplinar, uma ampla gama de perfis compõe este debate disputando entre si o reconhecimento e a legitimação social de suas visões sobre o conceito de desenvolvimento (GUIMARÃES, 2014).

Pesquisas de opinião (BRASIL/MMA, 2012; CNI, 2010; CNI, 2012) apontam que a nível nacional a população tem tomado, de forma gradual, mais consciência sobre os problemas ambientais e atribuído mais importância ao seu enfrentamento. Miguel (2009, p. 13) argumenta que “é através da veiculação na imprensa que grande parcela da sociedade adquire conhecimento do meio cultural e social imediato”. Desse modo o agendamento midiático de temas ambientais tem sido fundamental para melhorar a compreensão de conceitos como meio ambiente e desenvolvimento sustentável. Além disso a informação ambiental de qualidade veiculada pela mídia revela-se um instrumento tanto na vigilância da esfera política, quanto na mobilização de grupos e organizações comprometidos com a causa ambiental.

Em uma escala loco-regional, o Pantanal, maior sistema de áreas úmidas do planeta, reflete os desafios que a crise ambiental planetária impõe. A substituição dos modelos socioeconômicos tradicionais de pecuária e pesca, por uma exploração intensiva (HARRIS *et al.*, 2005), ditada pelo avanço do capitalismo, é vista como a causa fundamental de problemas na região.

Até os anos 1980, o Pantanal era conhecido pelo restante da população do país mais por cartilhas e livros didáticos de geografia do que pelos veículos de comunicação (MAIO, 2018). O acesso, que ainda hoje é difícil, era muito mais precário, não favorecendo a presença regular da cobertura jornalística. A partir dos anos 1990, com a veiculação da novela “Pantanal” na extinta TV Manchete, o bioma desconhecido passa a figurar no cotidiano das

peças por meio de uma narrativa que o apresenta como exótico, estranho, misterioso e mítico.

Uma pesquisa de opinião realizada em 2013 pelo Ibope Inteligência e a ONG WWF Brasil, revela que apesar de demonstrarem preocupação com a preservação do Pantanal, os brasileiros possuem baixo conhecimento sobre o bioma. Apesar de 93% dos entrevistados afirmarem já terem ouvido falar do Pantanal, 66% não souberam identificar em qual região do país ele fica localizado.

Romero (2014) aborda que mesmo as populações urbanas de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul - onde o Pantanal brasileiro está situado – desconhecem o bioma que se estende pela Bolívia e Paraguai. Segundo o autor, prevalece ainda a visão folclórica, de que é bonito proteger a natureza, mas na prática o conhecimento é superficial. Essa ideia do exótico tem sido reforçada pelo enquadramento jornalístico que segundo Maio (2018, p. 210) apresenta a região como um santuário, ou paraíso ecológico, destacando sua beleza cênica. Já “as características culturais que delimitam aquele espaço e o desenvolvimento tecnológico como diferencial para a sustentação da economia local” são abordagens ausentes ou pouco exploradas.

Muitas peculiaridades desenham a complexidade ecológica do Pantanal, mas seu pulso de inundação é o fator determinante para que ele exista. Por pulso de inundação (JUNK, 2017) compreende-se a alternância entre períodos de secas e inundações sazonais responsáveis pela riqueza de espécies e paisagens da planície alagadiça.

A relevância nacional e internacional do Pantanal fez com que o bioma fosse proclamado Patrimônio Nacional pela Constituição Federal de 1988, Reserva da Biosfera e Patrimônio Natural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Embora tenham valor estratégico e jurídico em alguns casos, e possam trazer oportunidades de desenvolvimento sustentável para a região, esses títulos não são suficientes para assegurar a proteção do território pantaneiro.

A preservação do Pantanal depende, principalmente, da garantia de suas enchentes cíclicas. O equilíbrio do sistema ecológico, no entanto, está ameaçado por atuais tendências de desenvolvimento e alterações climáticas. Grandes empreendimentos de infraestrutura, desmatamentos para a expansão de monoculturas – e consequente poluição por pesticidas - e a

pecuária sem cuidado com o solo, são algumas das pressões que impactam diretamente a economia, ambiente e populações regionais.

A complexidade do território pantaneiro exige respostas igualmente complexas na formulação de estratégias para sua conservação. A produção sistemática de conhecimentos científicos multidisciplinares e sua ampla divulgação é uma condição imprescindível nesse sentido. Seja contribuindo para a evolução de ações em curso, ou propondo novos caminhos que efetivem seu uso sustentável.

Junk e Cunha (2017) registram que o bioma tem sido objeto de investigação da comunidade científica brasileira e mundial nas mais diversas áreas do conhecimento há pelo menos três décadas. Conforme os autores, o interesse inicial das pesquisas foi pautado por seus aspectos biológicos, como as plantas superiores e os peixes do Pantanal. As pesquisas evoluíram ganhando uma abordagem multidisciplinar, mas ainda há defasagens, principalmente no aspecto social (BRUM, 2001).

Na pesquisa “Pantanal: Opinião pública local sobre meio ambiente e desenvolvimento”, Marchini (2003, p. 20) identifica que os conflitos de opinião entre os diferentes segmentos consultados e que habitam o bioma derivam, grosso modo, da falta de informação. De acordo com o pesquisador a solução lógica seria a “geração de conhecimento relevante através da pesquisa científica e sua divulgação ampla e transparente na comunidade regional”. No decorrer dessa pesquisa foi possível refinar essa conclusão. As pesquisas, apesar de ainda serem consideradas insuficientes, são abundantes e diversificadas, mas a circulação das informações produzidas pelas mesmas é ainda incipiente, em prejuízo do conhecimento público sobre o bioma.

Cortassa, Andrés e Wursten (2017) defendem que as instituições públicas de pesquisa, bem como a comunidade científica, devem envolver-se com a comunicação e promoção da apropriação social da ciência por três razões fundamentais: em primeiro lugar estão os fatores éticos e/ou morais ligados ao uso de fundos públicos; em segundo a manutenção da credibilidade da ciência e tecnologia a fim de que a mesma alcance visibilidade e seu valor social seja reconhecido (do que depende a continuidade de financiamento); e em terceiro a sua função de agente de democratização de acesso ao conhecimento e a promoção de vocações científicas.

Universidades, centros e institutos de pesquisa, agências de fomento, fundações de amparo à pesquisa, secretarias e ministérios são vistos como pontos de partida estratégicos para incentivar um fluxo contínuo de informações sobre ciência, tecnologia e inovação (C,T&I) de forma eficiente, uma vez que são espaços detentores de informações primárias (OLIVEIRA, 2005). Destaca-se que no Brasil a universidade pública é apontada como responsável por 80% da produção científica (BRASIL, 2010). Enquanto instituição plural e de vanguarda, detentora e geradora de conhecimento, formadora de opinião, é principalmente da universidade pública que se espera que partam as reflexões sobre os fenômenos socioculturais contemporâneos e propostas soluções para os problemas socioambientais (LIMA, 2011).

Ao lado da pesquisa científica destaca-se o papel da comunicação pública da ciência, onde se localizam a divulgação científica e o jornalismo científico. Estes são identificados como mecanismos chave para auxiliar “a universidade em sua tarefa de desenclausurar-se e compartilhar com a comunidade o que era de conhecimento restrito” (MOREIRA, 2017, p. 23).

As pesquisas sobre o Pantanal, realizadas por diversas instituições de pesquisas, universidades e ONGs do mundo – muitas vezes em parceria -, estão indexadas em diferentes bancos de dados nacionais e internacionais e plataformas de produção acadêmica, em forma de dissertações, teses, relatórios e artigos em periódicos científicos, mas, por diferentes motivos, acabam restritas à comunidade científica.

Transpor este círculo restrito de circulação do conhecimento entre os cientistas e o público leigo, em geral, pode se dar por meio de notícias e reportagens de divulgação científica em diferentes veículos e plataformas. Lima (2004, p. 74), aponta que pela ótica da Divulgação Científica quem faz a circulação dos conhecimentos científicos são os jornalistas de ciência “tanto os da grande mídia como os divulgadores e técnicos das empresas e institutos de pesquisa, e os veículos de comunicação especializados em ciência”.

Nesse contexto a atuação dos núcleos de comunicação das universidades pode, além de contribuir com a formação e/ou fortalecimento da cultura científica de forma geral, dar visibilidade às temáticas mais sensíveis do desenvolvimento sustentável em escala local e regional - sobre o que se espera que estejam debruçadas suas pesquisas – e fomentando suas discussões.

Deste modo a questão principal que norteia esta pesquisa é: **as instituições que produzem conhecimento sobre o Pantanal estão sendo capazes de popularizar esse conhecimento para a sociedade? De que maneira?**

A pergunta surge em um momento-chave para o Pantanal, quando se discute o Projeto de Lei 750/2011¹ no Senado, conhecida por Lei Federal do Pantanal. Também devido a responsabilidade das universidades em socializar os conhecimentos que produzem para a sociedade, sendo assim um importante elemento para qualificar o debate que envolve muitos conflitos.

É importante mencionar que nas buscas realizadas para o levantamento bibliográfico desta pesquisa, apesar de ter encontrado pesquisas de envergadura na área científica, o número de trabalhos contendo as palavras-chave *Comunicação+Pantanal* foram reduzidos, e mais escassos ainda quando se trata do *Pantanal+Divulgação Científica*. As consultas se deram principalmente em bancos de dados nacionais, como Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT) e repositório da CAPES, mas também em internacionais como a plataforma Web of Science (WoS).

Objetivos e percurso metodológico

Esta pesquisa, apesar de considerar o Pantanal em sua totalidade², foca no trabalho desenvolvido pelas assessorias de comunicação de duas universidades públicas situadas na porção Sul do bioma (planície pantaneira): Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)³. A escolha deveu-se ao fato destas serem instituições de grande valor social para Mato Grosso do Sul; pela planície ser maior em termos de extensão e considerada mais preservada que a região de planalto; pelo fato da porção sul do Pantanal sofrer impactos diretos das degradações causadas na porção norte do Pantanal; por ter encontrado o maior número de pesquisas e grupos de pesquisas – de acordo com as plataformas Web of Science (WoS) e Diretório de Grupos de

¹ A matéria, que se dispõe a frear os impactos e a degradação no bioma Pantanal, encontra-se em discussão pela Comissão de Meio Ambiente (CMA) do Senado sob relatoria do senador Pedro Chaves. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/matéria/103831>. Última atualização publicada em: 05/06/2018.

² Engloba os estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e os países Paraguai e Bolívia.

³ As universidades estão devidamente contextualizadas no Capítulo 3 – “Estratégias de Divulgação nas Assessorias de Comunicação”

Pesquisa do CNPq - concentrados em instituições e pesquisadores que atuam na região Sul; e por conta do vínculo afetivo que tenho com a região enquanto sul-mato-grossense.

O presente trabalho configura-se como um Estudo de Caso Múltiplo (YIN, 2001) onde empreendeu-se conhecer os caminhos e/ou descaminhos que as pesquisas sobre o Pantanal perfazem das universidades até a sociedade, por meio do trabalho de seus núcleos de comunicação institucional. Para atingir tal objetivo buscou-se no decorrer da pesquisa 1) discutir o papel das assessorias de comunicação das universidades selecionada (UFMS e UEMS), no processo de divulgação científica em geral e de pesquisas sobre o Pantanal, em particular; 2) identificar a partir da análise do relatório de clipping das respectivas instituições e de dois veículos regionais (*Correio do Estado* e *Campo Grande News*), **se e como** as universidades têm sido fonte nas matérias em que o bioma é pauta na mídia tradicional; 3) examinar como o Pantanal tem sido tratado considerando aspectos de conteúdo, abordagem e linguagem; 4) descrever as estruturas e ações de comunicação científica das assessorias das instituições selecionadas; e 5) entender como dirigentes, pesquisadores e jornalistas da mídia tradicional e dos núcleos de comunicação das universidades percebem e avaliam a importância da comunicação pública da ciência.

O estudo de caso é um método qualitativo – mas não somente - que integra “o uso conjunto de ferramentas para levantamento e análise de informações” (DUARTE, 2008). De acordo com Yin (2001, p. 32) trata-se de uma “inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real” utilizada quando não se tem uma fronteira nítida entre o fenômeno e o contexto. Dessa forma o pesquisador utiliza-se de fontes variadas de evidência como entrevistas, artefatos, documentos e observações.

No caso desta pesquisa foi empregada consulta à referenciais bibliográficos para compreender de forma ampla o cenário da divulgação ambiental/científica e da comunicação pública da ciência. Também foram utilizados os documentos que regem ou fazem parte do trabalho das assessorias de comunicação das instituições UFMS e UEMS.

Também foram aplicadas entrevistas em profundidade do tipo semi-aberta (DUARTE, 2008) aos atores envolvidos no processo de circulação do conhecimento científico a fim de compreender a importância que atribuem a divulgação científica em geral e a divulgação científica sobre o Pantanal em particular; e sobre como vêem o papel e avaliam a atuação dos núcleos de comunicação das instituições públicas de pesquisa onde trabalham.

A entrevista individual em profundidade é uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE, 2008, p. 63). O método não se preocupa com a quantificação ou representação estatística, mas intensidade nas respostas.

Desse modo foram realizadas 11 entrevistas com quatro categorias de profissionais envolvidos no processo de divulgação científica do Pantanal:

- **Chefes das Assessorias de Comunicação das universidades:** buscou-se obter uma visão o mais próxima possível das rotinas produtivas dos setores de comunicação das universidades, os perfis de seus profissionais, os produtos e ações que desenvolvem, seus desafios e suas potencialidades;
- **Pesquisadores que se dedicam a investigar sobre o Pantanal:** estes foram escolhidos com base nos números de publicações⁴ encontrados na plataforma Web of Science, nas indicações dos próprios pesquisadores entrevistados e das assessorias de comunicação das universidades; e por seu conhecido envolvimento com a divulgação científica;
- **Gestores das universidades:** neste caso foi entrevistado o reitor da UEMS, Fábio Edir do Santos, e o pró-reitor de pesquisa da UFMS, Nalvo Franco de Almeida Jr.⁵;
- **Jornalistas da mídia tradicional:** foram escolhidas duas jornalistas que atuam nos veículos de comunicação utilizados para a Análise de Conteúdo deste trabalho, no caso Campo Grande News e Correio do Estado, a fim de que fornecessem mais elementos para a compreensão da natureza das questões levantadas por esta investigação. As jornalistas foram escolhidas devido a posição que ocupam nos respectivos veículos e por sua atuação profissional.

⁴ No caso os pesquisadores Arnildo Pott (UFMS) e Guilherme Mourão (Embrapa Pantanal) foram os primeiros nomes que aparecem na lista de pesquisas com a palavra-chave “Pantanal” na plataforma WoS em consulta realizada pela presente autora em maio de 2017.

⁵ Foram realizadas várias tentativas de contato com o reitor da UFMS Marcelo Turine por meio da assessoria, mas sem sucesso. Na impossibilidade de uma entrevista presencial foi apresentada a alternativa da mesma ser feita via e-mail, mas a lista de perguntas enviada também não foi respondida mesmo depois de bastante insistência. Devido a necessidade de finalizar as entrevistas para a conclusão da presente dissertação optou-se pela alternativa de entrevistar o pró-reitor de pesquisa da UFMS.

Um mini perfil de cada entrevistado antecede as perguntas e respostas contidas no Apêndice desta dissertação.

A Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004) também foi utilizada nesta investigação para averiguar o teor das notícias sobre o Pantanal veiculadas pelos sites institucionais da UFMS e UEMS e nos seus respectivos relatórios de clipping. Em contraponto, examinou-se a divulgação sobre o Pantanal em dois veículos de grande relevância na região: o jornal impresso *Correio do Estado* e o portal de notícias *Campo Grande News*⁶.

Trata-se de “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2004, p. 37) que utiliza a descrição sistemática e objetiva do conteúdo de mensagens e de indicadores, que podem ou não ser quantitativos. Organiza-se em torno de três polos cronológicos: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

O método baseia-se tanto na análise quantitativa quanto na análise qualitativa. Na quantificação, de acordo com Miguel (2009), a frequência de determinadas características na mensagem, permitem descrever de forma objetiva o cenário e entender o contexto que se pretende estudar. Já para a análise qualitativa se toma em consideração “a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo” (BARDIN, 2004, p. 18).

Para esta investigação a análise teve como corpus um período de cinco meses - de dezembro de 2016 a abril de 2017⁷ – e foi caracterizada em três partes:

- **Portais institucionais:** as matérias sobre o Pantanal no site da UFMS e no site da UEMS;
- **Clipping:** as matérias sobre o Pantanal contidas nos relatórios de clipping da UFMS e da UEMS que foram disponibilizados pelas respectivas Assessorias de Comunicação;
- **Veículos regionais:** as matérias sobre o Pantanal no site Campo Grande News e no impresso Correio do Estado.

Inicialmente foram mapeados todos os textos veiculados no período selecionado, contendo a palavra-chave *Pantanal*. Em seguida foram categorizados apenas aqueles que

⁶ Os veículos de comunicação estão devidamente contextualizados no Capítulo 4: “O Pantanal na Mídia”.

⁷ Período escolhido em razão da atualidade e das cheias do Pantanal.

traziam como tema as cheias, os ribeirinhos, impactos ambientais, agropecuária, turismo, pesquisas científicas e outros que pudessem estar relacionados. Isto se deve porque logo na fase inicial da análise, durante a leitura flutuante (BARDIN, 2004), percebeu-se que apesar do Pantanal estar incrustado na informação que circula diariamente nos meios midiáticos de Mato Grosso do Sul, o bioma muitas vezes aparece apenas como uma referência e não como o foco das matérias.

O Pantanal é um fator de formação cultural na identidade do sul-mato-grossense, por isso é bastante comum encontrar o bioma em muitos lugares como nome de obras públicas (Ex: Aquário do Pantanal, Museu do Pantanal, Câmpus do Pantanal, etc.), nome de música (Ex: Trem do Pantanal), nomenclaturas de projetos (Ex: Geopark Bodoquena-Pantanal), como objeto de promoção política, cenário de crimes ou lembranças (como no caso de algumas crônicas), vinculado a vida de personalidades (Ex: Poeta Manoel de Barros), etc. Essas referências acabam ajudando a reforçar essa identidade sul-mato-grossense, mas não representa, necessariamente, que influencie ou contribua diretamente com atitudes de conservação ou maior conhecimento sobre o Pantanal.

Por isso a necessidade de elencar temas que tratem de forma direta do bioma para balizar a pré-análise. Ainda nesta fase foi feita a opção de trabalhar apenas os textos de gênero informativo, descartando os de gênero opinativo.

Os textos selecionados foram então categorizados de acordo com os seguintes elementos, propostos a partir dos objetivos da pesquisa, das leituras iniciais do material e do aporte teórico:

- a) **Conteúdo:** Descrição do conteúdo básico do texto;
- b) **Abordagem:** Viés predominante do texto (científica, ambiental, econômica, política, cultural, turística, etc.);
- c) **Pesquisa:** Trata-se ou faz menção a alguma pesquisa?;
- d) **Recursos visuais:** Imagens, infográficos, tabelas, gráficos, etc.;
- e) **Fontes de informação:** Fontes de informação presentes no texto.

Em seguida, para a análise descritiva do material, foram selecionados os textos que apresentaram maior relevância para as discussões que envolvem o conhecimento científico, o desenvolvimento econômico e a conservação do bioma.

Estrutura

A presente dissertação está organizada em quatro capítulos. No Capítulo 1: “Meio Ambiente, Sociedade e Divulgação Científica” é realizado um percurso histórico sobre o debate da escassez de recursos naturais que culmina no surgimento dos movimentos ambientalistas e no conceito de sustentabilidade. O debate estabelecido a nível mundial, resulta na criação de leis em âmbito nacional. A lógica na qual estão inseridas as discussões ainda repercute e pode ser percebida em pesquisas de percepção pública sobre meio ambiente.

No Capítulo 2: “O Bioma Pantanal”, buscou-se projetar um panorama sobre o Pantanal abordando dinâmica ecológica, aspectos sociais e o contexto econômico. Dentro do capítulo também são abordados os principais desafios de conservação, as políticas e suas fragilidades, e as pesquisas científicas realizadas no bioma com ênfase para a produção da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

No Capítulo 3: “Estratégias de Divulgação nas Assessorias de Comunicação”, entramos especificamente no âmbito da comunicação, em especial a comunicação organizacional/institucional como ferramenta dos núcleos de comunicação de universidades e centros de pesquisa para divulgar ciência ao grande público. São abordadas as dificuldades e potencialidades sobre a divulgação científica em geral e do trabalho das equipes de comunicação da UFMS e UEMS do ponto de vista de gestores, assessores de comunicação, pesquisadores e jornalistas da mídia tradicional.

No capítulo 4: “O Pantanal na Mídia”, concentra-se o maior esforço de análise da dissertação com a triangulação de dados entre revisão bibliográfica, documental, entrevistas e Análise de Conteúdo.

Como apresentado nas conclusões os núcleos de comunicação das universidades estudadas não têm sido eficazes em levar informações sobre as pesquisas que produzem sobre o Pantanal para o grande público. Um dos motivos apontados é que mesmo considerando o assunto de grande relevância o predomínio das divulgações recai sobre as ações institucionais e não sobre as pesquisas desenvolvidas nas instituições.

Ainda que os segmentos consultados durante as entrevistas e mesmo o aporte teórico usado nesta pesquisa indiquem lacunas e insuficiência na produção científica sobre o

bioma, é inegável que há muito conhecimento produzido ao longo dos anos para ser divulgado. Entretanto apenas 1% de toda a produção dos portais institucionais examinados neste trabalho foi dedicada ao território pantaneiro.

Durante a fase descritivo-analítica do material explorado com base na metodologia escolhida, notou-se que as discussões latentes como a degradação ambiental do bioma, e os debates sobre a Lei Federal do Pantanal, por exemplo, têm sido pouco abordadas tanto pelas mídias institucionais quanto pela mídia tradicional.

Outro ponto relevante foi a superficialidade com que o bioma é tratado quando entra na pauta dos diários. A ausência de informação científica acompanhado em alguns momentos por uma abordagem sensacionalista, denota um possível distanciamento por parte das redações em relação às assessorias de comunicação (e vice-versa), bem como a necessidade de melhoria na formação ambiental e científica dos profissionais.

De qualquer forma, fica evidente a centralidade do papel das universidades na produção de pesquisas sobre o Pantanal e a importância da visão estratégica da comunicação na divulgação do conhecimento científico sobre o bioma, para a conscientização social e conservação ambiental.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com o trabalho desenvolvido por assessores de comunicação científica e jornalistas em diferentes mídias de maneira que a cobertura científica/ambiental realizada de modo geral, e particularmente sobre o Pantanal possa ser aperfeiçoada dando efetivas condições ao público de formar conhecimento crítico e orientar ações políticas em favor da preservação ambiental.

1. MEIO AMBIENTE, SOCIEDADE E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Tomada como uma preocupação central na atualidade, a crise ambiental adverte sobre a urgência em reagir à “lógica econômica predatória da biosfera” (MARQUES, 2015, p. 15) que ameaça a civilização, “senão a própria vida no planeta como hoje a conhecemos” (CORAZZA, FRACALANZA e BONACELLI, 2015, p. 95).

Apontada por Teixeira (2013) como uma “crise de civilização”, a problemática ambiental questiona o paradoxo da racionalidade econômica e tecnológica dominantes, onde ao mesmo tempo em que se observa um acelerado crescimento de índices macroeconômicos, se testemunha a rápida deterioração de indicadores sociais e ambientais (GUIMARÃES e BEZERRA, 2014).

A humanidade vivencia nos dias de hoje a exaustão de um estilo de desenvolvimento ecologicamente suicida (pois acaba com a base de recursos naturais), socialmente perverso (gera pobreza e desigualdade), politicamente injusto (dificulta o acesso aos recursos), eticamente censurável (desrespeita formas de vida não humanas) e culturalmente alienado (subjuga a natureza). (GUIMARÃES e BEZERRA, 2014, p. 86)

O atual modelo de desenvolvimento, que visa multiplicação incessante de excedente, é definido por Marques (2015, p. 17) como uma “máquina produtora de crises ambientais”. Isso porque as bases dessa economia assentam-se no uso intensivo de recursos e na geração de resíduos, que culminam no esgotamento dos recursos utilizados, na perda da capacidade natural de recuperação ecossistêmica ou na superação da capacidade de assimilação dos resíduos. (ALBUQUERQUE, 2014).

Capra (1996, p. 232) explana que “um dos principais desacordos entre a economia e a ecologia deriva do fato de que a natureza é cíclica, enquanto que nossos sistemas industriais são lineares”. De forma sucinta, isso quer dizer que, na natureza os sistemas são abertos e os laços de realimentação - o resíduo de um organismo é o alimento de outro - faz com que os nutrientes sejam continuamente reciclados. Nossas atividades comerciais funcionam de forma contrária. Os recursos são extraídos, transformados em produtos e resíduos. Os produtos são vendidos aos consumidores, que descartam os resíduos depois de consumirem os produtos, gerando o atual padrão de insustentabilidade que não leva em conta os custos sociais e ambientais dessa produção.

Ao longo das últimas décadas, muito tem sido discutido sobre a necessidade de mudança do paradigma antropocêntrico - o que percebe o ser humano como a fonte de todos os valores, e que atribui apenas um valor de uso à natureza – para uma nova visão que reconheça o valor intrínseco de todos os seres, interconectados e interdependentes em uma rede de fenômenos que Capra (1996) chama de teia da vida.

Reciclar conceitos e ideias requer que o ser humano, enquanto elemento fundamental deste processo, deixe de ser encarado como um componente isolado. Entre outros aspectos, isso significa não mais tratá-lo apenas como o agente destruidor da natureza, ou a natureza como algo intocável.

Apesar de se ter o conhecimento de que existem pessoas que destroem o ambiente por desinformação ou má índole é importante salientar que nem todas agem assim, existindo aquelas que participam e contribuem. Além disso, a má distribuição de verbas, a inconstância dos sistemas de governos, sistema previdenciário deficiente, fome, miséria, desemprego, violência e inseguranças aliadas às necessidades básicas não supridas, causam feridas emocionais que agridem o ecossistema humano. Tratá-lo como predador, culpando-o pela degradação ambiental, não abre portas para uma mudança de comportamento. Ao contrário o afasta mais ainda do meio ambiente e, em alguns casos, da sua própria espécie. (SOUZA, 2005, p. 18)

A informação e a educação que possibilitam a conscientização dos problemas ambientais são essenciais para a promover este debate e inspirar uma efetiva mudança de comportamento na sociedade à medida em que forem desenvolvidas sob a perspectiva de auxiliar o cidadão a se construir criticamente e sensibilizá-lo enquanto ‘fio particular’ dentro da teia da vida.

1.1. O debate sobre a escassez

Desde o século XIX, um número crescente de cientistas, e nos últimos 40 anos a comunidade científica em peso, tem relacionado de forma direta os desequilíbrios ambientais e a ação antropogênica sobre o ambiente, segundo Marques (2015).

Ao nos debruçarmos sobre os debates acerca da escassez, essa perspectiva fica bastante palpável. As teorias sobre escassez são consideradas por Corazza, Fracalanza e Bonacelli (2015) os primórdios do debate ambientalista contemporâneo.

As visões sobre o problema da escassez que se sucederam, multiplicaram os fóruns de discussão, dividiram opiniões e deixaram um legado intelectual que, mais velada ou explicitamente, até nossos dias fundamentam discursos políticos sobre a temática ambiental, alimentam controvérsias tecnocientíficas e colocam desafios às políticas públicas. (CORAZZA, FRACALANZA e BONACELLI, 2015, p. 93)

Essas visões têm início com os economistas clássicos ingleses, durante o vertiginoso crescimento demográfico e da acelerada urbanização decorrentes da Revolução Industrial. Identifica-se na fala de Corazza, Fracalanza e Bonacelli (2015) que essas visões estão divididas em duas abordagens:

- **Visões passadas da escassez:** Em última instância, buscam garantir as condições de reprodução capitalista, reduzindo a noção fundamental de recursos naturais a meros insumos que devem gerar valor, utilidade e lucro. Até os dias atuais está vigente em muitas políticas públicas (e mesmo no discurso da sustentabilidade). Um exemplo seria o pensamento de Thomas Malthus (1798), que colocou sua atenção sobre a ameaça da fome, atribuída ao descompasso entre o rápido crescimento populacional e o não tão rápido desenvolvimento dos sistemas produtivos. Entre as soluções oferecidas por seu pensamento estavam o controle de natalidade, a postergação do matrimônio e a negação de assistência aos pobres.
- **Visões contemporâneas da escassez:** Estas deslocam a visão de escassez dos “recursos do subsolo” para os “recursos da atmosfera” e para os “recursos da biosfera”, tratando os recursos naturais como insumos que permitem a vida. Estas interpretações, mesmo que a um ritmo lento, têm contribuído para tornar obsoletas as visões passadas da escassez. Um exemplo seriam os nove limites planetários⁸ calculados por Rockström *et al* (2015)⁹, dos quais quatro já teriam sido ultrapassados. Esses limites seriam um espaço operacional seguro para a manutenção da humanidade, na medida em que conserva a capacidade de resiliência da biosfera.

Apoiado no conhecimento científico interdisciplinar este debate vem avançando ao longo dos últimos 50 anos e evidencia a ampla gama de perfis e interesses presente nas discussões ambientais.

No entremeio deste debate o renascimento do ambientalismo merece especial atenção, pois dá a tônica para as discussões sobre os limites do crescimento, que por sua vez desembocam na I Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (1972), em Estocolmo. Um marco na história da política ambiental.

⁸ Mudanças climáticas; Perda da integridade da biosfera; Destruição do ozônio estratosférico; Acidificação dos oceanos; Fluxos biogeoquímicos; Mudança do sistema terrestre; Utilização da água doce; Carga atmosférica de aerossóis; Introdução de novas entidades.

⁹ Disponível em: <http://science.sciencemag.org/content/347/6223/1259855>

O ambientalismo renasce entre os anos 1960-1970 a reboque dos movimentos de contestação social – feminismo, movimento estudantil e operário, contracultura, entre outros. Guimarães (2014) analisa que isto não se dá por uma coincidência histórica. Mesmo que seja ratificado cientificamente, um assunto só passa ao primeiro plano das políticas públicas se for uma demanda de longa data da sociedade civil, ou já estiver dentro de políticas em andamento.

Dessa forma ao associar-se “a outras demandas na área de direitos humanos, democratização e igualdade social” (GUIMARÃES, 2014, p. 128) os questionamentos de várias partes da teia social sobre o que então estava sendo chamado de progresso e desenvolvimento ganham força. Para Corazza, Fracalanza e Bonacelli (2015) essas questões se originam principalmente das mazelas deixadas pelo desenvolvimento pós II-Guerra Mundial (Revolução Verde, expansão do *American Way of Life*, etc.)

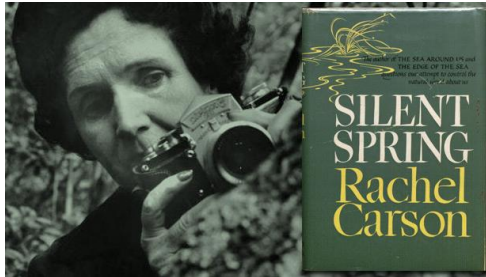
Alguns nomes das Ciências Naturais, são apontados durante este período, como os responsáveis por fazerem as discussões do meio acadêmico, sobre poluição e crescimento populacional, alcançarem a opinião pública. Corazza, Fracalanza e Bonacelli (2015) ressaltam os seguintes autores e trabalhos:

- **Rachel Carson** e as consequências do uso de pesticidas para o meio ambiente e para a vida humana no best-seller “**Primavera Silenciosa**” (1962). O livro influenciou o Governo norte-americano a criar a Agência de Proteção Ambiental (EPA) e proibir o uso de 12 substâncias tóxicas, dentre as quais o pesticida DDT. Também inspirou movimentos como o da ecologia profunda¹⁰ e o ecofeminismo¹¹, e provocou mudanças nas leis ambientais em várias partes do mundo.

¹⁰ O conceito foi proposto na década de 1970 pelo filósofo norueguês Arne Naess que distinguiu “ecologia rasa” de “ecologia profunda”. Grosso modo, enquanto a primeira carrega uma visão antropocênica, isto é, o ser humano como a fonte de todos os valores e atribuindo a natureza papel meramente instrumental, ou de uso, a segunda defende uma visão integrada e interdependente entre todos os seres, colocando o ser humano como um dos muitos fios que formam a teia da vida. Esta trata-se de uma visão espiritual em seu sentido mais profundo.

¹¹ Uma das conceituações trazidas para o termo Ecofeminismo é descrita por Tait (2014, p. 24) “como uma forma de abordar a questão ambiental a partir das questões postas pelo Feminismo e de categorias como: mulher, gênero, androcentrismo, patriarcado, sexismo, cuidado, entre outras. Assim sua matriz ideológica está relacionada a entender criticamente o paradigma de desenvolvimento ocidental e suas relações com o patriarcado, estabelecendo conexões entre os mecanismos e ideologias de dominação e exploração da natureza e da mulher (e do culturalmente identificado como “feminino”).”

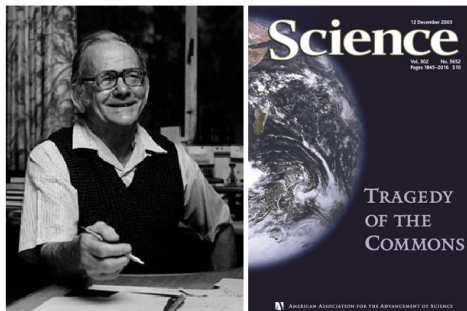
Figura 1. Rachel Carson e seu livro "Primavera Silenciosa"



Fonte: <https://goo.gl/jYWh6W>. Acesso: 10/12/2017.

- **Garret Hardin**, publica “A Tragédia dos Comuns” (1968) na revista Science¹², onde relaciona o problema da superpopulação com a degradação de áreas comuns (áreas sobre as quais não há definição de propriedade). O autor problematiza que a poluição é consequência da superpopulação que sobrecarrega os sistemas naturais impedindo seus processos de reciclagem.

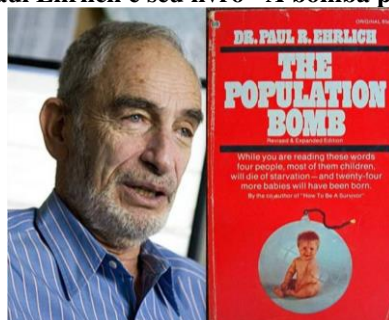
Figura 2. Garret Hardin e a edição especial da revista Science (dez/2003) que explora o dilema apresentado pelo economista 35 anos antes em um ensaio científico publicado no periódico



Fonte: <https://goo.gl/FUzCWd>. Acesso: 10/12/2017.

- Influenciados pelo pensamento neomalthusiano de Hardin, **Paul Ehrlich e Anne Ehrlich**, escrevem “A Bomba Populacional” (1968) onde é proposto o polêmico ‘Crescimento Populacional Zero’ que deveria ser atingido através de medidas coercitivas.

Figura 3. Paul Ehrlich e seu livro "A bomba populacional"

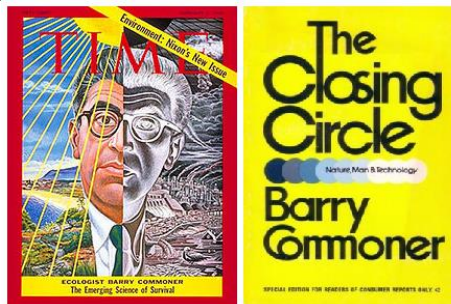


Fonte: <https://goo.gl/AqSxBV>. Acesso: 10/12/2017.

¹² <http://science.sciencemag.org/content/162/3859/1243.full>

- Contestando estas teorias, **Barry Commoner** escreve “**The Closing Circle**” (1971), onde debate que o fator preponderante de degradação ambiental não é o crescimento populacional, mas que os maiores riscos, de fato, são invisíveis (poluição do ar e das águas, contaminação dos alimentos e radiação nuclear) e estão relacionados a erros tecnológicos, como o a contaminação nuclear e o uso em massa de materiais sintéticos, produtos descartáveis, de detergentes, pesticidas e fertilizantes químicos.

Figura 4. Barry Commoner estampando a capa da Revista Time (fev/1970) e seu livro “The closing circle”



Fonte: <https://goo.gl/pcLPck>. Acesso: 10/12/2017.

Estes trabalhos ainda influenciaram uma multipolaridade de visões no debate sobre os limites do crescimento. As divergências de opiniões ficam bastante claras, por exemplo, entre as ideias propagadas pelo Clube de Roma e pelo Grupo de Bariloche. A grosso modo poderia se resumir que esse debate girava em torno das tensões geradas pelo crescente fosso entre os países ricos e pobres (ou desenvolvidos e em desenvolvimento).

O Clube de Roma, era um grupo formado por “cientistas, industriais, economistas, educadores e políticos para estudar os fundamentos da crise pela qual passava nossa civilização” (CORAZZA, FRACALANZA e BONACELLI, 2015, p. 107). Em 1972 eles lançaram um estudo encomendado ao Massachusetts Institute of Technology (MIT) batizado de “Limites do Crescimento”, também conhecido como Relatório Meadows.

A estrutura teórica básica do relatório sustentava que os limites do crescimento eram físicos e apontava o crescimento exponencial, tanto econômico, quanto populacional como as causas das pressões “sobre os recursos naturais, sobre a oferta de alimentos e sobre a qualidade do meio ambiente” (CORAZZA, FRACALANZA e BONACELLI, 2015, p. 107). Também era categórico em considerar que qualquer avanço tecnológico seria insuficiente ou ineficaz para evitar a tragédia. Nesse sentido propôs “um crescimento econômico zero nos países centrais e no controle e redução da população na periferia” (HERRERA *et al*, 2004, p. 9).

As ideias do Relatório Meadows foram defendidas de forma sistemática, no entanto foram contestadas por diversos fatores, como a visão limitada que traziam sobre os recursos naturais, a subestimação dos efeitos do progresso técnico e dos ajustes do mecanismo de mercado na superação dos limites, a predestinação cataclísmica e a falta de rigor científico (CORAZZA, FRACALANZA e BONACELLI, 2015, p. 109).

Em contraponto às ideias propagadas pelo Clube de Roma, uma equipe latino-americana, formada por especialistas de diversas áreas do conhecimento, nomeada Grupo de Bariloche, publica “Catastrophe or New Society” (1976). A partir do Relatório Meadows, o Grupo de Bariloche considerou que o crescimento econômico dos países centrais havia atingido rapidamente a não sustentabilidade e consumido uma proporção extremamente alta da disponibilidade total dos recursos naturais em relação à periferia (HERRERA *et al*, 2004). Logo, se todos os países do mundo seguissem os modelos de industrialização do Norte haveria uma sobrecarga dos ecossistemas (LIMA, 2003).

O caminho alternativo seguido pelo Grupo de Bariloche consistiu no questionamento da dinâmica social global de desenvolvimento baseado no crescimento econômico (HERRERA *et al*, 2004). A pobreza mundial, o esgotamento de recursos naturais não renováveis e a deterioração do meio ambiente não eram encarados, deste ponto de vista, como limites de ordem física, mas sociopolítica. No parecer de Lima (2003, p. 104):

Os países pobres responsabilizavam os países ricos pela maior parte da degradação global, promovida por um modelo predatório de crescimento, e transferia para eles as iniciativas e os investimentos necessários à sustentabilidade. Os países ricos, por sua vez, viam o crescimento populacional e a poluição gerada pela pobreza como os motivos principais do problema e resistiam a todas as sugestões que pudessem representar limites à sua expansão.

Estas diferentes concepções da questão ambiental, entre muitas, disputavam entre si o reconhecimento e a legitimação social. Por isso, é notável ao longo das discussões a presença da produção científica, numa perspectiva eminentemente interdisciplinar, sendo utilizada “para fundamentar e fortalecer as diferentes posturas políticas relacionadas ao tema” (ALBUQUERQUE, 2014, p. 246).

No caso da sociedade moderna, o discurso verdadeiro é identificado com o saber científico, que produz efeitos de poder devido à objetividade e neutralidade atribuídos à ciência e às instituições que a promovem. O reconhecimento do discurso científico e de suas qualidades naturalizam-no como verdade impessoal, racional e livre de todo questionamento, elevam-no a uma posição de hegemonia social e transferem-lhe o poder de avaliar e julgar os demais saberes. (LIMA, 2003, p. 101)

No intuito de construir um campo comum, onde os diversos pontos de vista e grupos divergentes pudessem ser conciliados, e encontrar caminhos onde meio ambiente e economia não fossem incompatíveis, a ONU realiza a Conferência de Estocolmo (1972).

Na Conferência estabelecem-se os três desafios que qualquer estratégia de desenvolvimento deve incorporar (SACHS, 2007): equidade (desenvolvimento social e ético com todos os habitantes do planeta); prudência ecológica (solidariedade com as gerações futuras, garantindo seus recursos); e eficácia econômica (bom uso da mão-de-obra e dos recursos materiais considerando os custos sociais e ecológicos). Nesta ocasião inaugura-se formalmente o conceito de Ecodesenvolvimento ou Desenvolvimento Sustentável (CORAZZA, FRACALANZA e BONACELLI, 2015).

Em 1992 a Conferência sobre Meio Ambiente da ONU ocorre no Brasil, o Rio de Janeiro. Batizada de Cúpula da Terra, também é conhecida como Rio92 ou Eco92. O encontro é considerado um marco internacional nas políticas ambientais, pois resultou na assinatura de cinco acordos entre os 172 países participantes: a Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento; a Agenda 21; os Princípios para a Administração Sustentável das Florestas; a Convenção da Biodiversidade; e a Convenção do Clima.

Em 2002, Joanesburgo, maior cidade da África do Sul, sediou a Rio+10. O propósito desta Conferência foi de ampliar as discussões anteriores e avaliar os resultados e o cumprimento dos acordos assinados. Analisando a cobertura midiática desse período Miguel (2009, p. 48) aponta que os jornais se restringiram a evidenciar “a disputa entre países na defesa de seus interesses, tratando muitas vezes as negociações como jogos, com adversários, derrotas e vitórias” em detrimento do entendimento sobre como seriam “definidos os meios de implementação dos acordos para preservação do meio ambiente”, por exemplo.

De volta do Brasil em 2012, com a Rio+20, a Conferência da ONU sobre o Desenvolvimento Sustentável já é considerada bastante esvaziada em relação as suas antecessoras e sem a mesma força de repercussão da Eco92. Apesar de ser a primeira reunião a incluir representantes de grupos sociais presentes na Agenda 21, não trouxe avanços significativos, uma vez que não apresentou mecanismos para que o desenvolvimento sustentável fosse colocado em prática, bem como não implementou formas de mensurar os avanços.

1.2. A noção de sustentabilidade

Ainda que a gênese do discurso acerca do desenvolvimento sustentável não seja clara, é possível observar sua expressão mais recente nas ideias sistematizadas pelo economista Ignacy Sachs e pelo Relatório Brundtland (LIMA, 2003).

Ignacy Sachs era “membro do principal grupo de apoio às reuniões preparatórias para a Conferência [de Estocolmo]” e formulou teoricamente a noção de ecodesenvolvimento (CORAZZA, FRACALANZA e BONACELLI, 2015, p. 111) que propunha “uma estratégia multidimensional e alternativa de desenvolvimento que articulava promoção econômica, preservação ambiental e participação social” (LIMA, 2003, p. 102)

Essas ideias fundamentaram o relatório “Nosso Futuro Comum” (1987, p. 9) organizado pela então recém-criada Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU - presidida pela mestra em saúde pública, Gro Harlem Brundtland. Também chamado de Relatório Brundtland, o documento define o desenvolvimento sustentável como aquele que “atenda as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem também as suas”.

Figura 5. Brundtland e o relatório "Nosso Futuro Comum"



Fonte: <https://goo.gl/woPdmQ>. Acesso: 10/12/2017.

Se olharmos do ponto de vista das virtudes do discurso, pode-se dizer que ele inova: ao propor uma estratégia multidimensional de desenvolvimento, que tenta superar os reducionismos dos modelos anteriores; ao incorporar uma visão de longo prazo sintonizada com os ciclos biofísicos e com o futuro; ao considerar a dimensão política dos problemas ambientais, comumente abordados de uma perspectiva meramente técnica; ao discutir as relações norte-sul e ao recomendar o uso de teorias e métodos multidisciplinares de análise, aproximando as ciências naturais e sociais na abordagem da relação sociedade-ambiente. (LIMA, 2003, p. 104)

A despeito de seus bons resultados, Lima (2003, p. 105-106) elucida o paradoxo de ambivalência presente no termo, que permite desde uma leitura avançada “de desenvolvimento, associado à justiça socioambiental e renovação ética, até uma perspectiva conservadora de crescimento econômico ao qual se acrescentou uma variável ecológica”. O

autor ainda assinala outras críticas, a esse que veio se tornar o discurso oficial da sustentabilidade, como as fragilidades de sua execução no contexto de uma “sociedade capitalista orientada pelo mercado”, e sua “evidente ênfase sobre os aspectos econômicos e tecnológicos da crise socioambiental” que sugerem “o predomínio da esfera do mercado na condução da sustentabilidade em detrimento da sociedade civil e do Estado” (*Ibidem*).

Na concepção de Gallopín (2003, p. 12) “o desenvolvimento sustentável implica mudança; às vezes queremos melhorar ou transformar o sistema em si, mas em outros, queremos mudar o sistema para melhorar alguns de seus produtos”. Para o autor o que se deve fazer sustentável é o processo de melhoramento do sistema socioecológico que não requer necessariamente o crescimento indefinido do consumo de energia e materiais, mas a intenção de redefinir o progresso, assegurando que as mudanças que afetam a humanidade sejam para melhor.

El desarrollo sostenible debe orientarse no sólo a preservar y mantener la base ecológica del desarrollo y la habitabilidad, sino también a aumentar la capacidad social y ecológica de hacer frente ao cambio, y la capacidad de conservar y ampliar las opciones disponibles para confrontar un mundo natural y social en permanente transformación (GALLOPIN, 2003, p. 22).

Para Sachs (2007), o essencial acerca do desenvolvimento sustentável não é evitar que os sistemas vivos mudem, pois essa é sua essência, mas evitar a destruição das fontes de renovação. Dessa maneira o autor propôs que ao invés do crescimento extensivo se aplicasse o crescimento intensivo. Trata-se de um desenvolvimento qualitativo, sustentável não só em relação ao meio ambiente, mas que comporte uma orientação social que realize objetivos propostos pelas próprias populações interessadas mais do que a lógica mercantil.

Apesar do tom conciliador do Relatório Brundtland ser acusado de tender ao esvaziamento político das propostas emancipadoras de Sachs, ele consegue “aproximar capitalistas e socialistas, conservacionistas e ecologistas, antropocêntricos e biocêntricos, empresários e ambientalistas, ongs, movimentos sociais e agências governamentais” (LIMA, 2003, p. 104).

O termo, segundo Sachs (2007) viria a ser melhor compreendido 20 anos mais tarde durante a II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente (1992), no Rio de Janeiro. A Cúpula da Terra ou ECO 92, como também é chamada, foi, até então, a reunião que mais conseguiu mobilizar chefes de Estado para discutir a urgência e importância dos temas relativos ao meio ambiente.

Bursztyn e Bursztyn (2006) descrevem que a adesão da mídia nas vésperas da megaconferência deu rápida visibilidade e impulsionou o conceito do desenvolvimento sustentável. Trata-se de um momento simbólico para a cobertura jornalística de meio ambiente.

No período pré-Conferência articulações e seminários preparatórios aproximaram repórteres e fontes do movimento ecológico que deram origem a diversos núcleos de ecojornalistas, entre eles a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA)¹³ em 1988 (BELMONTE, 2017). Estas movimentações ocasionaram um expressivo aumento de notícias relacionadas ao meio ambiente nos veículos de comunicação, e os jornais ganharam até mesmo editoriais específicas relacionadas ao tema. Isso, infelizmente, não garantiu uma boa cobertura à Eco-92, na opinião de Scharf (2004).

Os principais assuntos levados à mesa de negociações – mudanças climáticas, explosão populacional, má distribuição de renda e aceleração no ritmo da extinção das espécies – foram relegados a segundo plano. (...) O grosso da cobertura centrou-se no pitoresco, na coincidência de cores das roupas dos garis cariocas e dos monges tibetanos, no militante que emitia passaportes como forma de protesto contra a existência de fronteiras, nas conferências das atrizes hollywoodianas Shirley McLaine e Jane Fonda. Pois sobre os documentos gerados pela conferência, como a Agenda 21 e a Convenção da Biodiversidade, pouco se escreveu. (SCHARF, 2004, p. 55)

A “ressaca” pós-conferência (BURSZTYN e BURSZTYN, 2006, p. 59) revelaria que a mobilização “tinha um caráter muito mais efêmero do que se imaginava”. De acordo com Miguel (2009, p. 46), “após o evento, a pauta ambiental na mídia encolheu, e o tema ganhou caráter episódico, ou seja, de voltar às páginas dos jornais somente mediante um fato chamativo”.

O discurso sobre o desenvolvimento sustentável torna-se, de certa forma, uma panacéia (BURSZTYN e BURSZTYN, 2006) passando a nortear ações de marketing de empresas de diversos setores no período pós-Eco 92. Victor (2009) assinala que estas instituições passam a se utilizar de suas ações ambientalmente responsáveis - que não seriam mais que cumprimento legal – para emplacar manchetes positivas na mídia. Assim, a abordagem midiática acaba por empregar o termo desenvolvimento sustentável “em qualquer tipo de ação empresarial ligada a preservação, sem se ater necessariamente a complexidade do tema” (MIGUEL, 2009, p. 43).

¹³ “Articulação eletrônica de profissionais especializados ou interessados no tema que atuam nas principais cidades brasileiras em veículos (jornais, revistas, rádios, TVs, internet), assessorias de comunicação, universidades e entidades ligadas à ecologia” (BELMONTE, 2004, p. 21)

É relevante salientar que o conceito de sustentabilidade segue em construção (BRASIL, 2010) amparado pelo conhecimento formal, pelos esquemas de organização social, pela mídia e pelos discursos dos movimentos sociais e ambientais (MIGUEL, 2009). Hoeffel e Reis (2014), discorrem que é a disputa pela hegemonia teórica entre as diferentes concepções de sociedade e de relações entre ser humano-natureza que dão a dimensão política da temática ambiental.

As muitas formações ideológicas que aparecem no terreno da problemática ambiental e na conceitualização do próprio meio ambiente, são processos de significação que, para Leff (2002), tendem a naturalizar as políticas de dominação e a ocultar os processos econômicos de exploração provenientes das relações sociais. Para o autor, estas formações ideológicas, que cobrem o terreno ambiental, geram práticas discursivas que neutralizam a consciência dos sujeitos, especialmente nos veículos de comunicação. (MIGUEL, 2009, p. 23)

Nesse encadeamento Lima (2003, p. 108) identifica duas matrizes entre as tendências político-filosóficas do debate atual: a primeira seria o discurso oficial do desenvolvimento sustentável, que compreende os desdobramentos da proposta da Comissão Brundtland. Esta argumentação econômica e técnico-científica tende a relegar ao segundo plano “considerações éticas e políticas associadas a valores biocêntricos, de participação política e de justiça social”; já a segunda matriz coloca-se como um contradiscurso à versão hegemônica, apresentando uma proposta multidimensional de sustentabilidade (HOEFFEL e REIS, 2014), focada na autonomia política, na diversidade cultural, nos valores éticos de respeito à vida e nas desigualdades sociais e políticas.

Entre incertezas e contradições, fato é, que, o discurso da sustentabilidade teve o mérito de introduzir a temática ambiental na agenda de prioridades político-econômicas contemporâneas, tanto em âmbitos nacionais, quanto internacionais (LIMA, 2003) e representa um “importante vetor para entender e enfrentar os problemas atuais da humanidade” (BURSZTYN e BURSZTYN, 2006, p. 55).

1.3. Políticas públicas de meio ambiente no Brasil

A repercussão mundial do discurso ambiental nos anos 1970, pode ser apontada como o principal elemento fomentador da institucionalização das preocupações relativas ao meio ambiente no Brasil, de modo que Guimarães e Bezerra (2014) consideram a atual posição brasileira sobre questões ambientais um produto legítimo da ineficiência do sistema administrativo público desse período.

Em um cenário global, os países do Sul reproduziam os impactos ambientais de países centrais em razão da migração industrial que os últimos fizeram para fugir de novas resoluções técnico-científicas e das salvaguardas ambientais (FERREIRA, 1992).

Na ocasião, o Brasil passava pelo regime de ditadura militar e o denominado milagre econômico. Sua preocupação, como a dos demais países do Terceiro Mundo, pairava em promover a exportação, atrair capital estrangeiro e criar pólos de crescimento (ALVES, 2004). Na busca pelo desenvolvimento a qualquer custo social ou ambiental o país convidava empresas poluidoras para se transferirem para cá.

A defesa do meio ambiente era considerada um problema secundário, e visto até mesmo como uma conspiração dos países desenvolvidos para bloquear o desenvolvimento dos países pobres. Essa posição frente às questões ambientais no período, fica evidente durante a Conferência de Estocolmo (FERREIRA, 1992).

Em 1972, ficou famosa uma declaração do então ministro do Interior, general Costa Cavalcanti, que chefiou a delegação brasileira na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, Suécia, primeiro evento internacional de peso sobre o tema. Para Costa Cavalcanti, “um país que não alcançou um nível satisfatório mínimo para promover o essencial não está em condições de desviar recursos consideráveis para proteção do meio ambiente”. (SCHARF, 2004, p. 58)

O caráter transnacional dos desafios ambientais era incontestável. Nenhum país estaria imune as consequências dos impactos ambientais, mesmo que não tivessem sido responsáveis por sua gênese (GUIMARÃES e BEZERRA, 2014). Logo, o que estava em jogo era a partilha das responsabilidades. É interessante retomar, neste ponto, que a publicação do Relatório Meadows e sua polêmica proposta de “crescimento zero” nortearam o clima dos debates em Estocolmo (BURSZTYN e BURSZTYN, 2006).

Por outro lado, o discurso brasileiro revela uma série de ambiguidades, presentes ainda hoje em suas políticas ambientais. Por exemplo, ao mesmo tempo em que denunciava o neocolonialismo emergente dos países do Norte, o país praticava o colonialismo internamente, tolerando violências contra populações nativas para permitir a exploração econômica (GUIMARÃES e BEZERRA, 2014).

Da perspectiva brasileira as nações periféricas eram vítimas da exploração a que foram submetidas para que as sociedades desenvolvidas alcançassem tal patamar. Logo era plausível que a priori elas assumissem a tarefa de limpar o ambiente, até porque, de acordo

com Sachs (2007), não havia soluções financeiramente viáveis ao alcance do Terceiro Mundo. Essa resistência à filosofia de ‘não crescimento’ também representava os interesses dos demais países em desenvolvimento.

Contudo, sob a conjuntura de crescente dependência internacional, causada pela mundialização da economia e da cultura, o país estava sujeito a órgãos financiadores vinculados a ONU, como o Banco Mundial e o Fundo Internacional Monetário. Com a publicação do Relatório Brundtland, estes organismos passam a exigir a existência formal de órgãos de controle e fiscalização ambiental e relatórios de impacto ambiental para a aprovação de empréstimos destinados a grandes obras públicas (ARAÚJO, 2006).

Tendo que submeter seus projetos as normas das agências internacionais – uma vez que ainda não possuía normas ou leis específicas próprias sobre os impactos ambientais – o Brasil se empenha traçar uma legislação ambiental que atendesse suas peculiaridades (ARAÚJO, 2006).

Ferreira (1992) explica que as políticas de Governo de proteção ambiental surgem em decorrência da necessidade de gestão dos recursos naturais que deve equacionar sua escassez e a premissa de partilha entre os atores sociais. Essas políticas devem necessariamente compatibilizar interesses diversos e serem influenciadas de maneira significativa pela sociedade civil organizada.

Na via contrária a esses preceitos, as primeiras iniciativas de gestão ambiental no Brasil foram marcadas pela burocracia, pela tentativa de despolitização (tecnocracia) e pela não participação da pluralidade de atores sociais no processo. Essas características, segundo Guimarães e Bezerra (2014), ainda hoje pautam a ideologia ecológica no país.

A principal dessas ações foi a criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), em 1973, primeiro órgão federal especializado “para a conservação do meio ambiente e o uso racional dos recursos naturais” (FERREIRA, 1992, p. 99). Todavia, sua atuação se restringia a solucionar problemas de poluição pontual e emergencial, “impostos pelo modelo de desenvolvimento, sem questioná-lo ou propor soluções alternativas” (FERREIRA, 1992, p. 109).

Apesar de sua atuação limitada coube a SEMA – extinta em 1989 para a criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) - o

papel de estabelecer normas ambientais aplicáveis ao território nacional, o que acontece em 1981 com a sanção da Lei nº6.938 da Política Nacional de Meio Ambiente (PNMA).

Art 2º - A Política Nacional do Meio Ambiente tem por objetivo a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar, no País, condições ao desenvolvimento sócio-econômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana. (BRASIL, 1981)

A normativa estabeleceu conceitos, princípios, objetivos, instrumentos, penalidades, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, instituindo ainda o Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA) e o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA)¹⁴ (ARAÚJO, 2006). A implementação efetiva do CONAMA é bastante significativa visto que representa uma vitória das lutas sociais pela democratização da gestão ambiental no país.

Até a sua instituição não havia no Brasil nenhum órgão governamental de meio ambiente que permitisse a participação de entidades da sociedade civil nas suas decisões. O CONAMA tem uma composição mista, sendo integrado por representantes do governo e de entidades da sociedade civil ligados a temática ambiental. Este órgão tem como atribuição principal propor diretrizes para a política ambiental e determinar Estudos de Impacto Ambiental (EIA) e Relatórios de Impacto Ambiental (RIMA)” (ALVES, 2004, p. 43-44).

Outro marco legal relevante, dentro da questão ambiental do país, foi a promulgação da Constituição de 1988, “dotada de um capítulo específico sobre o meio ambiente, considerado dos mais avançados” (SCHARF, 2004, p. 59).

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações. (BRASIL, 1988).

Entre suas atribuições, o documento estabelece a responsabilidade coletiva pelo patrimônio ambiental; responsabilização criminal com penas que variam de multa à reclusão dependendo do dano ambiental causado; e a criação de novas áreas de proteção ambiental.

Já em 1992, ocorre a criação do Ministério do Meio Ambiente, que segundo Alves (2004, p. 58) não ocasionou melhoras significativas nas condições ambientais do país. O motivo seria que ao longo de diferentes governos, mesmo após a redemocratização, o desempenho das agências ambientais do Brasil era afetado “por uma conjuntura político-econômica adversa, pela falta de coordenação entre o setor econômico e o de meio ambiente e

¹⁴ Órgão consultivo e deliberativo responsável pelas normas e padrões do licenciamento ambiental para atividades com potencial para poluição ou efetivamente poluidoras (FERREIRA, 1992).

pela carência de recursos financeiros e humanos”. O autor ainda avalia que o desempenho do Estado em elaborar e aplicar as políticas ambientais foi muito inferior ao necessário para a sustentabilidade, mas pondera que de modo geral elas trouxeram muitos avanços importantes. Ao modo de ver de Sachs (2007, p. 214), por mais que a aplicação efetiva destas leis ainda seja um problema ao menos uma estrutura mínima passa a existir, permitindo que ações sejam empreendidas quando houver condições políticas para tanto.

O ano de 1992 também é marcado pela realização da ECO 92 no Rio de Janeiro, na qual utilizando o termo “velho vinhos em novas garrafas”, Guimarães e Bezerra (2014) assinalam que, passados 20 anos de Estocolmo, o Brasil deu continuidade as ambiguidades de seu discurso ambiental.

Seus políticas foram, e serão, ao menos pelos próximos anos, baseadas em um tripé. Primeiramente, apresenta-se a priorização do crescimento econômico e da industrialização sobre a conservação e o uso racional de recursos naturais. Essa talvez seja a parte mais antiga da ideologia ecopolítica do Brasil, datada dos tempos coloniais e que ainda persiste na postura adotada internamente no Brasil (...). As duas adições modernas ao tripé têm sido, por um lado, a consideração de problemas ambientais de acordo com os preceitos de soberania e segurança nacional e, por outro, a compartimentalização apertada e sobreposta da gestão ambiental dentro do aparato burocrático brasileiro, que apesar de constantes iniciativas de modernização, parece compor o paradigma do “mudar para continuar igual”. (GUIMARÃES e BEZERRA, 2014, p. 89)

Postas as características que balizam as políticas ambientais brasileiras, cabe ainda pontuar a influência que estas sofrem dos setores econômicos. Já foi dito anteriormente que o meio ambiente faz parte de uma disputa de poder entre diferentes atores e interesses. Albuquerque (2014, p. 248) expressa que nesta arena não há necessariamente “uma premissa preexistente de um equilíbrio entre as partes, de um conhecimento equânime de todos os partícipes ou da busca pelo consenso” (ALBUQUERQUE, 2014, p. 248).

Dentre os setores econômicos presentes nesse embate, destaca-se o agro-exportador, do qual o país se alinha ideologicamente e depende economicamente (MARQUES, 2015). O agronegócio se inscreve como um dos maiores fatores de impacto ambiental no país. Suas atividades são apontadas como a principal fonte de emissão de gases de efeito estufa e uma das principais causas de perda de biodiversidade, relacionado entre outros fatores ao desmatamento para a expansão da fronteira agrícola. Além disso contribui significativamente para contaminação do ar e da água por seu uso intensivo de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos.

O setor agrícola conta com a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), ou bancada ruralista, como é comumente chamada, para defender seus interesses no Congresso Nacional. É uma das maiores e mais atuantes entre as bancadas parlamentares, composta, em sua maioria, por grandes produtores rurais e latifundiários, cujas campanhas são financiadas diretas ou indiretamente por grupos ligados as elites agrárias como bancos e grandes empresas agroalimentares e agroquímicas (PETRY, 2012). Barcelos e Berriel (2009, p. 16-18) descrevem tal maneira de atuação da seguinte forma:

A primeira grande característica que fundamenta todo o complexo persuasivo e de convencimento presente nos membros-componentes da bancada ruralista é seu poder de articulação e mobilização de outras bases ou bancadas políticas. Em momentos de decisão política, de encaminhamentos formais, de formulação de leis, decisões em comissões ou de votação decisória em plenário, os parlamentares ruralistas se valem pelo lobby e pela troca de favores e benefícios a partir de uma rede de interesses amarrada pelas elites no Congresso Nacional (...). Outra característica que operacionaliza sua dinâmica é a tomada de postos e cargos-chave em comissões e ministérios. A indicação para os ministérios e a ocupação de cargos estratégicos em partidos é a fonte do poder político da bancada.

Petry (2012) examina que a bancada ruralista demonstrou sua força política durante a votação do Novo Código Florestal (Lei Nº 12.651/12) exercendo papel decisivo em sua aprovação. Utilizando-se de seus mecanismos, os ruralistas barganharam tudo o que o Governo e os setores ambientalistas rejeitavam no projeto de lei, reduzindo a proteção de florestas, dando brechas para mais desmatamento e anistiando desmatamentos anteriores.

Resumindo a questão, Caldas (2009, p. 55) explicita que os recursos naturais se transformaram em moedas de troca entre políticos e empresários, que mobilizam suas bancadas no Congresso, Câmara ou Senado, “para votarem de acordo com interesses privados, em detrimento do interesse público, para o qual, supostamente, foram eleitos”.

A resistência dentro desse processo fica por conta do ambientalismo, definido por Guimarães e Bezerra (2014) como um movimento de organização social multifacetado, cujo foco está em alcançar mudanças políticas na sociedade, mais do que na luta por poder.

Na verdade, qualquer discussão de políticas em resposta às mudanças ambientais globais requer um tratamento político em vez de científico ou técnico. Há muito mais em jogo do que a simples organização de ações públicas em uma área. É o próprio conceito de desenvolvimento que está sendo colocado em questão. De fato, uma política ambiental que vá além do controle e da redução da poluição, ou além da manutenção da biodiversidade, irá frequentemente implicar redefinição, ou pelo menos redirecionamento, do processo de desenvolvimento, como indicam claramente as opções de políticas públicas em resposta às mudanças climáticas. O reconhecimento dessa faceta da realidade requer que os analistas perguntem: o desenvolvimento do quê, para quem e a que custo? (GUIMARÃES, 2014, p. 130)

1.4. Meio Ambiente e Opinião Pública

A legitimidade do movimento ambiental junto a sociedade se deve, em especial, a seu caráter midiático, que contribuiu de modo efetivo para as temáticas ambientais serem incorporadas pela agenda pública. É oportuno ressaltar o argumento de Miguel (2009, p. 13) de que “é através da veiculação na imprensa que grande parcela da sociedade adquire conhecimento do meio cultural e social imediato”. Para a autora essa veiculação se torna mais necessária quando se consideram temas ambientais, uma vez que não são percebidos pela experiência direta dos cidadãos.

É possível relacionar esta afirmação com os resultados de pesquisas de opinião realizadas em âmbito nacional. Na apreciação de Ferrari (2014, p. 17) as pesquisas de opinião, percepção pública e consultas públicas são ferramentas preciosas para dar vazão aos anseios da população, possibilitando sua conscientização e participação “em processos decisórios que envolvam o interesse público”.

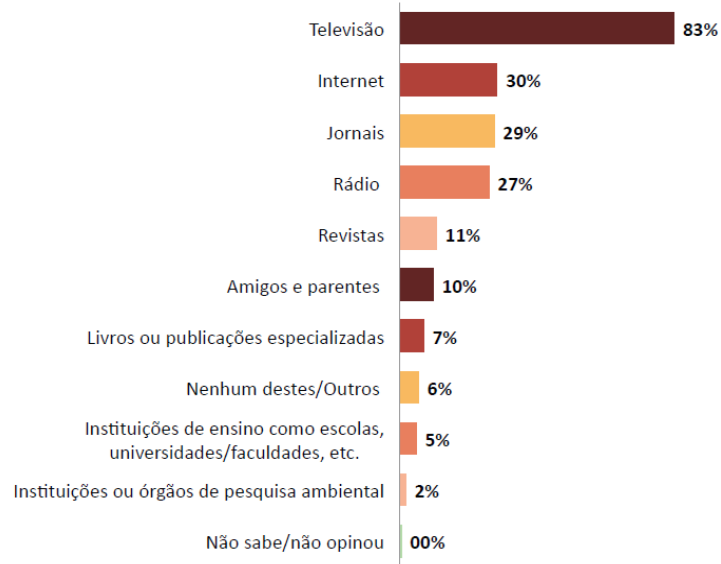
Uma destas pesquisas é “O que o brasileiro pensa do meio ambiente e consumo sustentável” (BRASIL/MMA, 2012). Os dados mostram que o meio ambiente passou da 11ª posição entre os principais problemas do país, em 1997, para a 6ª posição em 2012. Também relevante é o número de pessoas que espontaneamente não sabiam mencionar um problema ambiental em sua cidade ou bairro, que decresceu de 46% em 1992 para 11% em 2012.

O levantamento conclui uma série histórica de 20 anos (1992 – 1997 – 2001 – 2006 – 2012) comparando as principais tendências de opinião sobre meio ambiente e sustentabilidade da população brasileira adulta, e indica, entre outros fatores, uma evolução significativa do entendimento e da conscientização da população com relação ao tema. Há ainda a previsão de que os percentuais apresentados tendem a crescer conforme os meios de comunicação – em particular televisão e internet que são predominantes na busca de informações – forem dando mais espaço ao tema.

Abaixo, um dos resultados da pesquisa de 2012, que relaciona as principais fontes de informação sobre meio ambiente, com destaque para as diferentes plataformas da mídia: televisão (83%), seguido da internet (30%), jornais (29%), rádio (27%) e revistas (11%). Necessário destacar que as instituições ou órgãos de pesquisa ambiental são fontes para

apenas 2% dos entrevistados, seguido por instituições de ensino como escolas e universidades, com 5%.

Figura 6. Onde o brasileiro busca informações sobre o meio ambiente



Fonte: BRASIL/MMA, 2012, p. 41.

Essa maior percepção com relação aos problemas ambientais, ainda revela deficiências, mas o caso é que os cidadãos têm atribuído cada vez mais importância ao seu enfrentamento (BRASIL/MMA, 2012). Com isto em mente, retoma-se a necessidade da política ambiental ser objeto de amplo debate público, não podendo “ser elaborada apenas pelo setor governamental junto a grupos de interesse” (FERRARI, 2014, p. 25).

Face ao paradoxo das insuficiências do modelo de desenvolvimento econômico vigente e seus evidentes prejuízos socioambientais, a sociedade deve ser ouvida sobre os riscos a que está disposta a se expor. A informação revela-se vital tanto para garantir seu acesso nos espaços de decisão, quanto para sustentar a qualidade de sua participação nos processos decisórios, pois trata-se de um instrumento de suma importância na vigilância da esfera política e na mobilização de grupos e organizações comprometidos com a causa ambiental.

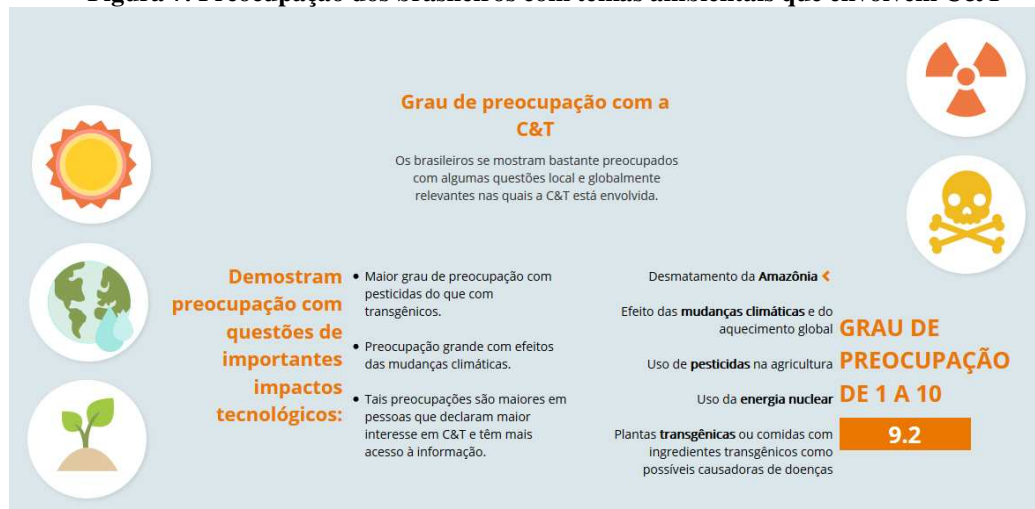
1.5. Divulgação Científica e Meio Ambiente

Qualquer investigação que se proponha a observar as discussões sobre os impactos humanos sobre o meio ambiente defronta-se, necessariamente, com a dualidade inerente do progresso científico e tecnológico. O conforto tangível das sociedades industriais

contemporâneas, alcançado através da aplicação da tecnologia sobre os recursos naturais, contrasta irremediavelmente com os efeitos nocivos da poluição atmosférica, da contaminação das águas, da radiação nuclear, das mudanças climáticas, do rápido avanço do desflorestamento, da perda cultural e biológica relacionada a ecossistemas, entre muitos outros problemas.

Na quarta edição da pesquisa “Percepção Pública da Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil”, realizada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) em 2015, o meio ambiente é um dos tópicos que se sobressai no estudo. A análise das entrevistas revela que apesar da atitude positiva sobre ciência e tecnologia, as opiniões dos entrevistados não são acríticas ou ingênuas e estabelecem uma relação direta entre problemas ambientais e preocupações com relação aos riscos decorrentes do desenvolvimento científico e tecnológico. O grau de preocupação dos entrevistados com temáticas ambientais chega a 9.2 numa escala de zero a dez, como mostra a ilustração abaixo.

Figura 7. Preocupação dos brasileiros com temas ambientais que envolvem C&T



Fonte: www.percepcaocti.cgee.org.br. Acesso em: 20/03/2017.

Romanini (2005) traz à tona que as questões ambientais vivenciadas na modernidade, em particular a busca pelo desenvolvimento sustentável, estão inseridas em uma mudança de paradigma científico, que parte, da metade do século XX, de uma visão simples, cartesiana, determinista e linear, para uma visão complexa, de sistemas dinâmicos, sujeitos ao caos e regidos por probabilidades. Este novo paradigma abandona o mecanicismo, a neutralidade do observador, o realismo estrito e a perspectiva fragmentada, passando a ver o mundo como uma totalidade que se mantém graças a um fluxo constante de informações.

É necessário relembrar, contudo, que se trata de um processo em aberto, envolto em relações de poder estabelecidas. Mesmo com uma natureza provisória a substituição de paradigmas não ocorre com facilidade. Os paradigmas científicos são envoltos em falta de consenso, principalmente no que tange novas tecnologias e questões ambientais, e mantêm-se não necessariamente porque foram comprovados, mas por resistirem às tentativas de serem derrubados (IVANISSEVICH, 2005).

Miguel (2009) avalia, por exemplo, que a cobertura ambiental na mídia ainda reproduz antigos paradigmas, representados por abordagens isoladas, fragmentadas e economicistas que prejudicam a compreensão da temática e visam, até mesmo, a despolitização dos indivíduos para manutenção do *status quo*.

Os meios de comunicação utilizam estratégias através da representação da cultura, para inibir ou estimular práticas sociais. Os modos como a cultura se imbrica no processo de dominação ou resistência dentro da sociedade contemporânea, reproduz de certa forma, as lutas e os discursos sociais existentes. (MIGUEL, 2009, p. 19)

Se por um lado temos uma necessidade premente de mudança de paradigma – emergindo como uma questão de sobrevivência – por outro temos a necessidade de melhorar a qualidade da informação ambiental nos diferentes meios, para dar suporte ao que Caldas (2009) denomina cidadania ambiental. A informação, de acordo com Romanini (2005), é capaz de moldar nossa visão de mundo e alterar profundamente nosso comportamento.

A pesquisa realizada pelo MCTI mencionada anteriormente nos oferece uma pista quanto a isso. Ao analisar o índice de preocupação com os possíveis efeitos negativos da ciência e tecnologia, o que se deduz é que as pessoas que fazem a correlação risco/benefício, são também as que demonstram maior interesse e consumo de informação científica e tecnológica (BRASIL/CGEE, 2015).

Marques (2015, p. 15) é enfático quando elucida que a decisão sobre a evolução das crises ambientais “será, acima de tudo, a capacidade das sociedades de, informadas pelos consensos científicos, dotarem-se de formas de governo radicalmente democráticas sem as quais não será possível reagir a tempo à lógica econômica predatória da biosfera”.

Desenvolver esta capacidade, que levará à efetiva democratização do debate sobre os rumos do desenvolvimento científico e tecnológico – tão imbricado com as questões ambientais -, exigirá o fortalecimento da cultura científica, em diferentes espaços públicos

como museus, escolas, e em especial nas diferentes plataformas da mídia, por meio do exercício qualificado do jornalismo científico - seu maior expoente e origem do jornalismo ambiental.

1.6. Divulgação Científica e Jornalismo Científico

Espírito crítico e autonomia intelectual são elementos imprescindíveis para que os cidadãos possam compreender, como afirma o sociólogo Simon Schwartzman em entrevista à Revista Pesquisa Fapesp, “as implicações mais gerais, positivas e emblemáticas, daquilo que hoje se denomina sociedade do conhecimento, e que impacta a vida de todas as pessoas e países” (MARQUES, 2012, p. 36). Neste cenário, a cultura científica emerge como recurso básico de acesso a habilidades que o sociólogo caracteriza como típicas da ciência moderna – curiosidade intelectual, dúvida metódica, observação dos fatos e busca de relações causais.

A expressão cultura científica carrega em seu campo de significações

a ideia de que o processo que envolve o desenvolvimento científico é um processo cultural, quer seja ele considerado do ponto de vista de sua produção, de sua difusão entre pares ou na dinâmica social do ensino e da educação, ou ainda, do ponto de vista de sua divulgação em sociedade, como todo, para o estabelecimento das relações críticas necessárias entre o cidadão e os valores culturais de seu tempo e de sua história. (VOGT, 2003, *online*)

Massarani (2012) pressupõe que criar uma cultura científica sólida, requer reunir ciência, mídia e público, tornando-a parte da agenda jornalística. Essa interação se dá, principalmente, por meio da divulgação científica, mais especificamente pelo jornalismo científico, que é “o conjunto de atividades jornalísticas que são dedicadas a assuntos científicos e tecnológicos e direcionadas para o grande público não especializado, por meio de diversas mídias” (LIMA, 2004, p. 94).

A divulgação científica, no entanto, não se resume apenas aos meios midiáticos como jornais, revistas, rádio, televisão e sites noticiosos. Suas ferramentas de disseminação do saber científico incluem museus, aulas convencionais, folhetos, exposições, filmes, palestras, livros didáticos, histórias em quadrinho e cordel, etc. Mas estas são consideradas por Ivanissevich (2005) tentativas isoladas quando comparadas ao alcance das primeiras.

A divulgação científica compreende a utilização de recursos, técnicas, processos e produtos (veículos ou canais) para a veiculação de informações científicas, tecnológicas ou associadas a inovações, destinado a um público leigo. Ela pressupõe um processo de codificação, quer dizer, a transposição de uma linguagem

especializada para uma linguagem não especializada, com o objetivo primordial de tornar o conteúdo acessível a uma vasta audiência. (TEIXEIRA, 2016, p. 34)

Por exemplo, os periódicos especializados ou revistas científicas, considerados por Vogt (2003) o ponto de partida da dinâmica da cultura científica. Os ensaios científicos, ou *papers* apresentam como características o uso de palavras desconhecidas por não cientistas, análises fechadas, representações gráficas estranhas, literatura inacessível, argumentação pesada e geralmente texto no idioma inglês, o que faz com que acabem restritas à comunidade científica (VOLPATO, 2013).

Transpor este círculo restrito dos cientistas para o público leigo pode então se dar por meio de notícias e reportagens de divulgação científica em diferentes veículos e plataformas. Alguns periódicos, como as revistas *Science* e *Nature* por exemplo, construíram uma presença substancial no cotidiano de jornalistas de ciência como fontes de informação e pauta para reportagens devido a posição de prestígio que ocupam na comunidade científica e por serviços de release (FUNDEP, 2009).

Se por um lado a estratégia facilitou a vida de jornalistas científicos, por outro causou reações adversas como homogeneização das pautas de ciência e acabaram tornando-se a notícia em si, em caráter episódico. Os artigos científicos, sob o ponto de vista de Fioravanti (2013) devem ser apenas o ponto de partida para notícias de ciência abrindo possibilidades para a promoção de debates.

Ainda sim, isso evidencia que a participação dos cientistas é cada vez mais relevante para o fluxo comunicacional, pois os resultados de seus trabalhos e seus pareceres como especialistas são, com frequência, solicitados para projetar cenários e traçar os indicadores, que embasam decisões e a formulação de políticas públicas, que impactam diretamente em todos os domínios da sociedade. Os cientistas podem ajudar a tornar a ciência mais atrativa ao público mostrando, por meio de termos simples, como ela faz parte do cotidiano. Por isso Lima (2004) argumenta que estes devem ser estimulados a estarem mais acessíveis a entrevistas, esclarecimentos e conversas conceituais com jornalistas.

No Brasil, Lordêlo e Porto (2012) discorrem que o público ainda percebe a ciência como algo alheio às atividades humanas e não como um elemento que faz parte da cultura e é fundamental para a sua construção. Lima (2004) expõe que o próprio imaginário que se faz da tecnologia é oposto a tudo que esteja contido numa natureza humana e ignora que

praticamente todos os objetos que nos rodeiam em nosso cotidiano tem o dedo do cientista em algum nível. Essas explicações encontram sustentação, em certo nível, nas pesquisas de percepção pública de ciência, onde apesar de afirmarem ter grande interesse por temas científicos, a maioria dos entrevistados não é capaz de mencionar o nome de algum cientista brasileiro ou de instituições de pesquisa locais (BRASIL/CGEE, 2015).

Da parte do Governo Federal, ações de fomento à divulgação científica têm sido empreendidas desde a década de 1980, consolidando-se em 2002, em grande medida, devido à criação de políticas públicas de promoção à educação científica por meio do acesso a informação. Em 2001 a I Conferência Nacional da Ciência, Tecnologia e Inovação resultou na criação, no ano seguinte, do Livro Branco da Ciência, Tecnologia e Inovação¹⁵ que expressa a preocupação do Governo Federal de popularizar a ciência entre as diretrizes da política científica nacional (GARROTI, 2014). Em 2010, na quarta edição da Conferência, que teve como foco o desenvolvimento sustentável, o Livro Azul coloca a divulgação científica como o quinto dos seis desafios da C,T&I no país.

Dois eventos significativos desse processo são ressaltados por Rocha (2013, p. 25-27). Um é a criação do Departamento de Popularização e Difusão da Ciência e Tecnologia, em 2003, vinculado ao MCTI. Entre suas atribuições a autora enumera: “1) formular políticas e implementar programas de CeT; 2) colaborar com a melhoria do ensino de ciências, em parceria com o Ministério da Educação e com as Secretarias Estaduais de Educação; 3) apoiar centros e museus de ciências; 4) apoiar eventos de divulgação científica; e, sobretudo, 5) instituir a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia”. O outro ocorre em 2001, quando o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) inclui “dois novos critérios de avaliação para os pesquisadores na Plataforma Lattes¹⁶: inovação dos projetos de pesquisa e divulgação e educação científica”. Mas o próprio Livro Azul reconhece a fragilidade e limitação das iniciativas para popularização da CeT.

A educação não formal tem importância para a formação permanente dos indivíduos e o aumento do interesse coletivo pela C,T&I. Ela se processa através de instrumentos como os meios de comunicação, os espaços e atividades científico-culturais, a extensão universitária e a educação à distância. Houve um crescimento acentuado dos espaços científico-culturais (como museus, centros de ciência, planetários, observatórios, bibliotecas, aquários, jardins botânicos, parques

¹⁵ O Livro Branco é resultado da Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, realizada em setembro de 2001, e expressa as propostas estratégicas para o setor no país de 2002 a 2012.

¹⁶ “A Plataforma Lattes representa a experiência do CNPq na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações”. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/plataforma-lattes/o-que-e/>

ambientais, zoológicos, parques da ciência, sítios arqueológicos, pontos de cultura), sua organização em rede e a realização de muitas atividades de divulgação científica. Mas essas iniciativas estão longe de conduzir à popularização da C&T e à sua apropriação social em níveis adequados. É importante uma articulação permanente entre as experiências de ensino e aprendizagem, entre os espaços científico-culturais e os espaços formais. (BRASIL/MCT, 2010, p. 89-90)

1.7. A Divulgação Científica na visão dos pesquisadores

Atuando com a formação de professores (Ensino de Ciências/Biologia) e divulgação científica desde os anos 80, Paulo Robson de Souza¹⁷, Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em entrevista para esta dissertação, afirma que embora o retorno do trabalho de divulgação científica não apareça de forma imediata, é preciso investir na área:

Eu acredito que esse nosso trabalho vai gerar, com certeza, um novo grande pesquisador, um novo grande professor. Preciso acreditar nisso pra continuar trabalhando. Por mais que o retorno não apareça imediatamente nós estamos jogando sementes. Só que eu vejo que as sementes que a gente joga são as famosas sementes recalcitrantes, as sementes do Cerrado. Você joga hoje, mas elas vão levar de cinco a seis anos para brotar. No caso aqui [da divulgação científica] eu acho que elas vão levar de 10 a 20 anos para brotar. (Informação verbal)¹⁸

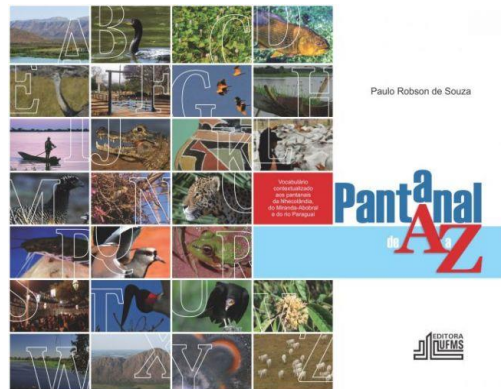
A grande frente de trabalho de Paulo Robson de Souza na área de divulgação científica é a valorização da biodiversidade, em especial a regional - no caso Pantanal e Cerrado. Sua lista de materiais desenvolvidos é imensa, incluindo livros didáticos, cartilhas, livros de poesias, livros de receitas, livros de figurinhas, guias de identificação de espécies, cartões postais, revistas, exposições, artigos para revistas, etc. Em seu blog “O Caçua do Paulo Robson”¹⁹, o visitante encontra poemas, jogos interativos, canções, material de apoio para professores, etc., quase tudo de autoria própria, continuamente relacionando o científico e o lúdico. Abaixo alguns dos temas trabalhados por ele:

¹⁷ Informações sobre o entrevistado constam no Apêndice 3 desta dissertação.

¹⁸ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 18 de julho de 2017. Transcrição no Apêndice 3 desta dissertação.

¹⁹ <http://paulorobsondesouza.blogspot.com.br/>

Figura 8. Cartilha “Pantanal de A a Z” de Paulo Robson de Souza



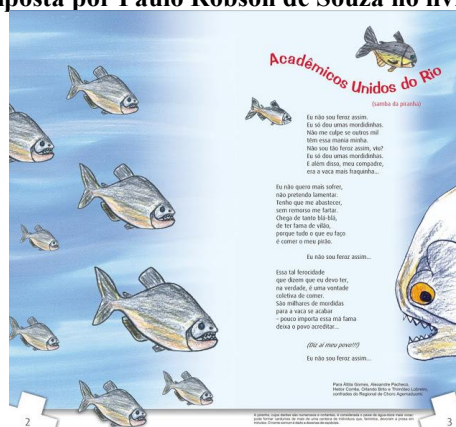
Fonte: <https://goo.gl/q91Q5Z>. Acesso em: 10/05/2017.

Figura 9. “Os reis do pedaço” por Paulo Robson de Souza



Fonte: Revista Ciência Hoje das Crianças, nº 214, julho de 2010. Disponível em: www.paulorobsondesouza.blogspot.com.br/2012/10/.

Figura 10. Música composta por Paulo Robson de Souza no livro “Animais Mais Mais”



Fonte: <http://paulorobsondesouza.blogspot.com.br/2016/11/academicos-unidos-do-rio-samba-da.html>. Acesso: 10/05/2017.

Desde que o CNPq criou uma aba específica no currículo Lattes para que os pesquisadores incorporem também seus trabalhos de popularização científica (GARROTI, 2014), Fundações de Apoio à Pesquisa também tem reconhecido a importância dessas ações com editais específicos, bem como os recentes Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs), que exigem que em contrapartida à concessão de verbas os projetos incluam a divulgação das pesquisas para as escolas e público leigo.

Isto foi um avanço significativo na valorização das atividades de extensão e divulgação científica, de acordo com a experiência pessoal de Souza (2017): “Comigo acontece uma coisa interessante. Eu publico muito, muito, muito, mas tirando a Ciência Hoje das Crianças, que é pontuada pela CAPES as outras publicações não vão aparecer em publicação acadêmica. (...) Eu não tinha muito o que escrever dentro do Lattes. O meu currículo era extremamente pobre, porque minha produção acadêmica é quase toda voltada para a produção de material didático, educação ambiental e isso não se enquadrava”, lamenta.

O Professor Paulo Robson ainda destaca o papel da extensão universitária como a principal ponte para a divulgação científica dentro das instituições de ensino superior. Segundo ele, ao apoiar um projeto de extensão a universidade valoriza sua publicação, favorece a ida do pesquisador à comunidade, de onde traz aprendizagens e leva conhecimento científico acessível.

Há que se observar ainda nas falas de Paulo Robson a grande relevância que o pesquisador atribui aos profissionais de comunicação dentro de seus projetos para operacionalizar os fluxos informacionais até o público. Como exemplo cita alguns de seus projetos de educação ambiental como “Rede Aguapé²⁰”, “Projeto Pé na Água²¹” e “Projeto Apa Para Todos²²”, que contaram com a participação de jornalistas:

Esta é uma recomendação que eu dou para os pesquisadores que queiram levar a sua ciência para o grande público. Ao contratar jornalistas você encurta o caminho entre você e as mídias e, por conseguinte o grande público, porque você prepara releases de qualidade. Esses jornalistas acabam funcionando como uma assessoria de imprensa à disposição do projeto, eles conhecem o projeto por dentro, desde a sua concepção. Os nossos jornalistas trabalharam na elaboração do projeto e conhecem a pesquisa a fundo, e isso garante uma coisa que pra mim é imprescindível: fidedignidade. [...] O bacana dos jornalistas dentro do projeto de estruturação da Rede Aguapé e do Projeto Pé na Água, é que eles tiveram um

²⁰ <http://www.redeaguape.org.br/>

²¹ <http://www.ultraeduc.com.br/penaagua/>

²² <http://rioapa.sites.ufms.br/>

subprojeto de educomunicação sob sua responsabilidade. Eles próprios geraram só na Rede Aguapé onze “Revistas Aguapé”. Então só nisso daí eles fizeram a revista, o site, uma radionovela pra distribuir nas rádios. Por isso eu sempre recomendo que os projetos de pesquisa quando forem fazer divulgação científica se associem a profissionais da área. Eu disse isto em um evento científico há mais de 10 anos, falei isso no Fundo Nacional do Meio Ambiente, porque eu era representante das ONGs lá e isto está em ata. Falei várias e várias vezes, temos que prever uma parte de comunicação nos editais. Uma coisa é eu, porque eu reconheço o trabalho do jornalista prever a contratação de uma equipe no meu projeto, outra coisa é um edital abrigar: “Você só pesquisa, só faz tal coisa, se você tiver a previsão de publicações para a mídia, para as escolas, produção de material didático, cartilha, material pro jornalista, pra internet”. Quando o pesquisador for obrigado a fazer isso eu te garanto que nós vamos mudar completamente o perfil da divulgação científica no Brasil. (Informação verbal)²³

Figura 11. Página inicial do portal da "Rede Aguapé"



Fonte: <http://www.redeaguape.org.br/>.

A fala de Souza (2017) nos remete tanto a questões colocadas anteriormente, sobre a necessidade de fomento das atividades de divulgação científica, como leva a pensar algumas questões bastantes caras e desafiadoras ao jornalismo científico, que perpassam desde a relação entre cientistas e jornalistas, a adaptação da linguagem, e mesmo a necessidade de desconstrução da visão de neutralidade atribuídas a ciência e ao discurso da objetividade jornalística, entre outros fatores.

Fioravanti (2013, p. 315) defende que para ultrapassar seus obstáculos o jornalismo científico precisa ter um enfoque mais amplo que considere “a ciência como um trabalho coletivo e histórico, marcado pela incerteza e pela diversidade de atores”. Isso não significa abandonar completamente o enfoque clássico, que o autor descreve como o “que foca os cientistas de modo isolado e considera a ciência como um processo linear, desprovido de conflitos internos e previsível”, visto que a própria questão do tempo e espaço dentro da rotina produtiva das redações é uma barreira a essa proposta. Mas, segundo o autor, ao se apropriar dessa ampliação os jornalistas poderiam descrever a ciência de modo menos otimista e mais realista, evitando equívocos e diversificando as fontes de informação.

²³ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 18 de julho de 2017. Transcrição no Apêndice 3 desta dissertação.

1.8. Desafios do Jornalismo Científico

Massarani (2012, *online*) alega que há um percentual relativamente elevado da cobertura de ciência por parte dos telejornais brasileiros, o que “desafia claramente a ideia de que a ciência não faz parte do interesse dos jornalistas, dos meios de comunicação ou mesmo do público”. Lima (2004), dá pistas de que essa perspectiva de que os meios de comunicação não estão interessados em ciência pode ter como uma de suas causas a própria seleção de notícias, segundo ela, feita em função de aspectos espetaculares e não pelo conteúdo. Ivanissevich (2005, pg. 14) corrobora esse pensamento ao lembrar que os meios de comunicação são antes de qualquer coisa um negócio e que a informação é seu produto, “assim, o que vai determinar quais notícias serão transmitidas não é certamente a vontade do cientista em divulgar seus resultados, mas o que o editor de TV, rádio, revista ou jornal considerar de maior interesse para aumentar a venda de seu produto”.

Ampliar e diversificar os espaços de divulgação científica, seja nas mídias tradicionais ou nas redes sociais é um processo de longo prazo que pode ser acelerado se os cientistas tornarem-se mais proativos em seu envolvimento com a mídia, contribuindo tanto de forma quantitativa, com a consolidação do agendamento de notícias sobre ciência, quanto qualitativa, com a melhoria da cobertura na área (MASSARANI, 2012).

É crescente o número de blogs de divulgação científica elaborado por jornalistas e cientistas nas mais diversas áreas do conhecimento. Da mesma forma aumenta a preocupação com o Ensino de Ciências nas escolas. Resta saber em que medida essas iniciativas estão contribuindo, de fato para a popularização crítica do conhecimento. Para isto é necessário avaliar seus conteúdos, formatos, linguagens e recepção.

1.8.1. Formação

A formação de jornalistas científicos especializados, é outro aspecto muito importante e que tem colocado a divulgação científica como objeto de debate em congressos nacionais e internacionais, reunindo jornalistas e cientistas que atuam cada vez mais em conjunto para a melhoria da qualidade da divulgação da ciência e da participação da população em temas de interesse público e impacto social. Como explica Bortoliero (2009, p. 49):

O caráter eminentemente multidisciplinar da divulgação científica, onde está situado o campo do jornalismo científico, vem reunindo um conjunto de profissionais e acadêmicos de distintas áreas do conhecimento. São pessoas que comungam da ideia de que a divulgação pode contribuir com a democratização do conhecimento científico, facilitada pelo uso de uma linguagem acessível à maioria, levando-se em consideração não o nível de escolaridade, mas o entendimento de que o acesso às informações científicas e tecnológicas pode contribuir com a melhoria da qualidade de vida e com a tomada de decisões.

Fioravanti (2013) aponta que o jornalismo científico melhorou bastante no Brasil nos últimos 30 anos, mas que o Enfoque Clássico, ainda é predominante devido à falta de conhecimento básico sobre a produção de ciência. O autor observa que são raros os casos em que o jornalista suspeite de metas irrealistas nas pesquisas ou as matérias discutam limites éticos e questionem axiomas científicos. Lima e Caldas (2011) demonstram opinião semelhante e identificam que apesar do avanço da divulgação científica na mídia e melhorias na formação dos jornalistas, problemas como espaço reduzido dedicado a CT&I pela mídia, descontinuidade no tratamento das matérias jornalísticas, formação do jornalista pouco voltada para a área científica e exploração do sensacionalismo, entre outros, ainda persistem.

São bastante comuns na mídia os casos de deturpação, reducionismo, desrespeito à pesquisa ou ao tempo da pesquisa por conta dos deadlines, a criação de expectativa nos leitores sobre objetivos que a pesquisa não contempla. Em entrevista a esta dissertação, o Professor de Jornalismo e então Secretário de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Marcos Paulo da Silva²⁴, coloca que essas são coisas que acabam transformando a relação de cientistas e jornalistas, que deveria ser de dueto, em uma relação de duelo.

Romanini (2005, p. 108) acredita que os percalços de um jornalista de ciência “começam na desconfiança e prevenção que os cientistas geralmente têm em falar sobre suas atividades com pessoas que não sejam seus colegas”. O autor ainda acrescenta os aspectos linguísticos, éticos, psicológicos e políticos a serem encarados.

O sucesso de qualquer achado científico ou tecnológico depende de muitas variáveis, principalmente tempo, dinheiro, equipamentos, conhecimentos específicos, estudantes e outros pesquisadores para trabalhar nas pesquisas promissoras – e tudo tem de estar à mão ao mesmo tempo! Uma boa dose de sorte também é bem-vinda, porque os experimentos podem dar errado, novas leis podem deter o trabalho, as agências de financiamento podem demorar para liberar os pedidos de financiamento, outros grupos de pesquisa podem publicar os resultados ou os consumidores podem simplesmente se recusar a adotar um novo produto que resultou de uma descoberta considerada brilhante enquanto estava no laboratório.

²⁴ Informações sobre o entrevistado constam no Apêndice 1 desta dissertação.

Diante de tantas variáveis, nós jornalistas não deveríamos incorporar o otimismo dos cientistas. (FIORAVANTI, 2013, p. 327)

Para Pereira (2003, p. 61), a linguagem é o paradoxo fundamental da divulgação científica, pois o método científico é encarado como estrito à realidade e fiel a descrição dos fenômenos. Como a divulgação só pode ser possível se houver público concessões têm que ser feitas para atraí-lo. Assim, o autor escreve que “interpretar o desconhecido com palavras conhecidas é o máximo desafio do jornalismo científico”. Nessa mesma linha argumentativa, Ivanissevich (2005) coloca que manter a precisão e a correção que a metodologia científica requer torna bem possível o risco de que o produto final fique desinteressante, a ponto de não ser visto por ninguém.

A difusão de informações científicas e tecnológicas para este público [leigo] obrigatoriamente requer decodificação ou recodificação do discurso especializado, com a utilização de recursos (metáforas, ilustrações ou infográficos, etc.) que podem penalizar a precisão das informações. Há, portanto, na divulgação científica, embate permanente entre a necessidade de manter a integridade dos termos técnicos e conceitos para evitar leituras equivocadas ou incompletas e a imperiosa exigência de se estabelecer efetivamente a comunicação, o que só ocorre com o respeito ao background sociocultural ou linguístico da audiência (BUENO, 2010, p. 3).

O caso da divulgação científica nas redes sociais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul pode ilustrar essa situação. O Doutor em História e gestor da equipe de comunicação da UEMS, André Mazini²⁵, aponta que as redes sociais têm sido uma importante ferramenta para os projetos que desenvolve, tanto do ponto de vista de criar estratégias quanto de engajamento de públicos. Em entrevista para esta dissertação Mazini diz:

Nas nossas redes sociais a linguagem mudou completamente. A gente tem uma linguagem muito de brincadeira, pautas bem ousadas, um linguajar muito próximo dos adolescentes que é o público que a gente não conseguia alcançar. Mas pra chegar nisso a gente apanhou muito. Tipo assim “Que isso?! Nós somos uma universidade, respeitável, formal”, e nesse momento a gente recebia críticas fortes, porque chegaram a fazer reclamações formais pro reitor. Daí o que a gente fazia? Primeiro a gente tinha todos os indicadores na manga, a gente sempre fez as coisas muito embasados, nunca fez tiro ao léu. A gente entendeu que mudar a linguagem da nossa rede social era fundamental pra gente falar com um público que a gente tinha dificuldade de alcançar pelo site e pelos editais, que é o público mais jovem, o que está saindo do terceiro ano e está entrando na universidade, a gente não conseguia engajar esses alunos. Quando eu comecei a mudar aumentou muito o alcance. A nossa página passou de menos de 700mil views em 2015 pra mais de três milhões e meio no ano passado [2016] só com mudança de linguagem. Então quando alguém vinha com essas reclamações eu tinha todo o relatório de alcance daquelas postagens e comparava com as postagens tradicionais. Eu cheguei a mostrar pros gestores “olha, porque eu estou fazendo isso, porque essa aqui teve 10 mil pessoas alcançadas e essa teve 300, então eu preciso disso aqui pra atrair as pessoas”. Com essa justificativa a gestão me dava feedback porque quando eu mostrava os dados, eles sempre se convenceram de que a estratégia era bem

²⁵ Informações sobre o entrevistado constam no Apêndice 2 desta dissertação.

*fundamentada e que a gente poderia continuar trabalhando naquela vibe. (Informação verbal)*²⁶

Mas a divulgação científica não se resume à simplificação da linguagem. Isso reduziria a divulgação ao mero difusionismo, onde ao jornalista cabe o papel acrítico de “tradutor”, que segundo Caldas (2003) trata-se de um jornalismo puramente declaratório, preocupado apenas em evitar distorções na informação original. Na opinião da pesquisadora, uma divulgação científica educadora exige uma perspectiva crítica do divulgador, mostrando os riscos e benefícios da ciência, principalmente em temas polêmicos para que o cidadão em geral faça suas próprias escolhas. Nas palavras de Fioravanti (2013, p. 325) “o jornalista não é mais um intermediário, apenas transmitindo informação, como um carteiro ou um porta-voz dos cientistas, mas um mediador, refletindo com independência sobre a informação e suas consequências”.

A criação de cursos de especialização e mestrado em Divulgação Científica no Brasil, com ementas que propõe ao profissional compreender o sentido de um texto jornalístico-científico a partir de sua constituição, tem sido um importante estímulo aos jornalistas e profissionais das diferentes áreas do conhecimento interessados em se aperfeiçoar enquanto divulgadores, o que muito contribuiu para a sensível melhora que a área tem recebido ao longo das últimas décadas (BORTOLIERO, 2009).

Além de reconhecer a complexidade do conhecimento científico, há de se compreender que, mesmo que seja norteador pelo método científico, ele não pode ser entendido como neutro porquanto está inserido culturalmente em diferentes contextos históricos, políticos, econômicos e sociais (CALDAS, 2010). Trata-se de uma atividade humana, “sujeita a erros e má fé como qualquer outra” (ROMANINI, 2005, p. 110).

Geralmente, não se reconhece que os valores não são periféricos à ciência e à tecnologia, mas constituem sua própria base e força motriz. Durante a revolução científica no século XVII, os valores eram separados dos fatos, e desde essa época tendemos a acreditar que os fatos científicos são independentes daquilo que fazemos, e são, portanto, independentes dos nossos valores. Na realidade, os fatos científicos emergem de toda uma constelação de percepções, valores e ações humanos – em uma palavra, emergem de um paradigma – dos quais não podem ser separados. Embora grande parte das pesquisas detalhadas possa não depender explicitamente do sistema de valores do cientista, o paradigma mais amplo, em cujo âmbito essa pesquisa é desenvolvida, nunca será livre de valores. Portanto, os cientistas são responsáveis pelas suas pesquisas não apenas intelectual, mas também moralmente. (CAPRA, 1997, p. 28)

²⁶ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 22 de maio de 2017. A transcrição encontra-se no Apêndice 2 desta dissertação.

A distorção de objetividade e imparcialidade leva à noção genérica e equivocada de neutralidade e racionalidade que vê “a ciência e o cientista como autoridades intocáveis, de verdades irrefutáveis” (VICTOR, 2009, p. 28). Essa oferta sedutora por parte da mídia, de respostas claras e definitivas, como se a ciência fosse lógica e linear, produz um cenário favorável à manipulação.

Nada é verdade absoluta. As “verdades” se baseiam em interpretações da realidade, constantemente revistas conforme a ciência amplia a autenticidade e a qualidade das informações necessárias à organização destas interpretações, as quais também dependem da capacidade de comunicação e, portanto, de troca de informações entre a comunidade científica e, de maneira abrangente, de toda população ou sociedade, a qual estrutura a ciência, apesar de termos a impressão de que não (SILVA, 2017, p. 33).

Notícias não são ‘espelhos da realidade’, mas sim ‘construções da realidade’ (MONTEIRO, 2010). São formas de observar, compreender e reagir, como retratos que se modificam de acordo com a mudança da conjuntura, isto é, onde se localiza a preocupação em momentos específicos (GARCIA, 2006). Enquanto mercadoria está sujeita a normas mercadológicas e é afetada por uma série de negociações durante seu processo de produção.

Diante de incertezas científicas deve-se atentar que “os cientistas têm agendas, recebem financiamentos externos, fazem escolhas na hora de investigar, possuem convicções próprias e tudo isto pode influenciar o resultado do seu trabalho” (GARCIA, 2006, p.31). Bueno (2010, p. 6) deixa claro que interesses comerciais, políticos, militares e outros “estão, quase sempre, presentes na comunicação e na divulgação da ciência e tecnologia para resguardar privilégios de grupo (empresas ou governos) ou mesmo ambições pessoais”.

A ideia de que a comunicação social se deve ater meramente aos factos é uma ilusão enganadora, que não resiste à simples evidência de que o que um repórter faz é interpretar, e não descrever, aquilo que vê. Ao ouvir uma fonte e ignorar outras, ao selecionar uma determinada imagem, ao escolher uma forma de abordar um assunto, o que o jornalista está a fazer é recortar a realidade de uma determinada maneira (GARCIA, 2006, p.40).

Por isso, Rowan (1999) adverte aos jornalistas de ciência, que não se deixem levar pelo mito de que, em situações de conflito, o cientista que está de acordo e o que discorda tem perspectivas igualmente válidas. O que o jornalista deve levar a audiência é que não existem respostas simples para dilemas, ou corre o risco de incorrer em abordagens fatalistas ou cínicas, quando o objetivo é aumentar a consciência de outras escolhas. Para isso a autora recomenda que os repórteres saibam o quanto a opinião de um cientista é aceita pela

comunidade científica; quais são as bases que sustentam seus argumentos (ou a falta delas); e que busque algumas das melhores críticas a esta posição.

Conforme Levy (2009), “desmistificar a Ciência, democratizar o conhecimento e inserir a sociedade no debate sobre políticas públicas de CT&I”, são os desafios da prática do Jornalismo Científico no país. Abreu (2009) chama de farsa comum, por exemplo, a ideia de que a ciência e a tecnologia sozinhas poderiam dar respostas para a crise ambiental. Segundo a autora, a tecnociência pode apontar caminhos, mas as decisões sobre os limites do desenvolvimento se dão no âmbito da política, atualmente submetida aos elementos econômicos. A Revolução Verde²⁷, segundo a autora, demonstra como um pacote tecnológico que deveria acabar com a fome no mundo, acabou, entre outros efeitos negativos, criando relações de dependência entre agricultores e corporações transnacionais como a Monsanto.

O Jornalismo Científico é também uma ferramenta para a democracia, porque fornece todo o conhecimento para opinar sobre o progresso da ciência, e compartilhar com políticos e cientistas a capacidade de tomar decisões sobre questões graves que o desenvolvimento científico e a tecnologia apresenta: o uso racional dos recursos naturais, o uso não-comercial dos resultados da investigação privada, as questões éticas e jurídicas suscitadas pelo conhecimento do genoma humano, Internet e muitas outras realizações científicas e tecnológicas do nosso tempo. Em suma, trata-se de colocar o mais nobre do espírito humano, o conhecimento, à serviço do indivíduo e da sociedade, para evitar que a história se repita e que o progresso beneficie exclusivamente as minorias. O Jornalismo Científico tem uma obrigação social de fazer todo o possível para que a ciência e a tecnologia não sirvam apenas ao enriquecimento cultural e o benefício prático de algumas nações ou certas sociedades privilegiadas. (HERNANDO, 2002, p. 7-8, tradução minha).

Dentre os modelos de comunicação pública da ciência existentes, Lima e Caldas (2011) apontam que o ideal a ser atingido é o denominado, ‘Modelo de Perspectiva Cívica’. Este modelo assinala a ciência como uma importante parte da cultura da sociedade atual, onde o objetivo da divulgação científica é contribuir, difundir e melhorar a cultura científica, além de fortalecer a prática da cidadania ao estimular nas pessoas a responsabilidade pela ciência que é produzida em seu país. Nesse sentido é necessário que se conheçam as características da atividade científica e se saiba como esse conhecimento é produzido (procedimentos, métodos e implicações políticas, econômicas e sociais). Como evoca Epstein (2012, p. 30):

²⁷ A Revolução Verde é um modelo de agricultura baseado no uso intensivo de variedades vegetais geneticamente melhoradas que exigem grandes quantidades de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos. Teve início nos anos 40, no México, com pesquisas financiadas por fundações privadas, como Ford e Rockfeller, que visavam à modernização e consequente melhoria no desempenho dos índices de produtividade agrícolas. Os conhecimentos produzidos acabaram sistematizados em pacotes tecnológicos distribuídos para todo o mundo.

O discurso de divulgação não deve se limitar a fatos, descobertas ou teorias da ciência. Para verdadeiramente facilitar o advento de uma cultura científica da população, deve também lembrar episódios da história da ciência, não só os caminhos, mas os descaminhos das descobertas, as bifurcações históricas, enfim levar ao público leigo uma ideia não só das cooperações, mas também dos conflitos. A ciência deve ser vista não como uma empresa intelectualmente asséptica, mas imersa no contexto histórico, social e político (EPSTEIN, 2012, p. 30).

Durante a entrevista que concedeu para a realização desta dissertação, Mazini declarou que leva como pressuposto de suas pesquisas e seu trabalho como assessor de comunicação em uma universidade pública, que ser alfabetizado cientificamente é condição para a democracia. Para ele quando as pessoas sabem o que a ciência pode lhes oferecer, elas têm mais acesso ao que o Estado pode proporcionar. O Livro Azul da Ciência (BRASIL/CGEE, 2010, p. 90-91) faz a seguinte consideração:

A C,T&I é um importante elemento para a conquista da cidadania, para a democratização da vida social, para a segurança individual e coletiva dos cidadãos e para a elevação da qualidade de vida. Ela pode contribuir muito para a redução da informalidade, para o direito à cidade e para a melhoria das condições no campo. Mobilizar a criatividade e a inteligência coletiva dos brasileiros para resolver problemas sociais é um desafio permanente; fornecer-lhes condições e recursos adequados para isto é uma das funções do poder público. Aos movimentos sociais devem ser garantidos espaço e estímulos para participarem da elaboração de políticas públicas e de seu acompanhamento.

A ciência é resultado da produção humana, de investimento público e não é feita para que fique acumulando poeira em prateleiras, ou inacessíveis em bancos de dados. O jornalismo científico, como um dos instrumentos da educação não formal, ainda é apontado como uma ferramenta fundamental que as pessoas tenham acesso a essa produção de conhecimento. Por isso, mesmo tendo sido treinados para confiar no valor intrínseco da ciência, os jornalistas que cobrem a área devem fazer o máximo esforço para valorizar a incerteza e a diversidade de vozes. Desse modo podem efetivamente contribuir para que a sociedade conheça melhor o modo de produção científica, e promover modelos de desenvolvimento socioambientais responsáveis.

1.9. Jornalismo Científico e Meio Ambiente

Em pouco mais de 30 anos a área ambiental passou a ser uma temática frequente da mídia. A ascensão do movimento ambiental e a midiaticização do discurso ambientalista fizeram com que a sociedade, empresas, plataformas políticas e veículos de comunicação incorporassem as questões ambientais (MIGUEL, 2009). Muitas são as vertentes e interpretações quando o assunto é meio ambiente. Ora ele é romantizado, ora catastrófico,

antropocêntrico ou ainda banalizado. Miguel (2009, p. 53) ressalta que “o aumento de publicações não significa a pluralidade de pautas ou de tópicos abordados, nem muda a escolha de informações a serem incluídas, mas indica sim que a pauta ganhou centralidade na sociedade”.

O agendamento midiático de temas ambientais, “sobretudo a partir da divulgação dos relatórios do IPCC e da conscientização ampliada do impacto dramático da ação humana sobre o clima do planeta” (BUENO, 2015, p. 54), tem gerado amplos debates e melhorado a conscientização social dos problemas ambientais. Assuntos como as causas e efeitos das mudanças climáticas, as energias renováveis, segurança alimentar, emissão de gases de efeito estufa, desmatamento e perda de biodiversidade, entre tantos fatores ambientais que influenciam de forma direta a vida no planeta e são a base de recursos do bem-estar humano, estão cada vez mais presentes no cotidiano.

A problemática ambiental emergiu nas últimas décadas como uma crise de civilização. Os problemas produzidos pela devastação dos ecossistemas se tornaram globais, dissolvendo fronteiras rígidas entre as nações e questionando a racionalidade econômica e tecnológica dominantes. [...] As questões ecológicas são hoje desafios postos a toda humanidade e responsabilidade de todos os meios sociais, principalmente dos meios de formação de opinião (TEIXEIRA, 2015, p. 153-154).

As pesquisas de opinião relacionadas ao meio ambiente refletem a importância que o tema vem ganhando. O relatório “Retratos da Sociedade Brasileira: Meio Ambiente”, organizado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), apontou que entre sua edição divulgada de dezembro de 2010 e a edição de maio de 2012, o percentual de entrevistados que afirmava ter alguma preocupação com o meio ambiente aumentou de 80% para 94%. Outro dado relevante é de que os brasileiros tenderiam a priorizar a proteção do meio ambiente em lugar do crescimento econômico.

A prerrogativa de que os brasileiros não estariam dispostos a ter mais progresso econômico à custa de depredações dos recursos naturais também é presente na pesquisa do MMA (2012) citada anteriormente. Este estudo reconhece, no entanto, que apesar de estar mais consciente sobre as questões ambientais, e ter apresentado um notável avanço da compreensão de conceitos sofisticados como ‘desenvolvimento sustentável’, ‘consumo sustentável’ e ‘biodiversidade’, o brasileiro ainda tem uma visão limitada do meio ambiente, pois desconsidera suas dimensões econômica e social, fixando-se apenas na ambiental.

O jornalismo voltado para o meio ambiente e o interesse público sobre a questão tem progredido mais ou menos paralelamente, na análise de Garcia (2006, p. 36). Não se trata de um padrão simétrico perfeito, mas que uma vai puxando a outra para o seu próprio caminho, “ou seja, um artigo jornalístico pode alertar a opinião pública para um certo assunto, assim como o interesse da sociedade, ou de sectores dela, por um tema pode determinar a sua cobertura jornalística”. Trata-se de um sistema de retroalimentação: quanto mais notícias sobre ambiente são produzidas mais conscientes as pessoas ficam de que há problemas ambientais; quanto maior for a consciência e a reação pública a estes problemas, mais eles serão alvo do interesse da mídia.

Mesmo com o ‘sobe desce’ que caracteriza a descontinuidade dos temas ambientais, esse agendamento midiático nutre e expande o debate que forma a opinião pública, transbordando os interesses de grupos isolados, em favor dos interesses sociais. De modo inverso, segundo Abreu (2009), o não agendamento e mesmo a não interpretação do contexto histórico-social-espacial dos fatos, cria situações que sustentam a política do silêncio e contribuem para a manutenção hegemônica do poder.

Como a lista de demandas sociais é extensa a interferência do estado prioriza apenas algumas das necessidades cotidianamente colocadas na esfera pública. Somente quando os fatos sociais adquirem status de problema público entram na “pauta do dia” de autoridades. Uma vez que a mídia é apontada como o principal veículo difusor de informações na sociedade, a definição sobre o quê estará na lista de prioridades se dá especialmente pela atuação cotidiana dos meios noticiosos (FUNDEP, 2009).

É no campo dos *media* que circulam as notícias. Conforme estabelece o conceito de *agenda-setting*, são elas que determinam quais os acontecimentos (assuntos e problemáticas) com direito a existência pública e que, por isso, figuram na agenda das preocupações da opinião pública, como temas importantes. E mais: são as notícias que definem os significados desses acontecimentos, ao oferecer interpretações de como compreendê-los. (MONTEIRO, 2010, p. 116)

Teixeira (2015, p. 154) analisa que o discurso da necessidade urgente de se frear a degradação do planeta e adotar um modelo de desenvolvimento mais sustentável disseminou-se de maneira simultânea “ao surgimento de uma discussão social de caráter institucional, mais ampla e abrangente em torno do meio ambiente”. A autora situa como marco histórico a realização das Conferências das Nações Unidas sobre o meio Ambiente Humano em 1972 (Estocolmo), 1992 (Rio-92 ou Eco-92), 2002 (Rio+10) e 2012 (Rio+20).

No Brasil, de acordo com Crespo (2005), o tema meio ambiente levou cerca de 10 anos (década de 90) para sair do patamar do desconhecimento e entrar no entendimento da população. Entre o conjunto de fatores externos e internos que impulsionaram essa mudança, a pesquisadora aponta como o mais importante o fato da Rio-92 acontecer no Brasil, o que ampliou a exposição do tema no país antes, durante e após a Conferência.

De repente, os jornais começaram a divulgar previsões terríveis sobre o efeito estufa (aquecimento global), sobre o aumento do buraco na camada de ozônio, sobre o comprometimento da biodiversidade, e aí nos demos conta de que os brasileiros estavam em um barco, um mesmo barco [...] em que todos os habitantes do planeta estavam. (CRESPO, 2005, p. 63)

Algumas características comuns dos temas ambientais tratados no noticiário são assinalados por Garcia (2006) como “quatro pontos cardeais”, que, segundo o autor, não combinam com o ritmo e as normas próprias do jornalismo (lógica imediatista que só valoriza a novidade) e barreiras práticas como limitações de tempo e espaço para que o jornalista possa compreender para explicar melhor as matérias. São elas:

1. **Risco:** modificação no ambiente ou na sua gestão que envolve um efeito a posteriori;
2. **Processos longos:** riscos que levam vários anos até se materializar;
3. **Incerteza científica:** “este é um atributo distintivo do próprio método científico, que, ao responder a uma dúvida, levanta logo outras perguntas. E é sobre este mar de indagações da ciência que flutua a nossa compreensão dos problemas ambientais e a forma como avaliamos o risco” (GARCIA, 2006, p.22);
4. **Complexidade técnica:** quando falar de determinado assunto implica falar de uma série de outros conceitos e processos biológicos.

A falta de contextualização nas temáticas ambientais muitas vezes esgota os problemas ambientais em si mesmos como algo que não influencia e que não é influenciado pela economia, pela cultura, pela sociedade, ou que não se relaciona com ações antropogênicas. Esta realidade não tem contribuído para a mobilização da opinião pública que necessita de informação crítica e analítica contendo todas as questões possíveis envolvidas. Para Caldas (2009, p. 67), o exercício da “cidadania ambiental” depende essencialmente da ação integrada de educadores, cientistas e jornalistas junto à sociedade divulgando os ecossistemas brasileiros de forma ampla, clara e convincente.

Os programas de TV, por exemplo, onde 83% dos brasileiros buscam informações sobre meio ambiente (MMA, 2012), costumam apelar para pautas que mostrem a exuberância

da fauna e da flora contribuindo para o surgimento de uma cultura de preservação, mas ao mesmo tempo, “curiosamente, esses programas parecem reforçar, involuntariamente, a ideia de que o meio ambiente é sinônimo de fauna e flora” (TRIGUEIRO, 2005, p. 76).

Essa impressão tem sido, em parte, sobrepujada pela ampliação da noção do conceito de meio ambiente pela população, que passou a enxergar outros elementos para além dos biocêntricos, tais como “os atribuídos a seres humanos: indígenas, homens e mulheres e a elementos do espaço geográfico: cidades e favelas” (MMA, 2012, p. 28). Mesmo assim, a cobertura ambiental contribui para certas deturpações que Bueno (2015) diagnostica em cinco síndromes:

1. **Síndrome do zoom ou olhar vesgo:** fechamento do foco da cobertura que fragmenta e retira das notícias e reportagens ambientais sua perspectiva inter e multidisciplinar (divisão de veículos em cadernos e editorias). Reduz a cobertura ambiental a um olhar (econômico, científico, político, etc.);
2. **Síndrome do muro alto:** tenta despolitizar o debate ambiental defendendo a competência técnica como critério exclusivo de autoridade, "uma visão vesga e ultrapassada que prefere contemplar a defender ainda a neutralidade da ciência e da tecnologia" (BUENO, 2015, p.58);
3. **Síndrome Lattes:** prioriza ou se reduz a fontes que dispõe de currículo acadêmico, produtores de conhecimento especializado, excluindo os que estão fora dos muros da Academia como se o saber ambiental só tratasse de questões complexas abandonando as soluções simples de dimensão local;
4. **Síndrome das indulgências verdes:** é o marketing verde que promove a “limpeza de imagem” de empresas poluidoras e propõe soluções cosméticas para o drama das questões ambientais;
5. **Síndrome da baleia encalhada:** espetacularização da tragédia ambiental de perspectiva acrítica e sensacionalista que contempla as questões a partir de fatos isolados sem investigação de causa;

Um dos conceitos possíveis de Jornalismo Ambiental é definido por Nogueira (2008) como “divulgação de fatos, processos, estudos e pesquisas associadas à preservação da biodiversidade e da sociodiversidade” (p. 5). A autora postula que este campo do saber é originado na imbricação entre a Comunicação Social e a Biologia Urbana, que se articulam a partir das necessidades sociais emergentes.

Nota-se, que o Jornalismo especializado em meio ambiente emerge e reemerge com distintas características, determinadas pelo contexto sócio-histórico ao qual se insere, acompanhando e/ou pautando suas tendências. Adotando a vertente científica do jornalismo ambiental Victor (2009, p. 24) divide o Jornalismo Ambiental em três momentos: : militância, marketing verde e científica.

Em sua primeira fase, durante os anos 60 quando o conceito de ecodesenvolvimento ascende, o Jornalismo Ambiental é caracterizado pela *militância* com um perfil de ativismo, denunciando os impactos do modelo de desenvolvimento econômico poluidor, e com tom marcadamente catastrófico e alarmista quanto às perversidades socioambientais e a insustentabilidade ambiental.

Já em seu segundo período, nos anos 80 é definido pelo *marketing verde*. O termo desenvolvimento sustentável, cunhado pelo Relatório Brundtland, ganha força no período pós-ECO 92 e passa a ser o discurso norteador das ações de marketing de empresas de diversos setores. Isso influencia o Jornalismo Ambiental que passa emplacar pautas ambientalmente positivas, mas ainda de forma acrítica e manipulada pelos interesses das instituições.

Finalmente, a terceira vertente do Jornalismo Ambiental, influenciado pela criação do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) é a vertente *científica*. Surge no final dos anos 80, paralelamente ao Jornalismo de Marketing Verde. É assinalado por seu interesse pelos cientistas como categoria de fonte de informação e a tomada do discurso científico para escapar do estigma de ecochatos, "assim, ao cobrir meio ambiente, a imprensa excedia a visão dos ambientalistas, das empresas e governos o que, por sua vez, fomentava a interpretação da sociedade acerca dos fenômenos abordados" (VICTOR, 2009, p. 23).

O Jornalismo Científico, para muitos especialistas da área, é uma das principais ferramentas da popularização da ciência - condição básica para promover a cultura científica no país. A partir dessa premissa, adotamos a vertente científica do jornalismo ambiental como caminho para tornar efetiva a participação de todos os atores no gerenciamento das questões ambientais. (VICTOR, 2009, p. 24)

A perspectiva de Belmonte (2017, p.119) é diferente. Segundo o autor, esse status se deve a atuação da SBPC e a criação da Associação Brasileira de Jornalismo Científico - ABJC (1977) que foram fatores de impulsão para o jornalismo científico em geral e ambiental no país. Para ele, essa fama só se sustentou até o final dos anos 80, quando se dá então uma separação entre o jornalismo científico e o ambiental notadamente marcada pelas preparações

para a Rio 92. Ele afirma que “o meio ambiente do jornalismo ambiental é um meio ambiente mais largo do que o meio ambiente do jornalismo científico” porque trabalha do ponto de vista do engajamento e do compromisso com a promoção da qualidade de vida planetária.

Havendo ou não essa separação, Victor (2009) assevera que a pouca familiaridade com as fontes científicas e a falta de capacitação profissional acaba levando o jornalismo ambiental a incorrer nos mesmos erros que o científico, como a reprodução de discursos hegemônicos, distanciamento das controvérsias científicas e falta de visão crítica acerca dos limites e interesses da ciência. Outra barreira que pode ser apontada nesse sentido é a falta de espaço e apoio dentro dos veículos jornalísticos tradicionais, (BELMONTE, 2017, p. 120) onde as pautas acabam dependendo “quase que exclusivamente da iniciativa e do empenho profissional de jornalistas que reconheçam a importância da luta socioambiental”.

Há que se recordar, entretanto, que muitas são as ressalvas dentro deste contexto, desde projetos jornalísticos voltados à cobertura ambiental como os sites especializados (Envolverde, Portal Amazônia, Amazônia Real, De Olho nos Ruralistas, etc.), associações e ONGs, que mantêm um fluxo contínuo de produção de notícias, até os nomes competentes e importantes da área como Liana John, André Trigueiro, Randáu Marques, Maurício Tuffani, Herton Escobar, Washington Novaes, etc.

A Rio 92, evento considerado o grande mote do Jornalismo Ambiental no Brasil, criou a oportunidade de muitos jornalistas, que hoje são referências, se especializarem na área. Isso porque no período pré-Conferência, muitas iniciativas surgiram, para sanar a demanda por jornalistas que estivessem aptos a falar sobre temas de alta complexidade, com visões abrangentes, capazes de juntar assuntos aparentemente desconectados e que contribuíssem para a compreensão do público de fenômenos urgentes que requerem novos comportamentos. Cursos de capacitação oferecidos por diferentes entidades e a criação de uma série de núcleos regionais de ecojornalistas pelo país são alguns exemplos. Houve ainda a criação da Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental - RBJA (1998) que articula profissionais especializados ou interessados no tema por todo o território nacional e permanece ativa.

De acordo com Belmonte (2017, p. 118), “os jornalistas que trabalhavam com a temática ambiental na véspera da Conferência Rio 92 discutiram nos cursos preparatórios a necessidade de mostrar não apenas a importância de preservar o meio ambiente, mas também

como fazê-lo”, assim levou-se o entendimento de que além de mostrar as causas e consequências de problemas ambientais, é necessário apresentar soluções possíveis numa perspectiva educativa e cidadã.

Mesmo acreditando que exista uma separação entre as duas áreas, Belmonte (2017) reconhece a necessária apropriação que o jornalista ambiental deve fazer do conhecimento científico para que tenha uma visão transdisciplinar da ciência e conquiste a credibilidade da opinião pública.

Garcia (2006, p. 28), atenta que é do meio acadêmico que vem, direta ou indiretamente “o grosso dos argumentos em favor ou contra campanhas, ou posições em matéria de ambiente”. Logo, quando um estudo científico ou um relatório de uma organização não governamental é divulgado a atenção dos jornalistas se volta para problemas estruturais, antigos e que se projetarão no futuro.

A mídia depende, em grande parte, de fontes regulares com credibilidade pública para emitir opiniões sobre temas controversos. Monteiro (2010, p. 120) alerta que as características das rotinas produtivas das redações incorrem na dependência da mídia de fontes institucionalizadas. Isso pode nos levar a refletir sobre as boas práticas das instituições que trabalham com pesquisa científica, em particular com temática ambiental, e pensar em como melhorar as estratégias comunicativas dessas instituições a fim de que elas possam contribuir com o fluxo de informações de qualidade que nutre o debate ambiental.

Esteja dentro de uma redação tradicional ou trabalhando em um núcleo de comunicação organizacional, o fato é que o jornalismo ambiental convida o comunicador a um engajamento pautado na transformação e mobilização em prol da sustentabilidade, que possibilite a si mesmo e ao público a superação do olhar fragmentado para um pensamento contextual ou sistêmico (CAPRA, 1997).

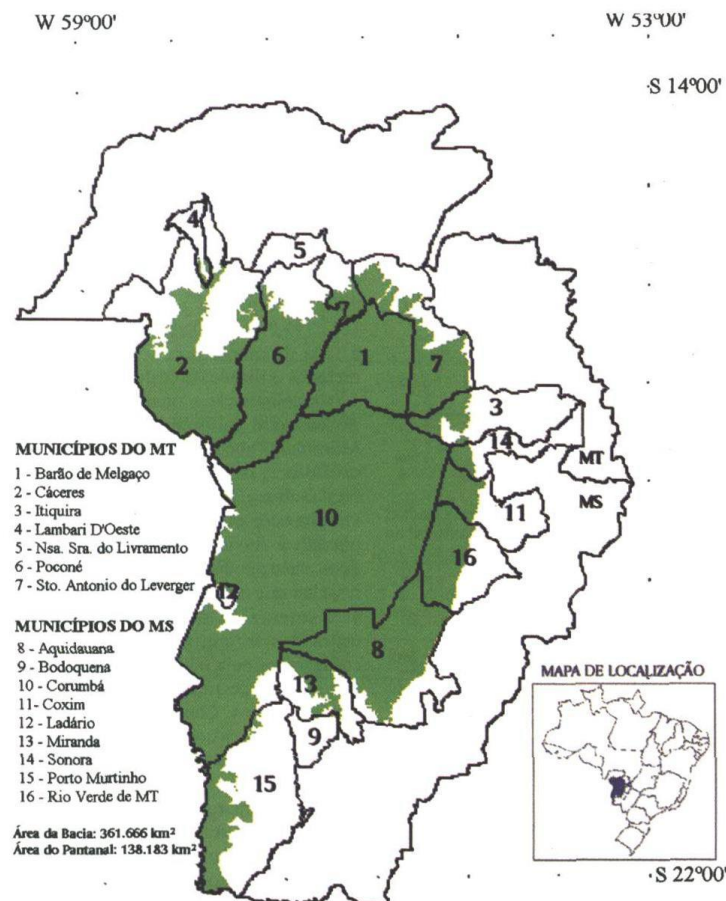
Cabe frisar que o mero contato com uma informação não é o suficiente para a modificação de comportamentos, mas fato é que a informação qualificada pode ajudar o público a verdadeiramente realizar a necessidade urgente de se estabelecer um outro paradigma. Aquele que contemple de fato a participação cidadã nas discussões sobre as preocupações ambientais.

2. O BIOMA PANTANAL

Na geografia móvel do Pantanal são as águas que organizam e reorganizam a paisagem, determinando o equilíbrio e o ritmo da vida “das gentes pantaneiras, da fauna, da flora e da forma de produção” (RIBEIRO, 2014, p. 161). As variações sazonais entre cheia e seca fazem do bioma “sempre o mesmo, sempre outro” (LEITE, 2003, p. 41).

Situado na Bacia do Alto Paraguai (BAP), o Pantanal é a maior área úmida do planeta cobrindo 138.183 Km² (SILVA e ABDON, 1998). É compartilhado pelo Brasil, que congrega a maior porção do bioma (70%); Bolívia com 20%; e Paraguai com 10%. Na porção brasileira o Pantanal divide-se entre os estados de Mato Grosso (MT) e Mato Grosso do Sul (MS).

Figura 12. Divisão geopolítica do Pantanal brasileiro



Fonte: SILVA e ABDON, 1998, p. 1707.

O atual estado de Mato Grosso guarda as nascentes de alguns de seus rios, dentre estas a do rio Paraguai, bem como parte da grande planície inundável. No entanto é no Mato Grosso do Sul que os seus rios se espraiam mais extensamente, adentrando as terras paraguaias e bolivianas (COSTA, 1999, p. 20).

Em Mato Grosso do Sul, onde se localiza o recorte desta investigação, estão 65% da área do Pantanal brasileiro, “compondo quase metade do estado e tendo uma relevância econômica óbvia em função de sua área e da expressão de sua atividade pecuária juntamente com o turismo e a pesca” (TOMAS e SANTOS, 2016, p. 48).

O rebanho estimado de bovinos na região do Pantanal é de 5.146.200 animais, de acordo com dados da Pesquisa de Pecuária Municipal (IBGE, 2016), que equivale, aproximadamente, a 23,6% do rebanho total de Mato Grosso do Sul, apontado como o quarto maior do país. No âmbito do turismo, de acordo com o relatório de gestão²⁸ da Fundação de Turismo do Pantanal de 2016, a cidade de Corumbá atrai em média 220 mil turistas por ano que movimentam em torno de 300 milhões de reais. Grande parte desse contingente se deve a prática de pesca esportiva.

Os registros históricos de ocupação da região por não índios datam do século XVI com a chegada dos primeiros colonizadores europeus, no caso os espanhóis, que acreditavam ser a região um enorme lago de água doce, o “Lago dos Xaraés”. Anteriormente a isso, cerca de 1,5 milhões de indígenas de importantes etnias como Guarani, Guató, Ofayé, e Payaguá, dentre outras, já habitavam o Pantanal de Mato Grosso do Sul (FARIA e NICOLA, 2007). Doenças e guerras, na tentativa de colonização, são mencionados por Chiaravalotti (2016) como fatores de extermínio dessas populações Ameríndias que atualmente foram ou estão quase extintas.

Um dos marcos na construção histórica do Pantanal, que só viria a ser chamado de Pantanal no início do século XX (FARIA e NICOLA, 2007), foi a divisão do estado de Mato Grosso, em 1978, que deu origem ao Estado de Mato Grosso do Sul, promovendo “mudanças, de ordem política, social e econômica, significativas em sua Geografia²⁹” (RIBEIRO, 2014, p. 5). Nessa divisão o Pantanal passou a ser chamado “genericamente, como Pantanal mato-grossense, ou de Mato Grosso, e Pantanal sul-mato-grossense, ou de Mato Grosso do Sul” (LEITE, 2003, p. 36), apresentando “formas de ocupação, às vezes, diferenciadas e conflitantes” (RIBEIRO, 2014, p. 6).

²⁸ Documento disponível em: <https://goo.gl/7JQN7e>

²⁹ Segundo a autora, “a geografia como reveladora do movimento da sociedade está se transformando no Pantanal, desde o final do século passado, alicerçada na mercantilização da natureza e nas novas relações econômicas e socioculturais em construção” (RIBEIRO, 2014, p. XV)

O modelo de ocupação da parte Sul do Pantanal, a planície, foi determinado pela pecuária tradicional, praticada de forma extensiva, com pouco manejo do pasto, se adaptando a dinâmica natural do bioma. Ainda hoje essa atividade é apontada como responsável pela manutenção do bioma, 85% preservado. Já na parte Norte, no planalto, o modelo de desenvolvimento econômico baseia-se na expansão agropecuária em escala comercial, convertendo a vegetação natural em pastagens e áreas de cultivo, que aumentam a erosão de solos e o carreamento de sedimentos para cursos d'água que acabam “arrombados”³⁰.

Essa separação, puramente teórica, não reflete a complexidade das relações tecidas no Pantanal em seus variados níveis – ecológicos, sociais políticos e econômicos – e a interdependência entre as duas partes, a qual sua conservação é subordinada. Em *Mundo Renovado*, o poeta pantaneiro Manoel de Barros escreveu: “No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites”.

A ausência de uma política integrada entre os dois estados, somada ao fato de que “as principais demandas sociais vão sendo postas em segundo plano” (FARIA e NICOLA, 2008, p. 194), tem resultado em “ações isoladas e com pouca repercussão em sua totalidade”. Essa realidade pode ser modificada a partir de iniciativas recentes empenhadas pelos dois estados.

Em outubro de 2016, o ministro do Meio Ambiente, José Sarney Filho (PV)³¹, juntamente com os governadores dos estados de Mato Grosso, Pedro Taques (PSDB)³², e Mato Grosso do Sul, Reinaldo Azambuja (PSDB), assinaram a “Carta Caiman”³³, um Termo de Compromisso que propõe a instauração de uma política comum para o Pantanal. Entre suas atribuições, o documento prevê o empenho de ambas as partes para dar agilidade a uma Lei que regulamente a proteção e o uso sustentável do bioma; estabelecimento de uma área de interesse para o Econegócio³⁴; a revisão do plantio de monoculturas que ameaçam o equilíbrio

³⁰ O termo refere-se a rios que tiveram suas fisionomias desfiguradas devido ao acúmulo de areia em seus leitos principalmente pela remoção de mata ciliar. Os sedimentos depositam-se no fundo dos rios fazendo com que o leito principal do rio transborde, rompendo suas margens e dando origem a novos canais. Desse modo grandes áreas podem ficar permanentemente alagadas causando inúmeros prejuízos sociais, ambientais e econômicos.

³¹ Partido Verde

³² Partido da Social Democracia Brasileira

³³ O documento foi assinado em 15/10/2016 no Refúgio Ecológico Caiman, em Miranda (MS), durante o evento “Seminário: Futuro do Turismo e Iniciativas à Sustentabilidade do Pantanal”. Disponível em: www.mma.gov.br/port/conama/processos/C2EC5178/PropMocao_Caiman.pdf

³⁴ “Econeócios é o segmento de mercado que reúne produtos e serviços que se propõem solucionar problemas ambientais ou que utilizam métodos mais racionais de exploração dos recursos naturais para a produção de bens

do ecossistema pantaneiro; a regulamentação de mecanismos legais de Pagamentos por Serviços Ambientais³⁵ que incentivem Boas Práticas; e mobilização para um modelo de gestão participativa de seus habitantes.

Para que estratégias sustentáveis sejam efetivas e contribuam para a melhoria de vida no bioma é necessário ter em conta as tendências e vocações de cada região no Pantanal, aliadas a implementação de políticas participativas e boa gestão na aplicação de recursos (FARIA e NICOLA, 2007).

2.1. Panorama Socioambiental

A diversidade de ambientes que compõe o Pantanal faz com que se possa dizer que sua paisagem é “extremamente complexa” (TOMAS e SANTOS, 2016, p. 48). Trata-se de uma região de valor biológico proeminente a nível global, vulnerável e com altíssima prioridade de conservação em escala regional (OLSON *et al*, 1998).

Enquanto Área Úmida (AU)³⁶ o bioma presta serviços ambientais essenciais “relacionados com a purificação, disponibilidade e recarga de águas subterrâneas, ciclagem de nutrientes, produção primária, sequestro de carbono e estabilização de canal” (JUNK e CUNHA, 2017, p. 20). Mas sua mais importante e valorizada função é o fornecimento de água limpa para consumo humano, energia, agricultura e pecuária.

É uma das ecorregiões mais ricas em biodiversidade do mundo, apesar de seu baixo número de espécies endêmicas (FARIA e NICOLA, 2007). Ligando as duas maiores bacias hidrográficas da América do Sul, Bacia do Prata e Bacia Amazônica, o Pantanal tem a função de corredor biogeográfico por onde ocorre a “a dispersão e troca de espécies de fauna e flora entre essas bacias” (FARIA e NICOLA, 2007, p. 177). Por sua localização, entre o Cerrado, Chaco, Bosque Seco Chiquitano, Amazônia e Mata Atlântica, também funciona como uma importante zona de transição, contendo espécies de todos estes biomas.

e serviços”. (ECONEGÓCIOS – As “Inovações Verdes” como Oportunidade de Negócios. Instituto Inovação. Disponível em: www.institutoinovacao.com.br. Acesso em 26/12/2017.

³⁵ “O PSA (Pagamento por Serviços Ambientais) é um mecanismo de compensação flexível baseado no princípio do provedor-recebedor, no qual os fornecedores de serviços ambientais (proprietários de áreas que possuem matas e/ou rios) são pagos pelos beneficiários desses serviços (sociedade que consome a água do rio, por exemplo)” (ROQUE *et al.*, 2017, p. 28)

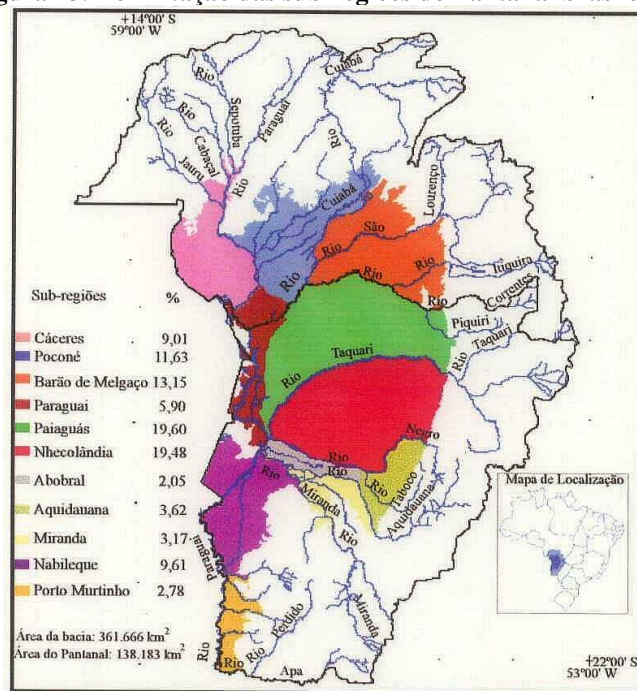
³⁶ “Áreas Úmidas (AUs) são ecossistemas na interface entre ambientes terrestres e aquáticos, continentais ou costeiros, naturais ou artificiais, permanentemente ou periodicamente inundados por águas rasas ou com solos encharcados. As águas podem ser doces, salobras ou salgadas, com comunidades de plantas e animais adaptadas a sua dinâmica hídrica” (JUNK *et al*, 2014 *apud* JUNK e CUNHA, 2017, p. 18).

Dados do Ministério do Meio Ambiente (2017) informam que no local há pelo menos 2,7 mil espécies de plantas catalogadas. A fauna é constituída de 660 espécies de aves, 262 de peixes, 162 répteis e 95 espécies de mamíferos e anfíbios. Ali concentram-se “as maiores populações conhecidas de grandes mamíferos ameaçados, como o veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), o cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*), a ariranha (*Pteronura brasiliensis*) e a onça-pintada (*Panthera onca*)” (HARRIS *et al*, 2005, p. 156).

Animais, plantas e microrganismos não ocorrem de forma uniforme em determinadas áreas, mas habitam locais diferentes de acordo com seus requerimentos (TOMAS e SANTOS, 2016). Logo, sabe-se que sua diversidade ecológica está estreitamente ligada à sua variação de ambientes, tomados por Junk (2017) como **macrohabitats**³⁷.

A heterogeneidade biológica do território ainda é visível nas diferentes paisagens fitofisionômicas causadas pela própria variação do ciclo hidrológico e do relevo, e faz com que o território seja subdividido em onze micro-regiões, cada uma com suas especificidades (ECOIA, 2014). Por isso talvez se possa dizer que o Pantanal são vários pantanais (NOGUEIRA, 1990) como mostra a imagem abaixo:

Figura 13. Delimitação das sub-regiões do Pantanal brasileiro.



Fonte: SILVA e ABDON, 1998, p. 1707.

³⁷ “Macrohabitat é uma área grande sujeita às mesmas condições hidrológicas e coberta por uma vegetação característica” (JUNK, 2017, p. 15). Exemplos de macrohabitats: cordilheiras, corixos, vazantes, murunduns, brejos, florestas inundáveis, etc.

A região também é reconhecida por sua importância para a convergência de aves migratórias e aquáticas servindo como abrigo, fonte de alimentação e reprodução (FARIA e NICOLA, 2007). Por isso, Romero (2014) frisa que alterações na planície podem causar impactos muito além dos limites regionais e mesmo do continente.

2.2 Cheias e vazantes

Muitas peculiaridades desenham a complexidade do Pantanal, mas seu pulso de inundação é o fator determinante para que ele exista. Por pulso de inundação (JUNK, 2017) compreende-se a alternância entre períodos de secas e inundações sazonais responsáveis pela riqueza de espécies e paisagens da planície alagadiça. Em suma, são as cheias que renovam a vida no Pantanal (FARIA e NICOLA, 2007).

No ar, na terra, às vezes no fogo, nas águas. Cerrados, florestas, alagados, num tempo tudo seco, noutro, tudo água. O que era terra se faz água, o que era água se faz terra, às vezes fogo. Mas é a água que regula, movimentada organiza (LEITE, 2003, p. 35).

Segundo Nogueira (1990), a cheia pode ter duas origens: **enchente de chuva**, que inunda regiões mais baixas; e **enchente de rio**, que vem das grandes precipitações nos planaltos vizinhos e nas cabeceiras de rios. O professor e pesquisador Arnildo Pott³⁸, em entrevista para esta dissertação, explica que não há um período determinado para que as inundações ocorram, pois isso depende do local e do ano:

A maior parte do Pantanal tem inundação apenas de chuva. Outras, de chuva mais extravasamento de rio, que é inundação maior. Planícies fluviais de rios próximos às serras, como Aquidauana/Miranda, são inundadas cedo. As do Rio Paraguai são defasadas da chuva local, porque demora três meses a descida das águas do Norte, e enche quando nem chove mais. Em geral, usa-se a régua de Ladário, da Marinha, no Rio Paraguai, para falar em anos secos ou anos de mais cheia. Mas é melhor usar dados do rio mais próximo da área de interesse. Mas nada é certo no calendário. Varia de ano a ano. Há médias e variações das médias. (Informação verbal³⁹. Grifo meu.)

As cheias não são determinadas apenas por índices de pluviosidade, mas ainda por toda a dinâmica geomorfológica de declividade, sistemas de drenagem (corixos, baías, córregos, lagos, vazantes, etc.), extensão da planície e a permeabilidade do solo (SPACKI, 2014). A região acaba funcionando como uma “grande esponja durante o período das chuvas, recebendo as águas da parte alta, que são retidas, espalham-se e escoam lentamente (...)

³⁸ Informações sobre o entrevistado constam no Apêndice 5 desta dissertação.

³⁹ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 10 de outubro de 2017. Transcrição no Apêndice 5 desta dissertação.

provocando a subida das águas sem que tenha ocorrido chuvas” (FARIA e NICOLA, 2007, p. 178). No período de inundação o Pantanal pode ficar até 80% alagado com os rios pantaneiros recebendo diariamente cerca de 180 milhões de litros de água, o equivalente a 72 piscinas olímpicas (WWF, 2015).

A própria enchente é guardiã do Pantanal. O Pantanal se não *vié* enchente, acaba. Não a enchente prejudicial a cada trinta ano. Mas a enchente normal. Ela traz o húmus, em todo lugar que a água entra ela traz matéria orgânica. Então a terra é adubada pela natureza, um ciclo. Entra enchente, você para de transitar no Pantanal, a estrada não segue, para. Isso pra fauna, pra natureza é lindo. Pantanal sem enchente não serve. (Trecho de entrevista concedida por E33-03/12 à RIBEIRO, 2014, p. 162)

O professor e pesquisador Paulo Robson de Souza corrobora e complementa esta ideia com a seguinte explicação concedida durante entrevista para esta dissertação:

Se eu te perguntar em uma frase qual é a alma do Pantanal? O que faz o Pantanal ser o que ele é hoje? O Pantanal é o que ele é hoje pela alternância de seca e cheia. Na seca plantas A, B e C florescem, os ipês, etc. Acontece isso e aquilo, uma arezinha ali pega fogo. Se esse for um fogo natural, somente com esse fogo as sementes de Cerrado que vivem ali dentro vão germinar. Porque o Pantanal, embora não seja classificado como Cerrado, tem áreas de Cerrado dentro dele, como se fosse um queijo suíço. Tem lugar no Pantanal, que você está dentro e jura que é Cerrado. Então ele precisa da seca também. E sem a cheia não aconteceria a deposição de matéria orgânica. Se não acontecer a cheia não existe pesca, não existe turismo, porque, olha como a natureza é sabia, o Pantanal é como se fosse o Nilo. A cheia vem, as sementes que estão ali, dormindo, esperando a água, e somente por causa da seca isso foi possível, elas precisaram descansar. Quando a água vem elas explodem, crescem, vem uma explosão de verde. E as plantas aquáticas explodem também. Não apenas as sementes de capim, como as plantas aquáticas submersas. Sem contar as algas microscópicas que formam aquele caldo verde que você só consegue ver a vida pululando no microscópio. Olha que incrível, os peixes já subiram os rios, já botaram os ovos lá na cabeceira, na piracema. Pacu, pintado, piraputanga, os lambaris, eles sobem verdadeiras procissões de milhões de peixes subindo o rio, botam os ovos, esses ovos são fecundados e vem descendo o rio. Descendo, descendo, crescendo, uma célula, duas, quatro células, oito. Quando chega na planície eles já são larvinhas que conseguem comer. Já são alevinzinhos, já surgiu a boquinha e eles começam a comer não apenas essas algas microscópicas como o capim que apodreceu. Quando o capim apodrece é comida. Tem milhares de protozoários ali e fungos dentro d'água atacando o capim e transformando aquilo em comida. Aí os peixinhos vêm, e você pensa que ele está comendo capim podre? Não! Ele está pastando diatomáceas, que são algas, ele está pastando algas verdes, protozoários, como se fosse um leão comendo a gazela. E aí tudo isso faz com que a vida exploda, o Pantanal se renova, e dá aquilo que se vê, que se fica encantado pelo Pantanal. (Informação verbal⁴⁰)

Portanto a preservação do Pantanal, entre outros fatores, depende da garantia das enchentes cíclicas principalmente. O equilíbrio do sistema ecológico, no entanto, está ameaçado por atuais tendências de desenvolvimento e alterações climáticas. Grandes

⁴⁰ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 18 de julho de 2017. Transcrição no Apêndice 3 desta dissertação.

empreendimentos de infraestrutura, desmatamentos para a expansão de monoculturas – e consequente poluição por pesticidas - e a pecuária sem cuidado com o solo, são algumas das pressões que impactam diretamente a economia, ambiente e populações regionais.

2.3. População e principais atividades econômicas

O número estimado de pessoas que vivem no Pantanal brasileiro é de aproximadamente 1.100.000 pessoas (FARIA e NICOLA, 2007), a maioria envolvida, direta ou indiretamente, com uma das três principais atividades econômicas da região: pecuária, pesca e turismo (MARCHINI, 2003), mas também, em menor escala, com a extração de minérios e a agricultura.

Sociedades tradicionais como ribeirinhos, pescadores, quilombolas, indígenas, etc., existem há muitos séculos no Pantanal, mantendo uma relação “umbilicalmente ligada aos ciclos naturais” (BRAUN, 2017, p. 74). Suas manifestações culturais, saberes tradicionais, modos de ser, fazer e viver, são parte da riqueza socioambiental do bioma. Apesar disso muitas vezes são ignorados, ou até mesmo intencionalmente tornados invisíveis pelo avanço econômico.

Entre o povo pantaneiro há uma grande sociodiversidade revelando diferentes grupos sociais que se identificam como pantaneiros, tais como: fazendeiros (proprietários de fazendas); peões (trabalhadores de fazendas), (MACEDO; BRASIL JUNIOR, 2000; ROSSETO, 2009); pescadores – profissionais e de subsistência; mulheres (MACEDO; BRASIL JUNIOR, 2000); ribeirinhos (incluindo: canoieiros – que fabricam canoas; isqueiros – que coletam e vendem iscas; pilotos – que conduzem barcos para turistas), (SILVA; SATO, 2010). De acordo com Macedo e Brasil Junior (2000), estes grupos sociais se identificam enquanto pantaneiros, mas que se distinguem diante das suas categorias profissionais e de questões de gênero (CUNHA, JUNK e DUARTE, 2017, p. 82).

Em torno de 95% de seu território é ocupado por propriedades particulares/fazendas (FARIA e NICOLA, 2007; MARCHINI, 2003) onde a pecuária de corte em pastagem extensiva é a atividade humana predominante há mais de dois séculos. Apesar de movimentar o maior volume de recursos financeiros no território, o setor não gera muitos postos de trabalho para a população local (SPACKI, 2014). Em meados dos anos 1970 uma intensa crise financeira levou muitos fazendeiros tradicionais a venderem as suas terras.

De 1960-1974, um período de inundações fracas resultou em um aumento da produção pecuária no Pantanal. A volta das enchentes grandes em 1975 provocou grande mortalidade de gado, criando problemas econômicos sérios para os fazendeiros. Paralelamente, a produção de gado no bioma Cerrado ao redor do

Pantanal aumentou drasticamente, afetando de maneira negativa a situação econômica das fazendas dentro do Pantanal (CUNHA E JUNK, 2017, p. 146).

Nesse momento os fazendeiros da região foram em busca de “formas alternativas de complementação dos lucros” (RIBEIRO, 2014, p. 6). Acompanhando a tendência mundial de reencantamento pela natureza dos anos 80, passaram a investir no turismo contemplativo, ou ecoturismo, comercializando a beleza cênica do Pantanal.

O turismo é, na análise de Ribeiro (2014), o elemento de maior influência para as transformações ocorridas no viver pantaneiro e na ressignificação da paisagem no bioma, pois inseriu a modernidade tecnológica na planície aluvial. Vendido como um paraíso na terra, o Pantanal passou a ter seus conflitos e contradições maquiados pela publicidade, que omite “vários aspectos, da realidade vivida pela população local” (RIBEIRO, 2014, p. 173).

Um deles é a própria dificuldade de permanência que as famílias no Pantanal enfrentam, pela falta de recursos e precarização das condições humanas básicas como alimentação, saúde, saneamento, educação e infraestrutura. Fatores agravados pelo vácuo da modernidade, isto é, “quando as pessoas percebem que ter acesso à televisão, ao celular ou ao computador, não lhes garante qualidade de vida” (RIBEIRO, 2014, p. 202).

O turismo ainda perpassa a segunda maior economia do Pantanal, a pesca (MARCHINI, 2003). O peixe é considerado o bem natural que mais gera trabalho e distribuição de renda na região (FARIA e NICOLA, 2007; SPACKI, 2014). A atividade, está dividida em três classes, de acordo com Marchini (2003): **1) pesca amadora/esportiva**: mais importante atração turística da região, especialmente em MS; **2) pesca profissional**: emprega pelo menos 3.500 pescadores em todo o Pantanal; e **3) pesca de subsistência**: importante fonte de alimento para as comunidades ribeirinhas.

A inegável importância da atividade, contudo, não a livra de problemas sociais, como a prostituição, e ambientais, como a sobrepesca (FARIA e NICOLA, 2007). Sendo a primeira modalidade de turismo implantada no Pantanal, o turismo de pesca trouxe prejuízos ambientais irreversíveis no início de suas atividades. Milhares de pescadores vinham à região atraídos pela falta de controle, fiscalização ou regulamentação da atividade pesqueira na região e “a pesca predatória tomou grandes proporções” (RIBEIRO, 2014, p. 158).

Atualmente a pesca no Pantanal sul-mato-grossense é monitorada pelo Sistema de Controle de Pesca de Mato Grosso do Sul (SCPESCA/MS). O Sistema foi implantado em maio de 1994 numa parceria entre as seguintes instituições: a) 15º Batalhão de Polícia Militar Ambiental de MS (15º BPMA-MS); b) Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico de Mato Grosso do Sul (SEMADE); e c) Embrapa Pantanal (CATELLA, CAMPOS e ALBUQUERQUE, 2016).

O SCPESCA/MS produz e publica periodicamente boletins de pesquisa baseados em uma série de dados acumulados desde 1994. O objetivo é identificar as principais tendências biológicas e socioeconômicas da atividade e traçar ou aperfeiçoar as políticas públicas relacionadas ao tema. Vale frisar que, apesar desse acompanhamento, o estoque pesqueiro da ictiofauna pantaneira ainda é desconhecido.

A despeito de impactos, como a degradação de ambientes naturais e descaracterização da cultura local, que podem ser evitados e/ou amenizados com estudos de capacidade de carga e exploração racional dos recursos (ALMEIDA, 2002), o fomento do turismo no bioma, em suas diferentes modalidades, pode ser uma estratégia para geração de emprego e renda para as populações locais, promovendo desenvolvimento social e a qualidade ambiental e humana. Infelizmente, em virtude da prevalência do discurso industrialista, “o turismo não tem sido considerado em todo seu potencial” (FARIA e NICOLA 2007, p. 188).

Entretanto é necessário observar atentamente para que esse processo envolva de fato a comunidade pantaneira. Uma proposta de desenvolvimento da atividade na região, alicerçada em melhorias no orçamento das famílias (RIBEIRO, 2014), não deve focar apenas o progresso material, mas a melhoria do bem-estar para os habitantes locais.

2.4. Principais ameaças

A causa fundamental de problemas no Pantanal é a substituição dos modelos socioeconômicos tradicionais de pecuária e pesca, por uma exploração intensiva (HARRIS *et al.*, 2005) ditada pelo avanço do capitalismo. Nogueira (1990) enfatiza que a economia predatória é uma característica instaurada no Pantanal e não é a prática dos pantaneiros que conviveram harmoniosamente com o ambiente por dois séculos.

O relato do entrevistado Paulo Robson de Souza exemplifica esta questão:

O pantaneiro tradicional é extremamente conservador da natureza, ele usa a natureza em seu favor. A caça dele é pra subsistência. Ele inclusive prefere o porco monteiro, que não é da nossa fauna, ao cateto e queixada que são porcos nativos. Eu nunca vi no Pantanal uma gaiola prendendo passarinho. É da cultura do pantaneiro não matar além da conta, não pescar além da conta. O Banducci⁴¹ fala que dois mitos que os pantaneiros acreditam que existam mesmo, trazem lições de conservacionismo. O dono dos porcos, por exemplo, um velhinho que anda em cima da vara de queixadas, ele dá uma surra no caboclo que ele fica dias e dias de cama porque o caboclo pegou 20 porcos, matou mais do que precisava. Pra que matar 20 porcos se não tem geladeira, que na época não tinha, e se quando precisar de mais porco vai lá e mata? E tem o Mãozão. Dizem que é um caboclo alto, bem grandão e que tem uma mão grande. Se o caboclo entrar no capão dele e tirar madeira que é dele, ele dá um susto no cara e bota a mão na cabeça dele que o cara fica desorientado e se perde no Pantanal. Então são vários mitos que concorrem para a conservação do Pantanal. O próprio regime de seca e cheia protege o Pantanal. Protege da chegada de sementes exóticas, se houver a manutenção do ciclo ela não se instalam. E os costumes deles, que eu acredito que deva herdar muito da cultura dos povos indígenas. (Informação verbal⁴²)

As potenciais ameaças à integridade ecológica do Pantanal afetam o bioma de forma direta, como a destruição ambiental, ou indireta, como a falta de uma legislação adequada ou por pressões econômicas, sendo enumeradas por Junk (2017, p. 17-18) em duas categorias:

1) Ameaças internas: Provenientes de atividades humanas dentro da área.

- a. Destruição de macrohabitats essenciais, por exemplo o desmatamento de capões e cordilheiras e outras áreas florestadas, drenagem de áreas pantanosas;
- b. Modificação da hidrologia, por exemplo, pela construção de estradas sem passagem para o fluxo de água;
- c. Exploração indevida dos recursos naturais (pesqueiros, madeireiros e não madeireiros, e da biodiversidade);
- d. Introdução descontrolada de organismos de outros ecossistemas, a exemplo do tucunaré, do búfalo e do javali;
- e. Poluição genética, pela produção descontrolada de híbridos de peixes, que podem escapar no meio ambiente.

2) Ameaças externas: ocorrem fora do bioma.

- a. Poluição por esgotos e resíduos domésticos dos tributários⁴³;
- b. Poluição por resíduos industriais e de mineração;

⁴¹ Álvaro Banducci Júnior é professor associado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul com experiência na área de Antropologia Social. Realiza pesquisas sobre os seguintes temas: Pantanal, pesca, turismo, fronteiras e manifestações festivas e religiosas. Informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/8256167155967725>.

⁴² Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 18 de julho de 2017. Transcrição no Apêndice 3 desta dissertação.

⁴³ Afluentes; rios ou riachos que desaguam em outro maior. Fonte: www.dicio.com.br.

- c. Aumento da carga sedimentar dos tributários, em consequência da erosão acelerada nas áreas agropastoris do planalto, por exemplo, do Rio Taquari;
- d. Construção de hidrelétricas, que modificam o pulso de inundação rio abaixo e interrompem a conectividade ao longo da calha do rio, interferindo, por exemplo, com as piracemas⁴⁴;
- e. Construção de hidrovias não adaptada ao leito natural do rio, que modificará o regime hidrológico, para atender interesses econômicos de grupos agindo fora do Pantanal;
- f. Falta de uma legislação específica de proteção e manejo, baseada no conhecimento científico;
- g. Falta de uma estrutura hierárquica clara e coerente dos diferentes órgãos executores para a sua implementação e gestão voltada à sustentabilidade;
- h. Mudanças do clima global.

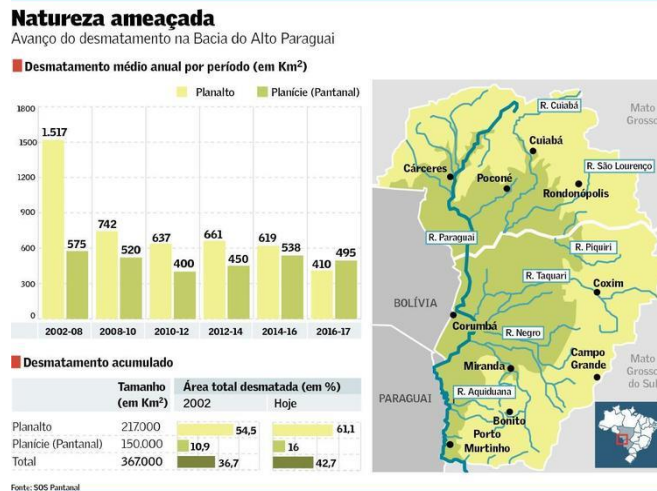
A nível de ameaças diretas, pode-se elencar que os 17% de áreas desflorestadas no Pantanal (MMA, 2016) avançam paralelamente a expansão da fronteira agrícola, o que representa um enorme risco perante a baixa resiliência⁴⁵ do bioma (SPACKI, 2014).

Apesar de ser apontado como o bioma mais preservado do país, mapeamentos regulares sobre o uso e cobertura vegetal do bioma apresentados pela ONG SOS Pantanal (2017), indicam que a região de planalto já perdeu 61% de sua vegetação original e a planície 16%. A estimativa é de que se o ritmo atual de desmatamento for mantido, sua vegetação original desaparecerá por completo dentro de 45 anos (MMA, 2016).

⁴⁴ Considerada a estratégia reprodutiva mais exaustiva dos peixes, a piracema ocorre entre novembro e fevereiro, quando machos e fêmeas migram rumo as cabeceiras dos rios no planalto. “Lá as fêmeas desovam, os machos fertilizam os ovos e, em seguida, todos retornam para a planície de inundação” (RESENDE, 2017, p. 11).

⁴⁵ “O conceito complementar de resiliência foi usado para caracterizar a habilidade de um sistema de retornar a um estado de referência após uma perturbação, e a capacidade de um sistema de manter certas estruturas e funções a despeito dessa perturbação. Se a resiliência é excedida, pode ocorrer colapso” (STEINER, 2007 *apud* MARQUES, 2015, p. 456).

Figura 14. Avanço do desmatamento no Pantanal



Fonte: <https://goo.gl/TihgTe>. Acesso em: 10/12/2017.

A crise da pecuária, citada anteriormente, foi o mote de entrada de novos colonos na região com práticas agrícolas baseadas na “substituição de pastagens nativas por espécies exóticas, a retirada da vegetação ciliar e o uso de biocidas” (FARIA e NICOLA, 2007). Essa pecuária não tradicional é tida como responsável pela maioria dos desmatamentos da vegetação pantaneira (ABDON *et al.*, 2006). Em torno de 40% das florestas e savanas foram removidas na planície para a formação de pastagens (HARRIS *et al.*, 2005).

O cultivo de soja no bioma também tem se intensificado, avançando das regiões de planalto para a planície (DIAS, 2017) e intensificando os problemas de poluição pelo uso de pesticidas e fertilizantes como observa o entrevistado Paulo Robson de Souza:

Hoje a soja está chegando no Pantanal. Em um estado cujo governador é produtor de soja e seus principais assessores estão voltados à produção agrícola, onde o Imasul⁴⁶, órgão ambiental, está subordinado a produção, o que se pode esperar de um estado deste? Não existem políticas estaduais voltadas a conservação do estado. Se houvesse, e o que eu vou te dizer é extremamente grave, eu vi, eu filmei, eu fotografei, ninguém me contou, se houvesse não haveria plantação de soja no alto da Serra da Bodoquena. Gente... que inteligência é essa que autoriza a produção de soja em uma área que é que nem um ralo? Porque no alto da Serra da Bodoquena, na região da morraria, que foi onde eu visitei, ali é local de grutas e cavernas. Tem local ali nas fazendas que você não anda 500 metros sem cair em um buraco. Aquilo ali é um ralo. E aquelas águas vão pra Bonito. Eu não me espanto se daqui a dois ou três anos encontrarem agrotóxicos nas águas de Bonito. Porque estão fazendo uma coisa que é contraproducente, que vai de encontro aos princípios básicos do que é conservação de lençol freático. E isto é público e notório, não precisa nenhum cientista avisar “olha, onde tem afloramento de lençol freático, de aquífero, não pode jogar veneno, não pode plantar nada que use veneno”. Então, infelizmente, há ganância da produção pela produção sem se preocupar com o que está rio abaixo. No caso da produção de energia elétrica é uma coisa absurda. Você produz energia elétrica, beneficia um fazendeiro e dane-se quem está rio abaixo. É a coisa mais

⁴⁶ Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <http://www.imasul.ms.gov.br/institucional/quem-somos/>

complicada do mundo trabalhar numa bacia se esquecendo que a parte baixa da bacia todinha também são produtores. Eu não estou sendo ambientalista, eu estou falando do produtor rural. O produtor rural que está no Pantanal vai ficar extremamente prejudicado com o que está sendo feito bacia acima. Quem vai jogar veneno no alto da Bodoquena vai prejudicar os fazendeiros que estão rio abaixo. O gado vai estar contaminado, os donos de fazenda que tem atrativo turístico vão perder turistas. (Informação verbal⁴⁷)

A ocupação pela agropecuária aumentou drasticamente o carreamento de sedimentos para os rios que abastecem o Pantanal, o que resultou no dramático caso de assoreamento do Rio Taquari-MS (CUNHA e JUNK, 2017), considerado o maior desastre ambiental de Mato Grosso do Sul. Processos similares estão em curso ao longo de outros tributários do Rio Paraguai. As observações apresentadas pelo pesquisador Paulo Robson de Souza em entrevista para esta dissertação, nos fornecem maior entendimento sobre este processo:

Nós temos um exemplo escandaloso de produtores rurais que tiveram suas terras desaparecidas. Eles não ficaram prejudicados, eles deixaram de ser fazendeiros. São os fazendeiros daquela região do delta do Taquari, que tiveram suas terras 100% alagadas porque o Taquari mudou de curso, porque houve aceleração do aumento da deposição de solos aluviais, o assoreamento, por conta do desmatamento nas regiões de cabeceira. Foi um processo que poderia ter sido evitado se políticas públicas tivessem sido evitadas. Naquela época era diferente de como é hoje. Naquela época o governo militar incentivava o povo a desmatar. O cara só tinha direito a posse se provasse que desmatou e fez benfeitorias. Era essa a condição pro Incra dar a posse pra ele. Eu não culpo os fazendeiros da época, o governo mandava. Eu vi documentos. Havia uma tremenda falta de conhecimento científico sobre a importância das nascentes, sobre a importância das áreas úmidas. O governo criou uma política de ocupação das áreas úmidas chamada Pró-Várzea na década de 70 e 80, e dava dinheiro pro pessoal esgotar as áreas de nascentes, as áreas úmidas, pra plantar. Ou seja, matando as cabeceiras, as nascentes dos rios. Isto foi política pública. Então foi fazendeiro prejudicando fazendeiro. Graças ao assoreamento do rio Taquari fazendeiros perderam suas terras da noite pro dia. sabe o que é ir lá de barco e ver a casa dentro d'água, o curral dentro d'água? Isso que aconteceu. O rio Taquari funciona como um chicote. Se você examinar os solos do delta do Taquari o leito foi mudando de lugar ao longo de milhares de anos. Se você pudesse olhar imagens a cada dez mil anos seria um desenho animado mudando a boca dele [como um chicote]. Esse processo acelerou. Então em vez de você ter uma mudança de boca de rio ao longo de milhares de anos, você teve essa mudança ao longo de 20, 30 anos. Em 20, 30 anos você teve o rio assoreado e a mudança do curso de rio. (Informação verbal⁴⁸)

Obras de infraestrutura controversas na região da Bacia do Alto Paraguai, como a proliferação de barramentos para geração de energia elétrica e o megaprojeto da Hidrovia Paraná-Paraguai (HPP), são outro ponto que merece grande atenção devido aos perigos que projetam para o pulso de inundação do Pantanal.

⁴⁷ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 18 de julho de 2017. Transcrição no Apêndice 3 desta dissertação.

⁴⁸ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 18 de julho de 2017. Transcrição no Apêndice 3 desta dissertação.

Faria (2016, p. 46) explica que “há séculos, os rios Paraná e Paraguai são utilizados como uma hidrovia natural para o transporte de pessoas e mercadorias”. A problemática atual se dá pelo porte das barcaças que se pretende fazer circular, para satisfazer interesses da agricultura industrial e da mineração. A ideia da HPP é transformar os principais rios pantaneiros em vias de transporte baratos para o agronegócio, por meio de pesadas intervenções de engenharia cujos danos serão irreversíveis.

Somam-se a estes impactos, a retenção de águas das “represas construídas, em construção e planejadas, na parte alta da Bacia do Rio Paraguai” (FARIA, 2016, p. 47). Já existem na região 38 empreendimentos em operação de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) e Usinas Hidrelétricas (UHEs) e mais 94 instalações previstas (ECOIA, 2017).

Esse *boom* de usinas se deve, em parte, a ideia de que tais empreendimentos seriam fontes limpas de geração de energia, uma vez que não emitem gases de efeito estufa e não necessitam de grandes reservatórios. Contudo, sua construção em série causa efeitos cumulativos e sinérgicos que afetam a quantidade e qualidade da água, bem como o fluxo de sedimentos e organismos. Outro trecho da entrevista concedida por Paulo Robson de Souza pode ilustrar esses efeitos:

Devagarinho, escondidinho estão fazendo barreiras nos rios para formar as usinas hidrelétricas de pequeno porte, as PCHs. Pela última conta que eu soube, era algo como 120 com previsão de instalação. Alguém pode chegar e dizer, “ah Professor, é apenas uma usinazinha pequena lá no alto do rio Fulano de Tal”. É, só que uma usina é uma coisa, 120 usinas é outra. Então nossos gestores não estão considerando o efeito somatório dessas usinas. A grande ameaça ao Pantanal hoje são estas usinas que vão alterar o regime de seca e cheia no Pantanal, vão interferir nessa alternância. Se isto acontecer o Pantanal vais estar perdidamente condenado, altamente prejudicado. Um fazendeiro fez um dique lá em Porto Murtinho. O dique como o nome está dizendo ele segura a água. Lá em Porto Murtinho a água fica represada durante três meses, é muito tempo. É diferente do restante do Pantanal. A água lá fica muito mais tempo represada. Só que esse dique a água ficou represada meses e meses. O que aconteceu? O Carandazal morreu. A palmeira carandá é super comum lá no Pantanal. Você anda quilômetros e quilômetros no meio do Carandazal, parece um oceano de carandás, eu fiz um sobrevoo lá e é dessa maneira. Um gigantesco Carandazal morreu. Você anda assim no meio dos carandás, forma o que eles chamam de paliteiro, aquele monte de palito de estirpe [caule] de carandá. Você anda 10, 20 minutos no meio disso. Tudo morto. É isso que vai acontecer no Pantanal. A alteração do regime de alternância de seca e cheia, o famoso pulso de inundação, ele vai acabar matando o Pantanal devagar e silenciosamente. (Informação verbal⁴⁹)

Muitos pesquisadores e ONGs tem questionado a real necessidade desses empreendimentos para a geração de energia elétrica para o país (CALHEIROS, 2014; ECOIA,

⁴⁹ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 18 de julho de 2017. Transcrição no Apêndice 3 desta dissertação.

2017). Ao que tudo indica, o Pantanal tem sido moeda de troca para beneficiar, nesse caso, o empresariado do setor energético, visto que o Governo brasileiro vem flexibilizando os licenciamentos ambientais e concedido incentivos financeiros para estes empreendimentos.

Ao se considerar que todo o potencial de geração hidrelétrica das usinas da BAP, atuais e previstas, seria responsável pela geração de somente 2% de energia para o país, e que 70% deste potencial já está instalado e em operação, torna-se extremamente questionável a real necessidade de continuidade de implantação deste modelo de uso dos recursos hídricos na região. Fere-se, inclusive, a essência do conceito de usos múltiplo (Lei de Recursos Hídricos 9.433/97) em uma região em que a pesca profissional-artesanal e turística tem enorme importância social e econômica. (CALHEIROS, 2014, p. 65)

No que tange processos que interferem indiretamente na planície, estudos apontam a elevação em 2°C a 3°C da temperatura média do Pantanal até 2040, podendo chegar a 7°C em 2100 (MARENGO, ALVES e TORRES, 2016).

Entre 2008 e 2013, Spacki (2014, p. 65) observou que as secas e cheias sofreram alterações apresentando características extremas, ou seja, estão maiores, em volume d'água, permanecem por maior tempo seco ou inundado, ou, ainda, ocorrem fora do intervalo de tempo esperado.

De acordo com Spacki (2014, p. 65) estes seriam “indicativos reais das alterações ambientais e das conseqüentes mudanças climáticas projetadas para a região, que já demonstram os potenciais impactos sobre os mais vulneráveis”. Em entrevistas à referida autora, moradores de comunidades pantaneiras relatam a percepção do aumento do calor, alteração das precipitações e o conseqüente aumento das queimadas, desbarrancamento das margens de rios, alteração no estoque pesqueiro e o aumento da decoada⁵⁰.

Um outro tipo de ameaça, mencionado em entrevista para esta dissertação, pela pesquisadora em Etnobotânica e Professora da UFMS, Ieda Bortolotto⁵¹, relaciona-se a perda de conhecimentos tradicionais. Com base em sua experiência, a pesquisadora explana que o conhecimento científico só se mantém à medida que as comunidades também se mantêm, pois elas possuem o conhecimento empírico, transmitido de geração a geração por meio da vivência e experimentação:

⁵⁰ Nome popular que se dá no Pantanal aos eventos anuais de alteração natural das características físicas e químicas da água durante a fase hidrológica de enchente e que podem ocasionar expressivas mortalidades de peixes (OLIVEIRA, CALHEIROS e PADOVANI, 2013).

⁵¹ Informações sobre a entrevistada constam no Apêndice 6 desta dissertação.

Eles têm conhecimentos associados, então na minha área eu trabalho com esses conhecimentos associados, e muitas dessas populações, pelo fato de elas não usarem mais plantas, porque eles não comercializam isso mais há muitos anos - falta de interesse do mercado também de procurar essas coisas - eles próprios estarem mudando um pouco a dieta deles, muitas dessas plantas que eles usaram na dieta, ou mesmo pra remédio no passado, elas estão se perdendo. Em função dessas mudanças, influenciados pelo comportamento de acesso a medicamentos, acesso ao mercado, coisa e tal, que a gente também tá mudando na cidade né. Em parte, porque as populações jovens já não ficam nessas comunidades, então não aprendem com as pessoas mais velhas, e aí vão abandonando isso. [...] Essas comunidades, muitas delas, estão se desestruturando. Apenas aquelas que tem um certo poder político de atuação e são mais fortalecidas, elas conseguem se manter. Então precisaria que houvesse algum investimento público no sentido de ter um olhar pra isso, pra que esses conhecimentos associados a essa biodiversidade se mantivesse, ou pelo menos que o ritmo de perda de conhecimento se desacelerasse (Informação verbal⁵²).

A superação destas, e de outras ameaças não mencionadas, ou que ainda podem surgir para o bioma, é obstaculizada sobretudo pela inexistência de uma lei federal que atenda as peculiaridades de seu regime hidrológico. Sua criação está prevista pela Constituição brasileira de 1988, mas 30 anos depois disso ainda não ocorreu.

Iniciativas entre Mato Grosso do Sul e Mato Grosso começam a surgir por meio de reuniões entre técnicos de meio ambiente dos respectivos estados, com a finalidade de que ações conjuntas possam ser adotadas e o Pantanal, efetivamente, seja conservado.

Figura 15. Mídia sul-mato-grossense veicula tentativas de aproximação entre MS e MT para uniformizar leis relativas ao Pantanal



Fonte: Jornal impresso Correio do Estado (14/04/2017) e site Campo Grande News (<https://goo.gl/Rx1UYQ>), respectivamente.

Em abril de 2018, durante audiência pública “Política de Gestão e Proteção do Bioma do Pantanal”⁵³ na Assembleia Legislativa de Mato Grosso do Sul, o senador pelo MS, Pedro Chaves, salientou que a falta de políticas públicas para a gestão do território trouxe prejuízos aos pantaneiros, comprometendo suas atividades de produção e suas rotinas pela falta de estradas, escolas e energia.

⁵² Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 21 de março de 2018. Transcrição no Apêndice 6 desta dissertação.

⁵³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KHnD-eCPEew&t=632s>.

2.5. Políticas públicas de proteção do Pantanal

A relevância nacional e internacional do Pantanal fez com que o bioma fosse proclamado Patrimônio Nacional pela Constituição Federal de 1988, Reserva da Biosfera⁵⁴ e Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO. Ademais a região congrega três dos doze Sítios Ramsar⁵⁵ existentes no Brasil.

Embora tenham valor estratégico e jurídico em alguns casos, e possam trazer oportunidades de desenvolvimento sustentável para a região, esses títulos não são suficientes para assegurar a proteção do território pantaneiro. Apenas cerca de 4,6% do bioma estão protegidos em Unidades de Conservação (UC): 19 delas de proteção integral (domínio público) e 34 Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPN) de domínio privado (IRIGARAY, 2017).

Uma crítica frequente é de que esses títulos, enquanto iniciativas de conservação, não envolvem a população da região e de mesmo modo não materializam a preocupação da sociedade em ações concretas. Um exemplo é o caso da Reserva da Biosfera (RB) do Pantanal. Criada no ano 2000, ainda hoje sua implementação enfrenta resistência pelos pantaneiros que, em parte, se veem ameaçados por desconhecerem o propósito, atividades, quais as benesses do título ou como participar da área protegida (SANTOS *et al.*, 2017).

Em fevereiro de 2018, durante o seminário “Conhecendo a Reserva da Biosfera”⁵⁶, que ocorreu em Campo Grande (MS), a grande preocupação colocada por pecuaristas, por exemplo, relacionava-se ao fato de temerem novas restrições sobre a ocupação do território. Na ocasião o representante da UNESCO, Massimiliano Lombardo, explicou que o título não impõe nenhuma regra nova, considerando apenas o que já está previsto pela legislação vigente.

As Reservas da Biosfera são modelos de gestão integrada, participativa e sustentável dos recursos naturais onde se desenvolve pesquisa científica, experimentação e

⁵⁴ “As Reservas da Biosfera (RBs) existem desde 1976. Foram instituídas no âmbito da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) com o objetivo de promover a conciliação da conservação da biodiversidade com o seu uso sustentável, assim como a valorização das culturas regionais. As RBs são um modelo de gestão territorial e podem auxiliar na promoção de produtos e serviços oriundos da sociobiodiversidade” (SANTOS *et al.*, 2017, p. 49).

⁵⁵ São áreas úmidas de importância internacional listadas pelas Convenção Ramsar.

⁵⁶ Participei como ouvinte do evento que ocorreu no dia 23/02/2018 no auditório do Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (IMASUL).

demonstração de enfoques para conservação e desenvolvimento sustentável, com o fim de atender as necessidades da comunidade local e propiciar um melhor relacionamento entre os seres humanos e o meio ambiente (MMA, s/d, *online*).

Na prática, um exemplo palpável são as atividades desenvolvidas pela Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, a primeira do país, criada em 1991 para salvar áreas remanescentes do bioma. A RB Mata Atlântica (RBMA) tem como uma de suas estratégias a certificação dos produtos provenientes das comunidades que vivem nessas áreas e que produzem a partir de recursos naturais de forma sustentável. Uma maneira de agregar valor, possibilitando mais renda as famílias e estimulando a conservação do bioma. A RBMA também criou um selo de certificação para empresas que desenvolvam ações em prol da conservação e uso sustentável da Mata Atlântica, denominado Empresa Amiga da Mata Atlântica. E ainda há o Prêmio Muriqui, que reconhece o trabalho de pessoas físicas e entidades públicas e privadas que atuem em favor do bioma.

O não cumprimento satisfatório de seus objetivos e funções principais em 15 anos fez com a RB Pantanal fosse notificada pela UNESCO em 2016 sobre uma possível retirada do título. A UNESCO exige que as RBs enviem uma revisão periódica de suas articulações realizadas a cada dez anos, o que não aconteceu com a RB Pantanal⁵⁷.

Figura 16. Notícia sobre possibilidade do Pantanal deixar de ser considerada RB pela UNESCO



Fonte: Capa do jornal impresso Correio do Estado, edição nº 20.149 de 5 de fevereiro de 2017.

Diante dessa possibilidade, representantes do Governo Federal (MMA e ICMBio) e dos Estados de MS e MT (órgãos estaduais de meio ambiente, ONGs, proprietários de RPPNs, instituições de pesquisa, universidades e empreendimentos sustentáveis) mobilizaram esforços para estabelecer prioridades, estratégias e um plano de ações e atividades que garantissem a gestão da RB de acordo com as diretrizes da UNESCO (SANTOS *et al*, 2017).

⁵⁷ Informação colhida durante o seminário “Conhecendo a Reserva da Biosfera” mencionado anteriormente.

A gestão de cada Reserva da Biosfera é feita por um Conselho Deliberativo, que tem como objetivos principais: Aprovar a estrutura do sistema de gestão de sua RB e coordená-lo; Elaborar planos de ação da RB, propondo prioridades, metodologias, cronogramas, parcerias e áreas temáticas de atuação; Reforçar a implantação da RB pela proposição de projetos pilotos em pontos estratégicos de sua área de domínio. (MMA, s/d, *online*)

A mobilização emergencial garantiu a manutenção do status de RB para o Pantanal. Desde então, ações conjuntas têm sido articuladas entre MS e MT visando aprimorar o sistema de gestão, promoção de conhecimento científico e tradicional, estratégias de comunicação e marketing do bioma e mapeamento de iniciativas de conservação e desenvolvimento sustentável entre outras.

2.6. Marcos regulatórios

A importância internacional da preservação de áreas úmidas foi reconhecida por normas com efeito jurídico adotadas pelo Brasil e que nortearam ações para o Pantanal. Dentre estas, destacam-se a Convenção de Ramsar ⁵⁸e o Tratado da Bacia do Prata. Embora sejam de grande relevância, essas medidas não são suficientes para assegurar a proteção das áreas úmidas “sem que legislação federal contemple minimamente medidas assecuratórias” (IRIGARAY, 2015, p. 207).

Por não possuir uma legislação própria regulamentando a utilização de seus recursos naturais, o Pantanal fica sob a tutela de “algumas leis federais, naquilo que forem compatíveis” (CUNHA, 2017, p. 27). Entre tais normas jurídicas Braun (2017) destaca a Política Nacional do Meio Ambiente (Lei n. 6.938/81), a Lei de Crimes Ambientais (Lei n. 9.605/98) e o Novo Código Florestal (Lei n. 12.651/2012), sendo o último tomado como atual referência.

Com o Novo Código, ficou incumbida aos estados de MS e MT a tarefa de elaborar leis de proteção e desenvolvimento de atividades econômicas no Pantanal. Mato Grosso, região que congrega 35% do bioma, já contava com um dispositivo legal próprio, a Lei Estadual nº 8.830/2008. Em Mato Grosso do Sul, é o Decreto nº 14.273/15, baseado no Novo Código, que dispõe sobre a Área de Uso Restrito da planície inundável e dá outras providências.

⁵⁸ Tratado intergovernamental assinado entre 160 países, em 1971, na cidade iraniana de Ramsar. Inicialmente teve o objetivo de conservar habitats aquáticos essenciais para a sobrevivência de aves migratórias. Ao longo do tempo teve seu escopo ampliado para as demais áreas úmidas de modo a promover a manutenção da diversidade de espécies e, ao mesmo tempo, o bem-estar das populações humanas (IRIGARAY, 2015).

Irigaray (2015, p. 204) indica que o quadro legal existente não só “mostra-se insuficiente para coibir as ameaças que colocam em risco o equilíbrio ecológico do bioma”, mas, mais que isso, ressalta que o Novo Código Florestal representou um grande retrocesso para o Pantanal. Principalmente no que concerne a redução significativa de áreas de preservação permanente (APP).

Junk e Cunha (2017) alegam que apesar de sua implementação ter sido parcial, o Código Florestal de 1965, no Art. 2º, modificado pela lei 7.803, de 18 de julho de 1989, forneceu uma proteção adequada para as AUs visto que considerava “as florestas e demais formas de vegetação natural, situadas: a) ao longo dos rios ou de qualquer curso d’água desde o seu nível mais alto” (LEI Nº 7.803/1989) como áreas de preservação permanente (APP).

Pelo Novo Código, essas APPs ciliares passaram a ser “as faixas marginais de qualquer curso d’água natural perene e intermitente, excluídos os efêmeros, desde a borda da calha do leito regular” (LEI Nº 12.651/2012). Isto é, ao regulamentar apenas a área onde a água do rio normalmente corre, o Novo Código excluiu os ecossistemas de pulso, caso do Pantanal, facilitando sua destruição (JUNK e CUNHA, 2017).

A referência à largura da calha regular não aborda o mais importante dos aspectos nesses sistemas, que é a extensão e expansão lateral dessas áreas úmidas, que varia ao longo da paisagem e do ano. Por exemplo, na entrada da planície Pantaneira, a área úmida do Rio Cuiabá é estreita, mas dentro da planície é muito larga, apesar de o leito regular ter a mesma largura. Desta forma, é evidente que a proteção eficiente das áreas só é possível usando o nível máximo de inundação como ponto de referência (PIEDADE *et al*, 2012, p. 13).

Na tentativa de compensar a negligência, pantanais e planícies pantaneiras foram diferenciados como área de uso restrito inseridas no Artigo 10º do Novo Código que prevê:

Art. 10. Nos pantanais e planícies pantaneiras, é permitida a exploração ecologicamente sustentável, devendo-se considerar as recomendações técnicas dos órgãos oficiais de pesquisa, ficando novas supressões de vegetação nativa para uso alternativo do solo condicionadas à autorização do órgão estadual do meio ambiente, com base nas recomendações mencionadas neste artigo (LEI Nº 12.651/2012).

A regra, no entanto, é considerada genérica e meramente retórica na avaliação de Irigaray (2015, p. 210), pois não tem o alcance necessário e tampouco efetividade, uma vez que: recomendações técnicas não possuem força normativa; os órgãos oficiais de pesquisa e a forma como devem emitir suas recomendações não são especificados; não há um Plano Nacional de Zonas Úmidas; as pesquisas que poderiam embasar a atuação das agências estaduais de meio ambiente não são sistematizadas; e ainda “há uma notória pressão no

parlamento brasileiro para reduzir as áreas protegidas e abrir espaço para expansão do agronegócio, com a flexibilização da legislação ambiental brasileira”. Por isso o autor ressalta que é premente a necessidade de um marco regulatório efetivo que trate de forma diferenciada esses ambientes.

2.7. Lei Federal do Pantanal

Até uma década atrás políticos e administradores tratavam o Pantanal como uma unidade uniforme, deixando de lado o fato de que possui uma fase terrestre e uma fase aquática, e adotando apenas “uma legislação formulada para o manejo de ecossistemas terrestres” (JUNK e NUNES, 2017, p. 146).

Em 2011 o então senador Blairo Maggi (PP⁵⁹/MT), atual ministro da Agricultura, propôs o Projeto de Lei do Senado (PLS) n° 750, conhecido como Lei Federal do Pantanal⁶⁰, que dispõe sobre a política de gestão e proteção do bioma. O texto teve a norma estadual de Mato Grosso (Lei 8.830/2008) como ponto de partida para sua construção. Em virtude disso apresenta problemas similares como o esvaziamento sociocultural.

É imperativo reconhecer que no Pantanal vivem populações tradicionais que há mais de dois séculos promovem uma utilização sustentável dos recursos naturais e que, por isso, devem ser ouvidas nesse processo legislativo, certamente sem excluir outros grupos de interesse que também podem contribuir para que a lei federal a ser aprovada não enfrente resistências em sua implementação (SOUZA e IRIGARAY, 2017, p. 54).

A matéria, em tramitação, já passou pela Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ), pela Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) e aguarda aprovação da Comissão de Meio Ambiente (CMA) para onde foi encaminhada em 29/11/2017.

Desde que foi proposta, a Lei Federal do Pantanal tem sido amplamente discutida por órgãos técnicos, instituições científicas, universidades, ONGs e sociedade civil a fim de contribuir para seu aprimoramento. Em audiência pública realizada pela Comissão de Meio Ambiente do Senado Federal⁶¹, em novembro de 2017, a pesquisadora Cátia Nunes da Cunha, do Centro de Pesquisas do Pantanal (CPP) recomendou alguns pontos em que a proposta deve ser ajustada:

⁵⁹ Partido Progressista

⁶⁰ PROJETO DE LEI DO SENADO N° 750, DE 2011. Dispõe sobre a Política de Gestão e Proteção do Bioma Pantanal e dá outras providências. Disponível em: <https://goo.gl/nCkFPw>, página 55073 à 55079.

⁶¹ 28ª Reunião Extraordinária da 3ª Sessão Legislativa Ordinária da 55ª Legislatura. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/multimedia/evento/77639>

1. A Lei deve reconhecer o Pantanal como área úmida:

- A norma deve considerar a bacia hidrográfica enquanto unidade de gestão considerando os planaltos adjacentes. Isso ampliaria o escopo da lei, estendendo a área de proteção aos rios na região do Cerrado que drenam para o Pantanal;

2. A normatização não deve contemplar apenas os aspectos de navegação comercial e a construção de estradas, como está previsto, mas também a construção de hidrelétricas:

- As embarcações devem ser adaptadas aos rios e o transporte de produtos potencialmente perigosos deve ser proibido;
- Intervenções irreversíveis, que alterem a velocidade de escoamento, o volume da água e a capacidade de transporte de sedimentos – como no caso de estradas e hidrelétricas no Pantanal – devem ser vedadas.

3. Um conselho gestor deve ser formado por órgãos federais e estaduais (MS e MT), e as instituições oficiais de pesquisa que contribuirão com apoio técnico-científico a essa gestão devem ser regulamentadas:

- Uma vez que a proposta partiu de um parlamentar ela fica restrita a estabelecer normas gerais não podendo, por exemplo, impor aos estados que criem um órgão de gestão. A alternativa é que a Lei Federal estabeleça uma estrutura de gestão mínima com a criação de um Conselho Gestor integrado pelos dois estados onde participem as organizações oficiais de pesquisa referenciadas pelo Código Florestal. Desse modo os estados podem agir em sincronia, e não cada um fazendo o que quer, ou deixando de fazer o que deve ser feito (IRIGARAY, 2017).

4. A Lei nº 12.651 precisa se adequar a fim de uniformizar as regras sobre reserva legal entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul:

- O novo Código Florestal incumbiu aos estados de MS e MT a tarefa de elaborar leis de proteção e desenvolvimento de atividades econômicas no Pantanal o que abriu brechas para o avanço do desmatamento (DIAS, 2017).

5. As restrições que incidem sobre cada ambiente (macrohabitats) que compõe o Pantanal devem ser indicadas efetivamente:

- Essa medida busca viabilizar a potencialidade de uso e manejo sustentável dentro do bioma. “É recomendável que se dê substância ao conceito de áreas de uso restrito, indicando quais os macrohabitats que assim devem ser

considerados e quais as restrições de uso que devem estar previamente definidas” (IRIGARAY *et al*, 2017, p. 133).

6. A questão dos instrumentos econômicos, no caso o mecanismo de Pagamento por Serviços Ambientais (PSA), deve ser inserido e regulamentado no PLS:

- Neste ponto é importante lembrar que 90% do Pantanal são áreas privadas. A rentabilização direta dos serviços ecossistêmicos, na forma de compensações e incentivos fiscais, favorece a conservação e a criação de RPPNs.

Ainda que a proteção legal não seja tudo, e quanto a isso Irigaray (2017) observa a situação de desobediência civil que mostra a expansão da fronteira agrícola, é através do marco regulatório que as políticas públicas poderão acontecer de fato, e órgãos competentes, como o Ministério Público, por exemplo, poderão cobrar medidas de órgãos ambientais quanto a proteção do Pantanal.

2.8. Pantanal, um laboratório vivo

A complexidade ecológica do Pantanal exige respostas igualmente complexas na formulação de estratégias para sua conservação. A produção sistemática de conhecimentos científicos multidisciplinares é uma condição imprescindível nesse sentido. Seja contribuindo para a evolução de ações em curso, ou propondo novos caminhos que efetivem seu uso sustentável.

Junk e Cunha (2017, p. 141) registram que “há cerca de três décadas, o Pantanal mato-grossense está no centro de interesse da comunidade científica brasileira e mundial”. Conforme os autores, o interesse inicial das pesquisas foi pautado por seus aspectos biológicos, como as plantas superiores e os peixes do Pantanal. As pesquisas evoluíram ganhando uma abordagem multidisciplinar, mas há defasagens. “O Pantanal é uma região extremamente desconhecida do ponto de vista social. Há um grande número de comunidades que vivem na planície e das quais pouco ou nada se sabe” (BRUM, 2001, p. 42).

Dados levantados nas plataformas Web of Science (WoS), no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), durante maio de 2017, apontam que os maiores números das pesquisas prevalecem nas áreas de concentração da Ecologia e das Ciências Ambientais. Sob esta ótica é preciso refletir e valorizar as pesquisas voltadas as

Ciências Humanas, pois nenhum ecossistema pode ser compreendido sem considerar as práticas sociais dos atores que dele compartilham.

Esta planície tem sido habitada por distintos povos desde tempos imemoriais. Fossem as centenas de tribos indígenas que ali viveram antes da expulsão pelo homem branco, fossem as populações rurais com suas diversas atividades econômicas, esses povos conseguiram manter uma relação de razoável equilíbrio com o ambiente local. Falar em Pantanal, portanto, implica em tratar de sua gente, do modo como estabeleceram um convívio de baixo impacto com um ambiente tão frágil e importante. (Trecho de entrevista concedida pelo Antropólogo Álvaro Banducci Jr. à BRUM, 2001, p. 24)

O avanço das investigações fez com que o bioma chegasse ao grupo das grandes AUs mais bem estudadas no Brasil, mas comparados a outros biomas, e diante do cenário atual de seus desafios, o volume de pesquisas ainda não é suficiente.

Em uma pesquisa simples na ferramenta de pesquisa Scopus utilizando o nome do bioma adicionado a palavra “conservação” encontramos 159 referências para o Pantanal, bastante diferente da Amazônia ou Mata Atlântica com 1319 e 1405, respectivamente. É possível refletir sobre algumas prováveis razões, como: o Pantanal é considerado um ambiente preservado, em que o desmatamento de áreas nativas é menos que 17% (IBAMA 2012), aproximadamente 95% dos 140 000 Km² do bioma são de posse privada, com poucos conflitos relacionados à posse da terra (HARRIS et al., 2005); e existem poucos registros de espécies endêmicas na região (JUNK et al., 2006). Assim, não é surpresa que o Pantanal não seja incluído na maioria dos mapas de áreas prioritárias para conservação (JENKINS et al., 2013; MYERS et al., 2000; OLSON and DINERSTEIN, 2002) sendo considerado, por alguns, um lugar intocado (DESBIEZ, 2009) livre de ameaças. (CHIARAVALOTTI, 2016, p. 311)

Bortolotto, em entrevista para esta dissertação, coloca que apesar de já haver um bom volume de conhecimento sobre o uso da biodiversidade do Pantanal, existe um potencial futuro que a universidade ainda não tem capacidade para estudar. Esse conhecimento potencial mantém-se com as pessoas que habitam no território, observam isso no seu dia a dia e acumulam informações. Desse modo, a pesquisadora acredita que a universidade precisa interferir para que esse conhecimento não se perca, entretanto são necessárias políticas públicas que entendam a importância disso e promovam repasse de recursos para que projetos e estudos sejam desenvolvidos no bioma:

A gente fala muito da Amazônia, porque a Amazônia é muito rica em conhecimento científico sobre plantas medicinais, sobre plantas alimentícias, mas o Pantanal também tem. Mesmo nas grandes fazendas, não precisa ser só comunidade tradicional. Você tem o peão, a pessoas que mora lá no local, ele usa aquela biodiversidade. Isso é uma forma de conhecer, você não pode desprezar isso. E a gente não sabe o quê desse conhecimento a gente poderia usar no futuro. Assim como a gente tá crescendo dentro da universidade, dentro das instituições de pesquisa, essas comunidades também mudam no dia a dia. Elas não são estáticas. Algum conhecimento se perde com certeza, mas outros vão sendo incorporados. A ideia não é que a gente preserve aquilo e deixe a comunidade do jeito que elas são

pra gente. Ficar como teste lá? Não! Elas têm que viver a vida delas, tem que passar por esse movimento, mas o que a gente percebe... Por exemplo... eu tenho trabalhado com várias comunidades. Em algumas eu encontro pessoas que sabem coisas que nenhuma outra pessoa mencionou no grupo de mais de 100, 150 pessoas que eu entrevistei. E conhecimento sobre plantas estratégicas! Então o que acontece quando aquela pessoa morre? Aquele conhecimento, teoricamente, não está mais naquele local. Então, pode ser que, como não são plantas exclusivas do Pantanal, em outros locais eles existam, mas naquele local o conhecimento tá perdido. Então pra você recuperar aquilo, levar esse conhecimento, mesmo que a gente tenha esse conhecimento na academia, levar de volta, custo financeiro, tempo, e você [precisa] encontrar pessoas dispostas a aprender sobre aquilo. (Informação verbal⁶²)

Da perspectiva do entrevistado Arnildo Pott, as pesquisas sobre o Pantanal têm sido muito segmentadas, pontuais e heterogêneas, o que gera um descompasso. Por um lado, há áreas muito conhecidas, por outro, áreas das quais pouco se sabe. Além disso, em sua percepção, o número de pesquisadores é relativamente pequeno.

Levantamentos cienciométricos nas áreas de sensoriamento remoto (LIMA et al, 2016), unidades de conservação (BITTENCOURT e DE PAULA, 2012) e serapilheira⁶³ (BATISTA et al, 2016) são unânimes quanto a carência de informações sobre o Pantanal e que por isso, haja a vista sua significância, se dedique mais atenção ao bioma.

Não é pretensão deste trabalho traçar um panorama detalhado ou uma análise cienciométrica sobre as pesquisas do bioma Pantanal de diferentes áreas do conhecimento, mas destacar a importância de estudos desta natureza, para uma compreensão mais ampla do bioma.

2.8.1. Publicações no Brasil e no mundo

Estudos sobre o Pantanal, realizados em diversas instituições de pesquisas, universidades e ONGs do mundo – muitas em parceria -, estão indexados em diferentes bases de dados e plataformas de produção acadêmica, em forma de dissertações, teses, relatórios e artigos em periódicos científicos, entre outras formas de disseminação científica.

As bases de dados se configuram como importantes fontes de indicadores da atividade científica através de métricas de citações indexadas. Uma das plataformas utilizada nesta pesquisa foi a Web of Science (WoS) que cobre aproximadamente 12.000 periódicos científicos em sua coleção. Uma consulta realizada no dia 9 de maio de 2017, apontou a

⁶² Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 21 de março de 2018. Transcrição no Apêndice 6 desta dissertação.

⁶³ Camada superficial de material orgânico em diversos estágios de decomposição disposto sob o solo (BATISTA et al, 2016).

existência de 1.449 documentos publicados com a palavra-chave “Pantanal”. A instituição com maior número de registros é a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), seguida da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). A diferença de caráter quantitativo entre as duas universidades federais, talvez se dê em razão da UFMT ter sido criada em 1970, enquanto a UFMS só viria a ser federalizada em 1979, com a divisão do estado de MT, que deu origem a MS (1977).

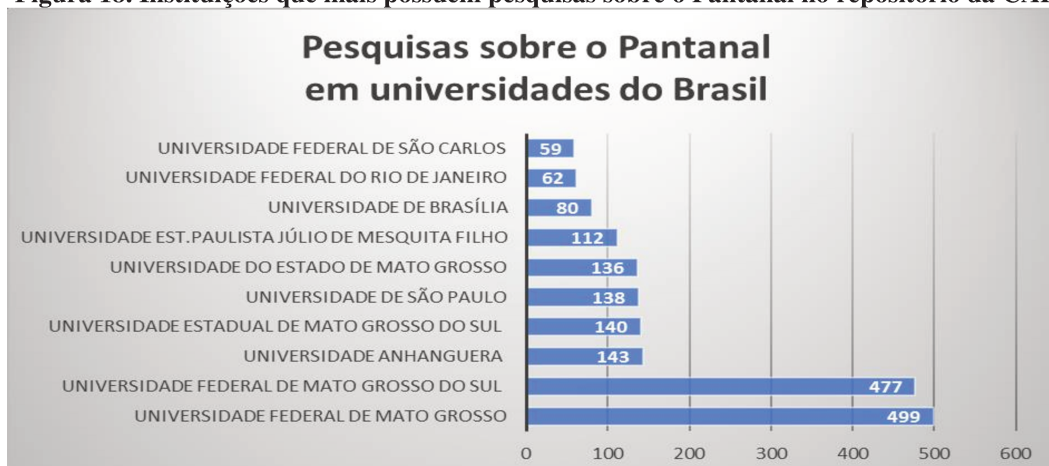
Figura 17. Instituições que mais possuem pesquisas publicadas sobre o Pantanal no Web of Science

Campo: Organizações	Contagem do registro	% de 1449	Gráfico de barras
UNIV FED MATO GROSSO	208	14.355 %	■
UNIV FED MATO GROSSO DO SUL	157	10.835 %	■
UNIV SAO PAULO	153	10.559 %	■
EMBRAPA PANTANAL	125	8.627 %	■
UNIV FED RIO DE JANEIRO	70	4.831 %	■
UNIV ESTADUAL PAULISTA	69	4.762 %	■
EMBRAPA	61	4.210 %	■
UNIV ESTADUAL MARINGA	46	3.175 %	■
UNIV BRASILIA	45	3.106 %	■
UNIV FED SAO CARLOS	37	2.553 %	■

Fonte: www.webofknowledge.com. Acesso: 09/05/2017.

Esta tendência também é observada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES. O repositório nacional congrega pesquisas de 1987 até os dias atuais. Sua atualização ocorre anualmente por meio dados fornecidos pelos programas de pós-graduações do país. A busca pela palavra-chave “Pantanal” revelou a existência de 2.516 trabalhos realizados em 103 instituições de ensino superior brasileiras.

Figura 18. Instituições que mais possuem pesquisas sobre o Pantanal no repositório da CAPES



Fonte: CAMPOS, Luana. Dados coletados em maio de 2017.

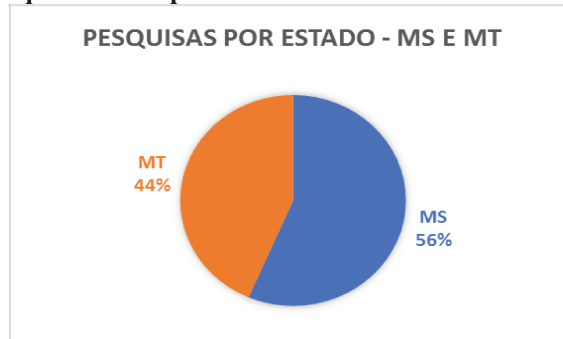
Como esperado, observa-se que a maior parte da produção de conhecimento científico sobre o Pantanal concentra-se entre os estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. De acordo com dados obtidos no repositório da CAPES, observa-se que entre estes estados Mato Grosso do Sul supera Mato Grosso.

Tabela 1. Pesquisas com a palavra-chave Pantanal em IES de MS e MT no repositório da CAPES

UF	INSTITUIÇÃO	Nº DE PESQUISAS
MS	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)	477
	UNIVERSIDADE ANHANGUERA (UNIDERP/ANHANGUERA)	143
	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL (UEMS)	140
	UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (UFGD)	47
	UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB)	45
MT	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)	499
	UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO (UNEMAT)	136
	UNIVERSIDADE DE CUIABÁ (UNIC)	18
	INSTITUTO FEDERAL DE MATO GROSSO (IFMT)	4
TOTAL:		1.491

Fonte: CAMPOS, Luana. Dados coletados em maio de 2017.

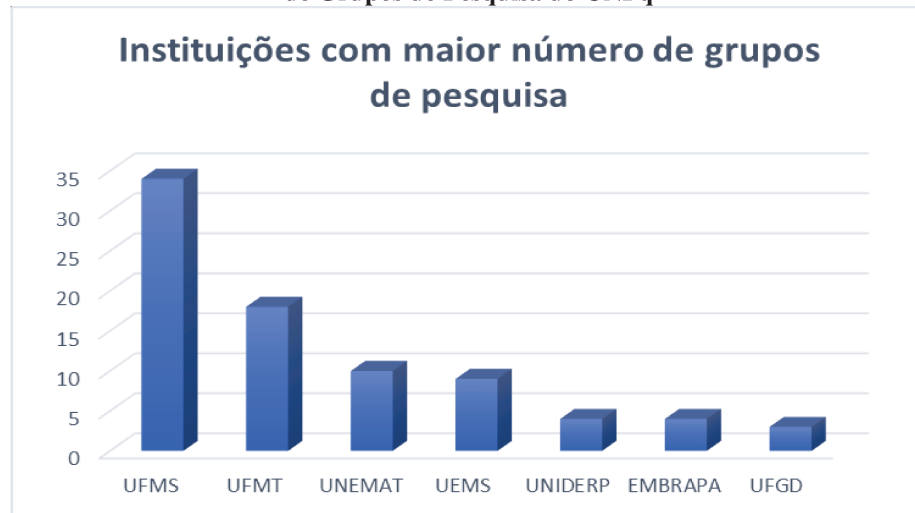
Figura 19. Percentual de pesquisas com a palavra-chave Pantanal em MS e MT no repositório da CAPES



Fonte: CAMPOS, Luana. Dados coletados em maio de 2017.

O Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) também fornece números que demonstram a movimentação da atividade científica sobre o Pantanal. A busca pela palavra-chave “Pantanal” apareceu como objeto de estudo em 92 grupos registrados – certificados, em preenchimento e excluídos - em 17 universidades e instituições de pesquisa brasileiras. A UFMS é a primeira da lista com 32 grupos, seguida pela UFMT com 18 grupos.

Figura 20. Instituições brasileiras com maior número de grupos de pesquisa sobre o Pantanal no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq



Fonte: CAMPOS, Luana. Dados coletados em maio de 2017.

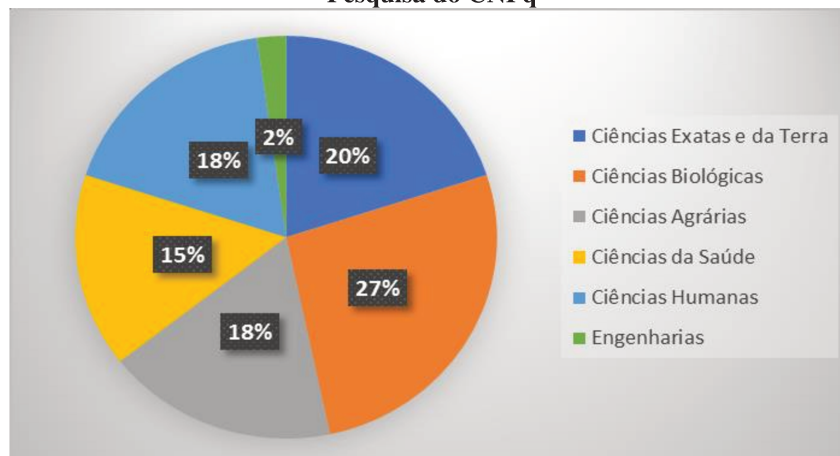
Os que esses números podem nos levar a refletir é sobre a maior parcela de responsabilidade que as instituições de pesquisa públicas destes estados (MS e MT) tem em promover o conhecimento científico sobre o bioma para a população geral. Além disso é de suma importância que contribuam com os debates públicos que envolvem o Pantanal de modo a buscar soluções para os impasses entre os diferentes segmentos que habitam a região, conciliando interesses na medida do possível. Isso porque, do ponto de vista de Moraes, Sampaio e Seidl (2001, p. 7) existe uma “incompatibilidade intrínseca” entre alguns tipos de usos de áreas pantaneiras, como por exemplo ecoturismo e exploração sustentável de madeira.

2.8.2. As pesquisas sobre o Pantanal em Mato Grosso do Sul

Afunilando a análise para Mato Grosso do Sul, especificamente para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), observa-se que há abundância e diversidade dos trabalhos desenvolvidos, mas pouca divulgação nos portais institucionais e na mídia em geral (como aponta o Capítulo 4: “O Pantanal na Mídia”).

O número de grupos de pesquisa encontrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) foi: 34 vinculados a UFMS (Anexo 1) – dos quais 27 certificados, 5 excluídos e 2 em preenchimento; e nove vinculados a UEMS (Anexo 2) – todos certificados. A maior parte dos grupos de pesquisas são da área das Ciências Biológicas.

Figura 21. Áreas de concentração dos grupos de pesquisa sobre o Pantanal no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq

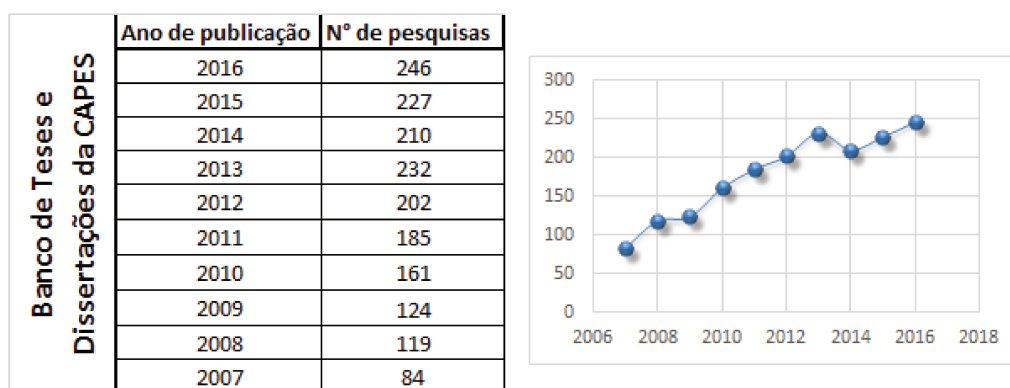


Fonte: CAMPOS, Luana. Dados coletados em maio de 2017.

Considerando apenas os grupos certificados, que se supõe estejam atuantes, de modo individual, na UEMS o predomínio dos grupos registrados concentra-se na área de Ciências Agrárias, enquanto na UFMS o predomínio é das Ciências da Saúde.

Dados coletado nas plataformas CAPES e WoS ainda apontam um relativo crescimento nos números das pesquisas sobre o Pantanal entre os anos de 2007 e 2016. Para Bortolotto⁶⁴, um dos motivos desse aumento foi a visibilidade que o Pantanal ganhou ao ser reconhecido como Patrimônio Natural da Humanidade, o que acabou promovendo um interesse maior pelo bioma não só das instituições de pesquisa brasileiras como de outros países.

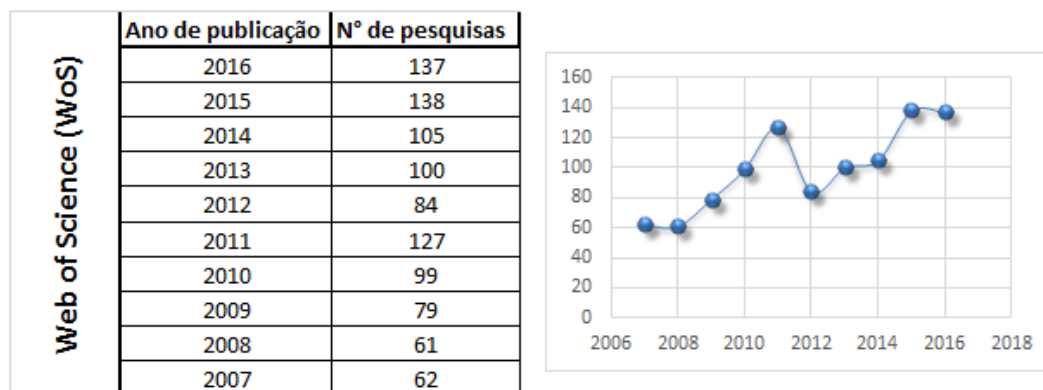
Figura 22. Número de publicações com a palavra-chave “Pantanal” por ano no repositório da CAPES



Fonte: CAMPOS, Luana. Dados coletados em maio de 2017.

⁶⁴ Informações concedidas durante entrevista para esta dissertação (Apêndice 6).

Figura 23. Número de publicações com a palavra-chave “Pantanal” por ano no Web of Science



Fonte: CAMPOS, Luana. Dados coletados em maio de 2017.

Bortolotto, ainda aponta como responsável o crescimento que as universidades, em especial as públicas, tiveram no sentido de aumentar o corpo docente, o número de pesquisadores e a qualificação dos mesmos para atuarem no Pantanal nas últimas duas décadas, em conjunto com a expansão de políticas sociais dos últimos governos:

Eu acho que teve também influencia das políticas públicas, que forneceram mais recursos, financeiros mesmo, pra que essas pesquisas fossem realizadas. Na minha área específica [Etnobotânica], tenho certeza de que as políticas públicas dos últimos 10 anos, que proporcionaram editais pra atender comunidades por exemplo, pequenas comunidades, foi fundamental. Se eu for considerar, por exemplo, eu tô na universidade há 26 anos, seu eu for comparar os últimos 10 anos com os anos anteriores, o perfil dos editais onde eu pudesse encaixar projetos de pesquisa na área de Etnobotânica, ele foi muito mais específico nos últimos anos, o que eu acho que tem a ver com as políticas sociais dos últimos governos, e que permitiram que fossem desenvolvidas tanto atividades de pesquisa como de extensão. Mas de maneira geral, eu acho que tem a ver com o crescimento das universidades, do número de docentes e da qualificação também, e dessas políticas que tornaram o Pantanal mais visível, mostrando as demandas. E aí tem a ver tanto com a área de comunicação, de jornalismo e tudo mais, das mídias né, quanto da divulgação científica, que também cresceu. (Informação verbal⁶⁵)

A visão exposta por Pott, durante entrevista para esta dissertação, é de que este aumento relativo associa-se ao aumento de cursos de Biologia e pós-graduações correlatas a área. No entanto ele acredita que esse crescimento das pesquisas não tem ocorrido na velocidade que deveria, ou com uma interação satisfatória. Segundo o pesquisador, “por exemplo tem alguns pesquisadores no Paraguai, alguns pesquisadores na Bolívia e a gente pouco interage”.

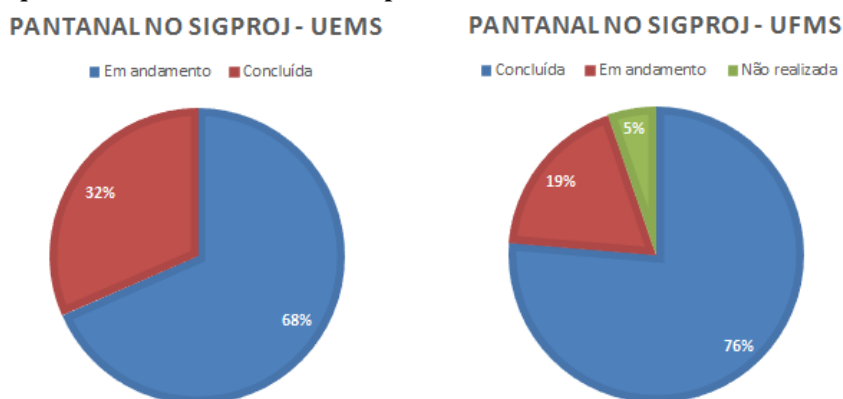
A análise das entrevistas aponta que a maior parte do financiamento das pesquisas sobre o Pantanal provém em especial da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino,

⁶⁵ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 21 de março de 2018. Transcrição no Apêndice 6 desta dissertação.

Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT). Também houve menção ao CNPq e ao Ministério da Educação. A falta de recursos é percebida como a principal dificuldade para realização de pesquisas no bioma, o que tem se agravado com os cortes governamentais realizados nos últimos anos na área de Educação e C,T &I.

Uma busca realizada em 04/12/2017 na plataforma SIGPROJ⁶⁶, utilizando a palavra-chave Pantanal revelou a existência de 190 projetos, sendo 148 de pesquisa e 42 de extensão na UFMS (Anexo 3), e 19 projetos da UEMS (Anexo 4), sendo 11 de pesquisa e 8 de extensão. As pesquisas são classificadas como em andamento, concluídas e não realizadas.

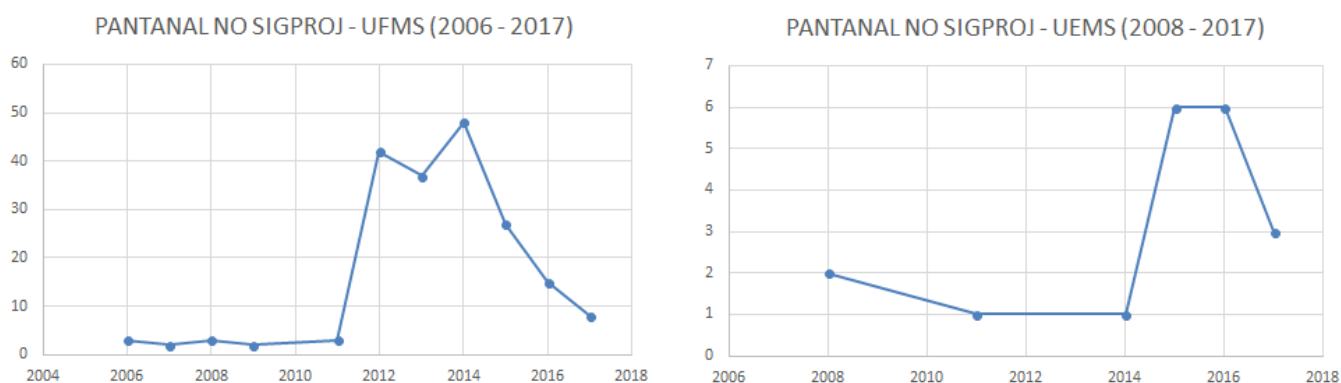
Figura 24. Pesquisas da UFMS e UEMS com a palavra-chave “Pantanal” cadastradas no SIGPROJ



Fonte: CAMPOS, Luana. Dados coletados em dezembro de 2017.

Por meio dos dados é possível reparar que o número de pesquisas registradas vem sofrendo uma redução significativa desde 2014/2015.

Figura 25. Número de pesquisas da UFMS e UEMS com a palavra-chave “Pantanal” cadastradas no SIGPROJ por ano



Fonte: CAMPOS, Luana. Dados coletados em dezembro de 2017.

⁶⁶ Sistema de Informação de Gestão de Projetos vinculado ao MEC onde ficam registrados os projetos de pesquisa e de extensão das universidades brasileiras. Disponível em: <http://sigproj1.mec.gov.br/>.

A entrevistada Ieda Bortolotto relata que desde 2015, os repasses financeiros que costumavam ser bastante rápidos passaram a atrasar, obrigando um de seus projetos a reduzir o tempo de bolsa de seus alunos. Em 2018, como não houve edital do ano anterior, a pesquisadora afirma que está sem financiamento externo e aguarda pelos editais internos da universidade, mas que isso implica em um valor bastante reduzido para o desenvolvimento das atividades.

Considerando a distância que a gente tá aqui do Pantanal, não é tão grande. Eu sei que tem outras universidades de São Paulo que conseguem também fazer pesquisa lá, por exemplo, localizado em áreas mais distantes. Mas mesmo assim, pra chegar em Corumbá, por exemplo, a gente tem 430 quilômetros. Depois chegando em Corumbá a gente tem que usar um barco. O gasto de combustível no barco que a gente usa, que é um barco mais rápido, é muito grande. Aí a gente depende também de motorista, depende de piloto, de serviços. Então se você não tem um projeto que tenha recurso pra pagar todas essas despesas, que não dependem da gente, de realizar isso, você tem sim as atividades reduzidas, prejudicadas. (Informação verbal⁶⁷)

Em entrevista para esta pesquisa, o Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação da UFMS, Nalvo Franco de Almeida Junior⁶⁸, afirma que “a área ambiental, em particular o interesse pela conservação do bioma Pantanal é uma das questões relevantes para o Estado e certamente é uma das vocações da UFMS”. Segundo o pró-reitor, a UFMS deve disponibilizar em torno de R\$ 1,3 milhões em 2018 para editais de fomento à pesquisa e atividades relacionadas à produção científica em geral, não somente ligadas ao Pantanal, mas que “considerando que esse tema tem tido um forte impacto e tem mantido um alto percentual das pesquisas realizadas na UFMS, entendemos que esse fomento deve fomentar projetos nessa área e consequentemente atingir temas relacionados à degradação do bioma”.

Fábio Edir dos Santos⁶⁹, reitor da UEMS, afirma, em entrevista para esta dissertação, acreditar que os recursos destinados para a pesquisa do bioma, de modo geral, não são suficientes. Em sua opinião seria necessário que ações de Estado priorizassem a região e programas específicos fossem criados para o fomento de estudos.

⁶⁷ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 21 de março de 2018. Transcrição no Apêndice 6 desta dissertação.

⁶⁸ Informações sobre o entrevistado constam no Apêndice 9 desta dissertação.

⁶⁹ Informações sobre o entrevistado constam no Apêndice 8 desta dissertação.

Os cortes de verba sofridos pela Ciência nos últimos anos⁷⁰, que afetaram as pesquisas na área ambiental, preocupam o entrevistado Paulo Robson de Souza. Ele ilustra a situação da seguinte forma:

De certa forma a ciência me lembra aquelas construções que a gente vê de vez em quando na televisão, de creches de hospitais, que quando se corta a conclusão da obra ela vai se deteriorando e daqui a pouco fica imprestável. Porque você não consegue continuar daqui a dez anos aquela obra, os fundamentos dela foram destruídos pela chuva, pelas intempéries, o ferro enferrujou e o pessoal tem que começar do zero novamente. A ciência me lembra de certa forma esses prédios. Se você corta as verbas hoje, retomar, recuperar essas verbas daqui a cinco anos não é a mesma coisa, os ferros estarão podres. [...] Não adianta daqui a dez anos, “toma aqui pesquisador dez mil reais”. Estou falando dez mil reais porque nossas pesquisas são bancadas com dinheiro pequeno. [...] Não estamos falando de grandes dinheiros, de emendas parlamentares de três milhões de reais. O montante brasileiro parece grande, mas geralmente a pesquisa brasileira e feita com recursos miúdos que é pra se comprar material de consumo principalmente, porque o equipamento já está comprado e o salário já está sendo pago pro pesquisador. (Informação verbal⁷¹)

Outra dificuldade mencionada pelos pesquisadores, sobre pesquisar no Pantanal, é a dificuldade de acesso aos locais de coleta. O entrevistado Arnildo Pott explica:

O Pantanal não tem estradas, tem caminhos. Na cheia vai ficar água e na seca vai ficar areia, e tem que ter a ajuda de um local, um pantaneiro. Eles têm um senso de orientação fantástico. Ele não se perde no campo onde parece tudo igual, porque é um mosaico repetido. Você tem uma lagoa, depois uma cordilheira, do outro lado de novo campo, lagoa, cordilheira, e isso não é em linha reta. Então o acesso, você tem que ter barco. E avião pequeno de asa alta, porque tem arbustos, tem pistas de areia. Cavalo muitas vezes, a pé... então você chegar em um lugar muitas vezes já é um drama, e isso varia durante o ano. É quente e tem seus riscos. Pessoal pensa que o maior risco é a onça, não é! É abelha africana. (Informação verbal⁷²)

A despeito de seus obstáculos, a pesquisa científica sobre o Pantanal tem, em alguns casos, influenciado políticas públicas. Como lembra Bortolotto, em entrevista para esta dissertação, os estudos relacionados a pesca influenciaram a legislação sobre o período de defeso, quando a pesca fica proibida para que os peixes possam realizar as migrações de reprodução, mais conhecidas por Piracema. A pesquisadora pontua, no entanto, que se trata ainda de casos isolados. Esse pensamento é corroborado pela Professora e pesquisadora da UEMS, Liliam Hayd⁷³, que durante entrevista atribuiu o fato a falta de interesse das pessoas e

⁷⁰ O contingenciamento das verbas destinadas ao então Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – MCTI (atual MCTIC - Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação e Comunicações) vem diminuindo desde 2014. No final de março de 2017 o Governo Federal anunciou a redução de 44% do montante destinado a pasta que resultou no seu menor orçamento em 12 anos.

⁷¹ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 18 de julho de 2017. Transcrição no Apêndice 3 desta dissertação.

⁷² Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 10 de outubro de 2017. Transcrição no Apêndice 5 desta dissertação.

⁷³ Informações sobre o entrevistado constam no Apêndice 4 desta dissertação.

de órgãos governamentais “uma vez que implica em redução da exploração comercial e turística do Pantanal e isso pode gerar redução de lucros”.

Irigaray *et al* (2017, p. 149) defendem que “as universidades e centros de pesquisa devem exercer um protagonismo visando agregar interesses muitas vezes antagônicos em prol de uma causa maior”. Durante as entrevistas realizadas para esta pesquisa, o que se nota é que a atuação dos pesquisadores que se interessam pelo bioma, tende a ser individualizada, reativa, colaborando com informações técnicas para órgãos públicos e iniciativas de parlamentares, concedendo entrevistas para mídia, ou participando de debates sobre o Pantanal se isso lhes for solicitado. A ação conjunta ocorre geralmente quando se trata de projetos de grande porte e redes de pesquisa e não em um sentido mais politizado.

Em entrevista Bortolotto opina:

A gente não tem movimento dentro, no meio acadêmico, pelo menos na minha percepção hoje, aqui dentro da universidade, pra ficar o tempo todo discutindo isso, e em contato direto com essas políticas. A gente participa dependendo da iniciativa de cada pesquisador, não é uma coisa, no meu entendimento, que seja nosso, em conjunto. [...] Existe mobilização conjunta quando há iniciativa de fazer um projeto. Fazem então projeto específicos, junta pessoas de outras instituições e acaba discutindo alguns temas específicos por projeto. (Informação verbal⁷⁴)

Nesse segmento, pode-se observar ainda que os pesquisadores tendem, até mesmo por exigência dos programas de pós-graduação, a publicar a maior parte de sua produção acadêmica em revistas científicas com alto fator de impacto, de preferência internacionais. Os periódicos especializados, de acordo com Volpato (2013), são os que divulgam pela primeira vez um conhecimento científico para seus pares. Esse tipo de publicação, os *papers*, requer crivo prévio, que se dá pela análise anônima de especialistas do domínio de conhecimento do artigo. Acabam, porém, restritos à comunidade científica face à linguagem cifrada e específica da área. Além disso, como menciona Bortolotto durante a entrevista para esta dissertação, essas publicações, em alguns casos, precisam ser pagas para se tenha acesso a seus conteúdos, “então eles realmente são inacessíveis pra maior parte da população ainda, especialmente no Brasil, onde a gente sabe que a escolaridade não é tão alta ainda”.

A extensão universitária é enxergada como a principal via de acesso pelos pesquisadores, para dialogar com a comunidade externa às universidades e comunicar os resultados das pesquisas. Publicações são feitas dentro dos próprios projetos para serem

⁷⁴ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 21 de março de 2018. Transcrição no Apêndice 6 desta dissertação.

distribuídas, mas acabam limitadas, muitas das vezes, ao grupo que participa do projeto. Outro ponto, observado por Pott durante a entrevista, é que há dificuldade em angariar recursos para as publicações. Uma outra forma utilizada pelo pesquisador para levar o conhecimento produzido à diferentes tipos de público são palestras.

A pesquisadora Ieda Bortolotto, em entrevista, expõe suas experiências:

A universidade, ela produz com recursos públicos, muitos dos recursos vem do imposto que as pessoas pagam, e eu acho que todo pesquisador deveria fazer isso. A minha forma de fazer é na forma de extensão, e do grupo que eu faço parte. Eu imagino que isso ainda é uma prática que não é compartilhada por todas as pessoas. As pessoas às vezes pensam que você publicar o seu trabalho num artigo científico é suficiente, mas a sociedade, muitas vezes, elas não compreendem a linguagem científica. (...) Então eu acho que esses trabalhos de popularização são bem importantes, porque é um trabalho que é feito por professores em uma linguagem mais acessível. São professores, alunos que participam também, que são nossos bolsistas técnicos, que trabalham nesse sentido de traduzir um pouco do que a gente faz aqui pra sociedade. (...) A gente sempre faz alguma coisa impressa quando a gente faz o trabalho, pra deixar lá. Que às vezes você faz uma atividade, você fala, e quando você vai embora as pessoas ficam com dúvida. (...) Então eles vão conseguir ler com mais calma e na próxima vez já vão dialogar com a gente de uma outra forma. Eu acho que a gente poderia ter N trabalhos dessa forma. A gente não consegue atingir toda a universidade, todas as áreas com esses trabalhos. (Informação verbal⁷⁵)

O pesquisador Paulo Robson de Souza, também durante entrevista, elenca prática semelhante:

Felizmente eu prevejo em todos os meus projetos a produção de algum material. Com o advento da internet isso ficou muito fácil, porque eu tenho três páginas no Facebook, além do blog: 'Falo pouco mas falo apurado' que é voltada a cidadania, onde eu divulgo coisas que não são de minha autoria, por exemplo uma cartilha sobre desmatamento; na página 'Professor Paulo Robson' eu coloco tudo que é relacionado a minha produção e ultimamente eu tenho publicado fotos em blocos com título "Bom para Aula". A última foi um conjunto de fotos de uma medusa, água viva, encontrada na Lagoa Misteriosa em Jardim. Esse "Bom para Aula" é um incentivo aos professores darem aula usando exemplos locais; e meu perfil pessoal, voltado para os amigos, eu tenho mais de 100 álbuns com fotografias voltadas ao uso livre em aulas palestras e tudo mais. Eu só peço que em publicação de qualquer natureza mantenham o meu crédito. Não é uma questão de vaidade. Quando você identifica a foto o pesquisador daquela plantinha pode te procurar pra saber onde ela foi encontrada, então isso favorece a pesquisa. Eu por conta disso de ter tido sempre verbas para a publicação eu tenho feito a distribuição do meu material em escolas públicas geralmente, em eventos e sempre noticiar a distribuição desse material. Porque se você só mandar o livro pra escola e o livro não tiver certa visibilidade na mídia a pessoa pode ler e botar na gaveta. Hoje algumas publicações eu sou procurado para escrever sobre alguma coisa, que foi o caso dos últimos números da [revista] Ciência Hoje das Crianças. (...) Eu já perdi a conta do tempo que eu sou colaborador da CH das Crianças. Vez por outra me perguntam "ah você tem a foto do bicho tal?", se eu não tenho eu localizo quem tenha, e poemas eles usam bastante. Três livros de ensino de ciências já pediram

⁷⁵ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 21 de março de 2018. Transcrição no Apêndice 6 desta dissertação.

autorização da revista pra usar nossos textos. Eles mandam o contrato pra gente assinar. Isso é muito interessante porque um livro de ciências são 150 mil exemplares. Então estas têm sido as principais formas de extravasamento das minhas pesquisas. (informação verbal⁷⁶)

Como discutido no Capítulo 1 – “Meio Ambiente, Sociedade e Divulgação Científica”, há muitos meios de fazer Divulgação Científica, mas os meios midiáticos ainda são considerados os de maior alcance. Romero (2014) indica que a mobilização de forma constante e consistente dos meios de comunicação angaria credibilidade e pode fazer avançar causas. Isto porque, segundo o autor, mesmo com todos seus paradoxos, os meios de comunicação continuam a ser uma importante estratégia, pois repercutem em todas as ordens da vida social. Sob este viés é essencial refletir sobre o papel dos núcleos de comunicação social presentes em universidades e centros de pesquisas, que além de possuírem canais próprios de comunicação com diferentes públicos, também são considerados como pontes efetivas entre as instituições e a imprensa.

Por conhecerem e saberem a relevância do conhecimento produzido pelas instituições de pesquisa, os jornalistas das assessorias têm o potencial de levantar pautas que dificilmente seriam buscadas pelas redações tradicionais de jornalismo. Em entrevista concedida por e-mail para esta dissertação, o pesquisador da Embrapa Pantanal, Guilherme Mourão⁷⁷ menciona que “reportagens, por definição, estão ligadas no presente imediato e no que o público mediano pode apreender em um espaço curto de tempo, bytes ou páginas. Então têm limitações intrínsecas”.

Nesse sentido as assessorias também podem desempenhar o importante papel de conscientizar os pesquisadores sobre essas limitações, mas sobretudo sobre a importância da divulgação de seus trabalhos, e assim orientá-los sobre como participar de forma mais ativa desse processo, contribuindo para a melhoria da cobertura de assuntos científicos, e em especial sobre o Pantanal.

⁷⁶ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 18 de julho de 2017. Transcrição no Apêndice 3 desta dissertação.

⁷⁷ Informações sobre o entrevistado constam no Apêndice 7 desta dissertação.

3. ESTRATÉGIAS DE DIVULGAÇÃO NAS ASSESSORIAS DE COMUNICAÇÃO: AÇÕES E RESULTADOS

Frente às distintas demandas geradas pelo debate sobre os rumos do desenvolvimento, da necessidade urgente de se buscar por modelos que realizem de fato uma almejada sustentabilidade e da equivalente necessidade de engajamento da sociedade neste debate pode-se questionar: qual o papel social da universidade pública, responsável por 80% da produção científica brasileira (BRASIL, 2010) neste processo? Se o conhecimento se converteu no principal bem econômico e simbólico no atual modelo de capitalismo cognitivo e configurou-se também como um dos mais mal distribuídos (CORTASSA, 2017), como articular essas instituições de modo que consigam realizar de maneira efetiva a socialização do conhecimento que geram?

Os avanços nos usos da ciência e das opções tecnológicas em muitas situações pode ultrapassar a habilidade da sociedade de os compreender ou controlar, mas estas questões exigem repostas, mesmo que não haja dados suficientes para sua orientação política (BURKETT, 1990). A própria circulação desses dados pode estar condicionada a interesses específicos de grupos econômicos, por isso a necessidade crescente da ampliação do debate público sobre questões éticas e os benefícios sociais da aplicação do conhecimento (CALDAS, 2003).

A comunicação pública da ciência, onde se localizam a divulgação científica e, portanto, o jornalismo científico (FRANCO, 2014), é identificada como um mecanismo chave para auxiliar “a universidade em sua tarefa de desenclausurar-se e compartilhar com a comunidade o que era de conhecimento restrito” (MOREIRA, 2017, p. 23). A comunicação pública, um conceito ainda em aberto, não trata somente da comunicação feita por instituições governamentais, mas pelos diferentes setores da sociedade que visem a promoção da cidadania e da democracia. As ações de comunicação empreendidas dentro de organizações científicas como as universidades, vão ao encontro desses preceitos uma vez que assumem caráter educativo, e se bem planejados e executados, ampliam o diálogo com seus públicos mantendo canais abertos para as suas demandas.

Cortassa, Andrés e Wursten (2017) defendem que as instituições públicas de pesquisa, bem como a comunidade científica, devem envolver-se com a comunicação e promoção da apropriação social da ciência por três razões fundamentais: em primeiro lugar

estão os fatores éticos e/ou morais ligados ao uso de fundos públicos; em segundo a manutenção da credibilidade da ciência e tecnologia a fim de que a mesma alcance visibilidade e seu valor social seja reconhecido (do que depende a continuidade de financiamento); e em terceiro a sua função de agente de democratização de acesso ao conhecimento e a promoção de vocações científicas.

Enquanto instituição plural e de vanguarda, detentora e geradora de conhecimento, formadora de opinião, é da universidade pública que se espera que partam as reflexões sobre os fenômenos socioculturais contemporâneos e propostas soluções para os problemas sociais.

São esperados hoje da universidade: mais acesso, por meio do aumento da oferta de vagas e de cursos, aliado à qualidade do ensino e a políticas de acessibilidade, de inclusão (do pobre, do negro, do índio, do idoso, do portador de necessidades especiais) e de permanência; o avanço da pesquisa e da pós-graduação, maior proximidade com os problemas e as necessidades sociais, destacadamente na prática da pesquisa, da extensão e da cultura. Tudo isso requer estrutura, profissionalismo e acima de tudo, uma nova mentalidade que promova afinidade e coesão de objetivos dos gestores com uma política global de comunicação. Esta é imprescindível ao processo de legitimidade e sustentação aspirado pelas universidades, das quais se espera comprometimento e responsabilidade cada vez maiores praticados pelo discurso, bem como uma inserção na sociedade marcada mais pela prática, com o fortalecimento do sentido de cidadania. (LIMA, 2011, p. 15-16)

À medida em que atingirem seus objetivos de socializar o conhecimento, as universidades devem crescer em importância (LIMA, 2011) assumindo o papel de protagonistas na mediação entre ciência e sociedade. Para tanto é imprescindível a discussão e o avanço de suas práticas comunicacionais, meio pelo qual a universidade pode cumprir o que se espera dela.

3.1. O papel das Assessorias de Comunicação

No Brasil, uma grande parte do contingente de profissionais graduados nos cursos de Jornalismo, migra para a área de Assessoria de Imprensa e/ou Comunicação. A pesquisa intitulada “Quem é o jornalista brasileiro: perfil da profissão no país”⁷⁸, realizada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2012, em convênio com a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), revela que 40% dos jornalistas brasileiros não trabalham na mídia convencional (jornais, revistas, TV, rádio). Constatou-se que deste universo de

⁷⁸ A pesquisa busca características demográficas, políticas e do trabalho para traçar o perfil do jornalista brasileiro. Principais resultados disponíveis em: <http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>

jornalistas fora da mídia, o equivalente a 68,3% exerce a função como assessores de imprensa ou comunicação.

Essa migração para além das redações foi impulsionada na década de 80 com a redemocratização do país. Depois de um longo período onde as organizações só precisavam remeter-se ao Governo para atingirem seus objetivos comerciais, essas entidades se viram praticamente obrigadas a estabelecer um relacionamento com os diferentes grupos da sociedade por meio da comunicação.

O ressurgimento da democracia, o manifesto sindical, a liberdade de imprensa, novos padrões de competitividade e o prenúncio de maior exigência quanto aos direitos sociais e dos consumidores faz as empresas e instituições tomarem providências para se comunicar com a sociedade e seus diversos segmentos. E a imprensa foi identificada como o grande instrumento, o caminho mais curto para influenciar a agenda pública. [...] O investimento em comunicação aliado à postura na organização aberta a sociedade trazia retorno em credibilidade, visibilidade e poderia ajudar na consecução dos objetivos empresariais (DUARTE, 2010, p. 52).

A assessoria de imprensa é um dos componentes da Comunicação Organizacional, Institucional ou Corporativa, como é denominada por diferentes pesquisadores. Duarte (2010, p. 68), conceitua a assessoria de imprensa essencialmente como “a administração do fluxo de informação e imprensa, mas a expressão também pode remeter a estrutura, área ou setor, processo função ou técnica”.

No mercado brasileiro o jornalista que trabalha como assessor de comunicação/imprensa pode atuar em uma série de tarefas diferentes, como produção de conteúdo, gerenciamento de mídias sociais, marketing, planejamento estratégico, gestão de equipes, comunicação interna, relações públicas, divulgação, editoração, entre muitas outras. A monta de atividades desenvolvidas pelos profissionais de assessorias de comunicação/imprensa do Brasil é praticamente a mesma em países da Europa e nos Estados Unidos. Mesmo assim fora do território nacional jornalismo e assessoria de imprensa são vistos como atividades incompatíveis, sendo a última encarada mais como uma atividade de Relações Públicas. Em Portugal, por exemplo, as duas atividades não podem ser exercidas simultaneamente, e os jornalistas que decidirem atuar em assessorias devem entregar sua carteira profissional temporária ou definitivamente, a fim de que não haja conflito de interesse (MOUTINHO e SOUSA, 2011).

Na opinião de Mazini, expressa em entrevista para esta dissertação, essa cultura do jornalista brasileiro, de ser assessor de comunicação, remete ainda à questão de se o

trabalho realizado por jornalistas nas assessorias pode ou não ser chamado de Jornalismo? “É óbvio que tem a parcialidade relativa, porque você fala a partir de uma instituição, [...] mas aonde não tem uma parcialidade relativa?”. Mazini explica que um jornal, enquanto uma mercadoria que obedece a regras de mercado, também tem interesses e parcialidade. De sua posição, como chefe de assessoria da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), ele faz a seguinte consideração:

Hoje, eu acho que, sinceramente, a assessoria de comunicação de uma universidade é um dos melhores espaços que a gente tem pra fazer jornalismo mesmo. Jornalismo mais aprofundado, que não fique refém do imediatismo. A gente consegue fazer pautas muito mais profundas e a gente não tem tanta pressão do deadline. É lógico, normalmente as assessorias são pequenas pra trabalhar demandas muito grandes. [...] Eu exijo muito da minha equipe que eles trabalhem sempre paralelamente, 70%, 80% do tempo, não tenho um número, estou só ilustrando, mas uma parte do serviço voltado pras demandas ordinárias do dia a dia, fazer um release, cobrir um evento, mas uma parte do período eu faço questão que seja usado pra produzir pautas mais profundas. [...] A gente tenta manter esse equilíbrio fazendo o jornalismo profundo e fazendo a demanda do dia-a-dia. Porque a gente acha que a universidade é o espaço em que isso pode acontecer. No jornal impresso eu não tinha essa liberdade. Quando eu trabalhei no mercado eu não tinha essa liberdade de identificar as pautas mais relevantes e ir atrás delas. Então hoje na assessoria eu acho que isso é possível. [...] O jornalismo tem como fim o interesse público. A assessoria tem o interesse público, mas ela também tem que atender o interesse do assessorado. Isso é fundamental. Nas universidades e nas instituições de pesquisa é um lugar privilegiado, onde o interesse dessas instituições também é o interesse público. É diferente de uma loja de varejo, ou de qualquer coisa assim. A universidade em si tem interesse público. (Informação verbal⁷⁹)

Faria (2010), descreve o profissional das assessorias de imprensa/comunicação como o elo entre os profissionais da mídia e as organizações. Isto porque atua na interface e no cruzamento entre o reconhecimento da posição de autoridade e legitimidade da imprensa - que processa, sistematiza e confere sentidos particulares às informações - e a empreitada das organizações de se fazerem presentes na agenda pública. A construção e consolidação da imagem e reputação da empresa é tarefa da Comunicação, que pode englobar profissionais de diferentes setores como Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. O autor enumera quatro premissas como determinantes para que o trabalho destes gestores e especialistas em Comunicação seja exitoso:

1. As instâncias de poder e níveis decisórios devem ser de fácil e livre acesso;
2. As organizações e suas assessorias devem ser capazes de suportar as pressões e conflitos que permeiam as relações com a imprensa;

⁷⁹ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 22 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 2 desta dissertação.

3. Para ser legítimo, o trabalho da assessoria deve ir além da simples ideia de divulgação externa de notícias e do atendimento aos jornalistas;
4. Devem estar vinculadas ao conhecimento teórico no campo da comunicação social.

Autores como Faria (2010) e Martinez (2010) notam que apesar das gradativas transformações que o mercado sofreu, muito em parte aos avanços tecnológicos, ainda existe uma fixação das assessorias pelo *agenda setting*⁸⁰. Nestes casos, a matéria de jornal pode se tornar um verdadeiro “canto da sereia” pois esse tipo de abordagem coloca todo o esforço de diálogo com a sociedade sobre os ombros da imprensa tendendo a consumir toda ou uma grande porção da energia de uma assessoria. Esse modo de operação, segundo Faria (2010), baseia-se na capacidade persuasiva da mídia e no linearismo de que a notícia publicada de pronto surtirá efeito, como se o público fosse indefeso e passivo, a imprensa um bloco monolítico e a comunicação homogênea.

Essa concepção desconsidera não só as especificidades que cada órgão possui com suas linhas editoriais, alcance e públicos próprios, mas também as intensas transformações que a comunicação digital trouxe para o campo da comunicação organizacional. Devido a isso, Duarte (2010) acredita que as transformações que a comunicação passa nas organizações brasileiras, são tão importantes quanto as do período da redemocratização.

A comunicação digital reduziu a importância de intermediários e fez surgir novas arenas e formas de diálogo, caracterizadas por interatividade, instantaneidade, fortalecimento e multiplicação dos públicos, todos críticos, informados e em permanente conexão. Qualquer um pode ser disseminador de notícia e influenciador de opinião em larga escala. As nascentes de informação tornaram-se incalculáveis e há facilidade em participar de comunidades, criar mídias próprias, gerar, disseminar e obter conteúdo em múltiplas formas e interagir diretamente com os diferentes públicos, sem intermediação da imprensa. Não importa tanto a fonte, mas a qualidade da informação e a credibilidade de quem as disponibiliza. (DUARTE, 2010, p. 71)

A reconfiguração social desenhada pela cultura digital, revolucionou e continua a trazer transformações para as rotinas produtivas dos jornalistas nas mais variadas posições que ocupam na mídia. A promessa de democratização da informação proposta pela Web, se concretizou na forma da Web 2.0 que resultou em “um mundo sem intermediários da cultura, baseada na produção livre e incessante do comum, sem quaisquer níveis de hierarquia” (MALINI, 2013, p. 22).

⁸⁰ Inspirados pelo pensamento do jornalista Walter Lippman, Maxwell E. McCombs e Donald Shaw propõem no final da década de sessenta a Teoria do Agendamento (Agenda Setting) sugerindo que os meios de comunicação pautam as conversas dos cidadãos. Desse modo esses meios dizem em que, como e o que pensar e falar sobre.

O termo web 2.0, de acordo com Barichello e Carvalho (2012), foi cunhado por Tim O'Reilly “para explicar um conjunto de transformações da web, com destaque ao papel do usuário, que ganhou status de interagente”. Quer dizer, o conteúdo que antes só poderia ser gerado por meios de comunicação de massa no formato unidirecional um-todos, agora conta com a emergência e participação de novos atores na produção, distribuição e compartilhamento de conteúdo que atua por meio de sites, blogs, perfis em redes sociais, etc, a dinâmica muitos-muitos. Além disso gera a possibilidade entre os sujeitos de ocuparem posições equilibradas por meio da interação (os comentários e/ou compartilhamento de conteúdo próprio ou de terceiros, por exemplo), o que era praticamente nulo.

Essa comunicação em rede desenvolveu a habilidade de hackear a atenção de narrativas que antes ficavam exclusivamente concentradas no modus operandi dos veículos de massa. Com isso “faz alimentar novos gostos, novas agendas informativas e novos públicos, alargando assim o espaço público midiático” (MALINI, 2013, p. 24).

Ainda que as organizações busquem a participação e legitimação no campo simbólico estruturante que a imprensa ocupa, é necessário que a assessoria articule ações estratégicas diversas que contemplem públicos variados. Faria (2010) reconhece que certos meios de comunicação são determinantes no estabelecimento da ‘agenda nacional’, mas coloca a premência de perceber o novo ambiente e repensar velhos mecanismos de atuação. Tavares e Mascarenhas (2013, p. 202), nesse mesmo sentido colocam que “mesmo que o campo jornalístico esteja sempre a mercê das interferências dos interesses corporativos e afins, ele ainda detém o lugar do discurso da realidade”. Considerando as diferenças existentes entre as duas categorias de mídia Malini (2013, p. 158) faz a seguinte explanação:

Embora a mídia irradiada de massa seja uma valiosa máquina de construção e destruição instantânea de reputação social, as mídias distribuídas de grupo têm se revelado uma poderosa máquina de criação e sustentação de reputação duradoura, funcionando em longo prazo. Enquanto a mídia massiva extrai seu poder da sensação de “todo mundo está falando isso” subentendido em seu uníssono, as interfaces de usuários encontram o seu poder na sensação de “meu amigo recomendou” ancorado na suposta confiabilidade da fonte de informação.

Não se trata então que as organizações devam descartar o poder que a radiodifusão ocupa, mas apropriar-se do espaço proposto por novos canais que florescem em meio à cultura da convergência onde o consumidor é incentivado “a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídias dispersos” (JENKINS, 2009, p. 30). Retomando Faria (2010, p. 138) “isso significa olhar para o mundo além das lentes da

imprensa e desencadear ações de relacionamento com os influenciadores do debate, com os grupos que advogam interesses, em suma, com os atores sociais que se movimentam na esfera pública”. Logo a oferta de informação não deve ser genérica, mas atenta a peculiaridades.

Esses dois pontos, a relação com a imprensa e a necessidade de ampliação de canais, podem ser observados a partir da experiência relatada por Marcos Paulo da Silva, Secretário de Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) em entrevista para esta dissertação. Ele notou, em poucos meses de gestão, que escavar pautas em um veículo X, muitas vezes, não se mostra tão eficaz quanto uma campanha em redes sociais para atingir seus públicos, por exemplo.

Baseada nas redes peer-to-peer (P2P) e na cultura do vazamento, a web 2.0, “popularmente chamadas redes sociais na internet” (MALINI, 2013, p. 213), é herança direta da cultura dos blogs, onde a home vira timeline⁸¹, consumo e produção de notícia se confundem, as relações se horizontalizam, e ‘o assunto do momento’ não é mais um produto exclusivo da rotina da imprensa. Marcadas pela colaboração, pela transmutação do público em parceiro e amigo, pela oscilação entre o próprio e o alheio, e pela instantaneidade e fluxo contínuo que encontram a timeline como interface, as redes tem um afeito amplificador onde uma ideia publicada em dezenas ou centenas de lugares tem mais peso que o veredito de um “pequeno conjunto de mídias profissionais” (MALINI, 2013, p. 231).

Isso não significa que o relacionamento ente a assessoria da UFMS e a imprensa tenha sido descartado, mas Marcos Paulo reconhece que o trabalho ainda se mostra bastante reativo, sendo um de seus desafios tornar a relação da comunicação da UFMS com a imprensa local e nacional a mais proativa possível. O entrevistado faz a seguinte consideração:

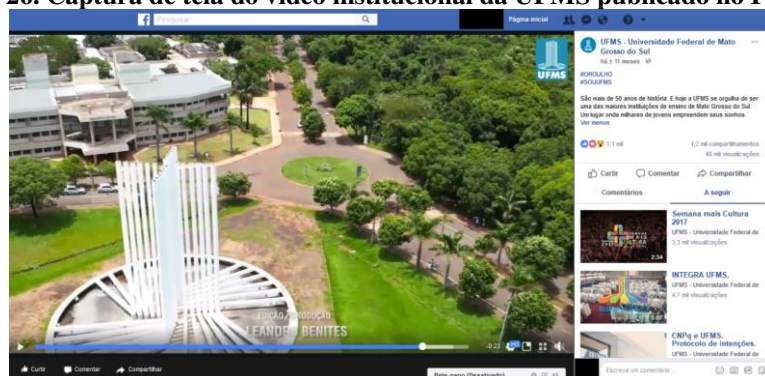
Hoje a gente tem um fluxo de notícias que é veiculado no site, nas redes sociais, e muitos veículos replicam isso. Releases⁸² têm sido enviados só em questão de exceção, mas são políticas que estão em processo de análise. Acho que dá sim pra melhorar bastante a relação com a imprensa. Não que seja uma relação de subserviência, mas acho que dá pra transformar em um diálogo. Tem algumas pautas um pouco truncadas ainda, mas isso está dentro dessa linha da mudança de uma cultura institucional. São pessoas que trabalham há muito tempo de uma forma, acho que dá pra melhorar, e a gente tem trabalhado pra isso. Não quero nunca ter uma relação de subserviência [com a imprensa] porque eu acho que a

⁸¹ Considerada um fenômeno social descrito por Malini (2013, p 213) como um grande depósito de subjetividades a timeline “é um modelo de webpage que mostra as últimas publicações em cronologia inversa: o mais atual sempre no topo. E une atualização contínua, típica da narratividade de última hora (breaking news), com a participação coletiva peer-to-peer”.

⁸² Texto utilizado nas assessorias de comunicação para dispersar informações para jornalistas da mídia, ou atender suas demandas pelas mesmas.

*universidade é uma instituição soberana, independente, pública, que produz conhecimento, ela tem que ser vanguarda e não retaguarda. Ela não tem que ficar correndo atrás do que a imprensa fala que ela tem que ser, ela tem que ser vanguarda inclusive em linguagem, no relacionamento com a imprensa, mas dá pra melhorar a relação sim. Então eu tenho essa produção cotidiana. Essa produção deságua numa **newsletter**⁸³ **semanal**, mas eu tenho já um fluxo de produção exclusiva pra redes sociais hoje. O reflexo disso é bastante palpável, uma mudança de 4 mil para 20 mil engajamentos em poucos meses. O **vídeo institucional** que a gente divulgou basicamente no **Facebook**⁸⁴ teve mais de mil compartilhamentos sem um centavo de impulsionamento, porque a gente é uma instituição pública. Mil compartilhamentos pra quem trabalha na área de gerenciamento de redes sociais vê que é bastante significativo o número de pessoas atingidas. (Informação verbal⁸⁵. Grifo meu)*

Figura 26. Captura de tela do vídeo institucional da UFMS publicado no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/ufmsbr/videos/vl.210788306161672/1046092838823806/?type=1>. Acesso em: 06/03/2018.

Se antes o release era a principal ferramenta de trabalho dos assessores de comunicação, hoje as novas tecnologias e as redes sociais mudaram radicalmente essa realidade trazendo muito mais opções às rotinas produtivas.

Neste sentido os portais institucionais mostram-se fundamentais na divulgação do que ocorre dentro dos muros da universidade, tanto a nível interno quanto externo, pois estabelece acesso direto a informações sobre pesquisas e ações institucionais, encurtando distâncias até o público e economizando fôlego da equipe para outras atividades, já que muitas das vezes esses conteúdos terminam gerando pautas para a imprensa tradicional. Investir, portanto, no processo de comunicação interna e externa a partir da internet modificou completamente a relação das instituições com a sociedade, potencializando a visibilidade do seu processo de produção de conhecimento.

⁸³ Boletim informativo disparado por meio de e-mail.

⁸⁴ <https://www.facebook.com/ufmsbr/?rf=106473776055534>

⁸⁵ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 12 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 1 desta dissertação.

As redes sociais têm sido importantes aliadas neste processo, até mesmo porque em alguns casos, como relata o entrevistado André Mazini, chefe da Assessoria de Comunicação Social da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e coordenador do projeto “Mídia Ciência”, o site institucional apresenta dificuldades em alcançar públicos mais jovens (no caso refere-se aos alunos que estão saindo do ensino médio e estão ingressando na universidade). Além disso, ele explica que por meio do Facebook, especificamente, a atuação da equipe de Comunicação conseguiu humanizar a imagem institucional e a UEMS passou a ser uma instituição que fala, se comunica, atenta com o que acontece ao seu redor e que de forma lúdica encontra novas formas de comunicação, sem deixar de informar à sociedade sobre suas atividades, como explica:

O monitoramento hoje, e eu falo de qualquer assessoria que você for ver, vai ser a rede social o principal termômetro. E no nosso caso, de Mato Grosso do Sul, Facebook. O Twitter não é muito forte aqui ainda, não a ponto de saber o quê está rolando de repercussão; o Snapchat é muito restrito, a gente não tem muita estrutura. O Instagram também é muito forte, mas a gente também não atua tanto porque a gente entende que a maioria absoluta das pessoas que estão no Instagram estão no Facebook também. Então isso nos dá uma segurança de saber que via Facebook a gente consegue ter um termômetro muito preciso sobre a repercussão de determinados temas. Eu monitoro pessoalmente e a partir disso bolo estratégias. Voltando a coisa da linguagem das redes sociais, porque que eu mudei, comecei a fazer muita brincadeira? Eu comecei a aumentar muito o engajamento dos alunos com a página. Eles adoram as brincadeiras, então eles falam, “Ah essa é minha universidade!”, principalmente quando a gente faz alguma coisa com humor. Eles compartilham e falam “Eu amo essa universidade!”. A gente conseguiu engajar e isso se reflete em uma estratégia também. Ao ter pessoas engajadas nas redes sociais conosco, quando tem uma repercussão negativa eu sempre tenho o que a gente chama de embaixadores da marca. Nos estudos de mídia social a gente estuda muito isso. Eu conquistei alguns embaixadores de marca. O que eles fazem? Alguém fala assim “A UEMS é feia”, eu sempre tenho algum aluno que vai entrar e vai defender, “Não, não é bem assim, você tem que entender”, porque a gente conseguiu cativar eles através desse tipo de comunicação. A UEMS passou a ter um perfil muito mais humanizado. Eles sentem que a UEMS é alguém que fala de verdade, que lê as notícias e que está atenta. Que nem... está caindo o mundo com delação, com JBS, não faz sentido eu soltar um post falando sobre os sapinhos do Pantanal. Aquela brincadeira foi pra mostrar assim “ó, nós não somos uma máquina, a gente está vendo tudo isso e estamos brincando com isso, e estamos informando com isso”. E isso é muito legal porque nós temos pessoas que nos defendem agora. (Informação verbal⁸⁶)

Nassar (2008) aponta que as reflexões acerca da comunicação nas organizações evoluíram muito em pouco mais de 40 anos, saindo de um contexto operacional do jornalismo empresarial, para uma comunicação mais aberta e mais complexa, envolta em desafios econômicos, sociais e ecológicos. Isso se traduz na própria evolução sobre as assessorias de comunicação, cujo trabalho competente vai muito além da divulgação de seus clientes na

⁸⁶ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 22 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 2 desta dissertação.

mídia. Trata-se de uma comunicação estratégica, que passa pela comunicação interna e pelos *stakeholders* (públicos de interesse), expandindo-se, também, para setores do Legislativo, Executivo e Judiciário. Com a diversidade de empresas que atuam na mesma área, a competição torna-se cada vez mais acirrada.

Enquanto sistemas sociais e históricos, “constituídos por recursos materiais e imateriais, e pessoas - que se comunicam e se relacionam entre si, com os inúmeros públicos, as redes de públicos e a sociedade -, agrupados em função de cumprir ideários comuns e formais” (NASSAR, 2008, p. 62), as organizações devem reconhecer o potencial estratégico da comunicação no cumprimento da missão institucional e não mais relegá-la ao status de atividade auxiliar, aonde se recorre em momentos de crise institucional, por exemplo (LIMA, 2011).

E por meio da comunicação que a organização “estabelece diálogos a respeito de suas políticas, suas ações e suas pretensões, informa, organiza e reconhece os seus públicos de interesse, entre os quais seus colaboradores; legitima sua existência; e trabalha pela melhoria do ambiente de trabalho, entre outros objetivos” (NASSAR, 2008, p. 64).

Com a democratização do acesso aos meios de comunicação, principalmente nas redes sociais, os consumidores estão cada vez mais exigentes na aquisição de produtos sustentáveis e de empresas éticas. Assim, o papel das assessorias de comunicação, seja no setor público ou privado, é cada vez mais relevante e pode se transformar em um diferencial institucional. Nas universidades e instituições de pesquisa, a situação não é muito diferente. A comunicação institucional é também fundamental para a melhoria da imagem e a percepção pública de seu papel na sociedade, como formador de recursos humanos, pesquisas e atividades de extensão para a comunidade.

3.2. As Assessorias de Comunicação e as Universidades

Caracterizadas por Oliveira (2005) como detentoras de informações primárias, as universidades, centros e institutos de pesquisa, agências de fomento, fundações de amparo, secretarias e ministérios podem ser pontos de partida estratégicos para incentivar um fluxo contínuo de informações sobre CT&I de forma eficiente.

Lima (2004, p. 74), aponta que pela ótica da Divulgação Científica quem faz a circulação dos conhecimentos científicos são os jornalistas de ciência “tanto os da grande

mídia como os divulgadores e técnicos das empresas e institutos de pesquisa, e os veículos de comunicação especializados em ciência”. O trabalho de divulgação científica desenvolvido por instituições produtoras de conhecimento, mais especificamente de suas assessorias por meio do jornalismo científico, é o ponto onde, de acordo com Teixeira (2016), os campos da Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) e da comunicação se tocam.

Assim abrem-se novas vias de acesso dentro e fora desses espaços, sobre os quais incide a função social de democratizar o acesso aos saberes produzidos por uma minoria privilegiada. Lima (2004, p. 79) ainda enfatiza que o cidadão comum é o consumidor a quem se destina o objetivo final de uma empresa pública de pesquisa. Essa ideia é defendida por diversos autores já que a maior parte dos investimentos em CT&I, destinados a essas instituições e a comunidade científica no Brasil, são pagos com dinheiro público. Sendo assim, divulgar resultados de pesquisas, não somente entretém, é de suma importância para as instituições justificarem não só os investimentos nelas aplicados, mas a própria essência de suas atividades.

Nas instituições públicas – nas quais as notícias são vistas como mecanismo de prestar contas à sociedade do dinheiro investido em suas atividades por meio do pagamento de impostos – o ato de prestar contas via mídia tem, hoje, outra conotação. Ele não se limita ao aspecto simplista de ‘fornecer o recibo para quem paga a conta’, mas incorpora o conceito de *accountability* que rege as relações entre governo e cidadão, entre burocracia e clientela, numa sociedade democrática. Tornar público, via imprensa, o trabalho da instituição, tem como finalidade de uma prestação de contas à sociedade, para que ela possa avaliar o que está sendo feito e verificar se está de acordo com seus interesses e necessidades, tornando-se, assim, uma aliada da organização e, portanto, comprometida com sua manutenção (MONTEIRO, 2010, p. 123-124).

Trata-se muito mais do que apenas fornecer o recibo. A disseminação do conhecimento é reconhecida por Lima (2011) como o atributo social primordial das instituições de pesquisa, em especial as universidades. O mundo em rede, segundo a autora, convida essas instituições, enquanto redutos da vanguarda intelectual, a perceber a complexidade que evidencia a complementaridade e antagonismos presente nelas mesmas.

A universidade fala por diversos meios e contribui para a formação de opinião sobre tudo o que é vivido na sociedade, a questão é como ela tem usado esse poder de influir pessoas, de difundir conceitos e valores, de promover o crescimento. Enquanto instituição pública de ensino superior e uma das mais importantes instâncias de debate de ideias, a universidade não deve jamais perder o senso da crítica e da autocrítica, sob o risco de descaracterizar-se no que possui de mais precioso: a sua identidade. (LIMA, 2011, p. 75)

Em constante crescimento e cada vez mais complexa, tanto em termos de diversidade quanto de quantidade (LIMA, 2004), a produção científica exige que essas assessorias de comunicação realizem esforços tão maiores quanto de divulgação. Esse desempenho pode contribuir para reduzir a exclusão pelo conhecimento, e ao mesmo tempo ser um instrumento de inclusão na atual sociedade da informação e do conhecimento. A comunicação dentro dessas instituições também pode ajudá-las a construir e/ou ascender sua imagem a certa visibilidade disseminando seus objetivos e valores culturais para públicos internos e externos, gerando sentidos que configuram a sociedade (TEIXEIRA, 2016). A velocidade das mudanças impele um novo comportamento em que as organizações não podem mais se fechar ao mundo, mas precisam assumir posturas claras, definidas e precisas diante da opinião pública.

A maioria das instituições, presume Monteiro (2010, p. 123), intenciona legitimar-se como referência em seu campo de atuação. Esses agentes sociais mobilizam constantemente a mídia para a promoção de acontecimentos e a produção de notícias. Essa constante faz que além de comporem uma representação de si mesmas no espaço público, as instituições construam também a realidade do campo em que atuam.

Um dos efeitos pretendidos (talvez o mais importante) pelas instituições (quaisquer que sejam elas), com a presença na mídia, é a conquista do apoio da opinião pública e, em consequência, a sobrevivência no mercado. Nesse sentido, a notícia institucional, sem abandonar suas características informativas, assume caráter político, passando a ser utilizada estrategicamente nos segmentos sociais que detêm o poder de decisão ou o poder de influenciar decisões que possam beneficiar a instituição que a originou. A maioria das instituições age dessa forma, embora nem sempre isso esteja explícito em suas políticas de comunicação ou nas normas que orientam sua relação com a imprensa. (MONTEIRO, 2010, p. 123)

Em 2005, Oliveira (2005) preconizava que apesar de despontarem como produtoras em potencial de notícias sobre ciência, as instituições, muitas vezes, não contavam com assessorias de imprensa eficazes ou não existia cultura de comunicação institucional. Esse cenário vem se transformando com a crescente profissionalização das assessorias das instituições de pesquisa, com o aumento de disciplinas de Assessoria de Comunicação e de Jornalismo Científico nos cursos de graduação em Comunicação e da oferta de cursos de pós-graduação *strictu e lato sensu* na área, e a compreensão da importância da comunicação organizacional.

A comunicação organizacional assume, na sociedade de hoje, uma importância nunca vista. [...] A imagem pública das organizações passa a representar um fator estratégico tão importante quanto os produtos e serviços. A comunicação ocorre, não

mais por meio de algo que se diz para um público passivo, mas pela qualidade das relações estabelecidas com esses atores e pela credibilidade gerada por uma rede de relações articuladas pela empresa com seus distintos públicos (TEIXEIRA, 2016, p. 23).

Curvello (2010, p. 110) trata da necessidade de transformação que as empresas precisam passar, deixando de olhar suas assessorias e assessores como custos de produção para encará-las como setor estratégico de integração. Por isso, discute a necessidade do uso de processos de avaliação e mensuração sobre os produtos e projetos de comunicação, olhando não somente para o retorno que vem da mídia, mas de modo objetivo mostrar o aumento da produtividade, das vendas de seus produtos e serviços, e a consolidação da empresa frente a seus públicos. De acordo com o autor a comunicação deve ser parte ativa da administração o que “significa compartilhar habilidades e conhecimento por toda a rede e permitir que os assuntos da organização existam e apareçam pela comunicação”.

No caso específico de instituições de pesquisa, os produtos são a formação de recursos humanos, as pesquisas e seus avanços do conhecimento e aplicações sociais e as atividades de extensão. Enquanto empresas públicas são financiadas pela sociedade, por meio de impostos, assim o retorno se dá pela qualidade de seus “produtos” e não por índices econômicos diretamente.

Analisando de forma específica o caso da Universidade Federal de Goiás (UFG), Lima (2011) destaca que pelo fato dessas instituições comporem a malha de órgãos públicos, elas carregam o pesado fardo relacionado à administração pública brasileira, considerada arcaica, conservadora e fechada em si mesma. Mas baliza que o cenário tem se transformado, sendo exigida das organizações públicas uma nova postura, mais ativa, interativa, profissional, eficiente e eficaz. A autora também pontua que esta natureza pública isentaria tais instituições da cobrança por resultados, já que seus objetivos não são comerciais, e, portanto, poderiam ser vistos como vantagem para o estabelecimento do que se busca com a comunicação organizacional. Para isso sugere que da empresa privada a empresa pública aprenda a ser mais comprometida com o estabelecimento e alcance de metas, não buscando por resultados cartesianos, quantificadores ou massificadores, mas a melhoria entre as demandas e sua capacidade de resposta, balizadas pelo comprometimento social.

As instituições públicas gozam de ampla vantagem em relação às empresas privadas: mais liberdade em relação às empresas à concepção da comunicação, e também para agir, potencializando a efetivação de projetos mais democráticos e cidadãos, tendo esse como objetivo fim. Enquanto na empresa privada as estratégias de comunicação, por mais bem-intencionadas que sejam, são geridas sobre cobrança e

vigilância quanto aos resultados, na empresa pública os possíveis obstáculos a ação comunicativa restringem-se, geralmente, à falta de conscientização dos dirigentes institucionais e gestores de comunicação, a falta de profissionais ou de qualificação insuficiente e de recursos disponíveis – sendo essa última questão entendida mais pelo (não) estabelecimento da comunicação como prioridade, mas que pode ser amenizado com força de vontade, criatividade e persistência daqueles imbuídos por essa causa. (LIMA, 2011, p. 80)

A imagem que essas instituições constroem ao longo do tempo são capitais culturais essenciais para a sociedade. As relações com a comunidade do entorno, e com a sociedade em geral são, portanto, essenciais para a valorização dessas instituições em suas diferentes áreas de conhecimento. Dentro dessa perspectiva o assessor, enquanto comunicador organizacional exerce o papel de gestor da informação (BUENO, 2003). É dele a missão de gerenciar o capital intelectual das empresas, o conhecimento, que nada mais é que a informação tratada e decodificada. Como tal, precisa estar apto a planejar e viabilizar espaços em diferentes mídias, de forma focal, onde possa divulgar o trabalho científico desenvolvido pela instituição onde atua, tendo em conta influenciadores e parceiros estratégicos (LIMA, 2004).

O assessor de imprensa, um comunicador organizacional, na verdadeira acepção do conceito, não pode abrir mão de seu papel de gestor, sob pena de perder a cabeça. Ele precisa estar apto a planejar e a viabilizar oportunidades de divulgação, a conhecer profundamente o processo de produção jornalístico [...] e a entender a dinâmica do mercado e da sociedade, para que as ações, produtos, estratégias que ele venha a colocar em prática cumpram os objetivos da empresa [...]. Precisa estar em dia com os modernos processos de gestão, dominar as novas tecnologias e realizar, sistematicamente, uma leitura do macroambiente, sobretudo o que circunscreve o universo da comunicação, para que seus instrumentos estejam em sintonia com o que vigora num momento histórico determinado (BUENO, 2003, p. 86-87)

Entre as muitas atividades desenvolvidas por uma assessoria de comunicação científica algumas consistem em produzir jornais, boletins noticiosos e revistas para o público interno - que são os empregados e equipes da instituição - e público externo - consumidores, acionistas, contribuintes, líderes de opinião pública e meios de comunicação de massa -, bem como indicar pautas diretamente para jornalistas e prestar assistência com informação histórica e outros materiais de apoio durante a produção da matéria ou reportagem.

Além disso, é desejável que os assessores tenham a habilidade de antecipar ou prever a reação da mídia diante das atividades da instituição, para isso devem ter a perspicácia dos jornalistas, fazendo perguntas o tanto quanto forem necessárias. Burkett (1990, p. 146) especifica que o trabalho mais importante que os redatores de ciência “da casa” tem a fazer “é explicar a instituição e suas atividades às pessoas que tem ou podem ser persuadidas a ter um interesse direto na organização, incluindo seu progresso financeiro e tecnológico”.

Esses atores atuam em diversas nuances da intermediação entre as distintas esferas envolvidas nesse processo, e tem o poder, por exemplo, de aparar os possíveis conflitos ainda existentes entre os jornalistas e cientistas, ocasionados principalmente pela distinção das formações e métodos de trabalho. Jornalistas que atuam em assessorias de comunicação de universidades e instituições de pesquisa mantêm uma relação de confiança com os pesquisadores, conquistada graças ao interesse profissional e pela maior disposição de tempo para diálogo (LIMA e CALDAS, 2011).

Com frequência esse pessoal de relações públicas é o primeiro contato entre jornalistas e uma companhia, agência ou um cientista. Muitos desses redatores de ciência institucionais também se comunicam diretamente com não-cientistas através das publicações e transmissões de suas próprias companhias (BURKETT, 1990, p. 146).

Nos EUA, no fim da década de 20, havia mais redatores de ciência trabalhando para empresas e instituições de pesquisa públicas e privadas do que para meios de comunicação (BURKETT, 1990). Muitos provinham de jornais, revistas, rádio e televisão antes de aceitarem empregos na indústria. Em seu manual sobre como cobrir fatos relacionados ao jornalismo científico, Burkett (1990) alertava os escritores de ciência a terem em mente que os assessores, mesmo sendo ótimas fontes de informação, poderiam omitir estudos semelhantes feitos por outras instituições, riscos envolvidos, soluções alternativas, efeitos colaterais, etc. Assim tais escritores deveriam buscar suplementação acurada para suas reportagens visto que “as matérias preparadas por empresas comerciais, universidades, hospitais e outras instituições são dirigidas a promoção do bem-estar das organizações, e não a satisfação das necessidades dos leitores ou espectadores” (BURKETT, 1990, p. 90).

Essa visão pode ser contraposta pela abordagem de Lima (2004) quando afirma que a transparência deve ser a tônica do esforço de comunicação, pois é por meio dela que a organização estabelece uma relação de confiança com seus públicos. Bueno (2003) reforça esse entendimento ao calcular que o custo de escamotear a verdade, em plena sociedade da informação, é um dano permanente à imagem da instituição. Um exemplo oportuno é o da responsabilidade dos assessores de comunicação científica em mostrar a ciência profissional feita pelos institutos e empresas de pesquisa em que trabalham, suas metodologias, o financiamento de seus laboratórios, seus avanços e necessidades, com condições de expor a estreita relação entre a ciência, enquanto instrumento, e as políticas públicas enquanto norteadoras de seus usos e aplicações. O Livro Azul da Ciência e Tecnologia (BRASIL, 2010, p. 91) faz a seguinte recomendação:

As universidades e instituições de pesquisa precisam ser estimuladas a incorporar a dimensão social na suas agendas de pesquisa, a promover a formação cidadã; e deve ser buscada uma maior integração das ciências sociais e humanas às políticas de C,T&I. A extensão universitária é uma atividade essencial para que a universidade forme não apenas profissionais qualificados e inovadores, mas também cidadãos comprometidos com a sociedade em que vivem.

A responsabilidade daqueles que atuam na interface entre ciência e sociedade, de socializar o conhecimento a fim de promover valores como a cidadania, a democracia, e a sustentabilidade, torna fundamental às instituições de pesquisa e universidades que invistam em suas estruturas de comunicação, estabelecendo políticas de comunicação adequadas a sua realidade em um processo de estudo e avaliação contínuos. Desse modo é possível que se avance na direção de seu papel esperado: o de colocar sua competência a serviço das demandas sociais legítimas.

Cabe ressaltar a importância das universidades dentro de seus contextos e necessidades loco-regionais. Assim é possível que esses núcleos de comunicação além de contribuírem com a formação e/ou fortalecimento da cultura científica de forma geral, também possam dar visibilidade as temáticas mais sensíveis do desenvolvimento em escala local - sobre o que se espera que estejam debruçadas suas pesquisas – e fomentando suas discussões.

3.3. Pantanal entre o desconhecido e o exótico

Até os anos 1980, o Pantanal era conhecido pelo restante da população do país mais por cartilhas e livros didáticos de geografia do que pelos veículos de comunicação (MAIO, 2018). O acesso ao local, que ainda hoje é difícil, era muito mais precário, não favorecendo a presença regular da cobertura jornalística. A partir dos anos 1990, com a veiculação da novela “Pantanal”, na extinta TV Manchete, o bioma desconhecido passa a figurar no cotidiano das pessoas por meio de uma narrativa que o apresenta como exótico, estranho, misterioso e mítico.

Uma pesquisa de opinião realizada em 2013 pelo Ibope Inteligência e a ONG WWF Brasil, revela que apesar de demonstrarem preocupação com a preservação do Pantanal, os brasileiros possuem baixo conhecimento sobre o bioma. Apesar de 93% dos entrevistados afirmarem já terem ouvido falar do Pantanal, 66% não soube identificar em qual região do país ele fica localizado. Esta realidade reforça a importância do papel da divulgação científica em geral e sobre a realidade do Pantanal, em particular.

Romero (2014) aborda que mesmo as populações urbanas de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul - onde o Pantanal está situado – desconhecem o bioma, sua cultura, seus problemas e suas potencialidades. Segundo o autor, ainda hoje prevalece a visão folclórica, de que é bonito proteger a natureza, mas na prática o conhecimento é superficial. Essa ideia do exótico tem sido reforçada pelo enquadramento jornalístico em diferentes mídias que segundo Maio (2018, p. 210) apresentam a região como um santuário, ou paraíso ecológico, destacando sua beleza cênica. Já “as características culturais que delimitam aquele espaço e o desenvolvimento tecnológico como diferencial para a sustentação da economia local” são abordagens ausentes ou pouco exploradas.

As críticas mais comuns entre os pesquisadores que trabalham no Pantanal sobre a abordagem da mídia estão ligadas à superficialidade e à abordagem sensacionalista das notícias (MENDONÇA, 2009). Pouco se fala das populações e suas relações com projetos poluidores, do turismo predatório, das indústrias que se instalam na região e exigem campanhas permanentes de educação. (ROMERO, 2014, p. 12)

Rodrigues Filho e França (2010) explanam que além de moldar a paisagem e geografia do estado de Mato Grosso do Sul - que congrega 65% do Pantanal brasileiro - o bioma pantaneiro definiu sua formação econômica, social e cultural. Em MS o agronegócio é identificado como a principal base econômica, seguindo a tendência nacional “fortemente lastreada na produção e beneficiamento de produtos agrícolas” (BRASIL, 2010). De acordo com dados do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul⁸⁷, o estado é identificado como o 5º maior produtor de grãos do país e o 3º no abate de gado. Agregar valor a essa produção é fator indispensável para assegurar a sustentabilidade do desenvolvimento regional, o que envolve investimentos maciços em C,T&I.

O modelo de criação de gado no Pantanal - tipicamente extensiva, de cria e recria, sem separação dos pastos e com pouco manejo (MARCHINI, 2003) -, sua principal atividade econômica, tem sido apontado muitas vezes como o responsável pela boa manutenção do bioma ao longo de dois séculos. Mas como visto no Capítulo 2 “O Bioma Pantanal” essa realidade tem se modificado e ameaça trazer prejuízos para a própria pecuária, para a pesca e o turismo, que representam uma boa fatia do PIB⁸⁸ estadual e asseguram a manutenção de modos de vida tradicionais.

⁸⁷ Dados obtidos em: <http://www.ms.gov.br/a-economia-de-ms/>. Acesso em: 07/03/2018.

⁸⁸ Sigla de Produto Interno Bruto

A defesa consistente do meio ambiente e o respaldo de uma produção científica forte mostram-se, portanto, elementos fundamentais ao futuro sustentável. Na pesquisa “Pantanal: Opinião pública local sobre meio ambiente e desenvolvimento”, Marchini (2003, p. 20) identifica que os conflitos de opinião entre os diferentes segmentos consultados derivam, grosso modo, da falta de informação. De acordo com o pesquisador a solução lógica é então a “geração de conhecimento relevante através da pesquisa científica e sua divulgação ampla e transparente na comunidade regional”. O autor ainda constata um baixo índice de rejeição a presença de instituições de pesquisa e universidades no local citando as instituições Embrapa, UFMS, UFMT e Uniderp, o que segundo ele “sugere que o apoio da ciência e tecnologia é valorizado e respeitado pela comunidade local” (Ibidem).

Romero (2014, p. 52), em sua análise sobre a contribuição do “Boletim Ecologia em Notícias”⁸⁹, criado em 1997 pela ONG Ecoa, para divulgar os riscos sociais e ambientais que a Hidrovia Paraguai-Paraná (HPP) traria ao Pantanal e promover a defesa do bioma, descreve que “o volume de informação cientificamente produzida para questionar o projeto” fez com que os meios de comunicação tradicionais – fechados ao diálogo e pouco democráticos –, rendessem-se à divulgação da campanha abrindo um novo espaço para o debate público.

A mobilização se ampliou e os riscos, de que a hidrovia destruísse o Pantanal e as comunidades indígenas que vivem na região, chegaram à opinião pública internacional. O projeto que teve início nos anos 80 acabou suspenso por um longo período, até que, em 2010, estudos de viabilidade técnica, econômica e ambiental foram realizados a fim de retomar o projeto, colocando mais uma vez o equilíbrio do Pantanal em jogo.

Ainda de acordo com Romero (2014, p. 12) a nível local a comunicação atua na reconstrução da subjetividade e na esfera global “permite a identificação com outras lutas e ampliar a capacidade de mobilização social”. Desse modo, ele observa que a comunicação, enquanto mediadora, formadora de cultura e de valores, contribuiu para a ressignificação do entendimento sobre o Pantanal e a HPP, mostrando-se uma estratégia chave para barrar o avanço da obra. Assim, considera que os meios de comunicação são espaços de mediação e negociação na preservação do Pantanal.

⁸⁹ Boletim virtual produzido pela ONG Ecoa entre 1997 e 2002. Pautava o embate político, econômico e social sobre a criação da HPP no Pantanal, e serviu como instrumento para que a discussão extrapolasse os limites locais e tomasse proporção global, contribuindo de maneira significativa para que o projeto fosse suspenso (ROMERO, 2014).

O volume de pesquisas sobre o Pantanal tem-se mostrando crescente, ainda que a um ritmo lento, como demonstrado no Capítulo 2 – O Bioma Pantanal.

No cenário atual Mato Grosso do Sul conta com uma agência de fomento à pesquisa, a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT) e seis instituições de ensino superior e pesquisa sendo quatro de caráter público: 1. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); 2. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS); 3. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); 4. Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS); e duas de caráter privado: 5. Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); e 6. Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Anhanguera – Uniderp).

Há também a presença de instituições públicas de pesquisa de renome, como a Fiocruz e a Embrapa que possui três unidades no estado - Embrapa Pantanal (Corumbá), Embrapa Gado de Corte (Campo Grande) e Embrapa Agropecuária Oeste (Dourados); e de ONGs de cunho regional, como ECOA, SOS Pantanal, Fundação Neotrópica, Instituto Homem Pantaneiro, entre outras; e nacional e internacional como SOS Mata Atlântica, WWF Brasil (World Wildlife Fund), Wildlife Conservation Society (WCS), Conservação Internacional (CI), entre outras.

As instituições em muitos casos atuam em conjunto entre elas mesmas, com instituições localizadas na parte alta do Pantanal (MT) como a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), Centro de Pesquisas do Pantanal (CPP), Instituto Nacional de Áreas Úmidas (INAU) e outras universidades e centros de pesquisa do Brasil e do exterior.

O trabalho do conjunto de pesquisadores das Universidades e instituições gera centenas de projetos na pecuária, na agricultura, no meio ambiente, na biodiversidade, na biotecnologia, na educação e na medicina, entre outros, que precisam ser compartilhados com a sociedade como um todo. Este esforço conjunto de produção científica necessita de uma divulgação efetiva, para além dos círculos científicos. (MOREIRA, 2017, p. 22-23)

3.4. As Assessorias das Universidades Públicas do Pantanal Sul

Considerando o número de instituições de pesquisa situadas no Pantanal e os grupos de pesquisa cadastrados no CNPq, com diferentes abordagens sobre a área, podemos perguntar qual seria o papel das assessorias de comunicação das instituições públicas de

pesquisa em Mato Grosso do Sul para ampliar e qualificar a divulgação das pesquisas científicas realizadas pelo Pantanal? Qual a contribuição que essas instituições, particularmente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, objetos deste trabalho, têm dado no sentido de difundir o conhecimento que produzem sobre o Pantanal de modo a atuar no fomento de debates e ações em favor do desenvolvimento sustentável para a região?

Abaixo um pequeno perfil dessas instituições localizadas no Pantanal Sul e uma avaliação de suas estratégias e ações, na perspectiva de seus integrantes: gestores, pesquisadores jornalistas e suas representações na mídia local.

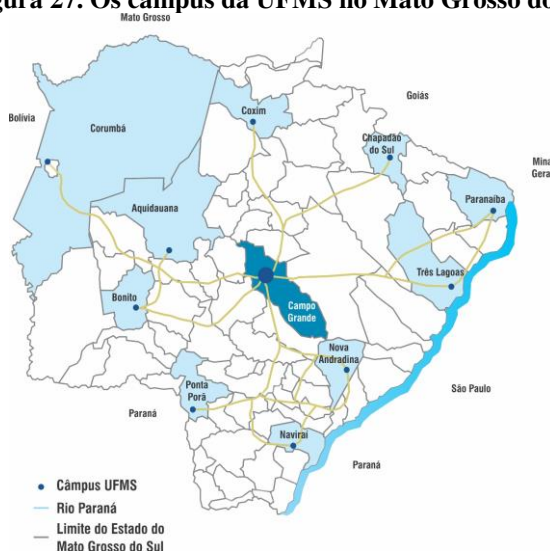
3.4.1. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

A UFMS é a primeira e maior instituição de ensino superior de Mato Grosso do Sul. Foi criada em 1962 e era vinculada a então Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT). Somente após a divisão do estado de Mato Grosso, em 1977, que deu origem a Mato Grosso do Sul, que ela viria a ser federalizada por meio da Lei nº 6.674, de 5 de julho de 1979, passando a ser denominada Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Seu estatuto assim a define:

Art. 1º A Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, instituída pela Lei nº 6.674, de 5 de julho de 1979, com sede e foro na cidade de Campo Grande, Estado de Mato Grosso do Sul, é uma entidade de ensino superior, de natureza multicâmpus, vinculada ao Ministério da Educação, com personalidade jurídica de direito público, gozando da autonomia didático- científica, administrativa, disciplinar e de gestão financeira e patrimonial, respeitando o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. (UFMS, 2011)

Em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, está localizada a sede administrativa da UFMS e seu principal campus denominado Cidade Universitária, que congrega o Estádio Universitário Pedro Pedrossian (Moreirão), considerado o maior estádio universitário do Brasil; o Hospital Universitário Maria Aparecida Pedrossian (HUMAP); e o Teatro Glauce Rocha. Além deste a UFMS ainda possui outros nove campus em cidades do interior do estado que incluem as fronteiras com Bolívia e Paraguai: Aquidauana, Chapadão do Sul, Corumbá, Coxim, Naviraí, Nova Andradina, Paranaíba, Ponta Porã e Três Lagoas.

Figura 27. Os campus da UFMS no Mato Grosso do Sul



Fonte: <https://www.ufms.br/universidade/localizacao/>. Acesso em: 04/01/2018.

Em 2017 a universidade contabilizou⁹⁰ 113 cursos de graduação presenciais - 6 na modalidade EAD - que somam mais de 16 mil acadêmicos; 45 cursos de pós-graduação, com dois mil mestrandos e doutorando e sete mil alunos de especialização; 1,4 mil profissionais no seu quadro de professores, sendo 80% doutores; e 1,8 mil funcionários técnicos.

Sobre sua estrutura física cabe ressaltar que a UFMS possui também uma Base de Estudos no Pantanal (BEP/UFMS), uma área de 21,5 hectares em uma fazenda no município de Corumbá (MS), situados na margem direita do Rio Miranda, na região denominada “Passo do Lontra” (entre os pantanais do Miranda e Abobral). De acordo com o site institucional:

Desde a criação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em 1979, pesquisadores entendiam que o Pantanal era um dos ambientes mais importantes para estudos no Estado de Mato Grosso do Sul. Além disso, essa região apresentava grande dificuldade de acesso e locomoção, o que justificava plenamente a criação de um posto avançado de apoio aos pesquisadores que desenvolviam atividades científicas naquela área. (UFMS, s/d, *online*)

Em seu site institucional encontra-se expressa sua preocupação e participação ativa com relação à “preservação dos recursos naturais do meio ambiente de Mato Grosso do Sul, especialmente da fauna e flora do Pantanal”⁹¹, descrito como “um complexo ecológico rico, com grande diversidade mineral e vegetal, e portanto, um grande manancial para as pesquisas acadêmicas”⁹². Essa noção de desenvolvimento aliado a sustentabilidade também

⁹⁰ Informações contidas no vídeo institucional promovido pela UFMS em 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yNGCO4LxRHk>. Acesso em: 31/05/2017.

⁹¹ <https://www.ufms.br/universidade/historico/> Acesso em: 08/03/2018

⁹² <https://www.ufms.br/universidade/localizacao/> Acesso em: 08/03/2018

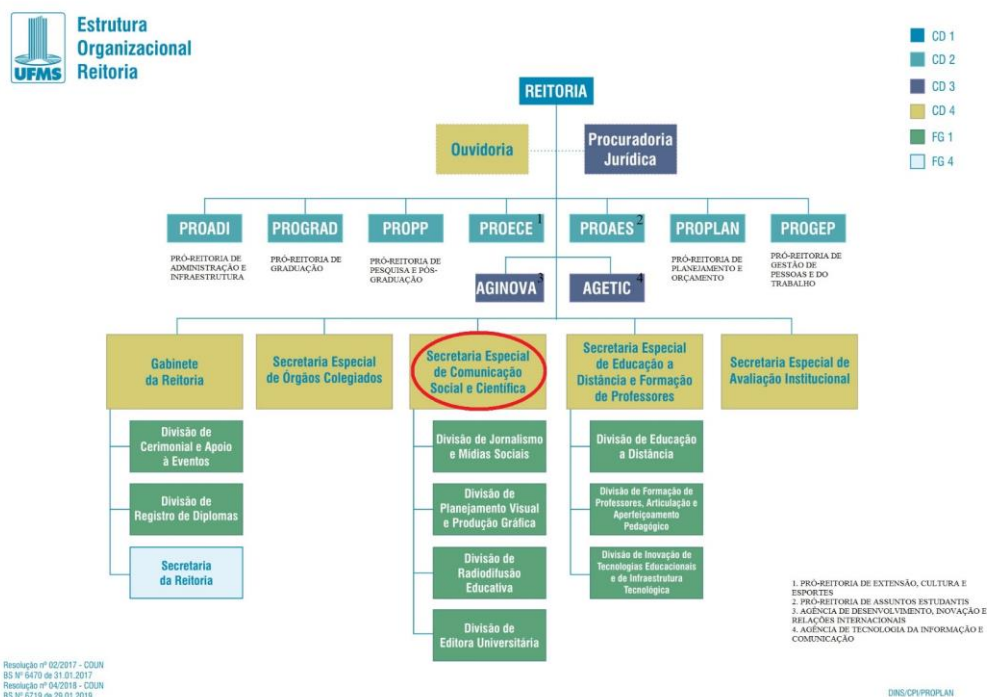
permeia os objetivos e finalidades previstos no estatuto da Universidade, como descrito abaixo:

- I – Gerar, difundir, socializar e aplicar conhecimentos que contribuam para a melhoria da qualidade de vida do ser humano, utilizando as potencialidades da região, mediante processos integrados de ensino, pesquisa e extensão, com princípios de responsabilidade, de respeito à ética, ao meio ambiente e às diversidades, garantindo a todos o acesso ao conhecimento produzido e acumulado;
- II – Formar e qualificar profissionais nas diferentes áreas do conhecimento, com vistas ao seu ingresso no desenvolvimento das sociedades sul-mato-grossense e brasileira em geral, de forma participativa e continuada;
- III – Contribuir para o desenvolvimento científico, técnico e tecnológico, artístico e cultural por meio de pesquisas e de atividades que promovam a descoberta, a invenção e a inovação, considerando o pluralismo de ideias;
- IV – Educar para o desenvolvimento sustentável;
- V – Assegurar permanentemente a qualidade das atividades desenvolvidas;
- VI – Participar da formulação das políticas nacionais;
- VII – Assegurar a gratuidade do ensino de graduação e pós-graduação *stricto sensu*;
- e
- VIII – Assegurar a igualdade de condições para o acesso e a permanência na Instituição. (UFMS, 2011)

Desde fevereiro de 2017, a UFMS passa por uma reestruturação administrativa. A proposta surgiu com a nova gestão eleita em novembro de 2016, dirigida pelo atual reitor Prof. Dr. Marcelo Turine⁹³, ex-diretor presidente da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT). O novo modelo mantém o padrão usual utilizado por outras universidades - baseado em pró-reitorias - que agora trabalham articuladas com duas agências e quatro secretarias criadas para cobrir áreas transversais dentro da universidade.

⁹³ Graduação em Bacharelado em Ciência da Computação pela Universidade Estadual Paulista - IBILCE/UNESP (1991), mestrado em Inteligência Artificial pelo ICMC/USP São Carlos (1994), doutorado em Engenharia de Software pelo IFSC/USP São Carlos (1998) e pós-doutorado em Políticas Públicas pela PUC-SP (2000-2002).

Figura 28. Organograma da UFMS



Fonte: <https://www.ufms.br/universidade/organograma/>. Acesso em: 04/01/2018. Secretaria Especial de Comunicação Social e Científica (SECOM) destacada em vermelho pela autora.

Dentre as novas secretarias criadas está a Secretaria Especial de Comunicação Social e Científica (SECOM), subordinada às pró-reitorias e ao reitor. É descrita pelo Manual de Competências da UFMS como “unidade responsável pelo planejamento, organização, coordenação, execução e veiculação das atividades inerentes à Comunicação Social de natureza institucional e científica, da produção gráfica e da política editorial da Universidade” (UFMS, 2017). O órgão institucional passa a integrar estruturas e ações de comunicação que já eram desenvolvidas pela universidade, mas não funcionavam articuladamente. A SECOM é composta por quatro repartições (UFMS, 2017):

- 1. Divisão de Jornalismo e Mídias Sociais:** “É a unidade responsável pela orientação, execução e captação de conteúdos jornalísticos de natureza institucional, gerenciamento das mídias sociais digitais institucionais e pelo relacionamento entre a Universidade e os veículos de comunicação”;
- 2. Divisão de Planejamento Visual e Produção Gráfica:** “É a unidade responsável pela orientação, coordenação e execução das atividades institucionais de planejamento visual da Universidade”;

3. **Divisão de Radiodifusão Educativa:** “É a unidade responsável pelo planejamento, organização, produção e veiculação de conteúdos nas emissoras de radiodifusão educativa (Rádio⁹⁴ e Televisão⁹⁵) da UFMS”;
4. **Divisão de Editora Universitária:** “É a unidade responsável pelo planejamento e produção gráfica e editorial da Universidade”. A editora não era, mas passa a ser parte das competências da equipe de comunicação institucional com a criação da SECOM.

Cada uma das divisões possui um chefe que responde ao secretário geral da SECOM. A gestão da secretaria esteve⁹⁶ sob os cuidados do Prof. Dr. Marcos Paulo da Silva, até o início de 2018. Ele ingressou na UFMS como professor do curso de Comunicação Social da instituição em 2013. Silva é graduado em Jornalismo, com mestrado e doutorado na área de Comunicação e trabalhou com comunicação institucional na Universidade de São Paulo (USP), onde foi assessor de imprensa por quatro anos. O então secretário afirmou, durante a entrevista para esta dissertação, acreditar que o convite para assumir a SECOM foi resultado de sua experiência administrativo pedagógica na coordenação do curso de Jornalismo da UFMS, que assumiu por dois mandatos seguidos (ago/2013 - jan/2017).

De acordo com Marcos Paulo da Silva, a SECOM “tem um desafio gigantesco” porque a assessoria deixa de ser o foco de concentração do esforço de comunicação para se tornar um dos quatro pilares da estrutura de comunicação da universidade, como um todo. Em determinado trecho da entrevista que concedeu para esta pesquisa, Silva destaca dois pontos como desafios especialmente sensíveis para a Secretaria. O primeiro é a TV educativa:

A TV educativa [...] ficou muito tempo sem investimento. É uma TV com alcance muito limitado, só no canal a cabo e bastante restrito. Meu desafio é fazer a migração dela pra internet e a modernização da linguagem. A gente já está tentando isso aos poucos. (Informação verbal⁹⁷. Grifo meu)

E o segundo a editora universitária:

[...] a quarta e última divisão, que não era uma área a qual respondia a comunicação na estrutura administrativa da universidade, até fevereiro, é a editora. Por isso que a secretaria se chama comunicação social e científica. A ideia não é só

⁹⁴ <https://educativa.ufms.br/>

⁹⁵ <https://www.ufms.br/universidade/midia/tvu/>. Os conteúdos também são disponibilizados em: https://www.youtube.com/channel/UC4p7d_1KehpvAb7_9-WlkdA

⁹⁶ Marcos Paulo da Silva pediu afastamento do cargo no início de 2018 devido à problemas de saúde. Atualmente, quem responde pela SECOM é a Prof. Dra. Rose Mara Pinheiro que também é docente do curso de Jornalismo da UFMS.

⁹⁷ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 12 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 1 desta dissertação.

fazer comunicação social, mas também fazer comunicação científica. E dirigir uma editora também não é fácil. Uma editora que tem uma parte técnica - que é só a gráfica - mas ela tem toda uma premissa editorial como toda editora universitária. (Informação verbal⁹⁸)

Marcos Paulo da Silva localiza a atuação da assessoria de comunicação nas universidades públicas na interface entre a comunicação pública e a comunicação científica. Desse modo além de trabalhar com conceitos de difusão, disseminação, e divulgação científica, o então secretário acredita que o trabalho da SECOM deve se pautar na premissa da transparência. O uso de redes sociais nesse processo tem se mostrado bastante eficaz e por isso tem sido intensificado. Um exemplo são as reuniões dos conselhos superiores da universidade – consideradas bastante restritas – que passaram a ser transmitidas ao vivo, via Facebook. Ele explica:

Passamos a investir muito em redes sociais. A gente herdou uma conta de Facebook institucional, por exemplo, em fevereiro, em que ela não tinha uma produção própria pra ela. Então o que era publicado no site como notícia era replicado a partir de um aplicativo direto pras redes sociais. Então a gente começou a investir em produção específica pra redes sociais, particularmente Facebook, mas também o Instagram⁹⁹. E depois a gente quer trabalhar com outras redes, mas o nosso fôlego por enquanto está focado nisso. De fevereiro pra maio nós tivemos um pulo de 4 mil engajamentos no Facebook institucional para 20 mil. É um avanço bastante significativo, e as estatísticas, as métricas do Facebook, mostram que nosso público é basicamente nossos alunos pela faixa etária de acesso. Então é um canal bastante importante de disseminação de informação, seja informação institucional, de natureza pública, seja de informação de natureza de divulgação científica. A gente está investindo em uma linguagem para atrair os jovens, ao mesmo passo que a gente tenta dar conta de informações de transparência, divulgação, e mesmo coisas de imagem institucional. (Informação verbal¹⁰⁰)

⁹⁸ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 12 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 1 desta dissertação.

⁹⁹ <https://www.instagram.com/ufmsocial/>

¹⁰⁰ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 12 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 1 desta dissertação.

Figura 29. Estatísticas do Facebook institucional da UFMS**FACEBOOK – FANPAGE OFICIAL – UFMS**

Fonte: SECOM/UFMS (2017).

A estrutura de recursos humanos da SECOM/UFMS conta com um secretário, um auxiliar administrativo e 45 funcionários distribuídos nas quatro divisões, a maior parte terceirizada. Desse total 13 profissionais são graduados em Jornalismo, atuando na Divisão de Jornalismo e Mídias Sociais e na Divisão de Radiodifusão Educativa.

Quanto a sua estrutura física a Secretaria encontra-se dispersa em alguns pontos da universidade: a Divisão de Jornalismo e Mídias Sociais e a Divisão de Planejamento Visual e Produção Gráfica ocupam basicamente o andar térreo da reitoria; a rádio e a editora estão localizadas nas estruturas do estádio Morenã; e a TV universitária está localizada no final do chamado corredor central.

Os equipamentos disponíveis, de acordo com o entrevistado Marcos Paulo da Silva dão conta do trabalho, mas precisam ser modernizados – principalmente no que se refere à migração para a internet e contemplem a produção específica para redes sociais - o que inclui desde câmeras a treinamento. Para realizar as transmissões ao vivo das reuniões dos conselhos via Facebook, por exemplo, a universidade precisou firmar um acordo de cooperação com uma web TV por falta de equipamento. “Do ponto de vista estrutural, a gente não está no melhor dos mundos, mas estamos em uma situação confortável”, afirma Silva.

3.4.2. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Marcada por intensas disputas políticas, a UEMS foi criada pela Constituição Estadual de 1979 (Art. 190) e ratificada pela Constituição Estadual de 1989 pelo Artigo 48, que informa: “Fica criada a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, com sede na cidade de Dourados, cuja instalação e funcionamento deverão ocorrer no início do ano letivo de 1992”. No entanto, só viria a ser instituída pela Lei nº 1461, de 20 de dezembro de 1993. Em um cenário de sérios problemas no ensino fundamental e médio do estado – Mato Grosso do Sul tinha 15% de sua população analfabeta, o maior índice da região Centro-Oeste - a UEMS emerge com a finalidade de promover a interiorização do ensino e a formação de docentes, de modo que circunscreveu-se “muito mais na formação de profissionais para o setor secundarista, do que na produção de conhecimento” (SILVA FILHO, 2008, p. 19).

Em seu Regimento Geral (2002), ela é definida como “uma instituição de natureza fundacional pública, gozando de autonomia didático-científica, disciplinar, administrativa, financeira e patrimonial”. Sua missão, descrita em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (2014-2018) consiste em:

Gerar e disseminar o conhecimento, com vistas ao desenvolvimento das potencialidades humanas, dos aspectos político, econômico e social do Estado, e com compromisso democrático de acesso à educação superior e o fortalecimento de outros níveis de ensino, contribuindo, dessa forma, para a consolidação da democracia. (UEMS, 2014, p. 22)

Entre os objetivos previstos em seu regimento, destacam-se, para fins desta pesquisa, os seguintes tópicos:

- II - harmonizar a educação superior com a educação básica e profissional, propiciando a incorporação de inovações que contribuam para o desenvolvimento e a melhoria da aprendizagem;
- V - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- VI - formar pessoas nas diferentes áreas do conhecimento, qualificadas para a inserção em setores profissionais, colaborando na sua formação continuada, para que possam participar no desenvolvimento da sociedade;
- VII - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- X - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber por meio do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- XI - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na UEMS;

XII - interagir com a sociedade num sistema aberto, participativo e cooperativo, catalisador, transformador, facilitador e distribuidor do uso da ciência e da cultura, tendo no Homem o ponto de partida e o seu objetivo último. (UEMS, 2002, p. 5)

Com quase 25 anos de história a UEMS formou mais de 20 mil profissionais, consolidando sua participação no desenvolvimento social, econômico, cultural e científico do Estado (UEMS, 2017). A UEMS é a primeira universidade brasileira a incluir estudantes indígenas em todos seus cursos de graduação - lembrando que MS possui a segunda maior população indígena do país de acordo com dados do IBGE¹⁰¹.

A UEMS se diferencia de outras universidades brasileiras por sua proposta de priorização ao atendimento às deficiências dos ensinos fundamental e médio, assim como pela expansão e interiorização do ensino superior, possibilitando aos jovens e adultos egressos de escolas públicas, o acesso e a permanência nos cursos superiores. (UEMS 2014, p. 5)

A Universidade conta com unidades em 15 cidades do MS e pólos de educação a distância (EAD) em outros 10 municípios: Dourados, Amambai, Aquidauana, Cassilândia, Campo Grande, Coxim, Glória de Dourados, Maracaju, Ivinhema, Mundo Novo, Jardim, Naviraí, Nova Andradina, Ponta Porã e Paranaíba - por isso é considerada a mais presente. No início de 2018, a universidade divulgou¹⁰² que oferece 66 cursos de graduação, 22 cursos de especialização, 14 mestrados e dois doutorados, que somam mais de 10 mil estudantes matriculados. A UEMS conta com orpo docente de 422 professores efetivos - dos quais 76% são doutores – e 296 professores convocados (58% mestres). Seu corpo técnico atua com 381 funcionários.

¹⁰¹ Dados do Censo Demográfico de 2010 indicam que 73.295 indígenas vivem em MS. Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/estudos/indigena_censo2010.pdf. Acesso em: 11/06/2018.

¹⁰² Informações disponíveis no vídeo institucional da UEMS. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d5Yki8UuVnY>. Acesso em: 09/03/2018.

Figura 30. Mapa das unidades Universitárias da UEMS

Fonte: <http://www.uems.br/>. Acesso: 04/01/2018.

A gestão da Universidade está a cargo do Prof. Dr. Fábio Edir dos Santos, que está a frente da reitoria desde 2011. Santos é bacharel em Ciências Biológicas, com mestrado e doutorado na área de Zoologia. Ele relata, em entrevista para esta dissertação (2018), que ingressou na universidade como professor no primeiro concurso realizado pela instituição, em 1998, quando passou a estudar os peixes do Pantanal. Santos também é coordenador do Laboratório de Ictiologia do Centro de Pesquisa em Biodiversidade da UEMS (CPBIO) e pesquisador associado do Centro de Pesquisa do Pantanal (CPP) e do Instituto Nacional de Áreas Úmidas (INAU). Em sua experiência administrativa passou por instâncias da própria UEMS - coordenador do curso de Biologia, chefe do Núcleo de Pesquisa em Meio Ambiente e Agropecuária (NUPEMA) e pró-reitor de pesquisa e pós-graduação – e pela presidência da FUNDECT, a fundação de amparo à pesquisa de MS.

Sobre os desafios de sua gestão, Fábio Edir, em entrevista para este trabalho, aponta que a situação da UEMS não é diferente da realidade que atravessa as demais instituições de ensino superior e pesquisa do restante do país, principalmente com relação ao financiamento das pesquisas e ao apoio da sociedade em geral:

Aqui no Mato Grosso do Sul, e não é diferente em outros estados [...] a saúde do sistema educação superior, ciência, tecnologia e inovação, varia muito com o humor dos governantes. Nós não temos uma saúde sólida e consolidada do sistema CTeI no nosso país, infelizmente. Nosso país produz muita ciência, produz muita tecnologia de excelência em n áreas, sem dúvida, mas não temos a constância do financiamento das pesquisas. Não temos a constância do lançamento de editais e de pagamento de bolsas a profissionais. [...] A gente pode observar que as linhas de financiamento de pesquisas ou as prioridades, elas não são prioridades de Estado, elas são prioridades de governo. Isso eu falo de uma forma muito tranquila, sem menosprezar nem fazer uma crítica pessoal aos governos que passaram, ou estão aí presentes, mas uma crítica enquanto sociedade e principalmente enquanto comunidade científica, não só em Mato Grosso do Sul, mas no país. A gente ainda

não consegue se mobilizar ou mostrar pra sociedade o real valor daquilo que a gente produz. (Informação verbal¹⁰³)

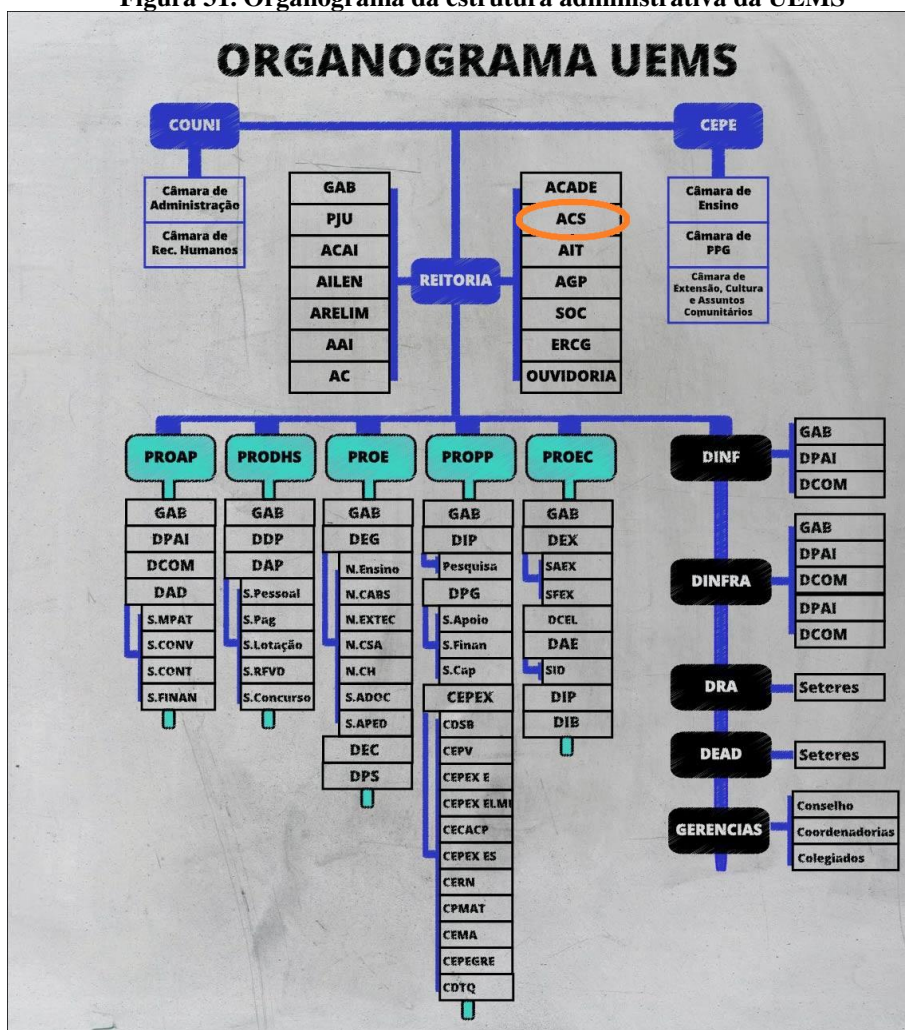
Como mencionado por Fábio Edir, em entrevista, que reconhece a importância da divulgação das pesquisas para a sociedade, o trabalho da Assessoria de Comunicação Social (ACS) da UEMS funciona entrelaçado com o projeto de divulgação científica “Mídia Ciência”.

A integração do projeto com o trabalho de comunicação institucional da UEMS, pode ser atribuída aos laços institucionais de Fábio Edir com a FUNDECT, uma vez que a criação do projeto “Mídia Ciência” se deu no final de seu mandato como presidente da Fundação. Trata-se de uma iniciativa instituída em 2012 com a finalidade de fomentar a divulgação científica no estado de Mato Grosso do Sul por meio do jornalismo científico especificamente. No início o projeto estruturou um núcleo de comunicação para a FAP com a contratação via edital de jornalistas e um publicitário, coordenados pelo Professor de Jornalismo da UFMS Mário Luiz Fernandes. Posteriormente, em editais subsequentes, o projeto se estendeu à UEMS, de modo que a universidade oferecesse o recurso para o custeio estrutural do trabalho, enquanto a FAP financiava as bolsas para os profissionais.

A gestão da Assessoria de Comunicação da UEMS e do Projeto “Mídia Ciência” está sob o comando de André Mazini, jornalista especializado em Comunicação Organizacional, Mestre em Comunicação e em Estudos Latino Americanos e Doutor em História. Em 2010 ele assumiu a vaga de jornalista na UEMS por meio de concurso público e em 2012 passou a responder como chefe do setor de comunicação. Há cerca de dois anos, depois de concorrer a um edital, ele coordena também o “Mídia Ciência”. Devido a sobreposição de funções Mazini declara que não está oficialmente como chefe da assessoria de comunicação da UEMS. Entre as experiências profissionais de Mazini estão a de Professor na área de Comunicação, divulgação científica e institucional em uma universidade privada de MS, e jornalismo diário.

¹⁰³ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 13 de março de 2018. Transcrição no Apêndice 8 desta dissertação.

Figura 31. Organograma da estrutura administrativa da UEMS



Fonte: <http://www.uems.br/organograma>. Acesso em: 04/01/2018. Assessoria de Comunicação Social (ACS) destacada em vermelho pela autora.

Na UEMS atuam três jornalistas efetivos, um arte-finalista e um desenvolvedor web. Parte da equipe fica no campus de Dourados e outra parte no escritório e no campus de Campo Grande. A equipe ainda conta com a ajuda de sete bolsistas do projeto Mídia Ciência que tem um núcleo na FUNDECT e outro na UEMS.

No núcleo de Comunicação da UEMS são três bolsistas, sendo duas jornalistas que ficam em Dourados e um publicitário em Campo Grande. No núcleo FUNDECT, Mazini conta com dois jornalistas, sendo uma subcoordenadora do projeto, um publicitário, e dois jornalistas.

A estrutura da ACS/UEMS fica dividida entre Campo Grande e Dourados. A estrutura principal da ACS/UEMS, que inclui o desenvolvimento web¹⁰⁴, acaba concentrada

¹⁰⁴ Desenvolvimento de sites na Internet ou intranet.

em Dourados, enquanto a parte de marketing, produção de artes e do site, layout e mídias sociais acaba concentrada em Campo Grande. Essa opção deve-se ao caso de ser em Dourados a sede administrativa da UEMS, enquanto em Campo Grande, capital do estado, estar a segunda maior unidade universitária da instituição e localizar o maior fluxo de divulgação do estado. Mazini afirma que essa estratégia resultou em aumento da presença da UEMS nos veículos da capital e do estado.

O núcleo Dourados e o subnúcleo Campo Grande mantém a organização do trabalho em conjunto por meio de um grupo no aplicativo de conversas WhatsApp, pelo aplicativo de gerenciamento de projetos Trello e quando necessário realizam videoconferências. Assim, de acordo com Mazini, conseguem manter a comunicação diária permanentemente. A equipe conta com salas, computadores e câmeras fotográficas em ambos os núcleos, e uma pequena estrutura de iluminação para gravação de vídeos.

De acordo com Mazini a formatação UEMS/FUNDECT/Mídia Ciência foi pensada para que o trabalho seja feito de maneira integrada de modo que todos possam participar do processo de criação dos produtos. Durante a entrevista realizada para esta dissertação ele explica:

A gente tem um grupo e achou que não seria muito produtivo compartimentar de uma forma muito rígida ao ponto de um só faz uma coisa, outro só faz outra coisa. Como não tem uma equipe grande que nos permita ter um setor estruturado de publicidade, um setor estruturado pra rádio, um setor estruturado pra comunicação a gente tenta fazer com que todo mundo participe do processo de criação de todos os nossos produtos, então não tem muito essa segmentação dentro do produto, a não ser eu que respondo pela coordenação efetivamente. (Informação verbal¹⁰⁵)

A ACS possui como canais para veicular essas produções seu site institucional¹⁰⁶, Instagram¹⁰⁷, Facebook¹⁰⁸, uma página web para reportagens especiais¹⁰⁹ e um canal no YouTube¹¹⁰.

Em maio de 2017, o Mídia Ciência firmou parceria com dois veículos da mídia regional – Midiamax e Revista Mood - com o propósito de potencializar pautas de divulgação científica e aproximar academia e mercado. Todavia essas iniciativas não puderam se

¹⁰⁵ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 22 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 2 desta dissertação.

¹⁰⁶ www.uems.br

¹⁰⁷ <https://www.instagram.com/uemsoficial/>

¹⁰⁸ www.facebook.com/uemsoficial

¹⁰⁹ www.uems.br/midiaciencia

¹¹⁰ www.youtube.com/channel/UCXaujI3TX_YQ0mHqeJ3kSrA

concretizar devido ao cancelamento de bolsas sofrido pelo projeto, no início de 2018, e que acabou suspendendo suas atividades.

3.5. A visão dos gestores das universidades sobre a comunicação

A divulgação científica, tanto na perspectiva do reitor da UEMS, Fábio dos Santos, quanto do pró-reitor de pesquisa e pós-graduação da UFMS, Nalvo Franco de Almeida Jr.¹¹¹, é percebida não apenas como uma necessidade, mas como um dever das universidades. Neste sentido, durante as entrevistas realizadas para esta pesquisa, a divulgação científica foi caracterizada por Nalvo como instrumento de apropriação do conhecimento científico que “deve ser capaz de alcançar a comunidade em todos os seus níveis sociais, econômicos e de instrução”.

Notou-se que, sob o ponto de vista dos gestores, as ações que visam conscientizar a população, mostrando que o trabalho de pesquisa feito nas universidades leva benefícios diretos e indiretos à sociedade, são reconhecidas por seu valor estratégico. No caso da UEMS, por exemplo, Fábio Edir, em entrevista para esta pesquisa, pontua que no momento em que as pessoas enxergarem a importância da instituição para o desenvolvimento do estado, será possível à universidade conquistar sua tão almejada autonomia.

Além disso, é possível depreender, a partir das entrevistas, que eles consideram que a Comunicação deve ser direcionada, e não homogênea para todos os públicos. Quer dizer, devem existir o trabalho educativo de levar à população com um baixo nível de escolaridade como a ciência faz parte do seu cotidiano, e como os cientistas chegaram a um determinado resultado, ou produto, assim como deve haver uma comunicação direcionada aos dirigentes e outra abordagem com *stakeholders* (públicos de interesse). A fala abaixo, transcrita da entrevista realizada com Fábio Edir, ilustra esse pensamento:

A divulgação é essencial em todos os níveis. Tem a popularização da ciência, e a própria divulgação até pros nossos dirigentes. Eu não me canso de conversar seja com ex-governador, a secretários de estados, a deputados. [Eu digo para eles]: Ô deputado, sabia que na UEMS nós temos hoje, 75% dos nossos alunos oriundos de escola pública? Os mesmos 70% são sul-mato-grossenses. O senhor sabia que na UEMS é a única universidade do país que ingressam em curso de medicina cinco alunos indígenas que nós iremos formar por ano? É o único curso de medicina do país que vai formar cinco alunos indígenas todos os anos. Ou seja, tem questões sociais que só uma universidade pública vai fazer isso. Uniderp¹¹², com todo

¹¹¹ Informações sobre o entrevistado constam no Apêndice 9 desta dissertação.

¹¹² A Anhanguera-Uniderp (Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal) é uma instituição de ensino superior privada com sede na cidade de Campo Grande (MS).

respeito, que cobra dois mil reais a mensalidade, não vai fazer isso. E acho que não tem que fazer porque não é o papel dela nesse momento. Pode ser que um dia ela tenha esse perfil. Hoje é missão da UEMS, mas é importante que seja reconhecido. (...) A universidade faz muito mais que formar aluno, ela gera conhecimento, empodera a sociedade. (Informação verbal¹¹³)

Do cargo de reitor da UEMS, Fábio Edir se diz muito satisfeito com o trabalho desempenhado pela ACS, indicando-a como sua referência quando necessita de informações e que consulta a equipe diariamente, mas acredita que o trabalho poderia melhorar. No entanto, reconhece que essas melhorias estão intrinsecamente dependentes das iniciativas da gestão e no caso aponta que a falta de autonomia efetiva da UEMS, sendo um dos obstáculos para a realização de investimentos na Assessoria de Comunicação Social (ACS).

Enquanto pró-reitor de pesquisa e pós-graduação da UFMS, Nalvo Franco de Almeida Jr., em entrevista via e-mail, se mostra bastante satisfeito com o trabalho da Secretaria Especial de Comunicação Social e Científica (SECOM). Mesmo assim, no que concerne à implantação de políticas voltadas para a divulgação científica, Nalvo afirma que a atual gestão da UFMS “pretende atuar mais fortemente na popularização da ciência”. Entre as ações programadas estão previstos: 1) Projetos que levem pesquisadores e alunos da UFMS a apresentarem as pesquisas desenvolvidas pela universidade em escolas de nível fundamental e médio; 2) Eventos que integrem todos os programas científicos da universidade de pesquisa, ensino e extensão; 3) O lançamento de revistas de divulgação científica. Somente o tópico dois já se encontra em fase de desenvolvimento com a organização do evento “Integra UFMS”¹¹⁴. Não foi mencionado período para o início das demais atividades.

Com relação à mídia tradicional, Nalvo acredita que, os trabalhos desenvolvidos pelas assessorias de instituições científicas têm potencial para fazer circular informações de maneira mais acurada sobre o potencial da ciência, porém sem falsas promessas. Segundo o pró-reitor de pesquisa da UFMS:

Mídias tradicionais sempre tendem a dar uma visão simplista das pesquisas e seus resultados, levando muitas vezes a informações falsas. Do outro lado, a população sempre está querendo receber resultados diretos das pesquisas, como descobertas que levariam diretamente cura de doenças, etc. Cabe às agências/secretarias de divulgação científica a tarefa (que não é fácil) de fornecer a notícia científica de tal

¹¹³ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 13 de março de 2018. Transcrição no Apêndice 8 desta dissertação.

¹¹⁴ A primeira edição do evento ocorreu em novembro de 2017 reunindo: a Feira de Tecnologias, Engenharias e Ciências de Mato Grosso do Sul (FETEC-MS) e os encontros do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Programa de Educação Tutorial (PET), Extensão Universitária (ENEX) e Empresas Júniores da UFMS.

modo que seja real, verdadeira, com valor social, porém ao mesmo tempo com a devida cautela. (Informação via e-mail¹¹⁵)

Este pensamento é corroborado por Fábio Edir. Para ele a velocidade e a multiplicação da informação, principalmente nas redes sociais é um grande desafio para as equipes de comunicação científica, isto porque, ao seu modo de ver, na maior parte das vezes as situações banais tomam proporções muito maiores e com muito menos esforço, do que assuntos considerados importantes. Para ilustrar a situação ele relata uma situação que ocorreu com a UEMS em 2016:

Infelizmente, não sei se ainda é, mas durante muito tempo foi, o post no Face que mais viralizou, que mais foi comentado, foi quando um aluno nosso deu um tiro de espingardinha de chumbo e matou um gato. E foi filmado isso. Ele estava em um final de semana, à noite, não sei se estava bêbado ou não, mas estava dirigindo com outras pessoas e atirou em um gato. Viram, identificaram, levaram para a delegacia, foi preso. Coincidentemente era um aluno da UEMS. Poderia ser aluno de qualquer outra universidade, ele estava fazendo isso na condição de um cidadão ignorante. Nada a ver com a UEMS. Porém, na página da UEMS foi o post que mais viralizou. Uma notícia ruim. Tudo aquilo que a gente faz, soma-se tudo, a sociedade não reconhece, mas ela gosta de criticar ou julgar ou condenar. Foi um ato errado, mas às vezes você não consegue dar a mesma importância e divulgação, por exemplo, quando você tem o primeiro aluno indígena médico formado no estado, que é milhares de vezes mais importante, mais salutar, com todo respeito a vida do gato. Então, como conseguir contrapor questões como essa? (Informação verbal¹¹⁶)

A resposta para esta pergunta, na opinião de Fábio Edir cabe aos jornalistas, mas percebe-se que há por parte do reitor uma compreensão de que não se trata de uma situação a ser resolvida de modo isolado. Para ele, os próprios pesquisadores apresentam dificuldades em compreender a importância da divulgação científica, e há ainda outros obstáculos como o próprio perfil psicológico do pesquisador, que muitas vezes são introspectivos, e ainda a questão do tempo que a divulgação pode demandar da rotina produtiva do pesquisador. Ele tece o seguinte comentário:

Muitos e muitos pesquisadores são introspectivos. São fechados no seu mundo, na sua forma de pensar e tudo mais. E tem muitos que falam, se eu for parar meia hora aqui pra dar entrevista eu tô deixando meia hora de pesquisar, de produzir (...). São poucos aqueles que tem a iniciativa de ir atrás e fazer divulgação. Os que fazem sabem do sucesso dessa atividade. Outros por timidez. Eu até confesso que no começo, antes até de ser gestor, eu ficava assim “nossa, o quê que o jornalista tal vai querer saber do meu trabalho? Se eu for lá me oferecer vai parecer que eu tô querendo me aparecer. Então as pessoas às vezes nem tem ideia de que o jornalista quer que as pessoas vão lá levar informação, e se eu pesquisador, estou produzindo aquele conhecimento, gerando aquela informação, se eu não falar pra ninguém, nem pro jornalista, ninguém vai saber. E simplesmente publicar um paper lá, muitas

¹¹⁵ Entrevista realizada via e-mail em 23 de abril de 2018. Transcrição no Apêndice 9 desta dissertação.

¹¹⁶ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 13 de março de 2018. Transcrição no Apêndice 8 desta dissertação.

vezes numa língua estrangeira, fica na prateleira ninguém vai saber que aquela informação está lá disponível. Por isso que assim, palestras de divulgação, palestras de conscientização e uma ação proativa. Eles vão, eles ligam. Eu peço essa proatividade pra eles. (Informação verbal¹¹⁷)

Em relação à divulgação específica do Pantanal, Nalvo Franco expõe que a UFMS tem se preocupado em divulgar pesquisas relacionadas as áreas de Ecologia e Conservação, uma vez que considera as questões relacionadas a estas áreas relevantes para o estado, e uma das vocações da UFMS. O pró-reitor de pesquisa e pós-graduação, comenta que não existem editais específicos voltados para o Pantanal, mas que o bioma tem um forte impacto mantendo um alto percentual das pesquisas realizadas na UFMS, mas não precisou tais dados.

Mais específico, Fábio Edir pontua que sob seu ponto de vista o Pantanal necessita de uma melhor divulgação no âmbito do conhecimento científico. Para fins de turismo, segundo o entrevistado, não falta informação. No entanto, ele observa, que assim como outros biomas, o Pantanal precisa de mais iniciativas para que a divulgação consolide iniciativas que tem potencial para incentivar práticas de conservação ambiental e transforme a ideia de que o Pantanal é um passivo ambiental. Por exemplo, selos de certificação de origem e agregação de valor para produtos oriundos da região.

3.6. A visão dos assessores de comunicação

Percebe-se na fala dos entrevistados, que atuam nas Assessorias de Comunicação das instituições estudadas, que tanto a UFMS como a UEMS estão empenhando esforços para mudar a visão tarefaira/instrumental que pairou por muitos anos sobre as assessorias de comunicação, para uma visão estratégica, onde a comunicação passa a desempenhar uma função proativa junto aos níveis decisórios da universidade, por exemplo. Pode-se dizer que por serem movimentos ainda recentes, isso tem repercutido de maneira pontual.

Nesse processo é importante observar que os gestores da comunicação da UFMS e UEMS valorizam o apoio e as cobranças de seus respectivos reitores que consideram incentivos fundamentais para a implementação de mudanças necessárias. Esse apoio, sem dúvida, é fundamental, visto que as assessorias em universidades são estruturas, conforme Lima (2011, p. 37), “extremamente dependentes dos dirigentes da alta administração (Reitoria), cuja atuação reflete o nível de compreensão, sensibilidade e disposição dos

¹¹⁷ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 13 de março de 2018. Transcrição no Apêndice 8 desta dissertação.

mesmos em relação aos seus objetivos e funções”. Segundo a autora, quando os dirigentes são receptivos aos projetos e ações dos profissionais da comunicação tudo pode acontecer, caso contrário pode, até mesmo, haver retrocessos.

Com base em sua vivência profissional André Mazini assevera esse pensamento. Mesmo que os argumentos e orientações técnicas dadas pelos profissionais da comunicação estejam bem fundamentados, se não houver respaldo da gestão, dificilmente os projetos serão desenvolvidos. Como exemplo ele cita a mudança da logomarca institucional da UEMS, e a adoção de uma linguagem coloquial nas redes sociais da instituição. De seu ponto de vista Mazini explana:

Eu percebo que tem uma mudança no perfil do gestor que é fundamental pras assessorias de comunicação. Isso eu estou falando de maneira genérica. Tem gestores que gostam mais de se posicionar, tem outros que tem mais receio, e eu tenho uma experiência nesse sentido que poderia contribuir vendo as outras assessorias que eu tenho contato. Especialmente dentro do governo ou entre as redes que a gente tem. Eu tenho colegas, por exemplo, que são muito talentosos e que têm ideias sensacionais sobre pautas e tal, e que na maioria das vezes são podados. Nem sempre as instituições dão retaguarda pra que o jornalista crie e desenvolva um trabalho criativo propriamente. Nessa atual gestão [...] eu sinto liberdade absoluta. Não teve nenhuma pauta que eu tenha proposto até hoje que tenha sido barrada ou tenha sido problematizada, todas foram acatadas. Então eu posso falar muito concretamente dessa gestão, que é onde eu tenho experiência como gestor também, que a gente tem na assessoria liberdade absoluta pra produzir. (Informação verbal¹¹⁸)

No caso de Marcos Paulo da Silva, ele relata que um dos motivos que aceitou o convite para se tornar secretário de Comunicação, foi a visão estratégica que a nova gestão demonstrou sobre a área, contudo ressalva que ainda está passando por um momento de diagnóstico para a implantação de ações:

Hoje, como todas as sextas-feiras, eu passei a tarde numa reunião de gestão com pró-reitores, diretores de agências... Comunicação tem um assento ali, e opina e fala, que é algo que na teoria, quando a gente trabalha comunicação institucional, se vê isso. Tem gente que brinca com o termo assessoria, que ela remete a uma ideia de acessório, que ela é um apêndice. Que as decisões são tomadas e depois você passa para a comunicação como porta-voz só. Então a comunicação tem um assento nessa gestão e as decisões são tensionadas, como são tensionadas em todas as áreas. É um grupo de trabalho que integra a gestão e as decisões são tomadas ali a partir de discussão pra tentar chegar em políticas públicas institucionais em diversas áreas. Eu tenho acreditado muito nesse projeto, senão nem estaria nele. Seria muito mais cômodo continuar só em sala de aula. (Informação verbal¹¹⁹)

¹¹⁸ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 22 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 2 desta dissertação.

¹¹⁹ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 12 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 1 desta dissertação.

Apesar do apoio das gestões, observa-se que os núcleos de comunicação das universidades estudadas não são dotados de orçamento financeiro próprio, e que não são apresentadas perspectivas para que isso ocorra. Lima (2011, p. 38), aponta este fator como “limitante à expansão e consolidação dos projetos de comunicação”, e que isto torna o setor vulnerável especialmente quando ocorre a troca de poder. A autonomia dos núcleos de comunicação em universidades brasileiras é uma luta antiga, de acordo com a autora. Nos anos 1990, durante o mandato do Presidente Itamar Franco, o tema chegou a ganhar atenção do Ministério da Educação (MEC) que promoveu três encontros nacionais de assessores de comunicação das instituições federais de ensino superior (IFES), mas com o fim do governo o movimento arrefeceu.

É notório nas entrevistas realizadas para esta pesquisa que os recursos financeiros não são um impedimento à execução de tarefas. Entretanto, a falta de recursos financeiros é mencionada entre as principais dificuldades no desenvolvimento do trabalho, e percebe-se que outras dificuldades mencionadas podem estar indiretamente relacionadas a esse fator. O trecho a seguir da entrevista com Mazini exemplifica a questão:

A gente tem uma dificuldade meio clichê, mas que é verdade: a gente tem dificuldade de gente. Eu acho que a gente faz bastante coisa pela estrutura que a gente tem, mas o ideal seria a compartimentação do setor. Que eu tivesse um setor, com chefia exclusiva pra publicidade, um setor exclusivo pra responder pelo jornalismo, que eu tivesse essa possibilidade de fazer setores. Hoje a gente não tem, fica meio que todo mundo faz de tudo e isso impede que a gente tenha voos mais altos talvez. E a gente tem a dificuldade também de não ter o recurso que a gente acha necessário. Por exemplo, se eu tivesse um drone, um equipamento de microfonia avançado, a gente com certeza produziria coisas sensacionais. A gente tem espaço pra isso, a gente nem sempre tem estrutura mesmo. A gente poderia, por exemplo, a TVE é do estado, a gente poderia fazer uma parceria e falar assim “me dá um programa diário aí que eu faço pela UEMS”, divulgando o que eu quero. Tenho certeza que eles topariam, mas a gente não tem estrutura pra aguentar isso. A rádio UFMS, a gente é muito parceiro da assessoria de comunicação deles, até o reitor da UFMS foi colega de trabalho muito tempo do reitor da UEMS, então tem uma relação institucional bem favorável que a gente poderia falar “ó, dá um espaço da programação de rádio”, mas a gente nem pede porque não teria como aguentar isso. Então a nossa dificuldade é mais de estrutura de pessoal e física pra poder crescer mais do que propriamente de qualquer outra coisa. (Informação verbal¹²⁰)

A fala abaixo, trazida por Marcos Paulo, também em entrevista, apresenta consonância com a de Mazini:

A gente tem equipamentos que dão conta do nosso trabalho hoje, mas a gente está em um processo contínuo de demanda de melhorias. Então nesse processo de modernização dos equipamentos da TV universitária e migração para a internet, eu

¹²⁰ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 22 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 2 desta dissertação.

também estou tentando contemplar melhoria de equipamentos de audiovisual para a produção específica para redes sociais. Eu quero ter uma drone, por exemplo, pra fazer imagens, mas pode ser que não seja prioridade da gestão, mas eu quero já ter a previsão do que eu preciso pra fazer coisas. [...] Câmeras melhores, treinamentos... Hoje tem um fotógrafo, mas até pouco tempo atrás não tinha, porque ele é terceirizado. Então a gente vai aprimorando a equipe. Não dá pra reclamar. A gente sempre quer a estrutura melhor, mas a gente tem conseguido fazer bastante coisa. (Informação verbal¹²¹)

É importante ressaltar a observação feita por Marcos Paulo de que a mudança de cultura institucional é a mais desafiante entre as dificuldades que percebe, e que esta passa pela comunicação científica, em instaurar comportamentos comunicativos – principalmente nos pesquisadores - abrindo a organização ao diálogo. Samten e Caruso Jr. (2004) apregoam que a mudança de cultura institucional significa mudar o pensamento conservador dentro de uma instituição, o que requer mais a capacidade e disposição dos envolvidos – e não apenas o setor de comunicação –, do que essencialmente recursos financeiros. A respeito disso, Mazini fala na importância de “educar o pesquisador” para facilitar o processo comunicativo:

Como assessoria a gente não produz a pesquisa, a gente faz ponte. Uma das coisas que a gente pode, ao criar cultura de comunicação, de mostrar pros pesquisadores o que é relevante em termos de divulgação, [...], a gente acaba também por tabela sensibilizando eles a trabalharem temas que tenham um impacto mais direto na população. Pra eles saírem um pouco do laboratório e entender que a pesquisa deles tem repercussão social. Então eu acho que a comunicação nesse sentido tem um papel fundamental de conscientizar o pesquisador de que o que ele está fazendo tem que ser compreensível, compreendido e utilizado, e posto em prática pela ponta, pela população em geral. Então quando eles criam a cultura da comunicação, da comunicação científica inclusive, eles vão entender que comunicação científica não é só artigo em periódico qualis. Isso é uma parte. Não é só publicar em inglês numa revista com DOI¹²². Não é! A publicação dele vai ter uma relevância social na medida em que aquilo for útil pra sociedade. Então muito do que a gente faz é trabalhar com o pesquisador bem perto da gente e educando o pesquisador. Antes de educar a população que recebe as notícias, a gente tem que educar o pesquisador pra que eles desenvolvam pautas suficientemente interessantes pra população. A partir daí a gente vai pra população com temas muito mais palpáveis. Com pesquisas que de fato interferem na vida das pessoas.

É importante apontar que nas duas universidades públicas, os núcleos de comunicação não possuem planos de comunicação oficializados. Na UFMS existe o Manual de Competências oficial que norteia o que cabe a SECOM e cada uma de suas divisões desenvolver, isto é, quais são suas tarefas, e de acordo com Marcos Paulo um plano de comunicação está em fase de redação. Na UEMS, as funções do setor de comunicação estão contempladas dentro do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) 2014-2018.

¹²¹ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 12 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 1 desta dissertação.

¹²² Sigla para Digital Object Identifier, padrão digital de identificação de documentos.

O planejamento é o primeiro passo para o sucesso da comunicação e por isso, o plano de comunicação é visto como um processo determinante por Dos Anjos (2015), pois por meio dele é possível conhecer a realidade da organização, definir o que se quer e como fazer para que os objetivos sejam concretizados. Desse modo é importante que a oficialização desses documentos não seja vista como mera formalidade, mas como um compromisso que deve ser constantemente monitorado e revisto caso seja necessário.

Considerando o tamanho de suas estruturas, e que elas não se resumem às atividades realizadas em suas sedes, as equipes de comunicação da UFMS e UEMS são bastante reduzidas. Por conta disso nota-se, por exemplo, que a divulgação de assuntos institucionais prevalece sobre a divulgação de pesquisas. Uma maneira encontrada pelas assessorias para dar maior visibilidade e valorização às pautas de divulgação científica foi criando espaços exclusivos pra elas dentro dos portais organizacionais. Marcos Paulo da Silva explana sobre essa decisão:

Acho que é fundamental numa universidade pública investir, é a divulgação científica, que é a popularização da ciência. É um desafio grande, tem vários projetos engatilhados nessa linha. Hoje a gente criou dentro do site da UFMS uma sessão só de pesquisa e extensão, pra separar um pouco a divulgação institucional, que é mais imagem institucional, pras notícias não saírem misturadas, para o pesquisador se sentir respeitado quando for procurado pelo repórter e saber que é praquela sessão, e a ideia é que aquela sessão não seja voltada às notícias da gestão, mas às notícias de pesquisa. Então a gente tem uma sessão que querendo ou não acaba sendo preenchida com mais ênfase por notícias da gestão, o campo de notícias. Então a gente tenta nessa outra sessão que é de pesquisa e extensão, dar conta de pesquisa, mais isso é só a pontinha do iceberg do que a gente quer fazer. E a ideia é trabalhar com passos, com metas. Depende de um monte de coisa, equipe, capacitação da equipe, diluição dos gargalos que existem na relação cientista-jornalista. [...] Nem toda semana a gente consegue fôlego pra ter duas, três matérias. Tem semana que entra uma matéria. O volume ainda é maior das notícias institucionais do que as de divulgação científica, mas isso tem a ver com uma série de fatores, inclusive de recursos humanos. (Informação verbal)¹²³

¹²³ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 12 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 1 desta dissertação.

Figura 32. Aba criada para divulgação de pesquisas na página inicial do site da UFMS



Fonte: <https://www.ufms.br/>. Acesso em: 16/03/2018. Grifo em vermelho pela autora.

Figura 33. Aba criada para divulgação de pesquisas na página inicial do site da UEMS



Fonte: <http://www.uems.br/home>. Acesso em: 16/03/2018. Grifo em vermelho pela autora.

O número de pesquisadores e pesquisas desenvolvidas, nas mais diversas áreas do conhecimento, faz com que seja difícil pensar em um tratamento diferenciado para um tema específico, como é o caso do Pantanal. Este dilui-se na temática biodiversidade regional que figura entre os assuntos mais solicitados pela mídia tradicional às assessorias, juntamente às questões indígenas e as pesquisas voltadas ao agronegócio. Estes são temas bastante latentes a Mato Grosso do Sul, visto que o estado comporta três biomas (Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal), abriga a segunda maior população indígena do país, e como já foi citado tem sua economia apoiada na expansão do agronegócio. Uma terra de contradições, nos dizeres de Miguel e Oliveira (2016).

A captação de temas para divulgação nas mídias internas é realizada de forma distinta nas duas universidades. Na UEMS, Mazini explica, durante entrevista, que o que tem funcionado é “monitoramento permanente de ligar pra fontes chave”, o que tem cultivado, ao longo do tempo, uma espontaneidade por parte de pesquisadores e funcionários da pró-reitoria de pesquisa de entrar em contato com a assessoria de comunicação. A dificuldade desse processo consiste no fato de que muito do que chega pode não ter relevância jornalística, o

que pode ser creditado as especificidades em que consistem o *ethos* jornalístico. Nas palavras do assessor-chefe da UEMS:

A gente tem um desafio nisso, porque eles também mandam coisas que não é pauta. É muito comum a gente receber coisas assim “ah, publica aí que eu apresentei um artigo na semana acadêmica de letras”. Não, isso não é pauta, é pressuposto do seu trabalho. Era pra você fazer isso mesmo, não era? Ou então, “ah, publica aí que aluno tal passou no mestrado na USP”. Não, não é o nosso objetivo também. Então como o tempo, a gente foi em dois momentos, primeiro a gente criou a relevância de que as pessoas procurassem a gente. No segundo momento a gente teve que educar essas pessoas pra que elas entendessem minimamente o que é pauta e o que não é. Critérios de noticiabilidade que nem a gente estuda no jornalismo. Então pra alguns eu cheguei a fazer mini oficina mesmo. (...) Então esse trabalho de ensinar os gestores o que é, o que não é notícia foi um segundo passo pra isso. E hoje a gente já consegue falar não pra pouquíssimas pautas. Normalmente o que chega é muitíssimo relevante. (Informação verbal¹²⁴)

Já na UFMS esta forma de captação mostrou-se morosa, talvez devido a diferença de tamanho entre as universidades, por exemplo. Marcos Paulo explica que as pautas institucionais são catalisadas pela administração central, como no caso de editais, por exemplo. No caso das pautas de divulgação científica os jornalistas da SECOM utilizam o SIGPROJ. Para facilitar o processo foi solicitado as pró-reitorias de pesquisa e extensão que apontassem quais as pesquisas que estão sendo desenvolvidas a mais tempo, quais receberam mais fomento e quais já tiveram repercussão, a fim de que fosse sistematizada uma hierarquização baseada em relevância. Marcos explica:

A ferramenta é o próprio canal de registro. Isso parece que tem ajudado bastante a produção desse programa específico que chama “Extensão e Pesquisa”. As jornalistas da divisão de jornalismo, principalmente essa que tem por afimco mesmo mais proximidade com a divulgação científica e tenta escavar essas pautas, ela já tinha o SIGPROJ como recurso. Na rádio se tentava escavar as pautas de uma maneira mais dificultosa a partir de contatos e isso parece que ajudou bastante a gerir a questão das pautas, mas é uma ferramenta que eu considero fundamental. Agora, tem sugestões, tem o cara que vai pro congresso, depois volta, tem várias formas de se chegar, mas uma que é institucional na área de pesquisa é o SIGPROJ. (Informação verbal¹²⁵)

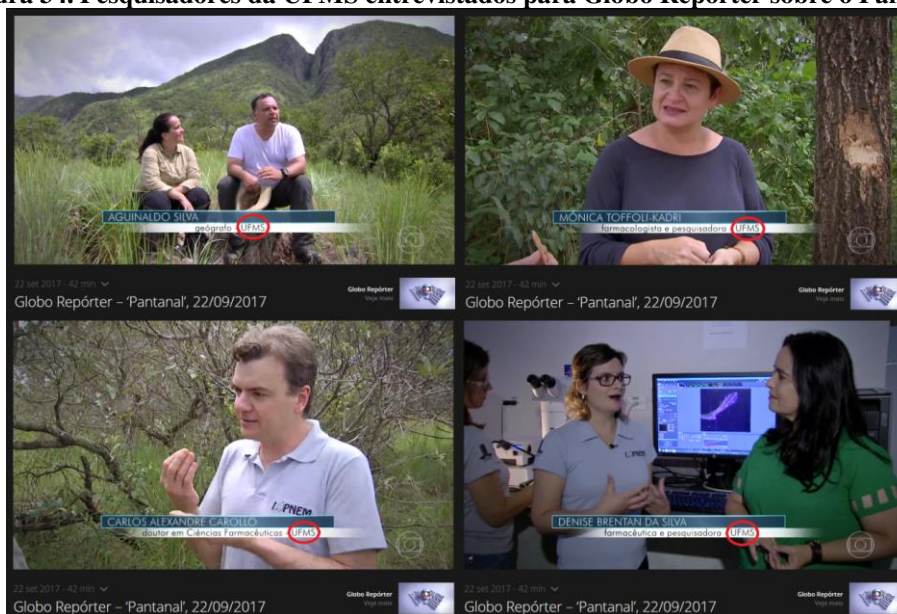
De maneira geral é a mídia regional quem procura mais pelas assessorias das universidades. Pontualmente algumas pautas acabam ganhando mais expressividade e extrapolando essa fronteira. Um dos casos mencionados foi um Globo Repórter especial sobre

¹²⁴ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 22 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 2 desta dissertação.

¹²⁵ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 12 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 1 desta dissertação.

o Pantanal¹²⁶ realizado pelas afiliadas da Rede Globo, TV Morena (MS) e TV Centro América (MT), e que contou com o apoio da UFMS. O programa foi ao ar em 22/09/2017.

Figura 34. Pesquisadores da UFMS entrevistados para Globo Repórter sobre o Pantanal



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/6168417/>. Acesso em: 04/01/2018. Grifos em vermelho pela autora.

Um exemplo da UEMS foi a matéria vinculada no telejornal “Fala Brasil”¹²⁷, exibido pela RecordTV e Record News, sobre uma pesquisa que testa o uso da bocaiúva, um fruto nativo da região do Cerrado e Pantanal, na suplementação de bovinos leiteiros.

Figura 35. Pesquisadores da UEMS em reportagem televisiva sobre uso da bocaiúva



Fonte: <https://noticias.r7.com/fala-brasil/videos/-especie-de-coquinho-e-esperanca-para-moradores-do-pantanal-24042017>. Acesso em: 04/01/2018.

¹²⁶ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6168417/>

¹²⁷ Disponível em: <https://noticias.r7.com/fala-brasil/videos/-especie-de-coquinho-e-esperanca-para-moradores-do-pantanal-24042017>

A relação com os jornalistas da mídia tradicional – particularmente em veículos regionais - revela problemas da mesma ordem: o descompasso na comunicação entre as duas esferas, isto é, as matérias envolvendo as universidades são publicadas sem a versão das mesmas, o que acaba criando situações de crise. O relato de André Mazini exemplifica a questão:

O que acontece e já aconteceu semana passada que me deixou bastante irritado, é que determinado jornal publicou um negócio envolvendo a UEMS e falava lá que entrou em contato com a assessoria de comunicação e não teve resposta. No outro dia eu liguei pra jornalista e perguntei, “como assim? Vocês têm meu celular, pode me ligar a qualquer momento”, “não, a gente mandou um e-mail”, “mandou um e-mail que horas? O expediente termina às 16h30”, ela mandou um e-mail às 16h50 e publicou a matéria 17h30. Esse tipo de coisa me irrita profundamente, porque eu odeio essa coisa de não quer falar. Como assim não quer falar? A gente é obrigado a falar, a gente tem responsabilidade com o público, a gente tem que prestar contas, não tem essa de não falar. Não falar é pra outros setores, não pra universidade. As únicas vezes que aconteceu isso foi nesses casos. Foi mais - falo com muita tranquilidade e respeito até - falha mais do jornalista que nossa, a gente se pronuncia. E a equipe está pronta pra isso também. Isso é uma grande potencialidade, a gente tem uma equipe motivada e comprometida que trabalha com tesão mesmo. A gente não tem tarefistas mais, isso ajuda bastante nosso trabalho. Comunicação feita de modo tarefista é o fim do mundo, já era. (Informação verbal¹²⁸)

Marcos Paulo da Silva descreve uma experiência semelhante:

Eu passei nas duas últimas semanas dois casos semelhantes com o mesmo veículo, em que a procura foi truncada, houve descompasso na comunicação e saiu como se a UFMS não tivesse respondido. Depois foi feita a gestão e eles deram a versão da UFMS. Isso me tira o fôlego, me incomoda. Eu vou sempre dar a resposta, mas ao ponto de eu ligar pra jornalista e perguntar “tá, voltou o e-mail, qualquer coisa do tipo? Anota meu celular pessoal, tem a jornalista que atende a assessoria. Eu não fico só na assessoria que eu cuido de outras áreas, mas antes de publicar qualquer coisa que a UFMS não deu versão oficial você liga no meu celular”. Ao ponto de eu ter que falar isso pra repórter. (Informação verbal¹²⁹)

Mas estas são situações pontuais, e no geral as assessorias avaliam que existe um respeito pelas universidades, pelo papel que exercem. Marcos com uma fala mais crítica acha necessário que a UFMS seja mais proativa em relação à imprensa, não apenas respondendo a demandas quando é procurada. Mas da sua posição de Professor de Jornalismo, também vê que os jornalistas devem melhorar seu trabalho. Em entrevista ele diz:

Tem muita coisa de cultura institucional pra melhorar ainda e essa é uma das questões, que eu acho que dá pra ter uma relação mais pró ativa da comunicação da UFMS com a imprensa local. Não estou menosprezando a imprensa, eu vejo

¹²⁸ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 22 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 2 desta dissertação.

¹²⁹ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 12 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 1 desta dissertação.

falhas como eu vejo em outros lugares e não é uma questão do jornalista só de Mato Grosso do Sul, é de formação. Eu fui coordenador do curso de jornalismo por quatro anos, então é um tiro no pé eu criticar a imprensa daqui. Mas assim, tem que fazer uma crítica de que os jornalistas estão chegando muito mal formados no mercado. Mas assim, a humildade que eu tenho que ter pra eu reconhecer que as relações tem que melhorar, eu gostaria que a imprensa também tivesse, e muitas vezes humildade não é uma característica muito peculiar dos jornalistas. (Informação verbal¹³⁰)

A UFMS foi a primeira universidade do estado a criar um curso de Jornalismo, em 1985, tendo sua primeira chamada para vestibular em 1988. Atualmente é a única universidade pública de Mato Grosso do Sul que oferece o curso. Em sua grade curricular contempla disciplinas como Jornalismo Científico e Jornalismo Ambiental. Outras universidades particulares em Mato Grosso do Sul também oferecem o curso de Jornalismo, mas a maioria não possui tais disciplinas. É da UFMS também o primeiro curso de mestrado em Comunicação Social do estado, com área de concentração em Mídia e Representação Social. A seleção da primeira turma ocorreu em 2011. De acordo com apontamentos de Mazini (2012) no artigo “A imprensa a serviço da História”, a criação do mestrado visa suprir as lacunas do campo acadêmico da Comunicação Social em MS.

Há ainda um ponto assinalado por Mazini, durante entrevista para esta dissertação, sobre as práticas dos jornalistas da mídia tradicional, que cabe mencionar. Os jornais locais costumam publicar na íntegra o release enviado pela assessoria. Assim o que era para ser sugestão de pauta, acaba se transformando na matéria em si, muitas vezes sem o crédito da fonte ou até mesmo assinada pelo jornalista da redação. Com o tempo Mazini passou a utilizar esse mecanismo a favor do trabalho da assessoria de comunicação uma vez que o que é publicado sai com a perspectiva da universidade. Em sua opinião:

Isso é bom e ruim, a nossa mídia não ser muito profissional nesse sentido, porque normalmente eles publicam nosso release. O que me dói o coração, mas... Isso é até uma coisa que eu mudei na minha prática jornalística. É que assim, como que a gente aprende que é o release na faculdade? A gente aprende que o release é uma sugestão de pauta. Então eu sugiro fonte, sugiro abordagem, é um roteiro. E eu lembro que um dos primeiros releases que eu fiz como assessor, não era na UEMS ainda, eu fiz um release lá e publiquei embaixo sugestões de fonte, e publicaram isso literalmente. Então eu preciso entender qual é o meu mercado? Meu mercado não é esse. Então o que eu faço, o resumo do meu release é na forma de uma matéria. É uma matéria mesmo. A maioria absoluta publica a minha matéria. Então daí não tem problema porque eu já me cerquei de todos os cuidados que eu precisava. E já tive muitas matérias que eu mandei sendo assinadas por outras pessoas, ipsis literis assim. A pessoa pegou meu texto e assinou com o nome dela. Isso acontece, é uma realidade ruim do nosso mercado, [...] Normalmente as matérias sobre pesquisa, as mais densas saem com nosso ponto de vista. Quando eles mudam muito, mudam o título e às vezes faz cagada no título normalmente. Mas

¹³⁰ *Ibidem*

daí eu tento me adaptar. A gente não tem um cenário muito profissional de comunicação no estado, então de certa forma eu sei que a nossa comunicação, que a gente produz, é profissional. Então se eles publicarem o que a gente está produzindo pra gente está bom. (Informação verbal)¹³¹

Partindo dessa perspectiva é possível inferir também que esse tipo de prática, apesar de não ser o ideal, pode gerar mais confiança nos pesquisadores, tanto para concederem entrevistas, quanto em desenvolverem o hábito de procurarem os profissionais da comunicação de suas instituições, pois os riscos de que as informações concedidas sejam deturpadas, ou gerem uma grande expectativa no público, podem ser amenizadas. Burkett (1990) coloca que em muitas situações as matérias de ciência dos profissionais de comunicação das instituições de pesquisa têm maior qualidade em relação às versões publicadas pela mídia tradicional. Desse modo é possível pensar que investir mais em produções próprias dentro das assessorias pode realmente ser um caminho tanto no sentido de despertar os pesquisadores, quanto para melhorar a qualidade do conteúdo científico na mídia regional.

De modo geral apesar de haver sido relatado que os pesquisadores têm procurado mais as assessorias, nota-se que isto é ainda algo insipiente. Isto pode relacionar-se com alguns fatores citados pelos assessores, como: grande parte dos pesquisadores não compreenderem a importância da divulgação científica - alguns pesquisadores, por exemplo, pensam que aparecer na mídia trata-se de exibicionismo; medo do sensacionalismo; e o grande número de pesquisadores que existem dentro destas instituições comparado ao pequeno número de profissionais na comunicação das universidades. A equipe de comunicação da UEMS, por exemplo, tentou implantar um projeto de banco de fontes para jornalistas, onde os pesquisadores deveriam preencher um questionário sobre suas áreas de atuação. A maior parte dos pesquisadores não aderiu a ideia, “a pergunta que muitos me faziam era, e aí? Eu já trabalho, quê que eu vou ganhar com isso?”, expõe Mazini.

Mas cabe destacar alguns pontos que tornaram possíveis as melhorias observadas pelos assessores. Marcos Paulo relata na entrevista, por exemplo, acreditar que na UFMS, os pesquisadores passaram a procurar mais pela assessoria por conta da sala da chefia da comunicação, que costumava ficar ao lado da sala do reitor, ter sido transferida para o prédio da atual Secretaria de Comunicação:

¹³¹ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 22 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 2 desta dissertação.

A comunicação ficava separada da chefia. A sala da chefia da comunicação era ao lado da sala da reitora e a comunicação ficava no outro prédio. Hoje ficamos todos juntos. Então a pessoa vai procurar um repórter e ela dá de cara comigo e a gente dialoga, uma coisa que eu achei bacana. Ficou mais com a cara de uma redação, o editor acaba ficando mais próximo aos repórteres. (Informação verbal¹³²)

Na UEMS a estratégia utilizada tem sido além da de educar os pesquisadores, citada anteriormente, a de mapear quem são os pesquisadores líderes de opinião. Assim os assessores mantêm essas fontes como pontos de apoio para a partir deles chegarem nos outros pesquisadores. A ideia baseia-se, de acordo com a fala de Mazini durante a entrevista, na teoria “Two-step flow” desenvolvida por Paul Lazarsfeld:

Ele [Lazarsfeld] desenvolveu no contexto da política. Ele queria saber como fazer as pessoas votarem. Como que as pessoas escolhem o presidente era o nome do artigo. Então ele falou assim, até agora as pessoas acham que a informação sai do meio de comunicação de massa e chega no receptor, a ideia da agulha hipodérmica, por exemplo, que as pessoas são diretamente influenciadas. [...] Só que aí o Lazarsfeld desenvolveu a teoria do ‘two step flow’ que tem dois níveis. Ele falava assim, “a informação primeiro vai até um líder de opinião e depois do líder de opinião chega lá”. Então eu estou falando isso porque a nossa relação com os pesquisadores acontece também através de líderes de opinião, de dois fluxos. Fluxos a dois níveis porque a gente não consegue chegar em todos os pesquisadores, mas a gente sabe os pesquisadores que são influenciadores das suas respectivas áreas. Então eu sei que na área de agrárias tem os professores pesquisadores chave. Tem aqueles que desenvolvem mesmo, eu sei que tem, nem todo mundo é espetacular, nenhum lugar é assim. Então eu sei que na área de letras tem os caras que fazem projeto legal e são aqueles. Então eu consigo identificar esses, a gente literalmente classifica de saber quem são as nossas fontes, nossos pontos de apoio e a partir deles a gente chega nos outros. Quero uma fonte boa sobre determinado tema, eu vou no pesquisador e falo “olha eu sei que você não trabalha com isso, mas você é bom, então se você me indicar alguém eu sei que essa pessoa vai ter o seu crivo”, beleza eu tenho uma fonte mais qualificada. Porque as vezes que eu precisei recorrer diretamente aos pesquisadores o resultado foi muito ruim. Muito ruim assim, de não ter feedback, porque eles estão envolvidos em suas próprias rotinas e nem todo mundo entende que é importante fazer isso. (Informação verbal¹³³)

3.7. A visão dos pesquisadores

A intermediação constante dos núcleos de comunicação parece ser ainda a melhor forma de mobilizar os pesquisadores a falarem sobre seu trabalho na mídia, tanto interna, quanto externamente. Nas entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo deste trabalho, as falas dos pesquisadores indicam que apesar de considerarem uma tarefa essencial divulgar seu trabalho para o público geral este não é um hábito consolidado.

¹³² Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 12 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 1 desta dissertação.

¹³³ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 22 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 2 desta dissertação.

As falas dos entrevistados revelam que existe a noção crítica de que não é suficiente publicar artigos científicos, pois eles são na maioria dos casos inacessíveis, seja pela barreira da língua, ou por em alguns casos serem pagos, ou pela linguagem hermética. Assim nota-se que, para os pesquisadores, as atividades relacionadas à extensão são entendidas como o caminho mais curto para que consigam estabelecer uma ponte e levar as informações científicas sobre o Pantanal de um modo mais compreensível a população. Mas eles reconhecem que isso acaba restrito às comunidades atendidas por tais atividades, por exemplo, ou não tem amplo alcance mesmo dentro da universidade. O pesquisador Paulo Robson de Souza comenta:

A ciência não é feita de nós para nós mesmo. eu tenho artigos científicos publicados em revista internacional. O material publicado pelo 'Sabores do Cerrado' é um deles, e não me deu tanta alegria quanto meu ter um artigo publicado pela CH das Crianças. Não que não seja importante, não isso que eu quero dizer. São duas coisas distintas. A comunidade científica, dentro da pirâmide social, está lá no topo. As pessoas que chegam na universidade já são o topo da pirâmide social. De cada 500 crianças que eu fui colega, creio que três ou quatro, se muito dez, chegaram a universidade. É muito pouco. Escrevendo pra comunidade científica você atinge só os últimos degraus, pensando de baixo pra cima. Então quantas pessoas leem um artigo científico? Um artigo mediano 200 pessoas devem ler. Gente... não é que isso não seja importante, mas se eu puder fazer o conhecimento científico desse artigo chegar a um público muito maior eu corto o atalho dos livros didáticos. Porque os livros didáticos levam de 10 anos, um pouco mais, pra absorverem o conhecimento científico novo e levar pras crianças. Eu corto um atalho gigantesco, eu valorizo a pesquisa, eu dou visibilidade a pesquisa, dando visibilidade a pesquisa na hora que o pesquisador for passar o pires para pedir dinheiro para a pesquisa ele será lembrado. Esse trabalho de levar o conhecimento científico para o grande público não é de menos qualidade, ao contrário, tem que ter uma habilidade muito grande pra poder transformar uma linguagem estéril, uma linguagem difícil, uma linguagem que você muda de laboratório, você pega o colega do laboratório vizinho ao seu, dentro do mesmo departamento e a pessoa não sabe do que se trata. Se eu pegar um artigo da botânica e colocar pro pessoal da zoologia, periga do pessoal não entender do que se trata. Então é uma atividade que eu considero da mais relevância social, cumpre a função social da universidade e dos institutos de pesquisa. (Informação verbal¹³⁴)

A menor importância das atividades de extensão mediante as de ensino e pesquisa, estão entre as dificuldades mencionadas para a realização da divulgação científica na mídia, tanto em função do aumento do volume de trabalho dos professores, que faz com que a divulgação seja encarada como uma atividade extra, portanto não prioritária, quanto a valorização da mesma não receber o mesmo status da divulgação entre pares. A cobrança dos programas de pós-graduação, por exemplo, centra-se na publicação em periódicos científicos de alto fator de impacto, que ajudem a internacionalizar suas respectivas produções científicas. Ieda Bortolotto avalia a situação da seguinte maneira:

¹³⁴ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 18 de julho de 2017. Transcrição no Apêndice 3 desta dissertação.

Hoje eu acho que a gente tem aumentado muito o volume de trabalho que a gente tem aqui dentro [da universidade]. (...) Você tem as aulas de graduação, as aulas de pós-graduação, você tem que ter um projeto de pesquisa, você tem que ter as publicações, você tem vários orientandos, e somado a isso você tem o e-mail, você tem o WhatsApp, você tem o telefone, você tem as pessoas que te procuram o tempo inteiro aqui no laboratório, que às vezes as pessoas agendas, às vezes elas não agendam, e tem as reuniões fora da universidade, tem os eventos científicos que a gente é convidado a colaborar como avaliador dos trabalhos, como revisor. (...) A extensão, ela ainda não é a rigor uma obrigação, vamos dizer assim, do pesquisador. Pra ele publicar ele tem que fazer um projeto de pesquisa, ele tem que orientar os alunos, e a extensão ela ainda é vista, por muitas pessoas (...) é uma atividade a mais que ele teria que fazer e às vezes não cabe nas 60 horas que ele faz aqui. Que não são 40. Todo Professor que trabalha com um monte de coisa, que faz projeto, que viaja, não fica só 40 horas dentro da universidade. Leva muita coisa pra fazer final de semana, responde mensagem no feriado. Então, talvez, em sala de aula que é o ensino, se você pensar na universidade, ensino-pesquisa-extensão, você não pode fugir, é uma coisa que tem ali. Então ainda me parece que esse tipo de trabalho, ele tá relacionado com uma perna desse tripé que ainda falta ser fortalecida. Precisa entender que a extensão é tão importante quanto a pesquisa e o ensino. (Informação verbal¹³⁵)

Outros obstáculos referidos são: o alcance das divulgações na mídia, considerado curto, visto que a circulação fica restrita na própria universidade ou na mídia tradicional local na maior parte das vezes; a não familiaridade com as novas tecnologias por parte de pesquisadores mais antigos também é apontada; a personalidade de cada pesquisador, e mesmo a não compreensão sobre a importância de divulgar seu trabalho para o público ou do funcionamento da mídia; o desapontamento com a veiculação da informação concedida pelos pesquisadores aos jornalistas, que pode acabar parcial ou distorcida; e a escassez de aporte financeiro para publicações próprias dentro dos projetos. Sobre isso o entrevistado Alnilo Pott menciona:

É difícil, vamos dizer, alguém que é daquele pesquisador que só fica no laboratório ou só no campo e também fazer ainda divulgação. Mas ela é essencial, necessária. Se tiver um setor que é assessorio, que traduza essa linguagem, principalmente para criança, que seja mais lúdico. Então isso é importante. (...) A televisão é um veículo muito poderoso. Material impresso muitas vezes ele não tem tanto alcance. Hoje ninguém guarda mais nada, é tudo descartável. Talvez, essa informação impressa, se ela for posta eletrônica ainda funciona melhor, todas essas ferramentas que existem na internet. Porque hoje as pessoas querem tudo na mão, acessar no celular. Alguém fala, “ah, você conhece pitanga?”, “ah, deixa ver”, chama aqui [mostra o celular] já vem uma foto. (...) Nos últimos anos houve uma grande transformação, aos da minha geração ainda tem uma certa dificuldade de lidar com essas ferramentas. (Informação verbal¹³⁶)

Guilherme Mourão expressa opinião complementar:

¹³⁵ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 21 de março de 2018. Transcrição no Apêndice 6 desta dissertação.

¹³⁶ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 10 de outubro de 2017. Transcrição no Apêndice 5 desta dissertação.

Algumas vezes publiquei em revistas de divulgação científica e alunos meus participaram de documentários na televisão. Eu e uma aluna publicamos um CD interativo sobre mamíferos do Pantanal, voltado para alunos do ciclo escolar básico. Foi divertido, mas nada disso mudou nossa vida. Li muitos livros de Stephen Jay Gould, um ícone da divulgação científica. Ele também foi um paleontólogo e biólogo evolucionista, mas nunca li um artigo científico dele. O que quero dizer é que são coisas diferentes, ser forjador da ciência e divulgá-la. Acho que uma precisa da outra e vice-versa, mas não podemos esperar que os profissionais sejam bons nas duas coisas ao mesmo tempo. (Informação via e-mail¹³⁷)

A visão dos pesquisadores consultados sobre as assessorias de comunicação de suas respectivas instituições pode ser considerada boa de modo geral. Quer dizer, os setores são apontados como úteis e necessários, com potencial para promover até mesmo a interdisciplinaridade como citado por Liliam Hayd na entrevista, visto que por meio das divulgações os colegas podem saber sobre os conhecimentos que estão sendo gerados dentro da universidade. Mas há ressalvas quanto ao trabalho que estas têm desenvolvido. É curioso que da mesma maneira que os assessores apontam a necessidade de que os pesquisadores “saiam da toca”, os pesquisadores também acreditam que a assessoria deva sair do gabinete e ofertar seus serviços. Neste sentido o entrevistado Paulo Robson pressupõe:

Como a ACS geralmente é um penduricalho das reitorias, geralmente ela está ao lado das reitorias... penduricalho não é a palavra correta, é um anexo das reitorias, elas são tidas como algo das altas instâncias. Não por mim, eu não vejo dessa maneira. Eu sempre fui entrão e realmente sei que estão ali oferecendo o trabalho deles pra gente. Mas eu acredito que se as assessorias saíssem do gabinete, principalmente no começo do ano, e visitassem os setores, fizessem uma visita de cortesia, se a assessoria puder oferecer o texto pra revisar antes de sair imediatamente o pesquisador vai aceitar, deixar um cartãozinho pra tomar um café... às vezes o que pra você é corriqueiro pra gente é uma coisa maravilhosa. Eu tenho certeza que o dia que a ACS fizer isso vai aumentar a quantidade de matérias publicadas de interesse da ciência para a comunidade, vai dar valor a coisas que o pesquisador às vezes está acostumado. Tem pesquisador que está acostumado a encontrar espécie nova, só que espécie nova é algo digno de notícia. Então eu acredito que essa é uma providência legal. (Informação verbal¹³⁸)

Seguindo este raciocínio avalia-se que os pesquisadores demonstram um comportamento bastante reativo em relação a assessoria, isto é, mostram-se bastante abertos em colaborar, mas desde que isto seja solicitado. Ainda não parece claro para os pesquisadores, por exemplo, como eles poderiam divulgar seus trabalhos por meio da assessoria. Isso se deve em parte a percepção de que estas estariam mais preocupadas com a promoção da imagem institucional e não tanto em fazer divulgação científica, entre outros motivos. Ieda Bortolotto por exemplo, pontua em sua fala durante entrevista, que sempre viu os meios de comunicação irem procura-la, e não o contrário, mas que se houver uma política

¹³⁷ Entrevista realizada via e-mail em 7 de agosto de 2017. Transcrição no Apêndice 7 desta dissertação.

¹³⁸ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 18 de julho de 2017. Transcrição no Apêndice 3 desta dissertação.

clara por parte de universidade, de que é parte de suas reponsabilidades entrar em contato com a assessoria, como fazê-lo e o que ela deseje, a atividade será incorporada em sua agenda:

Eu sei que tem colegas que eles fazem qualquer coisa eles divulgam, e eles inclusive fazem esse papel de “não, liga lá, fala que você tá fazendo isso”. Mas não é uma prática que eu tenho e eu não sei se isso é uma coisa da maneira que ele tem de atuar, ou se é isso que ele deve fazer e eu devo fazer também. Então tem que deixar mais claro isso. De quem é essa responsabilidade? Se sou eu então eu vou colocar na minha agenda. (...) Eu acho que pessoas como eu, por exemplo, precisariam ter esse canal de comunicação mais aberto. Por exemplo, “olha, você vai publicar um trabalho, então manda pra gente, tipo assim cinco linhas com título do trabalho, onde foi divulgado, e aí a gente coloca isso numa pasta e eventualmente a gente pode divulgar isso”. Mas eu não tenho esse canal de comunicação aberto. Eu não sei a quem procurar, por exemplo. Sei que tem um grupo de pessoas que trabalham com isso, mas eu não sei (...) se eles têm necessidade dessa informação. Porque no meu entendimento essa informação está disponível pra quem quiser saber. Se eu trabalhasse em um setor como esse eu ia procurar saber. Então eu acho que falta uma política no sentido de que essa comunicação realmente se estabeleça e de quem é o papel de comunicar nesses meios da assessoria. Se é a assessoria que tem que buscar essas informações, porque eles têm acesso a todas elas, ou se sou eu como professora e pesquisadora, e que quando publicar alguma coisa tenho que comunicar, ou produzir, ou divulgar, pra fazer um curso, pra fazer alguma coisa. (Informação verbal¹³⁹)

Com relação a qualidade da informação veiculada sobre o Pantanal tanto na mídia institucional quanto na mídia tradicional, os pesquisadores observam que falta aprofundamento nas notícias, o que em certas situações pode até mesmo esvaziar as questões retratadas. Paulo Robson observa que em geral falta de espaço fazendo com que as matérias acabem sendo muito rápidas e rasas, desse modo pensa que seria importante que a assessoria tomasse a frente para produzir séries especiais do Pantanal, por exemplo, tentando avançar mais sobre as temáticas que envolvem e são envolvidas pelo bioma.

O entrevistado Arnildo Pott também nos traz uma perspectiva interessante ao mencionar que parte da informação que circula nos meios noticiosos é distorcida, refletindo que tantos os órgãos de comunicação quanto a população em geral não têm muito claro o que é o Pantanal da planície, e o que é o Pantanal da Bacia – diferença abordada no Capítulo 2 desta dissertação -, portanto não estariam interligando o fato de que muitas das ameaças ao bioma vem de sua parte alta, e por isso esta também deve ser cuidada. Outro ponto de sua fala que cabe ressaltar, é a visão equivocada que os meios de comunicação acabam reproduzindo sobre a cheia. Durante algum tempo o pesquisador afirma que chegou a fugir de entrevistas por conta das distorções:

¹³⁹ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 21 de março de 2018. Transcrição no Apêndice 6 desta dissertação.

Aí saía na imprensa, como sai até hoje, que a cheia é um problema. Entrevistam o ribeirinho e forçam ele a dizer que a situação é difícil. Ele sempre viveu assim, desde pequeno. Claro, ele poderia ter melhores condições. (...) Muitas reportagens sobre Pantanal fazem confusão entre planície e planalto, MS e MT, ou dão a cheia como uma calamidade. Áreas com fogo também sempre são dadas como tantos campos de futebol destruídos, o repórter nunca volta após as chuvas para mostrar a regeneração e a florada. (Informação verbal¹⁴⁰)

No entanto, a maior parte dos pesquisadores consultados acredita que a mídia, aliada a educação formal, pode ser uma ferramenta poderosa para influenciar comportamentos mais sustentáveis para o Pantanal. Pontos divergentes foram apresentados por Guilherme Mourão que se mostra cético quanto a isto, e Liliam Hayd, que acredita que seja um processo em estágio inicial e que depende que seja muito trabalhado, principalmente nas escolas. Mas ressalta-se que nas falas que reconhecem o potencial da mídia, os pesquisadores apontam que os materiais veiculados devem ser de qualidade, o que para eles significa que as informações devam estar embasadas por pesquisas científicas, trabalhos sérios, que podem dar credibilidade, sustentação e efetividade aos conteúdos. Desse modo é possível que as pessoas realmente assimilem a interligação presente entre os sistemas naturais, não percebendo os problemas ambientais apenas quando estes materializam-se na forma de intoxicações por poluição ou na falta d'água por exemplo. O comentário do entrevistado Arnildo Pott elucida o dilema:

As pessoas ouvem falar que está tudo interligado, mas isso não tá muito assimilado né, o quanto isso tá ligado. (...) Por exemplo, o valor de áreas úmidas, as veredas, aquilo são estoques e filtros de água. A água de Campo Grande é uma das melhores águas do Brasil. Você pode tomar da torneira, porque ela é filtrada lá nas veredas do Guarairoba e de outras bacias que tem uma contribuição menor. (...) A pessoa em casa abre a torneira, mas ela não pensa que pra encher o copo o buriti lá tem que tá vivo. E o buriti vai ter a arara azul. Então se numa época que não vai ter o fruto do buriti, a arara vai comer castanhas de árvores da cidade. (...) Mas se tivesse mais esclarecimento donde realmente vem a água... o córrego não nasce pronto, o rio também não. Então se as crianças vissem isso na escola, na TV, ou na visita a universidade, elas poderiam dizer pros pais, “pai, não faz assim, deixa essas árvores. (Informação verbal¹⁴¹)

As entrevistas realizadas com os pesquisadores para esta dissertação, corroboram substancialmente com as respostas obtidas por Brum (2001, p. 27) nas entrevistas que conduziu durante o projeto “A Mídia do Pantanal, MS”, onde conversou com sete pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, sobre o que pensavam da cobertura do Pantanal pela mídia. De modo geral estes pesquisadores demonstraram que há um grande

¹⁴⁰ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 10 de outubro de 2017. Transcrição no Apêndice 5 desta dissertação.

¹⁴¹ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 10 de outubro de 2017. Transcrição no Apêndice 5 desta dissertação.

reconhecimento e responsabilidade atribuídos aos veículos de comunicação, “pois muitas pessoas só conhecem ou só conhecerão o Pantanal que a mídia apresentar”. Os pesquisadores consultados ressaltaram o caráter educativo da mídia em promover a conservação e o respeito a natureza, porém notaram a cobertura como superficial, com ênfase no ambiente (limitado em exaltar a beleza cênica ou pautar desastres), pouco sendo dito das populações que habitam a região, ou dos problemas ambientais que envolvem o desenvolvimento socioeconômico do bioma. Além disso também é apontado que a cobertura midiática demora a alcançar os dirigentes e tomadores de decisão.

3.8. A visão de jornalistas da mídia tradicional

Para melhor compreender os entraves do fluxo comunicacional entre as universidades e a mídia tradicional, a forma como os jornalistas captam as pautas sobre o pantanal e mesmo conhecer um pouco sobre as dificuldades para realizar a cobertura ambiental sobre o bioma foram entrevistadas duas jornalistas. A primeira foi Lucia Morel¹⁴², atualmente subeditora do caderno de Cidades do jornal impresso Correio do Estado. Formada em 2004, Morel conta que sua atuação sempre se deu no jornalismo diário, e em alguns momentos como freelancer em assessorias de imprensa. A segunda jornalista é Marta Ferreira¹⁴³, editora-chefe do site de notícias Campo Grande News. Ferreira atua como jornalista desde 1995, passando pelo impresso, rádio, campanhas eleitorais e assessorias de imprensa.

De maneira geral, os relatos indicam que existe pouca proatividade por parte da UFMS e UEMS tanto no sentido de oferecer pautas, quanto no atendimento dos jornalistas em busca de informação. No caso da UFMS, a entrevistada Lúcia Morel indica que os jornalistas são acessíveis, mas as informações fornecidas são muitas vezes incompletas, gerando descompasso na informação. A UEMS, pelo contrário, teria além de uma assessoria de imprensa acessível, maior diligência com relação ao fornecimento de informações, no entanto não possuiriam a mesma força que a UFMS em termos de pesquisa, e por isto seriam menos procurados pela redação do jornal Correio do Estado. De acordo com Lúcia:

As assessorias sempre facilitam, no caso de tipo assim, é preciso ter uma assessoria pra que a gente tenha acesso as informações. Mas por outro lado, dependendo do que eles nos respondem elas podem atrapalhar, porque são informações truncadas, duvidosas. E o processo de chegar até os pesquisadores quando a gente precisa da

¹⁴² Informações sobre a entrevistada constam no Apêndice 10 desta dissertação.

¹⁴³ Informações sobre a entrevistada constam no Apêndice 11 desta dissertação.

informação científica [é limitado]. Eu não sei também se é porque criou-se uma cultura de bater muito na UFMS e eles estão com pé atrás, mas tipo assim, eles limitam bastante esse acesso. A UEMS nem tanto. Só que a UEMS tem pouca coisa então geralmente a gente não tem muito essa questão de procurá-los quando a gente vai falar de pesquisa científica. (...) A gente descobriu recentemente, que a maioria das pesquisas da UEMS é de humanas. Então quando vai tratar de meio ambiente ou pesquisa é mais complicado. (Informação verbal¹⁴⁴)

As entrevistadas relatam que raramente são procuradas pelas assessorias com oferta de pautas científicas, e concordam que a relação entre as assessorias e as redações poderia ser mais colaborativa. Há um reconhecimento, no entanto, de que há erros cometidos por ambas as partes de acordo com a entrevistada Marta Ferreira, “dos jornalistas que, engolidos pela pauta do dia a dia, pouco se aprofundam, e das assessorias que, da mesma forma, absortas em seu universo, não cultivam a aproximação com as redações”. Morel corrobora esta ideia com a seguinte afirmação feita durante entrevista para esta dissertação:

A UEMS, ela tem um acesso muito mais fácil que a UFMS. Na UFMS a gente sente que eles não têm muito essa questão de se inserir no meio da mídia tradicional. A UEMS por outro lado, eu não sei se é só comigo, porque eu conheço os assessores de lá, mas assim, eles participam de grupos de jornalistas, que podem passar pauta, estão em contato mais direto via e-mail. A UFMS não tem essa prática. A assessoria é bem institucionalizada de uma produção bastante interna e pra atendimento da imprensa quando a imprensa demanda que eles passam. Eu acho que no caso da UFMS ao contrário do que acontece com a UEMS, eles poderiam se envolver mais com os grupos, principalmente de WhatsApp que é muito utilizado, pra que eles fomentem que a gente vá atrás dessas pautas. Porque geralmente, infelizmente, quando a gente vai atrás de matéria da UFMS é sempre negativo, é sempre num protesto porque vai fechar curso, porque o RU está com uma comida horrível. Eu acho que isso também é por conta dessa falta. Falta eles buscarem a gente e ter essa integração com a mídia tradicional. Eu sinto muito isso com relação a UFMS. Com relação a UEMS eu já sinto o contrário. Apesar de sim, haver muitos problemas lá dentro também, que a gente sabe. (Informação verbal¹⁴⁵)

Do mesmo modo que observam que há equívocos de ambas as partes, Ferreira e Morel também concebem que os esforços para a aproximação devem partir dos dois lados.

Durante as entrevistas realizadas com os assessores-chefes de comunicação das universidades UFMS e UEMS, houve menção à prática de replicação integral de releases e de matéria publicadas pelas assessorias nos respectivos sites institucionais. Tanto Morel quanto Ferreira observam que se trata de uma prática imprópria aos princípios estabelecidos pelo ensino de Jornalismo, uma vez que o release serviria de ponto de partida para uma pauta, e não como um fim em si mesmo, no caso a publicação integral do que foi encaminhado. Entretanto, sinalizam que a falta de estrutura dos veículos para ampliar as pautas seja um dos

¹⁴⁴ Entrevista realizada via WhatsApp em 1 de maio de 2018. Transcrição no Apêndice 10 desta dissertação.

¹⁴⁵ Entrevista realizada via WhatsApp em 1 de maio de 2018. Transcrição no Apêndice 10 desta dissertação.

motivos para que a prática tenha se tornado algo comum. Em todo caso, essa republicação não é vista como algo condenável, uma vez que o que foi enviado está sendo informado de algum modo.

Apesar de não terem o foco de seus trabalhos exclusivamente voltado para a cobertura de temas científico-ambientais e não possuírem especialização diretamente relacionadas a isso, as jornalistas demonstram interesse pela área e consideram a publicação de matérias relacionadas ao meio ambiente de suma importância para a conscientização da sociedade sobre a necessidade da conservação do meio ambiente. No entendimento da antevistada Marta Ferreira “o tema, infelizmente, é tratado, no dia a dia, salvo exceções honrosas, de forma superficial, focada em operações ou casos pitorescos”. Neste ponto ela não se refere apenas ao veículo em que trabalha, mas algo que é compartilhado pela imprensa local.

Miguel (2009) ao abordar as dificuldades latentes a cobertura midiática sobre meio ambiente, discute que a prática do jornalismo, as rotinas produtivas, entre outras questões, “não permitem especializações no âmbito da profissão”. A autora avalia que jornalistas especializados na área, com possibilidade de compreender “o conceito de meio ambiente cientificamente e os meandros da política ambiental, para, então, traduzir ao âmbito midiático” poderiam melhorar o cenário atual.

Segundo Marta Ferreira essa realidade se repete sobre a cobertura jornalística do Pantanal. Apesar de ser um assunto frequente, ele não é abordado em profundidade. Em relação as dificuldades que enfrenta para realizar pautas sobre o bioma, a opinião apresentada por Lúcia Morel é de que se trata muito mais de questões políticas:

O caderno de Cidades em si trabalhou com tema específico pro Pantanal recentemente sobre uma denúncia de desmatamento na fazenda Santa Monica lá. O Imasul autorizou desmatamento de 20 mil hectares lá na região e a gente veio graças a Deus denunciando isso. Repercutiu na Assembleia Legislativa. Existe um projeto hoje na Assembleia que tenta, vamos dizer assim, limitar essa devastação. E isso por exemplo, agora recente, tem umas 2, 3 semanas emplacou esse material, e assim, a importância disso é tremenda porque se por ventura nesse caso específico a gente conseguir barrar a devastação, que vitória! Até porque a gente sabe que a região ali do Pantanal tem umas peculiaridades muito grandes e qualquer milímetro que você mexa repercute muito na fauna e na flora da região. Então assim, a importância é tremenda. (...) E as dificuldades, infelizmente, as dificuldades são sempre as mesmas. São muito mais políticas do que pessoais. Infelizmente a gente atua em um segmento que a influência política é muito grande. Vamos supor que essa pauta mesmo da devastação no Pantanal não fosse do interesse dos donos do jornal por exemplo. Vamos supor que algum deles tivesse propriedade no Pantanal e quisesse devastar. Essa matéria jamais sairia. Quer

dizer eu acho que as dificuldades elas são muito mais políticas e de interesse, do que uma questão de engajamento pessoal dos jornalistas. (Informação verbal¹⁴⁶)

A análise das entrevistas sugere que uma ação mais proativa das universidades na oferta de pautas, pode contribuir para a melhoria da imagem institucional, despertar o interesse de jornalistas da mídia externa para questões científicas e ambientais, fomentando temas relacionados a estes assuntos nos diversos veículos e ampliando o alcance das pautas que muitas vezes acabam restritas as mídias institucionais e ao público interno. Durante o período de análise de conteúdo proposto nesta pesquisa, observou-se que as universidades praticamente não são mencionadas como fonte nas matérias relacionadas ao Pantanal. O fomento de publicação própria nas mídias institucionais é deveras importante e necessário, mas deve-se reconhecer que não possuem o mesmo alcance das mídias tradicionais. Assim, é importante que estratégias de aproximação sejam tomadas pelas assessorias em um primeiro momento, até mesmo entre as próprias assessorias de comunicação científica.

¹⁴⁶ Entrevista realizada via WhatsApp em 1 de maio de 2018. Transcrição no Apêndice 10 desta dissertação.

4. O PANTANAL NA MÍDIA

No ano 2000 uma equipe multidisciplinar de pesquisadores da Uniderp se lançou a investigar a função da mídia, principalmente regional, na construção de conhecimento ambiental sobre o bioma Pantanal. Os resultados da pesquisa intitulada “A mídia do Pantanal, MS – O papel da Comunicação na construção do conhecimento ambiental” acabou resultando no livro “A mídia do Pantanal” (2001). A obra compila doze artigos científicos de pesquisadores da Comunicação Social, Educação Ambiental, Turismo, Educação e Letras, que oferecem um panorama ampliado da região pantaneira, abordando suas problemáticas e os polêmicos projetos de desenvolvimento econômico como a Hidrovia Paraná-Paraguai (HPP).

Figura 36. Livro "A Mídia do Pantanal"



Fonte: <https://goo.gl/BGtbRr>

Cabe ressaltar as observações realizadas pelos diferentes autores e abordagens, no decorrer da obra, de que a mídia tradicional não tem contribuído de forma significativa para a construção de um saber ambiental do público (BRUM; ZANATTA; CATONIO; OLIVEIRA; 2001). Apesar de constatarem uma presença constante do Pantanal na informação cotidiana, que circula pelos diferentes meios e veículos midiáticos de Mato Grosso do Sul (CATONIO, 2001), a divulgação noticiosa tende a abordar o bioma a partir da perspectiva econômica e/ou como um santuário ecológico (ZANATTA, 2001). A área ambiental, suas pesquisas e processos de conservação, embora fundamentais, são pouco abordados.

A contribuição da mídia para a disseminação do conhecimento do ecossistema Pantanal não passa, ainda, de simples notícias descompromissadas com o meio ambiente. O tão necessário e solicitado binômio informação-educação ainda está distante de ser exercido. De modo geral as reportagens – especialmente em jornais, revistas e tvs – exploram as belezas naturais do Pantanal, exaltam as suas riquezas, apenas registram as tragédias (queimadas, assoreamento dos rios, erosão, pesca predatória), tudo de forma mais ou menos superficial, e não aprofundam as graves questões denunciadas por ecologistas e constatadas por pesquisadores. (BRUM, 2001, p. 23)

Tendo a pesquisa, apresentada no livro, sido realizada no ano 2000 (publicada em 2001) mesmo ano em que o Pantanal recebeu o título de Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO, era de se esperar que esse cenário alcançasse uma significativa transformação com o passar dos anos. Entretanto, uma década depois, análises posteriores apontam que isso pouco mudou. Rodrigues Filho e França (2010) por exemplo, observam que a produção de notícias nos dois principais jornais impressos de MS (*Correio do Estado* e *O Estado*), evidencia o território como área de exploração econômica, desvalorizando o bioma e as questões ambientais pertinentes.

Analisando também a mídia nacional, principalmente na área audiovisual, outra pesquisa realizada por Maio, em dois períodos diferentes (2009; 2018), aponta que as notícias envolvendo o Pantanal – em especial as veiculadas pela televisão - privilegiam os temas turísticos e científico-ambientais. Desse modo, ainda hoje, a cobertura promove o imaginário de santuário ecológico construído na década de 1990 pela novela “Pantanal”, colocando a presença humana e os sistemas produtivos da região como meros coadjuvantes da paisagem natural.

A comunicação focada na beleza ambiental impede que outros aspectos do Pantanal sejam conhecidos por grande parte da população brasileira. A presença humana na planície pantaneira, o setor produtivo envolvendo a pecuária, a pesca, a mineração, os avanços tecnológicos e suas consequências para o homem pantaneiro, os problemas ambientais e culturais decorrentes da venda de propriedades tradicionais para grupos ou empresários de outras regiões, o avanço científico envolvendo áreas diferenciadas de pesquisas (além dos recursos naturais), o turismo ainda desorganizado, a inclusão digital e outros temas seriam pautas de interesse público se a mídia nacional quisesse mostrar outro Pantanal ao país. Vale reforçar que a cobertura televisiva regional é bastante expressiva e diversificada, mas o alcance é limitado a algumas regiões do Estado de Mato Grosso do Sul e do Mato Grosso. (MAIO, 2009, p. 224)

Brum e Linhares (2006, p. 4) argumentam que talvez a própria complexidade do bioma seja responsável pelo fato do Pantanal ainda não ter encontrado na mídia “ambiente ideal para ser mais e melhor conhecido”. Mesmo assim a produção e veiculação de informações nesse meio tem promovido a venda da imagem pantaneira em âmbito nacional e mundial, favorecendo, portanto, a compreensão de fenômenos sociais, econômicos, ambientais e culturais do local (CATONIO, 2001).

Figura 37. Pantanal é objeto recorrente em capas de revistas, programas de televisão e livros de divulgação, entre outros meios de comunicação



Fonte: Google Imagens

Pesquisas de opinião mais recentes sobre a percepção do Pantanal corroboram os resultados anteriores. De acordo com dados da “Pesquisa Pantanal” (IBOPE/WWF, 2013) apesar de 90% da população brasileira afirmar que já ouviu falar sobre o Pantanal, aproximadamente duas em cada três pessoas não sabe em que região do país fica o bioma. Apenas 18% das 2002 pessoas entrevistadas pela pesquisa de opinião soube identificar onde nascem os rios que cortam o bioma. Além destes resultados a pesquisa também indica que mesmo reconhecendo a contribuição do bioma para o meio ambiente e populações, relacionando questões ambientais ao bem-estar, as pessoas demonstram ter conhecimento sobre temas mais difundidos, no caso desmatamento e questão das águas. Por outro lado, as questões específicas da região pantaneira, como a relação entre desenvolvimento sustentável e atividades econômicas e a profundidade das ameaças ao bioma, foram pouco mencionada.

Desse modo, a pesquisa do IBOPE/WWF (2013) considera que o Pantanal é reconhecido como uma questão ambiental no âmbito nacional, mas carece de mais divulgação de informações. Assim sugere que a divulgação de conhecimentos específicos sobre a região, sua importância e ameaças por meio de mídias sociais e outras ferramentas online pode se converter em maior apoio e reconhecimento da necessidade de conservação.

Raciocínio semelhante é defendido por Rodrigues Filho e França (2010). Segundo os autores, as notícias sobre o Pantanal publicadas com foco na questão ambiental, poderiam fomentar o desenvolvimento local voltado para a sustentabilidade, e possibilitar a integração do cidadão com seu próprio ambiente simbolicamente.

No entanto, como indicam as jornalistas Lúcia Morel e Marta Ferreira, em entrevista para esta pesquisa, apesar de ser um tema frequente e de importância para a mídia local, o bioma não é abordado em sua complexidade, nem recebe a profundidade necessária,

salvo exceções. Ainda, segundo Morel, o viés adotado é geralmente sobre a questão das cheias e seu impacto econômico na produção agropecuária, cabendo pouco espaço a outras questões como a disseminação de informações científicas sobre o bioma. O entrevistado Fábio Edir corrobora a opinião de que o Pantanal carece de melhor divulgação, visto que, ele acredita, haja abundância de informações sob aspectos turísticos, mas pouca informação quando se trata de conhecimento e das potencialidades do bioma.

Na perspectiva de Fernandes (*apud* FORTUNA, 2014, p. 66), jornais locais promovem a interação da comunidade, não só por sua proximidade geográfica, mas também social e psicológica, uma vez que “conhecem o histórico e as características da comunidade, resgatam tradições culturais e manifestações cotidianas, fortificam os laços e definem sua identidade”. Além disso podem dar suporte ao noticiário nacional.

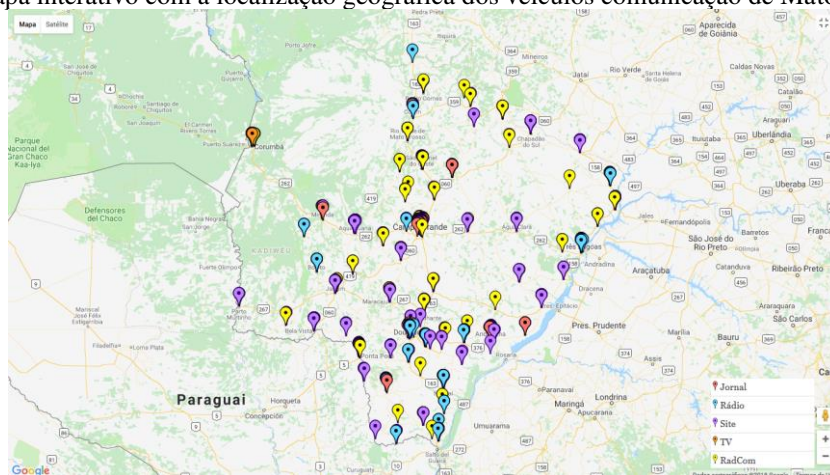
É oportuno mencionar o mapeamento produzido pelo projeto “Portal de Mídia”¹⁴⁷, banco de dados da imprensa sul-mato-grossense, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMS, sob coordenação do Prof. Dr. Mario Luiz Fernandes (UFMS). O projeto teve início em 2011. No site do projeto constam cadastrados 638 veículos midiáticos de Mato Grosso do Sul: 76 jornais; 85 rádios comunitárias; 110 rádios comerciais; 356 sites de notícias; e 11 emissoras de televisão.

Estes podem ser considerados números expressivos visto que Mato Grosso do Sul ainda é um estado jovem, com 40 anos de criação, e com uma população relativamente pequena em comparação aos grandes centros (2.713.147 pessoas de acordo com dados do IBGE¹⁴⁸) – até mesmo devido a proporção que o Pantanal ocupa de seu território (25%). A nível de comparação a população estimada do estado de São Paulo é de 45.094.866 pessoas, Minas Gerais 21.119.536 pessoas e Rio de Janeiro 16.718.956 pessoas.

¹⁴⁷ <http://www.portaldemidia.ufms.br/>

¹⁴⁸ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/panorama>. Acesso em: 08/05/2018.

Figura 38. Mapa interativo com a localização geográfica dos veículos comunicação de Mato Grosso do Sul.



Fonte: <http://www.portaldemidia.ufms.br/> - Portal de Mídia UFMS. Acesso em: 04/01/2018.

Contudo, esse potencial da mídia regional enfrenta obstáculos. Por exemplo, ao propor um mapeamento focado no ciberjornalismo de Mato Grosso do Sul, Fortuna (2014, p. 85) constatou, que os sites de notícias com melhor estrutura – jornalistas profissionais, veículos de transporte para reportagem, equipamentos e profissionais de fotografia – localizam-se nos municípios mais populosos: Campo Grande, Dourados, Corumbá, Três Lagoas e Ponta Porã. “Poucos veículos fora dessas cidades contam com o mesmo aporte”. Entre outras coisas, isto quer dizer, segundo a autora, que a maioria destes sites não possui profissionais graduados em Jornalismo e que acabam trabalhando no estilo “Ctrl+c Ctrl+v” (copia e cola), replicando notícias copiadas de outros veículos.

Já no caso do impresso, de acordo com informações concedidas à Santos (2017) pelo professor de Jornalismo da UFMS Mário Luiz Fernandes, coordenador do projeto Portal de Mídia (citado anteriormente), cerca de 35% dos 126 jornais impressos do estado foram fechados ou acabaram migrando para plataforma online devido ao custo. Apesar disso, Fernandes atribui ao impresso a informação mais consistente e um público mais seletivo e analítico.

Como dito no Capítulo 3 – “Estratégias de Divulgação nas Assessorias de Comunicação”, as entrevistas, realizadas durante a pesquisa de campo deste estudo, apontam que são os meios de comunicação regionais os que mais procuram pelas assessorias de imprensa das universidades UFMS e UEMS. Poucas são as demandas de veículos nacionais ou internacionais. Também já foi mencionado que as universidades e instituições públicas são potenciais catalisadores para fomentar o fluxo de informações científicas de qualidade para diferentes públicos.

Assim, a partir das discussões teóricas levantadas nos capítulos anteriores, e com base nas entrevistas semi-estruturadas, no presente capítulo o que se busca é observar qual a contribuição das universidades UFMS e UEMS no universo da comunicação pública da ciência sobre o Pantanal. As discussões latentes ao Pantanal têm sido abordadas nos canais próprios das universidades e da mídia tradicional? A mídia externa tem utilizado as pesquisas produzidas pelas universidades quando o Pantanal é pauta? Quem são as fontes das reportagens sobre o Pantanal?

Como dito anteriormente na introdução desta pesquisa, a metodologia aplicada foi a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004). Tomamos como *corpus* o período de dezembro de 2016 a abril de 2017 (cinco meses), escolhido de modo intencional, por estar dentro da estação de cheia do Pantanal sul-mato-grossense, período de maior divulgação de notícia sobre o bioma.

A análise caracteriza-se em três partes, sendo a primeira a dos sites das universidades UFMS e UEMS; a segunda concentrada nos relatórios de clipping da UFMS e UEMS; e a terceira parte do exame dos sites de notícias Campo Grande News e Midiamax, escolhidos pela ampla circulação e relevância no estado de Mato Grosso do Sul.

Em cada um destas categorias, dentro do período pré-determinado foram inicialmente mapeados todos os textos contendo a palavra-chave *Pantanal*. Em seguida foram categorizados apenas aqueles que traziam como tema as cheias, os ribeirinhos, impactos ambientais, agropecuária, turismo, pesquisas científicas e outros que pudessem estar relacionados a pesquisas sobre o bioma. Isto se deve porque logo na fase inicial da análise, durante a leitura flutuante (BARDIN, 2004), percebeu-se que apesar do Pantanal estar incrustado na informação que circula diariamente nos meios midiáticos de Mato Grosso do Sul, o bioma muitas vezes aparece apenas como uma referência e não como o foco das matérias.

Os textos selecionados foram então categorizados de acordo com os seguintes elementos:

- a) **Resumo/Conteúdo:** Descrição do conteúdo básico do texto;
- b) **Abordagem:** Viés predominante do texto (científica, ambiental, econômica, política, cultural, turística, etc.);

- c) **Pesquisa:** Trata-se ou faz menção a alguma pesquisa?;
- d) **Recursos visuais:** Imagens, infográficos, tabelas, gráficos, etc.;
- e) **Fontes de informação:** Fontes de informação presentes no texto.

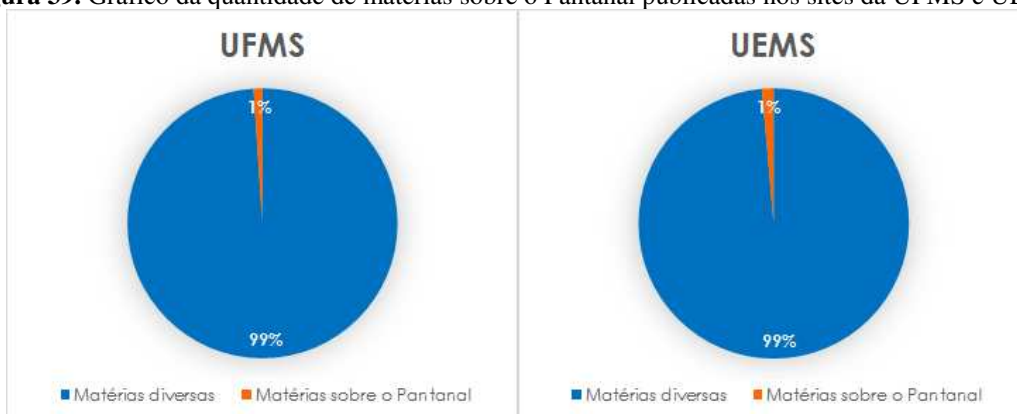
Em seguida, para a análise descritiva do material, foram selecionados os textos que apresentaram maior relevância para as discussões que envolvem o conhecimento científico, o desenvolvimento econômico e a conservação do bioma.

4.1. A divulgação do Pantanal nos portais institucionais: UFMS e UEMS

Considerando o papel dos portais institucionais como divulgadores naturais de pesquisas científicas e formuladores de pré-pautas para a mídia local, regional, nacional e internacional, também o potencial das notícias veiculadas para a democratização do conhecimento, questiona-se: eles estariam cumprindo essa função? Como estão divulgadas as pesquisas das universidades UFMS e UEMS, em especial sobre o Pantanal? Para ver como as instituições estudadas atuam, foi realizado um mapeamento geral das notícias publicadas e destacadas as que abordavam o Pantanal.

Em números gerais foram localizadas 473 matérias no site da UFMS e 430 matérias no site da UEMS. Ao aplicar o primeiro filtro, buscando apenas pelos textos que continham a palavra-chave *Pantanal*, foram encontradas 19 matérias no site da UFMS e 10 matérias no site da UEMS. Ao refinar a busca, por meio da leitura do material, as matérias que de fato se referiam ao Pantanal, foram apenas cinco no site da UFMS e seis no site da UEMS. Nas duas universidades o número de matérias relacionadas ao Pantanal no período de análise correspondeu apenas a 1% de sua produção.

Figura 39. Gráfico da quantidade de matérias sobre o Pantanal publicadas nos sites da UFMS e UEMS.



Fonte: CAMPOS, Luana Rodrigues. 2018. Elaborado a partir de coletas de dados para a pesquisa.

Considerando a importância do tema e das pesquisas desenvolvidas sobre o Pantanal nessas universidades, há de se questionar se as assessorias de imprensa das instituições estão, de fato, usando seus portais para divulgar as pesquisas da área e que podem ser objeto de pautas na mídia.

De modo geral o que se observa é que tanto na UFMS como na UEMS a maior parte dos textos publicados em seus respectivos sites institucionais são voltados a assuntos de interesse da comunidade acadêmica ou de promoção institucional das universidades, cabendo pouco espaço às matérias de divulgação científica em geral e particularmente sobre o Pantanal.

Por esse viés é importante retomar o tamanho das estruturas das universidades UFMS e UEMS, que possuem campus em várias cidades de MS e congregam grande diversidade de áreas de conhecimento. Uma demanda bastante grande a ser contemplada por equipes de comunicação relativamente pequenas. Assim, não surpreende o baixo número de publicações encontradas sobre o Pantanal, uma vez que este se insere no pequeno espaço destinado à divulgação científica, que divide com outras temáticas de pesquisa.

Entre os objetivos propostos pelos seus estatutos, ambas as universidades se comprometem em estimular a produção de conhecimento para a resolução de problemas do presente, especialmente regionais, e em estimular a divulgação desse conhecimento, por meio do ensino, publicações e outras formas de comunicação. Assim, há de se considerar, a quantidade expressiva de pesquisas relacionadas ao bioma desenvolvidas por estas universidades – como indicado no Capítulo 2: “O Bioma Pantanal” – e que devem alcançar a comunidade externa às instituições. Principalmente em um momento em que uma proposta de lei a nível federal para gestão do bioma está em andamento no pelo Congresso, sendo debatida por diversos setores da sociedade, com diferentes demandas e interesses sobre o bioma. Abaixo alguns dos trechos do Estatuto dessas universidades, no que diz respeito à divulgação, em especial.

Art. 4º. X - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber por meio do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação; [...] Art. 89. Os projetos de pesquisa deverão contextualizar a realidade local, regional e nacional, enfocando aspectos sócio-econômicos, culturais, ambientais e de cunho aplicado. (UEMS, 2002)

Art. 4º. I – gerar, difundir, socializar e aplicar conhecimentos que contribuam para a melhoria da qualidade de vida do ser humano, utilizando as potencialidades da

região, mediante processos integrados de ensino, pesquisa e extensão, com princípios de responsabilidade, de respeito à ética, ao meio ambiente e às diversidades, garantindo a todos o acesso ao conhecimento produzido e acumulado; [...] IV – educar para o desenvolvimento sustentável; [...] VI – participar da formulação das políticas nacionais. (UFMS, 2011)

Como dito no capítulo anterior, as dificuldades encontradas pelas assessorias das universidades, relacionadas principalmente ao número insuficiente de profissionais e de recursos, pode ser amenizado - desde que apoiados pelas instâncias superiores - com força de vontade, criatividade e persistência, no entendimento de (LIMA, 2011). A natureza pública destas instituições possibilita maior liberdade na concepção de políticas de comunicação em relação às instituições de interesse privado, uma vez que o interesse da universidade pública é também o interesse público.

Com relação ao uso de recursos visuais, nos dois sites institucionais, o que se observou foi que esta é uma ferramenta pouco explorada dentro das matérias. A fotografia é praticamente o único recurso visual aplicado. O comum é que se utilize uma foto por matéria, mas mesmo quando mostram mais de uma imagem, estas aparecem descontextualizadas, sem legenda e sem créditos, pouco contribuindo para a complementação de informações do texto ou como informação em si.

A tabela abaixo sintetiza a categorização proposta na metodologia.

4.2. O Pantanal no site da UFMS

Tabela 2. Síntese das matérias sobre o Pantanal veiculadas no site da UFMS

QUADRO DEMONSTRATIVO DE QUANTIFICAÇÃO – SITE INSTITUCIONAL UFMS						
Data	Título/ Editoria	Resumo/ Conteúdo	Recursos visuais	Fontes de informação	Abordagem	Pesquisa científica
01/12/2016	Pesquisa realizada na Universidade concorre a prêmio internacional/ Notícias	Projeto de Arquitetura e Urbanismo sobre adaptação de plantas do Pantanal em jardim temático é indicada a prêmio	Sim - Foto de banner do projeto	Ascom UFMS	Institucional	Sim - O nome do projeto indicado ao prêmio é apenas mencionado não havendo explicações sobre do que trata
05/12/2016	Curso gratuito aborda plantas alimentícias do Pantanal e Cerrado/ Notícias	Divulgação de atividade realizada pelo programa de extensão “Valorização de plantas alimentícias do Pantanal e	Não	Ascom UFMS	Institucional	Não - Foco exclusivo na divulgação do evento

		Cerrado”				
21/02/2017	Reitor participa de debate sobre Instituto Nacional de Pesquisas do Pantanal/ Notícias	Reunião sobre a implementação do Instituto Nacional de Pesquisas do Pantanal (INPP) em Cuiabá (MT)	Sim - Foto do reitor da UFMS Marcelo Turine durante a reunião	Ascom UFMS	Institucional	Não - Foco exclusivo na participação do reitor na reunião
20/02/2017	Pantanal da Nhecolândia terá cartografia do risco de incêndios florestais/ Pesquisa e Extensão	Pesquisa faz uma análise sobre a interferência de elementos naturais e sociais nos incêndios florestais do Pantanal e mapeia áreas mais sensíveis a queima	Sim - Foto aérea de área queimada e foto do professor responsável pela pesquisa	Professor Emerson Figueiredo Leite (UFMS), coordenador da pesquisa e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe)	Científica	Sim - São apresentados os objetivos e metodologia que será aplicada na pesquisa, bem como fontes de financiamento e possíveis aplicações do estudo
10/04/2017	Pesquisadores da Faodo realizam estudo comparativo sobre condições de saúde bucal em populações do Estado/ Pesquisa e Extensão	Projeto de pesquisa e extensão, realiza levantamento epidemiológico sobre saúde bucal e qualidade de vida da população	Sim - Fotos dos alunos de Odontologia realizando atendimento	Professor Rafael Aiello Bomfim (UFMS), coordenador do projeto e Projeto SBBrazil 2010	Científica	Sim - O projeto prevê, por meio de pesquisa, um mapeamento das condições de saúde bucal da população de MS, incluindo populações pantaneiras

Fonte: CAMPOS, Luana Rodrigues. 2018. Elaborado a partir de coletas de dados para a pesquisa.

No caso das notícias localizadas no site institucional da UFMS foi possível notar que os textos publicados na aba “Notícias” apresentaram uma abordagem estrita de promoção institucional que nada contribui para a construção de conhecimento científico e ambiental sobre o Pantanal. São notícias curtas, de dois parágrafos que se reduzem ao fato ou evento noticiado, desperdiçando boas chances de valorizar as ações e pesquisas da universidade.

Por exemplo, a notícia “Curso gratuito aborda plantas alimentícias do Pantanal e Cerrado” (Anexo 6) limitou-se em dar informações sobre quem, quando e onde o evento ocorreria. A exemplo do que o pesquisador Paulo Robson de Souza sugeriu durante entrevista para esta pesquisa, de criação de séries especiais sobre o Pantanal, talvez fosse uma boa ideia ter produzido uma reportagem ou matérias sobre o tema do curso, uma vez que são plantas presentes no cotidiano sul-mato-grossense e que poderiam atrair a atenção do público e da mídia externa justamente pelo valor da proximidade. Isso poderia valorizar tanto o evento como o conhecimento sobre a biodiversidade regional produzido pela UFMS.

Figura 40. Captura de tela no site da UFMS

Curso gratuito aborda plantas alimentícias do Pantanal e Cerrado

📅 2 anos atrás - 05/12/2016 📄 Notícias

Nos dias 9 e 10 de dezembro, das 8h às 12h e das 14h às 18h, será realizado no Anfiteatro do Laboratório de Análises Clínicas (LAC) da UFMS o curso "Plantas Alimentícias do Pantanal e do Cerrado". O evento é gratuito, aberto a toda a comunidade e haverá emissão de certificado.

A alimentação nos intervalos do curso será elaborada a partir de frutos nativos. A realização é da equipe do Programa de Extensão "Valorização de plantas alimentícias do Pantanal e Cerrado". No anexo segue a ficha de inscrição, que deve ser entregue para a professora Mariana Prates na Unidade de Tecnologia de Alimentos e Saúde Pública (UTASP) ou enviada para o e-mail fo.mariana@yahoo.com.br.

Mais informações podem ser obtidas no folder do evento anexo ou pelo telefone (67) 3345-7411.

Fonte: www.ufms.br/curso-gratuito-aborda-plantas-alimenticias-do-pantanal-e-cerrado/. Acesso em: 04/06/2017. Ver íntegra no Anexo 6.

O mesmo ocorre com as matérias “Pesquisa realizada na Universidade concorre a prêmio internacional” (Anexo 5) e “Reitor participa de debate sobre Instituto Nacional de Pesquisas do Pantanal” (Anexo 7). Na primeira o título da pesquisa indicada a premiação – “Jardins da Biodiversidade do Pantanal: arquitetura paisagística para a composição, resgate e adaptação de plantas no Jardim Temático do Pantanal em Campo Grande – MS” - é apenas mencionado, não explicando o que é o projeto. Na segunda, a escassez de informações não esclarece qual o papel da UFMS na formação e consolidação do Instituto, ou o que representa para a UFMS e para o Pantanal a participação do reitor na reunião, que poderia ser a valorização da pesquisa e apoio institucional.

Figura 41. Capturas de tela do site da UFMS

Pesquisa realizada na Universidade concorre a prêmio internacional

📅 2 anos atrás - 01/12/2016 📄 Notícias

O projeto intitulado “Jardins da Biodiversidade do Pantanal: arquitetura paisagística para a composição, resgate e adaptação de plantas no Jardim Temático do Pantanal em Campo Grande – MS” foi indicado para concorrer ao Prêmio Internacional de Arquitetura e Paisagismo. A indicação ocorreu no 11º Seminário Internacional “Águas: projetos e tecnologias para o território sustentável” e a pesquisa foi realizada por docentes e acadêmicos de Arquitetura e Urbanismo e pós-graduandos do Laboratório de Botânica da UFMS.



A professora Eliane Guaraldo, do curso de Arquitetura e Urbanismo, foi quem levou os resultados da pesquisa conjunta ao evento, que é realizado até hoje (1) pelo Núcleo de Pesquisa em Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (NUTAU-USP) no campus Butantã-USP, na Biblioteca Brasileira. Neste ano participam do seminário universidades belgas, holandesas e outras instituições brasileiras.

Reitor participa de debate sobre Instituto Nacional de Pesquisas do Pantanal

📅 1 ano atrás - 21/02/2017 📄 Notícias

O professor Marcelo Turine, Reitor da UFMS, participa hoje, 21, de reunião sobre o Instituto Nacional de Pesquisas do Pantanal (INPP), na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e na Vice-governadoria, em Cuiabá.

A reunião aborda o fortalecimento e a consolidação do Instituto Nacional de Pesquisas do Pantanal (INPP). Criado pela Lei Nº 12.954/2014, o Instituto é vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC), está em fase de implementação e terá sede em Cuiabá. O INPP será uma das unidades de pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia.



Participam da reunião, representantes do MCTIC, do Estado de MT, da UFMT e do Centro de Pesquisa do Pantanal (CPP).

Fonte: <https://www.ufms.br/pesquisa-realizada-na-universidade-concorre-premio-internacional/> e <https://www.ufms.br/reitor-participa-de-reuniao-no-mato-grosso/>, respectivamente. Acesso em: 04/06/2017. Ver íntegra nos Anexos 5 e 7.

As duas matérias publicadas na aba “Pesquisa e Extensão” receberam maior cuidado quanto a sua produção, trazendo textos mais longos, consequentemente com mais informações e maior número de fotos. No entanto, as matérias limitam-se a falar sobre as pesquisas em si, de forma pontual – e não como ponto de partida para notícias de ciência -

reproduzindo o Enfoque Clássico do Jornalismo Científico (FIORAVANTI, 2013). As matérias, intituladas “Pantanal da Nhecolândia terá cartografia do risco de incêndios florestais” (Anexo 9) e “Pesquisadores da Faodo realizam estudo comparativo sobre condições de saúde bucal em populações do Estado” (Anexo 8), apresentam pouca variação de fontes, tendo os coordenadores das respectivas pesquisas como os únicos entrevistados e apresentação de dados de outras pesquisas – que no caso da matéria sobre saúde bucal são dados citados pelo próprio coordenador entrevistado.

Na matéria “Pesquisadores da Faodo realizam estudo comparativo sobre condições de saúde bucal em populações do Estado” (Anexo 8) a referência que existe sobre o Pantanal é de que a pesquisa deve trabalhar com populações pantaneiras, entre outras, e traçar um comparativo em relação a população urbana do estado. Não há mais informações além disso. Esta ausência de detalhes sobre as condições de vida das pessoas que habitam o Pantanal, por exemplo a dificuldade de acesso a serviços de saúde, talvez se dê em razão da pesquisa encontrar-se em fase de coleta de dados, como explica o texto. Assim a matéria pouco contribui para conhecimento sobre as características socioambientais do bioma.

Figura 42. Captura de tela do site da UFMS

Pesquisadores da Faodo realizam estudo comparativo sobre condições de saúde bucal em populações do Estado

📅 1 ano atrás - 10/04/2017 ➔ Pesquisa e Extensão

Em uma iniciativa inédita, docentes e acadêmicos da Faculdade de Odontologia (Faodo) da UFMS estão mapeando, por meio de pesquisa, as condições de saúde bucal de Mato Grosso do Sul.

A ideia é desenvolver um estudo comparativo entre a população urbana de Campo Grande, atendida nas Policlínicas da Faodo; a população ribeirinha do Passo do Lontra/Pantanal; as crianças da Escola Nova Itamarati, do Assentamento Itamarati, próximo à Ponta Porã e as crianças pantaneiras da Fazenda Barranco Alto, em Aquidauana.

Pelo estudo será feito um levantamento epidemiológico para conhecimento das condições de saúde bucal por meio do índice CPO-D, que apresenta os números de dentes careados, perdidos e obturados. Com os dados será possível traçar a correlação das lesões de cárie e sua severidade com a qualidade de vida em saúde bucal.

Fonte: <https://www.ufms.br/pesquisadores-da-faodo-realizam-estudo-comparativo-das-condicoes-de-saude-bucal-em-populacoes-estado/>. Acesso em: 04/06/2017. Ver íntegra no Anexo 8.

Já o texto “Pantanal da Nhecolândia terá cartografia do risco de incêndios florestais” (Anexo 9), mesmo trazendo a pesquisa em si como notícia, aborda um tema recorrente no Pantanal, que anualmente se apresenta nas manchetes dos jornais de MS (como poderá ser visto mais adiante): as queimadas no Pantanal.

Figura 43. Captura de tela do site da UFMS

Pantanal da Nhecolândia terá cartografia do risco de incêndios florestais

📅 1 ano atrás - 20/02/2017 ➔ Destaque, Pesquisa e Extensão

Com quase 20% da área total do Pantanal, a importante região da Nhecolândia está sendo monitorada em pesquisa da UFMS sobre a cartografia do risco de incêndios florestais, com apresentação das áreas com maior ou menor probabilidade de destruição pelo fogo.

Coordenada pelo professor Emerson Figueiredo Leite, do Câmpus de Aquidauana (CPAQ), a pesquisa faz uma análise sobre a interferência de elementos naturais e sociais no processo e assinala especialmente áreas com particular sensibilidade à queima.

De acordo com o professor, a equação de risco de incêndio florestais proposta na pesquisa considera os mapas de uso e cobertura da terra, o mapa de vias de acesso e locais das sedes de fazendas; mapas de hipsometria e relevo peculiar; intensidade pluviométrica e temperatura; os *hotspots* de focos de calor (mapas de pontos) e áreas com recorrência de queimadas nos últimos dez anos.



Fonte: <https://www.ufms.br/pantanal-da-nhecolandia-tera-cartografia-do-risco-de-incendios-florestais/>. Acesso em: 04/01/2018. Ver íntegra no Anexo 9.

A linguagem utilizada no texto é simples, apesar de em alguns momentos o leitor se deparar com termos técnicos como hipsometria, hotspots, técnica AHP (Processo Analítico Hierárquico), Legal (Linguagem Espacial de Geoprocessamento Algébrico) e cruzamento matricial, nem todos seguidos de explicação para o público leigo.

O texto identifica o Pantanal como região de interesse ecológico e socioeconômico e alude a sua complexidade ao explicar que é composto por onze sub-regiões. Também coloca a prática de queimadas como algo comum no manejo da pastagem natural, mas mostra preocupação com relação ao aumento em que elas têm ocorrido.

Os incêndios fazem parte da dinâmica natural do Pantanal, sendo necessário para que determinadas espécies de sementes germinem e haja renovação florística no bioma. Assim queimadas no Pantanal¹⁴⁹ podem ter origem natural, causadas por raios e reflexões de vidros nos períodos ou locais em que a vegetação é seca, ou por ação antropogênica – como é mais comum – para limpeza e renovação de pastos, neste caso pode ser programada ou desordenada. Feita de forma desordenada podem tomar proporções incalculáveis, trazendo prejuízo aos solos e desequilíbrio dos ecossistemas.

É interessante assinalar para o cuidado que há no texto em apresentar as fontes de financiamento da pesquisa e as possíveis aplicações do estudo. Esses dados oferecem ao leitor a chance de estabelecer parâmetros críticos sobre os recursos financeiros aplicados

¹⁴⁹ “Queimadas, suas causas e consequências”. Disponível em: <http://www.riosvivos.org.br/canal.php?mat=11159>. Acesso em: 10/05/2018.

(FUNDEP, 2009). Apontar a origem do dinheiro da pesquisa, por exemplo, pode ajudar o leitor tanto a compreender que a pesquisa necessita de aporte financeiro, quanto a identificar o lugar de fala do pesquisador e sua motivação. Este foi o único texto encontrado no período de análise dentro do site institucional da UFMS que de algum modo contribui para o conhecimento sobre o bioma.

4.3. O Pantanal no site da UEMS

Tabela 3. Síntese das matérias sobre o Pantanal veiculadas no site da UEMS

QUADRO DEMONSTRATIVO DE QUANTIFICAÇÃO – SITE INSTITUCIONAL UEMS						
Data	Título/ Editoria	Resumo/ Conteúdo	Recursos visuais	Fontes de Informação	Abordagem	Pesquisa científica
12/12/2016	Estudo da UEMS mostra potencial da economia criativa no Pantanal de MS/ Notícias	Pesquisa científica sobre a exploração de recursos culturais como artesanato e as próprias tradições pantaneiras para geração de renda	Sim - Foto de turistas atravessando rio à cavalo, ao modo das comitivas pantaneiras	Domingo Satti e Juliano Delai, mestrandos da UEMS, Claudia de Medeiros, superintendente de Economia Criativa de MS e Adriano Pacheco, Mestre em Administração e pesquisador em Economia Criativa	Econômica/ Científica	Sim - Estudo foi realizado pelo Mestrado em Desenvolvimento Regional e de Sistemas Produtivos da UEMS
11/01/2017	UEMS apoia evento do Centro de Pesquisas Pantanal que discutirá Áreas Úmidas/ Notícias	Divulgação de evento sobre a importância das áreas úmidas frente as mudanças climáticas	Sim - Foto do palestrante Paulo Teixeira	Fábio Edir, reitor da UEMS, e Paulo Teixeira, pesquisador da UFMT/INAU/ CPP	Institucional/ Científica	Sim - Cita estudo sobre perda de áreas úmidas e livro sobre critérios de classificação dessas áreas
05/02/2017	Instituições se unem para salvar título de Reserva da Biosfera do Pantanal/ Notícias	Apresentação do plano de ação emergencial para a Reserva da Biosfera do Pantanal	Sim - Foto do reitor da UEMS Fábio Edir durante evento do INAU	Fábio Edir, reitor da UEMS e Fátima Sonoda, presidente do Conselho Executivo da RB Pantanal	Institucional/ Ambiental	Não - Menciona apenas que entre as ações previstas está a de fomentar o conhecimento científico e tradicional da RB Pantanal
07/02/2017	Pantanal mantém título da Unesco de Reserva da Biosfera/ Notícias	Articulação entre instituições de pesquisa que resultou na manutenção do título internacional do Pantanal de Reserva da Biosfera	Sim - Foto de reunião do Comitê Executivo da RB Pantanal onde aparece o reitor da UEMS, Fábio Edir	Fábio Edir, reitor da UEMS; Carlos Fávaro, secretário de meio ambiente/vice-governador do MT; Fátima Sonoda, presidente do comitê da RB Pantanal; Paulo Teixeira, coordenador do CPP e José Medeiros, senador PSD/MT	Institucional/ Ambiental	"Não - Apenas em uma das falas de Fábio Edir, reitor da UEMS, é mencionado que há mais de 15 anos existe uma luta pela produção científica no Pantanal
31/03/2017	Camarão do Pantanal é termômetro de qualidade dos rios pantaneiros/	Pesquisa científica realizada por grupo de pesquisas da	Sim - Fotos e vídeo do Camarão do Pantanal	Liliam Hayd, pesquisadora UEMS	Científica	Sim - Camarão do Pantanal é utilizado como bioindicador em estudos sobre a

	Notícias	UEMS sobre espécie de camarão descoberto em 2013 no Pantanal				qualidade de ambientes aquáticos
25/04/2017	Centro de Pesquisa do Pantanal inicia na UEMS ciclo de oficinas em defesa das Áreas Úmidas no Brasil/ Notícias	Divulgação de evento científico sobre classificação de áreas úmidas brasileiras	Sim - Foto do reitor da UEMS, Fábio Edir durante reunião	Cátia Nunes, pesquisadora do CPP e Assessoria de Comunicação do CPP	Institucional/ Científica	Sim - Oficinas visam a promoção e aperfeiçoamento do sistema de classificação de áreas úmidas em machohabitats desenvolvido pelo CPP

Fonte: CAMPOS, Luana Rodrigues. 2018. Elaborado a partir de coletas de dados para a pesquisa.

Com relação aos textos encontrados no site institucional da UEMS, apesar de também apresentarem, em sua maioria, uma abordagem institucional, são mais longos – todos com mais de quatro parágrafos - e trazem maior variação de fontes. Mesmo assim, no caso das matérias “Estudo da UEMS mostra potencial da economia criativa no Pantanal de MS” (Anexo 10) e “Camarão do Pantanal é termômetro de qualidade dos rios pantaneiros” (Anexo 11), as matérias limitam-se a divulgar as pesquisas em si como notícia, sem aprofundar no conteúdo da pesquisa. Além disso utilizam apenas os autores dos estudos como fonte de informação, quando poderiam valorizar o conteúdo com outras fontes e conteúdos relacionados. É necessário frisar que ambas são produtos do projeto “Mídia Ciência”, o que ressalta a importância da iniciativa que fomenta a divulgação científica no MS.

Figura 44. Captura de tela do site da UEMS

Estudo da UEMS mostra potencial da economia criativa no Pantanal de MS

Você está aqui: Home (<http://www.uems.br/>) > Notícias (<http://www.uems.br/noticias>) > Estudo da UEMS mostra potencial da econ...

Por: Eduarda Rosa | Postado em: 12/12/2016



Em épocas de crise, ter criatividade é essencial. E a economia criativa vem ao encontro das comunidades, utilizando da própria cultura, tradições e produção de artesanatos para melhorar a economia local. Um estudo

produzido no Mestrado em Desenvolvimento Regional e de Sistemas Produtivos (PPGDRS), da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em Ponta Porã, mostrou que o patrimônio cultural brasileiro é riqueza abundante para o desenvolvimento da Economia Criativa, destacando dentre eles no Mato Grosso do Sul, o Pantanal.

Outras notícias

Diretor de Universidade de Angola visita UEMS e discute convênio

(<http://www.uems.br/noticias/detalhes/diretor-de-universidade-de-angola-visita-uems-e-discute-convenio-162802>)

UEMS/CG promove ação pelo Setembro Amarelo no centro da cidade

Fonte: <http://www.uems.br/noticias/detalhes/estudo-da-uems-mostra-potencial-da-economia-criativa-no-pantanal-de-ms-164540>. Acesso em: 22/09/2017. Ver íntegra no Anexo 10.

Em “Estudo da UEMS mostra o potencial da economia criativa no Pantanal de MS” (Anexo 10) o Pantanal é apresentado ao leitor sob o ponto de vista das possibilidades de exploração econômica de seus recursos culturais, com ênfase para o turismo. Isso é reforçado

pela imagem utilizada para ilustrar o texto, com uma imagem de turistas no Pantanal atravessando um rio, ao estilo das tradicionais comitivas pantaneiras¹⁵⁰. No texto, a alternativa proposta pela economia criativa foca a sobrevivência de comunidades locais, mas fornece poucas informações a respeito destas. O nome do estudo, desenvolvido em um dos programas de pós-graduação da UEMS, não aparece no texto, dificultando o acesso a informações adicionais pelo leitor interessado em aprofundar-se no assunto, ou até mesmo pelo jornalista em busca de pautas.

O grande mérito encontrado neste texto é o de colocar o turismo como agente de desenvolvimento sustentável em alternativa à predominância da pecuária, apontado como instrumento para a valorização da identidade e história da gente pantaneira.

Figura 45. Captura de tela do site da UEMS



Fonte: <http://www.uems.br/noticias/detalhes/camarao-do-pantanal-e-termometro-de-qualidade-dos-rios-pantaneiros-124039>. Acesso em: 22/09/2017. Ver íntegra no Anexo 11.

Na matéria “Camarão do Pantanal é termômetro de qualidade dos rios pantaneiros” (Anexo 11) o conteúdo foca-se nas descobertas e potenciais usos do Camarão do

¹⁵⁰ Na época das cheias no Pantanal os peões das fazendas precisam percorrer grandes distâncias levando os rebanhos de gado para regiões mais altas a fim de que não morram afogados, o que acarretaria em perdas econômicas significativas. O ecoturismo apropriou-se desse elemento tradicional incorporando a atividade nos roteiros de passeio da região.

Pantanal. Foi o único texto, no caso dos sites institucionais, a utilizar outro recurso visual além de fotografia. Ao lado do texto, um vídeo de vinte segundos exibe a movimentação da espécie *Macrobrachium Pantanalense* em aquário. O texto traz uma abordagem positiva sobre as condições das águas nas regiões estudadas uma vez que há camarões do Pantanal presente nelas.

A linguagem do texto é bastante simples e termos como bioindicador, ecotoxicologia e aquicultura ornamental estão acompanhados de explicação. Esta foi a matéria mais republicada por outros sites de notícias, de acordo com a análise do clipping. Em geral os sites das mídias externas usam o texto da Assessorias de Comunicação na íntegra, modificando apenas o título. A despeito desta não ser uma prática jornalística recomendável, uma vez que o tema poderia ser aprofundado, quando uma notícia publicada nos sites das universidades desperta o interesse público são rapidamente reproduzidas.

Figura 46. Capturas de tela dos sites A Crítica, Dourados News e Campo Grande News, respectivamente



Fonte: <https://goo.gl/rFqRom>, <https://goo.gl/dmUZp8> e <https://goo.gl/CXgtXs>, respectivamente. Acesso em: 04/10/2017.

Ao modo de ver de Belmonte (2004), os temas ecológicos nas redações aparecem quase sempre como fruto do interesse e curiosidade pessoal do jornalista, dificilmente resultando de uma decisão das chefias. No caso da UEMS foi possível identificar o apoio da chefia, no caso do reitor, às questões relacionadas ao Pantanal.

É provável que a publicação das matérias “UEMS apoia evento do Centro de Pesquisas Pantanal que discutirá Áreas Úmidas” (Anexo 12) e “Centro de Pesquisa do Pantanal inicia na UEMS ciclo de oficinas em defesa das Áreas Úmidas no Brasil” (Anexo 13) tenha se dado em razão da estreita ligação do reitor com o Centro de Pesquisas do Pantanal (CPP), onde atua como pesquisador associado. Além disso, como é citado em uma


das matérias, existe uma parceria entre a UEMS, o CPP e o Instituto Nacional de Áreas Úmidas (INAU) para a realização de pesquisas no bioma pantaneiro.

Figura 47. Capturas de tela do site da UEMS

UEMS apoia evento do Centro de Pesquisas Pantanal que discutirá Áreas Úmidas

Você está aqui: Home (<http://www.uems.br/>) > Notícias (<http://www.uems.br/noticias>) > UEMS apoia evento do Centro de Pesquisas...

Por: Rubens Urue | Postado em: 11/01/2017



Paulo Teixeira de Sousa Jr., que assina o artigo sobre Áreas Úmidas


A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) apoia o evento que será promovido pelo Centro de Pesquisas Pantanal (CPP), Instituto Nacional de Áreas Úmidas (INAU) e Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) em parceria com o Ministério de Meio Ambiente que ocorrerá nos dias 2 e 3 de fevereiro, em Cuiabá/MT, e que irá discutir a temática "Áreas Úmidas para a Redução de Riscos de Desastres".

Para o reitor da UEMS, Fábio Edir dos Santos Costa, o apoio reforça os laços institucionais com a UFMT, uma vez que há mais de 10 anos a UEMS tem atuado em parceria com o CPP e com o INAU no estabelecimento de Redes de Pesquisas sobre o Pantanal, em colaboração com as instituições do MS e MT.

Centro de Pesquisa do Pantanal inicia na UEMS ciclo de oficinas em defesa das Áreas Úmidas no Brasil

Você está aqui: Home (<http://www.uems.br/>) > Notícias (<http://www.uems.br/noticias>) > Centro de Pesquisa do Pantanal inicia na U...

Por: André Mazini | Postado em: 25/04/2017



Os pesquisadores do Centro de Pesquisa do Pantanal (CPP) iniciam nesta terça-feira, (25) um ciclo de oficinas, em todo território nacional, que vai ajudar a melhorar o sistema de "Classificação e Delineamento das Áreas Úmidas Brasileiras", publicado em março de 2015.

As Áreas Úmidas (AUs) cobrem cerca de 20% do território brasileiro, tendo papel importantíssimo no ciclo hidrológico, pois estocam o excesso de água durante as chuvas pesadas, para, logo a seguir, promover a lenta liberação deste líquido para os riachos e rios, diminuindo desta forma os riscos de inundações e secas extremas e fornecendo água limpa para o meio ambiente e o ser humano. Além disso, ajudam no reabastecimento do lençol freático e influenciam de maneira positiva o clima local e regional.

Para a pesquisadora associada ao CPP, Cátia Nunes, que vai coordenar a oficina em Campo Grande, o encontro vai contar com a comunidade científica das instituições Embrapa Pantanal, UEMS e UFMS. "Vamos ouvir sugestões, pois sabemos que o

Fonte: <http://www.uems.br/noticias/detalhes/uems-apoia-evento-do-centro-de-pesquisas-pantanal-e-que-discutira-areas-umidas-094852> e <http://www.uems.br/noticias/detalhes/centro-de-pesquisa-do-pantanal-inicia-na-uemsciclo-de-oficinas-em-defesa-das-areas-umidas-no-brasil-132226>, respectivamente. Acesso em: 22/09/2017.

Ver íntegra nos Anexos 12 e 13.

Estas matérias, mesmo centradas em divulgar eventos de cunho científico, aproveitaram o espaço para trazer informações pertinentes sobre o Pantanal e áreas úmidas, indicando qual a importância de preservá-las e alertando sobre os impactos ambientais que tem sofrido. Estas foram as únicas matérias no âmbito das notícias institucionais que fazem alusão à Lei Federal do Pantanal.

Em “UEMS apoia evento do Centro de Pesquisas Pantanal que discutirá Áreas Úmidas” (Anexo 12), a estrutura do texto se diferencia dos demais, uma vez que começa com um lead tradicional sobre um evento promovido pelo INAU, que conta com apoio da UEMS - e mais adiante agrega um artigo de divulgação científica assinado por Paulo Teixeira, vice-coordenador do INAU. O texto começa de forma ampla falando sobre a importância das áreas úmidas (AUs), frente às mudanças climáticas, e depois afunila para o Pantanal. Cita pesquisas científicas e tratados assinados pelo Brasil para proteção das AUs, no caso a Convenção Ramsar (abordada no Capítulo 2 – “O Bioma Pantanal”). Neste ponto é importante assinalar a crítica que surge quando o autor menciona que o país ainda está em déficit com os compromissos assumidos.

O texto segue divulgando uma publicação sobre definição e classificação de áreas úmidas publicado pelo INAU e parceiros, ressaltando a necessidade de que decisões políticas,

voltadas ao uso sustentável e a conservação de AUs, seja pautado por conhecimento científico. Entretanto não cita ou disponibiliza link para o livro.

No texto o Pantanal aparece exaltado por sua beleza cênica, mas acompanhado pelos seus problemas ecológicos e a necessidade de legislação adequada. Ao final, o autor retoma o assunto do evento sobre as AUs e relaciona o conhecimento das temáticas ambientais ao exercício da cidadania, no que parece uma tentativa de reforçar a importância da participação da sociedade no evento.

O livro cujo nome não é divulgado na matéria, vem a ser citado posteriormente na matéria “Centro de Pesquisa do Pantanal inicia na UEMS ciclo de oficinas em defesa das Áreas Úmidas no Brasil” (Anexo 13) com o nome “Classificação e Delineamento das Áreas Úmidas Brasileiras”. A matéria sugere que este livro sustenta a mobilização de caráter científico e político do INAU em propor uma nova forma de gestão das AUs para embasar a Lei do Pantanal. Este texto expõe o fato de que não é possível pensar em soluções simples para um ambiente complexo, composto por mais de 50 macrohabitats, como é o caso do Pantanal.

Já as matérias “Instituições se unem para salvar título de Reserva da Biosfera do Pantanal” (Anexo 14) e “Pantanal mantém título da Unesco de Reserva da Biosfera” (Anexo 15) apontam para a participação de Fábio Edir como membro do Conselho Executivo da Reserva da Biosfera do Pantanal (RB Pantanal), conforme grifo na imagem abaixo.

Figura 48. Captura de tela do site da UEMS

Instituições se unem para salvar título de Reserva da Biosfera do Pantanal

Você está aqui: Home (<http://www.uems.br/>) > Notícias (<http://www.uems.br/noticias>) > Instituições se unem para salvar título de R...

Por: André Mazini | Postado em: 05/02/2017



Contando com participação ativa da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), através do reitor Fábio Edir dos Santos Costa, o Conselho Executivo da Reserva Biosfera do Pantanal, apresentou na última sexta-feira (3) um plano

de ações emergenciais em defesa da manutenção do Pantanal. Já aprovado por comissão internacional da Unesco o plano garantiu a manutenção do título de “Reserva da Biosfera” ao bioma presente principalmente nos estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.

Outras notícias

Diretor de Universidade de Angola visita UEMS e discute convênio (<http://www.uems.br/noticias/detalhes/diretor-de-universidade-de-angola-visita-uems-e-discute-convenio-162802>)

UEMS/CG promove ação pelo Setembro Amarelo no centro da cidade

Fonte: <http://www.uems.br/noticias/detalhes/instituicoes-se-unem-para-salvar-titulo-de-reserva-da-biosfera-do-pantanal-132638>. Acesso em: 22/09/2017. Ver íntegra no Anexo 14.

Apesar do caráter voltado à divulgação de uma ação do reitor, as matérias trouxeram uma questão importante do bioma - mencionada no Capítulo 2 “O Bioma Pantanal” – sobre a quase perda do título de Reserva da Biosfera devido a má gestão. Esse ponto não é esclarecido nos textos, isto é, não fica explícito o motivo pelo qual o bioma quase deixou de ser uma RB. Os textos são focados no plano de ação emergencial que garantiu a manutenção do título. Também não é claro qual será o papel desempenhado pela UEMS no processo, ou quais serão suas responsabilidades futuras dentro do plano de ações. Por outro lado, as matérias apontam que existe uma preocupação e mobilização por parte da instituição em contribuir com a preservação do Pantanal que pode ser creditada ao interesse individual do dirigente institucional.

4.4. A divulgação do Pantanal no clipping das universidades

O esforço das instituições de informar ou influenciar a opinião pública, ainda que de forma incompleta, equivocada ou imprecisa muitas vezes, pode ser aferido pelo clipping. Bueno (2010, p. 417) define a clipagem como o “recorte ou gravação de uma unidade informativa¹⁵¹ que consolida o processo de interação da empresa ou entidade com determinado veículo de comunicação”, sendo fundamental para análises posteriores, como auditoria de imagem, ou de um esforço particular de comunicação.

A utilização do clipping, embora ineficaz para avaliar a qualidade da recepção e efeitos da mensagem sobre a sociedade, pode servir como uma espécie de “termômetro” para medir a frequência e intensidade do esforço de comunicação da instituição (MAIO, 2008).

A opção de analisar as notícias do clipping deu-se em razão da impossibilidade de fazer levantamento semelhante, também por tratar-se de estratégia metodológica reconhecida. Normalmente, os clippings reúnem todas as notícias que envolvem o nome das instituições, fornecendo material precioso para a seleção posterior do pesquisador, dependendo de seus objetivos e enfoques. Tal escolha se justificou como poderá ser visto no tópico subsequente “Pantanal na mídia regional”. De todo modo nesta parte da análise buscou-se verificar como as universidades pesquisadas para este trabalho aparecem nas matérias que se relacionam com o Pantanal e em que mídias são veiculadas.

¹⁵¹ Unidade informativa: nota em coluna, editorial, notícia, reportagem, artigo de colaborador, etc.

Os relatórios de clipping analisados, foram cedidos pelas assessorias de comunicação das universidades. No período estudado foram encontradas 24 matérias que continham a palavra-chave *Pantanal* no clipping da UFMS e 10 matérias no clipping da UEMS. Ao refinar a busca por meio da leitura do material, as matérias que de fato abordavam o Pantanal foram apenas nove no site da UFMS e sete no site da UEMS.

O que se observou é que, com exceção das matérias produzidas para a televisão, o restante foi replicado na íntegra ou com poucas alterações, e sem nenhum acréscimo de informação, a partir das matérias produzidas pelos jornalistas das Assessorias de Imprensa dos sites institucionais das universidades e de outras instituições de pesquisa que mencionavam a UFMS e UEMS em seus materiais.

Na maioria dos casos os créditos também não foram dados às assessorias ou aos jornalistas que produziram o texto como determina o Código de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Sabe-se que essa prática é comum nos veículos por diversas razões: equipes reduzidas, imediatismo, falta de estrutura nas redações, a confiança e legitimidade que essas instituições de pesquisa possuem, entre outros fatores.

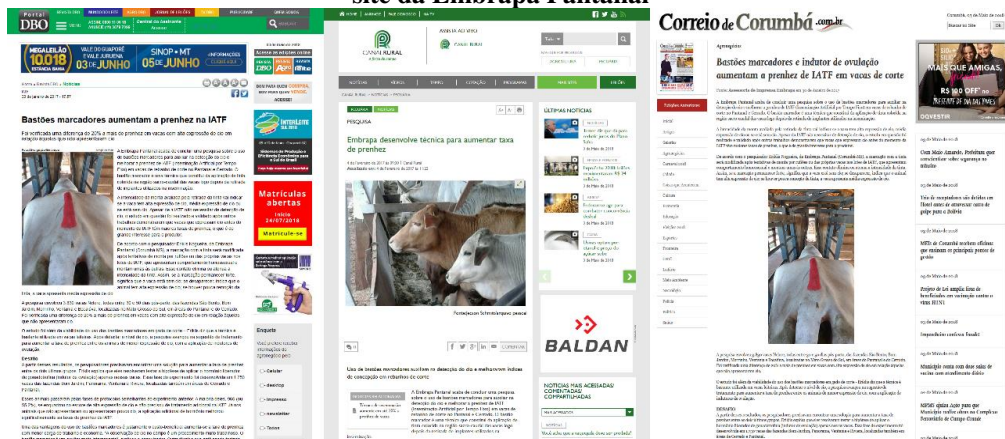
Nas duas universidades os relatos dos profissionais das assessorias de Comunicação indicam que há uma grande dificuldade para a execução do clipping: limitação orçamentária que impede a assinatura de múltiplos veículos e/ou a contratação de serviço especializado, dispêndio de tempo dos jornalistas para a tarefa e pouco alcance do monitoramento que não contempla grandes revistas de divulgação e disseminação científica internacionais, por exemplo.

Apenas comparando o clipping entre as duas universidades já pode-se constatar que o atual sistema é limitado. Por exemplo, a matéria “Centro de Pesquisa do Pantanal inicia na UEMS ciclo de oficinas em defesa das Áreas Úmidas no Brasil” (Anexo 13), publicada originalmente no site da UEMS, foi republicada pelo site de notícias “A Crítica” e clipado pela UFMS, mas não pela própria UEMS.

Sobre a questão de republicação, notou-se que as notícias analisadas no clipping da UEMS (com exceção das produzidas para televisão) são todas originárias do site da Universidade. O mesmo não ocorre com o clipping da UFMS. As notícias que aparecem no relatório da UFMS são de assessorias de Comunicação de outras instituições de pesquisa, no

caso a Embrapa Pantanal (Figura 48) e ONG WCS (Figura 49). Observou-se, ainda, no *corpus* de análise, que nenhuma matéria do site da UFMS foi republicada. Com base nisso pode-se inferir que a divulgação não tem sido pró-ativa no sentido de divulgar as pesquisas sobre o Pantanal realizadas nas universidades examinadas. Ao mesmo tempo, fica evidente, também, curiosamente, pelo reduzido número de notícias, o baixo interesse da mídia regional sobre o Pantanal.

Figura 49. Capturas de tela de matérias do relatório de clipping da UFMS originalmente publicadas no site da Embrapa Pantanal¹⁵²



Fonte: <https://goo.gl/hpNpLA>, <https://goo.gl/BkSom1> e <https://goo.gl/9jJQ6f>, respectivamente. Acesso em: 04/01/2018.

Figura 50. Capturas de tela de matérias do relatório de clipping da UFMS originalmente divulgadas pela assessoria da ONG WCS



Fonte: <https://goo.gl/Xbr8Au>, <https://goo.gl/gx1Bqa> e <https://goo.gl/NHtFNg>, respectivamente. Acesso em: 04/01/2018.

Nota-se ainda nesta parte da análise que os resultados corroboram a observação anterior de que os núcleos de comunicação das respectivas universidades estão mais centrados na promoção institucional do que na divulgação científica, uma vez que na maior parte dos conteúdos clipados prevalece a divulgação de assuntos institucionais.

¹⁵² Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/19829769/bastoes-marcadores-e-indutor-de-ovulacao-aumentam-a-prenhez-de-iatf-em-vacas-de-corte>. Acesso em: 06/06/2017.

4.4.1. O Pantanal no clipping da UFMS

O clipping da UFMS tem por finalidade coletar informações divulgadas sobre a universidade em seus aspectos positivos ou negativos, para subsidiar estratégias de gestão da equipe de Comunicação para aperfeiçoar a divulgação da institucional e sua percepção pública. Além de buscar as notícias que mencionem a UFMS diretamente, também são rastreadas as que abrangem o estádio Moreirão, anexo à universidade, e o Hospital Universitário, que embora tenha administração própria, tem efeito direto na imagem institucional da UEMS, conforme destaca Marcos Paulo da Silva em entrevista para esta dissertação.

O acompanhamento desse fluxo de notícias é centrado na mídia regional e alguns sites institucionais como o do Ministério da Educação (MEC). Depois de coletadas, as notícias são tipificadas em um sistema de semáforo sendo verde como notícias positivas; amarelas como neutras e vermelhas como negativas, para posterior análise. A clipagem não reporta necessariamente apenas o que seja produto do esforço de divulgação da própria SECOM, mas também de outras instituições ou de iniciativa própria dos meios de comunicação, desde que mencione a UFMS (as figuras 49 e 50 na página 183 desta dissertação ilustram tal situação).

O clipping posteriormente é enviado para reitor, pró-reitores, secretários e diretores de agências. Em entrevista Marcos Paulo enfatiza que “só vale a pena tirar uma, duas horas do dia de uma repórter pra fazer isso se ele [o clipping] for usado como mecanismo estratégico”. O clipping seria um modo de avaliar quais áreas estão melhores ou piores avaliadas e um subsídio para traçar planejamentos de acordo com as necessidades – e possibilidades – de cada uma.

Tabela 4. Síntese das matérias sobre o Pantanal encontradas no relatório de clipping da UFMS

QUADRO DEMONSTRATIVO DE QUANTIFICAÇÃO - CLIPPING UFMS							
Data	Título/ Editoria	Mídia	Resumo/ Conteúdo	Recursos visuais	Fontes de informação	Abordagem	Pesquisa científica
30/01/2017	Bastões marcadores aumentam a prenhez na IATF/ Notícias	Site - Portal DBO	Pesquisa para aumentar os rebanhos bovinos do Pantanal e Cerrado	Sim - Foto de vaca marcada com tinta colorida na região sacro- caudal	Eriklis Nogueira, pesquisador da Embrapa Pantanal	Econômica	Sim - Pesquisadores utilizam a técnica de bastões marcadores para detectar o cio das vacas e melhorar

							resultados de inseminação artificial
30/01/2017	Bastões marcadores e indutor de ovulação aumentam a prenhez de IATF em vacas de corte/ Agronegócio	Site - Correio de Corumbá	Técnica para aumentar os rebanhos bovinos do Pantanal e Cerrado	Sim - Foto de vaca marcada com tinta colorida na região sacro-caudal	Eriklis Nogueira, pesquisador da Embrapa Pantanal	Econômica	Sim - Pesquisadores utilizam a técnica de bastões marcadores para detectar o cio das vacas e melhorar resultados de inseminação artificial
04/02/2017	Embrapa desenvolve técnica para aumentar taxa de prenhez/ Pesquisa	Site – Canal Rural	Técnica para aumentar os rebanhos bovinos do Pantanal e Cerrado	Sim - Foto de bovinos comendo ração	Eriklis Nogueira, pesquisador da Embrapa Pantanal	Econômica	Sim - Pesquisadores utilizam a técnica de bastões marcadores para detectar o cio das vacas e melhorar resultados de inseminação artificial
13/02/2017	Incêndio destrói vegetação de banhado do Rio Formoso em Bonito/ Interior	Site - MS Notícias	Desastre ambiental causado pela queda de raios em banhado localizado em Área de Preservação Permanente	Sim - Foto da fumaça causada pelo incêndio do banhado	Alexandre Ferro, secretário de Meio Ambiente de Bonito; Polícia Militar Ambiental; Arnildo Pott, botânico da UFMS	Ambiental	Sim - O botânico Arnildo Pott menciona que o mau uso dos banhados/brejos afeta diretamente o Pantanal
07/04/2017	Moradores do Passo do Lontra recebem atendimento médico de graça	TV – MSTV 1ª e 2ª edição (TV Morena – afiliada da Rede Globo)	Projeto da UFMS leva atendimento médico gratuito para população pantaneira	Sim - Imagens dos ribeirinhos recebendo atendimento médico e odontológico pelos estudantes, imagens do Rio Miranda, imagens da repórter, imagens dos entrevistados	Conceição Marilho, ribeirinha; Nilson Alvez, ribeirinho; Rogério Leite, secretário de Saúde de Corumbá; Ana Paula Sales, Professora UFMS; Fernanda, estudante de Enfermagem	Institucional	Não - Professora Ana Sales menciona que se trata de um projeto de pesquisa e extensão em atenção básica da saúde, mas não menciona estudos, resultados ou dados
12/04/2017	Atropelamentos e sumiço de aves no Pantanal assustam pesquisadores/ Geral	Site - Top Mídia News	Lançamento de revista de divulgação científica sobre o Pantanal	Sim - Foto de um lobinho morto na beira da estrada	Carlos Durigan, diretor da ONG WCS Brasil; Alexine Keuroghlian, diretora da ONG WCS Brasil Pantanal	Ambiental/ Científica	Sim - Resumo de artigos da revista sobre atropelamento de fauna silvestre, perigo de extinção de avens do Pantanal e pagamento por serviços ambientais (PSA)

13/04/2017	Atropelamentos e sumiço de aves no Pantanal assustam pesquisadores/ Cotidiano	Site – Midiamax	Lançamento de revista de divulgação científica sobre o Pantanal	Sim - Foto de cervo em frente a uma fileira de garças	Carlos Durigan, diretor da ONG WCS Brasil; Alexine Keuroghlian, diretora da ONG WCS Brasil Pantanal	Ambiental/ Científica	Sim - Resumo de artigos da revista sobre atropelamento de fauna silvestre, perigo de extinção de aves do Pantanal e pagamento por serviços ambientais (PSA)
22/04/2017	Ação humana coloca em xeque a conservação de aves do Pantanal/ Geral	Site - A Crítica	Estudo aponta diminuição de populações de três espécies de aves dispersoras de sementes no Pantanal da Nhecolândia	Foto de ave Jacutinga Mutum se alimentando	Pesquisadores Alessandro Pacheco Nunes (UFMS), Rudi Ricardo Laps (UFMS), Walfrido Moraes Tomas (Embrapa Pantanal) e Marcelle Tomas (UFMS)	Ambiental/ Científica	Sim - Menciona que o estudo foi publicado na Revista Ciência Pantanal publicada pela ONG WCS
26/04/2017	Centro de Pesquisa do Pantanal inicia na Uems ciclo de oficinas em defesa das Áreas Úmidas no Brasil/ Geral	Site - A Crítica	Divulgação de evento científico sobre classificação de áreas úmidas brasileiras	Sim - Foto do reitor da UEMS, Fábio Edir durante reunião	Cátia Nunes, pesquisadora do CPP e Assessoria de Comunicação do CPP	Institucional/ Científica	Sim - Oficinas visam a promoção e aperfeiçoamento do sistema de classificação de áreas úmidas em machohabitats desenvolvido pelo CPP

Fonte: CAMPOS, Luana Rodrigues. 2018. Elaborado a partir de coletas de dados para a pesquisa.

Um dos elementos que chamaram a atenção durante a análise do clipping da UFMS foi na matéria “Incêndio destrói vegetação de banhado do Rio Formoso em Bonito” (Anexo 16) publicada pelo site “MS Notícias”. O botânico, Arnildo Pott, aparece como um dos entrevistados falando sobre o impacto que a destruição de áreas de banhado podem causar ao Pantanal. O curioso é que a matéria utiliza-se de uma fala de Pott concedida em entrevista a outro jornal, no caso o *Correio do Estado*, um ano antes, sem atualização.

Figura 51. Captura de tela da matéria "Incêndio destrói vegetação de banhado do Rio Formoso em Bonito"

Em reportagem do jornal Correio do Estado, em setembro do ano passado, o botânico Arnildo Pott, professor da UFMS, comentou sobre a importância dos banhados que 'aos olhos dos leigos, não são representativos, mas guardam verdadeiros tesouros da biodiversidade'.

"Quem olha de fora, pensa que é somente um capinzal. Parecem áreas monótonas, mas nessas áreas há mais de 500 espécies de vegetais e uma diversidade de vida animal associada às plantas: insetos, aves que fazem ninhos ou se alimentam ali, além de mamíferos de grande e pequeno portes", diz Pott.

Ele reforça que o mau uso dessas áreas, que são cabeceiras dos rios Formoso e da Prata, afeta diretamente o Pantanal: "Esses brejos acumulam uma terra preta encharcada que são restos dos vegetais. O acúmulo dessa matéria orgânica funciona como estoque de água, como uma esponja que armazena água para o ano inteiro. Essa água flui limpa e é a razão da perenização dos rios. A drenagem desses sistemas rebaixa o nível de água do solo, ele fica arejado e esse material orgânico se oxida. Ou seja, ele se queima sem chamas e não funciona mais como esponja".

Fonte: <http://www.msnoticias.com.br/editorias/interior-mato-grosso-sul/incendio-destroi-vegetacao-de-banhado-do-rio-formoso-em-bonito/70957/>. Acesso em: 04/01/2018. Ver íntegra no Anexo 16.

Outro aspecto importante constatado nas entrevistas com jornalistas foi a falta de apoio das Assessorias de Comunicação com os colegas da mídia, uma vez que deveriam facilitar em lugar de dificultar o trabalho desses profissionais. Dessa forma, a atitude das instituições estaria indo contra a Política de Portas Abertas já convencionada há pelo menos três décadas pela empresa Rhodia, em Paulínia, desde 1984.

Em certo momento da entrevista que concedeu para esta pesquisa, a jornalista do *Correio do Estado*, Lúcia Morel (2018), comenta que sente dificuldade quando precisa ter acesso aos pesquisadores da UFMS: "Eu não sei também se é porque criou-se uma cultura de bater muito na UFMS e eles estão com pé atrás, mas tipo assim eles limitam bastante esse acesso". Na sua percepção a Assessoria da UEMS facilita muito esse processo, mas em decorrência da UEMS não ser tão voltada à pesquisa quanto a UFMS sua procura pelos colegas da UEMS acaba sendo pequena. Para ilustrar ela relata a seguinte experiência:

Teve uma vez que eu tive a experiência de fazer uma matéria sobre o Lago do Amor¹⁵³, que era uma investigação que tava no Ministério Público Estadual. Eu não sei se é porque o assunto já é de grande interesse, ou bastante debatido, ou não tem nada a se esconder sobre, eu procurei a Assessoria da UFMS pra falar sobre isso e de pronto eles me deram o contato do pesquisador. Isso foi bem fácil. Eu consegui o acesso direto com o pesquisador, mas mesmo assim ele me passou só o e-mail, mesmo depois de contato direto com ele, ele não quis passar o celular. É tudo via e-mail. (Informação verbal¹⁵⁴)

Como dito anteriormente, a estrutura dos sites de notícia de Mato Grosso do Sul, onde muitas vezes o responsável não é um jornalista habilitado, pode levar a prática de copiar outros jornais como fonte para matérias, em vez de entrar em contato direto com a fonte. Neste caso deve ser considerado que o jornal *Correio do Estado*, referido pela matéria

¹⁵³ O Lago do Amor faz parte da reserva ambiental do campus da UFMS.

¹⁵⁴ Entrevista realizada via WhatsApp em 1 de maio de 2018. Transcrição no Apêndice 10 desta dissertação.

"Incêndio destrói vegetação de banhado do Rio Formoso em Bonito" (Anexo 16), possui status de importância em MS, por ser o segundo impresso mais antigo e o de maior circulação do estado, considerado um veículo formador de opinião. Outro ponto a ser considerado nesta matéria é que apesar do texto não tratar de algo que ocorra diretamente no bioma Pantanal, a fala do botânico da UFMS traz à tona a necessidade de que o entorno do bioma também receba atenção pela questão da interdependência entre os ambientes naturais.

A matéria “Moradores do Passo do Lontra recebem atendimento médico de graça”¹⁵⁵ foi a única matéria televisiva encontrada no relatório de clipping da UFMS. Ela foi exibida nas duas edições (manhã e tarde) do telejornal MSTV (*TV Morena*). A matéria mostra a Universidade a partir de um projeto de extensão que leva atendimento básico de saúde gratuito aos moradores do Pantanal. Trata-se de uma matéria factual focada na prestação de serviço, mas que aponta a dificuldade rotineira dos moradores do Pantanal de acesso a esse tipo de atendimento.

Figura 52. Captura de tela de matéria televisiva localizada no clipping da UFMS



Fonte: <http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/mstv-1edicao/videos/v/moradores-do-passo-do-lontra-no-pantanal-de-ms-recebem-atendimento-medico-de-graca/5790788/>. Acesso em: 04/09/2017.

4.4.2. O Pantanal no clipping da UEMS

Na UEMS o clipping é realizado por um profissional da equipe de comunicação, que realiza buscas nos principais jornais impressos das cidades de Campo Grande e Dourados, bem como em jornais online previamente elencados e utilizando o serviço de busca virtual Google a partir de palavras-chave de interesse institucional. As notícias coletadas em que a

¹⁵⁵ Link do vídeo: <http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/mstv-1edicao/videos/v/moradores-do-passo-do-lontra-no-pantanal-de-ms-recebem-atendimento-medico-de-graca/5790788/>. Acesso em: 09/05/2018

nome da Universidade é citado são diagnosticadas em positivas, neutras e negativas. Posteriormente as notícias são veiculadas em uma aba¹⁵⁶ no site institucional da UEMS.

De acordo com André Mazini, em entrevista para esta dissertação, o objetivo da clippagem é manter o monitoramento, sendo utilizado pontualmente em situações de crise institucional. Com isso é possível obter um *benchmarking*¹⁵⁷ das crises, aprendendo com elas a se posicionar em crises futuras. Nas palavras de Mazini:

Então eu pego dessa crise específica e faço uma espécie de dossiê sobre tudo que saiu sobre isso, então daí eu vou estudar essa repercussão. Então essa repercussão até agora já saiu em tal e tal veículo, o veículo tal se posiciona dessa forma, aquele outro tal, como isso está nas redes sociais, as pessoas estão falando aleatoriamente, estão batendo, estão entendendo. Eu publiquei uma nota, como foi o resultado dessa nota? Então eu faço muitos estudos pontuais sobre pautas pontuais porque eu acho que isso pode nos ajudar a dar dicas de como se comportar em estratégia. (Informação verbal¹⁵⁸)

O clipping também já serviu para dar suporte e credibilidade às ações de comunicação junto as instancias decisoras da universidade. Em determinado momento da entrevista, Mazini relembra uma ocasião em que o clipping foi utilizado para mostrar a importância das ações de comunicação organizacional. Segue o relato:

A gente começou a levantar quanto que gastaria em um anúncio no jornal de meia página. [...] E daí eu fazia um clipping e fazia uma lista de tudo que saiu exclusivamente sobre a UEMS na imprensa que foi provocado por nós. E o resultado, se a gente convertesse em anúncio, tipo assim, quanto que eu pagaria pra ter esse mesmo espaço que eu tive de graça. Lógico que é uma conta relativa, não é o mesmo tipo de divulgação, mas é um referencial. E a gente chegava a números interessantes que a gente mostrava “ó, se a gente fosse pagar pra divulgar essa pesquisa a gente teria que ter pagado 40mil reais”. E aí os próprios pesquisadores começam a falar “Uau! Então tem uma relevância”. (Informação verbal¹⁵⁹)

Tabela 5. Síntese das matérias sobre o Pantanal encontradas no relatório de clipping da UEMS

QUADRO DEMONSTRATIVO DE QUANTIFICAÇÃO - CLIPPING UEMS							
Data	Título/Editoria	Mídia	Resumo/Conteúdo	Recursos Visuais	Fontes de informação	Abordagem	Pesquisa Científica
07/02/2017	Pantanal mantém título da Unesco de Reserva da	Site - Correio de Corumbá	Articulação entre instituições de pesquisa que	Não	Fábio Edir, reitor da UEMS; Carlos Fávaro,	Institucional/ Ambiental	Não - Apenas em uma das falas de Fábio Edir, reitor da

¹⁵⁶ <http://www.uems.br/imprensa/clipping>

¹⁵⁷ Origina-se da palavra *benchmark*, que significa referência. Em Marketing é quando determinada marca analisa de maneira aprofundada as práticas de empresas do mesmo setor e a partir disso replica os melhores resultados ou aperfeiçoa os próprios. Em resumo é a busca por melhores práticas.

¹⁵⁸ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 22 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 2 desta dissertação.

¹⁵⁹ Entrevista realizada em Campo Grande – MS em 22 de maio de 2017. Transcrição no Apêndice 2 desta dissertação.

	Biosfera/ Meio Ambiente		resultou na manutenção do título internacional do Pantanal de Reserva da Biosfera		secretário de meio ambiente/vice governador do MT; Fátima Sonoda, presidente do comitê da RB Pantanal; Paulo Teixeira, coordenador do CPP e José Medeiros, senador PSD/MT		UEMS, é mencionado que há mais de 15 anos existe uma luta pela produção científica no Pantanal
31/03/2017	Camarão descoberto no Pantanal de MS mede qualidade da água/ Meio Ambiente	Site - Campo Grande News	Pesquisa científica realizada por grupo de pesquisas da UEMS sobre espécie de camarão descoberto em 2013 no Pantanal	Sim - Foto do Camarão do Pantanal	Liliam Hayd, pesquisadora UEMS	Científica	Sim - Camarão do Pantanal é utilizado como bioindicador em estudos sobre a qualidade de ambientes aquáticos
31/03/2017	Camarão do Pantanal é "termômetro" de qualidade dos rios pantaneiros/ Notícias	Site – Dourados News	Pesquisa científica realizada por grupo de pesquisas da UEMS sobre espécie de camarão descoberto no Pantanal	Sim - Foto do Camarão do Pantanal	Liliam Hayd, pesquisadora UEMS	Científica	Sim - Camarão do Pantanal é utilizado como bioindicador em estudos sobre a qualidade de ambientes aquáticos
31/03/2017	Para pesquisadora da Uems, Camarão do Pantanal é termômetro de qualidade dos rios pantaneiros/ Geral	Site - A Crítica	Pesquisa científica realizada por grupo de pesquisas da UEMS sobre espécie de camarão descoberto no Pantanal	Sim - Foto do Camarão do Pantanal	Liliam Hayd, pesquisadora UEMS	Científica	Sim - Camarão do Pantanal é utilizado como bioindicador em estudos sobre a qualidade de ambientes aquáticos
09/04/2017	Cientistas e criadores trabalham para salvar o gado pantaneiro/ Economia - Agronegócio	TV - Globo Rural (Globo)	Reportagem mostra as características, vantagens e desafios da criação do gado tucura, raça típica e adaptada aos ambientes do Pantanal	Sim – Imagens do rebanho tucura pastejando, imagens da descrição fenotípica do animal, imagens de todos os entrevistados, imagens de ordenha manual e de produtos derivados do leite e imagens da repórter	Raquel Juliano, pesquisadora da Embrapa Pantanal; Marcus Vinícius Oliveira, pesquisador da UEMS; Tomas Roton, criador e Marcos Ruiz, criador	Científica	Sim - Pesquisa localiza rebanhos, analisa DNA dos animais e os leva para os campos de pesquisa das universidades com o objetivo de ampliar os rebanhos e assim preservar a raça que quase foi extinta devido a cruzamentos

16/04/2017	Pesquisadores da UEMS testam fruto do Cerrado para alimentar gado em Aquidauana, MS/ Rural	TV - MS Rural (TV Morena)	Pesquisa sobre nutrição de rebanho bovino leiteiro com bocaiúva, fruto nativo do Cerrado e Pantanal	Sim – Imagens da bocaiúva e de seus produtos derivados, imagens dos entrevistados, imagens do gado no pasto e sendo alimentado, imagens de ordenha manual e imagens do repórter	Cristina Moreira, empresária; Marcus Vinícius Oliveira, pesquisador da UEMS; João Murano, criador; Rita Meinert, empresária e Dirce Ferreira, bióloga UFMS	Científica/ Econômica	Sim - A pesquisa aponta que o uso da bocaiúva na alimentação das vacas aumenta o teor de gordura no leite e possibilita maior produção de derivados lácteos com menos leite aumentando o rendimento das famílias principalmente no Pantanal
24/04/2017	Espécie de coquinho é esperança para moradores do Pantanal/ Notícias	TV - Fala Brasil (Record)	Pesquisa sobre nutrição de vacas com bocaiúva, fruto nativo do Cerrado e Pantanal, para aumentar a produção de leite	Sim – Imagens do campo de pesquisa onde estão as vacas leiteiras, imagens da bocaiúva, imagens das vacas sendo alimentadas, imagens de ordenha manual, imagens dos entrevistados e imagens do repórter	Dirce Ferreira, bióloga UFMS; Marcus Vinícius Oliveira, pesquisador UEMS; Paloma Leite, pesquisadora UEMS e Seu Olávio, produtor	Científica/ Econômica	Sim - A pesquisa aponta que o uso da bocaiúva na alimentação das vacas aumenta o teor de gordura no leite e possibilita maior produção de derivados lácteos com menos leite aumentando o rendimento das famílias principalmente no Pantanal

Fonte: CAMPOS, Luana Rodrigues. 2018. Elaborado a partir de coletas de dados para a pesquisa.

No clipping da UEMS foram localizadas três matérias televisivas, todas voltadas para o setor rural, tratando de pesquisas desenvolvidas pela Universidade. As matérias “Pesquisadores da UEMS testam fruto do Cerrado para alimentar gado em Aquidauana, MS”¹⁶⁰ e “Espécie de coquinho é esperança para moradores do Pantanal”¹⁶¹, foram, conforme relato do assessor-chefe André Mazini, resultados de esforços da assessoria.

¹⁶⁰ Link do vídeo: <http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/ms-rural/videos/t/edicoes/v/pesquisadores-da-uems-testam-fruto-do-cerrado-para-alimentar-gado-em-aquidauana-ms/5802732/>. Acesso em: 09/05/2018

¹⁶¹ Link do vídeo: <https://noticias.r7.com/fala-brasil/videos/-especie-de-coquinho-e-esperanca-para-moradores-do-pantanal-24042017>. Acesso em: 09/05/2018

Figura 53. Captura de tela de matérias televisivas localizadas no clipping da UEMS



Fonte: <https://goo.gl/vtpJuo> e <https://noticias.r7.com/fala-brasil/videos/-especie-de-coquinho-e-esperanca-para-moradores-do-pantanal-24042017>, respectivamente. Acesso em: 04/01/2018.

As duas matérias foram produzidas a partir da aplicação de uma pesquisa desenvolvida na UEMS com bocaiúva – fruto nativo do Pantanal e Cerrado – na alimentação de vacas leiteiras, com predominância da abordagem econômica. Mostra que os resultados da pesquisa indicam aumento no teor de gordura do leite, o que pode gerar mais rendimento financeiro aos criadores. Apesar de remeterem ao extrativismo, trazendo a necessidade de expansão da cadeia produtiva da bocaiúva, as matérias reforçam a ideia de sobreposição da atividade pecuária sobre as demais atividades econômicas desenvolvidas no Pantanal.

Figura 54. Captura de tela de matéria televisiva localizada no clipping da UEMS



Fonte: <https://goo.gl/WZiJzZ>. Acesso em: 04/01/2018.

A partir de uma abordagem científica a matéria “Cientistas e criadores trabalham para salvar o gado pantaneiro”¹⁶², exibida pelo Globo Rural, a UEMS aparece como colaboradora do projeto que visa a recuperação da raça de gado tucura, também chamado de

¹⁶² Link do vídeo: http://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2017/04/cientistas-e-criadores-trabalham-para-salvar-o-gado-pantaneiro.html?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar-desktop&utm_campaign=share-bar. Acesso em: 09/05/2018

gado pantaneiro. O bioma é apresentado como um lugar adverso a que os primeiros rebanhos, trazidos no início da colonização do território, se adaptaram, tornando-se “extremamente rústicos” como é dito na reportagem. Sob esse aspecto é bastante interessante que a matéria aborda a história de ocupação do bioma. Assim como as matérias anteriores reforça a ideia de altivez da pecuária na região, mas com o adendo da valorização do modo de criação tradicional, apontado como um dos fatores que tem contribuído com a preservação do bioma ao longo dos séculos.

As matérias televisivas do clipping da UEMS possuem um caráter otimista, não apresentando as dificuldades pertinentes às relativas pesquisas, ou mostrando questões relacionadas aos impactos da pecuária não tradicional no Pantanal. De acordo com o entrevistado André Mazini os principais programas de pós-graduação da UEMS são: Doutorados em Recursos Naturais e Doutorado em Agronomia, por isso considera que a divulgação de pesquisas nessas áreas tenha maior repercussão.

4.5. Pantanal na mídia regional: Correio do Estado e Campo Grande News

O mapeamento quantitativo e qualitativo, também foi aplicado em dois veículos de grande importância e ampla circulação no estado de Mato Grosso do Sul, respectivamente o jornal impresso *Correio do Estado* e o portal de notícias *Campo Grande News*. A análise da mídia externa, além do que foi encontrado no clipping, foi realizada com a intenção de observar se os grandes temas do Pantanal, como a degradação ambiental e a discussão da Lei Federal do Pantanal por exemplo, estavam sendo pautados, e se há presença de informação científica nesta divulgação.

4.5.1. Correio do Estado

Segundo jornal impresso mais antigo do MS em circulação, o *Correio do Estado* foi fundado em 1954, em Campo Grande, sob a orientação política da União Democrática Nacional (UDN) para contrapor ao jornal ‘O Matogrossense’, dirigido pelo Partido Socialista Democrático (PSD) (CATONIO, 2001). Nos anos 1960 o jornal, é adquirido pelo professor e jornalista José Barbosa Rodrigues e passa a ter uma administração empresarial independente da orientação política da UDN. O periódico não abandonou seu caráter conservador de direita, de acordo com Scwhengber (2008), mas, acompanhando as mudanças que ocorreram na imprensa nacional, tornou-se mais profissional.

Nos anos 1970 a expansão agrícola e a campanha pela divisão do estado de Mato Grosso foram temas de grande influência no periódico marcando sua relevância como formador da opinião pública estadual. A motivação para tanto, eram os investimentos governamentais que receberia. “Para os memorialistas de Mato Grosso do Sul, o periódico foi um dos responsáveis pela construção da identidade da nova unidade da federação” (SCWHENGBER, 2008, p. 7). Nesta mesma década Barbosa Rodrigues recebeu dos militares a concessão para a criar a Rede Centro-Oeste de Rádio e Televisão, e o Correio do Estado deixa então de ser apenas um jornal para se tornar um grupo.

Atualmente o Grupo Correio do Estado é constituído pela TV Campo Grande (repetidora do SBT), Rádio Cultura, Rádio Mega 94, uma produtora de vídeo e a Fundação Barbosa Rodrigues . A administrado é feita pelo filho de Barbosa Rodrigues, Antônio João Rodrigues. Desde 1998 conta com um site de notícias que leva o mesmo nome do impresso. De acordo com Fortuna (2014) o portal foi criado inicialmente não por uma questão de rentabilidade, mas para não ficar atrás da concorrência no mercado, sendo utilizado como meio para replicar os conteúdos do impresso. Tendo uma resposta positiva, no ano 2000, o site passou por reformulações e passou a ter produção de conteúdo próprio. Considerado líder de tiragem na imprensa regional, a manutenção financeira do Correio do Estado se dá principalmente por meio de anunciantes.

A iniciativa privada representa a maior parte dos anunciantes – uma média de 80%. Eventualmente, a empresa passa por fases em que esse setor representa 100% da publicidade. O usual, porém, é o setor público ter participação de 15 a 20% na receita publicitária do periódico. Segundo o departamento comercial, o jornal circula em 58 municípios do estado e sua tiragem é de aproximadamente 20 mil exemplares diários. Sua venda se faz 48% nas bancas e 52% por assinatura. Porém, a venda avulsa consegue superar a assinatura nos dias em que a manchete principal é de grande impacto na população. (SCWHENGBER, 2008, p. 8)

A tiragem de 20 mil exemplares em 2008, tem caído nos últimos anos. Em 2015 eram distribuídos 11 mil exemplares diários e pouco menos de 9.500 em 2017. Em 2010 Rodrigues Filho e França (2010) pontuam que o jornal contava com 12 editorias, e possuía um suplemento mensal sobre Ecologia, que não é mais produzido. Em 2018 verifica-se que o jornal conta com 5 editorias: Política, Economia, Cidades, Esportes e Caderno B. Essa redução reflete uma tendência enfrentada de modo geral pela mídia impressa, devido

principalmente ao custo de manutenção dos periódicos e ao avanço da internet, que exige bem menos investimento.

No jornal impresso *Correio do Estado*, foram identificadas 13 matérias dentro dos critérios propostos para categorização. A análise dos dados aponta que é bastante restrito o uso de pesquisas científicas para tratar do Pantanal: apenas três das 13 matérias encontradas utilizavam dados científicos. Em algumas matérias nota-se que a pesquisa científica é vista como algo necessário e importante, mas não há um aprofundamento da questão ou menção a estudos específicos. Nenhuma das matérias menciona a UFMS ou a UEMS como fonte consultada.

Tabela 6. Síntese das matérias sobre o Pantanal encontradas no Correio do Estado

QUADRO DEMONSTRATIVO DE QUANTIFICAÇÃO – JORNAL IMPRESSO CORREIO DO ESTADO						
Data	Título/ Editoria	Resumo/ Conteúdo	Recursos visuais	Fontes de informação	Abordagem	Pesquisa Científica
03/01/2017	Nas trilhas do Pantanal/ Capa e Esportes	Evento de turismo de aventura (trilha off-road)	Sim - Fotos de veículos off-road quase cobertos pela água	Aristol Cotini, organizador do evento	Turística	Não - A matéria foca estritamente nas dificuldades da trilha que intensificam a experiência de aventura
04/01/2017	Turismo de trocas - Correio B	Ecoturismo em MS - Menciona o turismo de base comunitária oferecido por comunidades no Pantanal	Sim - Fotos de turistas trabalhando em uma bioconstrução e fazendo caminhada na natureza e foto de pôr-do-sol	Elijane Coelho, educadora física e sócia da agência Sopa de Pedra; Rafael Arruda, proprietário do Sítio Passarim; Duca Andrade, bióloga e educadora científica	Turística/ Cultural	Não - Menciona que em instituto que fica na borda do Pantanal, e que oferece estrutura para alojar pesquisadores, espécies de aves e plantas das quais não havia registro foram encontradas na região, mas não apresenta mais informações a respeito
12/01/2017	MS tem o maior número de queimadas em todo o País/ Capa e Cidades	Aumento de focos de incêndio em região do Pantanal	Sim - Foto de bombeiros voltando de barco de combate a incêndio florestal no Pantanal e mapa do Brasil com os números de focos de incêndio por estado	Bombeiros Militar; Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet)	Ambiental	Sim - Utiliza dados publicados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e pelo Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet)
01/02/2017	Pesque-solte é liberado a partir de hoje no Rio	Pesca esportiva no período da piracema	Sim - Foto de pescador em barco no Rio	Polícia Militar Ambiental (PMA)	Ambiental	Não - Matéria foca estritamente na fiscalização dos

	Paraguai/ Cidades		Paraguai			rios e punição de infratores
05/02/2017	MS e MT elaboram plano de ações em defesa do Pantanal - Capa e Cidades	Risco do Pantanal perder status de Reserva da Biosfera	Sim - Foto de jacaré e box informativo sobre aspectos dimensionais do bioma	Fátima Sonoda, presidente do Conselho Executivo da RB do Pantanal	Ambiental	Sim – Afirma que estudos do CPP e INAU fundamentaram a elaboração do plano de ação emergencial
21/02/2017	Trilha reunirá 160 jipeiros no Pantanal do Paiaguás/ Capa e Esportes	Evento de turismo de aventura (trilha off road)	Sim - Fotos de veículos off-road quase cobertos pela água	Ronaldo Coelho Amancio, empresário paulista; Paulo Andrade, empresário; Aristol Cotini, organizador da trilha	Turística	Não - A matéria foca estritamente na aventura da trilha
02/03/2017	Em MS, Pantanal será centro da Campanha da Fraternidade - Capa e Cidades	Campanha da Fraternidade em 2017 busca conscientizar sobre a importância ambiental dos biomas Cerrado e Pantanal em MS	Sim - Foto do arcebispo Dom Dimas em coletiva de imprensa da campanha	Dom Dimas Lara, Arcebispo de Campo Grande	Ambiental	Não - Dom Dimas apenas defende a necessidade de estudos voltados a evitar o desperdício de recursos naturais durante a produção de alimentos, mas não há dados ou estudos mencionados
02/03/2017	Pesca está liberada nos rios de Mato Grosso do Sul - Cidades	Fim da piracema	Sim - Foto de policiais militares ambientais em ronda por rio	Polícia Militar Ambiental (PMA)	Ambiental	Não - Foca pontualmente no número de apreensões
02/03/2017	Trilha pantaneira tem baixa de 34 viaturas no Paiaguás/ Esportes	Evento de turismo de aventura (trilha off-road)	Sim - Foto de jipes quase submersos que não completaram a trilha	Aristol Cotini, organizador da trilha	Turística	Não - A matéria foca estritamente nas dificuldades da trilha que intensificam a experiência de aventura
26/03/2017	Cadastro ambiental chega a 90,41% das áreas/ Economia	Necessidade do Cadastro Ambiental Rural nas propriedades rurais de MS	Sim - Foto aérea de área cultivada	Ministério do Meio Ambiente (MMA) e Ricardo Eboli, diretor do Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul (Imasul)	Econômica	Não - Foco da matéria é no fim do prazo para proprietários realizarem o CAR em MS e nas punições que podem sofrer se não fizerem
02/04/2017	Com menos chuvas, previsão é de cheia abaixo da média/ Capa e Cidades	Pesquisas apontam cheia abaixo da média, o que preocupa produtores de gado da região a médio-prazo	Sim - Fotos aéreas da região do Porto da Manga no Pantanal e infográfico com comparação entre o nível da água no período de cheia de 2014 a 2017	Carlos Padovani, Pesquisador da Embrapa Pantanal; Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais; Rafael Gratão, pecuarista; Vicente Coelho, pecuarista; Ângelo Rabelo, fundador da ONG Instituto Homem Pantaneiro	Econômica	Sim - Cita estudos sobre precipitação do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (CPTEC/Inpe) e o monitoramento de altura do Rio Paraguai disponibilizado pela Marinha do Brasil

05/04/2017	Exposição mostra impactos do lixo na natureza/ Correio B	Divulgação de exposição sobre o lixo no Pantanal	Sim - Fotografia da instalação artística	Ivonete Guaragni, administradora da Estação Natureza Pantanal	Ambiental	Não - No entanto a exposição é focada em educação ambiental
14/04/2017	MT e MS querem legislação única para o Pantanal/ Cidades	Reunião debate a padronização de regras entre MS e MT para o Pantanal	Sim - Foto aérea do Pantanal	Ricardo Eboli, diretor Imasul	Política	Não - A matéria limita-se a informar que a reunião aconteceu e quem participou

Fonte: CAMPOS, Luana Rodrigues. 2018. Elaborado a partir de coletas de dados para a pesquisa.

A abordagem prevalente nas dez matérias do quadro acima foi a ambiental, mas estão focadas predominantemente em aspectos factuais, retirando das notícias sua perspectiva inter e multidisciplinar, fragmentando-as, o que faz com que se considere que sofram da Síndrome do Zoom ou Olhar Vesgo (BUENO, 2015) mencionada no Capítulo 1 – “Meio Ambiente, Sociedade e Divulgação Científica”.

Em “MS tem o maior número de queimadas em todo o País” (Anexo 17), por exemplo, a cobertura se atém ao fato de Corumbá (município de MS que congrega a maior área de seu território no Pantanal) liderar o ranking de focos de queimadas no Brasil. O olhar para as queimadas florestais é isolado não trazendo uma investigação de possíveis causas ou mesmo de suas consequências. Os dados utilizados na matéria são fornecidos pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) e pelo Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), mas restringem-se aos números dos focos de incêndio e a informações climáticas, transformando a matéria em praticamente um boletim meteorológico.

Figura 55. Matéria publicada pelo jornal impresso Correio do Estado



Fonte: Correio do Estado, 12/01/2017, nº 20.165. Ver íntegra no Anexo 17.

Na foto é possível ver bombeiros em frente ao rio carregando equipamentos de combate ao fogo. Ao fundo é possível perceber que a fumaça é densa, pois compromete a

nitidez da paisagem. Outra ilustração utilizada é um mapa do Brasil ilustrando os focos de incêndio por estado, estimados pelo Inpe em 48 horas, o que valoriza seu conteúdo.

Na matéria “MS e MT elaboram plano de ações em defesa do Pantanal” (Anexo 18) o texto gira em torno do plano emergencial elaborado entre os estados de MS e MT para que o título de Reserva da Biosfera concedido ao Pantanal no ano 2000 pela UNESCO não fosse retirado. O que fica subentendido é que o risco de perda do título se deu em decorrência de ações desarticuladas entre os dois estados e a falta de um conselho deliberativo para coordenar a gestão da RB. A única ação mencionada do plano emergencial é a de criação e manutenção de propriedades rurais sustentáveis no bioma, mas não explica do que se trata ou como isso será feito.

Figura 56. Matéria publicada pelo jornal impresso Correio do Estado



Fonte: Correio do Estado, 05/02/2017, nº 20.149. Ver íntegra no Anexo 18.

O texto apresenta o Pantanal como a maior área úmida do planeta. A foto utilizada mostra um jacaré submerso na água, o que pode reforçar o ideário limitado de meio ambiente como sinônimo de fauna e flora, desconectado, portanto, de aspectos econômicos e sociais.

A reportagem “Com menos chuvas, previsão é de cheia abaixo da média” (Anexo 19) traz o tema das cheias, assunto anualmente recorrente nos jornais de Mato Grosso do Sul, principalmente em decorrência do impacto econômico. Geralmente o que se percebe é que a cobertura dá destaque para os fazendeiros, como é o caso desta matéria. Como explicado no Capítulo 2 – O Bioma Pantanal, a cheia é o fator responsável pela renovação do Pantanal, e não apenas um evento regular no sentido de que a cada ano ela pode ocorrer em diferentes volumes. Uma cheia média é a que fica entre cinco metros e cinco metros e meio.

Figura 57. Matéria publicada pelo jornal impresso Correio do Estado

Fonte: Correio do Estado, 02/04/2017, n° 20.205. Ver íntegro no Anexo 19.

Com uma abordagem econômica a matéria coloca a preocupação de produtores pecuaristas com a estimativa de cheia abaixo da média em 2017. O texto apresenta como causa o baixo volume de chuvas nas regiões de cabeceiras dos rios. A reportagem traz um especialista da Embrapa para explicar a metodologia da projeção de cheia em linguagem clara e simples, seguida da previsão de chuvas fornecida pelo Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (CPTEC/Inpe).

Remonta à criação de gado no Pantanal ao início da colonização do território e a identifica como principal atividade da região. É possível notar a relação intrínseca da atividade com a manutenção das cheias, uma vez que o texto informa que a qualidade das pastagens e dos aguados naturais pode ser comprometida pela cheia abaixo da média. Produtores rurais da região são entrevistados para confirmar a informação, que ainda é reforçada por informações do Serviço de Sinalização Náutica do Oeste, da Marinha do Brasil. A reportagem traz um aspecto muito importante que é o de tratar a cheia como algo natural do Pantanal, e não de forma espetacular, como algo negativo. Pelo contrário, é a ausência da cheia que é encarada como algo negativo. “Não podem querer drenar o Pantanal”, afirma o pesquisador entrevistado, Carlos Padovani da Embrapa Pantanal, mencionando uma das ameaças que rondam o pulso de inundação.

Mostra, ainda, uma fotografia aérea da região do Porto da Manga no ano de 2016, em que houve uma cheia considerada normal. Há um box com outra fotografia aérea do Pantanal juntamente com uma explicação sobre o tempo que as águas da região do planalto levam para chegar até a região da planície. E há outro box com um gráfico baseado na régua de Ladário representando a média das cheias entre 2014 e 2017.

Outro aspecto muito interessante nessa reportagem é que ela valoriza o conhecimento tradicional baseado na observação da natureza. Por meio de um box, a matéria aborda o hábito dos ribeirinhos da região da Serra do Amolar de observar a movimentação dos bugios para saber se haverá uma grande cheia. E ainda, é por meio desta matéria que é possível ter uma noção do porquê o número de notícias e reportagens relacionadas ao Pantanal ter sido escasso. A jornalista Lúcia Morel, durante entrevista para esta pesquisa, revela que os sócios do jornal Correio do Estado “têm uma queda pela preservação do Pantanal” fazendo com que muitas pautas surjam a partir das demandas dos proprietários. Acontece que, como afirma a subeditora do caderno de Cidades, as pautas geralmente estão relacionadas às cheias no Pantanal. Logo, se em 2017 foi um ano em que as cheias foram consideradas menores, isso talvez possa significar que o número de matérias publicadas também tende a ser menor.

4.5.2. Campo Grande News

Criado em 1999, pelo jornalista Lucimar Couto e o empresário Miro Ceolim, o Campo Grande News foi o primeiro sítio web de notícias independente de outro meio de comunicação a atuar em Mato Grosso do Sul, e com produção desenvolvida diretamente para o jornalismo on-line (FORTUNA, 2014). A proposta partiu de Ceolim que vislumbrou a exploração de um novo mercado com a “migração de leitores assinantes de jornais e revistas para o acesso gratuito aos sites de notícias” (GUIMARÃES, 2017, p. 44). O projeto não deu retorno financeiro no início, mas teve uma rápida expansão.

De acordo com Guimarães (2017), o Campo Grande News conta hoje com 25 repórteres, três estagiários, um correspondente na cidade de Dourados, três fotógrafos e dois profissionais que cuidam da edição de imagem e vídeo. O conteúdo é dividido em vinte e duas editorias e conta com oito colunistas que escrevem com regularidade.

São veiculadas notícias que tenham relevância regional, com enfoque na Capital. Os acontecimentos de cidades do interior do Estado são divulgados por meio de parceria com sites locais ou viagens de repórteres para produção de matérias especiais em determinado município. (...) Quando um assunto internacional ou nacional está relacionado ao Estado ou Campo Grande, os repórteres produzem matérias regionalizando o tema. Quando se trata de um fato que não atinge diretamente a população local, mas é relevante para o público, o site utiliza o conteúdo de agências (GUIMARÃES, 2017, p. 45).

A publicidade é o que mantém financeiramente o Campo Grande News, que atualmente possui uma média de 22 milhões de visualizações diárias (GUIMARÃES, 2017), sendo a maior parte dos acessos vindos do próprio estado.

O número de textos contendo a palavra-chave Pantanal no portal de notícias *Campo Grande News* foi 251. Ao refinar a busca por meio de leitura do material 21 textos referiam-se de fato ao bioma. A abordagem mais utilizada foi também a ambiental, seguida pela econômica e política. À semelhança da análise do *Correio do Estado*, verificou-se que as matérias tendem a focar-se no factual gerando uma cobertura isolada e fragmentada do Pantanal.

Tabela 7. Síntese das matérias sobre o Pantanal encontradas no Campo Grande News

QUADRO DEMONSTRATIVO DE QUANTIFICAÇÃO – SITE CAMPO GRANDE NEWS						
Data	Título/ Editoria	Resumo/ Conteúdo	Recursos visuais	Fontes de informação	Abordagem	Pesquisa Científica
02/12/2016	Usina de energia deve gerar R\$ 65 milhões de receita ao ano para o município/ Interior	Instalação de usina termoeletrica na região do Pantanal	Sim - Mapa com localização da usina	José Antônio Faria, prefeito de Ladário (MS) e Ricardo Eboli, diretor de licenciamento do Imasul	Econômica	Sim – Menciona que estudos foram apresentados pela termoeletrica e que haverá estudos feitos pelo Imasul em parceria com a UFMS e Embrapa
02/12/2016	MPF entra com ação para garantir pesca e extração à comunidade ribeirinha/ Interior	Ação do MPF para que comunidade pantaneira não seja impedida pelo ICMBio e Ibama a realizar atividades de subsistência	Não	Túlio Beggiano, procurador do MPF	Socioambiental	Não - MPF apenas solicita que plano de manejo do ICMBio seja revisado de acordo com estudos pertinentes com as comunidades tradicionais da região
13/12/2016	Instituto lança campanha para colaborador 'adotar' pedaço do Pantanal/ Meio Ambiente	Arrecadação de fundos para ONG manter trabalho de conservação no Pantanal	Sim - Foto de um macaco e foto de uma onça pintada	Coronel Angelo Rabelo, presidente do Instituto Homem Pantaneiro	Econômica/ Ambiental	Não - A matéria apenas divulga a campanha de financiamento coletivo
08/01/2017	Com clima quente e seco, queimadas se espalham por Corumbá/ Meio Ambiente	Queimadas no Pantanal	Sim - Fotos noturnas da coluna de fumaça avançando na planície pantaneira	Ângelo Rabelo, presidente do IHP; tenente Diego Rosa, Polícia Militar Ambiental	Ambiental	Não - A matéria aborda a questão das queimadas de forma pontual
10/01/2017	Com calor e tempo seco, focos de incêndio se espalham pela	Queimadas no Pantanal	Sim - Foto noturna do incêndio	site Diário Corumbaense e Centro de Previsão de Tempo e Estudos	Ambiental	Sim - Estatísticas do monitoramento de focos de incêndio do CPTEC

	fronteira/ Meio Ambiente			Climáticos (CPTEC)		
11/01/2017	Queimadas avançam e atingem mais de 3 km da planície pantaneira/ Interior	Queimadas no Pantanal	Sim - Fotos da coluna de fumaça avançando na planície pantaneira	André Marti, bombeiro; site Diário Corumbaense e Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC)	Ambiental	Sim - Estatísticas do monitoramento de focos de incêndio do CPTEC
12/01/2017	Com chamas de até 5 mt, queimada florestal espalha fumaça pela cidade/ Interior	Queimadas no Pantanal	Sim - Foto de bombeiro combatendo incêndio florestal	Cabo André Marti, bombeiro; Reginaldo Lobo, gerente de empresa; José Santos, vendedor de coco e Emerson Moreira, médico	Saúde	Não - A matéria aborda a questão das queimadas de forma pontual
18/01/2017	Feijão de corda se adapta ao Pantanal e poderá ser cultivado para alimentação/ Rural	Experimento com feijão comercial	Sim - Foto do feijão de corda biofortificado	José Aníbal Comastri Filho, chefe de Transferência de Tecnologia da Embrapa Pantanal; Frederico Lisita, pesquisador da Embrapa Pantanal e Marília Nutti, pesquisadora da Embrapa	Científica	Sim - Pesquisas da Embrapa Pantanal para verificar adaptação de variedades de feijões ao clima e solo da região pantaneira
25/01/2017	Governo acompanhará construção de termoeletrica para preservar Pantanal/ Interior	Visita da vice-governadora de MS a cidade de Corumbá para tratar de Investimentos públicos na região	Sim - Foto da vice-governadora durante vistoria de obras e foto de rua sem pavimento asfáltico	Rose Modesto, vice-governadora de MS; site Diário Online	Econômica	Não - A matéria ressalta os investimentos que serão atraídos para a região e a geração de empregos
07/02/2017	Campanha para 'adotar' o Pantanal termina sexta, com 6% da meta arrecadada/ Meio Ambiente	Falta de adesão a campanha de arrecadação de fundos para ONG manter trabalho de conservação no Pantanal	Sim - Foto de uma onça caminhando na água e foto do pôr-do-sol no Pantanal	Coronel Angelo Rabelo, presidente do Instituto Homem Pantaneiro	Econômica/ Ambiental	Não - A matéria foca no fracasso da campanha
24/02/2017	Audiência pública vai discutir suspensão da pesca de dourado e cachara em MS	Proibição da pesca de espécies da ictiofauna pantaneira e da coleta de iscas vivas	Sim - Foto de pescador exibindo um dourado	Rufo Vinagre, vereador; site Diário Corumbaense e Chicão Viana, vereador	Política/ Ambiental	Não - Apenas menciona a necessidade de que todos os segmentos ligados a pesca, inclusive pesquisadores, participem do debate
01/03/2017	Campanha da Fraternidade foca na preservação do Cerrado e do Pantanal/ Cidades	Mobilização da igreja católica pela preservação dos biomas brasileiros	Sim - Foto do arcebispo de Campo Grande falando sobre a campanha em coletiva de imprensa	Dom Dimas Lara Barbosa, arcebispo de Campo Grande	Ambiental	Não - Dom Dimas apenas defende a necessidade de que haja estudos voltados a evitar o desperdício de recursos naturais durante a produção de

						alimentos
10/03/2017	Governo cria comitê estadual para conservação da região do Pantanal/ Meio Ambiente	Desenvolvimento de políticas públicas para o Pantanal	Sim - Foto de paisagem da planície pantaneira	Governo de Mato Grosso do Sul	Ambiental	Não - Matéria limita-se a divulgar a criação do comitê e seus objetivos
13/03/2017	Deputados irão debater a proibição da pesca do dourado nos rios de MS/ Política	Audiência pública de projeto que proíbe pesca de espécie pantaneira por oito anos	Sim - Foto de um policial recolhendo rede de pesca no rio e foto do deputado Beto Pereira	Beto Pereira, deputado autor da proposta e César Moura, coordenador federal de Pesca e Agricultura de Mato Grosso do Sul	Política/ Econômica	Sim - Dados do relatório do Sistema de Controle de Pesca (Embrapa, Imasul e Polícia Militar Ambiental) que apontam redução da captura de dourado
13/03/2017	Pantanal sob risco com projeto de lei que libera caça de animais silvestres/ Economia	Projeto de lei no Congresso Nacional que regulamenta caça profissional de espécies invasoras	Sim - Foto de homem com uma faca em direção a um porco-do-mato	Valdir Colatto, deputado federal	Política/ Econômica	Não - Matéria limita-se ao texto contido no projeto de lei
15/03/2017	Pesquisadores querem mais debates sobre limitação à pesca do dourado/ Meio Ambiente	Audiência pública de projeto que proíbe pesca de espécie pantaneira por oito anos	Sim - Foto da realização da audiência na Assembléia Legislativa	Beto Pereira, deputado estadual; Pedro Jovem dos Santos, presidente da Federação Estadual de Pescadores Profissionais; Agostinho Catella, pesquisador da Embrapa; José Sabino, biólogo da Uniderp; Paulo Okishima, produtor rural e praticante do pesque e solte e Enoque Durães, pescador profissional	Econômica/ Ambiental	Sim – Primeiro diz que a falado parlamentar é baseada em estudos técnicos e depois há uma fala do pesquisador José Sabino mencionando estudos que relacionam a proibição da pesca com aumento de cardumes, mas que isso precisa ser contextualizado com a região
20/03/2017	Reinaldo quer unificação das legislações ambientais de MS e Mato Grosso/ Capital	Assinatura de termo de cooperação entre MS e MT para o compartilhamento de informações sigilosas de segurança pública	Sim - Foto de Azambuja durante a assinatura de termo de compromisso	Reinaldo Azambuja, governador de Mato Grosso do Sul e Pedro Taques, governador de Mato Grosso	Política	Não - Matéria foca pontualmente no evento de assinatura do termo de cooperação
31/03/2017	Camarão descoberto no Pantanal de MS mede qualidade da água/ Meio Ambiente	Pesquisa científica	Sim - fotografia e vídeo do Camarão do Pantanal	Liliam Hayd, pesquisadora UEMS	Científica	Sim - Pesquisa verifica a presença de crustáceo nos ambientes aquáticos do Pantanal
12/04/2017	Governos de MS e MT discutem uniformidade nas leis sobre o Pantanal/	Reunião entre técnicos da área ambiental de MS e MT para uniformizar regras ambientais	Sim - Foto da reunião dos representantes técnicos dos dois estados	Ricardo Eboli, diretor-presidente do Imasul	Política/ Ambiental	Não - Matéria foca pontualmente a realização da reunião dos técnicos

	Política	em relação ao bioma pantaneiro				
18/04/2017	Fenômeno natural, decoada começa no rio Paraguai causando morte de peixes/ Meio Ambiente	Início da decoada na região da Serra do Amolar (Pantanal)	Sim - Fotos de peixes mortos boiando no Rio Paraguai	André Siqueira, presidente da ONG Ecoa e Márcia de Oliveira, pesquisadora da Embrapa Pantanal	Ambiental	Sim - Pesquisadores entrevistados apontam o fenômeno como algo natural e comum nos rios pantaneiros
19/04/2017	Governo e ruralistas defendem mudanças na 'Lei do Pantanal' no Congresso/ Política	Governador e representantes do setor agropecuário de MS questionam a proposta de Lei Federal do Pantanal	Sim - Foto do governador de MS, Reinaldo Azambuja abraçado com Luciano Leite, presidente do sindicato rural de Corumbá	Reinaldo Azambuja, governador de MS; Luciano Leite, presidente do Sindicato Rural de Corumbá; Nilson de Barros, representante da Famasul	Política/ Econômica	Sim - Menciona estudos da Embrapa Pantanal usados para orientar o CAR em MS


Fonte: CAMPOS, Luana Rodrigues. 2018. Elaborado a partir de coletas de dados para a pesquisa.

Nove matérias mencionam a existência de estudos científicos. No entanto essas referências são bastante superficiais. Por exemplo, em “Com calor e tempo seco, focos de incêndio se espalham pela fronteira” (Anexo 20) e “Queimadas avançam e atingem mais de 3 km da planície pantaneira” (Anexo 21), são utilizados dados fornecidos pelo CPTEC (Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos), mas limitam-se a divulgar os números de focos de incêndio sem apresentar possíveis causas, mesmo que esses números mostrem que houve um aumento desses focos com relação a anos anteriores.

Figura 58. Matérias publicadas pelo site Campo Grande News

Com calor e tempo seco, focos de incêndio se espalham pela fronteira

Foram registrados 58 focos apenas nos primeiros oito dias deste ano



Entre os dias 1º e 8 de janeiro, Corumbá - município distante 419 km de Campo Grande registrou a maior incidência de queimadas dos últimos cinco anos, com 58 focos de incidência florestal contabilizados no período.

Segundo o site Defesa Ambiental, o maior volume registrado para o período foi de 10 focos, nos últimos cinco anos. No mesmo período do ano passado, foram registradas sete focos e em 2014 e 2015 foram cinco episódios de queimadas.

Segundo estatísticas do monitoramento feito pela Divisão de Satélites e Sistemas Ambientais do CPTEC (Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos) vinculada ao INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), Corumbá também lidera o ranking nacional de queimadas nos últimos oito dias.


Somente nas últimas 48 horas, o INPC registrou 22 focos de incidência florestal em Corumbá. Na tarde desta segunda-feira (8) grande foco de queimada atingiu a vegetação pantaneira ao norte da cidade e para combater as chamas, o Comando do 3º Grupamento de Bombeiros do Estado de Mato Grosso do Sul enviou equipes para avaliar e definir medidas de combate e contenção das chamas.

O município da região pantaneira está sem brigada de combate a incêndios florestais do Ibama, já que o trabalho das equipes especializadas acontece a partir do segundo semestre do ano, geralmente entre os meses de julho e dezembro.

Quase 60 focos - Com quatro vezes menos focos do que nos meses anteriores de julho, Natal e Nova União (MS) registrou cada uma apenas logo após o fim do mês no ranking Ocidente (PA) e Rio Branco (MS) registrou logo após com 10 focos cada. Os quase 60 registros em Corumbá representam mais do que metade dos 97 focos de incidência florestal contabilizados, está em um Mato Grosso do Sul.

Queimadas avançam e atingem mais de 3 km da planície pantaneira

Bombeiros estão no local ajudando no combate às chamas



As queimadas estão se alastrando por Corumbá e atingiu 419 km do Campo Grande. Na manhã desta quarta-feira (11), uma equipe com 10 militares do Corpo de Bombeiros seguiu de barco até a região do canal do Terengue, onde um intenso incêndio atingiu a vegetação local desde a última segunda-feira (6).

Segundo informações dos Bombeiros, as chamas avançaram na Borité e atualmente atingem mais de 3km de extensão na região pantaneira.

“Ordem à tarde os Bombeiros, com apoio da Marinha do Brasil sobrevoadaram por 30 minutos a área de plantio em chamas, onde foi possível avaliar a dimensão da área atingida pelo fogo. Como estamos em época de seca do rio Paraguai, essa área que antes ficou alagada com a seca produziu material combustível com a própria vegetação e que tomou que essa queima lenta e gradual tornasse grandes proporções”, explicou o cabo André Matti.

Antes segundo o militar, o “incêndio se aprofundou, pois, janeiro é período de chuvas na região. “As chamas mais distantes estão próximas ao rio Paraguai e devem se extinguir naturalmente. “O que preocupa mais é o fogo na região do Terengue, pois, ainda há grande quantidade de vegetação e o fogo está produzindo grande coluna de fumaça”, avalia.

A equipe foi até a região de barro, mas devido a complexidade do trabalho, alguns pontos devem ser feitos a pé. De acordo com informações do site Defesa Ambiental, chegou na tarde desta terça-feira (10) na região, mas em pouca quantidade, o que não aguçou a ansiedade o problema do incêndio florestal na região.

Ranking das queimadas - Com 58 focos registrados entre os dias 1º e 8 de janeiro, Corumbá é o município brasileiro com maior número de incidências florestais no Brasil, segundo estatísticas do monitoramento feito pela Divisão de Satélites e Sistemas Ambientais do CPTEC (Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos) vinculada ao INPC (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

O maior volume registrado para o período foi de 15 focos, nos últimos cinco anos. No mesmo período do ano passado, foram registradas sete focos e em 2014 e 2015 foram cinco episódios de queimadas.

Fonte: <https://goo.gl/Sogdjk> e <https://goo.gl/ykpWod>, respectivamente. Acesso em: 04/01/2018. Ver na íntegra nos Anexos 20 e 21.

No caso de “Usina de energia deve gerar R\$ 65 milhões de receita ao ano para o município” (Anexo 22), as informações contidas no texto, que fala sobre a instalação de uma usina termoeétrica em Ladário (município localizado no Pantanal), são vagas. A matéria começa com a receita que a instalação da usina deve gerar no município. Há menção de estudos técnicos sobre possíveis impactos ambientais, mas não fica claro se foram realizados pelo próprio empreendimento ou pelo Imasul, e tampouco menciona quais são os riscos.

No caso das usinas termoeétricas um dos fatores de impacto é a emissão de gases. A emissão chega a ser mencionada no texto, mas há uma tentativa clara de minimizar esses impactos valendo-se de argumentos como projetos de contrapartida da empresa, geração de empregos no local e atração de novos empreendimentos para a região. Brum (2001) analisa que a atraente e promissora industrialização representa danos irreparáveis ao ambiente pantaneiro e coloca em risco a coexistência de atividades consideradas as verdadeiras vocações da região, no caso a pecuária, o turismo e a pesca.

A UFMS aparece neste texto como uma das possíveis parcerias para encontrar mão-de-obra qualificada, demonstrando sua relevância na formação de recursos humanos para o estado. Já no final do texto a Universidade é novamente citada, dessa vez como uma entidade auxiliar do Imasul nos estudos ambientais de instalação da Usina. Há uso de recurso gráfico, no caso um mapa, que mostra que a usina será instalada fora do limite urbano da cidade em uma área aparentemente florestal.

Figura 59. Captura de tela de matéria publicada pelo site Campo Grande News



Fonte: <https://goo.gl/M97dnq>. Acesso em: 04/01/2018. Ver íntegra no Anexo 22.

Quase dois meses depois, em 25/01/2017, o *Campo Grande News* publicou outra matéria relacionada à usina termoeétrica intitulada “Governo acompanhará construção de termoeétrica para preservar Pantanal” (Anexo 23). A matéria trata de uma visita realizada

pela vice-governadora de Mato Grosso do Sul, Rose Modesto, à cidade de Corumbá para acompanhar obras que receberam investimentos do governo estadual. De modo geral o texto busca equilibrar a questão ambiental e a econômica, que pode ser percebido pela associação entre palavras como desenvolvimento, harmonia e preservação ambiental. São utilizadas duas fotografias na matéria. A primeira mostra a vice-governadora em obra em construção da rede de coleta de esgoto e a segunda é de uma rua sem pavimentação onde há uma enorme poça d'água.

Figura 60. Captura de tela de matéria veiculada pelo site Campo Grande News



Fonte: <https://goo.gl/us8ymV>. Acesso em: 04/01/2018. Ver íntegra no Anexo 23.

A matéria “Feijão de corda se adapta ao Pantanal e poderá ser cultivado para alimentação” (Anexo 24) trata de forma específica sobre um experimento realizado pela Embrapa Pantanal em Corumbá com feijões biofortificados. Como a matéria é totalmente voltada à Embrapa Pantanal - e no site institucional da empresa um material bastante semelhante¹⁶³ havia sido publicado no dia anterior-, é provável que o jornalista tenha elaborado a matéria a partir de um release ou da referida notícia institucional. O texto apresenta linguagem simples com uso de poucos termos técnicos, que quando aparecem são seguidos de explicação, como biofortificados e melhoramento convencional. Não há, porém, contribuição significativa de informações sobre o Pantanal, uma vez que não aparece como o cultivo dessa variedade vai impactar no bioma. O texto menciona que as sementes serão

¹⁶³ Notícia disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/19625505/experimentos-atestam-potencial-de-feijao-biofortificado-em-corumba-ms>. Acesso em: 07/05/2018

distribuídas em assentamentos, o que pode remeter à ideia de pequenos produtores rurais e agricultura familiar, mas somente de forma pontual.

Figura 61. Captura de tela de matéria veiculada pelo site Campo Grande News



Fonte: <https://goo.gl/a2nGNY>. Acesso em: 04/01/2018. Ver íntegra no Anexo 24.

A matéria “Deputados irão debater a proibição da pesca do dourado nos rios de MS” (Anexo 25) fala sobre uma audiência pública a ser realizada e que discutirá um projeto de lei voltado à proibição da pesca da espécie de peixe dourado nos rios de MS com o objetivo de repovoamento. A justificativa para o projeto se apoia em dados do Sistema de Controle de Pesca, que mostra redução do volume de captura do dourado em um período de dez anos.

Figura 62. Captura de tela de matéria veiculada pelo site Campo Grande News



Fonte: <https://goo.gl/LD1GbL>. Acesso em: 04/06/2017. Ver íntegra no Anexo 25.

O texto aponta que o projeto não deve prejudicar pescadores profissionais, argumentando que a espécie é a sétima da lista dos mais vendidos. Também coloca que o projeto autoriza a modalidade de pesque-e-solte. Há referência sobre legislações semelhantes que já são executadas por outros países, estados e mesmo por municípios de MS, mas não traz informações se a proibição foi eficaz.

A pesca - como dito no Capítulo 2 – “O Bioma Pantanal” - é a segunda maior economia do Pantanal, sendo a atividade que mais gera trabalho e renda na região. O texto divulga a existência de 7.241 pescadores profissionais no estado e descreve o peixe dourado como um símbolo do Pantanal. O turismo é outro setor economicamente importante do Pantanal e que também pode ser afetado pela medida. Assim é importante perceber que a matéria aponta o tema do debate como complexo e polêmico. Ao ouvir o outro lado, o texto indica que há resistência por parte dos pescadores profissionais, mas que existe uma abertura caso sejam apresentadas alternativas sobre a mudança. Duas fotos ilustram a matéria. A primeira mostra um Policial Militar Ambiental em um barco puxando uma rede de pesca no rio. A segunda imagem é uma foto do deputado Beto Pereira, autor do projeto.

Dois dias depois, em 15/03/2017, é publicada a matéria “Pesquisadores querem mais debates sobre limitação à pesca do dourado” (Anexo 26) que fala sobre a realização da audiência pública. Enquanto um desdobramento da notícia (suíte) segue a tendência de sua antecessora com uma perspectiva de opiniões divididas entre os segmentos envolvidos na questão. O texto parece seguir uma ordem linear ao debate. A primeira fonte é o autor do projeto, seguido de um representante sindical dos pescadores, depois a opinião de pesquisadores e por fim a opinião de pescadores.

A existência da proposta é novamente justificada pelo risco de extinção do dourado pela pesca predatória. Apesar de mencionar que houve explanação técnica sobre o assunto, o texto não traz as informações que embasam a proposta. Mas apresenta detalhes sobre a limitação que se deverá ser aplicada apenas sobre o transporte da espécie, que exigiria grandes quantidades, muitas vezes não respeitando o tamanho e a idade de reprodução necessárias a conservação. Assim explica que será mantido o direito à captura do dourado no caso da pesca de subsistência.

Apesar de afirmar que a espécie tem sofrido um despovoamento visível, também há um reconhecimento de que não existem estudos suficientes sobre a população do dourado no texto. Em seguida é apresentada uma característica biológica do dourado, uma espécie predadora, e que a proibição da pesca é que poderia gerar um desequilíbrio ecológico, podendo ocasionar a diminuição de outras espécies menores.

Os dois pesquisadores que aparecem no texto defendem que haja gestão do estoque pesqueiro baseado em mais pesquisas, para que os pescadores não tenham prejuízos e

o aumento da espécie ocorra de forma contextualizada em cada região de acordo com suas particularidades. No final da matéria dois pescadores favoráveis ao projeto são ouvidos. Baseados em sua própria observação eles afirmam que perceberam que houve essa diminuição de dourado nos rios. O curioso neste ponto da matéria é que o primeiro pescador, Paulo Okishima, identificado como praticante de pesque-e-solte, culpa os pescadores profissionais pela diminuição. O segundo, Enoque Pereira Durães, é identificado como pescador profissional e culpa os pescadores amadores e turistas pela diminuição. O texto evidencia a diferença de entendimento entre pescadores amadores e profissionais para a preservação da espécie.

Mesmo tratando do mesmo assunto, e com a mesma abordagem (Política/Econômica), os textos foram colocados em editorias diferentes: política e meio ambiente respectivamente.

Figura 63. Captura de tela de matéria veiculada pelo site Campo Grande News



Fonte: <https://goo.gl/qD5E3f>. Acesso em: 04/06/2017. Ver íntegra no Anexo 26.

A matéria “Fenômeno natural, decoada começa no rio Paraguai causando morte de peixes” (Anexo 27) tem um caráter bastante educativo, trazendo o fenômeno da decoada como parte do ciclo de vida pantaneiro. Como explicado anteriormente no Capítulo 2 – “O Bioma Pantanal”, a decoada consiste em um evento anual do Pantanal, em que ocorre alteração natural das características físicas e químicas da água devido às enchentes e pode levar à morte de peixes por falta de oxigênio.

O período da decoada, assim como seu funcionamento, que afeta todas as espécies de peixes, é explicado pelo biólogo da ONG Ecoa, André Siqueira. Ele também explica como alguns peixes conseguem escapar do fenômeno e enfatiza que é um processo necessário para o equilíbrio ecológico do Pantanal, uma vez que atrai aves migratórias e garante alimento para répteis e mamíferos.

Um ponto importante nessa matéria é que ela traz o aspecto de que os ribeirinhos estão acostumados com os ciclos que ditam a vida no bioma. Isto é, eles sabem onde buscar água própria para consumo uma vez que nesse período a água do Rio Paraguai fica inviável. Durante a entrevista com o pesquisador Arnildo Pott, este foi um dos pontos que ele mencionou incomodá-lo com relação à cobertura midiática do Pantanal. Na maior parte das vezes as matérias focam as cheias como algo negativo, mas as pessoas que vivem lá sempre viveram dessa forma, é um elemento que faz parte da vida delas.

A outra pesquisadora consultada pela matéria é Márcia de Oliveira, da Embrapa Pantanal que fala que a intensidade do fenômeno depende da cheia, e que ela tem início na região da Serra do Amolar, onde as águas do planalto encontram as da planície. Ela também especifica quais são os rios em que o fenômeno ocorre com mais frequência. Apesar de tratar-se de uma matéria pontual, do ponto de vista em que não está elencada a um debate mais amplo, pode-se considerar que a matéria tem o mérito de reforçar a importância da manutenção do pulso de inundação quando mostra a interdependência entre os elementos socioambientais que a compõem o Pantanal.

Figura 64. Captura de tela de matéria veiculada pelo site Campo Grande News



Fonte: <https://www.campograndenews.com.br/meio-ambiente/fenomeno-natural-decoada-comeca-no-rio-paraguai-causando-morte-de-peixes>. Acesso em: 04/06/2017. Ver íntegra no Anexo 27.

O título da matéria “Governos e ruralistas defendem mudanças na 'Lei do Pantanal' no Congresso” (Anexo 28) passa a ideia de alinhamento que existe entre o governo e o setor agrário do estado de MS. Essa ideia é reforçada pela fotografia que ilustra a matéria. Na imagem o governador de MS, Reinaldo Azambuja – que é produtor rural – aparece abraçado ao presidente do Sindicato Rural de Corumbá em frente a um banner da Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (FAMASUL).

Figura 65. Captura de tela de matéria veiculada pelo site Campo Grande News

Governo e ruralistas defendem mudanças na 'Lei do Pantanal' no Congresso

A proposta pretende regularizar as atividades econômicas e normalizar a preservação do bioma

Lucas Junot

Impressão Enviar Tweet G+



À esquerda o governador Reinaldo Azambuja e o presidente do sindicato rural de Corumbá, Luciano Leite (Foto: Silvio Andrade/Assessoria)

A polêmica Lei do Pantanal (PL n.750), que tramita desde 2011 no Congresso Nacional, preocupa produtores rurais. O projeto de autoria do ex-senador mato-grossense Blairo Maggi, atualmente ministro da Agricultura e Pecuária, obteve ressonância Estado, depois que o governador, **Reinaldo Azambuja** (PSDB), exigiu que o projeto fosse discutido em Mato Grosso do Sul, que detém 70% do bioma, antes de entrar na pauta do Senado.

A proposta pretende regularizar atividades econômicas e normalizar a preservação do

Pantanal. De acordo com o Sindicato Rural de Corumbá, da forma como está sendo encaminhado, o PL-750 é um retrocesso e com efeitos danosos à econômica da região.

Fonte: <https://goo.gl/rbE4RZ>. Acesso em: 04/06/2017. Ver íntegra no Anexo 28.

O texto inicia adjetivando a PL 750/2011 (Lei do Pantanal) de polêmica já evidenciando a ideia de conflitos envolvidos. É dito que o projeto de lei é tem por objetivo regularizar atividades econômicas no bioma e normalizar sua preservação. Também traz que a autoria é do ex-senador de MT, Blairo Maggi, e informa que o governador de MS, Reinaldo Azambuja, exigiu que o projeto fosse discutido no estado antes de ir para o Senado, dando a entender que as ações entre MT e MS com relação a isso estavam desarticuladas.

Alega que a PL trouxe preocupações ao setor rural de MS. As fontes que aparecem no texto são todas ligadas ao setor rural. A PL é vista como ameaça a economia da região, porque retrocederia o processo de regulamentação do Cadastro Ambiental Rural (CAR) do MS feito com base em estudos da Embrapa Pantanal. A crítica colocada pelos ruralistas é que a proposta não está considerando o bioma como um todo.

O rebanho bovino da região de Corumbá é mencionado como o segundo maior do país, com dois milhões de cabeças. A pecuária é apontada no texto como a maior empregadora do município. Esta afirmação pode ser confrontada pela afirmação de Faria e Nicola (2007) e Spacki (2014) trazida no Capítulo 2 – “O Bioma Pantanal”, de que o peixe é considerado o bem natural que mais gera trabalho e distribuição de renda na região. E também pela pesquisa de opinião realizada pelo IBOPE/WWF (2013) onde a pesca é identificada como a atividade econômica mais conhecida da região, seguida pela pecuária e turismo respectivamente. No texto, o presidente do Sindicato Rural de Corumbá, Luciano Leite, afirma que não há necessidade da PL ser aprovada porque o sistema já está normatizado e funciona bem. A aprovação, segundo ele, bagunçaria a cadeia produtiva.

É posto que o Governo, aliado aos produtores, defende mudanças no texto da lei, vista como inconstitucional por impor aos estados obrigações que seriam do Poder Executivo. Identificado como representante da Famasul, proprietário rural, ambientalista e ex-chefe da Embrapa Pantanal, Nilson de Barros opina que a PL tem a intenção de restringir a pecuária tradicional e defende que em vez de regras o que deveria ser proposto são incentivos. Para isso argumenta sobre a secularidade da atividade pecuária como responsável pelo bioma ser considerado o mais preservado do país.

4.6. Considerações preliminares

A análise descritivo-analítica do material leva a crer que as discussões latentes, como a degradação ambiental que vem ocorrendo no bioma e a discussão da Lei Federal do Pantanal, têm sido pouco abordadas pelos canais institucionais de comunicação da UFMS e UEMS, bem como pela mídia tradicional.

Também pode-se constatar, como indicado pelas entrevistas, que quando o bioma é pauta, acaba sendo tratado de forma superficial ou sob abordagem catastrófica/sensacionalista (no caso de cheias, queimadas e decoada). Na perspectiva de Miguel (2009, p.147) a abordagem sensacionalista “compensa pelo impacto à primeira vista, gerando teoricamente mais interesse no leitor/espectador, mas não formando opiniões e conceitos claros e necessários para se compreender a dinâmica da política ambiental”.

Há uma grande ausência de informações científicas nas notícias, quando tratam de assuntos relacionados ao pantanal, o que pode ser um indício do distanciamento por parte das redações em relação às assessorias de comunicação e vice-versa, tratado no Capítulo 3 – “Estratégias de Divulgação nas Assessorias de Comunicação”. Tanto a UFMS quanto a UEMS não aparecem, regularmente, como fontes consultadas nas notícias veiculadas sobre o bioma Pantanal pelo *Campo Grande News* e *Correio do Estado*. Isso pode significar que o trabalho das assessorias e das fontes das universidades precisam ser intensificadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de pressupostos sobre o potencial e importância das instituições públicas de pesquisa no fomento da circulação de informações sobre meio ambiente para as diferentes camadas da sociedade, o que esta pesquisa buscou foi examinar a forma como duas universidades públicas do estado de Mato Grosso do Sul, UFMS e UEMS, contribuem (ou podem vir a contribuir) com a divulgação de conhecimento científico sobre o bioma Pantanal.

Mesmo a relevância ecológica do Pantanal, reconhecida não apenas em âmbito local e nacional, mas também internacional, não tem sido suficiente para enfrentar as mazelas que o modelo de desenvolvimento econômico baseado no capitalismo tem imputado ao bioma. Por isso, pesquisadores, ONGs, sociedade civil e representantes políticos têm mobilizado esforços para a criação de uma lei específica de proteção ambiental para a região, que leve em consideração o desenvolvimento sustentável.

Este é um momento-chave quando os estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso demonstram interesse em unificar suas respectivas legislações ambientais para tratar do Pantanal, e que uma Proposta de Lei a nível federal se encontra em andamento no Senado. Caso essas políticas não sejam bem encaminhadas podem trazer mais problemas ao dar brechas para o avanço do desmatamento, a exemplo do Novo Código Florestal. Em razão disso, é de extrema necessidade que informações de qualidade, sobre as questões ambientais pertinentes ao Pantanal, circulem por diferentes esferas sociais e debates para ampliar a conscientização pública sobre os problemas enfrentados pelo bioma.

A complexidade do Pantanal exige repostas igualmente densas e complexas. Por isso a produção científica contínua e a divulgação dela são condições necessárias à sua conservação. Há pelo menos 30 anos o bioma tem sido investigado por pesquisadores do mundo todo. Como no Brasil 80% da produção científica é realizada nas universidades optamos por analisar **se** e **como** as duas maiores instituições de ensino superior de Mato Grosso do Sul - onde fica a maior parte do bioma - tem contribuído para democratizar esses conhecimentos.

Para tal empreita utilizamos como métodos a Análise de Conteúdo, entrevistas semi-estruturadas, além de pesquisa bibliográfica e documental. Assim buscamos verificar como a UFMS e a UEMS tem contribuído para democratizar o conhecimento científico sobre

o bioma a partir da divulgação das pesquisas institucionais relacionadas ao Pantanal, por meio da atuação de suas assessorias de Comunicação.

Durante todo o processo de pesquisa fica patente a centralidade das assessorias de comunicação no processo de divulgação de pesquisas, face a um forte cenário de dependência da mídia do trabalho das assessorias, seja pela crise continuada que enfrenta, seja pela formação precária de seus profissionais. Por outro lado, seria de se esperar uma atuação mais independente e pró ativa da mídia em relação ao Pantanal, considerado patrimônio da humanidade pela riqueza de seu ecossistema e interesse internacional.

As universidades do Mato Grosso do Sul, como verificado, apresentam discursos comprometidos com a busca por soluções de questões que envolvem o Pantanal, no entanto, nota-se que as preocupações sobre o Pantanal não são articuladas nem institucionalizadas. Elas partem de uma ação individualizada gerada pelo interesse pessoal e esforço individual de cada pesquisador pelo bioma. Desse modo ainda é muito pequena a participação das universidades na construção do saber público sobre o bioma para a população em geral, apesar do grande número de pesquisas realizadas sobre a região.

Observamos no decorrer da pesquisa de campo deste trabalho que os segmentos consultados nas entrevistas percebem a Divulgação Científica não apenas como algo importante, mas necessário. Entretanto, esta percepção ainda não se materializa em ações concretas de divulgação e democratização do conhecimento para maior preservação do bioma.

No caso dos gestores das universidades há uma demonstração clara do reconhecimento da atuação das assessorias na melhoria da percepção da opinião pública sobre o papel das universidades. O interessante é que eles estabelecem uma relação direta entre essa melhoria e o apoio da gestão, embora entre o discurso e a práxis ainda exista uma distância considerável. Trata-se, não apenas de melhorar as condições estruturais e técnicas das assessorias, mas fundamentalmente de estimular os pesquisadores, em ações coordenadas pelos dirigentes para um engajamento maior da comunidade científica na democratização do conhecimento científico em geral e sobre o Pantanal, em particular.

Já na visão dos assessores de comunicação é interessante notar o fato que eles percebem que estão saindo de uma atuação tarefaira, responsiva, para uma atuação mais estratégica, fornecendo dados e ganhando assento nas reuniões de decisão dentro das

universidades. Apesar disso as assessorias não elaboraram um plano de comunicação oficial, considerado um instrumento estratégico de planejamento e de fortalecimento institucional. Os assessores apontaram que se sentem apoiados e cobrados pelas respectivas gestões, mas, por exemplo, ainda não possuem um orçamento próprio para o desenvolvimento de atividades e não são exatamente estimulados a buscarem aperfeiçoamento profissional. As equipes também são consideradas reduzidas em relação à demanda.

No caso dos pesquisadores, mesmo reconhecendo o valor social da divulgação científica, eles mantêm atitudes bastante reativas. Salvo exceções, eles atendem basicamente as demandas quando são procurados, seja pela assessoria ou em outras questões como debates, seminários, audiências públicas, etc. Ainda não criam o hábito, a rotina de espontaneamente procurarem as assessorias para comunicarem resultados recentes de suas pesquisas para serem divulgadas nos portais das universidades ou nas mídias regionais ou nacionais.

Assim como os gestores, a comunidade científica considera a veiculação do Pantanal na mídia em geral como insuficiente e superficial. Apontam as distorções por parte dos jornalistas como um obstáculo a ser superado, bem como a própria dinâmica da atividade acadêmica, que os sobrecarrega, não deixando espaço para se dedicar à divulgação científica e valorizar esse tipo de atividade. Por isso eles preferem a extensão acadêmica quando se trata de publicação para o público leigo. Mesmo assim demonstram entusiasmo pela possibilidade de terem seus trabalhos divulgados pelas para o grande público.

Da parte dos jornalistas, as entrevistadas apontaram que em algumas situações as assessorias não são proativas em oferecer pautas, e de igual modo não ajudam muito quando precisam consultar um pesquisador. Destaca-se que foi observada uma movimentação mais pró-ativa por parte da UEMS em geral, confirmada por jornalistas da mídia regional. Neste ponto atentamos para alguns fatores determinantes para esta diferença: o primeiro é a parceria entre o projeto Mídia Ciência e a UEMS, que permitiu que a universidade angariasse um número maior de profissionais focados na produção de material com conteúdo científico de alta qualidade; o segundo seria devido o reitor da UEMS ser pesquisador do bioma, gerando uma demanda natural para a área, em contraponto ao reitor da UFMS, que é da área da Ciência da Computação. Mesmo assim a quantidade de notícias sobre o Pantanal nos portais institucionais pode ser considerada escassa visto sua importância já discutida para o estado.

As estratégias das duas universidades no quesito Divulgação Científica ainda são precárias, sendo a prioridade dos núcleos de comunicação a divulgação institucional. Durante as entrevistas com os assessores observamos que eles demonstraram não haver uma atenção específica para o Pantanal. Embora localizadas no bioma as universidades da região não priorizam as pesquisas ali desenvolvidas que poderiam alavancar o nome das universidades tanto para a divulgação de pesquisas sobre o Pantanal, bem como de outras áreas do conhecimento.

Outro aspecto a ser ressaltado é que os assessores não internalizaram a visão deles próprios como agente de popularização do conhecimento científico e assim seguem privilegiando a divulgação institucional. Ações recentes estão em curso como é o caso da criação da Secretária de Comunicação Social e Científica (SECOM) na UFMS, e parcerias firmadas pela UEMS/Mídia ciência com veículos locais para fomentar o fluxo de notícias relacionadas à C,T&I para a população em geral (esta última se encontra suspensa). Logo, é possível que o cenário da Divulgação Científica em Mato Grosso do Sul seja modificado, desde que os projetos em curso sejam adequadamente apoiados.

Ao mesmo tempo, ampliação do diálogo entre reitores das universidades, pesquisadores e jornalistas, tanto os das assessorias de comunicação como da mídia tradicional é uma condição indispensável para tornar a comunicação mais efetiva, seja no âmbito local, nacional ou internacional.

Apesar de apontarem as distorções da imprensa nas entrevistas que concedem como reverses, os pesquisadores demonstram interesse na divulgação via canais institucionais e mídia tradicional. Esse cenário tem se transformado ao longo do tempo nos diversos âmbitos de atuação dos pesquisadores, mas depende singularmente do trabalho pró-ativo das assessorias. Os núcleos de comunicação devem se movimentar em direção a este público interno reforçando a importância da divulgação de suas pesquisas, criando uma relação de contato permanente.

Retomamos o ponto em que a desvalorização desse tipo de atividade perante as avaliações do trabalho acadêmico, pode ser um entrave a ser removido. A abertura de canais da própria universidade para seus pesquisadores pode estimulá-los a instaurar o esperado comportamento comunicativo - mencionado pelos assessores durante as entrevistas – e

minimizar esses conflitos. Essas mudanças demandam maior fôlego das assessorias para a criação de estratégias para a incorporação e divulgação das pesquisas.

A divulgação científica das pesquisas das universidades estudadas são ínfimas, se considerado o grande e diversificado número de pesquisas sobre o Pantanal nas instituições UFMS e UEMS, ao longo dos anos como mostram as figuras 17, 18, 19, 20 e 21 e a Tabela 1, das páginas 97, 98, 99 e 100 desta pesquisa. Durante as buscas realizadas em plataformas de periódicos científicos, repositórios nacionais e de grupos de pesquisa observamos que a UFMS e UEMS figuram entre as instituições com maiores números de pesquisa sobre o tema. Entretanto, pouco se conhece, ainda sobre essas pesquisas.

Ainda que os segmentos consultados durante as entrevistas e mesmo o aporte teórico usado nesta pesquisa indiquem lacunas e insuficiência na produção científica sobre o bioma, é inegável que há muito conhecimento produzido ao longo dos anos para ser divulgado. Entretanto a circulação destas informações é bastante incipiente, apontando uma precariedade no trabalho dos jornalistas tanto das assessorias. Como mostra a figura 39 na página 170, apenas 1% de toda a produção dos portais institucionais, por exemplo, foi dedicada ao território pantaneiro. A maior parte da produção se concentra em assuntos institucionais. Por outro lado, percebemos na UEMS um engajamento maior nas notícias sobre o Pantanal, ainda que voltadas prioritariamente à promoção institucional, pois remetem aos temas latentes do bioma, indicando que a Universidade está envolvida nos debates pertinentes ao bioma, embora exista potencial de crescimento nesta área.

Também destacamos que o bioma é pouco ou superficialmente abordado pela mídia regional, tanto na observação direta das notícias veiculadas, seja por meio das análises das entrevistas. O exame das matérias nos veículos de mídia regional aponta para o baixo uso e lacunas importantes de informações científicas nas notícias. Os pesquisadores das universidades, de um modo geral, não aparecem como fonte e as notícias focam-se estritamente no factual, gerando uma cobertura fragmentada e descontextualizada, em detrimento de uma percepção pública que relacione as causas e os efeitos dos problemas enfrentados pelo bioma Pantanal.

O maior problema nesse caso não se localiza no que está sendo dito, mas no que não está sendo dito, no gap de informações relevantes para a compreensão pública sobre o Pantanal. Por meio da descrição analítica do material verificou-se que as grandes

questões do bioma, pertinentes as ameaças e impactos ambientais como represas e hidrelétricas - entre outros tratados no Capítulo 2. “O Bioma Pantanal” - e os embates políticos e econômicos na exploração do bioma, foram minimamente mencionados nas reportagens veiculadas pelas diferentes mídias.

Somente uma das matérias analisadas ressalta a importância das cheias e traz ao público os conhecimentos tradicionais das gentes pantaneiras – matéria que tomamos como exemplo de boas práticas - tendo a mesma sido produzida por um jornalista que atua com pautas especiais. Isto é, mesmo não atuando em uma área específica ele possui mais tempo do que os demais colegas de redação para produzir uma reportagem mais qualificada. Além disso, sua formação profissional passou pela disciplina de Jornalismo Ambiental e Jornalismo Científico durante a graduação em Jornalismo pela UFMS. Isso nos leva a refletir sobre a influência das experiências formativas que pode aprimorar os profissionais que atuam nestas esferas.

Ademais, encontramos uma única notícia mencionando a Lei Federal do Pantanal, e ainda sim estritamente sob o ponto de vista do grupo ruralista e evidenciando a relação do governo com o setor rural. Não houve a palavra do cientista para avaliar os prós e contras dos argumentos apresentados, ou para mencionar as críticas latentes da comunidade científica sobre os riscos de uma legislação inadequada por o futuro do Pantanal.

Este aspecto reforça os resultados apontados por Brum; Zanatta; Catonio; e Oliveira (2001) de que apesar do Pantanal ser presente na informação cotidiana do MS, a cobertura geralmente focada na perspectiva econômica ou do bioma como santuário ecológico não tem contribuído expressivamente para a construção de um saber ambiental do público.

Sobre a qualidade geral do material analisado, pontuamos que de modo geral, quando publicadas, as pesquisas são a notícia em si e não ponto de partida para discussões e debates mais amplos como recomenda Fioravati (2013) para que se supere o Enfoque Clássico do Jornalismo Científico.

Assuntos como as cheias e as queimadas no Pantanal, tendem a ser vistas mais por um aspecto negativo. Na maioria dos casos não são tratadas por seu papel no ciclo de renovação complexo, único, constante e necessário que orienta a vida no Pantanal. As coberturas destes temas encontram-se predispostas à Síndrome da Baleia Encalhada (BUENO,

2015) explorados de maneira trágica, contemplando fatos de maneira isolada, sem investigação de causa. De modo geral as coberturas não relacionam os desequilíbrios ambientais, a ação antropogênica, ou questionam a lógica econômica predatória.

A abordagem prevalente, apesar de ser a ambiental, limita-se predominantemente a aspectos factuais. As notícias acabam fragmentadas, esgotadas em si mesmas, uma vez que a perspectiva inter e multidisciplinar que os temas ambientais exigem não ou raramente é contemplada. A isso Bueno (2015) chama de Síndrome do Zoom ou Olhar Vesgo.

No quesito das fontes consultadas, as matérias e os veículos apresentam o sintoma da Síndrome do Muro Alto (BUENO, 2015), já que há pouca variação de fontes e, na maior parte, são restritas a fontes oficiais como figuras políticas e pesquisadores. Mesmo a maior parte da demanda da mídia pelo trabalho das assessorias da UFMS e UEMS partir da mídia regional— ainda que pequena –, nas matérias examinadas, a UFMS e a UEMS não são fontes que os veículos recorrem para tratar de assuntos relacionados ao Pantanal. Isto sinaliza a falta de um relacionamento proativo das assessorias das universidades com os jornalistas da mídia, assim como um desconhecimento dos jornalistas da mídia tradicional sobre a produção científica das universidades sobre o Pantanal.

A linguagem apresentada nas notícias pode ser considerada simples e portanto acessível. Já a abordagem, predominantemente econômica, sem considerar os aspectos políticos, culturais, ambientais e sociais, mostra-se fragmentada, pouco contribuindo para a conscientização sobre os problemas do Pantanal e formação crítica do público.

Assim, pode-se considerar que as universidades não estão sendo capazes de democratizar de forma adequada ou eficiente o conhecimento que vem produzindo sobre o Pantanal ao longo dos anos.

Notou-se ainda que a prática de replicar notícias e releases produzidos pelas universidades tem sido uma prática comum na mídia. Durante a análise do clipping verificamos que salvo as matérias televisivas, a maior parte do conteúdo clipado são reproduções dos materiais produzidos pelas assessorias tanto das próprias universidades, quanto de outras instituições que mencionam a UFMS e UEMS. Também neste ponto percebemos um esforço mais pró-ativo por parteda UEMS em angariar espaços na mídia tradicional.

Mesmo não sendo considerada a prática ideal (do ponto de vista teórico e pelos próprios entrevistados) este copia e cola tem sido recorrente, aceitável e mesmo estimulável. A precarização das redações é sempre apontada como uma explicação para esta realidade. Desse aspecto surge uma outra pergunta: quais as implicações do discurso jornalístico sobre os problemas de o Pantanal estar saindo das mãos da mídia e passando para as mãos das assessorias? Não caberia aos jornalistas de mídia explorar melhor os resultados das pesquisas, abordando controvérsias, riscos, implicações políticas, econômicas, culturais e sociais antes de sua ampla divulgação? Em que medida esta realidade dificulta a conscientização pública e crítica sobre o bioma?

As ideias de Garcia (2006) expostas no Capítulo 1 – “Meio Ambiente, Sociedade e Divulgação Científica”, nos remetem a possibilidade de que as universidades e instituições de pesquisa do Pantanal possam criar sistemas de retroalimentação de informações sobre o bioma. O referido autor aponta que o jornalismo voltado para o meio ambiente e o interesse público sobre a questão tem progredido mais ou menos paralelamente, utilizando-se da lógica que um alimenta o outro.

Quer dizer que as universidades, enquanto fontes confiáveis podem fazer com que a opinião pública tome conhecimento sobre diversas questões sobre o bioma. As pessoas então podem tornar-se mais conscientes sobre os problemas ambientais que assolam o Pantanal e a relevância de sua conservação. Tanto do aspecto socioambiental, porquanto é elemento essencial para manutenção de aspectos culturais, por exemplo, quanto econômico, pois os serviços ambientais garantem atividades que geram uma fonte de renda considerável para o estado.

Isso pode aumentar a participação e mobilização pública à esses problemas, fomentando debates e despertando mais o interesse da mídia. Logo, quanto mais o interesse da opinião pública for suscitado, mais os assuntos de interesse público sobre o Pantanal podem determinar e ampliar a cobertura jornalística numa perspectiva crítica e analítica.

Também é possível que ao ter mais visibilidade os problemas do bioma e suas possíveis soluções técnico científicas atraiam o olhar de financiadores facilitando a captação de recursos para novas pesquisas, aproximando os setores produtivos das comunidades e das instituições gerando assim benefícios para todos os setores. Essa aproximação talvez

possibilite a esses públicos identificarem as dificuldades e obstáculos cotidianos para o desenvolvimento de soluções sustentáveis pelas instituições de pesquisa.

Pesquisas de percepção pública da ciência, apontam que a Ciência brasileira conta com amplo apoio da população. A pesquisa realizada pelo MCTI em 2015 mostra que 78% dos entrevistados é a favor de aumentar o investimento público em ciência e tecnologia, por compreenderem estes como agentes a serviço do bem-estar das pessoas, capaz de resolver problemas sociais, com destaque para a área ambiental e da saúde. Por outro lado, a mesma pesquisa revela que apesar de demonstrarem um entendimento positivo sobre a ciência, a população tem pouco acesso a informação científica e tecnológica.

No momento em que o país presencia cortes orçamentários que comprometem de maneira drástica a saúde de seus sistemas de Ciência e Educação - do qual, acredita-se, levará um longo tempo para se recuperar – ressalta-se a importância dos espaços de produção de conhecimento, em especial os financiados com recursos públicos, em divulgar sua produção intelectual por meio de formas diversas de divulgação científica, mas particularmente por meio do jornalismo científico nas assessorias de comunicação social. Cabe a estes espaços mostrar que apesar de ser um importante instrumento de transformação social “a ciência não é um subsistema que define autonomamente seus padrões e linhas gerais de evolução, mas está sujeita a influências externas ao próprio campo” (MOREL, 1979, p. 43).

Não cabe as universidades resolverem sozinhas os problemas sociais, econômicos e ambientais que afligem nossa sociedade, mas é indubitável que a participação destas organizações públicas na busca de respostas é uma condição *sine qua non* para as transformações necessárias, sem as quais dificilmente serão alcançadas. Neste sentido a reflexão sobre o papel transformador da realidade pelas universidades é uma tarefa que deve ser continuamente alimentada, bem como sobre seus esforços de comunicação, através da qual espera-se que suas ações e contribuições sejam mostradas às diferentes esferas da opinião pública.

Recomendações

Considerando tudo o que foi apresentado durante a pesquisa, algumas ideias para dinamizar o fluxo comunicacional de informações sobre as pesquisas realizadas sobre o Pantanal incluem:

- Realização de palestras de conscientização sobre a importância da divulgação científica para os pesquisadores - organizadas pelas assessorias - de modo a reforçar a importância de levarem seu conhecimento ao público e de valorizar tais iniciativas. Em tais palestras os assessores devem apresentar os serviços prestados pelos núcleos de comunicação e poderiam incentivar os pesquisadores a contemplarem, na medida do possível, profissionais de comunicação em seus projetos;
- Incentivo por partes das universidades aos jornalistas das assessorias para que estes tenham condições de buscar ou aperfeiçoar suas capacitações/experiências formativas relacionadas à divulgação científica;
- Promoção de capacitações formativas no âmbito do Jornalismo especializado em Ciência e/ou Meio Ambiente - e de modo particular sobre o Pantanal - organizadas pela universidade para estudantes e profissionais de comunicação, ou interessados de modo geral pela área;
- Oferecimento mais ativo de pautas e/ou notícias produzidas pela própria assessoria ainda que nos moldes do Enfoque Clássico do Jornalismo Científico, para a mídia externa;
- Desenvolvimento de séries de reportagens especiais sobre o Pantanal utilizando-se do próprio banco de dados da universidade em diferentes formatos (impresso/digital/audiovisual);
- Manutenção de projetos como o “Mídia Ciência” (Fundect/UEMS) e criação de novos projetos ou programas semelhantes que se proponham a integralizar ações de comunicação entre as instituições de pesquisa de Mato Grosso do Sul.

Salienta-se que esta pesquisa não esgota o assunto em questão. Um fator de grande relevância notado durante o desenvolvimento desta pesquisa, por exemplo, foi o impacto nas rotinas produtivas e crescimento do uso das redes sociais no trabalho das assessorias. Justifica-se que o assunto não foi abordado em profundidade por não ser o foco do trabalho, mas que pretendemos tratar futuramente em artigos e pesquisas que desdobrem da presente dissertação.

Um levantamento apresentado por Teixeira (2014), sobre a presença de Instituições de Ensino Superior (IES) na plataforma Facebook, conclui que apesar de haver um crescimento em visibilidade com relação a essas fanpages institucionais, quando se olha para critérios de engajamento, conversação e retenção de usuários nas páginas os resultados

são insuficientes. Neste ponto caberia traçar um estudo personalizado das páginas das respectivas instituições mencionadas para verificar se esse padrão se repete, visto que é bastante recente a reformulação de suas atuações na rede social. O desafio de adaptar a linguagem hermética do discurso científico, que já é enorme para os meios de comunicação tradicionais e ainda maior para a estética das redes, também nos leva a questionar até que ponto essa estética narrativa pode ser considerada divulgação científica?

Também sugerimos que novas pesquisas sobre os conteúdos veiculados pelas diferentes mídias trabalhadas pelas assessorias (rádio, redes sociais, TV universitária, etc.) sejam mais detalhadamente estudados, assim como sejam desenvolvidos estudos sobre análise de discurso sobre o Pantanal nos jornais locais e nacionais e estudos sobre a recepção dessas notícias pela audiência.

Por fim enfatizamos que apesar de não desempenharem um papel eficiente na construção de um saber científico sobre o Pantanal para o público na atualidade, fica claro o papel das universidades na produção e divulgação de pesquisas sobre o bioma. Reiteramos assim a importância da visão estratégica da comunicação na divulgação do conhecimento científico em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDON, M. M.; SILVA, J. S. V.; SOUZA, Í. M.; ROMON, V. T.; RAMPAZZO, J.; FERRARI, D. L. **Análise do desmatamento no bioma Pantanal até o ano 2002**. In: SIMPÓSIO DE GEOTECNOLOGIAS NO PANTANAL, 1. (GEOPANTANAL), 2006, Campo Grande. Anais. Campinas: Embrapa Informática Agropecuária; São José dos Campos: INPE, 2006.

ABREU, Mírian Santini de. **Desenvolvimento sustentável, jornalismo insustentável**. In: *Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável*. Orgs. VICTOR, Cilene; CALDAS, Graça; BORTOLIERO, Simone. ABCJ/FAPEMIG. São Paulo: All Print Editora, 2009.

ALBUQUERQUE, Antonio Carlos. **O socioambientalismo na perspectiva da sociedade civil latino-americana**: algumas considerações. In *A questão ambiental na América Latina: teoria social e interdisciplinaridade*. Org. FERREIRA, Leila da Costa. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2014.

ALMEIDA JR., Nalvo Franco de. Entrevista concedida à Luana Rodrigues Campos via e-mail. Campo Grande - MS, 23 de abril de 2018.

ALMEIDA, Noslin de Paula. **Segmentação do Turismo no Pantanal sul-mato-grossense**. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Campo Grande - MS, 2002.

ALVES, Vicente Rosa. **Estado e ONGs na promoção do desenvolvimento sustentável**: uma análise da parceria entre o Ministério do Meio Ambiente e as ONGs na gestão do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA): 1989-2001. [201]f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2004.

ARAÚJO, Francisco Ubiracy de. **Política Nacional do Meio Ambiente**. In: *Economia, meio ambiente e comunicação*. Orgs. NASCIMENTO, Elimar e VIANNA, João Nildo. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BARCELOS, Eduardo Álvares; BERRIEL, Maycon Cardoso. **Práticas institucionais e grupos de interesse**: a geograficidade da bancada ruralista e as estratégias hegemônicas no parlamento brasileiro. Anais do XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, São Paulo, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora 70, 2004.

BARICHELLO, Eugenia Mariano; CARVALHO, Luciana. **O Twitter como médium-ambiência macluhiano**: o processo de apropriação dos interagentes na mídia social digital. In: VIZER, Eduardo (org.). *Lo que MC Luhan no previó*. Buenos Aires: Ed. La Crujita, 2012.

BATISTA, S. G; GARCIA, P. A.; SANTOS, L. M.; DE PAULA, A. **Análise cienciométrica de produções científicas sobre serapilheira no Brasil**. Revista Sodebras – Volume 11. N° 128 – Agosto/2016.

BELMONTE, Roberto Villar. **Cidades em Mutação:** menos catástrofes e mais ecojornalismo. *In:* VILAS BOAS, Sergio. Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004. P. 15-48. Coleção Formação & Informação.

_____. **Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro.** Revista Brasileira de História da Mídia, VOL. 6, Nº 2, jul./dez. 2017.

BITTENCOURT, Larissa Arianne; DE PAULA, Alessandro. **Análise cienciométrica de produção científica em Unidades de Conservação Federais do Brasil.** Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.8, N.14; 2012.

BORTOLIERO, Simone. **O papel das universidades na promoção da cultura científica:** formando jornalistas científicos e divulgadores da ciência. *In* Difusão e Cultura Científica: alguns recortes. Org. PORTO, Cristiane de Magalhães. Salvador: EDUFBA, 2009.

BORTOLOTTI, Ieda Maria. Entrevista concedida à Luana Rodrigues Campos. Campo Grande - MS, 21 de março de 2018.

BRASIL. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. **Percepção pública da ciência e tecnologia 2015 - Ciência e tecnologia no olhar dos brasileiros.** Sumário executivo. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2015.

_____. **Constituição (1988).** Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.

_____. **Lei 12.651, de 25 de maio de 2012.** Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa; e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2012.

_____. **Lei 7.803, de 18 de julho de 1989.** Altera a redação da Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 1989.

_____. **Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981.** Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências.

_____. Ministério da Ciência e Tecnologia. **Livro Azul da 4ª Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável.** Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia/ Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2010.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **2ª Atualização das Áreas Prioritárias para Conservação da Biodiversidade 2016/2018 – Cerrado e Pantanal.** Brasília, 2016.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **O que o brasileiro pensa do meio ambiente e do consumo sustentável:** Pesquisa nacional de opinião: principais resultados. Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Rio de Janeiro: Overview, 2012.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Reserva da Biosfera.** Ministério do Meio Ambiente. Online, s/d. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/areas-protegidas/instrumentos-de-gestao/reserva-da-biosfera>. Acesso em: 20/12/2017.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Reserva da Biosfera**. Ministério do Meio Ambiente. Online, s/d. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biomas/caatinga/reserva-da-biosfera>. Acesso em: 15/12/2017.

BRAUN, Adriano. **A compreensão do art. 10 do Novo Código Florestal à luz do Marco Jurídico-constitucional Socioambiental**: caminhos hermenêuticos para uma gestão sustentável do Pantanal Mato-grossense. *In* Pantanal Legal: A tutela jurídica das áreas úmidas e do Pantanal Mato-grossense. Orgs. IRIGARAY, C. T.; BRAUN, A; IRIGARAY, M. Cuiabá-MT: EdUFMT; Carlini & Caniato Editorial, 2017.

BRUM, Eron. **O Pesquisador, a Mídia e o Pantanal**. *In* A mídia do Pantanal. Orgs. BRUM, Eron; FRIAS, Regina. Ed. Uniderp. Campo Grande – MS, 2001.

BRUM, Eron; LINHARES, Gladis. **Mídia e Pantanal**: o Jornalismo distante do ambiente. Anais do XXIX Congresso Brasileiros de Ciências da Comunicação – INTERCOM. 2006. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1209-1.pdf. Acesso em: 02/02/2017.

BUENO, Wilson da Costa. **Avaliando o Relacionamento com a Mídia e nas Redes Sociais**: Assessoria de Imprensa e Auditoria de Imagem. *In*: Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia. Org. DUARTE, Jorge. 3. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Comunicação científica e divulgação científica**: aproximações e rupturas conceituais. Revista Informação & Informação. Número Especial - Comunicação Científica: Complexidade e Multifacetadas. Londrina, v. 15, 2010.

_____. **Comunicação Empresarial**: teoria e prática. Barueri: Manole, 2003.

_____. **Comunicação, jornalismo e sustentabilidade**: apontamentos críticos in Comunicação empresarial e sustentabilidade. BUENO, Wilson da Costa, org. Série Comunicação Empresarial. Barueri, São Paulo: Manole, 2015.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico**: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

BURSZTYN, Maria Augusta; BURSZTYN, Marcel. **Desenvolvimento sustentável**: biografia de um conceito. *In*: Economia, meio ambiente e comunicação. Orgs. NASCIMENTO, Elimar e VIANNA, João Nildo. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

_____. **Gestão Ambiental no Brasil**: arcabouço institucional e instrumentos. *In*: Economia, meio ambiente e comunicação. Orgs. NASCIMENTO, Elimar e VIANNA, João Nildo. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

CALDAS, Graça. **Divulgação científica e relações de poder**. Revista Informação & Informação. Número Especial - Comunicação Científica: Complexidade e Multifacetadas. Londrina, v. 15, 2010.

_____. **Mídia, meio ambiente e mobilização social**. *In* Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável. Orgs. VICTOR, Cilene; CALDAS, Graça; BORTOLIERO, Simone. ABJC/FAPEMIG. São Paulo: All Print Editora, 2009.

_____. **O papel do jornalismo científico.** *In* Produção e Circulação do Conhecimento: Política, Ciência, Divulgação. Org. GUIMARÃES, Eduardo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2003.

CALHEIROS, Débora. **Usinas Hidrelétricas: Ameaça à conservação do Pantanal.** Revista Ciência Pantanal. N° 1 – Vol. 1 – 2014.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** São Paulo, SP: Cultrix, 1996. 256 p.

CATELLA, A. C.; CAMPOS, F. L. de R.; ALBUQUERQUE, S. P. **Sistema de controle da pesca de Mato Grosso do Sul SCPESCA/MS 22 - 2015.** Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento 128. Corumbá: Embrapa Pantanal; Campo Grande, MS: SEMADE: IMASUL, 2016.

CATONIO, Angela Cristina Dias. **Nas trilhas do Pantanal.** *In* A mídia do Pantanal. Orgs. BRUM, Eron; FRIAS, Regina. Ed. Uniderp. Campo Grande – MS, 2001.

CHIARAVALLOTI, Rafael Moraes. **Pantanal, um lugar intocado? Conflitos relacionados à conservação do Pantanal.** Ambiente & Sociedade. São Paulo v. XIX, n. 2, p. 311-318, abr-jun/2016.

CNI. Confederação Nacional da Indústria. **Pesquisa CNI – IBOPE: retratos da sociedade brasileira: meio ambiente – dezembro 2010.** Brasília: CNI, 2010.

_____. Confederação Nacional da Indústria. **Pesquisa CNI-IBOPE: retratos da sociedade brasileira: meio ambiente - maio 2012.** Brasília: CNI, 2012.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Relatório Brundtland - Nosso Futuro Comum.** Editora da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1988.

CORAZZA, Rosana Icassatti; FRACALANZA, Paulo Sérgio; BONACELLI, Maria Beatriz. **Visões da escassez: uma interpretação do debate entre cientistas naturais e economistas no renascimento do ambientalismo.** Revista CTS, nº 29, vol. 10, Maio de 2015 (pág. 91-127).

CORTASSA, Carina. **Universidad pública y apropiación social del conocimiento: la renovación del compromiso reformista.** Revista +E versión en línea, 7(7), 68-83. Santa Fe, Argentina: Ediciones UNL, 2017.

CORTASSA, Carina; ANDRÉS, Gonzalo; WURSTEN, Andrés. **Comunicar la ciencia: escenarios y prácticas.** Memorias del V Congreso Internacional de Comunicación Pública de la Ciencias y la Tecnología. Orgs. CORTASSA, Carina; ANDRÉS, Gonzalo; WURSTEN, Andrés. - 1a ed. - Paraná : Universidad Nacional de Entre Ríos. UNER, 2017.

COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII.** Estação Liberdade: Kosmos. São Paulo, 1999.

CRESPO, Samyra. **Uma visão sobre a evolução da consciência ambiental no Brasil nos anos 1990.** *In* Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas

suas áreas de conhecimento. Org. TRIGUEIRO, André. 4 ed - Campinas, SP; Armazém do Ipê (Autores Associados), 2005.

CUNHA, Catia; JUNK, Wolfgang. **O que é uma área úmida?** In CUNHA, Catia; ARRUDA, Erica; JUNK, Wolfgang (orgs.). Marcos Referenciais para a Lei Federal do Pantanal e gestão de outras áreas úmidas. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, EdUFMT, 2017.

CUNHA, Catia; JUNK, Wolfgang; DUARTE, Telmize. **Reconhecimento e apreciação da classificação dos macrohabitats do Pantanal mato-grossense por pantaneiros de Poconé – MT.** In CUNHA, Catia; ARRUDA, Erica; JUNK, Wolfgang (orgs.). Marcos Referenciais para a Lei Federal do Pantanal e gestão de outras áreas úmidas. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, EdUFMT, 2017.

CUNHA, Cyntia Leocádio. **Pantanal Mato-grossense: um patrimônio nacional à margem da lei.** In Pantanal Legal: A tutela jurídica das áreas úmidas e do Pantanal Mato-grossense. Orgs. IRIGARAY, C. T.; BRAUN, A; IRIGARAY, M. Cuiabá-MT: EdUFMT; Carlini & Caniato Editorial, 2017.

CURVELLO, João José Azevedo. **Legitimação das Assessorias de Comunicação nas Organizações.** In: Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia. Org. DUARTE, Jorge. 3. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

DE LIMA, D.; DE CARVALHO, D. A.; DE MORAIS, R. J.; GONÇALVES, Tatiel Venâncio; PRADO, V. H. **Levantamento cienciométrico do uso de sensoriamento remoto nas análises que envolvem os impactos ambientais na vegetação brasileira.** Anais do Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG (CEPE) – Inovação: Inclusão Social e Direitos. Pirenópolis (GO). 2016.

DIAS, Felipe. **O Pantanal precisa de um marco legal para sua proteção.** Época. 18/04/17. Disponível em: <http://epoca.globo.com/ciencia-e-meio-ambiente/blog-do-planeta/noticia/2017/04/o-pantanal-precisa-de-um-marco-legal-para-sua-protacao.html>. Acesso em: 10/09/2017.

DOS ANJOS, Mayara Abadia Delfino. **Comunicação Pública da Ciência no Ensino Superior: diagnóstico preliminar e proposições sobre a divulgação científica na Universidade Federal de Uberlândia.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Uberlândia – MG, 2015.

DUARTE, Jorge. **Assessoria de Imprensa no Brasil.** In: Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia. Org. DUARTE, Jorge. 3. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Entrevista em profundidade.** In Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. Orgs. DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. 2. ed – São Paulo: Atlas, 2008.

ECOIA. **Represas na Bacia do Alto rio Paraguai: um desastre anunciado.** ECOIA – Ecologia e Ação. 20/05/2017. Disponível em: <http://ecoia.org.br/represas-na-bap-um-desastre-anunciado/#marker157>. Acesso em: 21/05/2017.

EPSTEIN, Isaac. **Comunicação da Ciência:** rumo a uma teoria da divulgação científica. Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas (Organicom). São Paulo, ano 9, n° 16/17, p. 18-38, 2012.

FARIA, Alcides. **Paraná-Paraguai em risco.** Revista Ciência Pantanal. Vol. 02. N° 1. 2016. p. 46-47.

FARIA, Alcides; NICOLA, Rafaela. **Pantanal.** In: Ministério da Cultura; Instituto Sócio Ambiental. (Org.). Almanaque Brasil Sócio Ambiental. São Paulo: Instituto Socioambiental Editora, p. 177-194, 2007.

FARIA, Amando Medeiros de. **Imprensa e Organizações.** In: Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia. Org. DUARTE, Jorge. 3. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

FERRARI, Marcele Correia. **Comunicação Ambiental e Democracia Digital:** As consultas públicas do Ministério do Meio Ambiente e do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos para a Rio+20. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo. Campinas, SP. 2004.

FERREIRA, Leila da Costa. **Estado e ecologia:** novos dilemas e desafios: a política ambiental no Estado de São Paulo. [289]f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 1992.

FERREIRA, Marta. Entrevista concedida à Luana Rodrigues Campos via e-mail. Campo Grande - MS, 30 de maio de 2018.

FIORAVANTI, Carlos Henrique. **Um enfoque mais amplo para o Jornalismo Científico.** Intercom – RBCC. São Paulo, v.36, n.2, p. 315-332, jul./dez. 2013.

FORTUNA, Fernanda França. **Perfil do Ciberjornalismo em Mato Grosso do Sul:** Mapeamento e avaliação dos portais noticiosos. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Campo Grande – MS, 2014.

FRANCO, Melina Paixão. **A Comunicação Pública da Ciência:** As Pesquisas da UFU e o jornal Correio de Uberlândia. Revista Horizonte Científico, vol 8, N° 1, jul/2014.

FUNDEP; ANDI. **Ciência, Tecnologia e Inovação na Mídia Brasileira:** Conhecimento gera desenvolvimento. Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa; Universidade Federal de Minas Gerais e Agência de Notícias dos Direitos da Infância. 2009.

GALOPIN, Gilberto. **Sostenibilidad y desarrollo Sostenible:** un enfoque Sistémico. Série Medio Ambiente y Desarrollo n° 64, División de Desarrollo Sostenible y Asentamientos Humanos, CEPAL, Santiago de Chile, 2003.

GARCIA, Ricardo. **Sobre a Terra:** Um guia para quem lê e escreve sobre ambiente. Lisboa: Público, 2006.

GARROTI, Carina Pascotto. **Semana Nacional de Ciência e Tecnologia no Brasil: avanços e desafios**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo. Campinas, SP, 2014.

GUIMARÃES, Paula Vitorino. **Adolescentes em conflito com a lei**: Análise de conteúdo dos jornais on-line Campo Grande News e Midiamax. Dissertação de Mestrado. Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Campo Grande – MS, 2017.

GUIMARÃES, Roberto. **Política, o elo perdido na interação ciência-políticas públicas**. In A questão ambiental na América Latina: teoria social e interdisciplinaridade. Org. FERREIRA, Leila da Costa. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2014.

GUIMARÃES, Roberto; BEZERRA, Joana. **Novas questões ou velhos problemas: A posição do Brasil na agenda internacional do meio ambiente**. In A questão ambiental na América Latina: teoria social e interdisciplinaridade. Org. FERREIRA, Leila da Costa. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2014.

HARRIS, MB.; TOMAS, W.; MOURÃO, G.; SILVA, CJ.; GUIMARÃES, E.; SONODA, F.; FACHIM, E. **Desafios para proteger o Pantanal brasileiro**: ameaças e iniciativas em conservação. Megadiversidade. Vol 1, nº 1, Julho/2005.

HAYD, Liliam. Entrevista concedida à Luana Rodrigues Campos via e-mail. Campo Grande - MS, 28 de janeiro de 2018.

HERNANDO, Manuel Calvo. **La divulgación científica en el nuevo milenio**. Revista Encuentros Multidisciplinares, nº 11 Mayo-Agosto, 2002.

HERRERA, Almícar; SCOLNICK, Hugo; CHICHILNISKY, Gabriela; GALLOPIN, Gilberto; HARDOY, Jorge; MOSOVICH, Diana; OTEIZA, Enrique; BREST, Gilda; SUÁREZ, Carlos; TALAVERA, Luis. **¿Catastrofe o Nueva Sociedad? Modelo Mundial Latinoamericano – 30 años después**. Ottawa-Buenos Aires, IDRC-IIED, 2004.

HOEFFEL, João Luiz; REIS, Jussara Christina. **O conceito de sustentabilidade na teoria social latino-americana**: uma análise preliminar. In A questão ambiental na América Latina: teoria social e interdisciplinaridade. Org. FERREIRA, Leila da Costa. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2014.

IBOPE INTELIGÊNCIA; WWF-Brasil. **Pesquisa Pantanal**. Online, 2013. Disponível em: https://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/pesquisa_ibope_pantanal.pdf. Acesso em: 12/10/2017.

IRIGARAY, C. T.; SILVA, C. J.; CUNHA, C. N.; CALHEIROS, D. F.; GIRARD, P.; JUNK, W. J. **Contribuição técnico-científica ao aprimoramento do marco regulatório visando à proteção do Pantanal Mato-grossense**. In Pantanal Legal: A tutela jurídica das áreas úmidas e do Pantanal Mato-grossense. Orgs. IRIGARAY, C. T.; BRAUN, A; IRIGARAY, M. Cuiabá-MT: EdUFMT; Carlini & Caniato Editorial, 2017.

IRIGARAY, Carlos Teodoro. **Áreas úmidas especialmente “des” protegidas no direito Brasileiro:** o caso do Pantanal mato-grossense e os desafios e perspectivas para sua conservação. *Revista de Estudos Sociais*, v. 17, n. 34, p. 203-225, 2015.

_____. **Impacto da Produção Insustentável sobre os Recursos Hídricos:** o Pantanal Mato-grossense a Margem da Lei. Seminário Conservação do Bioma Pantanal: Políticas Públicas e Manejo Sustentável. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP). São Paulo - Junho/2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L1pg3mi1kwM&t=34s>. Acesso em: 06/01/2018

IVANISSEVICH, Alicia. **A mídia como intérprete:** como popularizar a ciência com responsabilidade e sem sensacionalismo. *In* Formação e Informação Científica: Jornalismo para iniciados e leigos. Org. BOAS, Sergio Vilas. São Paulo: Summus, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** 2. ed. São Paulo, SP: ALEPH, 2009. 428 p., il. ISBN 9788576570844 (broch.).

JUNK, Wolfgang. **Ecoturismo:** uma opção de manejo sustentável para o Pantanal. *In* Pantanal Legal: A tutela jurídica das áreas úmidas e do Pantanal Mato-grossense. Orgs. IRIGARAY, C. T.; BRAUN, A; IRIGARAY, M. Cuiabá-MT: EdUFMT; Carlini & Caniato Editorial, 2017.

JUNK, Wolfgang; CUNHA, Catia. **A importância de bases científicas para uma Lei Federal do Pantanal e de outras áreas úmidas.** *In* CUNHA, Catia; ARRUDA, Erica; JUNK, Wolfgang (orgs.). Marcos Referenciais para a Lei Federal do Pantanal e gestão de outras áreas úmidas. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, EdUFMT, 2017.

LEITE, Mário César Silva. **Águas Encantadas De Chacororé :** Natureza, Cultura, Paisagens E Mitos Do Pantanal. Cuiaba, MT : Cathedral Unicen, 2003.

LEVY, Clayton. **O Desenvolvimento Sustentável no Jornal da Ciência.** *In* Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável. Orgs. VICTOR, Cilene; CALDAS, Graça; BORTOLIERO, Simone. ABJC/FAPEMIG. São Paulo: All Print Editora, 2009.

LIMA, Eliana de Souza. **Gestão da Comunicação e Gestão do Conhecimento em C&T:** A Embrapa Meio Ambiente. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo – Curso de Pós-Graduação em Comunicação Social. São Bernardo do Campo, 2004.

LIMA, Gustavo. **O discurso da sustentabilidade e suas implicações para a educação.** *Ambiente & Sociedade*, Ambiente & Sociedade, 6 (2), 99-119, 2003.

LIMA, Leila Cristina; CALDAS, Graça. **Comunicação Pública da Ciência e a FAPESP.** *Revista do XVI Seminário de Teses em Andamento – SETA.* Vol. 5, 2011.

LIMA, Silvânia Cássia de. **A Comunicação na UFG e a Assessoria de Comunicação.** Dissertação de Mestrado. Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás – UFG. Goiânia – GO, 2011.

LORDÉLO, Fernanda Silva; PORTO, Cristiane de Magalhães. **Divulgação Científica e Cultura Científica:** conceito e aplicabilidade. *Revista Ciência em Extensão*, v.8, n.1, 2012.

MAIO, Ana Maria Dantas de. **Agroecologia e comunicação:** matérias publicadas a partir do clipping da Embrapa Pantanal. Anais do II Seminário de Agroecologia de Mato Grosso do Sul. Embrapa Agropecuária Oeste, Dourados – MS, 20 e 21 de novembro de 2008.

_____. **Comunicação e representações sociais:** o Pantanal que os brasileiros (des)conhecem. Estudos em Comunicação no5, 217-226. Maio de 2009.

_____. **Comunicação Organizacional em Ambientes Peculiares:** Reflexões sobre diálogos em paisagens mediadas e mediadoras. Contracampo, Niterói, v. 36, n. 03, pp. 199-218, dez. 2017/ mar. 2018.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua:** ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013. 278 p.

MARCHINI, Silvio. **Pantanal:** Opinião pública local sobre meio ambiente e desenvolvimento. Wildlife Conservation Society; Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá; MCT-CNPq; 2003.

MARENGO, Jose A.; ALVES, Lincoln M.; TORRES, Roger R. **Climate Change Scenarios in the Pantanal.** Climate Research; v. 68, n. 2-3, p. 201-213, 2016.

MARQUES, Fabrício. **Gargalo na sala de aula:** Baixo desempenho no aprendizado de ciências prejudica formação de pesquisadores e deixa o país pouco competitivo. Revista Pesquisa Fapesp. Ed. 200. Out/2012.

MARQUES, Luiz. **Capitalismo e colapso ambiental.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015. 642 p.

MARTINEZ, Maria Regina Estevez. **Implantando uma Assessoria de Imprensa.** In: Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia. Org. DUARTE, Jorge. 3. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MASSARANI, Luisa. **Uma cultura científica precisa de cientistas proativos.** Ciência Hoje On-Line - Disponível em: http://www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/3507/n/uma_cultura_cientifica_precisa_de_cientistas_proativos. Acesso em: 23/02/2018.

MAZINI, André Giulliano. **A imprensa a serviço da História:** O cenário de pesquisas em MS sobre história da Imprensa. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Anais do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Campo Grande - MS – 7 a 9/6/2012.

MAZINI, André. Entrevista concedida a Luana Rodrigues Campos. Campo Grande - MS, 22 de maio de 2017.

MIGUEL, Katarini. **Os paradigmas da imprensa na cobertura das políticas ambientais.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. Bauru, 2009.

MIGUEL, Katarini; OLIVEIRA, Camila. **Apontamentos sobre a comunicação em rede de ONGs ambientalistas locais (Pantanal/Mato Grosso do Sul)**. Verso e Reverso, vol. 31, n. 76, janeiro-abril 2017.

MONTEIRO, Graça França. **A notícia institucional**. In: Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia. Org. DUARTE, Jorge. 3. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MORAES, André Steffens; SAMPAIO, Yony; SEIDL, Andrew. **Quanto Vale o Pantanal? A Valoração Ambiental Aplicada ao Bioma Pantanal**. Dados eletrônicos – Corumbá: Embrapa Pantanal, 2009.

MOREIRA, Benedito. **Desafios da Divulgação Científica: os primeiros passos na UFMT**. In Divulgação científica: debates, pesquisas e experiências. Orgs. MOREIRA, Benedito; SILVA, André. Cuiabá: EdUFMT, 2017.

MOREL, Lúcia. Entrevista concedida à Luana Rodrigues Campos via aplicativo WhatsApp. Campo Grande - MS, 1 de maio de 2018.

MOURÃO, Guilherme de Miranda. Entrevista concedida à Luana Rodrigues Campos via e-mail. Campo Grande - MS, 7 de agosto de 2017.

MOUTINHO, Ana Viale; SOUSA, Jorge Pedro. **Assessoria de Imprensa na Europa**. In: Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a Mídia. Org. DUARTE, Jorge. 3. ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

MS, Mato Grosso do Sul. Constituição (1989). Constituição do Estado / Tribunal de Justiça. – Campo Grande: Tribunal de Justiça, 2018.

NASSAR, Paulo. **Conceitos e Processos de Comunicação Organizacional**. In Gestão Estratégica em Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Org. KUNSCH, Margarida. 1. ed. – São Paulo: Difusão Editora, 2008.

NOGUEIRA, Albana Xavier. **O que é Pantanal?** Coleção Primeiros Passos. São Paulo - SP. Editora Brasiliense, 1990.

NOGUEIRA, Maria do Rosário Reis. **Guia de Jornalismo Ambiental**. Trabalho de Conclusão (Mestrado Profissionalizantes em Biologia Urbana) – Centro Universitário Nilton Lins, Manaus, 2008.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2005.

OLIVEIRA, Kênia Teodoro. **O Pantanal na mídia online sul-mato-grossense**. In A mídia do Pantanal. Orgs. BRUM, Eron; FRIAS, Regina. Ed. Uniderp. Campo Grande – MS, 2001.

OLIVEIRA, Márcia; CALHEIROS, Débora; PADOVANI, Carlos. **Mapeamento e Descrição das Áreas de Ocorrência dos Eventos de Decoda no Pantanal**. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento 128. Corumbá: Embrapa Pantanal. 2013.

OLSON, D., E. DINERSTEIN, P. CANEVARI, I. DAVIDSON, G. CASTRO, V. MORISET, R. ABELL & E. TOLEDO. **Freshwater biodiversity of Latin America and the Caribbean:**

a conservation assessment. Biodiversity Support Program, World Wildlife Fund, Washington, D.C. 1998.

PEREIRA, Jorge. **A Divulgação da Ciência no Brasil**. In: A Comunicação Pública da Ciência. Org. SOUSA, Cidoval Morais de; MARQUES, Nuno; SILVEIRA, Tatiana. Taubaté: Cabral Universitária, 2003.

PETRY, Cássio André. **Atuação da bancada ruralista nas votações de projetos relacionados ao Novo Código Florestal Brasileiro durante o Governo Dilma**. Monografia (graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - Departamento de Ciência Política. Porto Alegre, RS. 2013.

PIEIDADE, Maria Teresa; JUNK, Wolfgang; SOUSA JR, Paulo; CUNHA, Catia Nunes da; SCHÖNGART, Jochen; WITTMANN, Florian; CANDOTTI, Ennio; GIRARD, Pierre. **As áreas úmidas no âmbito do Código Florestal brasileiro**. In: Comitê Brasil em Defesa das Florestas e do Desenvolvimento Sustentável (ed.): Código Florestal e a ciência: o que nossos legisladores ainda precisam saber. Sumários executivos de estudos científicos sobre impactos do projeto de Código Florestal. Comitê Brasil, Brasília. 2012.

POTT, Arnildo. Entrevista concedida a Luana Rodrigues Campos. Campo Grande - MS, 10 de outubro de 2017.

RESENDE, Emiko. **A fecundidade vem com a inundação**. Revista Ciência Pantanal. Vol. 03. N° 1. 2017. p. 10-13.

RIBEIRO, Mara Aline. **Entre os ciclos de cheia e vazante a gente do Pantanal produz e revela geografias**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Geociências. Campinas - SP, 2014.

ROCHA, Jessica Norberto. **A Cultura Científica de professores da Educação Básica: a experiência de formação à distância na Universidade Aberta do Brasil - UFMG**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2013.

RODRIGUES FILHO, Lairtes; FRANÇA, Greicy. **A experiência da pesquisa em comunicação ambiental e suas aplicações no estudo e na preservação do Pantanal sul-matogrossense**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Volume 7, N° 2. Julho a Dezembro de 2010.

ROMANINI, Vinicius. **Parem as máquinas! Relações entre tecnologia, informação e desenvolvimento sustentável**. In Formação e Informação Científica: Jornalismo para iniciados e leigos. Org. BOAS, Sergio Vilas. São Paulo: Summus, 2005.

ROMERO, Eduardo. **A contribuição da internet na significação e ressignificação do bioma Pantanal: O caso Hidrovia Paraguai-Paraná**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, Faculdade de Artes, Letras e Comunicação. Campo Grande - MS, 2014.

ROQUE, Fabio; *et al.* **Capital Natural de Mato Grosso do Sul**. Fundação Neotrópica do Brasil. Bonito, MS. 2017. 60 fls.

ROWAN, Katherine. **Effective explanation of uncertain and complex science.** *In* Communicating Uncertainty: Media Coverage of New and Controversial Science. Org. FRIEDMAN, S; DUNWOOD, S; ROGERS, C. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

SACHS, Ignacy. **Rumo à ecossocioeconomia:** teoria e prática do desenvolvimento. Organização de Paulo Freire Vieira. São Paulo, SP: Cortez, 2007. 472 p.

SAMTEN, Padma; CARUSO JR., Vitor. **O Lama e o Economista:** diálogos sobre Budismo, Economia e Ecologia. São Carlos: RiMa, 2004.

SANTOS, Aline dos. **Jornais impressos perdem força, demitem e fracassam nas bancas.** Campo Grande News. 04/04/2017. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/jornais-impressos-perdem-forca-demitem-e-fracassam-nas-bancas>. Acesso em: 03/04/2018.

SANTOS, Fábio Edir dos. Entrevista concedida à Luana Rodrigues Campos. Campo Grande - MS, 13 de março de 2018.

SANTOS, Maitê Tambelini dos; SONODA, Fátima; PEREIRA, Dalini; TOCANTINS, Nely; SILVA, Nuno Rodrigues da; SOUSA, Laércio Machado de; MOURA, Flávia Neri de; KAMINSKI, Nicholas; LOURIVAL, Reinaldo. **A Reserva da Biosfera do Pantanal.** Revista Ciência Pantanal. Vol. 03. N° 1. 2017. p. 48-51.

SCHARF, Regina. **Verde como dinheiro:** Economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo? *In:* VILAS BOAS, Sergio. Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004. P. 49-77. Coleção Formação & Informação.

SILVA FILHO, Lourenço Alves da. **Educação e Política:** apontamentos sobre a história da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (1979 – 1995). Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em História, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Dourados – MS, 2008.

SILVA, André Chaves de Melo. **As relações entre a ciência, o sistema brasileiro de pesquisa e o jornalismo científico.** *In* Divulgação científica: debates, pesquisas e experiências. Orgs. MOREIRA, Benedito; SILVA, André. Cuiabá: EdUFMT, 2017.

SILVA, João Vila da; ABDON, Myrian de Moura. **Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões.** *In* Pesquisa agropecuária brasileira, Brasília, Vol. 3, Número Especial, p. 1703-1711, out-1998.

SILVA, Marcos Paulo da. Entrevista concedida a Luana Rodrigues Campos. Campo Grande - MS, 12 de maio de 2017.

SOS Pantanal. **Atlas da Vegetação e Uso na Bacia do Alto Paraguai – BAP:** Período 2016-2017. Online, 2017. Disponível em: https://www.sospantanal.org.br/wp-content/uploads/2018/05/SOS_BAP_2016_2017_v3.pdf. Acesso em: 20/04/2018.

SOUZA, Paulo Robson de. Entrevista concedida a Luana Rodrigues Campos. Campo Grande - MS, 18 de julho de 2017.

SOUZA, Rachel Gueller. **Educação Ambiental Integrada**. In Contribuições para a Educação Ambiental no Pantanal. Orgs. ROESE, Alexandre Dinnys; CURADO, Fernando Fleury. Corumbá, MS: Embrapa Pantanal, 2005.

SOUZA, Silvano Carmo de.; IRIGARAY, Carlos Teodoro. **A gestão da Bacia do Alto Paraguai**: a participação dos grupos de interesse na formulação do marco legal do Pantanal de Mato de Grosso. In Pantanal Legal: A tutela jurídica das áreas úmidas e do Pantanal Mato-grossense. Orgs. IRIGARAY, C. T.; BRAUN, A; IRIGARAY, M. Cuiabá-MT: EdUFMT; Carlini & Caniato Editorial, 2017.

SPACKI, Vanessa. **Mapeamento de Eventos Naturais Extremos e seus impactos sobre Comunidades Pantaneiras**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPÊ, Escola Superior de Conservação Ambiental e Sustentabilidade – ESCAS. Nazaré Paulista - SP, 2014.

SCWHENGBER, Isabela de Fátima. **Aspectos históricos do jornal Correio do Estado**. Anais do 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho (ALCAR) – Niterói - RJ – 13 a 16/05/2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Aspectos%20historicos%20do%20jornal%20Correio%20do%20Estado.pdf>. Acesso em: 30/11/2017.

TAIT, Márcia Maria. **Elas dizem não!** Mulheres camponesas e resistência aos cultivos transgênicos no Brasil e Argentina. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Instituto de Geociências. Campinas - SP, 2014.

TAVARES, Olga; MASCARENHAS, Alan. **Jornalismo e convergência**: possibilidades transmidiáticas no jornalismo pós-massivo. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v.20, n.1, pp 193-210, janeiro/abril 2013.

TEIXEIRA, Danielle Tavares. **Comunicação e Universidade**: Diretrizes para a divulgação científica no Estado de Mato Grosso. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, Faculdade de Comunicação. São Bernardo do Campo, 2016.

TOMAS, Walfrido; SANTOS, Aparecida. **Fazendas pantaneiras agora sob nova orientação**. Revista Ciência Pantanal. Vol. 02. Nº 1. 2016. p. 48-51.

TRIGUEIRO, André. **Meio Ambiente na Idade Mídia**. In Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Org. TRIGUEIRO, André. 4 ed - Campinas, SP; Armazém do Ipê (Autores Associados), 2005.

UEMS, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. **Plano de Desenvolvimento Institucional (2014-2018)**. *Online*, 2014. Disponível em: http://www.uems.br/assets/uploads/proap/planejamento/1_2018-06-08_15-01-47.pdf. Acesso em: 08/12/2017.

_____. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. **Regimento Geral da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul**. *Online*, 2002. Disponível em: http://www.uems.br/assets/uploads/orgaos_colegiados/1_2014-08-25_12-30-42.pdf. Acesso em: 05/12/2017.

_____. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. **UEMS tem aumento de 141% em recomendações do Guia do Estudante.** Online, 2017. Disponível em: <http://www.uems.br/noticias/detalhes/uems-tem-aumento-de-141-em-recomendacoes-do-guia-do-estudante-151449>. Acesso em: 30/12/2017.

UFMS, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. **Base de Estudos do Pantanal: Histórico.** Online, s/d. Disponível em: <https://propp.ufms.br/coordenadorias/base-de-estudos-do-pantanal/historico/>. Acesso em: 08/03/2018.

_____. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. **Manual de Competências.** Online, s/d. Disponível em: <https://www.ufms.br/wp-content/uploads/2018/03/Manual-de-Compet%C3%Aancia-UFMS-2018.pdf>. Acesso em: 08/03/2018.

_____. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. **Regimento geral da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.** Online, 2011. Disponível em: https://www.ufms.br/wp-content/uploads/2017/08/78_2011-Regimento-com-altera%C3%A7%C3%B5es.pdf. Acesso em: 08/03/2018.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). **Quem é o jornalista brasileiro?:** Perfil da profissão no país. Online, 2012. Disponível em: <http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>. Acesso em: 10/03/2017.

VICTOR, Cilene. **Sustentabilidade:** pauta jornalística ou marketing verde? In *Jornalismo Científico e Desenvolvimento Sustentável*. Orgs. VICTOR, Cilene; CALDAS, Graça; BORTOLIERO, Simone. ABJC/FAPEMIG. São Paulo: All Print Editora, 2009.

VOGT, Carlos. **A Espiral da Cultura Científica.** Revista ComCiência. Julho/2003. Disponível em: <http://www.comciencia.br/dossies-1-72/reportagens/cultura/cultura01.shtml>. Acesso em: 23/02/2018.

VOLPATO, Gilson. **Ciência:** da filosofia a publicação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

WWF. **Infográfico Pantanal:** Reino das Águas. WWF. Online, s/d. Disponível em: http://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/img/original/infografico_pantanal_reino_das_aguas.pdf. Acesso em: 20/10/2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. - Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANATTA, Jacir Alfonso. **Jornal revela realidade escondida no coração do Pantanal.** In *A mídia do Pantanal*. Orgs. BRUM, Eron; FRIAS, Regina. Ed. Uniderp. Campo Grande – MS, 2001.

ANEXOS

Anexo 1. Tabela com Grupos de pesquisa da UFMS cadastradas no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq

Grupos de pesquisa da UFMS no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq				
Nome	Área	Linhas de Pesquisa	Situação do Grupo	Ano de formação
Química de Produtos Naturais da UFMS	Química	1) Avaliação da composição química de plantas de Mato Grosso do Sul; 2) Avaliação da composição química e das propriedades biológicas da própolis ocorrente em Mato Grosso do Sul; 3) Estudo químico de plantas do Pantanal e do Cerrado: Abordagens etnobotânica e randômica na busca de constituintes micromoleculares bioativos; 4) Estudo químico de plantas tóxicas	Excluído	1985
Ciência e Tecnologia de Alimentos da UFMS	Ciência e Tecnologia de Alimentos	1) Caracterização físico-química e química de frutos nativos da região; 2) Estudo de inibidores de enzimas em sementes de plantas: Lectinas e inibidores de tripsina e quimotripsina; 3) Estudo e aproveitamento de matérias-primas regionais; 4) Estudo químico de peixes do pantanal sulmatogrossense; 5) Perfil físico-químico, nutricional e biológicos de produtos apícolas; 6) Processamento e Qualidade de Produtos de Origem Animal	Certificado	1990
Vitória Régia	Ecologia	1) Avaliação, gerenciamento e tratamento de resíduos; 2) Comportamento de primatas do pantanal; 3) Dendrocronologia; 4) Ecologia vegetal; 5) Etnobotânica; 6) Fenologia; 7) Fixação Biológica de Nitrogênio; 8) Limnologia; 9) Microbiologia do solo	Excluído	1994
Eletroquímica e Eletroanalítica do Pantanal	Química	1) Desenvolvimento de Metodologia Eletroanalítica para Determinação de Compostos Orgânicos; 2) Eletrocatalise e Bioeletrocatalise; 3) Instabilidades Dinâmicas em Sistemas Eletroquímicos; 4) Tecnologias de monitoramento e degradação de efluentes industriais e agrícolas	Certificado	1994
Grupo de Pesquisa em Tecnologias Ambientais da UFMS	Engenharia Sanitária	1) Automatização de processos; 2) Avaliação da qualidade de ambientes aquáticos do Estado de Mato Grosso do Sul; 3) Banhados Artificiais; 4) Controle de migração de margens dos rios na BAP; 5) Digestão Anaerobia; 6) Estudos Ambientais; 7) Geotecnologias para aplicações ambientais; 8) Lagoas de Estabilização; 9) Poluição Atmosférica; 10) Poluição de águas subterrâneas; 11) Produção de energia renovável à base de resíduos; 12) Qualidade de água das Bacias dos Rios Bandeira e Segredo; 13) Recursos Hídricos; 14) Sistemas de abastecimento de água; 15) Tratamento de Efluentes Industriais	Certificado	1995
Flora de MS: Alternativas para o uso sustentável	Química	1) Agentes antioxidantes; 2) Alelopatia; 3) Fitoquímica; 4) Pesticidas Naturais; 5) Química de Plantas da Família Euphorbiaceae; 6) Química de Plantas Daninhas; 7) Química de Samambaias	Certificado	1998

Síntese e Transformações de Moléculas Orgânicas Para Emprego Biológico- SINTMOLB	Química	1) Biotransformações e Biocatálise; 2) Ensaio de Atividade Biológica; 3) Estudos em RMN; 4) Modelagem Molecular de Substâncias de Interesse Biológico; 5) Produtos Naturais; 6) Química Medicinal; 7) Síntese Orgânica	Certificado	1998
Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação - GEPPE	Educação	1) Psicologia e prática educativa: cotidiano escolar, aprendizagem, currículo e avaliação; 2) A educação no processo de constituição de sujeitos: o dito nas produções e o feito no cotidiano; 3) Educação, psicologia e prática docente; 4) Formação, identidade e produção do conhecimento em psicologia e educação; 5) Levantamento da produção bibliográfica do pensamento de Vygotsky no Brasil de 1990 a 2007; 6) O estudante universitário do curso de psicologia da ufms/ cchs: escolha, concepções, representações e expectativas; 7) Presença das tecnologias contemporâneas no fazer cotidiano e na educação dos sujeitos que vivem no Pantanal; 8) Psicologia e processos educativos; 9) Tropeiros - matula- quá: a constituição de sujeitos que vivem na região pantaneira em espaços educativos	Certificado	1999
Grupo de Pesquisas Limnológicas no Pantanal - LIMNOPAN	Ecologia	1) Estatística aplicada; 2) Geoarqueologia; 3) Limnologia Ecologia de Populações; 4) Limnologia física e química; 5) Paleocologia do Quaternário; 6) Paleolimnologia; 7) Taxonomia e ecologia de zooplâncton (Cladocera, Branchiopoda); 8) Taxonomia e ecologia de zooplâncton (Copepoda); 9) Taxonomia e ecologia do fitoplâncton	Certificado	2000
Promea_Biology-Conservation	Zootecnia	1) Administração; 2) Biologia Animal; 3) Biotecnologia; 4) Etologia e Comportamento Animal; 5) Geomorfologia do Pantanal; 6) Melhoramento Animal; 7) Nutrição, Manejo e Produção animal; 8) Zootecnia e conservação	Certificado	2000
Estudo Multidisciplinar da Flora de Mato Grosso do Sul	Botânica	1) Anatomia Vegetal; 2) Conservação de polinizadores; 3) Ecologia da Paisagem; 4) Ecologia da polinização, reprodução e fenologia de plantas; 5) Ecologia Vegetal; 6) Estudos morfoanatômicos das adaptações; 7) Etnobotânica; 8) Fisiologia Vegetal; 9) Fitossociologia; 10) Florística; 11) Mecanismos de defesa de plantas e bioprospecção de substâncias ativas; 12) Plantas medicinais; 13) Restauração Ecológica; 14) Taxonomia de Angiospermas; 15) Taxonomia de fungos liquenizados	Certificado	2000
Geografia do Pantanal	Geociências	1) Climatologia e Impactos Climáticos no Pantanal e no Planalto de Maracaju; 2) Funcionamento Hídrico, Físico e Biogeoquímico das Águas; 3) Lagoas e Salinas do Pantanal da Nhecolândia	Excluído	2004

Ciências Farmacêuticas	Farmácia	1) A biodiversidade do pantanal e cerrado e suas relações e aplicações na saúde; 2) Atenção à Saúde integral da criança do adolescente e da gestante; 3) Avaliação de Atividade Farmacológica em Cultura de Células; 4) Avaliação de mecanismos de ação de compostos antineoplásicos; 5) Desenvolvimento de novos sistemas de liberação de fármacos; 6) Desenvolvimento e validação de métodos analíticos aplicados no controle de qualidade de fármacos e medicamentos; 7) Doenças emergentes, reemergentes e negligenciadas na Região Centro-Oeste: aspectos sócio-culturais ecoambientais, epidemiológicos e clínicos; 8) Estudo bioquímico de populações; 9) Estudos de utilização de medicamentos; 10) Farmácia Hospitalar e Farmácia Clínica	Certificado	2005
Pantanal Vivo	Geociências	1) Desenvolvimento, ordenamento territorial e fronteira; 2) Educação e Geografia; 3) Geocartografia; 4) Geomorfologia	Excluído	2006
Parasitologia Animal	Parasitologia	1) Diagnóstico, Patogenia, epidemiologia e controle de parasitas; 2) Ecologia de parasitas; 3) Isolamento e caracterização de antígenos para diagnóstico e controle de parasitas; 4) Resistência de parasitas aos anti-helmínticos; 5) Taxonomia e filogenia molecular de parasitas de animais	Certificado	2006
Pantanal Sul, Ambiente e Organização do Território	Geografia	1) Desenvolvimento, Ambiente e Território; 2) Desenvolvimento, Técnica e Organização do Espaço Rural e Regional; 3) Dinâmicas Ambientais; 4) Dinâmicas Territoriais do Rural e do Urbano	Certificado	2008
Arqueologia do Pantanal	Arqueologia	1) Arqueologia nas grandes lagoas da borda oeste do Pantanal; 2) Etno-história do Pantanal	Certificado	2008
Estudo de flebotomíneos do cerrado Pantanal	Parasitologia	1) Ecologia de Phlebotominae; 2) Genética de populações; 3) Geotecnologias aplicadas ao estudo de flebotomíneos; 4) Sistemática e taxonomia de flebotomíneos	Certificado	2009
GePPan - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física do Pantanal	Educação Física	1) Educação Física, Atividade Física e Promoção da Saúde; 2) Educação Física, Ensino e Escola; 3) Educação Física, Esporte e Lazer	Em preenchimento	2010
História natural e ecologia de vertebrados em ambientes naturais e antrópicos	Ecologia	1) Ecologia de comunidades; 2) História Natural de Mamíferos Neotropicais; 3) História natural e ecologia de anfíbios e répteis; 4) História natural e ecologia de aves; 5) História natural e ecologia de morcegos; 6) Taxonomia de Mammalia; 7) Taxonomia de Serpentes Neotropicais	Certificado	2010
Sismologia e Geodinâmica do Pantanal Mato-Grossense	Geociências	1) Geofísica aplicada a estudos sismológicos; 2) Geologia do Quaternário	Certificado	2011

GPS - Grupo Pantanal de Pesquisa e Desenvolvimento de Sistemas	Ciência da Computação	1) Bioinformática; 2) Criatividade, Inovação em micro e pequenas empresas e Empreendedorismo; 3) Desenvolvimento e Avaliação de Sistemas de Informação; 4) Estatística Aplicada; 5) Implementação e Experimentação Algorítmica ; 6) Informática na Educação; 7) Robótica e Automação Aplicada	Em preenchimento	2011
LASQUIM - Laboratório de Síntese e Química Medicinal	Farmácia	1) Avaliação da Atividade biológica anti-leishmania e Anti-tripanosoma de produtos naturais e sintéticos; 2) Avaliação da atividade biológica antinociceptiva e anti-inflamatória de novos compostos naturais e sintéticos; 3) Prospecção de produtos naturais do cerrado e do pantanal visando a descoberta de novas moléculas bioativas contra doenças negligenciadas e Espectrometria de massas; 4) Síntese de compostos organocalcogênicos visando a preparação de substâncias bioativas; 5) Síntese e estudo de reações de acoplamento cruzado de compostos vinílicos organometálicos; 6) Síntese e modificação molecular de substância bioativas utilizando ferramentas de Química Medicinal	Certificado	2011
Meio Ambiente e Sustentabilidade do Pantanal	Ecologia	1) Análise ambiental aplicada; 2) Caracterização e conservação do patrimônio biótico	Certificado	2011
Pesquisa em abelhas: biologia, diversidade e genética	Genética	1) A fauna de abelhas no Pantanal sul-matogrossense; 2) Biologia do desenvolvimento de abelhas solitárias e sociais; 3) Diversidade de abelhas Euglossina no Pantanal sul-matogrossense; 4) Diversidade Morfológica e Genética de populações de abelhas do Cerrado e Pantanal	Certificado	2011
Povos do Pantanal: Aspectos linguísticos, discursivos, fronteiriços, culturais e identitários	Linguística	1) Conhecimento tradicional, arte e língua materna; 2) Descrição e Análise de Línguas; 3) Discurso, subjetividade e ensino de línguas; 4) Estudo Lexicográfico de Línguas Indígenas	Excluído	2012
Genética e Evolução de Plantas do Sistema Cerrado-Pantanal-Chaco	Genética	1) Biologia e Genética de Abelhas; 2) Biologia Molecular e Genômica; 3) Ecologia e conservação de ecossistemas vegetais; 4) Fenologia e Biologia Reprodutiva de plantas; 5) Filogeografia e Genética de Populações; 6) Genética, Evolução e Conservação de Plantas; 7) Sistemática Filogenética e filogeografia	Certificado	2013
Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física e Saúde - GEPEFS	Educação Física	1) Estilo de vida em populações de Corumbá, capital do Pantanal-MS	Certificado	2014
LaPNEM - Laboratório de Produtos Naturais e Espectrometria de Massas	Farmácia	1) Avaliação da atividade biológica de extratos e metabólitos secundários; 2) Caracterização química e identificação de compostos bioativos de origem vegetal; 3) Desenvolvimento tecnológico de formulações contendo produtos naturais; 4) Ecologia Química	Certificado	2014
NEPI/PANTANAL - Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Políticas públicas, direitos humanos, gênero, vulnerabilidades e violências	Educação	1) Ciências da Saúde, Saúde Coletiva; 2) Educação; 3) Educação Social, políticas públicas, gênero e violências; 4) Estudos de Jornalismo	Certificado	2014

Estudos Integrados em Biodiversidade do Cerrado e Pantanal	Biologia Geral	1) Biologia aplicada; 2) Ecologia, Manejo e Conservação de Recursos Naturais ; 3) Educação, Biologia e Sociedade	Certificado	2015
Qualidade de Vida e Saúde do Pantaneiro	Saúde Coletiva	1) Linguística Computacional; 2) Padrões do sono e sua correlação com a qualidade de vida na população do Pantanal	Certificado	2016
Grupo de Espectroscopia e Bioinformática Aplicados a Biodiversidade e a Saúde (GEBABS)	Medicina	1) A biodiversidade do pantanal e cerrado e suas relações e aplicações na saúde; 2) Bioinformática Aplicada; 3) Metabolismo Mineral e Nutrição; 4) Radiações e procedimentos físicos diagnósticos e terapêuticos em saúde	Certificado	2016
Núcleo de Estudos Rurais e Ambientais - NERAM	Sociologia	1) Agricultura familiar, etnoconhecimento e etnoconservação na várzea amazônica e no pantanal; 2) Sociedade, Trabalho e Ambiente	Certificado	2017

Anexo 2. Tabela com Grupos de pesquisa da UEMS cadastradas no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq

Grupos de pesquisa da UEMS no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq				
Nome	Área	Linhas de Pesquisa	Situação do Grupo	Ano de formação
Grupo de Estudos em Manejo de Áreas Protegidas, Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável (GEMAP - UEMS)	Ecologia	1) Biologia de organismos aquáticos; 2) Ciência da Informação; 3) Florística e Fitossociologia de Ecossistemas Florestais; 4) Geoparks; 5) Gestão e Manejo de Unidades de Conservação; 6) Manejo florestal; 7) Recursos florestais	Certificado	2002
Grupo de Espectroscopia Óptica e Fototérmica	Física	1) Aplicação de técnicas fototérmicas em sistemas biológicos; 2) Caracterização espectroscópica em espécies vegetais e animais; 3) Estudo das propriedades ópticas e termo-ópticas da matéria condensada	Certificado	2004
Manejo e Utilização de Resíduos em Agrossistemas	Zootecnia	1) Análise de ambientes hídricos no Pantanal Sulmatogrossense; 2) Avaliação da fertilidade do solo e do estado nutricional de plantas; 3) Avaliação de alimentos para animais; 4) Avaliação de recursos hídricos; 5) Biodigestão Anaeróbia; 6) Caracterização e aproveitamento dos dejetos; 7) Dimensionamento e projeto de biodigestores; 8) Economia aplicada ao Agronegócio; 9) Nutrição de monogástricos e impacto ambiental; 10) Qualidade de água na produção aquícola	Certificado	2004
Manejo e Conservação dos Solos do Ecossistema Cerrado-Pantanal	Agronomia	1) Matéria orgânica do solo pedogênese; 2) Morfologia e classificação do solo; 3) Qualidade do solo	Certificado	2006
Ovinocultura no Cerrado-Pantanal	Zootecnia	1) Fisiologia da reprodução de ovinos; 2) Manejo reprodutivo de ovinos; 3) Manejo sanitário de ovinos	Certificado	2007

Carcinologia, Carcinicultura e Organismos Aquáticos para uso Ornamental ou Iscas Vivas do Cerrado e Pantanal	Recursos Pesqueiros e Engenharia de Pesca	1) Biologia e Cultivo de Camarões de Água Doce; 2) Biologia, ecofisiologia e nutrição de larvas de crustáceos decápodos; 3) Cultivo de Organismos Aquáticos para Uso Ornamental; 4) Ecotoxicologia; 5) Genética e melhoramento animal: Experimentação zootécnica; 6) Larvicultura e cultivo de camarão de água doce; 7) Limnologia ; 8) Produção, Comportamento e Bem Estar Animal de Camarões de Água Doce	Certificado	2007
Diversidade aquática do Pantanal	Ecologia	1) Ecologia de Comunidades; 2) Ecologia de Populações; 3) Interação animal-planta	Certificado	2009
Conservação, Produção e Tecnologia dos Recursos Florestais no Estado de Mato Grosso do Sul	Recursos Florestais e Engenharia Florestal	1) Estrutura e dinâmica de florestas naturais e plantações florestais; 2) Avaliação das propriedades da madeira de espécies do Cerrado-Pantanal; 3) Conservação da natureza; 4) Estudos da qualidade da madeira para diversos produtos; 5) Modelagem do crescimento e da produção florestal; 6) Recursos Energéticos Florestais; 7) Tecnologia de Celulose e Papel; 8) Volumetria e biomassa em ecossistemas florestais	Certificado	2014
Horticultura no ecótono Cerrado-Pantanal	Agronomia	1) Caracterização e avaliação de recursos genéticos vegetais; 2) Fitossanidade; 3) Fruticultura; 4) Olericultura; 5) Propagação ; 6) Pós-colheita de Plantas Hortícolas; 7) Sistemas de produção em horticultura	Certificado	2015

Anexo 3. Tabela de projetos da UFMS registrados na plataforma SIGPROJ com a palavra-chave Pantanal

PROJETOS DA UFMS REGISTRADOS NO SIGPROJ COM A PALAVRA-CHAVE PANTANAL (2006-2017)			
CATEGORIA PESQUISA			
	Nome	Ano	Situação
1	Correção geométrica de imagens orbitais do pantanal e entorno com o uso de cenas de controle	2017	Em andamento
2	Desastres Socioambientais do Pantanal	2017	Em andamento
3	Caracterização fisionômica da cobertura vegetal da borda sudeste da bacia do Pantanal no lobo atual do megaleque fluvial do Taboco	2017	Em andamento
4	Disponibilidade em nutrientes, fatores climáticos e funcionamento biogeoquímico no sistema lacustre da Nhecolândia	2017	Em andamento
5	Estudo da distribuição e do ciclo hidrogenoquímico do mercúrio no baixo e médio Pantanal	2017	Em andamento
6	Efeito do pulso de recursos para a ciclagem de nutrientes em formações vegetais de <i>Tabebuia aurea</i>	2016	Em andamento
7	Dinâmica hidrossedimentológica e processos de inundação do rio taquari, Pantanal mato-grossense	2016	Em andamento
8	Sucesso reprodutivo de plantas na presença de um predador generalista de visitantes florais	2016	Em andamento
9	Tratamento de resíduos agroquímicos por processos eletroquímicos de oxidação avançada em planta pré-piloto utilizando energia solar	2016	Em andamento
10	Filogeografia dos lagartos <i>Cnemidophorus</i> do grupo ocellifer da diagonal de biomas abertos da América do Sul	2016	Em andamento
11	Avaliação de metais potencialmente tóxicos nas águas e pescados da região do Pantanal Sul-matogrossense	2016	Em andamento

12	Prática Jurídica, Fronteira, Comunidades Tradicionais e Direitos Humanos - Análise das ações do Estado frente ao reconhecimento, fortalecimento, valorização e garantias das Comunidades Tradicionais do Pantanal/MS	2016	Em andamento
13	Diagnóstico Ambiental das Nascentes da Bacia Hidrográfica do Alto Paraguai - BAP	2016	Em andamento
14	Cartografia do risco de incêndios florestais no Pantanal da Nhecolândia, MS	2016	Em andamento
15	Efeito da inundação e temperatura na germinação e formação de plântulas de Ipomoea carnea (Convolvulaceae)	2016	Não realizada
16	Interações parasitárias relacionadas à cadeia alimentar, nas condições do Pantanal	2016	Em andamento
17	Estudo da distribuição e do ciclo hidrogenoquímico do mercúrio no baixo pantanal	2016	Em andamento
18	Análise microclimática estacional no entorno de lagoas no Pantanal da Nhecolândia: estudo de caso de uma lagoa salitrada	2015	Concluída
19	Estudo da ficoflora de uma baía da área da fazenda Firme, do Pantanal da Nhecolândia, MS, Brasil	2015	Concluída
20	A pecuária de corte no Mato Grosso do Sul - Territórios e Territorialidades	2015	Concluída
21	Estudo do potencial de metilação do mercúrio e sua interação entre as substâncias húmicas extraídas do sedimento das baías do baixo e médio Pantanal, rio Paraguai-MS	2015	Em andamento
22	Detecção de mudanças e modelagem preditiva do uso da terra e cobertura vegetal do Pantanal de Aquidauana, MS	2015	Concluída
23	Relações entre variáveis ambientais e macroinvertebrados bentônicos de ambientes lênticos em uma bacia hidrográfica	2015	Concluída
24	Variação da abundância de Physalaemus biligonigerus (Amphibia: Anura) sob influência da estrutura do ambiente e paisagem	2015	Concluída
25	Variação temporal na comunidade de metazoários parasitos de Triportheus nematurus (Characiformes: Characidae) capturados na Baía da Medalha, Pantanal de Mato Grosso do Sul	2015	Concluída
26	Crescimento inicial de espécies madeireiras nativas plantadas em consórcio com leguminosa e inoculadas com bactérias promotoras de crescimento, na região do Pantanal sul-mato-grossense	2015	Concluída
27	O cotidiano do trabalho de homens e mulheres na atividade turística no Pantanal/MS	2015	Concluída
28	Produção primária do fitoplâncton e a influência das principais variáveis limnológicas em lagoas marginais do Rio Aquidauana, com diferentes pressões de ocupação antrópica	2015	Concluída
29	Estudo das Comunidades de Macroinvertebrados Bentônicos em lagoas marginais ao Rio Aquidauana – MS	2015	Concluída
30	Abundância, riqueza e flutuação populacional de aves aquáticas da Lagoa Comprida no município de Aquidauana, Mato Grosso do Sul	2015	Não realizada
31	Uso de paisagem heterogênea por Mazama americana (Cervidae, Erxleben, 1777) em propriedades rurais no Pantanal	2015	Concluída
32	Morfometria das espécies de escorpiões do acervo da vigilância sanitária do município de Corumbá no período 2014 a 2015	2015	Não realizada
33	Avaliação da presença e eficiência das Unidades de Conservação como instrumento na gestão ambiental no Pantanal de Mato Grosso do Sul	2015	Concluída
34	Distribuição de metabólitos secundários em macrófitas aquáticas do Pantanal Brasileiro	2015	Concluída
35	Análise metabolômica e avaliação das propriedades antioxidante e antitumoral de amostras de própolis produzidas no Pantanal e região sul do estado de Mato Grosso do Sul	2015	Não realizada
36	Metazoários parasitos de Aequidens plagiozonatus (Perciformes: Cichlidae) capturados na Baía da Medalha, Pantanal de Mato Grosso do Sul	2015	Concluída
37	O Uso de Geotecnologia da Identificação da vulnerabilidade Ambiental do Miranda-Abobral, sub-região do Pantanal. – Subsídio no Planejamento Ambiental.	2015	Concluída

38	Modelagem Dinâmica Espacial da Cobertura do Solo do Miranda-Abobral, sub-região do Pantanal	2015	Concluída
39	Bioprospecção de peptídeos antimicrobianos em sementes de espécies nativas dos biomas Cerrado e Pantanal	2015	Concluída
40	Telessismos registrados na estação sismográfica de Aquidauana – MS /Brasil em 2015	2015	Concluída
41	Polinização de plantas aquáticas do Pantanal sul-mato-grossense	2015	Concluída
42	Identificação de áreas suscetíveis à inundação no Rio Paraguai no Pantanal no ciclo das cheias	2015	Concluída
43	A fauna de abelhas nativas sem ferrão (Apidae, Meliponina) do Pantanal Sul-Matogrossense: Riqueza de espécies, Diversidade genética e Conservação	2014	Concluída
44	Identificação, análise e mapeamento de áreas suscetíveis a inundação no Pantanal no ciclo das Cheias e as situações de Risco das Comunidades Ribeirinhas: Paraguai Mirim e Barra do São Lourenço – Pantanal Sul Matogrossense	2014	Em andamento
45	Dinâmica Hidrossedimentológica e Processos de Avulsão do rio Taquari, Pantanal Mato-Grossense	2014	Em andamento
46	Caracterização dos gases gerados em água superficial em decorrência do fenômeno denominado 'Decoada'	2014	Concluída
47	Vivências na natureza, produção e contação de estórias das aves do Pantanal: estratégia pedagógica para o ensino de ciências naturais e educação ambiental	2014	Concluída
48	Sistemática e biogeografia dos anfíbios e répteis do Pantanal	2014	Concluída
49	Estrutura genética, história demográfica e filogeografia de Eichhornia no Pantanal	2014	Concluída
50	Biologia da conservação de populações naturais de Bromelia hieronymi Mez (Bromeliaceae) do Chaco úmido brasileiro: implicações reprodutivas, genéticas e filogeográficas	2014	Em andamento
51	Estudo sobre as unidades de paisagens do Pantanal e suas alterações paisagísticas devido à ocupação e uso do solo	2014	Concluída
52	Levantamento faunístico de abelhas sem ferrão (Hymenoptera; Apidae; Meliponina) de sub-regiões do Pantanal Sul-Matogrossense	2014	Concluída
53	Estrutura da comunidade parasitária de Psectrogaster curviventris (Characiformes: Curimatidae) em uma lagoa de planície de inundação	2014	Concluída
54	Banco de sementes de floresta ripária queimada e não queimada do rio Miranda, Pantanal	2014	Concluída
55	Especialização individual no morcego Noctilio albiventris em um ambiente flutuante	2014	Concluída
56	Biogeografia e biodiversidade microbiana em solos do Pantanal sul mato-grossense	2014	Concluída
57	A fauna de abelhas Euglossina (Hymenoptera, Apidae) do Pantanal Sul-mato-grossense	2014	Concluída
58	Sinantropia e áreas de endemismo de phlebotominae do Pantanal sul-mato-grossense	2014	Em andamento
59	As geografias produzidas na cotidianidade do Pantanal	2014	Em andamento
60	Fenologia reprodutiva de três espécies simpátricas de Ludwigia (Onagraceae)	2014	Concluída
61	Uso de índices biológicos de qualidade de água em sistemas alternativos de produção pecuária em áreas do Pantanal e Cerrado	2014	Concluída
62	Crescimento inicial de espécies madeireiras nativas plantadas em consórcio com leguminosa e inoculadas com bactérias promotoras de crescimento, na região do Pantanal sul-mato-grossense	2014	Concluída
63	Avaliação da qualidade de água em diferentes sistemas de produção pecuária - Áreas de Cerrado e Pantanal	2014	Concluída
64	Aspectos linguísticos e culturais da fraseologia: um olhar sobre os fraseologismos do Pantanal sul mato-grossense	2014	Não realizada

65	A geografia pantaneira na música de mato grosso do sul: paisagens de vida, identidades territoriais	2014	Concluída
66	Análise qualitativa e quantitativa do material em suspensão em um trecho urbano do Rio Aquidauana, subsídio ao diagnóstico ambiental	2014	Concluída
67	Performances sociocomunitárias no espaço da pecuária de corte em Mato Grosso do Sul: levantamento sociodemográfico e cultural de comunidades locais	2014	Concluída
68	Levantamento e caracterização das unidades de paisagens da área do Pantanal do Abobral, MS	2014	Concluída
69	Levantamento e caracterização fitogeográfica das unidades de paisagens da área da Fazenda Firme, no Pantanal da Nhecolândia, MS	2014	Concluída
70	Bioprospecção de peptídeos antimicrobianos em sementes de espécies nativas dos biomas Cerrado e Pantanal	2014	Concluída
71	A fauna das “abelhas das orquídeas” (Hymenoptera, Apidae, Euglossina) em uma área de floresta estacional semidecidual no Parque Municipal de Piraputangas, em Corumbá, MS	2014	Não realizada
72	Performances sociocomunitárias no espaço da pecuária de corte em Mato Grosso do Sul: territorialidade e configuração sociopolítica em comunidades locais	2014	Concluída
73	Ecomorfologia das taxocenoses de serpentes da Planície do Pantanal Sul	2014	Concluída
74	Estilo fluvial presente na planície incisa do Aquidauana, Borda Sudeste da Bacia do Pantanal	2014	Não realizada
75	Metabólitos secundários como ferramenta taxonômica para o gênero <i>Tabebuia</i>	2014	Concluída
76	Valores de referência para os testes bioquímicos séricos de creatinina, ureia e fósforo em veado-campeiro (<i>Ozotoceros bezoarticus</i>) de vida livre	2014	Concluída
77	A Arqueofauna do Aterro Oito Irmãos, Paraguai-Mirim, Pantanal, Brasil	2014	Não realizada
78	Caracterização fisionômica da cobertura vegetal do lobo antigo do megaleque do Aquidauana, vale entrincheirado da planície incisa borda sudeste da bacia do Pantanal	2014	Concluída
79	O Estudo do Material Cerâmico Pré-Colonial Proveniente de Aterro Localizado na Região da Lagoa do Castelo, Pantanal, Brasil	2014	Concluída
80	Projeto Seriema: Pesticidas Naturais	2014	Em andamento
81	Identificação das espécies de escorpiões do acervo didático do laboratório de zoologia do Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e do Centro de Controle de Zoonoses de Corumbá, MS	2014	Concluída
82	Porcos ferais invasores em paisagens naturais e agrícolas: modelos de ocupação e gestão	2014	Em andamento
83	Sistema de produção de espécies madeireiras consorciadas com leguminosa e inoculadas com bactérias promotoras de crescimento	2013	Em andamento
84	Regime hidrológico e transporte de sedimentos do rio Paraguai, entre a Baía do Castelo e Porto Esperança, região de Corumbá-MS	2013	Concluída
85	Modelos de regressão aleatória para estimativa de curvas de crescimento e interação genótipo x ambiente em bovinos da raça Nelore criados no Mato Grosso do Sul	2013	Concluída
86	Uso de geotecnologias na caracterização das bacias hidrográficas pantaneiras como ferramenta de gestão de recursos hídricos	2013	Concluída
87	A fauna de abelhas (Apoidea) no Pantanal sul-mato-grossense: diversidade, abundância, conservação e efeitos de mudanças ambientais sobre as populações naturais	2013	Concluída
88	Determinação da glicose na população ribeirinha do Passo Do Lontra do Pantanal de Mato Grosso do Sul	2013	Concluída
89	Caracterização físico-química e microbiológica do leite de vacas da raça Pantaneira mantidas em regime de pastejo e suplementadas com farinha de bociúva (<i>Acrocomia aculeata</i>)	2013	Concluída
90	“Análise do perfil lipídico da população ribeirinha do Passo do Lontra no Pantanal, sua relação com a cintura abdominal, imc e sexo	2013	Concluída

91	Taxocenoses de anfíbios e répteis e interações com seus parasitos em um gradiente de cerrado-pantanal do Mato Grosso do Sul, Brasil (Continuidade)	2013	Concluída
92	Montagem do MiBIO - Museu Interativo da Biodiversidade do Aquário do Pantanal	2013	Em andamento
93	Análise multitemporal da morfologia fluvial do Rio Abobral, Pantanal - MS	2013	Concluída
94	Organização espacial da pecuária de corte no estado de Mato Grosso do Sul: uma análise de sistemas alternativos de produção (orgânico e biodinâmico) em áreas de Pantanal e de Cerrado	2013	Em andamento
95	Fauna de artrópodes do Maciço do Urucum, Corumbá, MS	2013	Concluída
96	Variabilidade das lagoas salinas e das baías da Nhecolândia: um ensaio de regionalização	2013	Concluída
97	Sismicidade da Bacia Sedimentar do Pantanal	2013	Concluída
98	Viabilidade e potencial de germinação de sementes e características ecológicas das plântulas de macrófitas aquáticas do Pantanal	2013	Concluída
99	Aplicação de bioinformática e espectrometria de massas na análise metabolômica de espécies monodominantes presentes no banco de extrato do pantanal (BePan)	2013	Concluída
100	A pecuária na construção da identidade territorial pantaneira	2013	Concluída
101	Efeito da abundância de morcegos-hospedeiros sobre a prevalência e intensidade de parasitismo por moscas hematófagas no Pantanal da Nhecolândia	2013	Concluída
102	Análise da ficoflora (exceto diatomácea) da Baía Grande - Pantanal de Aquidauana/MS	2013	Concluída
103	Padrões de diversidade funcional de insetos noturnos no Pantanal da Nhecolândia	2013	Concluída
104	Análise dos paleocanais do leque do Rio Negro	2013	Concluída
105	Os adornos e os instrumentos dos grupos indígenas pré-coloniais que ocuparam o sítio Aterro MS-CP-71, Lagoa Vermelha, Pantanal (MS)	2013	Concluída
106	Uso de geotecnologias na modelagem do relevo do Pantanal da Nhecolândia	2013	Concluída
107	Estudo dos cladóceros fitófilos da Baía Grande Pantanal de Aquidauana/MS	2013	Concluída
108	Efeito da escarificação química e física na incidência de fungos fitopatogênicos em sementes de olho-de-cabra (<i>Ormosia arborea</i> (Vell.) Harms)	2013	Concluída
109	Uso de geotecnologias na análise da estrutura e dinâmica da paisagem na região do Nabileque	2013	Concluída
110	Vegetação efêmera, dendrocronologia e fenologia em ilhas de solo nas bancadas lateríticas, Corumbá, MS	2013	Concluída
111	Análise florística e estrutural em diferentes formações vegetais no município de Aquidauana-MS	2013	Em andamento
112	Projeto Casadinho II - ANGIOSPERMAS DO CHACO BRASILEIRO: SISTEMÁTICA, DIVERSIDADE, FENOLOGIA E ADAPTAÇÕES- Subprojeto 6 - Padrões de adaptações ao regime de inundação e ao estresse por falta de água	2013	Em andamento
113	Análise do perfil de flavonoides das farinhas de Bocaiúva e Acurí	2012	Concluída
114	Variação temporal da Filodiversidade de Diptera no Pantanal: Agregação vs Dispersão	2012	Concluída
115	Limnologia da Baía da Medalha (rio Miranda), com ênfase no estudo dos microrganismos planctônicos e fitófilos	2012	Concluída
116	Influência do Fogo e da Inundação na Estrutura da vegetação da Mata Ciliar do Rio Miranda	2012	Concluída
117	Arqueologia e Etno-história da Lagoa do Castelo e da Lagoa Vermelha, Pantanal, Brasil	2012	Em andamento
118	Fogo e pulso de inundação influenciam na estrutura da comunidade de lianas?	2012	Concluída

119	Limnologia e ecologia de populações de água doce da Baía Grande, Pantanal de Aquidauana - MS	2012	Concluída
120	Efeito da complexidade estrutural da paisagem e do habitat sobre as comunidades de aves no Pantanal da Nhecolândia, Mato Grosso do Sul	2012	Concluída
121	Distribuição espacial e temporal de morcegos filostomídeos no Pantanal da Nhecolândia: efeitos da disponibilidade de recursos e da estrutura da vegetação em escalas local e regional	2012	Concluída
122	Estrutura Filogeográfica de <i>Leptolobium elegans</i> Vogel (Leguminosae, Papilionoideae)	2012	Concluída
123	Cartografia social da comunidade tradicional da Barra do São Lourenço - Pantanal sul-mato-grossense	2012	Concluída
124	Análise da Estrutura da Paisagem da Nhecolândia, Pantanal Brasileiro	2012	Concluída
125	Atividade antifúngica de plantas do Pantanal frente a <i>Candida</i> spp	2012	Concluída
126	Caracterização anatômica e histoquímica da casca em espécies arbóreas do Rio Paraguai: possível papel da estrutura na resistência ao fogo	2012	Concluída
127	Análise da localização e distribuição espacial das fazendas com pecuária bovina de corte desenvolvida em sistemas de produção orgânico e biodinâmico no Pantanal da Nhecolândia	2012	Concluída
128	Diversidade genética comparada de <i>Echinopsis calochlora</i> K. Schum e <i>E. rhodotricha</i> K. Schum (Cactaceae)	2012	Concluída
129	Avaliação da estrutura da casca de espécies arbóreas de vegetação ripária do Rio Paraguai e possíveis relações com resistência a inundação	2012	Concluída
130	Estrutura subterrânea de Leguminosas herbáceas do Pantanal: avaliando os domínios do Chaco brasileiro	2012	Não realizada
131	Estratégias de comercialização da produção pecuária de corte de sistemas alternativos de produção do Pantanal da Nhecolândia (MS)	2012	Concluída
132	Caracterização Fisionômica da Cobertura Vegetal da Borda Sudeste da Bacia do Pantanal: Leque do Negro	2012	Concluída
133	Análise dos paleocanais do leque do Rio Negro	2012	Concluída
134	A distribuição dos grupos indígenas na fronteira entre a Chiquitania/Bolívia e o Pantanal/Brasil (Séculos XVI-XVII)	2012	Concluída
135	Estudo da dinâmica de ambientes da área do Pantanal da baixa Nhecolândia, MS	2012	Concluída
136	Relatos de conflitos entre indígenas e espanhóis no Pantanal e na Chiquitania (XVII e XVIII)	2012	Concluída
137	Feições neotectônicas presentes no leque do Aquidauana. Borda sudeste da bacia do Pantanal matogrossense.	2012	Não realizada
138	Estrutura e dinâmica territorial da rede urbana estabelecida pelas cidades da Mesorregião Pantanal sul mato-grossense	2012	Concluída
139	Análise de sismogramas da estação AQDB no período de 01/01/2012 a 30/04/2012	2012	Concluída
140	Origem e evolução de mudanças paleoambientais no megaleque do Aquidauana, borda sudeste da bacia do Pantanal	2012	Concluída
141	Riqueza e diversidade de girinos em uma área da região do Pantanal da Nhecolândia, Mato Grosso do Sul	2012	Concluída
142	Instituto Nacional de Áreas Úmidas – INAU	2012	Em andamento
143	Trato de sistemas deposicionais do quaternário (pleistoceno tardio/holoceno) da bacia do Pantanal mato-grossense, Centro-Oeste do Brasil	2012	Concluída
144	Estrutura Filogeográfica de Leguminosas Arbóreas do Cerrado-Pantanal	2012	Concluída
145	Arqueologia e Etno-história da lagoa Gaíba, Pantanal	2012	Concluída
146	Busca de potenciais agentes antioxidantes, antifúngicos, antibacterianos, antileishmania e antitumorais em plantas de Mato Grosso do Sul	2012	Concluída

147	Avaliação da qualidade físico-química de matérias-primas regionais do Estado de Mato Grosso do Sul. Aproveitamento de plantas nativas comestíveis e estudo da fração lipídica de algumas espécies animais do Pantanal sul-mato-grossense	2012	Em andamento
148	Indicadores histomorfológicos gonadais e parâmetros morfométricos espermáticos em peixes do Pantanal sul-mato-grossense	2012	Concluída

CATEGORIA EXTENSÃO

1	III Rodada de Palestras da Biologia/CPAQ: “Os Biomas Cerrado e Pantanal e a importância das Unidades de Conservação”	2017	Concluída
2	Exercendo a cidadania através da promoção à saúde e qualidade de vida em uma comunidade isolada no Pantanal – MS	2017	Em andamento
3	Psicologia Organizacional e do Trabalho aplicada em uma Instituição Pública	2017	Em andamento
4	Projeto Educação Social e Brincadeiras com Crianças e Adolescentes	2016	Em andamento
5	Embalagens plásticas, vida útil, frutos do Pantanal	2016	Concluída
6	Biologia para Pantaneiros/CPAN: Em dia de visita	2016	Concluída
7	Descobrimos o paraíso: Pantanal	2015	Concluída
8	Exercendo a cidadania através da promoção à saúde e qualidade de vida em uma comunidade isolada no Pantanal – MS	2015	Concluída
9	Exercendo a cidadania através da promoção à saúde e qualidade de vida em uma comunidade isolada no Pantanal - MS	2014	Concluída
10	Curso de Ecologia do Pantanal	2014	Concluída
11	Distribuição de material didático que envolvam o projeto 'Valorização de plantas alimentícias do Pantanal e Cerrado'	2014	Concluída
12	Curso de extensão: Plantas Alimentícias do Pantanal e Cerrado	2014	Concluída
13	Dispensação de medicamentos, atenção farmacêutica e realização de exames laboratoriais para a população ribeirinha do Passo do Lontra, Pantanal Sul-Mato-Grossense	2014	Concluída
14	Identificação das características físico-químicas dos frutos do Cerrado e Pantanal	2014	Concluída
15	5º Simpósio de Geotecnologias no Pantanal	2014	Concluída
16	Arte, Cultura e Educação: a Expressão artístico-pantaneira de Mato Grosso do sul	2014	Concluída
17	Exercendo a cidadania através da promoção à saúde e qualidade de vida em uma comunidade isolada no Pantanal – MS	2013	Concluída
18	Curso de extensão: Plantas Alimentícias do Pantanal e Cerrado	2013	Concluída
19	I Encontro de Biologia: caminhos para a conservação e melhoria da qualidade de vida	2013	Concluída
20	Atenção à dependência química na Atenção Primária a Saúde na Base de Estudos do Pantanal – UFMS	2013	Concluída
21	Atenção farmacêutica e exames laboratoriais para população ribeirinha do Passo do Lontra	2013	Concluída
22	I Fórum de Diálogos com o Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia - UFMS/CPAN	2013	Concluída
23	Terapia medicamentosa da população ribeirinha do Passo do Lontra, Pantanal sul-mato-grossense	2013	Concluída
24	Encontros de Inovação: Biodiversidade e Negócios na Região do Pantanal	2012	Concluída
25	Café com Turismo 2013	2012	Concluída
26	1º Curso de Campo na Transição Cerrado Pantanal	2012	Concluída
27	O Estudo do Meio na Base de Estudos do Pantanal / UFMS	2012	Concluída
28	Viagem de Estudos à Região da Nhecolândia do Pantanal sul matogrossense	2012	Concluída
29	Jardim Experimental e compostagem: facilitando o ensino de botânica e conhecendo a flora local	2012	Concluída

30	Ciclo de Palestras sobre Pesquisas na Região do Cerrado/Pantanal	2011	Concluída
31	Viagem Técnica Pantanal do Abobral e Corumbá	2011	Concluída
32	Café com Turismo	2011	Concluída
33	Anuário Turístico de Mato Grosso do Sul	2009	Concluída
34	Viagem de Estudos à Região da Nhecolândia do Pantanal Sul Matogrossense	2009	Concluída
35	III Jornada Acadêmica de Biologia (JAIB) e IV Encontro Estadual de Biologia (ENEBIO)	2008	Concluída
36	VII Semana da Biologia: Vivendo na Paisagem Fragmentada, Desafios para a Conservação da Biodiversidade no Cerrado e no Pantanal de Mato Grosso do Sul	2008	Concluída
37	Viagem de Estudos à Região da Nhecolândia do Pantanal Sul Matogrossense	2008	Concluída
38	Movimento em defesa das árvores	2007	Concluída
39	Museu do parque temático	2007	Concluída
40	II Workshop da Rede de Sementes do Pantanal-Tema: O papel da Rede de Sementes do Pantanal no setor produtivo de sementes e mudas, e nos processos de restauração ambiental	2006	Concluída
41	VI Semana da Biologia	2006	Concluída
42	Valorização da produção de alimentos de origem vegetal para o desenvolvimento de três comunidades do Pantanal e Cerrado	2006	Concluída
			TOTAL: 190

Anexo 4. Tabela de projetos da UEMS registrados na plataforma SIGPROJ com a palavra-chave Pantanal

PROJETOS DA UEMS REGISTRADOS NO SIGPROJ COM A PALAVRA-CHAVE PANTANAL (2008-2017)

CATEGORIA PESQUISA

	Nome	Ano	Situação
1	Diversidade genética de populações de peixes da bacia do Rio Paraguai - MS	2017	Em andamento
2	Ensino de História Ambiental e Geoeducação nas aldeias indígenas da região do Geopark Bodoquena-pantanal nas comunidades indígenas que habitam a região	2017	Em andamento
3	Composição bromatológica de diferentes resíduos e frutos oriundos da região do Ecótono-Cerrado-Pantanal	2016	Em andamento
4	Educação, Alteridade e Cuidado de Si: Cosmovisão dos Povos Indígenas da Região Pantaneira Sul-Mato- Grossense sobre os Processos Próprios de Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis e da Aids	2016	Em andamento
5	Análise multitemporal do uso do solo e das condições limnológicas de lagoas marginais em uma área de planície de inundação na bacia do médio curso do Rio Taquari, Mato Grosso do Sul, Brasil	2016	Em andamento
6	Fenologia do maracujazeiro na região do ecótono Cerrado-Pantanal	2016	Em andamento
7	Cultivo em Laboratório de Caranguejos <i>Dilocarcinus pagei</i>	2016	Em andamento
8	Valorização econômica dos organismos aquáticos do Cerrado e Pantanal por meio da produção sustentável para fins ornamentais e iscas vivas	2015	Em andamento
9	Resposta de cultivares de soja a aplicação de silício na região do ecótono Cerrado-Pantanal	2015	Em andamento
10	Estrutura da teia alimentar considerando as composições da fauna parasitária em peixes e jacarés, no Pantanal sul-matogrossense	2015	Em andamento
11	Desempenho de plantas forrageiras com e sem sombreamento na região de transição Cerrado-Pantanal	2014	Em andamento

CATEGORIA EXTENSÃO

1	SFU - Seminário Floresta Urbana	2017	Em andamento
---	---------------------------------	------	--------------

2	Introdução de gengibres ornamentais <i>Zingiber spectabile</i> , alternativa de renda em comunidades tradicionais em Anastácio-MS	2016	Em andamento
3	Introdução de estrelicias (<i>Strelitzia reginae</i>), alternativa de renda em comunidades tradicionais em Anastácio-MS	2015	Concluída
4	Introdução de gengibres ornamentais <i>Zingiber spectabile</i> , alternativa de renda em comunidades tradicionais em Anastácio-MS	2015	Concluída
5	Projetos técnicos voltados para piscicultura familiar	2015	Concluída
6	Festa da Primavera: a Beleza Pantaneira Floresce em Coxim-MS	2011	Concluída
7	Coleção Botânica de Plantas do Cerrado e Pantanal	2008	Concluída
8	Produção de mudas de espécies nativas do Cerrado e Pantanal	2008	Concluída
			TOTAL: 19

Anexo 5. Notícia publicada no site da UFMS

BRASIL Serviços Simplifique! Participe Acesso à informação Legislação Canais

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Sistemas Webmail A Normal A+ A- Alto contraste IDIOMA

Ir para conteúdo 1 Ir para menu 2 Ir para a busca 3 Ir para o rodapé 4



**FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
MATO GROSSO DO SUL**



LISTA TELEFÔNICA
Telefones e Endereços



CIDADE UNIVERSITÁRIA
Conheça o Câmpus



PASSE UFMS
Programa de Avaliação Seriada
UFMS

PÁGINA INICIAL INSTITUCIONAL CÂMPUS CURSOS INGRESSO SERVIÇOS BIBLIOTECA TRANSPARÊNCIA SBPC 2019

UFMS » Notícias » Pesquisa realizada na Universidade concorre a prêmio internacional

Pesquisa realizada na Universidade concorre a prêmio internacional

1 ano atrás · 01/12/2016 · Notícias

O projeto intitulado "Jardins da Biodiversidade do Pantanal: arquitetura paisagística para a composição, resgate e adaptação de plantas no Jardim Temático do Pantanal em Campo Grande - MS" foi indicado para concorrer ao Prêmio Internacional de Arquitetura e Paisagismo. A indicação ocorreu no 11º Seminário Internacional "Águas: projetos e tecnologias para o território sustentável" e a pesquisa foi realizada por docentes e acadêmicos de Arquitetura e Urbanismo e docentes e pós-graduandos do Laboratório de Botânica da UFMS.



A professora Eliane Guaraldo, do curso de Arquitetura e Urbanismo, foi quem levou os resultados da pesquisa conjunta ao evento, que é realizado até hoje (1) pelo Núcleo de Pesquisa em Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (NUTAU-USP) no câmpus Butantã-USP, na Biblioteca Brasileira. Neste ano participam do seminário universidades belgas, holandesas e outras instituições brasileiras.

IDIOMA:

Português do Brasil English

Buscar...

SOLICITE A INCLUSÃO DE EVENTOS

[Incluir Eventos na Agenda](#)

RECENTES

 **Campus de Aquidauana inaugura Cozinha Acadêmica** 08 Mai, 2018

 **Recapamento no Campus de Três Lagoas** 08 Mai, 2018


Sedfor publica edital de retificação para tutoria em Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diferenças
08 Mai, 2018


Anexo 6. Notícia publicada no site da UFMS


BRASIL Serviços Simplifique! Participe Acesso à informação Legislação Canais


Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Sistemas Webmail A Normal A+ A- Alto contraste IDIOMA

Ir para conteúdo 1 Ir para menu 2 Ir para a busca 3 Ir para o rodapé 4


FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

 **LISTA TELEFÔNICA**
Telefones e Endereços

 **CIDADE UNIVERSITÁRIA**
Conheça o Câmpus

 **PASSE UFMS**
Programa de Avaliação Seriada UFMS

Pesquisar... 

PÁGINA INICIAL INSTITUCIONAL CÂMPUS CURSOS INGRESSO SERVIÇOS BIBLIOTECA TRANSPARÊNCIA SBPC 2019

UFMS » Notícias » Curso gratuito aborda plantas alimentícias do Pantanal e Cerrado

Curso gratuito aborda plantas alimentícias do Pantanal e Cerrado

1 ano atrás - 05/12/2016 Notícias

Nos dias 9 e 10 de dezembro, das 8h às 12h e das 14h às 18h, será realizado no Anfiteatro do Laboratório de Análises Clínicas (LAC) da UFMS o curso "Plantas Alimentícias do Pantanal e do Cerrado". O evento é gratuito, aberto a toda a comunidade e haverá emissão de certificado.

A alimentação nos intervalos do curso será elaborada a partir de frutos nativos. A realização é da equipe do Programa de Extensão "Valorização de plantas alimentícias do Pantanal e Cerrado". No anexo segue a ficha de inscrição, que deve ser entregue para a professora Mariana Prates na Unidade de Tecnologia de Alimentos e Saúde Pública (UTASP) ou enviada para o e-mail fo.mariana@yahoo.com.br.


Mais informações podem ser obtidas no folder do evento anexo ou pelo telefone (67) 3345-7411.

folder-plantas-alimenticias-2016

ficha-de-inscricao-curso-extensao

IDIOMA:


Português do Brasil English


Buscar... 

SOLICITE A INCLUSÃO DE EVENTOS

[Incluir Eventos na Agenda](#)

RECENTES


Campus de Aquidauana inaugura Cozinha Acadêmica 08 Mai, 2018


Recapamento no Campus de Três Lagoas 08 Mai, 2018

Sedfor publica edital de retificação para tutoria em Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diferenças
08 Mai, 2018

Anexo 7. Notícia publicada no site da UFMS

BRASIL Serviços Simplifique! Participe Acesso à informação Legislação Canais

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Sistemas Webmail Normal Alto contraste IDIOMA

1 Ir para conteúdo 2 Ir para menu 3 Ir para a busca 4 Ir para o rodapé





LISTA TELEFÔNICA
Telefones e Endereços



CIDADE UNIVERSITÁRIA
Conheça o Câmpus



PASSE UFMS
Programa de Avaliação Seriada UFMS

PÁGINA INICIAL INSTITUCIONAL CÂMPUS CURSOS INGRESSO SERVIÇOS BIBLIOTECA TRANSPARÊNCIA SBPC 2019

UFMS » Notícias » Reitor participa de debate sobre Instituto Nacional de Pesquisas do Pantanal

Reitor participa de debate sobre Instituto Nacional de Pesquisas do Pantanal

📅 1 ano atrás - 21/02/2017 📄 Notícias

O professor Marcelo Turine, Reitor da UFMS, participa hoje, 21, de reunião sobre o Instituto Nacional de Pesquisa do Pantanal (INPP), na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e na Vice-governadoria, em Cuiabá.

A reunião aborda o fortalecimento e a consolidação do Instituto Nacional de Pesquisas do Pantanal (INPP). Criado pela Lei Nº 12.954/2014, o Instituto é vinculado ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovação e Comunicações (MCTIC), está em fase de implementação e terá sede em Cuiabá. O INPP será uma das unidades de pesquisa do Ministério da Ciência e Tecnologia.



Participam da reunião, representantes do MCTIC, do Estado de MT, da UFMT e do Centro de Pesquisa do Pantanal (CPP).

IDIOMA:

Português do Brasil English

SOLICITE A INCLUSÃO DE EVENTOS

Incluir Eventos na Agenda

RECENTES



Campus de Aquidauana inaugura Cozinha Acadêmica 08 Mai, 2018



Recapeamento no Campus de Três Lagoas 08 Mai, 2018

Sedfor publica edital de retificação para tutoria em Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diferenças 08 Mai, 2018

Anexo 8. Notícia publicada no site da UFMS

BRASIL
Serviços
Simplifique!
Participe
Acesso à informação
Legislação
Canais

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Sistemas
Webmail
Normal
A+
Alto contraste
IDIOMA

Ir para conteúdo
Ir para menu
Ir para a busca
Ir para o rodapé



**FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
MATO GROSSO DO SUL**



LISTA TELEFÔNICA
Telefones e Endereços



CIDADE UNIVERSITÁRIA
Conheça o Câmpus



PASSE UFMS
Programa de Avaliação Seriada
UFMS

PÁGINA INICIAL
INSTITUCIONAL
CÂMPUS
CURSOS
INGRESSO
SERVIÇOS
BIBLIOTECA
TRANSPARÊNCIA
SBPC 2019

UFMS » Pesquisa e Extensão » Pesquisadores da Faodo realizam estudo comparativo sobre condições de saúde bucal em populações do Estado



Pesquisadores da Faodo realizam estudo comparativo sobre condições de saúde bucal em populações do Estado

1 ano atrás - 10/04/2017 Pesquisa e Extensão

Em uma iniciativa inédita, docentes e acadêmicos da Faculdade de Odontologia (Faodo) da UFMS estão mapeando, por meio de pesquisa, as condições de saúde bucal de Mato Grosso do Sul.

A ideia é desenvolver um estudo comparativo entre a população urbana de Campo Grande, atendida nas Policlínicas da Faodo; a população ribeirinha do Passo do Lontra/Pantanal; as crianças da Escola Nova Itamarati, do Assentamento Itamarati, próximo à Ponta Porã e as crianças pantaneiras da Fazenda Barranco Alto, em Aquidauana.

Pelo estudo será feito um levantamento epidemiológico para conhecimento das condições de saúde bucal por meio do índice CPO-D, que apresenta os números de dentes careados, perdidos e obturados. Com os dados será possível traçar a correlação das lesões de cárie e sua severidade com a qualidade de vida em saúde bucal.



Segundo o professor Rafael Aiello Bomfim, coordenador da pesquisa, o levantamento Nacional SBBrasil 2010 mostra que, dependendo da faixa etária, há muita necessidade de tratamento bucal.

“O SBBRASIL 2010 mostrou que cerca de 45,8% dos adultos possuem sangramento gengival. Entre os idosos, a necessidade de tratamento periodontal é muita alta, por exemplo”, expõe o professor.

O estudo possibilitará discussões acerca da reorganização da atenção básica, para diminuição de possíveis iniquidades e desigualdades sociais no Estado. A pesquisa também irá avaliar fatores relacionados ao capital social, com questões sobre infelicidade, cooperação e insegurança. “Sabemos que quem se sente infeliz escova menos os dentes, tem menos cuidados com a própria saúde e, conseqüentemente, tem mais doenças”, diz.

IDIOMA:

Português do Brasil English

SOLICITE A INCLUSÃO DE EVENTOS

Incluir Eventos na Agenda

RECENTES



Campus de Aquidauana inaugura Cozinha Acadêmica 08 Mai, 2018



Recapeamento no Campus de Três Lagoas 08 Mai, 2018

Sedfor publica edital de retificação para tutoria em Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diferenças
08 Mai, 2018

UFMS participa de Jogos Universitários de Mato Grosso do Sul
08 Mai, 2018



Editais para apoio de Ações de Cultura é prorrogado 08 Mai, 2018

MUARQ participa da 16ª Semana Nacional de Museus
08 Mai, 2018

CURTA NOSSA PÁGINA NO FACE

Facebook

O professor Rafael destaca que não adianta pensar apenas na cura imediata da doença. "Temos que ter uma visão transdisciplinar, empoderar essa pessoa, ajudá-la a se inserir na sociedade, criar links sociais que promovam felicidade. Só a odontologia não tem como resolver isso".

Além de avaliar os fatores de capital social, a pesquisa abrange ainda questões como uso de serviços – públicos/particulares/planos de saúde/SUS, satisfação com os serviços e qualidade de vida em saúde bucal (auto percepção).

Projetos de Extensão

A pesquisa está na fase de coleta de dados em Campo Grande, com registros realizados durante a triagem na Faodo, onde cerca de 400 pessoas deverão ter suas situações catalogadas.

Nos próximos meses, a coleta será iniciada na Base de Estudos do Pantanal, no Assentamento Itamarati – o maior da América Latina – e na Fazenda Barranco Alto, onde é desenvolvido o Projeto Comitiva Esperança.

Nesses três locais são desenvolvidos projetos de extensão, que reúnem docentes, graduandos e pós-graduandos em ações diversas. Os professores Luiz Massaharu e Jefferson Marion coordenam, respectivamente, os projetos Sorriso Pantaneiro e Comitiva Esperança.

Nos projetos Itamarati e Comitiva Esperança, por exemplo, a proposta é trabalhar com o Tratamento Restaurador Atraumático (ART) Associado à Promoção em Saúde.

Coordenador do projeto de extensão no Itamarati, o professor Rafael Aiello Bomfim explica que por ser de caráter transdisciplinar, o projeto permite ao acadêmico uma profunda reflexão das práticas e políticas de saúde pública.

"A Experiência com comunidades menos favorecidas do ponto de vista socioeconômico proporcionará ao acadêmico um amadurecimento como cidadão, além do aperfeiçoamento profissional, possibilitando assim a criação de novos cenários de prática", diz.

No Itamarati, onde serão atendidas cerca de duas mil crianças, os acadêmicos deverão estar aptos a desenvolver diagnóstico, prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde e a correta aplicação da técnica ART, tratamento reconhecido pela Organização Mundial de Saúde que apresenta uma técnica simples, rápida, de custo reduzido por não necessitar de todo suporte odontológico.

"As vantagens para o paciente são diversas, por ser uma técnica rápida e simples, que diminuiu a ansiedade, sendo muito indicada na área da odontopediatria", explica o professor Rafael.



Anexo 9. Notícia publicada no site da UFMS

BRASIL
Serviços
Simplifique!
Participe
Acesso à informação
Legislação
Canais

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Sistemas
Webmail
Normal
Alto contraste
IDIOMA

1 Ir para conteúdo
2 Ir para menu
3 Ir para a busca
4 Ir para o rodapé



**FUNDAÇÃO
UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
MATO GROSSO DO SUL**



LISTA TELEFÔNICA
Telefones e Endereços




CIDADE UNIVERSITÁRIA
Conheça o Câmpus



PASSE UFMS
Programa de Avaliação Seriada UFMS

PÁGINA INICIAL
INSTITUCIONAL
CÂMPUS
CURSOS
INGRESSO
SERVIÇOS
BIBLIOTECA
TRANSPARÊNCIA
SBPC 2019

UFMS » Pesquisa e Extensão » Pantanal da Nhecolândia terá cartografia do risco de incêndios florestais



Pantanal da Nhecolândia terá cartografia do risco de incêndios florestais

📅 1 ano atrás - 20/02/2017 ➔ Destaque, Pesquisa e Extensão

IDIOMA:

Português do Brasil English

SOLICITE A INCLUSÃO DE EVENTOS

Incluir Eventos na Agenda

RECENTES



Campus de Aquidauana inaugura Cozinha Acadêmica 08 Mai, 2018

Com quase 20% da área total do Pantanal, a importante região da Nhecolândia está sendo monitorada em pesquisa da UFMS sobre a cartografia do risco de incêndios florestais, com apresentação das áreas com maior ou menor probabilidade de destruição pelo fogo.

Coordenada pelo professor Emerson Figueiredo Leite, do Câmpus de Aquidauana (CPAQ), a pesquisa faz uma análise sobre a interferência de elementos naturais e sociais no processo e assinala espacialmente áreas com particular sensibilidade à queima.

De acordo com o professor, a equação de risco de incêndio florestais proposta na pesquisa considera os mapas de uso e cobertura da terra, o mapa de vias de acesso e locais das sedes de fazendas; mapas de hipsometria e relevo peculiar; intensidade pluviométrica e temperatura; os *hotspots* de focos de calor (mapas de pontos) e áreas com recorrência de queimadas nos últimos dez anos.

"Esses mapas modelam o risco para a área a partir da ponderação dos temas e suas respectivas classes temáticas, conforme sua maior ou menor contribuição ao risco de incêndio florestal", diz o coordenador.

Os temas serão ponderados com auxílio da ferramenta de apoio a tomada de decisões, disposta no software Spring/INPE, baseada na técnica AHP (Processo Analítico Hierárquico) e na Legal (Linguagem Espacial de Geoprocessamento Algébrico). "Esta ferramenta de suporte a tomada de decisão nos ajudará a organizar os temas trabalhados e estabelecer um modelo racional de combinação dos mesmos, bem como o cruzamento matricial dos mapas envolvidos na análise e uma cartografia de síntese", completa.

Também serão realizadas incursões *in loco* para verificar uma ou outra variável estudada.



A escassez de mapeamentos é uma realidade do Brasil, destaca o professor Emerson, o que amplia o impacto desta pesquisa ao espacializar as cicatrizes de queimadas e incêndios numa região de relevante interesse ecológico e socioeconômico.

Ele acredita que "os resultados, ao serem publicados, poderão ser utilizados em campanhas de sensibilização à queimadas com a população envolvida e subsidiar a ocupação dos espaços, aumentando a atenção para as áreas diagnosticadas

como mais sensíveis ao fogo".

A pesquisa tem o apoio financeiro da FUNDECT/CAPES 072/2016 pelo Edital Biota-MS Ciência e Biodiversidade. Também participam do projeto os professores Elisângela Martins de Carvalho (CPAQ), Adelson Soares Filho (UFGD), Vitor Matheus Bacani (CPTL), André Luiz Pinto (CPTL), Rogerio Rodrigues Faria (CPAQ), além de bolsistas de Iniciação Científica e acadêmicos do curso de Geografia (CPAQ).

Sub-região

A Nhecolândia é uma das 11 sub-regiões do Pantanal, com área territorial de 26.921km², entre os municípios de Rio Verde de Mato Grosso, Aquidauana e Corumbá.

O professor Emerson lembra que diversos trabalhos científicos alertam para o aumento dos incêndios florestais no Pantanal, amplamente divulgados também pelos pesquisadores da Embrapa Pantanal de Corumbá.

Somente o município de Corumbá apresentou aumento de 36% no número de focos de queima, na comparação entre 2015 e 2016, chegando a 4.018 registros no ano passado, conforme dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) que detecta, quantifica e divulga regularmente alertas sobre a quantidade de focos de calor e a extensão das cicatrizes de queimadas no Brasil.

"A frequência de queimadas e incêndios florestais no Pantanal é anual, por ser uma prática local utilizada para renovar a pastagem natural, variando na intensidade de ocorrência e área da cicatriz de queimada", complementa Emerson.

Paula Pimenta



Recapamento no Campus de Três Lagoas 08 Mai, 2018

Sedfor publica edital de retificação para tutoria em Relações Étnico-Raciais, Gênero e Diferenças

08 Mai, 2018

UFMS participa de Jogos Universitários de Mato Grosso do Sul

08 Mai, 2018



Editai para apoio de Ações de Cultura é prorrogado 08 Mai, 2018

MUARQ participa da 16ª Semana Nacional de Museus

08 Mai, 2018

CURTA NOSSA PÁGINA NO FACE

Facebook

Anexo 10. Notícia publicada no site da UEMS

IntraUEMS (<http://www.intra.uems.br>) 🔍 (<http://www.uems.br/busca>) ☎️ (<http://www.uems.br/telefonos>)
 UEMS **f** (<https://www.facebook.com/uemsoficial>)
 Documentação Eletrônica UNIVERSIDADE ▾ ADMINISTRAÇÃO ▾ INGRESSO ▾
 de Mato Grosso do Sul (<http://www.uems.br/home>) IMPRENSA ▾ EAD ▾ LICITAÇÕES ▾ BIBLIOTECA ▾
 CIDADES ▾

Estudo da UEMS mostra potencial da economia criativa no Pantanal de MS

Você está aqui: Home (<http://www.uems.br/>) > Notícias (<http://www.uems.br/noticias>) > Estudo da UEMS mostra potencial da econ...

Por: Eduarda Rosa | Postado em: 12/12/2016



Em épocas de crise, ter criatividade é essencial. E a economia criativa vem ao encontro das comunidades, utilizando da própria cultura, tradições e produção de artesanatos para melhorar a economia local. Um estudo

produzido no Mestrado em Desenvolvimento Regional e de Sistemas Produtivos (PPGDRS), da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em Ponta Porã, mostrou que o patrimônio cultural brasileiro é riqueza abundante para o desenvolvimento da Economia Criativa, destacando dentre eles no Mato Grosso do Sul, o Pantanal.

Segundo o trabalho produzido pelos mestrandos do PPGDRS, Estevão Domingo Copérnico Satti e Juliano Delai, a Superintendente de Economia Criativa do Estado de MS, Claudia de Medeiros, e o Mestre em Administração e Pesquisador em Economia Criativa Adriano Pereira de Castro Pacheco, com a economia criativa é possível imaginar um futuro melhor a partir da própria realidade e buscar mudanças graduais que envolvam a produção local.

No campo da economia criativa, o Pantanal representa uma grande oportunidade para o desenvolvimento sustentável, pois seu território é de inesgotável intensidade cultural e destaca-se por suas peculiaridades. Num mundo cada vez mais globalizado a "diversidade cultural" toma dimensões importantes para o planejamento de políticas de desenvolvimento.

A principal atividade econômica da região pantaneira é a pecuária, contudo o turismo também configura uma importante atividade econômica da região. Seja pelo fluxo constante de pescadores amadores atraídos pelas belezas naturais da região, ou pelo considerável número de visitantes do cenário contemplativo pantaneiro.

"Assim, o ecoturismo acabou por notabilizar-se no MS fomentando o surgimento de pousadas e fazendas adaptadas para receber os turistas. Fatalmente a Economia Criativa

Outras notícias

Diretor de Universidade de Angola visita UEMS e discute convênio (<http://www.uems.br/noticias/detalhes/diretor-de-universidade-de-angola-visita-uems-e-discute-convenio-162802>)

UEMS/CG promove ação pelo Setembro Amarelo no centro da cidade (<http://www.uems.br/noticias/detalhes/uemscg-promove-acao-pelo-maio-amarelo-no-centro-da-cidade-154342>)

PROEC publica resultado final do Programa de Bolsas de Cultura, Esporte e Lazer (<http://www.uems.br/noticias/detalhes/proec-publica-resultado-final-do-programa-de-bolsas-de-cultura-esporte-e-lazer-151543>)

Listar todas (<http://www.uems.br/noticias>)

contribuiu para o fortalecimento do turismo cultural, por constituir-se em instrumento de afirmação da identidade regional, na medida em que contribuiu para reavivar a história da gente pantaneira”, ressaltaram os pesquisadores.

A cultura é demonstrada por várias formas como nos museus municipais, sobretudo, vinculados à arte pantaneira, à exemplo de Aquidauana e Corumbá. Em encontros e festejos do homem pantaneiro nas cidades de Aquidauana e Miranda; festas populares como: Folia de Reis (Bodoquena), Festa do Divino (Coxim), Banho de São João (Corumbá), entre outras; além de artesanato indígena e pantaneiro: cerâmica, faixas pantaneiras, artefatos em couro e chifre etc.

As danças e músicas regionais, com destaque para as de origem paraguaia e pantaneira (chamamé, polca paraguaia, guarânia); artes performáticas inspiradoras na cultura local (indígena, pantaneira...); pequenos ateliês, feiras e exposições; além da literatura científica e de ficção abundantemente presentes no estado, sobretudo, inspiradas nas riquezas naturais e culturais do Pantanal também são aspectos que podem ser aproveitados na economia criativa.

Os pesquisadores apontam que o Pantanal e as demais riquezas naturais do MS são um verdadeiro “manancial de ativos simbólicos” e, portanto, da economia intensiva em criatividade. “Logo, torna-se necessário concentrar esforços de organização e fortalecimento do papel estatal e dos demais setores de modo que, conjuntamente, possam fazer surgir um novo ciclo criativo envolvendo criação, produção, distribuição e consumo de bens e serviços culturais e criativos com a patente de nossa diversidade cultural”, concluem.

Produzido pelo Projeto Mídia & Ciência UEMS/Fundect

Anexo 11. Notícia publicada no site da UEMS

IntraUEMS (<http://www.intra.uems.br>)


<http://www.uems.br/home>

 (<http://www.intra.uems.br/>)
  (<https://www.facebook.com/uemsocial>)
  (<http://www.uems.br/telefonos>)
 

Camarão do Pantanal é termômetro de qualidade dos rios pantaneiros

[Você está aqui: Home \(<http://www.uems.br/>\) > Notícias \(<http://www.uems.br/noticias>\) > Camarão do Pantanal é termômetro de qualidade dos rios pantaneiros](#)

Por: Eduarda Rosa | Postado em: 31/03/2017



Espécie *Macrobrachium pantanalense* foi descoberta por professora da UEMS

Pequeno, transparente, de água doce e morador dos rios pantaneiros de Mato Grosso do Sul. Este é o Camarão do Pantanal, registrado cientificamente como *Macrobrachium Pantanalense*, espécie descoberta em 2013 pela pesquisadora Lilian Hayd, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). O crustáceo tem a função de indicar a qualidade da água em que está inserido, pois a espécie só consegue sobreviver em rios sem poluição.

Segundo a professora da UEMS, o Camarão do Pantanal é usado como bioindicador de qualidade ambiental, porque ele só fica em águas que tenham boas condições de uso. E um bom sinal é que ele já foi identificado no Pantanal da Nhecolândia, de Aquidauana, do Rio Miranda e do Rio Negro.

"Ele é utilizado na ecotoxicologia (estudo que visa verificar a toxicidade do ambiente), porque quando queremos saber, por exemplo, até quando um organismo tolera se um ambiente estiver poluído, o camarão é um bom indicador da qualidade de um ambiente. Se formos em uma lagoa ou bahia no Pantanal e não tiver camarão, ao mensurar os parâmetros físicos químicos, geralmente, percebemos que eles estão comprometidos. Se tem camarão o ambiente é bom, tem uma certa qualidade ambiental nos parâmetros físico-químicos da água", explica Lilian.



Descoberta

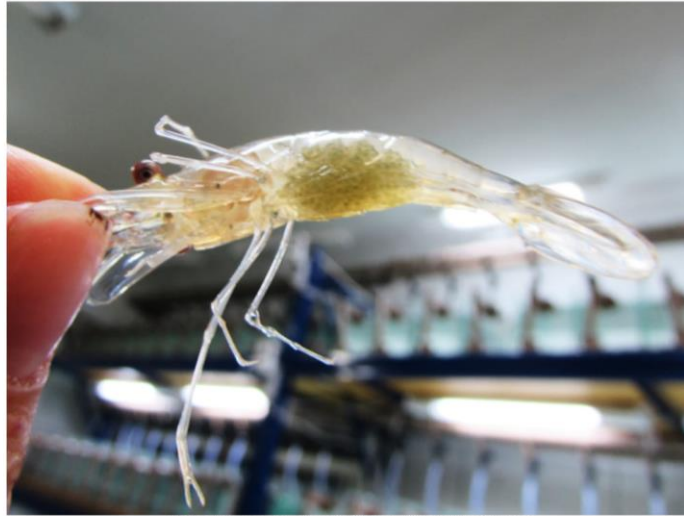
O grupo Carcipanta, que trabalha com crustáceos do Cerrado e Pantanal, coordenado pela professora Lilian Hayd, está desenvolvendo diversos estudos e já conseguiu comprovar que o *Macrobrachium pantanalense* é sim uma nova espécie por meio de análises da sua morfologia, bioquímica e genética.

"Isto porque ele havia sido confundido com o Camarão da Amazônia, contudo o *Macrobrachium Amazonicum*, apesar de ser transparente também, é diferente e mede até 16 centímetros, enquanto o nosso, *Macrobrachium Pantanalense*, chega até, no máximo, seis centímetros", explica a professora.

De acordo com a pesquisadora, o camarão é pequeno e por isso não serve para consumo, mas serve como isca viva, para a aquicultura ornamental (criação em aquários) e alimentação de peixes na piscicultura.

"Por ser pequeno, nós indicamos para aquicultura ornamental, porque ele é um grande atrativo no aquário, pois é transparente, então consegue-se observar os órgãos internos e ao mesmo tempo ele não tem problema de predação em relação a alguns tipos de peixes. Para isca, os pescadores não gostam do camarão porque ele é um pouco mole, mas para criação em aquários, com certeza é um bom atrativo", esclarece.

O crustáceo tem como característica ser totalmente transparente, possibilitando ver todas as estruturas dele. O que muda em alguns casos, explica a docente, é quando o Camarão faz diferentes tipos de alimentação, deixando o tubo digestório de cores diferentes, contudo isto não interfere na coloração do corpo, somente no tubo digestório.



Por ser transparente é possível ver os ovos dentro da fêmea

+ Pesquisas

O grupo é composto por pesquisadores brasileiros e também do Chile, da Alemanha, de Portugal, da Argentina, do Uruguai e da Inglaterra. Eles estão conhecendo a espécie (da larvicultura a reprodução) e já fizeram análises de nutrição e definição do protocolo de reprodução em laboratório.

"Nós estudamos, primeiramente, ele na natureza, porque tínhamos que conhecer o aspecto ecológico do Camarão, para poder fazer esta reprodução em laboratório. Hoje nós temos a larvicultura e o crescimento dele, já fazemos tudo fechado dentro do laboratório com êxito", explica.

A alimentação dos crustáceos é diferenciada, na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) eles chegam a comer pudim com leite Ninho e anel de lula. Na UEMS é utilizada uma metodologia da Alemanha para alimentação com artêmias, que são trazidas do Nordeste.

Conforme a professora, o Camarão do Pantanal não está em risco de extinção, pois ainda é encontrado em abundância. Ele também é muito importante na cadeia alimentar, porque serve de alimento para pequenos peixes.



Segundo a pesquisadora, o destino do Camarão deve ser a aquariofilia, pois para consumo é preciso que tenha em grande quantidade e oferta com maior frequência, "e isso a gente não consegue, porque ele tem pouca quantidade de ovos, é no máximo 648, isto para a aquicultura é muito pequeno. Quando se fala que um camarão tem potencial, é quando uma única fêmea tem quase 100 mil ovos", ressaltou.

Mas em algumas fazendas pantaneiras, o camarãozinho acaba indo para panela, pois quando os pescadores batem peneira para pegar iscas eles pegam bastante camarão, especialmente no Pantanal do Negro, então fazem farofa de camarões fritos. "No Pantanal as pessoas o reconhecem como camarão e ele é muito saboroso, como é de água doce, não é enjoativo e pega ervas e temperos de uma forma muito fácil, sendo o preparo em dois ou três minutos, ele é muito prático de cozinhar".



Produzido pelo Projeto Mídia & Ciência UEMS/Fundect

Anexo 12. Notícia publicada no site da UEMS

IntraUEMS (<http://www.intra.uems.br>) 🔍 (<http://www.uems.br/busca>) ☎️ (<http://www.uems.br/telefonos>)
 UEMS   (<https://www.facebook.com/uemsoficial>)

Documentos Eletrônica UNIVERSIDADE ▾ ADMINISTRAÇÃO ▾ INGRESSO ▾
 (http://www.uems.br IMPRENSA ▾ EAD ▾ LICITAÇÕES ▾ BIBLIOTECA ▾
 /home) CIDADES ▾

UEMS apoia evento do Centro de Pesquisas Pantanal que discutirá Áreas Úmidas

Você está aqui: Home (<http://www.uems.br/>) > Notícias (<http://www.uems.br/noticias>) > UEMS apoia evento do Centro de Pesquisa...

Por: Rubens Urue | Postado em: 11/01/2017



Paulo Teixeira de Sousa Jr.,
que assina o artigo sobre
Áreas Úmidas

A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) apoia o evento que será promovido pelo Centro de Pesquisas Pantanal (CPP), Instituto Nacional de Áreas Úmidas (INAU) e Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) em parceria com o Ministério de Meio Ambiente que ocorrerá nos dias 2 e 3 de fevereiro, em Cuiabá/MT, e que irá discutir a temática "Áreas Úmidas para a Redução de Riscos de Desastres".

Para o reitor da UEMS, Fábio Edir dos Santos Costa, o apoio reforça os laços institucionais com a UFMT, uma vez que há mais de 10 anos a UEMS tem atuado em parceria com o CPP e com o INAU no estabelecimento de Redes de Pesquisas sobre o Pantanal, em colaboração com as Instituições do MS e MT.

"Para nossa Universidade, é muito gratificante ver a evolução das Redes de Pesquisa e das Instituições ao longo desse período. As atividades que estão sendo planejadas sob a coordenação do prof. Paulo Teixeira e do prof. Junk, contam com a colaboração e participação da UEMS", ressalta Fábio Edir.

Como parte dessa parceria, de forma a despertar a atenção do público em geral para a importância do assunto, publicamos abaixo o artigo de Paulo Teixeira Jr, prof. Dr. da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e vice-coordenador do INAU. A Programação completa do evento será publicada posteriormente.

Áreas Úmidas e Mudanças Climáticas

As Áreas Úmidas (AUs) são vitais para a manutenção da vida na terra. Além de armazenar e purificar águas, as AUs nos fornecem fibras e proteínas, estocam carbono, contribuem para

Outras notícias

Diretor de Universidade de Angola visita UEMS e discute convênio
<http://www.uems.br/noticias/detalhes/diretor-de-universidade-de-angola-visita-uems-e-discute-convenio-162802>

UEMS/CG promove ação pelo Setembro Amarelo no centro da cidade
<http://www.uems.br/noticias/detalhes/uemscg-promove-acao-pelo-maio-amarelo-no-centro-da-cidade-154342>

PROEC publica resultado final do Programa de Bolsas de Cultura, Esporte e Lazer
<http://www.uems.br/noticias/detalhes/proec-publica-resultado-final-do-programa-de-bolsas-de-cultura-esporte-e-lazer-151543>

Listar todas (<http://www.uems.br/noticias>)

a estabilização do microclima regional e, ao exercerem a função de zonas-tampão, são também fundamentais para a mitigação de eventos extremos causados pelas mudanças climáticas, como tufões, furacões, tsunamis, enchentes e secas. Grandes civilizações como a Mesopotâmia e o Egito floresceram e pereceram em vales férteis ao longo de rios (vales do Tigre-Eufrates e Nilo).

Estimativas de especialistas (Davidson, N.C.. *Marine and Freshwater Research*, 2014, 65, 934) nos dão conta de que a partir de 1900 o mundo já perdeu em torno de 64-71% de AUs. Esta perda tem preocupado as autoridades mundiais, de tal maneira que em 1971 foi assinada a “Convenção sobre as Zonas Úmidas de Importância Internacional, especialmente enquanto habitat de aves aquáticas”, ou Convenção de Ramsar. O Brasil é signatário desta convenção desde os anos 1990, tendo assumido compromissos que ainda precisamos saldar.

Visando contribuir com o esforço nacional para cumprir os compromissos assumidos em tal convenção, pesquisadores da UFMT e de outras instituições brasileiras, vinculados ao Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Áreas Úmidas (INCT-Áreas Úmidas) e ao Centro de Pesquisas do Pantanal (CPP), publicaram recentemente um livro dispendo sobre critérios para a definição e a classificação AUs. Tais critérios foram aceitos e contam com a recomendação do Comitê Nacional de Zonas Úmidas (CNZU) do Ministério do Meio Ambiente, estando prestes a serem adotados também por autoridades colombianas. Este é o primeiro passo para a tomada de decisão, com base no conhecimento científico, visando a conservação e o uso sustentável de AUs.

Em Mato Grosso, problemas como a destruição de matas ciliares de nascentes de rios e de veredas, têm sido observados e precisam ser solucionados com a aplicação de uma legislação adequada. O nosso Pantanal, cantado em versos e prosas por sua beleza ímpar, infelizmente também não está isento de ameaças e vem sofrendo o impacto dos resíduos e poluentes produzidos nas terras altas, do esgoto doméstico e do lixo despejados por aglomerações urbanas, a exemplo de Cuiabá, para não mencionar o desastre ecológico do Rio Taquari em Mato Grosso do Sul e problemas que vem sendo anunciados em função da descaracterização do leito de rios como o São Lourenço, o Cuiabá, o Paraguai e o Vermelho.

No dia 2 de fevereiro, o mundo comemora o Dia Mundial de Áreas Úmidas, sendo que em 2017 o tema escolhido foi “Áreas Úmidas para a Redução de Riscos de Desastres”. A UFMT, através do INCT-Áreas Úmidas e com o apoio do CPP, terá, uma vez mais, participação ativa nesta data simbólica, promovendo eventos que deverão contar com a participação de autoridades políticas e acadêmicas, além da população em geral. O domínio de temas ligados ao meio ambiente é condição necessária para o exercício da cidadania no século XXI.

- Autor Paulo Teixeira de Sousa Jr, docente da UFMT e fundador do Centro de Pesquisas do Pantanal (CPP)

Anexo 13. Notícia publicada no site da UEMS

IntraUEMS (<http://www.intra.uems.br>) 🔍 (<http://www.uems.br/busca>) ☎️ (<http://www.uems.br/telefonos>)
  (<https://www.facebook.com/uemsoficial>)

Documentação Eletrônica (<http://www.uems.br/home>)
 UNIVERSIDADE ▾ ADMINISTRAÇÃO ▾ INGRESSO ▾
 IMPRENSA ▾ EAD ▾ LICITAÇÕES ▾ BIBLIOTECA ▾
 CIDADES ▾

Centro de Pesquisa do Pantanal inicia na UEMS ciclo de oficinas em defesa das Áreas Úmidas no Brasil

Você está aqui: Home (<http://www.uems.br/>) > Notícias (<http://www.uems.br/noticias>) > Centro de Pesquisa do Pantanal inicia na U...

Por: André Mazini | Postado em: 25/04/2017



Os pesquisadores do Centro de Pesquisa do Pantanal (CPP) iniciam nesta terça-feira, (25) um ciclo de oficinas, em todo território nacional, que vai ajudar a melhorar o sistema de "Classificação e Delineamento das Áreas Úmidas Brasileiras", publicado em março de 2015.

As Áreas Úmidas (AUs) cobrem cerca de 20% do território brasileiro, tendo papel importantíssimo no ciclo hidrológico, pois estocam o excesso de água durante as chuvas pesadas, para, logo a seguir, promover a lenta liberação deste líquido para os riachos e rios, diminuindo desta forma os riscos de inundações e secas extremas e fornecendo água limpa para o meio ambiente e o ser humano. Além disso, ajudam no reabastecimento do lençol freático e influenciam de maneira positiva o clima local e regional.

Para a pesquisadora associada ao CPP, Cátia Nunes, que vai coordenar a oficina em Campo Grande, o encontro vai contar com a comunidade científica das instituições Embrapa Pantanal, UEMS e UFMS. "Vamos ouvir sugestões, pois sabemos que o Pantanal não é homogêneo, pois existem mais de cinquenta macrohabitats, que são áreas geográficas com características semelhantes", afirmou Cátia. Ela ainda ressaltou que o sistema de classificação e delineamento de Áreas úmidas é importante para embasar a Lei do Pantanal, porque as unidades de classificação estão propostas como unidades de gestão.

O encontro será realizado nesta terça-feira, das 8h30 às 17h, no campus da UEMS, localizado na Avenida Dom Antonio Barbosa, 4155, Campo Grande.

Com informações da Assessoria de Comunicação do CPP

Outras notícias

Diretor de Universidade de Angola visita UEMS e discute convênio (<http://www.uems.br/noticias/detalhes/diretor-de-universidade-de-angola-visita-uems-e-discute-convenio-162802>)

UEMS/CG promove ação pelo Setembro Amarelo no centro da cidade (<http://www.uems.br/noticias/detalhes/uemscg-promove-acao-pelo-maio-amarelo-no-centro-da-cidade-154342>)

PROEC publica resultado final do Programa de Bolsas de Cultura, Esporte e Lazer (<http://www.uems.br/noticias/detalhes/proec-publica-resultado-final-do-programa-de-bolsas-de-cultura-esporte-e-lazer-151543>)

Listar todas (<http://www.uems.br/noticias>)

Anexo 14. Notícia publicada no site da UEMS

IntraUEMS (<http://www.intra.uems.br>) 🔍 (<http://www.uems.br/busca>) ☎️ (<http://www.uems.br/telefonos>)
 UEMS  f (<https://www.facebook.com/uemsoficial>)

Documentos Eletrônica UNIVERSIDADE ▾ ADMINISTRAÇÃO ▾ INGRESSO ▾
 de Mato Grosso do Sul IMPRENSA ▾ EAD ▾ LICITAÇÕES ▾ BIBLIOTECA ▾
 (<http://www.uems.br/home>)
 CIDADES ▾

Instituições se unem para salvar título de Reserva da Biosfera do Pantanal

Você está aqui: Home (<http://www.uems.br/>) > Notícias (<http://www.uems.br/noticias>) > Instituições se unem para salvar título de R...

Por: André Mazini | Postado em: 05/02/2017



Contando com participação ativa da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), através do reitor Fábio Edir dos Santos Costa, o Conselho Executivo da Reserva Biosfera do Pantanal, apresentou na última sexta-feira (3) um plano

de ações emergenciais em defesa da manutenção do Pantanal. Já aprovado por comissão internacional da Unesco o plano garantiu a manutenção do título de "Reserva da Biosfera" ao bioma presente principalmente nos estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso.

"Precisamos alertar a sociedade de que se não houver ações ambientais concretas o Pantanal está sim ameaçado, mas precisamos mostrar também que existe uma intensa movimentação, apoiada por diversas instituições, no sentido de preservá-lo", disse o reitor Fábio Edir. O título de Reserva da Biosfera, concedido em 2000 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), poderia ser retirado a qualquer momento, diante das ameaças que colocavam em risco a saúde ambiental do Pantanal.

O comunicado da Unesco que apontava a possibilidade de perda do título ocorreu em junho de 2016. A época, o governo federal recebeu e encaminhou o documento aos dois estados para que houvesse providências. Representantes do MS, do MT e do Ministério do Meio Ambiente reuniram-se então e criaram o plano de ação emergencial, com ações de curto, médio e longo prazo.

Plano de ação

Ao Correio do Estado (em matéria de Glauceca Vaccari), a presidente do Conselho Executivo da RB Pantanal, Fátima Sonoda, explicou que o plano de ação emergencial de 2017 a 2025 tem três funções, sendo conservação, desenvolvimento e pesquisa científica.

Qualificar o sistema de gestão foi apontada como uma das

Outras notícias

Diretor de Universidade de Angola visita UEMS e discute convênio (<http://www.uems.br/noticias/detalhes/diretor-de-universidade-de-angola-visita-uems-e-discute-convenio-162802>)

UEMS/CG promove ação pelo Setembro Amarelo no centro da cidade (<http://www.uems.br/noticias/detalhes/uemscg-promove-acao-pelo-malo-amarelo-no-centro-da-cidade-154342>)

PROEC publica resultado final do Programa de Bolsas de Cultura, Esporte e Lazer (<http://www.uems.br/noticias/detalhes/proec-publica-resultado-final-do-programa-de-bolsas-de-cultura-esporte-e-lazer-151543>)

Listar todas (<http://www.uems.br/noticias>)

primeiras medidas a serem adotadas, contando com o Conselho Executivo para executar as tarefas e o Comitê Estadual, com 20 instituições integrantes, além de setor empresarial e sociedade civil, para ajudar na discussão de temas. O objetivo, segundo a presidente é "chegar nos municípios, criar instâncias menores onde serão executadas ações agindo na conservação do meio ambiente".

Além desses, outros objetivos serão perseguidos a partir do plano, como promover a função de conservação, desenvolvimento e conhecimento científico e tradicional da Reserva da Biosfera Pantanal, implantar estrutura de gestão e promover comunicação e marketing do bioma. Para cada um dos objetivos, ações foram definidas com grau de prioridade, sendo curto, médio e longo prazo.

Com as atividades devidamente implementadas, as instituições envolvidas acreditam que Reserva da Biosfera Pantanal passe a funcionar com governança efetiva, promovendo desenvolvimento sustentável e colaborando na formação de redes inclusivas e orientadas no âmbito do Programa "O Homem e a Biosfera (MaB – Man and the Biosphere)" da Unesco.

Anexo 15. Notícia publicada no site da UEMS

IntraUEMS (<http://www.intra.uems.br>) 🔍 (<http://www.uems.br/busca>) ☎️ (<http://www.uems.br/telefonos>)
 UEMS 📌 (<https://www.facebook.com/uemsoficial>)
 Documentos Eletrônica UNIVERSIDADE ▾ ADMINISTRAÇÃO ▾ INGRESSO ▾
 de Mato Grosso do Sul (<http://www.uems.br/home>) IMPRENSA ▾ EAD ▾ LICITAÇÕES ▾ BIBLIOTECA ▾
 CIDADES ▾

Pantanal mantém título da Unesco de Reserva da Biosfera

Você está aqui: Home (<http://www.uems.br/>) > Notícias (<http://www.uems.br/noticias>) > Pantanal mantém título da Unesco de Res...

Por: André Mazini | Postado em: 07/02/2017



Após correr o risco de perder o título 'Reserva da Biosfera', concedido em 2000 pela Unesco, o Pantanal manteve o reconhecimento internacional e contará com cerca de 80 ações emergências cujo objetivo principal é promover a conservação e desenvolvimento sustentável do território. Com um importante papel na articulação das ações que visavam a manutenção do reconhecimento internacional, o reitor da UEMS, Fábio Edir dos Santos Costa reconhece os desafios impostos pelo plano de ação mas acredita ele será executado com sucesso. "É uma grande vitória para Mato Grosso do Sul e Mato Grosso que têm no Pantanal seus maiores patrimônios", afirmou o reitor.

Outras notícias

Diretor de Universidade de Angola visita UEMS e discute convênio (<http://www.uems.br/noticias/detalhes/diretor-de-universidade-de-angola-visita-uems-e-discute-convenio-162802>)

UEMS/CG promove ação pelo Setembro Amarelo no centro da cidade (<http://www.uems.br/noticias/detalhes/uemscg-promove>)

O anúncio da manutenção do título internacional foi dado na última semana pelo Comitê Executivo da Reserva da Biosfera do Pantanal, formado por representantes dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, durante um evento realizado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Áreas Úmidas (INAU) da Universidade Federal de Mato Grosso.

Para o secretário de estado de Meio Ambiente e vice-governador de Mato Grosso, Carlos Fávaro, a manutenção do título é uma conquista para a população e mais um avanço da gestão ambiental. "Agora vamos tomar medidas para manter esse título e garantir a longevidade do Pantanal, que é patrimônio de todos. Para isso, é necessário um trabalho conjunto entre os estados, sociedade civil e os diversos setores do segmento econômico". O plano de ação emergencial em defesa da manutenção do Pantanal prevê atividades de curto, médio e longo prazo, como a elaboração de um mapa de uso e ocupação de solo, implantação de Unidades de Conservação (UC), monitoramento socioambiental e promoção de agendas de discussão com a Unesco. As ações começam este ano e seguem até 2025.

O documento foi desenvolvido pelo comitê executivo, aprovado pelo Governo Federal e apresentado em 2016 durante a 23ª Reunião do Comitê Internacional de Aconselhamento das Reservas da Biosfera (IACBR 2017), ocorrida em Paris, no mês passado. Conforme a superintendente de Biodiversidade da Sema e presidente do comitê, Fátima Sonoda, muitas pessoas não compreendem a importância desse título, mas ela ressalta que por meio dele é possível o Brasil capitalizar recursos, trazer pesquisas e incentivar atividades sustentáveis no Pantanal.

"Essa é uma vitória para as instituições que lutam pela preservação de uma das maiores áreas alagada do mundo. Nosso próximo passo agora é implementar as ações e garantir a manutenção do Pantanal", informa Fátima.

O reitor da Universidade Estadual de MS (UEMS), Fábio Edir, também comemora a conquista e destaca a luta dos estados a favor do Pantanal. "Reafirmamos esse compromisso entre os estados que lutam há mais de 15 anos pela produção de pesquisa nesta região. Esse é um momento de coroação do nosso trabalho, mas a batalha ainda não terminou", lembra o reitor sobre a segunda etapa da conquista que é a implementação do plano de ação.

Na avaliação do coordenador do Centro de Pesquisas do Pantanal (CPP), o professor Paulo Teixeira, os estudos são condições indispensáveis para que aconteça o esclarecimento à sociedade pantaneira. "Juntos temos que discutir os rumos da sociedade pantaneira, no contexto produtivo da área, para encontrarmos uma forma sustentável de utilização da planície alagada".

Participou também do evento o senador José Medeiros (PSD-MT), que assim como os demais presentes, comemorou a notícia da manutenção do título internacional. "A sustentação do título é uma vitória, pois o Pantanal é uma das maiores riquezas ambientais do mundo, parabênizo a todos pelo esforço e desempenho. Agora devemos fazer o dever de casa e estou à disposição para auxiliar na execução dessa tarefa".

O conselho é composto por 10 instituições. Em Mato Grosso, participam do grupo a Sema, representantes de proprietários de Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), de uma atividade sustentável no pantanal, de Organizações Não-governamentais (ONGs) e de uma universidade.

Com informações da Assessoria de Imprensa do Governo de MT

acao-pelo-maio-amarelo-no-centro-da-cidade-154342)

PROEC publica resultado final do Programa de Bolsas de Cultura, Esporte e Lazer (<http://www.uems.br/noticias/detalhes/proec-publica-resultado-final-do-programa-de-bolsas-de-cultura-esporte-e-lazer-151543>)

Listar todas (<http://www.uems.br/noticias>)

Anexo 16. Notícia publicada no site MS Notícias


≡ Navegar

SEU IPTU EM DIA
CAMPO GRANDE BEM MELHOR

quinta, 03 de maio de 2018

Interior

Incêndio destrói vegetação de banhado do Rio Formoso em Bonito

Por: Redação, com Portal da Educativa | 13/02/2017 às 13:00

Comentar | Compartilhar



Foto: Divulgação

Um incêndio, causado por uma sequência de descargas elétricas durante temporal, destruiu parte da vegetação do banhado do Rio Formoso em Bonito, interior de Mato Grosso do Sul. Por ser tratar de uma Área de Preservação Permanente (APP) naturalmente alagada, o acesso das equipes de regaste ficou prejudicado, sendo impossível apagar o fogo, que se alastrou por uma área de aproximadamente 3 mil hectares, segundo a Polícia Militar Ambiental (PMA).

Além de deixar a cidade em estado de alerta, o incêndio reacendeu as discussões sobre a criação das Unidades de Conservação (UC).

Nas redes sociais alguns moradores questionaram a necessidade de uma proteção mais restritiva no banhado do rio, que é maior fonte de renda do município.

Já o secretário de Meio Ambiente do município e presidente da Fundação Amigos do Rio Formoso, Alexandre Ferro se posicionou de forma pacificadora, afirmando que a proteção dos banhados é de extrema importância e está acima de qualquer discussão, mas que o controle das chamas só foi possível devido ao auxílio de moradores das propriedades rurais que abrigam o banhado.

“Como o local é alagado e afastado, foi impossível a ação dos caminhões pipa e do Corpo de Bombeiros. Na verdade a única coisa que pudemos fazer foi controlar as chamas para que não atravessasse o rio e viesse em direção à cidade. E isso só foi possível porque os funcionários e donos das fazendas ajudaram. Foi um empenho muito grande de todos, até mesmo para evitar que o fogo passasse a rodovia e atingisse o Parque”, explica o secretário.

Ainda segundo Ferro, as discussões sobre a criação das UCs não é prioridade da Prefeitura neste momento. “Nós estamos preocupados em sanar problemas emergenciais, como a coleta seletiva, o aterro sanitário e a estação de esgoto. Até mesmo porque, o banhado do Rio Formoso está protegido. Ele já é uma APP e é extremamente proibida qualquer atividade humana no local”, destacou.

O local ainda deve passar por perícia da PMA e do Ibama para certificar a causa do incêndio, mas segundo os policiais, a hipótese mais concreta é que o fogo foi provocado pela queda dos raios, uma vez que o início das chamas aconteceu em um local totalmente isolado. As chamas começaram na quinta-feira (9) e só foram controladas na madrugada deste sábado (11), quando já havia queimado o que tinha para queimar.

O secretário de Meio Ambiente também comentou sobre a preocupação com uma nova chuva, que pode levar as cinzas para dentro do rio, tirando a oxigenação da água, o que levaria a morte de centenas de peixes. “Nossas equipes ainda estão no local. Hoje vimos um pouco de fumaça e estamos monitorando para saber se é um novo foco ou apenas restos do incêndio. Os fazendeiros também estão de prontidão, preparados para novas intervenções. Durante esses três dias todas as propriedades fizeram o trabalho de moto-bomba, mantendo as chamas apenas de um lado do rio”.

O impacto ambiental ainda não foi estimado, porque segundo o secretário está muito recente é foi provocado pela própria natureza. “Não sabemos se isso vai ter algum impacto. Porque havia uma macega muito acumulada. Às vezes é apenas a natureza fazendo sua própria renovação. A única coisa que dá para afirmar agora, é que a presença dos fazendeiros no local, ao invés de prejudicar, como muita gente acredita, foi fundamental para evitar uma catástrofe maior. No ano passado um caso semelhante aconteceu no Parque Nacional da Serra da Bodoquena, justamente em uma área de banhado e o estrago foi muito maior, porque as equipes de resgate não conseguiam chegar e não haviam moradores por perto para fazer esse trabalho de contenção”, detalhou Ferro.

Em reportagem do jornal Correio do Estado, em setembro do ano passado, o botânico Arnildo Pott, professor da UFMS, comentou sobre a importância dos banhados que “aos olhos dos leigos, não são representativos, mas guardam verdadeiros tesouros da biodiversidade”.

“Quem olha de fora, pensa que é somente um capinzal. Parecem áreas monótonas, mas nessas áreas há mais de 500 espécies de vegetais e uma diversidade de vida animal associada às plantas: insetos, aves que fazem ninhos ou se alimentam ali, além de mamíferos de grande e pequeno portes”, diz Pott.

Ele reforça que o mau uso dessas áreas, que são cabeceiras dos rios Formoso e da Prata, afeta diretamente o Pantanal: “Esses brejos acumulam uma terra preta encharcada que são restos dos vegetais. O acúmulo dessa matéria orgânica funciona como estoque de água, como uma esponja que armazena água para o ano inteiro. Essa água flui limpa e é a razão da perenização dos rios. A drenagem desses sistemas rebaixa o nível de água do solo, ele fica arejado e esse material orgânico se oxida. Ou seja, ele se queima sem chamas e não funciona mais como esponja”.

Localização

O fogo teve início no banhado (brejão) do Rio Formoso, entre as fazendas Belo Horizonte e Barreiro Grande, atravessando o Rio Cristalino e indo sentido ao Rio Formosinho, onde o banhado também foi danificado.

Resgate

Além de tentar controlar as chamas, alguns moradores se empenharam em resgatar animais assustados com fogo, que foram em direção ao rio. Dois jovens foram filmados ajudando um tamanduá-mirim a atravessar o rio. Veja o vídeo em anexo.

TV MS



Grande Circuito Rodeio em Touros acontece na Capital

Últimas Notícias

- 12h27 **Com apoio de Lídio Lopes, Coronel Sapucaia tem recorde de público na Festa do Laço Comprido**
- 12h24 **Grávida, indígena denuncia vereador por violência sexual e ameaças**
- 10h20 **Agepan reforça combate ao transporte clandestino feito por veículos de passeio**
- 10h15 **PRF apreende mais de 8 kg de maconha na BR-262**
- 10h08 **Bodoquena receberá 950 ciclistas para desafio mountain bike**
- 10h05 **Mato Grosso do Sul tem 31 municípios em situação de emergência**
- 08h54 **Jovens da Escola Pública de Futebol receberão treinamento especializado**
- 08h35 **Ator Fábio Assunção é detido após se envolver em acidente em São Paulo**
- 08h10 **Sesi de Corumbá reúne parceiros para alinhar detalhes da Ação Global 2018**

[Ver Mais Notícias](#)

Anexo 17. Notícia publicada pelo jornal impresso Correio do Estado

CORREIO DO ESTADO
QUINTA-FEIRA, 12 DE JANEIRO DE 2017

CIDADES

cidades@correioestado.com.br

TEMPO

MS tem o maior número de queimadas em todo o País

Corumbá é o município brasileiro com a situação mais crítica

BÁRBARA CAVALCANTI

Com as queimadas avançando em Corumbá, Mato Grosso do Sul lidera o número de focos de incêndio do País. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) verificou 89 focos, o equivalente a 33% de todos registros do território nacional. Desse total, 82 são em Corumbá, a maior quantidade entre os 5.570 municípios do Brasil.

Em Corumbá, ocorre incêndio que atinge parte do Pantanal e que está sendo combatido pelo Corpo de Bombeiros desde ontem. O incêndio, que começou na Bolívia, consome parte da vegetação no norte de Corumbá, e as fumaças provocadas pelas chamas encobriram grande parte da cidade.

De acordo com o 3º Grupamento de Bombeiros Militar do município, foi realizado sobrevoo, com o apoio da Marinha, para identificar o local atingido. Conforme assessoria de imprensa da corporação, a equipe ainda não tinha retornado dos trabalhos no fim da tarde de ontem, mas já seria possível notar que o fogo fora reduzido e que estaria menos que o do lado boliviano.

O trabalho dos bombeiros é auxiliado pelo Inpe, que monitora a região com oito satélites.

De acordo com o Instituto, o Brasil, em 48 horas (ontem e anteontem), liderou o ranking dos países da América Latina com maior quantidade de incidência de queimadas. Do dia 10 até ontem, foram registrados 269 focos de incêndios no País. A maior contribuição para esse cenário vem de Mato Grosso do Sul (89 focos) e, de modo específico, de Corumbá (82 focos).

CALOR

Desde o fim de semana, Mato



OPERAÇÃO. Bombeiros iniciaram ontem combate a incêndio em Corumbá, na região do Pantanal

FOCOS DE INCÊNDIO NAS ÚLTIMAS 48H

POR ESTADOS



Grosso do Sul tem pelo menos quatro municípios entre os dez mais quentes do País. Porto Murtinho, Três Lagoas, Corumbá (no distrito de Nhumirim) e Aquidauana re-

gistraram, durante esta semana, temperaturas de até 40°C (Porto Murtinho, no dia 8).

O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) registrou também a porcentagem de

risco de queimadas: para o estado, o risco está em pelo menos 30%.

Com a temperatura nas alturas, a região leste do interior do Estado, entre os municípios de Coxim e Três Lagoas, deve receber fortes pancadas de chuva durante o dia de hoje. O Inmet também emitiu alerta de tempestades e ventos com velocidade entre 40 e 60 km/h. As chuvas intensas devem atingir entre 30 mm e 50 mm. Além disso, em alguns municípios, há possibilidade de queda de granizo.

EL NIÑO

Ainda conforme o Inmet, para o sul do Estado, a previsão indica maior probabilidade de grande quantidade de chuvas acima dos valores normais registrados. Nesta região, a quantidade de chuvas deve ficar até 45% acima da média normal. O Instituto explica que essa previsão ainda é reflexo do fenômeno conhecido como El Niño.

Anexo 18. Notícia publicada pelo jornal impresso Correio do Estado

8 | CIDADES | CORREIO DO ESTADO
DOMINGO, 5 DE FEVEREIRO DE 2017

SUSTENTABILIDADE

MS e MT elaboram plano de ações em defesa do Pantanal

Objetivo é manter o reconhecimento do bioma como Reserva da Biosfera Mundial

GLAUCEA VACCARI

Conselho Executivo da Reserva da Biosfera do Pantanal, formado por representantes de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, apresentou, na sexta-feira, plano de ações emergenciais em defesa da manutenção do Pantanal. O plano já foi aprovado por comissão internacional da Unesco e garantiu manutenção do título de Reserva da Biosfera (RB) à maior área úmida do planeta. Entre as medidas, está a de se criar e manter propriedades rurais sustentáveis nesse bioma.

O plano fundamenta-se em pesquisas do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Áreas Úmidas (Inau) e pelo Centro de Pesquisas do Pantanal (CPP). O Pantanal foi designado como Reserva da Biosfera em 2000, pela Unesco. A presidente do Conselho Executivo da RB do Pantanal, Fátima Sonoda, afirmou que, de 2000 até 2016, algumas ações foram feitas no Pantanal, mas desarticuladas entre os governos de



Saiba

Maiores planície alagada do planeta

Com 25 milhões de hectares, o Pantanal é a maior planície alagada do planeta. O bioma se estende pela Bolívia, pelo Paraguai e Brasil, sendo aproximadamente 62% no território brasileiro, nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul

Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e a Unesco cobrou a criação de um conselho deliberativo, sob risco da perda do título de Reserva da Biosfera.

Em junho de 2016, o governo federal recebeu notificação da Unesco sobre a possibilidade de retirada do título e encaminhou o documento aos dois estados para que houvesse



ÁLVARO REZENDE/ARQUIVO

AMEAÇA. Pantanal, com espécies diversas, como o jacaré, corre risco de perder título de reserva mundial

providências. Representantes de MS, MT e do Ministério do Meio Ambiente reuniram-se e criaram o plano de ação emergencial, com ações de curto, médio e longo prazo. Documentos foram encaminhados

e aprovados pela Unesco, garantindo a manutenção do título de área de Reserva da Biosfera ao Pantanal, anunciada no fim do mês passado.

Conforme Fátima Sonoda, reunião para apresentação do

plano já estava definida desde o ano passado. O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Áreas Úmidas (Inct-Inau), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), promoveu o evento no Dia Mundial

de Áreas Úmidas, comemorado em 3 de fevereiro.

PLANO DE AÇÃO

A presidente do Conselho Executivo da RB do Pantanal explicou que o plano de ação emergencial, de 2017 a 2025, tem três funções: conservação, desenvolvimento e pesquisa científica.

Conforme a presidente do conselho, uma das principais medidas a serem adotadas é o sistema de gestão, formado pelo Conselho Executivo e o Comitê Estadual. O comitê reúne 20 instituições, além de setor empresarial e sociedade civil.

Depois da definição dos alvos e prioridades, serão criados grupos de trabalho temáticos. Várias iniciativas já estão sendo mapeadas no território, como implementação das unidades de conservação, fazendas pantaneiras sustentáveis, monitoramento de qualidade das águas e da cobertura da vegetação e uso do solo (desmatamento), programa de proteção das nascentes, elaboração de planos de ação para proteção de espécies ameaçadas, entre outros.

Com as atividades, a expectativa é de que a Reserva da Biosfera do Pantanal funcione com governança efetiva, promovendo desenvolvimento sustentável e colaborando no desenvolvimento de pesquisas.

Anexo 19. Notícia publicada pelo jornal impresso Correio do Estado

8 | CIDADES | CORREIO DO ESTADO
DOMINGO, 2 DE ABRIL DE 2017

RIO PARAGUAI

Com menos chuvas, previsão é de cheia abaixo da média

Gado precisará se deslocar menos, mas produtores temem falta de água para os animais em médio prazo

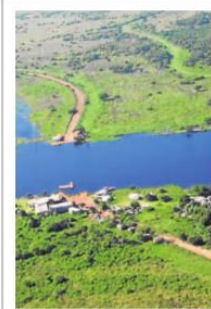
JONES MÁRIO

A cheia no Pantanal sul-mato-grossense este ano deve ficar abaixo da média histórica. De acordo com projeções da unidade pantaneira da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o volume inferior de chuvas na cabeceira dos rios que cortam a planície é um dos principais fatores que influenciam na previsão. A médio prazo, a perspectiva preocupa produtores da região.

Pesquisador da Embrapa Pantanal, Carlos Padovani explica que a projeção da cheia é feita com base no nível atual do Rio Paraguai – principal e para o qual os outros cursos d'água da região convergem – observado em estações ao norte do Pantanal sul-mato-grossense. O volume de água no leito oscila de acordo com quantidade, distribuição e frequência da chuva na área, principalmente nas cabeceiras, no planalto mato-grossense, onde nascem os rios da Bacia do Alto Paraguai.

De acordo com o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (CPTEC/Inpe), haverá precipitações dentro da média no Pantanal e na totalidade da Bacia do Alto Paraguai em abril, como ocorreu também em fevereiro e março. Mais ao norte, exatamente nas cabeceiras dos rios, em Mato Grosso, as chuvas foram e devem ser abaixo do habitual. Esta previsão é seguida pela Embrapa Pantanal para traçar seu planejamento para o período.

Segundo projeção da Embrapa, o nível máximo do Rio Paraguai na estação fluviométrica de Ladário, localizada no fim do Pantanal da Nhecolândia e a oeste do Paiaguás, deve ficar entre 3 e 4 metros, com ápice entre junho e julho. Em 114 anos de observações neste lo-



4

MESES

É o tempo que a água das chuvas nas cabeceiras do Rio Paraguai pode levar para atravessar todo o Pantanal. A demora se deve à baixa declividade da planície nos sentidos norte-sul e leste-oeste.

cal, o volume máximo de água ficou dentro desta margem em apenas 11 oportunidades. A cheia mais comum atinge entre 5 e 5,5 metros e já aconteceu 30 vezes.

PREOCUPAÇÃO

Introduzida por colonizadores da área, a criação de bovinos é a principal atividade econômica desenvolvida no Pantanal sul-mato-grossense. Por um lado, a previsão de cheia em proporções menores que a comum evita grandes deslocamentos dos animais para locais mais altos e diminui as chances de prejuízo. Por outro lado, pode comprometer a qualidade das pastagens e o abastecimento dos aguados naturais onde o gado bebe água no período de seca, o que preocupa produtores da região.

O pecuarista Rafael Gratão receia o segundo semestre. “[A cheia abaixo da média] é positiva a curto prazo, porque a água não encontra as pastagens e sobra área para os animais. O problema é que os brejos e reservatórios não enchem ou ficam com nível muito baixo. Pode faltar água para o gado na seca”, alerta. O produtor cria 2 mil cabeças de gado em 5 mil hectares de propriedade, situada no Pantanal da Nhecolândia, próxima ao Rio Taquari.

Com criação de 5,3 mil cabe-

ças de gado em fazenda de 14 mil hectares no município de Aquidauana, na Nhecolândia, o pecuarista Vicente Coelho Jurgielewicz também teme uma possível seca. Em 2016, o produtor não registrou prejuízos e classificou a cheia como “regular”. Ele conta que sua propriedade não fica em beira de rio e a água que acumula na área é de chuva.

“Esse ano foi muito seco. Choveu pouco. Essa é nossa grande preocupação, pode faltar pasto. Se não enche muito, o mato não renova, não brota bonito. Aqui o gado bebe nos aguados naturais e, se não chove, não tem água”, alega.

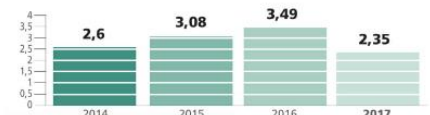
O monitoramento de altura do Rio Paraguai disponibiliza-



NORMALIDADE. Foto mostra região pantaneira do Porto do Manga, ano passado, em cheia normal

do pelo Serviço de Sinalização Náutica do Oeste, da Marinha do Brasil, ajuda a reforçar a projeção de uma cheia abaixo da média. O nível do principal curso d'água do Pantanal em Ladário na sexta-feira, dia 31, era de 2,35 metros. No mesmo dia de 2016, a régua marcava 3,49 metros.

De acordo com Carlos Padovani, a estação de Ladário é a mais confiável para fazer previsões no Pantanal sul-mato-grossense. O pesquisador alerta que não há como ser pego de surpresa com a cheia. “O normal é o Pantanal encher. Ele funciona assim. Quem está no Pantanal sabe da cheia, sabe dos riscos. Não podem querer drenar o Pantanal ou coisa assim. Ele precisa encher para sobreviver”.

RIO ABAIXO
COMPARE O NÍVEL DO RIO PARAGUAI
EM LADÁRIO NO ÚLTIMO DIA DE MARÇO

Fonte: Serviço de Sinalização Náutica do Oeste

Movimento dos bugios também indica baixa

As medições e pesquisas científicas, a fim de prever o tamanho da cheia este ano, vão ao encontro dos sinais e comportamentos observados na natureza. Na Serra do Amolar, região de planalto da Bacia do Alto Paraguai, com aproximadamente 300 mil hectares, a população de bugios (espécie de macaco) começa a subir as morrarias em busca de abrigo nos lugares mais altos. Para o leigo, é um indicio de que vem

muita água por aí. Para o pantaneiro, o contrário.

Fundador do Instituto Homem Pantaneiro – que atua na conservação e preservação do Pantanal e da cultura local –, Ângelo Rabelo voltou da Serra do Amolar no fim de março com a mesma projeção de cheia abaixo da média feita pela Embrapa. Suas fontes de informação foram os ribeirinhos e os macacos da região.

“O bugio subindo as morra-

rias é um sinal de que a cheia não será das grandes. Quem não tem o hábito acha que é o contrário. Na verdade, quando a cheia é acima do normal, os macacos desaparecem para a fronteira com a Bolívia e só voltam depois que a água baixa”, explica. Segundo ele, quem cria gado nas proximidades já armazena água nos poços para não faltar nas invernavadas.

A região da Serra do Amolar fica na confluência do Rio

Cuiabá com o Rio Paraguai, na divisa de Mato Grosso com Mato Grosso do Sul, entre Cáceres (MT) e Corumbá. O local é o maior em altitude do Pantanal e, por isso, é área de refúgio e reprodução para a fauna durante o período de cheia. No entorno da Serra, em território brasileiro, estão o Parque Nacional do Pantanal mato-grossense e três Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs). (JM)

Anexo 20. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News

CAMPO GRANDE NEWS
A notícia da terra a um clique de você. (67) 3316-7200

Capa Editorias TV News Lado-B Copa 2018 Direto das Ruas Colunistas Anuncie Classificados Fale Conosco Artigos Concursos
Últimas Notícias

Meio Ambiente

10/01/2017 12:27

Com calor e tempo seco, focos de incêndio se espalham pela fronteira

Foram registrados 58 focos apenas nos primeiros oito dias deste ano

Eici Holsback

Imprimir
 Enviar
 Tweet
 G+

CLIQUE PARA AMPLIAR



Foram quase 60 focos nos primeiros oito dias do ano (Foto: Anderson Gallo / Diário Corumbaense)

Entre os dias 1º e 8 de janeiro, Corumbá - município distante 419 km de Campo Grande registrou a maior incidência de queimadas dos últimos cinco anos, com 58 focos de incêndios florestais contabilizados no período.

Segundo o site Diário Corumbaense, o maior volume registrado para o período foi de 15 focos, nos últimos cinco anos. No mesmo período do ano passado, foram registrados sete focos e em 2014 e 2015 foram cinco episódios de queimadas.

Segundo estatísticas do monitoramento feito pela Divisão de Satélites e Sistemas Ambientais do CPTEC (Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos) vinculada ao INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), Corumbá também liderou o ranking nacional de queimadas nos últimos oito dias.

Somente nas últimas 48 horas, o INPE registrou 33 focos de incêndios florestais em Corumbá. Na tarde desta segunda-feira (9) grande foco de queimada atingiu a vegetação pantaneira ao norte da cidade e para combater as chamas, o Comando do 3º Grupamento de Bombeiros destacou equipe para avaliar e definir medidas de combate e contenção das chamas.

O município da região pantaneira está sem brigada de combate a incêndios florestais do Ibama, já que o trabalho das equipes especializadas acontece a partir do segundo semestre do ano, geralmente entre os meses de julho e dezembro.

Outros focos - Com quatro vezes menos focos, as cidades mato grossenses de Feliz Natal e Nova Ubiratã com 14 registros cada uma delas estão logo atrás de Corumbá no ranking. Óbidos (PA) e Rio Brilhante (MS) seguem logo atrás com 10 focos cada. Os quase 60 registros em Corumbá representam mais da metade dos 97 focos de incêndios florestais contabilizados este ano em Mato Grosso do Sul.

Últimas notícias

Quarta, 09 de Maio de 2018

Capital
18:27 Justiça volta a suspender tarifa mínima de água e esgoto na Capital

Que tal participar?
18:15 Mutirão no Rio Aquidauana tem nova data e precisa ainda mais de voluntários

Anastácio
18:02 Duas pessoas ficam feridas em incêndio em carreta na BR-419

Após confirmação de venda
17:50 Justiça convoca Petrobras sobre dívida de R\$ 40 milhões em fábrica

Dourados
17:07 Audiência debate investimento de R\$ 40

Mais Notícias

Anexo 21. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News

CAMPO GRANDE NEWS
Campo Grande, Quarta-feira, 09 de Maio de 2018

A notícia da terra a um clique de você.
(67) 3316-7200
BUSCAR

Capa
Editorias
TV News
Lado-B
Copa 2018
Direto das Ruas
Colunistas
Anuncie
Classificados
Fale Conosco
Artigos
Concursos

Últimas Notícias

Interior

11/01/2017 08:09

Queimadas avançam e atingem mais de 3 km da planície pantaneira

Bombeiros estão no local ajudando no combate às chamas

Elci Holsback

Tweet

CLIQUE PARA AMPLIAR

As queimadas estão se alastrando por Corumbá - distante 419 km de Campo Grande. Na manhã desta quarta-feira (11), uma equipe com 10 militares do Corpo de Bombeiros seguiu de barco até a região do canal do Tamengo, onde um intenso incêndio atinge a vegetação local desde a última segunda-feira (9).

Segundo informações dos Bombeiros, as chamas tiveram início na Bolívia e atualmente atingem mais de 3km de extensão na região pantaneira.

Chamas tiveram início na Bolívia e avançaram para a região pantaneira (Foto: Divulgação/Bombeiros)

"Ontem à tarde os Bombeiros, com apoio da Marinha do Brasil sobrevoaram por 30 minutos a área da planície em chamas, onde foi possível avaliar a dimensão da área atingida pelo fogo. Como estamos em época de seca do rio Paraguai, essa área que antes ficava alagada, com a seca produziu material combustível com a própria vegetação e que tornou que essa queima lenta e gradativa tomasse grandes proporções", explicou o cabo André Marti.

Ainda segundo o militar, o fenômeno é atípico, pois, janeiro é período de chuvas na região. "As chamas mais distantes estão próximas ao Rio Paraguai e devem se extinguir naturalmente. "O que preocupa mais é o fogo na região do Tamengo, pois, ainda há grande quantidade de vegetação e o fogo está produzindo grande coluna de fumaça", avalia.

A equipe foi até a região de barco, mas devido a complexidade do trajeto, alguns trechos devem ser feitos a pé. De acordo com informações do site Diário Corumbaense, choveu na tarde desta terça-feira (10) na região, mas em pouca quantidade, o que não ajudou a amenizar o problema do incêndio florestal na região.

CLIQUE PARA AMPLIAR

Cerca de 3 km de vegetação são atingidos pelas chamas (Foto: Divulgação/Bombeiros)

Ranking das queimadas - Com 58 focos registrados entre os dias 1º e 8 de janeiro, Corumbá é o município brasileiro com maior número de incêndios florestais no Brasil, segundo estatísticas do monitoramento feito pela Divisão de Satélites e Sistemas Ambientais do CPTEC (Centro de Previsão de [Tempo](#) e Estudos Climáticos) vinculada ao INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais).

O maior volume registrado para o período foi de 15 focos, nos últimos cinco anos. No mesmo período do ano passado, foram registrados sete focos e em 2014 e 2015 foram cinco episódios de queimadas.

Últimas notícias

Quarta, 09 de Maio de 2018

Capital
18:27 **Justiça volta a suspender tarifa mínima de água e esgoto na Capital**

Que tal participar?
18:15 **Mutirão no Rio Aquidauana tem nova data e precisa ainda mais de voluntários**

Anastácio
18:02 **Duas pessoas ficam feridas em incêndio em carreta na BR-419**

Após confirmação de venda
17:50 **Justiça convoca Petrobras sobre dívida de R\$ 40 milhões em fábrica**

Dourados
17:07 **Audiência debate investimento de R\$ 40 milhões**

[Mais Notícias](#)

Anexo 22. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News

CAMPO GRANDE NEWS
Campo Grande, Quarta-feira, 09 de Maio de 2018

A notícia da terra a um clique de você.
(67) 3316-7200

Capa Editorias TV News Lado-B Copa 2018 Direto das Ruas Colunistas Anuncie Classificados Fale Conosco Artigos Concursos

Facebook Twitter YouTube
Últimas Notícias

Interior

02/12/2016 17:30

Usina de energia deve gerar R\$ 65 milhões de receita ao ano para o município

Termoelétrica não oferece riscos ambientais à região pantaneira, avalia Imasul

Elci Holsback

CLIQUE PARA AMPLIAR

LOCALIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

UTE será construída em zona rural de Ladário (Foto: Diário Corumbaense)

A instalação da usina termoelétrica em Ladário, município distante 419 Km de Campo Grande e localizado no **pantanal** sul-mato-grossense prevê incremento de R\$ 65 milhões ao ano na economia do município a médio prazo, segundo o prefeito José Antônio Assad e Faria (PT). O assunto foi debatido em audiência pública promovida pelo Imasul (Instituto de Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul) na noite desta quinta-feira (1°).

"A equipe técnica da usina nos apresentou estudos interessantes sobre os possíveis impactos ambientais e vários aspectos sobre a instalação da indústria. Os impactos ambientais serão mínimos e, em contrapartida, há projetos para desenvolvimento e preservação ambiental da região. Outro ponto importante é o estímulo à atividade econômica, pois, além do aumento da receita, novos investidores também podem vir para a cidade", avalia Faria.

O prefeito adianta ainda que os repasses da UTE Fronteira (Usina Termoelétrica) devem chegar a R\$ 3 bilhões ao ano para o governo Federal e R\$ 700 milhões ao ano para o governo do Estado. Caso a indústria adquira a licença ambiental e seja contemplada em leilão da Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica) para executar a instalação, as obras iniciam em 2018, com início das atividades previsto para 2022, com previsão de funcionamento de 20 anos.

"Para a execução da planta é necessário que a empresa tenha o combustível para atuação, o que já está adequado, licença ambiental da área e ainda ser sorteada em leilão da Aneel, que já avaliou a viabilidade da instalação", comenta.

Para incentivar a contratação de mão-de-obra local, a prefeitura irá buscar parcerias com a **UFMS** (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), IFMS (Instituto Federal de Mato Grosso do Sul) e Sesi (Serviço Social da Indústria). "Pretendemos estimular programa de empregabilidade local, oferecendo profissionais habilitados para trabalhar no empreendimento", avalia.

Estudo ambiental - De acordo com avaliação do Imasul, uma série de fatores são avaliados antes da instalação de indústria deste porte e segmento, contudo, os impactos ambientais do empreendimento são considerados mínimos. "Hoje em dia, as térmicas tem característica de impacto totalmente diferentes do passado, quando eram movidas a carvão por exemplo. Há tecnologias novas e o gás natural não traz danos ao meio ambiente", avalia o diretor de licenciamento do Imasul, Ricardo Éboli.

Últimas notícias

Quarta, 09 de Maio de 2018

- 18:39 **Um ano a mais**
Contran prorroga prazo de novas regras de segurança em caminhões basculantes
- 18:27 **Capital**
Justiça volta a suspender tarifa mínima de água e esgoto na Capital
- 18:15 **Que tal participar?**
Mutirão no Rio Aquidauana tem nova data e precisa ainda mais de voluntários
- 18:02 **Anastácio**
Duas pessoas ficam feridas em incêndio em carreta na BR-419

[Mais Notícias](#)

O diretor alerta ainda que o empreendimento está dentro dos padrões de emissão de gás, mas que o Imasul manterá fiscalização. "Todo empreendimento tem algum tipo de impacto, mas esse está dentro dos padrões de emissão. Mesmo sendo em Ladário, a emissão de gases não será prejudicial ao meio ambiente, não vamos permitir", finaliza o diretor.

A Embrapa e a **UFMS** serão acionadas pela prefeitura para colaborar nos estudos do Imasul quanto aos fatores ambientais envolvidos no projeto de instalação da UTE Fronteira.

Com capacidade de geração de energia prevista em 266 kv - o suficiente para abastecer um município com 800 mil habitantes, a UTE Fronteira tem previsão de instalação na zona rural de Ladário, no quilômetro 516 da BR-262. A previsão inicial é do empreendimento gerar 2 mil empregos diretos e indiretos já na fase de construção.

Anexo 23. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News

Campo Grande, Quarta-feira, 09 de Maio de 2018

A notícia da terra a um clique de você.
(67) 3316-7200

BUSCAR

Capa Editorias TV News Lado-B Copa 2018 Direto das Ruas Colunistas Anuncio Classificados Fale Conosco Artigos Concursos
Últimas Notícias

Interior

25/01/2017 13:01

Governo acompanhará construção de termelétrica para preservar Pantanal

Ricardo Campos Jr.

Imprimir
 Enviar
 Tweet
 G+

CLIQUE PARA AMPLIAR



Rose vistoriou obras da Sanesul em Corumbá e Ladário (Foto: Ricardo Albertoni/ Diário Corumbaense)

Últimas notícias

Quarta, 09 de Maio de 2018

Um ano a mais

18:39 **Contran prorroga prazo de novas regras de segurança em caminhões basculantes**

Capital

18:27 **Justiça volta a suspender tarifa mínima de água e esgoto na Capital**

CLIQUE PARA AMPLIAR



Bairro corumbaense que receberá em breve obras de pavimentação (Foto: Ricardo Albertoni/ Diário Corumbaense)

A governadora em exercício Rose Modesto (PSDB) anunciou, durante visita a Corumbá nesta quarta-feira (25), que a administração pública não abrirá mão das leis ambientais e acompanhará a instalação da usina termoeletrica de gás natural em Ladário. Ela ressaltou a importância do empreendimento, que deve gerar 500 empregos diretos e dois mil indiretos, e que obteve licença prévia nessa terça-feira (24).

"Foi um passo muito importante a licença prévia. O Estado não quer abrir mão de deixar de receber esse investimento, de quase R\$ 1 bilhão", disse a vice-governadora.

Segundo informações do Diário Online, ela afirmou que o Executivo cuidará para que o desenvolvimento da região seja realizado em harmonia com a preservação do Pantanal.

"O Pantanal é nossa maior riqueza. Falamos da importância de investimentos para a região do pantanal, mas em momento algum vamos abrir mão de zelar pelo que a legislação nos cobra", disse em [entrevista](#) coletiva.

Investimentos – Rose visitou diversas obras e locais que devem receber intervenções do governo. Entre eles está o bairro Padre Ernesto Sassida. A região, construída em 2012, começará a ser pavimentada ainda este ano.

Segundo ela, o prefeito Ruitter Cunha (PSDB) elencou a obra como necessidade e por isso o governador [Reinaldo Azambuja](#) (PSDB) assinará em breve o início do empreendimento. O secretário de Infraestrutura, Marcelo Miglioli, que acompanhou a governadora em exercício durante a agenda, disse que a administração pública está fazendo estudos para viabilizar os recursos.

Rose também vistoriou o recapeamento de várias ruas, cujas obras foram possibilitadas por emendas parlamentares na ordem de R\$ 4,9 milhões.

Ela também acompanhou implantação de água e esgoto em vários bairros, cujos investimentos somam R\$ 52,1 milhão com recursos estaduais e federais e esteve na Sanesul, que está implantando reservatório e rede coletora no valor de R\$ 68,3 milhões.

Rose também esteve em Ladário, vizinha a Corumbá, em obras de recapeamento com investimento de R\$ 1,6 milhão. A intervenção está 65% concluída. A cidade, segundo informações do Diário Online, conta com obras de ampliação do esgotamento sanitário (R\$ 5,5 milhões); implantação de rede coletora de esgoto e ampliação do sistema sanitário (R\$ 8,1 milhões).

Que tal participar?
18:15 Mutirão no Rio Aquidauana tem nova data e precisa ainda mais de voluntários
18:02 Anastácio
18:02 Duas pessoas ficam feridas em incêndio em carreta na BR-419
[Mais Notícias](#)

Anexo 24. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News

Campo Grande, Quarta-feira, 09 de Maio de 2018

CAMPO GRANDE NEWS A notícia da terra a um clique de você. (67) 3316-7200

Capa Editorias TV News Lado-B Copa 2018 Direito das Ruas Colunistas Anuncie Classificados Fale Conosco Artigos Concursos

[f](#) [t](#) [You Tube](#) [Últimas Notícias](#)

Rural

18/01/2017 08:37

Feijão de corda se adapta ao Pantanal e poderá ser cultivado para alimentação

Renata Volpe Haddad



Amostra do feijão biofortificado Xique-Xique, que se adaptou bem à região. (Foto: Nicolly Dichoff)

Em um experimento realizado pela Embrapa **Pantanal** em Corumbá, foi constatado que o feijão de corda biofortificado se adaptou bem às condições climáticas da região, com alta produtividade e resistência a doenças, sendo que as sementes do primeiro plantio já foram multiplicadas.

Ao pé da letra, biofortificados significam alimentos mais nutritivos, pois passaram por um processo de cruzamento de plantas da mesma espécie, também chamado de melhoramento genético convencional.

Embora as pesquisas estejam completando 10 anos no Brasil, na região de Corumbá os testes começaram em 2016, porém têm sido promissores. Foram plantados quatro acessos de feijão BRS, cultivares disponibilizados pela Embrapa Agroindústria de Alimentos, e dois feijões comerciais, no sítio Luz Divina no assentamento Taquaral.

De acordo com o chefe de Transferência de Tecnologia da Embrapa Pantanal, José Aníbal Comastri Filho, o objetivo era verificar a adaptação ao clima e aos solos da região. "Como as amostras recebidas continham poucas sementes, esta primeira etapa foi conduzida com o objetivo de multiplicá-las para em seguida, após colheita, realizarmos a sua distribuição para outros produtores parceiros localizados em outros assentamentos, com a função de verificar a sua adaptação", alega.

As variedades plantadas foram BRS Estilo e BRS Cometa, ambas do tipo carioquinha, e BRS Esteio, de feijão preto. As variedades comerciais foram: feijão Amendoim, muito cultivado no Espírito Santo, devido à sua boa produtividade, e Feijão Manteigão Vermelho. A pesquisa contou ainda com a introdução do BRS Xique-Xique, uma variedade de feijão de corda, proveniente da Rede BioFORT. "É um feijão que está se adaptando muito bem às nossas condições, com alta produtividade e resistência a doenças", aponta Comastri.

O pesquisador da Embrapa Pantanal, Frederico Lisita, que acompanha os plantios, confirma que a variedade BRS Xique-Xique apresentou bons resultados na região. "Já estamos replantando para distribuir as sementes nos assentamentos", disse ele.

As variedades BRS Cometa e BRS Estilo (tipo carioquinha) são plantadas em abril ou início de maio, quando as temperaturas estão mais amenas. Como o ciclo é de três meses, a colheita ocorre em julho. "O Xique-Xique dá mais catas. Colhemos a primeira em três meses e continuamos colhendo durante seis a sete meses", afirma Lisita.

Essa variedade de feijão de corda é pequena, mas chega a dobrar de tamanho se for colocada de molho, antes do preparo. Sobre a resistência às pragas, a Xique-Xique passou intacta no ano passado. Já as outras duas sofreram um pouco com pulgão, mas as caldas verdes conseguiram controlar o problema.

Rede - A Rede BioFORT, citada por Comastri, é coordenada pela Embrapa e reúne todos os projetos de biofortificação de alimentos no Brasil. Para a pesquisadora da empresa e responsável por liderar a rede, Marília Nutti, a região Centro-Oeste brasileira tem sido estratégica para o aumento da produção de biofortificados.

E esses resultados ocorrem graças ao fortalecimento de parcerias como as firmadas com a Embrapa **Pantanal** e a Empaer (Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural), em Mato Grosso. "Ambas vêm desempenhando um importante papel de transferência de tecnologia nas comunidades locais", afirmou.

Marília explica que a biofortificação consiste em um processo de cruzamento de plantas da mesma espécie, gerando cultivares mais nutritivos. "No melhoramento convencional, não ocorre incorporação de genes de outro organismo ao genoma da planta, sendo necessária a realização de repetidos cruzamentos até atingir o cultivar melhorado desejado."

Últimas notícias

Quarta, 09 de Maio de 2018

- Um ano a mais**
18:39 **Contran prorroga prazo de novas regras de segurança em caminhões basculantes**
- Capital**
18:27 **Justiça volta a suspender tarifa mínima de água e esgoto na Capital**
- Que tal participar?**
18:15 **Mutirão no Rio Aquidauana tem nova data e precisa ainda mais de voluntários**
- Anastácio**
18:02 **Duas pessoas ficam feridas em incêndio em carreta na BR-419**

[Mais notícias de vendas](#)

[Mais Notícias](#)

Anexo 25. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News

Campo Grande, Quarta-feira, 09 de Maio de 2018


A notícia da terra a um clique de você.
(67) 3316-7200

Capa Editorias TV News Lado-B Copa 2018 Direto das Ruas Colunistas Anuncie Classificados Fale Conosco Artigos Concursos
Últimas Notícias

Política

13/03/2017 10:40

Deputados irão debater a proibição da pesca do dourado nos rios de MS

Audiência pública vai ocorrer na próxima quarta-feira

Leonardo Rocha

 Imprimir
  Enviar
  Tweet
  G+



CLIQUE PARA AMPLIAR

Os deputados irão debater, na próxima quarta-feira (15), a partir das 14h, o projeto que proíbe a pesca do dourado, durante oito anos, nos rios de Mato Grosso do Sul.

A audiência pública vai ocorrer no plenário da Assembleia Legislativa, tendo a participação de pescadores, biólogos e representantes de órgãos de fiscalização.

Audiência vai discutir o projeto que proíbe a pesca do dourado (Foto: PMA - Dinucação)



CLIQUE PARA AMPLIAR

Beto Pereira, autor do projeto, diz que medida não prejudica renda dos pescadores (Foto: Assessoria/ALMS)

O autor do proposta, o deputado Beto Pereira (PSDB), alega que a intenção desta medida é preservar a espécie, para que haja um repovoamento deste peixe, nos rios do Estado. Ele pondera que a proibição não vai afetar a renda dos pescadores, já que a espécie é a sétima na lista de vendas no mercado local.

"A Lei não causará impacto no trabalho dos pescadores profissionais. É um peixe que não está no topo dos mais vendidos em Mato Grosso do Sul", justificou. Ele diz que o peixe dourado está "desaparecendo" dos rios do Estado.

"Se não tomarmos medidas urgentes a situação pode ficar ainda mais crítica e o Dourado ser ameaçado de extinção. Precisamos discutir o projeto com atenção especial ao meio ambiente", pontuou.

A proposta permite a modalidade "pescue e solte", feita para pescaria esportiva. "Esta não é predatória e gera renda para quem trabalha com o setor turístico do Estado. A atividade movimentava a economia de muitas cidades do Estado", destacou Beto.

Leis - O autor justificou que o relatório do Sistema de Controle de Pesca, emitido pela Embrapa, Imasul e Polícia Militar Ambiental, mostra que o dourado caiu drasticamente nos últimos 20 anos, sendo 50 toneladas pescadas em 1994 e menos de 10 (toneladas), no ano de 2014.

Últimas notícias

Quarta, 09 de Maio de 2018

Um ano a mais
18:39 **Contran prorroga prazo de novas regras de segurança em caminhões basculantes**

Capital
18:27 **Justiça volta a suspender tarifa mínima de água e esgoto na Capital**

Que tal participar?
18:15 **Mutirão no Rio Aquidauana tem nova data e precisa ainda mais de voluntários**

Anastácio
18:02 **Duas pessoas ficam feridas em incêndio em carreta na BR-419**

Assessoria/ALMS

Mais Notícias

Também cita que já existem leis estaduais que proíbem a pesca desta espécie no Paraná, Mato Grosso e Goiás, assim como em países como Argentina e Uruguai. Já em Mato Grosso do Sul, os municípios de Aquidauana e Corumbá tem legislações próprias sobre o tema, tendo a devida proibição (captura).

O projeto foi apresentado no final de dezembro, e ainda segue em tramitação no legislativo. Além da pesca, também proíbe a comercialização, transporte, embarque e a industrialização da espécie (dourado), por oito anos.

Debate - O coordenador federal de Pesca e Agricultura de Mato Grosso do Sul, César Moura, ressalta que o tema é complexo, por envolver vários setores desta cadeia. "Sabemos que a legislação ambiental mais rígida e proibitiva não é algo novo, mas sempre precisa vir com alternativas, direcionada para os que forem prejudicados".

Moura destaca que os pescadores profissionais são contra a medida, pois interfere em suas rendas, mas que devem ser apresentadas alternativas sobre a mudança. "Temos que colocar todos na mesa para discutir o tema, sabemos que a intenção é a preservação do peixe, porém temos que ouvir o setor de turismo e da pesca".

Para o coordenador, o tema vai gerar polêmica, porém sempre prevalece os "olhos voltados para preservação", com uma política para atender a demanda. "Sabemos que o dourado é um símbolo do Pantanal, mas que pode trazer o turista, como na Argentina, onde a pesca esportiva tem muitos adeptos e movimentado o setor".

Moura divulgou que existem 7.241 pescadores profissionais em Mato Grosso do Sul e que a própria coordenação federal já está realizando um novo cadastramento. "O trabalho já começou e segue até maio, para termos um diagnóstico real de quantos trabalham realmente e tem sua renda nesta atividade".

O **Campo Grande News** entrou em contato com a Semade (Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico), mas até o fechamento da reportagem, não houve resposta sobre o tema.

Anexo 26. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News

Campo Grande, Quarta-feira, 09 de Maio de 2018

A notícia da terra a um clique de você.
(67) 3316-7200

BUSCAR

Capa
Editorias
TV News
Lado-B
Copa 2018
Direto das Ruas
Colunistas
Anuncie
Classificados
Fale Conosco
Artigos
Concursos

Últimas Notícias

Meio Ambiente

15/03/2017 19:45

Pesquisadores querem mais debates sobre limitação à pesca do dourado

Nyelder Rodrigues e Anahi Gurgel

Imprimir
 Enviar
 Tweet
 G+

As limitações à pesca do peixe dourado nos rios de Mato Grosso do Sul foi debatida em audiência pública na tarde desta quarta-feira (15), na Assembleia Legislativa. A proposta, que já tramita na Casa de Leis, vem dividindo opiniões entre pescadores, pesquisadores e representantes de órgãos ambientais.

O debate teve início com apresentação do deputado estadual Beto Pereira (PSDB), proponente da audiência e autor do projeto de lei.



Evento debateu questão polêmica sobre a pesca do dourado em MS (Foto: Anahi Gurgel)

"O objetivo principal é acabar com a pesca predatória e estimular o repovoamento do dourado, que está cada vez mais escasso em nossos rios. É comum hoje pescar apenas um ou dois exemplares. Se não tomarmos uma atitude, a situação vai se agravar e a espécie pode entrar em extinção", argumenta Pereira.

O parlamentar fez uma explanação com embasamento técnico para justificar a proposta e explicou que a pesca em si, para subsistência, poderá continuar. A limitação surge ao proibir o transporte da espécie, geralmente feito em grandes quantidades no estado.

"Na verdade, o que o projeto propõe é a proibição do transporte do dourado. As pessoas poderão pescar e comer o peixe na beira do rio, por exemplo. Proibido será, por exemplo, levar uns 5 kg para casa. Isso já é pesca predatória", explica o parlamentar.

Ele defende que haja um manejo pesqueiro que garanta manutenção dos estoques, geração de dados e informações com credibilidade para tomadas de decisão, desenvolvimento econômico, geração de trabalho e renda, fiscalização adequada e segurança jurídica.

"O despovoamento de espécies é um forte indicador dos efeitos da pesca predatória, que vem provocando instabilidade ambiental, redução econômica e prejuízos a quem depende da espécie", expôs o deputado.

"Hoje não temos informações sobre essa população. É fundamental realizar estudos que indiquem a quantidade, tamanho, comportamento em relação às espécies migradoras e predadoras e mecanismo para sua preservação", diz.

Segundo o projeto de lei, a proibição da pesca do dourado seguida do transporte do mesmo terá duração de 8 anos, período suficiente para reprodução e aumento da espécie nos rios. A proposta, de acordo com o texto, também não veta a modalidade pesque e solte.

Em meio ao debate, Beto Pereira relata que a diminuição de dourados nos rios é visível, o que vem prejudicando a renda dos pescadores "Antes era muito mais farto", frisa, comentando ainda que "os pescadores precisam de 200 kg de pescado por mês, mas por causa da escassez, são obrigados a burlar normas para fazer a pesca em áreas proibidas".

"Se houver exploração sem observar limites, não haverá descendentes", destaca, argumentando ainda que como o trabalho da pesca predatória prossegue, cada vez há peixes menores sendo capturados, fora da idade de reprodução, diminuindo ainda mais a espécie com o decorrer dos anos.

Opiniões - Desfavorável ao projeto, o presidente da Federação Estadual de Pescadores Profissionais, Pedro Jovem dos Santos, afirma que tal ação pode gerar um desequilíbrio ecológico.

"A proibição pode prejudicar muito os pescadores que dependem da espécie para sobreviver, sem contar o risco de provocar um grande desequilíbrio ambiental, porque o dourado é predador e pode fazer até com que outras espécies diminuam", conta Jovem, afirmando também que vai tentar articular com outros deputados para que o projeto não siga adiante.

Já o pesquisador da Embrapa, Agostinho Catella, defende a criação de um plano de gestão, adaptativo e compartilhado, e que defina objetivos claros para a pesca do dourado. "compartilhado por considerar os diferentes atores, no caso os pescadores, e adaptativo conforme as particularidades de cada bacia e sub-bacia".

Agostinho também acredita que uma lei com tal grau de importância e complexidade exige um debate mais amplo e embasado em mais pesquisas. "Uma decisão equivocada pode provocar prejuízos aos pescadores", comenta.

Outro pesquisador que participou do evento e que tem opinião similar, foi José Sabino, biólogo da Uniderp. "Antes de tomar uma decisão, é preciso ter qualidade na informação. Já se tem pesquisas que a proibição da pesca foi responsável pelo aumento de uma espécie, mas essa prática tem que ser contextualizada com a região. Mais que proibir, é importante investir no plano de manejo"

Porém, há opiniões também favoráveis ao projeto. Uma delas é do produtor rural e praticante do pesque e solte, Paulo Okishima, de 52 anos. "Sou a favor porque percebo essa escassez de dourado nos rios. Permitir o pesque e solte é o mais sensato. Acredito os pescadores é que são os verdadeiros agentes predatórios do peixe", comenta.

Últimas notícias

Quarta, 09 de Maio de 2018

18:39 **Um ano a mais**
Contran prorroga prazo de novas regras de segurança em caminhões basculantes

18:27 **Capital**
Justiça volta a suspender tarifa mínima de água e esgoto na Capital

18:15 **Que tal participar?**
Mutirão no Rio Aquidauana tem nova data e precisa ainda mais de voluntários

18:02 **Anastácio**
Duas pessoas ficam feridas em incêndio em carreta na BR-419

[Leia confirmação de vendas](#)

[Mais Notícias](#)

Linha de pensamento semelhante é seguida pelo pescador profissional Enoque Pereira Durães, que tem 57 anos e trabalha neste setor há mais de 30. "Nos últimos 10 anos houve uma queda do dourado nos rios. Eu estimo que uns 30%", crê Enoque, que ainda indica o que poderia ter causado tal situação.

"Isso aconteceu pelo aumento de pescadores amadores, turistas. Essa pesca acaba acontecendo sem nenhum controle", acredita. Sobre a proibição da pesca e transporte da espécie, ele diz que não haverá grandes mudanças. "Já não tem dourado mesmo para a gente pegar, então proibir ou limitar a pesca não vai fazer tanta diferença. Se é para aumentar a quantidade, sou totalmente a favor", diz.

Debate - Participaram da audiência representantes do Instituto Homem Pantaneiro, Imasul, Polícia Militar Ambiental,, Associação de Pesca Esportiva do Pantanal, Federação de Pescadores Profissionais de MS, Embrapa, Coordenadoria de Aquicultura e Pesca do Ministério da Agricultura no MS, Ibama/MS e Fundação de Turismo de Corumbá.

Atualmente já existem leis que proíbem a pesca do dourado no Paraná, Mato Grosso e Goiás, e em países como a Argentina. No Estado, os municípios de Aquidauana e Corumbá já possuem legislações próprias coibindo a pesca da espécie.

Anexo 27. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News

Campo Grande, Quarta-feira, 09 de Maio de 2018

A notícia da terra a um clique de você.
(67) 3316-7200

Capa	Editorias	TV News	Lado-B	Copa 2018	Direto das Ruas	Colunistas	Anuncie	Classificados	Fale Conosco	Artigos	Concursos
------	-----------	---------	--------	-----------	-----------------	------------	---------	---------------	--------------	---------	-----------

Últimas Notícias

Meio Ambiente

18/04/2017 15:10

Fenômeno natural, decoada começa no rio Paraguai causando morte de peixes

Renata Volpe Haddad

Imprimir
 Enviar
 Tweet
 G+



Água do rio fica vermelha com a decoada. A falta de oxigênio acaba matando os peixes. (Foto: Direto das Ruas/ Arquivo)

Últimas notícias

Quarta, 09 de Maio de 2018

18:39 **Um ano a mais**
Contran prorroga prazo de novas regras de segurança em caminhões basculantes

18:27 **Capital**
Justiça volta a suspender tarifa mínima de ônibus e metrô na Capital

Comum nesta época do ano por causa da cheia do Rio Paraguai e considerada fenômeno natural pelos pesquisadores, a decoada tem causado a morte de peixes no **Pantanal** pela falta de oxigênio e deixando a água com uma cor mais escura na região da Serra do Amolar.

"Normalmente, a decoada acontece no fim do mês de março com a primeira chegada das águas. Com a cheia, as águas invadem o campo e decompõem a matéria orgânica das margens, no caso, as plantas", diz o presidente do Ecoa, André Luiz Siqueira.

As bactérias responsáveis por essa deterioração, segundo ele, consomem o oxigênio e causam a morte dos peixes. Todas as espécies, segundo ele, sofrem com o processo. Alguns ainda tentam escapar.

"No Rio Paraguai há grandes bahias que recebem água limpa de outros rios que existem por perto, e alguns peixes tentam ir para esses locais para escapar do fenômeno. Esses peixes são os conhecidos peixes tontos, porque ficam debilitados com o fenômeno", pontua.

Não há como evitar a decoada. Muitas vezes a quantidade de peixes que aparecem boiando na superfície assusta, mas o fenômeno ajuda a equilibrar o meio ambiente, por exemplo atraindo garças que migram para a região nesse período ara se alimentar dos animais mortos.



Alguns peixes ainda tentam fugir do fenômeno, mas outros não conseguem escapar. (Foto: Ecoa/ Divulgação)

"Acaba acontecendo um controle natural do meio ambiente. Esse peixes também servem de alimentos para répteis e mamíferos", diz o presidente da Ecoa.

Sobre os ribeirinhos, a comunidade Barra do São Lourenço é a mais atingida. "Mas como eles já sabem a época e como acontece a decoada, a população acaba tratando a água da chuva ou buscam água limpa em riachos, por exemplo, já que a do rio Paraguai fica imprópria para consumo".

Segundo a pesquisadora da Embrapa Pantanal, Márcia Divina de Oliveira, a intensidade da decoada depende da cheia do rio e da seca do ano anterior. "A decoada é a mudança das características das águas e a intensidade vai depender muito da cheia do rio. Nem sempre o fenômeno causa a morte dos peixes", informa.

Como o rio Paraguai tem uma área grande, não é possível fazer um balanço de quantos peixes morrem com a decoada por ano. "O fenômeno começa sempre na região da Serra do Amolar, porque lá se encontram as águas vindas da parte alta, como Cuiabá e da região norte".

A decoada é mais comum no rio Paraguai, rio Miranda na região do Passo do Lontra e no rio Taquari.

Que tal participar?
18:15 **Mutirão no Rio Aquidauana tem nova data e precisa ainda mais de voluntários**

Anastácio
18:02 **Duas pessoas ficam feridas em incêndio em carreta na BR-419**

Antes confirmada, a queda

[Mais Notícias](#)

Anexo 28. Notícia publicada pelo site de notícias Campo Grande News

CAMPO GRANDE NEWS
Campo Grande, Quarta-feira, 09 de Maio de 2018

A notícia da terra a um clique de você. (67) 3316-7200

Capa Editorias TV News Lado-B Copa 2018 Direto das Ruas Colunistas Anuncie Classificados Fale Conosco Artigos Concursos

[f](#) [t](#) [You Tube](#) Últimas Notícias

Política

19/04/2017 16:07

Governo e ruralistas defendem mudanças na 'Lei do Pantanal' no Congresso

A proposta pretende regularizar as atividades econômicas e normatizar a preservação do bioma

Lucas Junot



À esquerda o governador Reinaldo Azambuja e o presidente do sindicato rural de Corumbá, Luciano Leite (Foto: Silvio Andrade/Assessoria)

A polêmica Lei do Pantanal (PL n.750), que tramita desde 2011 no Congresso Nacional, preocupa produtores rurais. O projeto de autoria do ex-senador mato-grossense Blairo Maggi, atualmente ministro da Agricultura e Pecuária, obteve ressonância Estado, depois que o governador, [Reinaldo Azambuja](#) (PSDB), exigiu que o projeto fosse discutido em Mato Grosso do Sul, que detém 70% do bioma, antes de entrar na pauta do Senado.

A proposta pretende regularizar atividades econômicas e normatizar a preservação do

Pantanal. De acordo com o Sindicato Rural de Corumbá, da forma como está sendo encaminhado, o PL-750 é um retrocesso e com efeitos danosos à econômica da região.

Segundo o presidente do sindicato, Luciano Aguilar Leite, com a aprovação da nova lei, torna-se sem efeito toda a regulamentação feita pelo governo de Mato Grosso do Sul em relação ao CAR (Cadastro Rural Ambiental), com base em estudos da Embrapa Pantanal, e ao qual mais de 70% dos produtores já aderiram.

“Não somos contra a proposta de se criar uma política de gestão e proteção do Pantanal, porém todos os segmentos devem ser ouvidos. Temos 70% do [Pantanal](#) e não aceitamos uma lei goela abaixo, que acaba com o nosso CAR e desorganiza todo um sistema já normatizado e funcionamento bem”, ponderou o dirigente ruralista em material divulgado pelo Governo do Estado. “Mato Grosso não tem ainda a lei do CAR e a 750 deve considerar a realidade do Pantanal como um todo”, defende.

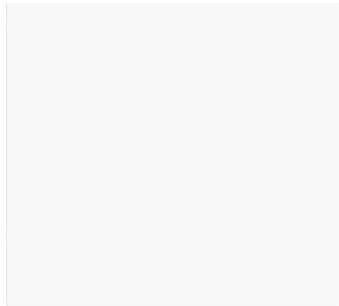
Luciano Leite cobrou a formação de um grupo de trabalho reunindo segmentos governamentais e não governamentais dos dois estados para discutir a proposta, iniciativa esta já tomada pelo Governo de Mato Grosso do Sul, e lembrou que a econômica do [Pantanal](#) deve ser considerada na alteração de qualquer lei que diz respeito ao bioma.

Corumbá tem o segundo maior rebanho bovino do País, com 2 milhões de cabeças, e a pecuária é o maior empregador no município. “Não há razão que justifique a necessidade de se aprovar uma lei dessa, agora, quando a regulamentação dos biomas tem prazo até 2020, bagunçando com toda uma cadeia produtiva”, protestou.

Inconstitucionalidade – Governo e produtores defendem ainda a necessidade de modificações significativas no teor do PL 750, sendo levantada, inclusive, sua inconstitucionalidade, ao impor obrigações aos estados e estabelece a criação de estruturas administrativas, o que seria exclusividade do Poder Executivo.

Representante da Famasul (Federação de Agricultura de Mato Grosso do Sul), o proprietário rural e ambientalista, Nilson de Barros, lembrou que o Pantanal é ocupado há 270 anos e que até a década de 70 os governos “desconheciam a região”. “O projeto começou ruim porque não ouviu Mato Grosso do Sul”, disse Nilson

Bioma preservado - Ex-chefe da Embrapa Pantanal, cuja sede fica em Corumbá, Nilson de Barros também questionou o fato de se propor mais uma lei para o [Pantanal](#) com o intuito apenas de restringir uma atividade secular, que é a pecuária tradicional. “Se é unanimidade que o homem preserva o Pantanal, o bioma mais protegido, e exerce uma atividade compatível com o ambiente, por que fazer regras para ele, ao invés de garantir benefícios, incentivos?”, indaga.

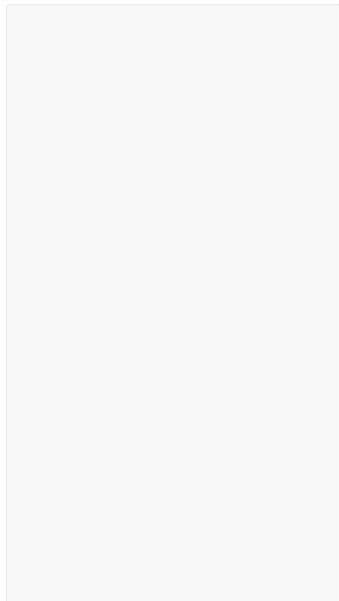


Últimas notícias

Quarta, 09 de Maio de 2018

- 18:39
Um ano a mais
 Contran prorroga prazo de novas regras de segurança em caminhões basculantes
- 18:27
Capital
 Justiça volta a suspender tarifa mínima de água e esgoto na Capital
- 18:15
Que tal participar?
 Mutirão no Rio Aquidauana tem nova data e precisa ainda mais de voluntários
- 18:02
Anastacio
 Duas pessoas ficam feridas em incêndio em carreta na BR-419
- 18:02
Antes confirmação de venda

[Mais Notícias](#)



APÊNDICES

Apêndice 1. Entrevista com Marcos Paulo da Silva – Secretário de Comunicação da UFMS (até o início de 2018)

Mini perfil: Marcos Paulo da Silva é professor adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), trabalhando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e no Curso de Jornalismo. Foi Secretário Especial de Comunicação Social e Científica da Instituição (2017). Atualmente é Diretor Científico da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR, 2017-2019) e vice-coordenador do GP Teorias do Jornalismo da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM, 2017-2019). Doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com estágio de doutorado-sanduíche (PDEE/CAPES) na Syracuse University (Syracuse, New York, Estados Unidos). Jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Iniciou a carreira como repórter e redator em veículos de comunicação do interior paulista. Atuou como jornalista na Universidade de São Paulo (HRAC-USP, 2006-2009). Realiza pesquisas sobre aspectos teóricos do jornalismo, noticiabilidade, cotidiano e estética da comunicação. É líder do Grupo de Pesquisa Cotidiano e Noticiabilidade (UFMS). **Fonte:** Currículo Lattes - <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4713933Y4>

1. COMO VEIO TRABALHAR NA ASSESSORIA DA UNIVERSIDADE?

Eu, jornalista por formação, estou aqui em Mato Grosso do Sul desde o começo de 2013. Com seis meses de Universidade eu já acabei assumindo um cargo administrativo, mas era um cargo administrativo pedagógico, coordenação de curso onde eu fiquei quase quatro anos. Em novembro (2016) assumiu uma nova gestão na Universidade e no começo de janeiro (2017) eles me procuraram, no caso o próprio reitor me estendendo um convite pra assumir a área de comunicação institucional. Segundo ele, ele tinha ouvido pessoas da Universidade e avaliado meu currículo. Eu já tinha tido uma experiência de comunicação institucional e científica numa universidade pública, que era na USP, não como gestor, mas como jornalista por quase quatro anos também, mas meu trabalho era mais focado em assessoria de imprensa e era mais operacional e menos de planejamento e de gestão, eu não era o gestor. E mais crédito, pelo trabalho que eu desenvolvi na coordenação do curso de aproximação, de diálogo institucional com outras áreas. Então foi um convite feito com base nessa experiência. Eu relutei um pouco, porque sai da zona de conforto, mas eu aceitei. Então em meados de janeiro pedi uns dias pra pensar e desde o dia dois de fevereiro (2017) eu assumi oficialmente o cargo.

2. QUAL É A SUA FORMAÇÃO?

Sou jornalista por formação, formado pela UNESP em Bauru, uma universidade que eu passei mais de dez anos da minha vida, porque a UNESP tem um colégio técnico. Na época eu fiz um curso de processamento de dados como colégio técnico e ensino médio e depois acabei passando em Jornalismo lá. Concluí a graduação em Jornalismo, comecei a trabalhar em jornais na região ali e dois anos depois que eu estava formado eu resolvi procurar um mestrado lá mesmo na UNESP. Era um programa recente na época, que hoje já é um programa bem avaliado, com doutorado, mas eu fui uma das primeiras turmas nesse modelo de mestrado. Eles tinham outro modelo depois reformularam. E daí quando eu estava terminando do primeiro para o segundo ano do mestrado, já tinha cursado as disciplinas eu passei no concurso da USP pra jornalista e como eu estava morando em Bauru, onde eu estudava, eu fiquei lotado lá no campus na assessoria de imprensa do hospital universitário de Bauru. Foi lá minha experiência como gestor em comunicação. Lá eu fiquei um tempo, quase quatro anos, mas assim nesse meio tempo eu tentei não me desligar da vida acadêmica, eu tinha essa pretensão, não que eu não gostasse do que eu fazia, mas eu tinha essa pretensão de ingressar na vida acadêmica um dia como docente, como pesquisador, então nesse período eu fiquei buscando alternativas. Cursei disciplinas como aluno especial, por exemplo (doutorado). No meu mestrado, que eu trabalhei lá, eu tinha acabado de ver como as coisas vão se encaminhando assim. Eu tinha acabado de vir de um

trabalho jornalístico, uma série de reportagens que eu acabei fazendo lá na região de Bauru, que era decorrência por sua vez do meu trabalho de conclusão lá na universidade, trabalhando com histórias de famílias imigrantes. Nisso eu acabei fazendo mais de 50 reportagens que foram publicadas ao longo de um ano todo sobre famílias imigrantes. E lá a região tem colonização basicamente italiana enfim, e nesse processo todo, eu sempre gostei muito de história e tal, eu acabei me interessando muito por estudar a relação da colônia italiana local lá com a imprensa e acabei estudando um jornal que era vinculado à colônia italiana, jornal esse, o qual eu vim a trabalhar depois, que esse jornal ele se manteve e existe até hoje lá na região, mas eu quis estudar a criação desse jornal pela colônia italiana, então eu trabalhei muito com a história da imprensa no meu mestrado. Meu mestrado foi muito vinculado, passando por questões de identidade, porque eu trabalhava com imigrantes, e passando um pouco por essa lógica dos estudos culturais de identidade, mas ele foi basicamente um trabalho de história da imprensa. E aí eu já estava trabalhando na USP nesse meio tempo, depois que eu já tinha terminado meu mestrado e eu cheguei a cursar disciplinas no doutorado em história que me levaram a conclusão que talvez eu não deveria fazer o doutorado lá, porque eu queria voltar pra comunicação, mas por outro lado abriu minha cabeça pra um monte de coisa. Saí da área e tal. Em 2009 eu acabei passando no doutorado lá em São Bernardo do Campo na Universidade Metodista de São Paulo. Foi uma experiência que mudou radicalmente a minha vida, porque eu não tinha planejamento naquele momento de deixar meu emprego público na USP. A ideia era fazer o doutorado talvez na própria USP ou na UNESP em outro programa, porque a UNESP na época não tinha o programa na área de comunicação, mas fizesse o doutorado conciliando com meu emprego público. Mas por coincidências do destino eu fui parar lá em São Bernardo do Campo, conheci meu orientador e ainda sim minha ideia não era sair da USP, mas eu recebi uma bolsa do CNPq que tinha como contrapartida dedicação exclusiva e aquilo me forçou a tomar uma decisão que teve impacto de natureza profissional, acadêmica e também pessoal. Eu tive que abrir mão de algumas coisas, inclusive de relações pessoais na época pra poder me dedicar aquilo e aí eu entrei de vez. Desde 2009 eu entrei de vez na vida acadêmica, passei esse período me dedicando basicamente a vida acadêmica, porque uma das possibilidades que tinha nesse período era fazer o doutorado sanduíche, como de fato acabei fazendo em 2011, que era algo que eu não tinha tido oportunidade, de conhecer outro país ou coisa do tipo, aprender outro idioma na minha infância, por questões familiares de grana mesmo. Então de 2009 até 2012 minha vida ficou basicamente em torno da vida acadêmica, daí eu tomei a decisão, e foi quando as coisas se desenharam. Foi um período muito rico. Acho que ao lado dos quatro anos que eu cursei a universidade se eu puder dividir minha vida em ciclos, foram os quatro anos de maior amadurecimento pessoal, principalmente intelectual e por vários motivos. Inclusive a experiência de ter morado em outro país, ter conhecido outra tradição acadêmica. Então eu fiquei 2011 praticamente fora, voltei em 2012, aí em 2012 eu fiquei morando praticamente a maior parte do tempo em São Paulo capital mesmo, porque minha família é do interior, eu estava vivendo só de bolsa então ficava muito nesse fluxo de São Paulo-interior. Aí o primeiro semestre de 2012 eu fiquei basicamente em São Paulo capital, desenvolvendo a pesquisa e no segundo semestre, aí foi um período muito difícil também de crise de ansiedade porque estava chegando a reta final da pesquisa e eu começava a lembrar que eu tinha um emprego público que eu tinha aberto mão e eu falei, e agora, do que adiantou? Enfim. Ficava um monte de coisa naquela hora e a cabeça não raciocina. Eu sei que no primeiro e segundo semestre eu consegui um emprego numa universidade particular no interior de São Paulo, em Avaré, e comecei a dar aula lá. Então eu ficava com a vida um pouco dividida assim, ficava metade em São Paulo terminando a tese, ficava metade lá e já começando a monitorar concursos públicos. Minha ideia era trabalhar, se eu não conseguisse eu já tinha garantido meu emprego que não era nenhuma fortuna, mas pelo menos eu conseguia pagar minhas contas. Coincidentemente, quando eu estava nos EUA em janeiro de 2012, pouco tempo antes de eu voltar dos EUA, mas eu ainda estava lá – eu fui em 2011, mas eu voltei no final de janeiro de 2012 – em janeiro de 2012 eu vi o concurso aberto na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, em que o perfil da vaga, incluindo a bibliografia parecia que tinha sido desenhado pra minha pesquisa, mas eu estava fora do país e desencanei. Aí eu ponderei se faria concurso público em um lugar ou outro, mas as coisas começaram a ficar muito corridas e prestar concurso não é uma coisa barata, dependendo da onde você vai tem que viajar, se programar e tal. Eu sei que eu botei na cabeça que eu não ia mais ir atrás de concurso público até que eu tivesse concluído minha tese, se não eu ia pirar e não ia fazer nem uma coisa nem a outra. Não ia nem me preparar pro concurso, que eram áreas afins, mas não era exatamente o que eu estava pesquisando. Foi

quando no final de 2012 abriu concurso com exatamente o mesmo perfil que havia aberto em janeiro, que era o concurso que havia me chamado muito a atenção, mas eu estava fora do país, porque aquele concurso não preencheu vaga. Daí ele abriu de novo no final do ano e aí eu vim. Sem estudar, praticamente nada. Não por arrogância, mas porque a bibliografia toda era o que eu estava estudando na minha tese, então eu vim muito tranquilo. Foi o primeiro concurso público docente que eu fiz e acabei passando em dezembro de 2012, comecei logo no começo de 2013 a dar aula pra sua turma. Essa é basicamente minha trajetória até chegar aqui. E de 2013 pra cá eu tenho vivido intensamente a UFMS, fiquei um período como professor, logo assumi a coordenação de curso, depois tive um segundo mandato de coordenação de curso, quando eu também comecei a responder como diretor substituto do CCHS (Centro de Ciências Humana e Sociais da UFMS) e agora assumi esse cargo administrativo que é um desafio gigantesco.

3. COMO VOCÊ VÊ O PAPEL DAS ASSESSORIAS DE COMUNICAÇÃO DE UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES QUE RECEBEM FINANCIAMENTO PÚBLICO PARA REALIZAR PESQUISAS, PARA MELHORAR A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA TANTO A NÍVEL INTERNO, QUANTO PARA A POPULAÇÃO EM GERAL?

A área que eu assumi tem um desafio gigantesco porque a assessoria de comunicação é só um dos quatro pilares da área toda. É uma área bastante ampla, isso é uma coisa que foi criada inclusive por essa gestão até novembro. Até fevereiro na verdade, porque mesmo quando essa nova gestão assumiu ela preparou uma reestruturação administrativa que foi aprovada no começo de fevereiro e foi logo quando eu assumi. Então eu já assumi na nova estrutura administrativa. Então hoje a Universidade é baseada em pró-reitorias, como as universidades são, mas aí ele (reitor) criou algumas agências e algumas secretarias pra cobrir áreas transversais dentro da universidade. Criou uma agência de empreendedorismo, inovação e internacionalização para atender todas as áreas dentro na universidade, uma agência de tecnologia da informação, pra atender também as diversas áreas da universidade e quatro secretarias, dentre as quais uma que eu ocupo. Então tem a secretaria de avaliação institucional, tem uma secretaria de legislação e apoio as órgãos colegiados, tem uma secretaria de educação a distância e formação de professores, que é transversal, e a quarta secretaria que é a que eu ocupo que é a secretaria de comunicação social e científica, que por sua vez tem quatro divisões: divisão de jornalismo e mídias sociais, onde se localiza a assessoria de comunicação; a divisão de planejamento visual e produção gráfica, que cuida da identidade visual da universidade e todos os trabalhos que envolvem a questão visual e da identidade da universidade; a divisão de radiodifusão educativa, que lida com a rádio educativa da UFMS e com a TV educativa que é um dos maiores desafios dessa minha gestão, porque ela ficou muito tempo sem investimento é uma TV com alcance muito limitado, só no canal a cabo e bastante restrito. Meu desafio é fazer a migração dela pra internet e a modernização da linguagem. A gente já está tentando isso aos poucos; e a quarta e última divisão, que não era uma área a qual respondia a comunicação na estrutura administrativa da universidade até fevereiro, é a editora. Por isso que a secretaria se chama comunicação social e científica. A ideia não é só fazer comunicação social, mas também fazer comunicação científica. E dirigir uma editora também não é fácil. Uma editora que tem uma parte técnica, que é só a gráfica, mas ela tem toda uma premissa editorial como toda editora universitária. Então a assessoria de comunicação acaba sendo só um desses pilares. O interessante numa assessoria de comunicação numa universidade pública é que ela fica na interface entre a comunicação pública e a comunicação científica e nisso a gente pode até entrar nos conceitos de difusão, de disseminação, e de divulgação científica, tal. Mas a comunicação pública como um todo ela tem como premissa transparência. Então eu tenho tentando alguns projetos nessa área de transparência, mesmo as questões institucionais, que não são necessariamente divulgação científica. Por exemplo, as reuniões dos conselhos superiores da universidade, conselho universitário, conselho diretor, conselho de pesquisa, conselho de graduação, que sempre foram vistas assim, pelo menos desde a minha experiência como acadêmico de universidade pública e depois como professor, como reuniões bastante restritas, com acesso dificultado e tal. Então a gente passou desde fevereiro a fazer todas as reuniões dos conselhos superiores são transmitidas ao vivo pelo Facebook. Então é uma das ações como forma de tentar dar a transparência pro processo. Lógico que nada é fácil, tudo depende do ponto de vista tecnológico, do ponto de vista de gestão, passamos a investir muito em redes sociais. A gente herdou uma conta de Facebook institucional, por exemplo, em fevereiro, em que ela não tinha uma produção própria pra ela. Então o que era publicado no site como notícia era replicado a partir de um aplicativo direto pras redes sociais. Então a gente começou a investir em

produção específica pra redes sociais, particularmente Facebook, mas também o Instagram e depois a gente quer trabalhar com outras redes, mas o nosso fôlego por enquanto está focado nisso, e de fevereiro pra maio nós tivemos um pulo de 4mil engajamentos no FB institucional para 20mil. É um avanço bastante significativo, e as estatísticas, as métricas do FB mostram que nosso público é basicamente nossos alunos, pela faixa etária de acesso. Então é um canal bastante importante de disseminação de informação, seja informação institucional, de natureza pública, seja de informação de natureza de divulgação científica. A gente está investindo em uma linguagem para atrair os jovens ao mesmo passo que agente tenta dar conta de informações de transparência, divulgação, e mesmo coisas de imagem institucional. Uma reunião, por exemplo, com o reitor que começa a alinhar junto com outros reitores um fórum de reitores. Uma notícia institucional que é a imagem da instituição está mais no campo da assessoria de imprensa, mas a gente também utiliza. Então a gente tenta fazer sempre esse tensionamento, entre uma linguagem própria do FB, mas a gente usa essa mesma rede social pra disseminar as informações da universidade. Então esse é um ponto que a comunicação pública tem, e o outro ponto, que eu acho que é fundamental numa universidade pública investir, é a divulgação científica, que é a popularização da ciência. É um desafio grande, tem vários projetos engatilhados nessa linha. Hoje a gente criou dentro do site da UFMS uma sessão só de pesquisa e extensão, pra separar um pouco a divulgação institucional, que é mais imagem institucional, pras notícias não saírem misturadas, para o pesquisador se sentir respeitado quando for procurado pelo repórter e saber que é praquela sessão, e a ideia é que aquela sessão não seja voltada as notícias da gestão, mas as notícias de pesquisa. Então a gente tem uma sessão de pesquisa que querendo ou não acaba sendo preenchida com mais ênfase por notícias da gestão, o campo de notícias. Então a gente tenta nessa outra sessão que é de pesquisa e extensão, dar conta de pesquisa, mais isso é só a pontinha do iceberg do que a gente quer fazer. E a ideia é trabalhar com passos, com metas. Depende de um monte de coisa, equipe, capacitação da equipe, diluição dos gargalos que existem na relação cientista-jornalista. Essa relação que é pra ser de dueto e muitas vezes é de duelo e muitas vezes é duelo por várias razões, e muitas vezes a razão é a própria formação do jornalista, enfim. Uma proposta que a gente implantou foi uma newsletter institucional substituindo um jornal impresso que a universidade tinha, que era mensal e que era caro. Então minha primeira ação foi interromper o jornal impresso e transformá-lo numa newsletter semanal. A ideia inicial era ir pra todos os servidores e uma outra newsletter institucional ir para o [interrupção]. A ideia era, se você pegar um esboço de plano de comunicação que eu fiz, logo que eu assumi, mas era só pra nortear inicialmente os passos, que tem entre outras coisas um desenho lá que eu criei de um conjunto de engrenagens com essas quatro divisões da secretaria integrados, e que eu espero que não seja só um efeito de retórica, bonitinho pra estar ali no papel, mas que de fato funcione assim. Mas isso depende de otimização, mudança de cultura institucional e um monte de coisa. Então a gente criou a newsletter, a newsletter tem uma sessão de pesquisa, onde geralmente entram as matérias daquela semana. Nem toda semana a gente consegue fôlego pra ter duas, três matérias. Tem semana que entra uma matéria. O volume ainda é maior das notícias institucionais do que as de divulgação científica, mas isso tem a ver com uma série de fatores, inclusive de recursos humanos. A nossa ideia inicial era ter uma newsletter só pra funcionário, uma outra newsletter para acadêmicos, que eu não sabia se seria o caso, porque eu queria usar muito as redes sociais pra dialogar com os acadêmicos, e um newsletter pra públicos estratégicos e uma outra newsletter só para divulgação científica também pra públicos estratégicos. A gente conseguiu implantar a primeira, e por decisão da gestão está indo também para os alunos, o que eu não estou achando de todo mal, mas exigiu uma certa mudança, ela já está no número 13, então fazem 13 semanas que ela está circulando, porque ela está atingindo também alunos. Então tem que ter esse cuidado de linguagem, porque às vezes é uma coisa que interessa basicamente só os servidores. Mas eu já quero implantar a curto prazo uma versão de uma newsletter mensal de divulgação científica que nada mais vai fazer do que compilar as matérias de ciência que estão saindo no decorrer das newsletters semanais, mas aí é com um público específico para isso, que daí não é um público que já está recebendo a newsletter. Então vai ter todo um exercício pra constituir esse mailing. Quem são essas pessoas que nós queremos atingir com divulgação científica da universidade?

4. ESSE SERIA O QUE VOCÊ CHAMA DE PÚBLICO ESTRATÉGICO?

Um dos públicos estratégicos. O público estratégico que eu quis dizer é do ponto de vista da gestão mesmo. É importante que o ministro da Educação, o secretário de educação superior, o presidente do CNPq, presidente da CAPES, presidente da FUDECT, o reitor da universidade X, Y, Z, saiba as

notícias institucionais da UFMS também, não só as de divulgação científica. Então é nesse sentido que eu falo de público estratégico. O senador X que é quem vai votar projeto, sabe o que está sendo feito. E essa outra também são públicos estratégicos, mas aí voltados a disseminação científica. Quem são as pessoas que eu quero que recebam notícias sobre as pesquisas que a UFMS tem feito? É um desafio que passa pela capacitação de recursos humanos, e pra dar conta desses dois aspectos, quero ter uma integração maior com o curso de jornalismo. A comunicação institucional sempre teve uma relação um pouco de distanciamento com o curso, do meu ponto de vista, isso não é crítica das pessoas que estavam lá ou que estão lá, era um modelo de gestão. Mas eu quero ter estagiários lá, pessoas que possam me ajudar, possam oxigenar um pouco sabe e ajudar a pensar estrategicamente essas coisas. Isso eu estou falando da divisão de jornalismo e mídias sociais. Porque a rádio educativa tem uma dinâmica diferente, ela tem os programas dela. Tem um programa hoje que chama “extensão e pesquisa”, e muitas vezes as pautas coincidem. Às vezes elas veem uma pauta que saiu lá no site e a equipe da rádio chama esse pesquisador lá pra falar, mas ela tem uma dinâmica própria, um programa semanal e tal. E tem alguns outros programas que dão conta também de disseminar o conhecimento. Tem a parte institucional lógico, pautas institucionais, mas as pautas da rádio, a rádio tem uma legislação própria que é a que rege a radiodifusão educativa no Brasil, tem que zelar por isso. O que eu tentei fazer como gestor nesse pouco tempo enquanto ainda não consegui aprovar a atualização do regimento da rádio e do regimento da editora, que eu quero ter um conselho editorial forte, eu quero ter um conselho consultivo na rádio forte, foi fazer algumas parcerias internas. Por exemplo, eu achava como comunicador, mas também como ouvinte, estranho que numa universidade que tem um curso de música, com professores doutores, pesquisadores da área de música, que tem grupos de pesquisa sobre música erudita, sobre música fronteiriça, não tivesse programa sobre isso. Então, um dos primeiros atos que eu fiz, nas primeiras semana que eu assumi, foi chamar esse professores e disse, vocês não tem interesse de fazer um projeto. Porque é função da rádio educativa você oferecer produções alternativas as rádios comerciais e também erudição. Então a gente tem que ter um programa de música erudita na rádio educativa, a gente tem um programa de música latino americana fronteiriça. Então a gente conversou nesse sentido e esses programas já estão em atividade com pesquisadores. Não deixa de ser popularização da ciência. Uma coisa muito peculiar. Havia um jornalista da equipe de comunicação, já com décadas de universidade que estava afastado pro doutorado em literatura, foi outro que chamei no diálogo, “você não tem interesse, sei que você está voltando, que falta pouco tempo pra você aposentar, mas você não quer dar uma contrapartida da sua pesquisa do doutorado, já que você está fazendo seu doutorado em literatura e você é jornalista, de fazer um projeto para um programa sobre literatura?”. Que também não deixa de ser (Div. Cient.). Geralmente as fontes dele são pessoas vinculadas ao programa de pós-graduação em Estudos de Linguagem, em Letras, enfim. Então são iniciativas ainda tímidas, mas já uma tentativa de junto com a chefia da divisão de radiodifusão, porque daí cada uma dessas divisões tem uma chefia própria que respondem ao secretário, no caso eu. Então também tentando dar essa dinâmica pra que o conhecimento que é produzido aqui – lógico que eu falo num cenário muito ideal, tem todos os entraves do processo – mas são tentativas. A divisão de planejamento visual tenta também dar toda essa questão da transparência e dar uma padronização, mas são projetos a longo prazo. Mudar a identidade visual da universidade de médio a longo prazo não é fácil e a editora também. A editora é o meu maior desafio e não deixa de ser comunicação. Comunicação científica também faz parte, você pensar editorialmente, como a universidade, o que a universidade quer publicar, também não deixa de ser. E todas essas divisões tem que ser pensadas com base nos princípios da comunicação pública, não só da comunicação científica. Então esses são desafios.

5. COMO AVALIA O PAPEL DA C,T&I DIANTE DA ATUAL CRISE SOCIAL/POLÍTICA/ECONÔMICA? ACHA QUE O JORNALISMO CIENTÍFICO PODE AJUDAR A INTEGRAR AS PESSOAS NESSE MOMENTO? COMO?

A crise é de fato severa. Talvez como Professor de jornalismo eu não tivesse tanta dimensão do que o contingenciamento de recursos no país representa, do que quando você está na gestão. Como professor você lida com recursos, pelo menos nós da área de comunicação, o jornalismo que é uma profissão mediada por tecnologia, mas muitas vezes você consegue fazer coisas com poucos recursos e quando você está na gestão você depende de recursos. Você não consegue migrar uma TV universitária, com equipamentos analógicos, com uma circulação bastante precária, dentro de uma TV a cabo bastante restrita para a internet sem investimento. Não consegue modificar a identidade visual da universidade

sem investimento, não consegue criar uma revista de divulgação científica impressa, eu quero criar, sem investimento. Algumas coisas nós conseguimos. Produzimos um vídeo institucional pra UFMS e agora já com legenda em inglês, um pesquisador já viajou ontem para a Coréia do Sul e já foi o primeiro a levar a versão do vídeo com legenda em inglês. Porque uma universidade do porte da UFMS não poderia deixar de ter um vídeo de apresentação institucional, como a gente precisa ter um material impresso de divulgação institucional, mas isso tudo custa. O vídeo a gente fez praticamente com custo zero, só com salário da equipe, juntando imagens de arquivo nós mesmo. Integrei o pessoal da rádio, então a locução foi feita pelo locutor da rádio, por aí foi. Mas você vê na gestão os resultados mesmo do contingenciamento de recursos. E aí são duas coisas, é o próprio papel da universidade pública gratuita e outro o papel da comunicação dentro desse cenário. Assusta um pouco ver, como cidadão, o corte de investimentos em educação pública, no caso da universidade pública. Porque eu acredito, eu sou filho da universidade pública. O meu doutorado eu fiz numa confessional com bolsa, mas a minha formação desde o colégio técnico até o mestrado se deu na universidade pública e esse é meu segundo emprego na universidade pública e eu acredito na universidade pública. A universidade pública transformou a minha vida e eu vejo transformar a vida de muitos dos meus alunos, não de todos, mas de muitos. Então é com certa apreensão que você vê as dificuldades orçamentárias da universidade pública, mas, contrapartida disso, a comunicação pode ajudar a eliminar alguns desses gargalos. Mais do que fazer jornalismo científico, fazer comunicação pública e científica, envolve instaurar o despertar de um comportamento comunicativo nas pessoas. As pessoas precisam se conversar, trocar informações e eu entendo isso como comunicação institucional e porque não comunicação científica? Os cientistas precisam conversar entre eles, as áreas precisam trocar. E isso às vezes não demanda só recurso econômico. Demanda outros tipos de recurso, quebras de barreiras simbólica, enfim. Então, a despeito do custo que se tem pra fazer algumas ações na área de comunicação, migrar uma TV para a internet, criar uma rádio, construir um novo estúdio, fazer uma revista impressa, por outro lado você consegue com os recursos que existem e com gestão otimizar algumas coisas, mas sobretudo despertar comportamento comunicativo, esse é meu desafio. Que as pessoas que fazem ciência se sintam na obrigação de saber que o investimento em ciência em um país como o Brasil é basicamente de fontes públicas e que ele precisa compartilhar isso. É lógico que eu não estou sendo ingênuo aqui de saber que há vários problemas no jornalismo brasileiro, que muitas vezes deturpa, reduz, trata com desrespeito a pesquisa de um pesquisador, ou não respeita o tempo da pesquisa por conta dos deadlines e cria expectativa nos leitores que a pesquisa não contempla, tem todos esses problemas. Mas é preciso instaurar a necessidade nele de ter um comportamento comunicativo. De mostrar que o que ele faz é importante por causa disso e daquilo, integrar isso com a educação básica de algum modo, e aí a gente entra na popularização da ciência que vai muito além do jornalismo científico. Esse num cenário de crise, a despeito das limitações orçamentárias como eu disse, acho que o desafio da comunicação, mais do que só do jornalismo científico, é instaurar comportamentos comunicativos e, sobretudo entre os cientistas.

6. COMO A UNIVERSIDADE TEM LIDADO COM ESSES CORTES?

A gente tem tentando otimizar recursos, sem prejuízo do efeito comunicativo. A gente conseguiu cortar um jornal impresso e transformam numa newsletter que eu acho que atinge muito mais gente. Isso não envolveu recurso, pelo contrário otimizou recurso. Nessa newsletter eu consigo vincular vídeos que são produzidos pela TV universitária, que custa dinheiro e antes ficava restrito a um público muito pequeno. Então são ações pequenas que a gente tenta elaborar a partir de gestão, de olhar o quê que a gente consegue fazer com isso? Não estou reinventado a roda nem nada, só tentando tirar na medida do possível dessas ações um alcance maior da comunicação que é feita aqui. A rádio, a ideia é a rádio já estar na internet, mas a ideia é que ela tenha um aplicativo para smartphone pra que possa ampliar o alcance dela e aí isso também. Eu tenho uma equipe de tecnologia da informação, que isso não vai custar. Vai custar lógico pra universidade, mas o investimento no próprio salário das pessoas que estão ali, posso fazer parceria com outras áreas, é uma outra forma de se gerir recursos. Eu quero muito investir na editora em e-books, que é caro imprimir um livro no Brasil hoje. E isso também vai otimizar recursos. Alguém pode me questionar, “mas aí você vai vender menos livros, vai deixar de arrecadar”, mas qual é o objetivo de uma editora universitária numa universidade pública, é só vender livro ou disseminar conhecimento? Ela já vende muito pouco mesmo, porque a função dela não é a mesma de uma editora comercial. Claro que toda boa editora universitária quer ter livros reconhecidos e livros com boas vendas, mas eu estou mais preocupado com a circulação do

conhecimento. Eu acho que mesmo as agências de fomento, que avaliam as produções científicas, elas estão hoje muito mais preocupadas com a circulação do conhecimento do que com propriamente o registro impresso disso. Então, tentar alinhar uma comunicação científica séria e com transparência, por exemplo, na editora eu quero trabalhar com editais públicos. Quero abrir todo ano, por isso que eu preciso aprovar regimento, fazer um conselho editorial forte, pessoas de áreas do conhecimento distintas, da gestão também, porque há uma mudança que eu acho que nem todos se atentaram ainda, e que demorou um pouco para que eu me atentasse, porque tudo é novo pra mim também nesse cargo que eu assumi, faz menos de quatro meses, ao deixar de ser uma área fim, a editora pertencia a uma coordenadoria dentro da pró-reitoria de pesquisa, ela era uma área fim, porque a pesquisa é uma área fim dentro da universidade, ela passou a ser uma divisão dentro da secretaria de comunicação e a comunicação é uma área meio, então o papel da editora passou a ser outro. Eu não manejo recursos. Quê que eu tenho que fazer, eu tenho que me alinhar com as áreas fins da universidade que é o ensino, a pesquisa e a extensão, e saber o que eles demandam de investimento, editorial no caso eu estou falando da editora, mas isso em todas as áreas que contemplam a secretaria de comunicação tem que ter essa interface porque é uma área meio, mas no caso específico da editora eu preciso estar alinhando com o tripé que sustenta a universidade pública, porque eu preciso saber, qual é o investimento que a área de pesquisa tem pra publicação de livros para dois mil e tanto. Qual é o investimento que a área de extensão da universidade tem para publicações e livros, qual é o investimento que a área de ensino tem. Eu abro editais públicos. Em dois mil e tanto eu consigo financiar 10 livros na área de pesquisa, 10 livros na área de extensão, 10 livros na área de ensino, eu abro chamadas públicas, as pessoas tem que dar transparência ao processo. Aí eu estou falando de comunicação pública, que demanda transparência, e eu estou falando de comunicação científica, porque eu vou ter um conselho editorial forte que vai passar por perceres e tal. Parece fácil em alguns momentos, em outros momentos parece que é utopia, porque mudar cultura institucional não é fácil, mas é um desafio e passa pela comunicação científica. Então a ideia é fazer isso, fazer isso na rádio educativa e essa não é uma ideia minha, é uma ideia que já tinha na gestão anterior, mas tem todas as dificuldades pra implementar isso, que é criar um conselho curador, que possa receber propostas da comunidade. Associação de bairro X tem uma proposta de um programa e tal, é função ou não, vale a pena a gente encampar, a gente tem condições técnicas e por aí vai. E também passa pelo jornalismo científico. Tudo isso que eu estou falando não deixa de ser comunicação científica. Mas eu conseguindo fazer essas quatro engrenagens rodarem em sintonia, eu consigo também estabelecer um comportamento comunicativo que vai facilitar o trabalho do jornalista que está na assessoria para receber as pesquisas, mas eu tenho que trabalhar de forma integrada. Esse programa de “Letras e Livros”, é o nome dele, não é só literatura é na área de letras e livros, ou seja, às vezes eu tenho um lançamento na editora de um livro, numa área específica, mas as pessoas nem chegavam nisso na rádio, a ideia é instaurar inclusive, por mais paradoxal que seja, o comportamento comunicativo dentro da própria equipe de comunicação.

7. COMO A COMUNICAÇÃO É GERIDA - SEUS OBJETIVOS E ESTRATÉGIAS? EXISTE UMA POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO ESTRUTURADA? ELA É SEGUIDA? ELA SE MODIFICA DE ACORDO COM A GESTÃO? DENTRO DELA A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA É UMA PRIORIDADE?

Nessa reestruturação da universidade como um todo foi aprovado também um mapa de competências de cada área. Então tem isso já publicado, as competências da secretaria de comunicação é fazer isso, isso e aquilo. É competência da divisão de planejamento visual, fazer isso, isso e aquilo. Mas isso é uma parte só no meu entender de uma política de comunicação institucional mais ampla - institucional assim de comunicação social e científica mais ampla – que eu acho que não pode ser artificial, não pode estar só no papel. É um desafio cotidiano, tem algumas coisas que estão sendo construídas. Como eu disse está tramitando o regimento da rádio, ainda, está tramitando o regimento da editora, não que funcionasse sem regimento, mas o regimento da editora é de 2002, uma outra estrutura, o conselho editorial está há muitos semestres sem se reunir, então a coisa acabava indo meio por conta própria e é preciso parar pra se pensar nisso. Então, eu tenho um plano de comunicação institucional, mas ele ainda é extra-oficial, porque está em redação. Há outros parâmetros, tem o plano de desenvolvimento institucional que contempla as áreas de comunicação, mas também nisso eu quero mexer, como eu disse é muito pouco tempo. Um plano, como um documento não existia, pelo menos eu desconheço. Uma das coisas que me fizeram aceitar o convite é que me parece que pra essa gestão, comunicação é vista como uma área estratégica. Não estou dizendo que a outra não era, estou dizendo

o que posso falar do meu lugar de fala atual. Mas hoje como todas as sextas-feiras eu passei a tarde numa reunião de gestão com pró-reitores, diretores de agências, comunicação tem um assento ali e opina e fala. Que é algo que na teoria, quando a gente trabalha comunicação institucional se vê isso. Tem gente que brinca com o termo assessoria, que ela remete a uma ideia de acessório, que ela é um apêndice. Que as decisões são tomadas e depois você passa para a comunicação como porta-voz só. Então a comunicação tem um assento nessa gestão e as decisões são tensionadas, como são tensionadas em todas as áreas. É um grupo de trabalho que integra a gestão e as decisões são tomadas ali a partir de discussão pra tentar chegar em políticas públicas institucionais em diversas áreas. Eu tenho acreditado muito nesse projeto, se não nem estaria nele. Seria muito mais cômodo continuar só em sala de aula. Meu plano pessoal era deixar a coordenação de curso em agosto que venceria meu quarto ano e fazer um pós-doutorado em 2018. Já abri mão de tudo isso por uma experiência em caixa alta mesmo assim. Está sendo uma experiência, modifica sua vida, é stress, é o quê que estou fazendo aqui, gerenciar pessoas não é fácil, são mais de quarenta pessoas se eu contar com os terceirizados sob o guarda-chuva da secretaria. Então é um desafio cotidiano estabelecer uma estratégia de comunicação, mas isso está acontecendo em todas as áreas. A gestão é nova, completou seis meses essa semana e eu entrei no meio desse processo, faz três meses que eu estou e nessas reuniões de gestão, a cobrança interna é muito grande pra que as ações sejam tomadas com planejamento, metas e uma visão de futuro com a universidade. Então eu estou me debatendo muito pra isso, e ter parâmetros, tomar decisões com base em parâmetros. Eu não quero eu Marcos Paulo decidir esse livro vai ser publicado, esse livro não vai ser publicado por causa disso e daquilo. Eu quero ter parâmetros e quero ter um conselho editorial que discuta os parâmetros, e quero que isso aconteça na rádio, embora uma das finalidades, mas como o nome do documento é das competências da secretaria é cuidar da imagem institucional e a imagem institucional está alinhada as decisões de políticas públicas do grupo que está na gestão. Você tem que cuidar dessa imagem também e zelar pela identidade da universidade. Então tem um investimento de fato bastante grande nisso. Agora eu particularmente acredito, e acho que a gestão também acredita muito na necessidade de se fazer a popularização da ciência. Estamos no meio de um processo de criação, só pra dar um exemplo, de um conselho estadual de reitores. Você tem seis universidades consolidadas no estado, com reitorias com sede em Mato Grosso do Sul, fora as faculdades fora os centros universitários. São quatro instituições públicas – UFMS, UEMS, UFGD, IFMS – e você tem uma confessional de bastante peso no estado, a UCDB, e uma particular que é a UNIDERP. Nessas reuniões em que os reitores estão reunidos pra tentar discutir política pública de ensino superior para o estado, fora os outros fóruns que participam – eu estou em um grupo de WhatsApp com outros gestores de comunicação das universidades públicas das federais do Brasil todo – mas nesse caso, estou dando só um exemplo pra você ver. O conselho está sendo criado nesse momento, são as primeiras reuniões pra discutir estatuto, e nessas reuniões já foram tiradas necessidades de alguns grupos de trabalho específicos. Então ‘a excelência na educação’, o grupo formado por pró-reitores de ensino vão discutir o que é a excelência na educação e por sugestão dos gestores de comunicação dessas universidades a gente convenceu esse grupo de reitores a criar um grupo de trabalho de popularização da ciência, se isso vai dar resultado ou não vai... mas vai provocar de algum modo algum tipo de discussão. Eu estou dizendo isso pra dizer que eu acredito, mas a gestão acredita na necessidade disso, de se estabelecer a política. Isso vai concorrer sempre, do ponto de vista de esforço, porque nós somos seres humanos, nós trabalhamos horas por dia, com a imagem institucional que muitas vezes não são simplesmente de promoção da autoimagem da universidade, mas tem a ver com advogar um edital de bolsa de iniciação científica ou de extensão, um edital de demanda de campo para disciplinas práticas que fazem atividades externas. As pessoas tem que saber disso, um edital de bolsa permanência pra que os alunos carentes fiquem na universidade. Então não é simplesmente, quando eu falo de comunicação institucional, falar do reitor, da reitora, mas passa por isso, porque uma das premissas nossas ali que eu quero estabelecer como política de comunicação e não é porque eu Marcos Paulo quero, mas é porque a constituição diz isso, é que um dos princípios básicos da administração pública é a impessoalidade. Lógico que em vários momentos o pró-reitor X, ou a vice-reitora Y está ali falando, não ele, está falando em nome da instituição, então ele vai aparecer, mas basicamente a gente tem que zelar muito, e isso eu me debato muito com a minha equipe, pela impessoalidade, porque é uma relação de tensionamento.

8. COMO É A RELAÇÃO DA REITORIA COM A ASSESSORIA? QUAL É A VISÃO DO REITOR SOBRE O PAPEL DA COMUNICAÇÃO? ELE POSSUI UM ASSESSOR DIRETO?

A relação da reitoria com a assessoria, acho que é uma relação estratégica. Não com a assessoria em si, mas com a secretaria do qual a parte de comunicação faz parte. Não há hoje um jornalista que acompanhe só o reitor, como tem esse modelo em algumas outras universidades. Quando eu trabalhava na USP, por exemplo, a USP tinha um coordenadoria de comunicação, que na época era dirigida pela Cremilda Medina, mas a reitora que na época era a Sueli Vilela, isso na época que eu trabalhei lá, ela tinha uma equipe de comunicação dela, do gabinete, mas a estrutura da USP é outra, é gigantesca. Mas, por exemplo, o ‘Jornal da USP’ não se confundia com o jornal ‘Reitoria Informa’. Eram dois veículos distintos, com linhas editoriais bastante diferentes. A nossa equipe não permite a gente pensar nisso, uma equipe só acompanhar o reitor por questão de fôlego mesmo. O que eu tenho é um fotógrafo que faz parte da equipe, é terceirizado, que acompanha bastante o dia-a-dia da gestão e aí entre os jornalistas há revezamento conforme a disponibilidade. A ideia é que todos façam as duas coisas, e consiga também fazer matéria, mas no dia-a-dia tem sempre alguém que se familiariza mais com uma área ou outra. Por exemplo, esse fotógrafo não é só fotógrafo, ele também produz pequenos vídeos exclusivos para as mídias sociais, mas foi nesse esforço que nós fizemos pra conseguir um vídeo institucional sem custo a pessoa que fez a edição e produção do vídeo. Então às vezes a gente tem que jogar de goleiro a centro avante. Tem um jornalista que acompanha bastante também a rotina do reitor, não do reitor, da gestão, mas ele também é quem basicamente cuida da linguagem das redes sociais, que por sua vez na outra divisão, que é de planejamento visual tem uma designer que elabora a arte em diálogo com eles, então por isso eu estou falando da estratégia. E aí eu tenho outras três jornalistas, isso na comunicação, então eu tenho quatro jornalistas ali na comunicação, além do fotógrafo que é fotógrafo e cinegrafista. E aí as meninas também, conforme elas estão com disponibilidade elas acompanham. Coincidentemente, eu tenho uma jornalista que não é concursada da UFMS, ela é concursada em outro órgão público federal, no Senado, e ela está cedida para a UFMS por acompanhamento de cônjuge, que ela tem uma familiaridade, por conta de experiências anteriores, inclusive lá na Unicamp, que ela trabalhou na imprensa lá em Campinas muito tempo, ela tem esse afincado por pautas de divulgação científica. Não é só ela que faz, mas ela acaba fazendo mais, por causa do horário do trabalho. Eu tenho uma jornalista de manhã que ela é encarregada de ver toda a clippagem do dia anterior, então são divisões de tarefa. Não é nada imutável é como está o estado da arte atual. A ideia é que isso se modifique com a chegada de estagiários, pra que ela possa pegar algumas tarefas um pouco mais burocráticas, como fazer um clipping e liberar essa jornalista pra trabalhar com outras pautas, mas o que gente tem tentado é pensar estrategicamente assim. Mesmo pra divulgar questões de natureza, mas da imagem institucional.

9. AS OUTRAS UNIDADES DA UFMS POSSUEM JORNALISTAS?

Não temos. Uma das metas do plano institucional, porque não tem um plano de comunicação publicado aprovado, mas tem o PDI, que todo órgão público, se não engano, tem que ter, mas as universidades eu sei que tem que é o Plano de Desenvolvimento Institucional. Nesse plano, uma das metas é trabalhar com jornalistas nos campus. A UFMS é muito grande do ponto de vista de que são muitos pólos distintos, são nove campus além de Campo Grande. E tem toda a peculiaridade do estado de Mato Grosso do Sul, as distâncias geográficas são muito longas. É um desafio diminuir essas distâncias a partir de tecnologia, a partir do diálogo institucional, a partir do comportamento comunicativo do cara lá que tem uma pesquisa legal, que ele faça com que essa pesquisa chegue na gente. Isso é comportamento comunicativo, não demanda só recurso, mas eu preciso ter ações específicas pro interior, mas hoje eu não tenho equipes lá. Eu tenho coisas simples, por exemplo, edital de vagas ociosas, preenchimento de vagas ociosas. Cada vaga ociosa na UFMS é um desperdício de dinheiro público, na UFMS não, em qualquer universidade pública, em qualquer escola pública. Porque o repasse de verbas é com base nas vagas. Então você tem toda uma situação no país e particularmente na UFMS que acabava gerando algumas vagas ociosas, então começou-se a estabelecer políticas para preenchimento dessas vagas. Veja que eu não estou falando de divulgação científica, mas estou falando de uma comunicação institucional que não é particularmente consolidar imagem da administração. E aí eu tinha que trilhar estratégias comunicativas pra preencher essas vagas, democratizar isso. Eu tenho uma rádio educativa que também pode me ajudar a desenvolver com algumas questões técnicas. Então eu fui lá e criei nove spots de divulgação falando “no campus

de Paranaíba tem...”, “no campus de Coxim...” e mandei pra cada diretor, cada diretor procurou sua imprensa local, as rádios locais pra disseminar isso. Então às vezes com ações simples, sem custo, porque isso faz parte do trabalho do locutor e eu mandei por WhatsApp, por e-mail pros diretores. A gente tem tentado integrar por esses canais de comunicação, mas não deixar de olhar pros campus de interior porque lá também se faz ensino, pesquisa e extensão, embora, por questão estrutural Campo Grande acabe concentrando grande parte disso, principalmente dos programas de pós-graduação.

10. TUDO É MEDIADO PELA ASSESSORIA?

Basicamente as entrevistas mediadas pela assessoria são aquelas que demandam respostas institucionais. A gente tem esse mapeamento pelo clipping, mas muitas vezes o pesquisador dá a entrevista direto. Muitas vezes o pesquisador, pra se sentir mais confortável, pede pra que o jornalista entre em contato com a assessoria. Recentemente tivemos um caso de um Globo Repórter gravado no Pantanal e que eles passaram pela Base de Estudos do Pantanal, que é da UFMS e que já estava tudo amarrado, pra usar um termo jornalístico, com os pesquisadores, mas os pesquisadores acharam por bem, porque eles iam usar o espaço, comunicar o pró-reitor de pesquisa, que por sua vez achou por bem comunicar a assessoria de comunicação e a gente entrou como mediadores no processo, Liguei pra repórter, me coloquei a disposição, passei informações, teve algumas questões logísticas na viatura da TV que ia pra lá. Eles precisavam levar seis pessoas e só cabiam cinco, aí eu medie pra que o carro da universidade que fosse levar os pesquisadores pudesse levar uma outra pessoa, coisas do tipo, de mediação mesmo porque usava um espaço institucional. A gente não vai conseguir dar conta de 3mil servidores, 1.400 professores, 20mil alunos e saber tudo que eles estão falando, mas as respostas institucionais realmente passam pela gente. Um curso mal avaliado pelo ENADE que a universidade tem que dar uma resposta isso é feito por entrevista ou feito por nota oficial, muitas vezes a gente tem optado por nota, dependendo do assunto. O que demanda uma resposta institucional, o CNPJ da UFMS passa pra assessoria se não a gente não tem fôlego.

11. MAS CHEGA A SER UM PROBLEMA?

Não tenho visto como problema. Repito, o desafio é instaurar comportamento comunicativo e confiança dele na comunicação institucional, “Ah eu acho legal que o assessor saiba que eu estou fazendo isso”. E Muitas vezes você recebe um artigo não científico, um artigo de opinião de um jornal, “olha, vocês tem interesse de repassar isso aí?”, e às vezes não tem, porque não tem um canal, mas ele se sentiu confortável de mandar um e-mail pra comunicação. Eu fui procurado essa semana por uma pesquisadora, que ela publicou um artigo científico com uma orientanda, bem específico, e que um jornal de interior de algum modo chegou, mas que deturpou tudo, como se as pessoas daquela cidade não pudesse mais tomar a água da coisa porque iam morrer todos. Estou caricaturando, mas assim, o jornal caricaturou também se você ler o título da matéria. E a professora entrou em contato preocupada, “como eu posso resolver isso”. Então vamos elaborar uma resposta, mas você é que sabe o que tem de equívoco aí. Então você aponta, eu ajudo, a gente formula uma resposta pra isso aqui e encaminha para os veículos. Mas ela sentiu a necessidade porque ela viu que provavelmente não só o nome dela, mas o nome da instituição poderia ser arranhado por uma divulgação científica mal feita.

12. QUE MUDANÇAS NOTOU NO PAPEL DO ASSESSOR DE COMUNICAÇÃO NOS ÚLTIMOS TEMPOS?

Eu não posso dizer tanto em relação a anterior porque como eu falo meu lugar de fala é agora. Eu acompanhava de um outro modo. O que eu posso dizer é que essa gestão valoriza muito a comunicação, tanto como estratégia de imagem institucional, é importante para determinado órgãos públicos verem o que a universidade está fazendo; como estratégia de comunicação interna e também de divulgação científica. Eu acho que a mudança, do que eu posso dizer, é do papel estratégico. Muitas vezes isso é tensionado, há uma cobrança interna pra que, não só a comunicação, as outras áreas também, pensem estrategicamente. Isso eu posso dizer com bastante tranquilidade. Nós somos cobrados nessas reuniões de gestão a planejarmos ações e trabalharmos com estratégias. Eu, os pró-reitores, a agência de tecnologia da informação, a secretaria que cuida de educação à distância, enfim. Não é fácil no cotidiano, pra quem lida com comunicação, porque uma matéria que gera um crise te toma um dia todo de trabalho, embora tenha jornalistas lá, tem momentos em que eu tenho que fazer a mediação com a gestão. Mas eu tenho tentado me preservar do desgaste cotidiano que não é fácil, porque você é o elo com a gestão, para pensar ações estratégicas. Convênios, parcerias, enfim, várias coisas. Acho que essa é a mudança, isso eu posso dizer com certeza. Comunicação ela tem assento nas reuniões de gestão, o que é sintomático.

13. COM RELAÇÃO À DIVULGAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOBRE PESQUISA CIENTÍFICA, TEM HAVIDO MAIOR VALORIZAÇÃO EM ALGUM SENTIDO?

Acho que sim porque é um papel estratégico não só da comunicação que é área meio, mas da área fim que é a pesquisa. Me parece, como efeito de retórica, porque isso já foi dito em reunião de gestão que é interesse da pró-reitoria de pesquisa investir em divulgação científica e a gente está ali para dialogar e fazer coisas em comum. Então as três áreas fins da universidade, que não são só essas, mas essas são o tripé fundamental, veem na comunicação parceria. Isso me tranquiliza. Eles me procuram quando precisam de uma opinião técnica sobre o assunto, tenho sido procurado pelos pró-reitores pra ouvi-los, "olha a gente, a pró-reitoria de extensão, cultura e esporte, está pensando em eventualmente patrocinar uma equipe de basquete profissional, isso tem implicações jurídicas, então a gente vai ouvir o jurídico, mas a gente queria também ouvir a comunicação pra ver qual o impacto. Mesmo que o jurídico diga sim ou não a gente quer ouvir a comunicação", "olha está tendo tal ação aqui dentro da área de ensino você acha que vale a pena divulgar isso por qual ângulo, como divulgar isso, tal". Eu tenho sido procurado pelos pró-reitores pra pensar ações de um modo não só operacional, mas como parecer técnico mesmo.

14. E NO CASO ESSA NOVA CONFIGURAÇÃO ESTÁ GERANDO UM CERTO DESCONFORTO PRA QUEM JÁ ESTAVA ANTES? DE SAIR DA ASSESSORIA TAREFEIRA PARA A ASSESSORIA ESTRATÉGICA?

É uma mudança cultural sim e como toda mudança de cultura institucional alguns absorvem mais rápido e outros demoram mais. Isso eu também posso falar com tranquilidade, você percebe. E aí tem a ver com várias coisas, de ordem pessoal, do tempo que a pessoa está na universidade, da descrença, "ah não, já passei por muitas gestões, todo mundo acha que vai inventar a roda", então às vezes você tem que desconstruir, mas eu estou tentando fazer isso com muito trabalho. Assim, mostrar que eu estou muito a fim de trabalhar pra tentar contagiar as pessoas a trabalharem também. Não porque é um avatar meu, mas porque eu sou assim.

15. QUAL É A ESTRUTURA DISPONÍVEL PRA ASSESSORIA HOJE, TANTO A NÍVEL MATERIAL, SE TEM DOTAÇÃO ORÇAMENTÁRIA PRÓPRIA, SE ESTA VINCULADA A REITORIA, E DE RECURSOS HUMANOS, QUANTOS SÃO, COMO ESTÃO DISTRIBUÍDOS, QUAL É O VÍNCULO EMPREGATÍCIO DELES E FORMAÇÃO? E TAMBÉM QUAL SERIAM AS MAIORES DIFICULDADES NO TRABALHO HOJE E AS POTENCIALIDADES QUE VOCE VÊ?

A secretaria tem um secretário que no caso sou eu, e tem um auxiliar administrativo que me ajuda com as questões técnicas e burocráticas de processos da comunicação, tocar projetos, coisas assim. Aí eu tenho os funcionários lotados nas divisões. A divisão de jornalismo e mídias sociais, que é a divisão que cuida da assessoria, tem hoje quatro jornalistas vinculados direto a divisão. Desses quatro jornalistas, uma é a chefe da divisão, os quatro são formados em jornalismo, outra é concursada, a terceira é concursada do Senado e está cedida pra UFMS e o quarto é terceirizado. Aí eu tenho uma quinta jornalista que está afastada para doutoramento. Então são cinco jornalistas que estão vinculados a essa divisão e aí eu tenho um fotógrafo e cinegrafista. Ele estava fazendo a função de repórter, mas é repórter cinematográfico e fotográfico. A equipe de jornalismo e mídias sociais então é formada por essas pessoas, quatro jornalistas e um cinegrafista/fotógrafo. Aí eu tenho a equipe de radiodifusão educativa que é formada basicamente por terceirizados, por questões históricas já herdei a equipe assim. Então eu tenho na rádio hoje outros quatro jornalistas terceirizados, outros quatro locutores, parte terceirizado, parte cedido pela rádio educativa do Governo do Estado, aí eu tenho um programador, um editor de áudio e um técnico de rádio que vai cuidar das questões de infraestrutura e tal. Esses são basicamente terceirizados e um jornalista concursado, da velha guarda da universidade que está desempenhando um projeto específico dentro da rádio que cuida desse programa de literatura, e eu tenho a chefe da divisão que hoje é uma docente do curso de Jornalismo, que é a Professora Rose. Aí na TV que responde também à Rose, eu tenho duas jornalistas, dois cinegrafistas terceirizados, um editor de vídeo terceirizado e dois cinegrafistas que desempenham funções também de edição e suporte técnico que são concursados também da velha guarda. Essa é a equipe da divisão de radiodifusão educativa. Aí eu tenho na divisão de planejamento visual a chefe e outras duas designers concursadas, dois técnicos de editoração, dois terceirizados e uma afastada para doutoramento também. E aí na editora a equipe também é basicamente terceirizada. A editora está passando por um processo de reestruturação bastante grande. Eu tenho a chefe da divisão, que tem hoje sete pessoas

terceirizadas que trabalham lá. Eu tenho então três concursados e outros sete terceirizados que cuidam da gráfica, de tudo, parque gráfico, nas mais diferentes funções, colagem, corte, operar máquina, tal. A editora está passando por um processo de transição porque na reestruturação administrativa além de ela vir pra comunicação, a editora tinha algumas seções que foram diluídas. Então tinha seção dentro da coordenadoria de editora, quando ela pertencia a pró-reitoria tinha uma seção que era só de produção editorial, do ponto de vista de editoração de materiais. E eu tinha essa divisão também dentro da comunicação. Quando a gestão resolveu fundir, a gente está em um processo de transição. Então esses dois que eu relatei como exemplo que são terceirizados e estão na divisão de planejamento visual, até poucas semanas eles eram da equipe da editora, então eu trouxe pra fazer uma equipe integrada. O menino que me ajuda, que é o assistente administrativo era um que estava na editora. Então a gente está nesse período de integração, de diagnóstico, estou dando dois passos atrás pra dar três a frente, enxugando equipes e coisa do tipo pra tentar fazer da editora uma editora universitária e não só um parque gráfico. Essa é a equipe gigantesca. Na assessoria [especificamente] a gente tem um espaço bacana, hoje a gente ocupa basicamente todo o andar térreo da reitoria, ocupado pelas duas divisões a de jornalismo e mídias sociais, uma sala ampla que eu tentei estruturar na forma de redação e a divisão de planejamento visual e produção gráfica que eu tentei estruturar, fisicamente mesmo, como se fosse uma agência com uma mesa de centro. Então o espaço físico é bom. A TV, a rádio e a editora ainda ficam em lugares separados. A rádio e a editora ficam no Morenã e a TV fica no final do corredor central. A ideia é que aos poucos a gente vá aprimorando isso, integrado mais as equipes. A gente tem equipamentos que dão conta do nosso trabalho hoje, mas a gente está em um processo contínuo de demanda de melhorias. Então nesse processo de modernização dos equipamentos da TV universitária e migração para a internet, eu também estou tentando contemplar melhoria de equipamentos de audiovisual da própria para a produção específica para redes sociais. Eu quero ter uma drone, por exemplo pra fazer imagens, mas pode ser que não seja prioridade da gestão, mas eu quero já ter a previsão do que eu preciso pra fazer coisas. Eu dei o drone como exemplo assim, eu quero ter coisas que não sejam especificamente da TV universitária, mas produções audiovisuais que sejam também das redes sociais. Câmeras melhores, treinamentos... Hoje tem um fotógrafo, mas até pouco tempo atrás não tinha, porque ele é terceirizado. Então a gente vai aprimorando a equipe. Não dá pra reclamar. A gente sempre quer a estrutura melhor, mas a gente tem conseguido fazer bastante coisa, que outras universidades olham pra nossa equipe e falam “ah, vocês tem uma equipe bacana”. Eu acho que é mais difícil mudar a cultura institucional, do que precisar de mais gente. Não é uma questão numérica. Do ponto de vista estrutural, a gente não está no melhor dos mundos, mas estamos em uma situação confortável. Eu precisei fechar um termo de cooperação com uma web TV pra fazer essas transmissões ao vivo pelo FB, porque a gente não tinha equipamento ainda. Amanhã ou depois eu posso ter e não precisar mais firmar acordo de cooperação, sem envolver recurso financeiro, mas com uma web TV pra poder transmitir. Que hoje eu não tenho uma placa de vídeo e uma mesa de corte que essas transmissões. Amanhã ou depois eu vou ter. Então a gente quer aumentar o tipo de canal, as ferramentas. Se tem como estratégias um canal de WhatsApp, um canal aberto onde qualquer aluno pode enviar, “ah queimou a lâmpada aqui no meu bloco”, que eu preciso ter, só que eu não posso criar uma ferramenta e cair no descrédito, o cara mandou e eu não respondi. Então eu preciso sentar com a agência da tecnologia da informação e pensar o modo de filtrar isso a partir de algoritmos, sentar com a ouvidoria e ver que tipo de sugestões eles podem dar. A ouvidoria é uma seção independente, mas eu posso levar algumas coisas pra eles. É uma questão tecnológica, mas não é só tecnológica. Claro, eu preciso de um celular, de um algoritmo, mas preciso de pessoal. Então cada nova meta que a gente coloca se demanda investimento em recursos humanos, mas por hora nós estamos conseguindo trabalhar. O maior desafio ainda repito é a mudança de cultura institucional.

16. EXISTE UM ESTÍMULO POR PARTE DE INSTITUIÇÃO PARA QUE A EQUIPE DE COMUNICAÇÃO SE CAPACITE? ELA CRIA CONDIÇÕES PARA ISSO? OS JORNALISTAS DEMONSTRAM INTERESSE? A EQUIPE QUE EXISTE HOJE ELA ESTÁ BEM PREPARADA?

Acho que tem possibilidade sim, como eu já disse, isso não é de agora, eu já herdei a equipe assim, com uma jornalista e uma designer afastadas para doutoramento. Da minha equipe hoje, dos quatro jornalistas que trabalham hoje na comunicação, as duas concursadas, a cedida do Senado e o terceirizado, dois tem mestrado. Dos quatro repórteres da rádio, um tem mestrado e uma é mestranda. Esse jornalista que está produzindo um programa na rádio é doutorando. Só não é só uma questão

formal, porque muitas vezes o mestrado, o conhecimento vai modificar a relação da pessoa com a sua realidade. Mas além dessa formação mais *strictu sensu*, eu tenho sentido nesse início de gestão uma tentativa de capacitação. Eu mesmo fui fazer um curso como gestor interno aqui em parceria com a CGU sobre gestão de contratos, que eu estou gerindo contratos e eu não sou formado para gerir contratos. Eu sou jornalista por formação e depois eu entro todo no campo do *strictu sensu*. Sou pesquisador. Geralmente eu tenho que gerir contrato de um software da rádio, ou ser fiscal de contrato de terceirizados e é recurso público. O Tribunal de Contas da União, a Controladoria Geral fica olhando com lupa o que eu faço, não eu Marcos Paulo, a instituição. Então é um incentivo a capacitação, fui eu, uma outra pessoa da minha equipe, convidei a chefe da divisão de radiodifusão que também me ajudou a gerir os contratos dos terceirizados, que também é Professora e é jornalista de formação. Então eu tenho sentido também essa preocupação de capacitação. Agora a capacitação tem que ter objetivos e metas bastante claras, por que você esta se capacitando?, as pessoas que estão se capacitando elas vão socializar esses conhecimentos depois, vão mudar os seus processos, mas eu tenho visto essa tentativa sim. Eu tentei fazer isso, por exemplo, com o jornalista que está concluindo o doutorado e vai sair pra se aposentar. Falei “antes de você se aposentar porque você não produz um programa nessa linha”, e aí tem outros jornalistas que eu não mencionei que estão cedidos para outros órgãos ou em processo de cedência que não estão trabalhando na equipe. São da velha guarda, estão com décadas de trabalho aqui na UFMS.

17. COMO É A ROTINA PRODUTIVA DE VOCÊS?

Hoje a gente tem um fluxo de notícias que é veiculado no site, nas redes sociais, replicados e muitos veículos replicam isso. Releases tem sido enviados só em questão de exceção, mas são políticas que estão em processo de análise. Acho que dá sim pra melhorar bastante a relação com a imprensa. Não que seja uma relação de subserviência, mas acho que dá pra transformar em um diálogo. Tem algumas pautas um pouco truncadas ainda, mas isso está dentro dessa linha da mudança de uma cultura institucional. São pessoas que trabalham há muito tempo de uma forma, acho que dá pra melhorar, e a gente tem trabalhado pra isso. Não quero nunca ter uma relação de subserviência porque eu acho que a universidade é uma instituição soberana, independente, pública, que produz conhecimento, ela tem que ser vanguarda e não retaguarda. Ela não tem que ficar correndo atrás do que a imprensa fala que ela tem que ser, ela tem que ser vanguarda inclusive em linguagem, no relacionamento com a imprensa, mas dá pra melhorar a relação sim. Ainda tem bastante coisa truncada no processo. Então eu tenho essa produção cotidiana. Essa produção deságua numa newsletter semanal, mas eu tenho já um fluxo de produção exclusiva pra redes sociais hoje. O reflexo disso é bastante palpável, uma mudança de 4 mil para 20 mil engajamentos em poucos meses. O vídeo institucional que a gente divulgou basicamente no FB teve mais de mil compartilhamentos sem um centavo de impulsionamento, porque a gente é uma instituição pública. Mil compartilhamentos pra quem trabalha na área de gerenciamento de redes sociais vê que é bastante significativo, o número de pessoas atingidas, tal.

18. TEM ALGUNS TEMAS QUE VOCÊS CONSEGUEM PAUTAR MAIS NA MÍDIA EXTERNA? O PANTANAL ENTRA NESSAS PAUTAS?

Eu vou acabar falando mais por intuição do que com propriamente com base em indicadores objetivos. Eu acho que o Pantanal sim. Questão indígena sim. São dois temas bastante caros ao estado e muito por mídia espontânea assim. A mídia nos procura pra tratar dessas questões com os pesquisadores, mas há outras pesquisas que se destacam. A questão das pesquisas voltadas a zootecnia, agronomia também, porque o estado tem como fonte de renda o agronegócio. Mas, como eu te disse é mais intuitivo. Eu espero daqui um tempo poder te dar essa resposta com parâmetros objetivos e acho que isso faz parte do planejamento estratégico. Mas hoje o que eu tenho visto de pauta são pautas mais voltadas a essas questões.

19. SABE DIZER QUAIS OS VEÍCULOS QUE PROCURAM/PUBLICAM MAIS?

A gente tem tido muita procura dos veículos regionais. Por exemplo, essa questão do Pantanal. Foi produzido pela TV Morena, mas para veicular na rede nacional. Mas tem alguns casos interessantíssimos. Teve um aluno da área das biológicas, que durante a pesquisa de campo dele no Amazonas ele descobriu um macaco que era dado como extinto há mais de seis décadas. Essa foi uma pauta que teve uma repercussão gigantesca em vários veículos. Procuraram até pela questão de curiosidade e até escapou um pouco da mídia regional. É um desafio ainda colocar nossas pautas na mídia não regional, é um dos gargalos que eu te falei. Mas pra isso eu tenho que identificar o problema, diagnosticá-lo e propor mecanismos pra superá-lo.

20. COMO A ASSESSORIA CAPTA TEMAS PARA A DIVULGAÇÃO TANTO INTERNA QUANTO EXTERNAMENTE? ESSA INFORMAÇÃO CIRCULA POR TODAS AS UNIDADES?

Nas pautas institucionais acaba sendo uma demanda da administração muitas vezes. Mesmo essas que são de interesse público, que não são uma ação propriamente da administração, mas faz parte da política universitária, como a divulgação de um edital de iniciação científica, elas são catalisadas pela administração central. As de divulgação científica, tem uma ferramenta bastante importante que é o próprio sistemas de registro que é o SIGPROJ que registra projetos de pesquisa e de extensão. O que eu fiz como gestor quando assumi a área, porque a gente tem um programa e a ideia disso surgiu mais para subsidiar a rádio, mas acabou subsidiando também a divisão de jornalismo. Foi pegar uma listagem do SIGPROJ e sentar com as respectivas pró-reitorias pra que elas apontassem pesquisas que estão há mais tempo em desenvolvimento, pesquisas que mais receberam fomento, pesquisas que já tiveram repercussão, pra que a gente criasse uma hierarquização da relevância de algumas pesquisas, mas com base institucional também. A ferramenta é o próprio canal de registro. Isso parece que tem ajudado bastante a produção desse programa específico que chama “Extensão e Pesquisa”. As jornalistas da divisão de jornalismo, principalmente essa que tem por afincos mesmo mais proximidade com a divulgação científica e tenta escavar essas pautas, ela já tinha o SIGPROJ como recurso. Na rádio se tentava escavar as pautas de uma maneira mais dificultosa a partir de contatos e isso parece que ajudou bastante a gerir a questão das pautas, mas é uma ferramenta que eu considero fundamental. Agora, tem sugestões, tem o cara que vai pro congresso, depois volta, tem várias formas de se chegar, mas uma que é institucional na área de pesquisa é o SIGPROJ.

21. EXISTE ALGUM TIPO DE MONITORAMENTO DO MATERIAL QUE VOCÊS PRODUZEM E DIVULGAM? E O QUE VOCÊS FAZEM COM ESSA INFORMAÇÃO? QUAL A POSTURA DA ASSESSORIA DIANTE DE NOTÍCIAS NEGATIVAS?

A gente tem um sistema de clipagem, que é feito por uma jornalista da própria equipe, e uma das coisas que eu pedi pra implantar era o clipping no sistema de nivelamento pelo que se chama de semáforo: verde, amarelo e vermelho. Então a gente implantou isso, é um jornalista da equipe que hoje faz a clipagem e aí tem todas as limitações da clipagem ser feita por uma única pessoa que não tem exclusivamente a atividade de clipagem, como se você contratasse uma empresa, mas tem resolvido bem. Ela criou um fluxo, uma rotina dos veículos, ela acompanha, fica bastante centrada na mídia regional, algumas mídias institucionais, como o site do MEC, e aí a gente divide por algumas áreas: UFMS de modo geral, Morenã, que pertence a universidade, mas gera muita pauta própria, hospital universitário, que hoje está separado, ele tem uma assessoria de imprensa própria, mas que a gente subsidia ele com o mesmo clipping e como leva o nome da universidade, embora tenha administração separada ele também espalda na imagem institucional, então a gente monitora isso e monitora os site institucionais, tipo, o quê que o MEC está publicando, que é pra subsidiar. Esse clipping vai pros gestores – pró-reitores, secretários, diretores de agências – os coordenadores de área. Só vale a pena tirar uma, duas horas do dia de uma repórter pra fazer isso se ele for usado como mecanismo estratégico e isso eu cobro. Aliás hoje, coincidentemente, eu cobrei isso na reunião de gestão, daí eu dei um exemplo, uma pauta que apareceu em mais de um veículo no decorrer da semana de pessoas ouvindo estudantes reclamando da segurança ao redor do campus, não internamente, mas ao redor. E eu sei, por exemplo, que o pró-reitor de extensão junto com a pró-reitora de assistência estudantil e o pró-reitor de administração estão fechando uma parceria com a guarda municipal que é super criativa. A guarda municipal tem uma banda de música, a UFMS tem um curso de música, o pró-reitor de extensão, cultura e esporte é do curso de música e está amarrando uma parceria com a guarda municipal de dar treinamento na área de música, como contrapartida a guarda-municipal mantém uma ronda no entorno da universidade. É uma parceria que não envolve recurso financeiro. Então está naquilo de como é tocar uma universidade sem grana, é difícil porque vem menos grana pra você contratar vigilantes terceirizados, mas você pode usar essa estratégia. Então quando isso for amarrado a gente tem que mostrar isso pra sociedade, que é uma parceria institucional. Como eu cheguei nisso, acompanhando o clipping, mas o ideal é que todos ele vejam o clipping, quais áreas estão sendo melhores ou piores avaliadas, pra tentar estratégias. Tem uma limitação aí. Tem uma limitação porque a gente não tem folego pra monitorar as grandes revistas de divulgação científica do mundo ou mesmo de disseminação científica mundo afora. Às vezes a informação chega ate a gente por outras vias como sugestão de pauta. Uma Professora, por exemplo, que coincidentemente hoje esta na gestão, ela ocupa

uma outra secretaria que eu também ocupo, mas ela não apareceu ali como pauta por estar na gestão, mas como pesquisadora, ela identificou um líquen no Pantanal, e o líquen passou a receber o nome dela, independente da onde esse líquen aparecer. Alguém sugeriu e não foi ela. Por isso que eu volto a falar do incentivo ao comportamento comunicativo, o pesquisador, ou orientando tem que se sentir confortável em procurar a comunicação. Tem coisas que você tem que filtrar, não é tudo que chega. Mas por exemplo, o curso de administração de Naviraí ele tem menos de seis meses, aliás ele tem dois meses de criação. Os professores acabaram de chegar na cidade e eles foram premiados em um congresso de administração da Universidade Estadual de Maringá. Quem for olhar do ponto de vista do que representa esse Congresso de Administração em Maringá sendo que existem outros congressos... mas pra um curso recém criado em uma cidade do interior, os professores no primeiro Congresso que eles vão com alunos e já recebem não sei quantos prêmios em papers. A gente divulgou porque isso institucionalmente é importante. Não é tudo que você recebe que você publica, mas em alguns casos tem que relevar. O coordenador de empreendedorismo foi representar o Brasil na Coréia do Sul. Viajou ontem e já levou nosso vídeo institucional. É um puta evento importante e ele é o único brasileiro lá. Então não são pautas de pesquisa. As pautas de pesquisa são mapeadas por outros canais, mas elas chegam muitas vezes como sugestão mesmo. Porque os projetos cadastrados são projetos, as vezes só tem coisas pontuais, um artigo publicado na revista X, a professora que vai receber a homenagem do nomeando. Então fica sempre essa via de mão dupla. Os repórteres vão como em qualquer redação, você cava suas pautas e também recebe sugestão de pautas. Mas a clippagem ainda pode ser muito melhorada e muito utilizada como questão estratégica. Não só o que sai na imprensa tradicional, mas também nas mídias sociais. Esse é meu próximo desafio. Os relatórios como subsídio para as estratégias da gestão.

22. COMO VOCÊ QUALIFICA A RELAÇÃO COM OS PROFESSORES PESQUISADORES DA UNIVERSIDADE? AS POSTURAS DELES EM RELAÇÃO AO TRABALHO DA ASSESSORIA? VOCÊS PROCURAM MANTER CONTATO COM ELES REGULARMENTE? ELES DEMONSTRAM ALGUM RECEIO NA HORA DE DIVULGAR AS PESQUISAS?

Tudo o que eu contar vai ser com base nessa experiência de três meses só. A criação da secretaria foi muito bem vista, eu tenho sentido isso. O fato de eu ser docente, embora a coordenadora da gestão antiga também é docente, acho que conta bastante, gera essa questão do corporativismo acadêmico. Parece que ele é diluído assim com um professor à frente. Às vezes o professor vai falar com o jornalista, mas ele vem falar comigo antes, tem isso. Muitos são pares do ponto de vista que hoje são pesquisadores, mas eu trabalhei junto com eles porque eu era coordenador de curso, respondi como diretor substituto do centro, mas eu vi com muito bons olhos assim. Mas tem os entraves sempre. Eu acho que a mídia brasileira não está preparada pra cobrir ciência de modo geral, mas isso é uma posição minha como professor de jornalismo. Há variáveis históricas, eu estava discutindo isso ontem na minha aula na graduação a partir do livro da Lilian Schwartzman “Retrato em Branco e Negro”, como as primeiras colunas científicas, lá no século XXIX tinham uma preocupação muito mais política do que científica, e que esses tratamento histórico que os temas científicos estão muito mais na pauta da imprensa muito mais por questões políticas do que propriamente por questões científicas, acaba minando a seriedade dessa relação. Então tem sempre isso. Acho que muitas vezes a mídia de Mato Grosso do Sul, acaba mais do que nos grandes centros urbanos, onde eu pude conviver – não por uma questão de complexo de vira-lata como diria o Nelson Rodrigues, mas por consolidação de alguns valores de cidadania mais estabelecidos e que fazem com que as pessoas tenham uma relação com o ente público, uma relação com a ciência. Não é generalizado, mas pelo menos os centros onde eu pude conviver no Brasil e fora, em Nova Iorque no doutorado sanduíche, você via umas redações um pouco mais consolidadas do que você vê aqui. É uma questão histórica, o próprio curso mais antigo de Mato Grosso do Sul tem menos de 30 anos. A própria área esta em um processo de amadurecimento. Não é difícil você ver jornalistas vindo cobrir pautas despreparados do ponto de vista das premissas da pesquisa jornalística. Então gera esses entraves, não tem jeito. Eu não sei qual é a formação desse repórter que fez essa matéria em um jornal numa cidade pequena do interior, mas que passou uma ideia de que seu tomasse a água lá eu poderia morrer. Porque é uma leitura bastante estereotipada de um artigo científico, mas tem esse entrave. De todo modo, acho que a comunidade acadêmica da UFMS recebeu bem a criação dessa secretaria, viu como uma valorização da comunicação como uma área transversal.

23. MAS VOCÊS PROCURAM DEIXAR UMA VIA DIRETA COM O PESQUISADOR?

Varia muito, o SIGPROJ é uma ferramenta que às vezes você começa a vasculhar. Eu sou mais, do ponto de vista de estar na gestão, o mais novo ali. Tem gente que está há oito, dez anos. Mas temos recebido bastante procura, não sei se é pelo fato de ser professor. Mudou fisicamente a estrutura da comunicação. A comunicação ficava separada da chefia. A sala da chefia da comunicação era ao lado da sala da reitora e a comunicação ficava no outro prédio. Hoje ficamos todos juntos. Então a pessoa vai procurar um repórter e ela dá de cara comigo e a gente dialoga, uma coisa que eu achei bacana. Ficou mais com a cara de uma redação, o editor acaba ficando mais próximo aos repórteres. Mas é uma relação que pode e tem que ser melhorada, senão não faz sentido eu estar lá se eu não acreditar nisso.

24. VOCÊ JÁ FALOU EM VANGUARDA, MAS COMO É A RELAÇÃO DA ASSESSORIA COM A MÍDIA? COMO AVALIA O TRABALHO E A POSTURA DOS VEÍCULOS COM RELAÇÃO A SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO? VOCÊS PROCURAM MANTER CONTATO REGULAR?

Essa posição de vanguarda normativa que eu vejo como ideal e eu tento me pautar por isso. Às vezes eu vou estar aqui e como é que eu vou responder a chantagem de determinado veículo. Não vou responder! Eu não sou abrigado a ter subserviência a esse veículo. Acho que tem muita coisa a se melhorar. Mas acho que tem um respeito da imprensa pela UFMS, pelo papel que ela exerce na sociedade, pelo orçamento gigantesco dentro do estado, ela emprega muita gente, ela traz muita gente pra cá. Fica na UFMS o principal estádio do estado, fica na UFMS o principal teatro do estado, as pessoas têm orgulho que os filhos vêm estudar na UFMS. Então tem uma respeitabilidade pela instituição, mas eu acho que nós da comunicação, entre os desafios está melhorara a relação – nesse pouco tempo que eu estou lá. O papel da assessoria ainda acaba sendo bastante reativo, responde quando é procurado, mas são estratégias. Hoje em dia você tem ferramentas novas pra fazer isso. Eu fico muito preocupado às vezes com os públicos que eu vou atingir e com o fôlego que eu vou gastar pra esse público ser atingido, Então às vezes uma campanha no FB em que hoje eu tenho 20mil engajamentos, que são basicamente alunos, me dá um retorno mais efetivo que um fôlego de ficar escavando uma pauta no veículo X, porque a representatividade para o meu público daquele veículo X não é tão eficaz. Eu tenho colocado muito isso na balança. Vou responder a imprensa sempre. Eu passei nas duas últimas semanas dois casos semelhantes com o mesmo veículo, em que a procura foi truncada, houve descompasso na comunicação e saiu como se a UFMS não tivesse respondido. Depois foi feita a gestão e eles deram a versão da UFMS. Isso me tira o fôlego, me incomoda, eu vou sempre dar a resposta, mas ao ponto de eu ligar pra jornalista e perguntar “tá, voltou o e-mail, qualquer coisa do tipo?”. Anota meu celular pessoal, tem a jornalista que atende a assessoria. Eu não fico só na assessoria que eu cuido de outras áreas, mas antes de publicar qualquer coisa que a UFMS não deu versão oficial você liga no meu celular. Ao ponto de eu ter que falar isso pra repórter. Mas assim, tem muita coisa de cultura institucional pra melhorar ainda e essa é uma das questões que eu acho que dá pra ter uma relação mais pró ativa da comunicação da UFMS com a imprensa local. Não estou menosprezando a imprensa, eu vejo falhas como eu vejo em outros lugares e não é uma questão do jornalista só de Mato Grosso do Sul, é de formação. Eu fui coordenador do curso de jornalismo por quatro anos, então é um tiro no pé eu criticar a imprensa daqui. Mas assim, tem que fazer uma crítica de que os jornalistas estão chegando muito mal formados no mercado. Mas assim, a humildade que eu tenho que ter pra eu reconhecer que as relações têm que melhorar, eu gostaria que a imprensa também tivesse, e muitas vezes humildade não é uma característica muito peculiar dos jornalistas.

25. AS NOTÍCIAS PRODUZIDAS PELA ASSESSORIA SOFREM ALGUM TRATAMENTO ESPECIAL? EDITORIAS, REVISÃO POR PESQUISADORES, GESTORES, OU ALGO ASSIM.

Essa revisão não faz parte da prática, embora haja sempre exceções. Não vou dizer que nunca teve um pesquisador ou um gestor que revisou uma matéria, seria leviandade da minha parte. O ideal é que não ocorra isso, mas a gente não trabalha no cenário ideal, e muitas vezes o próprio jornalista se sente mais confortável, se tem um termo muito técnico. Mas eu não tenho notado esse tipo de comportamento. Muitas vezes eu não estou só na assessoria, estou gerenciando outras coisas, então eu não consigo estar a todo momento, mas eu não tenho notado esse comportamento. E quando ele ocorre, ocorre mais com as institucionais do que propriamente na divulgação científica.

26. DOS TEMAS PESQUISADOS PELA UNIVERSIDADE, CONSIDERANDO A LOCALIZAÇÃO, COMO VOCÊS PERCEBEM A DEMANDA E OFERTA DE PESQUISAS SOBRE MEIO AMBIENTE, EM ESPECIAL SOBRE O PANTANAL?

Eu acho que em relação à mídia fora de Mato Grosso do Sul, meio ambiente e questão indígena acabam sendo duas temáticas bastante representativas, mas eu também falo mais por intuição do que por uma métrica. Do tempo que eu estou aqui a procura da mídia externa foi em torno desses temas particulares aqui da região. Tem questão fronteiriça também, Guerra do Paraguai, mas esses temas são bastante peculiares. Embora se tenha áreas de pesquisa que não tenham um corte regional, como na área de tecnologias que tem pesquisas bastante avançadas, e também tem sua repercussão. Se eu pudesse dar uma resposta por intuição neste momento, seriam esses temas. Meio ambiente assim, tem a interface de meio ambiente e turismo que envolve Bonito, por exemplo, que também são pautas que estão sempre em voga. Não é só o Pantanal, é o que acaba passando pela biodiversidade do estado.

27. EXISTE UMA REDE DE PESQUISA ENTRE AS UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES QUE ATUAM NESTA REGIÃO, ALGUM TIPO DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA OU PROJETOS NESSE SENTIDO? COMO OCORREEM ESSAS PARCERIAS, QUAIS OS CRITÉRIOS UTILIZADOS NESSE TIPO DE AÇÃO?

Tem algumas redes sim. Tem esse conselho de reitores, mas tem algumas redes mais específicas em algumas áreas, como a Centro-Oeste de Pesquisa, e agora acabo de ter conhecimento da Rota Bioceânica, que vai envolver universidades do Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Chile, mas a ideia é que as universidades de Mato Grosso do Sul, pela posição fronteiriça do estado tenham protagonismo nessa área. Então tem algumas redes formadas, fora as redes mais restritas a algumas áreas. Falo por uma rede de comunicação que eu faço parte, que é um PROCAD, um projeto de cooperação da CAPES entre a gente, a USP e a UFRN, sobre comunicação em contextos regionais. Mas estou falando disso porque eu faço parte dessa rede, então tem essas redes mais específicas. Institucionalmente falando tem a Rede Centro-Oeste, tem essa Rota Bioceânica, essa interlocução inclusive institucional com a região centro-oeste. Hoje coincidentemente a pró-reitoria de assuntos estudantis, que é uma pró-reitoria criada nessa gestão, estava recebendo o Fórum Centro-Oeste de Pró-reitores de Assistência Estudantil. Então tem essas articulações. Daqui eles vão levar as demandas para o Fórum Nacional. A rede existe e não tem como não existir em um estado como esse aqui, que as distâncias geográficas são muito grandes. É um estado muito grande territorialmente, mas populacionalmente ele é relativamente pequeno, o número de cidades é pequeno, o Pantanal pega 1/3 do estado. Então o diálogo institucional é bastante importante. E é, e isso é uma premissa da administração atual, a busca por parcerias é fundamental. Em seis meses foram fechados muitos acordos de cooperação, muitos convênios. Como a comunicação lida com elas? O assessor da UEMS tem tentado uma aproximação, inclusive eu posso atribuir um esforço pessoal dele, depois eu apoiei, depois outras pessoas apoiaram, de levar a comunicação ao centro desse Fórum de Reitores sendo criado em Mato Grosso do Sul, mas ainda não é a questão central das políticas de comunicação das universidades. Mas isso ainda não tem ocupado um protagonismo na minha agenda cotidiana, pode ser que um dia venha a ocupar, mas como eu disse faz muito pouco tempo e não só pra mim, mas pra gestão em si.

28. COMO VOCÊ ACHA QUE A DIVULGAÇÃO DAS PESQUISAS DESENVOLVIDAS PELA UNIVERSIDADE EM ESPECIAL SOBRE O MEIO AMBIENTE, E PARTICULARMENTE SOBRE O PANTANAL, PODEM IMPACTAR A SOCIEDADE?

Eu posso dizer até como forasteiro, como uma pessoa que já tinha vindo ao Mato Grosso do Sul algumas vezes a trabalho, uma vez como estudante, mas assim não consegui ter noção de quanto alguns temas são latentes aqui. Questão fronteiriça é um deles, a questão indígena, e a importância do Pantanal pra região, inclusive geográfica. O Pantanal ocupa 1/3 do estado e isso movimenta muito a economia, com turismo e tal. Não dá pra universidade fechar os olhos a esses temas latentes. O modo como a universidade vai se comunicar com seus públicos estratégicos vão passar necessariamente por aí sim. A gente divulgou essa semana uma matéria falando sobre o Pantanal, mas era mais institucional, de uma parceria com o Instituto Homem Pantaneiro pra tentar fazer políticas públicas pra preservação do Pantanal, formar protocolos de intenções. Ocorre que o tema está sempre presente, mas a universidade do ponto de vista da comunicação pode ser mais pró-ativa buscando mídias externas. É importante que seu eu conseguir atingir públicos como Ministérios, Fundações de Pesquisa, outras universidades, pra mostrar que esses temas são latentes aqui, isso pode [verbo-não entendi] na imagem

institucional, como em parcerias de pesquisas, então há muita coisa pra ser feita ainda. Hoje é um tema na mídia externa a Mato Grosso do Sul, remete ao Pantanal, a questão indígena, que é um tema mais silenciado. Mas a comunicação da UFMS como estratégia pode ser mais pró-ativa. Não só em relação ao Pantanal, mas sobre todos esses temas porque de fato eles ocupam um espaço muito grande na agenda do estado, e no caso do Pantanal não só em relação a agenda, em relação a geografia do estado.

29. COMO A UNIVERSIDADE LIDARIA, POR EXEMPLO, COM UMA DENÚNCIA ACONTECENDO NO BIOMA QUE ALGUMA PESQUISA AQUI DENTRO SUSTENTE?

Dentre todos os tensionamento que uma divulgação dessa natureza impõe, eu acho que a universidade teria que ser vanguarda. E ser transparente. Felizmente essa é uma coisa boa da universidade, não é porque eu estou trabalhando nessa gestão hoje. Amanhã ou depois pode entrar outra gestão que tenha uma linha de trabalho totalmente distinta, mas o pesquisador vai ser sempre pesquisador e ele vai ter autonomia acadêmica pra fazer suas pesquisas e pra denunciar. Essa é a natureza da universidade, por mais tensionamentos que se tenha. São 1.400 professores, mesmo que fosse minha intenção, e não é, até do meu modo de entender a comunicação, de entender o mundo, ficar vigiando professor. E mesmo que fosse, como é que eu ia dar conta de vigiar 1.400 professores, 80% deles doutores ao menos em tese sênior, fazendo suas pesquisas, não tem como controlar isso. Agora o que eu tenho que cuidar é da imagem institucional. Por exemplo, um professor que plagia uma tese de doutorado, isso aí está maculando a imagem institucional, por outro lado você tem que cuidar muito de como lidar de alguns temas. Esse tema tem de fato relação com a universidade? Eu preciso dar uma posição em relação a isso? A gente tem que cuidar da imagem da instituição como uma universidade séria que financia a pesquisa. Agora cuidar do que os pesquisadores estão pesquisando é muito difícil. Eu tenho que valorizar a universidade ressaltando os bons exemplos. Mas tem tensionamentos, sempre.

30. DESEJA ACRESCENTAR ALGUMA COISA?

Eu queria ressaltar que minhas respostas demonstram meu atual lugar de fala. Então pode ser que você me fizesse essa entrevista daqui um ano e minhas respostas seriam diferentes porque eu já vou ter passado por outras coisas. Que nem o Fernando Pessoa diria “nenhum homem se banha duas vezes no mesmo rio”, porque o homem não é o mesmo e nem o rio. Daqui um ano a universidade não vai ser a mesma e nem eu vou ser o mesmo. E reflete muito esse período ainda de diagnóstico. Algumas coisas já foram implantadas, mas tem muita utopia ainda, muito sonho, espero que eu tenha respaldo institucional pra conseguir implantar as coisas. O que me deixa muito feliz, nem sei se é feliz a palavra, mas assim honrado e satisfeito é que o meu convite não teve natureza política. Eu não me envolvi em campanha política de reitores. Hoje eu faço parte de um grupo porque eu faço parte das reuniões de gestão, mas eu estava respondendo interinamente pela direção do CCHS. Na véspera da eleição eu medie a reunião com os dois candidatos, eu fui presidente da mesa de recepção de votos na consulta dos reitores, e meses depois veio esse convite. Isso me tranquiliza bastante assim, ao fato de aceitar e ao de que seu precisar sair, eu também vou sair muito tranquilo.

Apêndice 2. Entrevista com André Mazini – Assessor-Chefe de Comunicação da UEMS

Mini perfil: É jornalista, doutor em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) tendo realizado estágio doutoral pela Universidad de Salamanca (Usal/Espanha), com bolsa Capes. Possui mestrado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo e mestrado em Antropología de Iberoamérica, pelo Instituto de Iberoamérica da Usal. Seu trabalho de conclusão do mestrado em Antropologia foi incluído entre os 'Mejores Expedientes Academicos' do período, concedido pela Universidad de Salamanca. Atualmente é responsável Assessoria de Comunicação Social da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), coordenador do projeto de pesquisa Mídia Ciência, de comunicação científica (financiado pela Fundect/MS) e professor na pós-graduação em Assessoria de Imprensa, da faculdade Estácio de Sá (Campo Grande/MS). Em 2016 foi um dos três finalistas brasileiros no Prêmio Estácio de Jornalismo, categoria internet regional. **Fonte:** Currículo Lattes - <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4564699P7>

1. COMO VOCÊ VEIO TRABALHAR NA ASSESSORIA DA UEMS?

Foi concurso. Eu me formei. Trabalhei como assessor de comunicação em uma universidade aqui, depois fui pro impresso, fui fazer mestrado. Eu sempre conciliei área acadêmica e área profissional. Fiquei com um pé em cada um, sempre foi meu interesse isso, então depois que eu fiz o mestrado em comunicação eu voltei pro Mato Grosso do Sul e fui dar aula também. Então daí primeiro eu voltei, fui trabalhar no impresso, jornal 'O Estado de Mato Grosso do Sul' e na época da campanha de 2010 eu fui convidado pra ser responsável pela comunicação de campo de uma das campanhas, uma campanha pra Senado, daí saí de lá pra trabalhar nessa campanha e no meio da campanha eu fui chamado pro concurso da UEMS em 2010, daí de lá estou até hoje. Em 2010 eu fiquei como assessor, 2010-2011, e aí em 2012 eu assumi a chefia da comunicação e permaneci por lá nesse período.

2. QUAL É A SUA FORMAÇÃO? GRADUAÇÃO, PÓS, ETC.

Eu sou formado em Comunicação com habilitação em Jornalismo, depois eu fiz um mestrado em Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo, estudando estética da narrativa jornalística. Sempre quis fazer um jornalismo meio diferentinho em termos de narrativas. Depois voltei, tentei aplicar isso no mercado, foi meio tenso, porque o mercado não aceita muito nada que não seja o tradicional. Daí eu fiz um mestrado em Estudos Latino Americano, na Universidade de Salamanca, na Espanha, com ênfase em Antropologia Ibero Americana. Esse trabalho foi bem reconhecido lá, recebeu até um prêmio da universidade dos melhores experimentos acadêmicos do período, e depois eu concluí o doutorado em História pela UFGD com estágio doutoral na Universidade de Salamanca também. Minha formação acadêmica é essa. Tem algumas especializações no meio do caminho em comunicação organizacional, até com o Wilson da Costa Bueno que foi meu professor no mestrado. E sempre fiquei com um pé lá, um pé cá na academia. Esse ano, propriamente, foi o que eu passei a me dedicar um pouco mais a parte do mercado mesmo, divulgação científica, buscando outros projetos pra popularização da ciência, eu estou nessa vibe atualmente.

3. É A PRIMEIRA VEZ QUE VOCÊ ESTÁ ESPECIFICAMENTE NA ÁREA DE POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA?

Por estar na universidade eu sempre atuei com divulgação científica. Mas há uns dois anos mais ou menos, surgiu um edital da FUNDECT chamado 'Mídia Ciência'. É um edital de divulgação científica, que visa promover a divulgação científica no estado, eu concorri, venci no edital e hoje eu sou coordenador desse projeto. Até eu não estou oficialmente na chefia da assessoria de comunicação por conta desse projeto. Esse projeto tem o objetivo específico de divulgar ciência. Tem um núcleo que funciona na FUNDECT, com quatro bolsas, quatro profissionais de comunicação, e um núcleo que funciona na UEMS, que tem mais três bolsistas. Então essa equipe toda trabalha para o 'Mídia Ciência' fazendo divulgação científica. Então paralelamente a UEMS funciona esse projeto também que eu coordeno hoje. Esse projeto tem um recurso financiado pela FUNDECT com parceria com a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Um entra com as bolsas, o outro entra com recurso de custeio de capital pra compra de equipamentos, essas coisas todas, e é assim que tem sido desenvolvido. A gente teve vários produtos ao longo desse projeto, a revista Corumbella, que se propunha a divulgar ciência. No momento a gente está avaliando a continuidade dela ou não, por conta de um impresso ser algo muito caro, muito difícil de trabalhar a logística dele, mas assim o nosso grande mérito atualmente foi, primeiro potencializar as pautas de divulgação científica, a gente foi finalista no maior prêmio de jornalismo voltado à educação, que é o Prêmio Estácio de Jornalismo. Pela primeira vez na história do prêmio uma assessoria foi finalista do prêmio e foi com um trabalho desse projeto, e a gente tem procurado fazer jornalismo mais aprofundado, uma perspectiva que não acontece na mídia. E recentemente a gente fechou duas parcerias que eu acho pioneiras no Brasil, que foi a gente aproximar de fato uma iniciativa de divulgação científica a partir da academia com o mercado. A gente fechou uma parceria com a Revista Mood, que é uma revista dessas de consultório, que eu acho interessante a proposta dela. A gente ganhou quatro páginas por mês, específica pra divulgar ciência nela, então a gente divulga o que quiser nessas quatro páginas. E a gente fechou a

maior parceria que foi com o Midiamax. O Midiamax hoje é o maior acesso do estado de mídias com mais de trinta milhões de views mês, via Facebook, por exemplo, e eles vão abrir uma página. A gente está em um processo de... já assinou o termo de convênio todo e a gente vai ter uma página dentro do Midiamax, que nós vamos construir toda a página pra divulgar matérias relacionadas a divulgação científica. Então isso pra gente foi uma conquista importante.

4. COMO VOCÊ VÊ O PAPEL DAS UNIVERSIDADES E INSTITUIÇÕES DE PESQUISA, PRA MELHORAR A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, TANTO DENTRO DA PRÓPRIA UNIVERSIDADE QUANTO PRA POPULAÇÃO EM GERAL?

Em muitos países o assessor de imprensa não é jornalista. Em muitos lugares do mundo é muito mais voltado pro relações públicas do que pro jornalista. No Brasil tem essa cultura do jornalista ser assessor de comunicação, isso é muito forte. A gente tomou esse mercado pra gente de certa forma. E por muito tempo essa discussão sobre “é jornalismo ou não é?”, assessoria de comunicação, assim qual o impacto disso na produção jornalística, porque é óbvio que tem a parcialidade relativa, porque você fala a partir de uma instituição, mas aí quando eu dou aula e falo desse tema pros meus alunos eu falo, mas aonde não tem uma parcialidade relativa? Por exemplo, trabalhar em um jornal, ele tem os interesses e tem a parcialidade que tem e isso acontece. E hoje eu acho que, sinceramente, a assessoria de comunicação de uma universidade é um dos melhores espaços que a gente tem pra fazer jornalismo mesmo. Jornalismo mais aprofundado, que não fique refém do imediatismo. A gente consegue fazer pautas muito mais profundas e a gente não tem tanta pressão do deadline, logo a gente consegue se organizar. É lógico, normalmente as assessorias são pequenas pra trabalhar demandas muito grandes. A UEMS mesmo são 15 cidades onde tem UEMS, são 66 cursos, é um volume de demanda do cotidiano muito grande. Então como que eu tenho feito na assessoria de comunicação já há algum tempo, tanto o projeto quanto a assessoria, eu exijo muito da minha equipe que eles trabalhem sempre paralelamente, 70% do tempo, 80% do tempo, não tenho um número, estou só ilustrando, mas uma parte do serviço voltado pras demandas ordinárias do dia a dia, fazer um release, cobrir um evento, mas uma parte do período eu faço questão que seja usado pra produzir pautas mais profundas. A gente chama de especiais na UEMS, mas pode chamar de qualquer nome. Então a gente já fez especiais sobre tanatologia, sobre morte, como que a universidade encara o tema morte. A gente já estudou como que é a realidade dos indígenas na universidade e principalmente dos indígenas que se formam, então a gente já trabalhou temas como transtorno mentais entre professores universitários, então a gente tenta manter esse equilíbrio fazendo o jornalismo profundo e fazendo a demanda do dia a dia. Porque a gente acha que a universidade é o espaço em que isso pode acontecer. No jornal impresso eu não tinha essa liberdade. Quando eu trabalhei no mercado eu não tinha essa liberdade de identificar as pautas mais relevantes e ir atrás delas. Então hoje na assessoria eu acho que isso é possível. E a assessoria particularmente de universidade e de instituições de pesquisa é fundamental. A diferença da assessoria e do jornalismo dito tradicional, uma redação a gente fala do interesse, o jornalismo tem como fim o interesse público. A assessoria tem o interesse público, mas ela também tem que atender o interesse do assessorado. Isso é fundamental. Nas universidade e nas instituições de pesquisa é um lugar privilegiado onde o interesse dessas instituições também é o interesse público. É diferente de uma loja de varejo, ou de qualquer coisa assim. A universidade em si tem interesse público. Então, quando a gente trabalha divulgação científica, esse espaço de assessoria de comunicação na universidade, ele permite que a gente faça assessoria de verdade, jornalismo de verdade e que atenda de verdade os interesses da instituição que é popularizar o que ela faz. Então tem um monte de pesquisa que ficava ajuntando poeira na prateleira e que é fundamental que as pessoas tenham acesso a isso. Eu acredito e faz parte do meu pressuposto até de pesquisa, em que ser alfabetizado cientificamente é um pressuposto da democracia. A gente consegue ter mais acesso ao que o Estado pode nos oferecer se a gente conhece ciência, se a gente sabe o que ela tem pra oferecer. Então é nesse sentido que a gente tem trabalhado. Até nesse mesmo caminho, eu tenho juntando, já reuni por duas

vezes, fisicamente mas temos mantido contato virtualmente também, todos os assessores de universidades de Mato Grosso do Sul. Eu juntei todo mundo numa mesa pra falar “olha, temos uma missão aqui, a gente tem que divulgar ciência”. Esse espaço que eu consegui no Midiamax e na Revista Mood eu não tenha a pretensão que seja espaço da UEMS, é um espaço de divulgação científica, então se a UFMS tiver uma pesquisa muito legal e quiser divulgar, a trincheira está aberta. Eles já tem um espaço pra publicar isso. Então eu tenho tentando também, não só fazer essa provocação na minha equipe, mas eu tenho na medida do possível tensionado pra que as outras assessorias, provocados essas reuniões onde a gente possa discutir divulgação científica. Isso unindo todas as assessorias na mesma mesa. Acho que é uma iniciativa que acontece pouco nos outros estados.

5. VOCÊS TÊM ALGUM TIPO DE ATIVIDADE COM ESCOLAS? DISTRIBUIÇÃO DO MATERIAL QUE VOCÊS PRODUZEM, LEVAR O PESQUISADOR PRA DAR UMA PALESTRA, POR EXEMPLO, ALGUMA COISA NESSE SENTIDO.

A gente não atua ainda nessa área. Até tem iniciativas bem pontuais, alguma ação que faz, palestras, mas não é o foco principal. Nosso foco principal tem sido divulgar via imprensa. Até como o projeto chama “Mídia Ciência” ele já que nasceu com o objetivo de usar o meio da comunicação da imprensa propriamente pra fazer divulgação científica. O projeto tem sofrido etapas. Inicialmente o projeto serviu pra organizar as demandas de comunicação das instituições UEMS e FUNDECT. Fazer o bê-á-bá da divulgação. Não estou nem só falando de assessoria, mas de organizar os fluxos de comunicação interna, por exemplo, na FUNDECT a gente criou mecanismos de saber com mais propriedade o que tem sido desenvolvido na ponta: o quê os pesquisadores têm feito? Então a gente organiza as pautas, organiza as pesquisas em linhas de interesse, a gente é uma ponte efetiva com a imprensa, ou seja a imprensa está falando de determinado assunto, por exemplo, poluição do ar, então a gente tem sido a ponte que consegue o pesquisador certo que fala sobre aquele determinado tema. A mediação clássica que a gente pode fazer. Através disso a gente já teve um incremento das divulgações do estado muito grande porque elas passaram a trabalhar com pautas realmente qualificadas. Porque a gente conhece as fontes, a gente sabe quem trabalha com o quê, a gente sabe quem trabalha bem com o quê, que não basta só trabalhar, então a gente conseguiu aproximar o universo da pesquisa da imprensa tradicional. Daí nessa segunda etapa a gente passou a produzir de uma forma mais qualificada. Então a gente passou não só a intermediar os dois ambientes, a imprensa com o ambiente científico, como a gente começou mesmo a fazer as matérias que criem essas pontes e que levantem pautas e pautas que talvez não saíam na imprensa, pautas que a gente conhece, a gente sabe a relevância que tem. Nessa terceira etapa a gente entrou propriamente na imprensa tradicional, primeiro com esses dois veículos e a nossa ideia é fazer muito mais parcerias, porque esse tipo de parceria que a gente está fazendo, ela é super interessante pras duas partes. Ela é interessante pro jornal, porque vai ter uma equipe qualificada trabalhando de graça, fazendo jornalismo de qualidade pra eles, quem que não se interessa por isso? Esse tipo de jornalismo não é feito, mais profundo, voltado pra ciência, divulgação científica, a gente não é chapa branca, a gente não escreve os textos só sobre as instituições que financiam o projeto. A gente não fez até agora, no âmbito do projeto, nenhuma matéria que só tenha usado como fonte exclusiva a FUNDECT ou a UEMS, a gente tem ouvido fontes de todas as instituições. Então a gente já está em uma fase de nos tornarmos uma referência na região sobre divulgação científica.

6. OLHANDO PARA O PANORAMA DE CRISE POLÍTICA, ECONÔMICA E SOCIAL NO PAÍS, COMO VOCÊ ACHA QUE O JORNALISMO CIENTÍFICO, A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, PODEM AJUDAR A INTEGRAR AS PESSOAS NESSE MOMENTO?

Não sei nem se a gente tem a intenção de integrar, é um pouco ousado, mas eu acho o seguinte, a cultura científica tem algo fundamental pra que as pessoas consigam se posicionar nessa turbulência toda, que é a cultura de conhecer a fonte. Acho que isso é uma das coisas que o Humberto Eco fala que as redes sociais deu voz pra uma legião de imbecis e talvez ele esteja certo. E eu acho que talvez o principal problema que existe nessas loucuras que a gente vê na internet é que as pessoas não

conferem as fontes, que é algo muito caro pra ciência. O pressuposto básico da ciência e da divulgação científica é a fonte. A gente quer conhecer a fonte, saber como que o dado foi coletado, qual foi a técnica de coleta do dado, quem que publicou, quem que disse, quem não disse, quem disse tem formação em quê pra falar o que está falando, o que autoriza aquelas fontes, então isso que é muito comum na ciência não é muito comum nesse momento que a gente está vivendo, especialmente quando a gente olha pras redes sociais que é um ambiente importantíssimo, um termômetro que a gente tem. Então as pessoas não tem a cultura de dar valor pra fonte e acabam compartilhando coisas que não são verdadeiras, coisas que são muito frágeis, coisas que são precipitadas e a gente percebe que quando as pessoas tem acesso a um produto jornalístico, por exemplo, que tenha um cuidado muito explícito com a fonte, de mostrar como que a gente chegou aquele dado, como que a gente coletou determinada informação, a responsabilidade com que esse tipo de jornalismo foi processado, as pessoas passam a ficar mais criteriosas pra ver outros tipos de informação também. Então, por exemplo, o político fulano disse calabresa, onde está escrito que ele disse calabresa, quem disse, quem gravou, foi ele mesmo que disse ou foi o jornalista que interpretou, então talvez o jornalismo de maior profundidade ajude as pessoas terem mais critério pra analisar jornalismo de uma forma geral. Por isso que a gente tem adotado uma estratégia de não fazer um jornalismo meramente especializado. A gente faz jornalismo especializado, mas a gente não quer ficar no gueto do jornalismo especializado, a gente quer que esse jornalismo seja jornalismo antes de ser especializado, a gente quer que ele vá pra galera, que as pessoas conheçam esse tipo de jornalismo. Porque se a gente ficar restrito em uma revista específica, em um canal específico, a gente tende ao fracasso ou a comunicar só pra quem já sabe daquilo que a gente está comunicando e não é nosso objetivo.

7. COMO A UEMS ESTÁ LIDANDO COM O CORTE DE RECURSOS PRA ELA E PRAS PESQUISAS? HOUVE UM CORTE MUITO SEVERO?

Eu confesso que não tenho dados de orçamento. A gente tem muito recurso que vem de fontes externas como FNDE e vários fundos que tem. E recentemente também o estado financiou um projeto bem interessante que repercutiu em 100mil reais pra cada curso da UEMS, inclusive mestrados e doutorados, então isso deu um respiro. A gente nunca teve sobrando recurso pra pesquisa e não é aqui e em lugar nenhum acredito. A gente consegue fazer pesquisa, mas sempre tem limitação de orçamento, isso é básico. A UEMS lida com isso como lida com qualquer coisa. No âmbito do projeto propriamente eu sempre tentei fazer o máximo com o recurso que tinha a disposição, porque acho também que acontece e eu vejo isso muito na prática, de que muitos pesquisadores se escondem atrás do argumento da crise pra não desenvolver pesquisas como poderiam desenvolver. Eu nem estou citando exemplos pontuais, mas isso como um todo. Não é o certo, não é o ideal, a gente tem que ser criativo com aquilo que a gente tem, porque a outra alternativa é parar. Então a gente tem duas alternativas, tentar ser criativo e desenvolver a pesquisa com os recursos que a gente tem, ou não fazer pesquisa. A gente não tem trabalhado com essa segunda opção, a gente tem tentado desenvolver de uma forma geral. Agora a UEMS como qualquer outra universidade e a forma como ela tem sobrevivido a isso é que ela depende dos governos, especialmente as públicas, mas não é a única fonte de recursos pra pesquisa. Então, por exemplo, as universidades públicas podem conseguir emendas pra construir laboratório, isso acontece, ela pode procurar recursos via editais externos, Fundação Ford, até empresas como a Odebrecht no meio desse turbilhão todo tinha programas de incentivo a pesquisa, então essas empresas maiores elas tem normalmente recurso pra pesquisa. E os pesquisadores têm ficado atentos pra essas fontes externas até por saberem que se depender das fontes internas, não sei se vai ter pesquisas de muita envergadura. Porque 100mil por curso não resolve o problema não é o ideal que a gente precisa, com certeza a gente está muito longe de ter recurso ideal pra pesquisa, mas eu confesso pra você que vivendo o que a gente já viveu, quando o salário de pesquisadores e bolsas tem sido pagos em dia, a gente já acha que é uma vantagem sabe. Porque quando a gente olha o que tem passado alguns colegas de outras fundações ou de outros estados, o Rio de Janeiro, por exemplo, com

a UERJ fechada praticamente, sem nenhuma condição de trabalho, ou outras universidades, a gente entende que o momento é complicado e se a gente conseguir manter pelo menos os pesquisadores atuando pra gente é uma vantagem e até agora isso tem acontecido.

8. COMO QUE A COMUNICAÇÃO DA UEMS É GERIDA? QUAIS OS OBJETIVOS, AS ESTRATÉGIAS QUE VOCÊS TÊM USADO? VOCÊS TÊM UMA POLÍTICA DE COMUNICAÇÃO ESTRUTURADA? ELA É SEGUIDA?

Sempre lembrando que eu atuo em dois projetos, que é a assessoria e o ‘Mídia Ciência’ que estão ligados, então não consigo olhar pra eles de forma muito separada. Na assessoria de comunicação eu faço com eles sim um planejamento interno, um planejamento estratégico baseado no FOFA que é forças, oportunidades, fraquezas e ameaças, chama matriz SWAT em inglês. Então eu sento com a minha equipe e todo mundo aponta quais são as nossas fraquezas, oportunidades, enfim, e cada um descreve e dentro disso a gente tenta criar internamente um padrão de quais são os indicadores que a gente vai usar pra atingir essas determinadas metas. A gente faz isso pelo menos de ano em ano, ou de dois em dois anos a gente faz isso internamente, nem sempre a gente registra, mas a gente faz uma reunião como se fosse uma oficina, em que a gente reúne todo mundo, a gente passa um tempo ali sozinho discutindo e traçando nossos objetivos. Então dentro da assessoria de comunicação a gente sempre atuou o seguinte, nosso objetivo geral é organizar os fluxos de comunicação interna, então daí dentro desse contexto a gente criou a partir da assessoria de comunicação a intranet, a gente criou um painel de comunicação interna, a gente aboliu a newsletter porque viu que ela não estava sendo eficiente e criou um mecanismo de comunicação a partir da intranet. A gente desenvolveu até coisas que não são propriamente comunicação, vou dar um exemplo: todos os professores tem que fazer planos de aula anuais, esses planos eram feitos por papel que eram submetidos a uma pró-reitoria que mandava pra outra pró-reitoria, um rolo da pega, e no final das contas eu não sabia o que cada professor estava produzindo. Eu não tinha base a indicadores de produção, que pra mim é fundamental, então a gente criou a partir da comunicação um sistema de plano de aula online. Então hoje aboliu o papel e todo mundo faz esse planejamento todo online. Isso permite que a gente consiga ter uma base de dados com as atividades docentes. Esse sistema está ainda em amadurecimento, mas vai chegar um tempo em que eu vou poder, eu acredito e assim espero, se a universidade também decidir assim, autorizar esse tipo de uso, mas que eu possa fazer, por exemplo, o jornal está fazendo uma matéria sobre passarinhos amarelos do bico vermelho, então quem que trabalha com isso na UEMS? Eu vou ter a partir dessa base de dados acesso a ação, a atividade dos docentes e pesquisadores dentro da universidade. Isso é só um exemplo. Então a gente atuou primeiro nessa área interna organizando os fluxos de comunicação interna. Criamos um novo site, estamos em fase de criar outro site, estamos criando um site do ‘Mídia Ciência’ propriamente, específico pra divulgação científica onde a gente tem uma homepage de divulgação científica. O objetivo da assessoria de comunicação então é, organizar esses fluxos internos e potencializar a divulgação espontânea da universidade. Então fazer a universidade aparecer mais na imprensa. Gente faz isso sugerindo pautas e fornecendo fontes, então a nossa maneira principal de atuação é essa e a gente aumentou realmente muito a nossa inserção na imprensa. Do centro-sul do estado a nossa presença é muito forte por conta que a sede da UEMS é em Dourados e agora a gente montou um subnúcleo da comunicação em Campo Grande, que não é a sede, mas justamente porque os principais meios de comunicação estão aqui. Então a gente precisa ser mais presentes aqui. Essa estratégia já tem funcionado, a gente aumentou muito a nossa divulgação espontânea aqui em Campo Grande, nos veículos estaduais de comunicação também, e com essas parcerias que a gente tem feito potencializam bastante nosso trabalho. Em relação ao ‘Mídia Ciência’ a gente também trabalha subsidiando a comunicação interna dessas instituições, FUNDECT e UEMS, mas assim, a função quase que exclusiva é o pra fora, é fazer com que a ciência seja conhecida. Então a gente tem coisas de muito valor sendo produzidas no estado, muito mesmo, e que nem sempre chegavam na ponta, nas pessoas que precisam. E a gente tem

feito esse trabalho de levar o que tem sido feito na academia pra população em geral. Até como uma forma de accountability dessas instituições, de prestação de contas. Uma coisa bem simples, por exemplo, tem uma pesquisa sendo desenvolvida na UEMS na parte de biologia, de recursos naturais que estuda como moscas podem ajudar a solucionar crimes. A partir de algumas moscas que ficam no cadáver eles sabem se morreu ali o cadáver, se foi transportado, há quanto tempo foi morto, coisas do tipo. A polícia civil se interessou imediatamente, já está em fase de laboratório, de teste. E as pessoas quando olham esse tipo de pesquisa elas falam assim, "ah então o recurso da pesquisa vai pra esse tipo de coisa", então isso ajuda com que a gente tenha respaldo popular no investimento da ciência. Porque se eu tenho um projeto desse que eu citei do governo, que foram mais de sete milhões se não me engano no total, a gente corre o risco de algumas pessoas olharem esse recurso e falar assim, "mas esse recurso podia ser usado pra saúde, escola". E daí quando a gente mostra que essas pesquisas retornaram inclusive em recurso pro estado. O estado precisa fazer um estudo de impacto ambiental pra construção de determinada rodovia, a universidade pode fazer isso. Fazer a análise química de um rio pra ver se está contaminado. O estado não precisa contratar consultoria, a universidade pode prestar uma série de serviços e as pesquisas podem economizar um montão de dinheiro. Sem falar da importância da universidade em si. Recentemente eu fiz uma pesquisa na assessoria com egressos. Eu queria saber varias coisas deles, mas entre outras coisas eu queria saber quanto que eles estavam ganhando. Então eles estavam ganhando uma média de R\$4.200,00, os egressos da UEMS. Foram mais de mil respostas, ou seja, um demonstrativo grande. E se você comprara a renda do sul-matogrossense de acordo com dados do IBGE a renda média é de R\$1.100,00. A renda média dos egressos que eu ouvi é de R\$4.200,00. Então olha a diferença salarial média desses dois. Se você pegar só o que sai de imposto das pessoas que se formaram ganhando isso é quase que o orçamento de universidade inteira. Então dessa forma a gente que universidade e pesquisa não é um gasto. Esse recurso investido na educação superior já está voltando pro estado a ponto de subsidiar a própria universidade. Se você pegar o imposto das pessoas que se formaram só na UEMS, você teria o financiamento praticamente zerado. Então não é um gasto. A gente tenta mostrar a partir da comunicação que o investimento em ciência, tecnologia e inovação e ações de ensino, pesquisa e extensão, são investimentos sociais e não despesas.

9. OLHANDO PRA ESSES DOIS PROJETOS ME VEIO UMA DÚVIDA. COMO ACABA FUNCIONANDO A ESTRUTURA? EXISTE UMA HIERARQUIA OU ALGO ASSIM?

São duas coisas diferentes. Da assessoria de comunicação hoje eu não sou o chefe formal, é o Rubens Oruê. Eu continuo respondendo com ele, auxiliando no trabalho de gestão da assessoria, especialmente atendendo a demandas da reitoria quando venho pra cá. Isso no âmbito do concurso da UEMS. Então na UEMS somos eu, o Rubens que é jornalista, a Emanueli que é jornalista que está aqui, agora está chegando um arte-finalista que é cedido pra UEMS, mas é também efetivo e a gente tem um desenvolvedor web. Eu sempre fiz questão de trabalhar na minha equipe com um desenvolvedor web. Acho fundamental, acho até que é algo que as assessorias deveriam fazer mais, de ter alguém da informática porque a gente agiliza muito nossas produções com um desenvolvedor. Essa é a equipe que responde só a UEMS. Paralelamente tem a equipe do 'Mídia Ciência' que sou eu mais outras sete pessoas que trabalham com comunicação. O 'Mídia Ciência' trabalha com dois núcleos, núcleo UEMS e núcleo FUNDECT. No núcleo da UEMS tem o Renan que é publicitário, trabalha comigo aqui e outras duas jornalistas que ficam em Dourados. Aqui tem uma jornalista que é a Bianca, que é a subcoordenadora junto comigo e ela está com um publicitário atualmente e com duas vagas em aberto lá pra FUNDECT. E lá eles também têm um assessor de comunicação, que é o Diogo, que trabalha, mas ele é vinculado somente a FUNDECT e não ao 'Mídia Ciência'. Então assim, até na formatação UEMS/FUNDECT/Mídia Ciência a gente já tentou costurar de forma que ela fosse feita de maneira integrada. Então a gente tem um grupo e achou que não seria muito produtivo compartimentar de uma forma muito rígida ao ponto de um só faz uma coisa, outro só faz outra coisa. Como não tem uma

equipe grande que nos permita ter um setor estruturado de publicidade, um setor estruturado pra rádio, um setor estruturado pra comunicação a gente tenta fazer com que todo mundo participe do processo de criação de todos os nossos produtos, então não tem muito essa segmentação dentro do produto, a não ser eu que respondo pela coordenação efetivamente.

10. EXISTE ALGUMA CONCORRÊNCIA ENTRE A PROMOÇÃO DA INSTITUIÇÃO, DAS CHEFIAS E A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA?

O Mídia não trabalha nessa coisa do chefe. O Mídia fica pra divulgação científica mesmo, pra matérias. Até trabalha com cobertura de eventos, mas cobertura de eventos que tenham alguma relação com a ação da universidade como um todo. A assessoria de comunicação eu não acho que haja conflito porque é um pressuposto dela. Ela tem que atuar dessa forma porque dentro da assessoria de comunicação propriamente, a gente trabalha também RP, mídia training, preparação das fontes, construção de releases, gestão de crise, esse contexto de assessoria ele é feito e não sei se tem jeito de ser diferente. A gente precisa responder as demanda e precisa fazer essa assessoria até mais pessoal mesmo, de produzir notas informativas, nem sempre é divulgação científica. No caso do Mídia a gente tenta manter esse fôlego fazendo sempre divulgação científica, trabalhando com pesquisas ou temas. Por isso até que a gente não se fecha nas fontes institucionais. A gente sempre tem procurado diversificar fontes, porque a de outras fontes a gente consegue atuar em outras áreas da divulgação que a gente não conhece dentro das nossas instituições. Por exemplo, a UCDB também tem um trabalho interessante com educação universitária indígena, então é fundamental a gente ouvir a experiência que eles tem sobre isso, divulgar as ações que eles tem sobre isso e principalmente estimulá-los pra que a assessoria de lá faça isso também e a gente ajude a divulgar como um todo. Então eu digo que não tem conflito na assessoria de comunicação porque é pressuposto, no Mídia a gente tenta focar mais, quase que exclusivamente mesmo, na produção científica.

11. DESDE QUE VOCÊ ESTÁ NA UEMS VOCÊ PASSOU POR MAIS DE UM REITOR? O QUE VOCÊ PERCEBE QUE MUDA NA COMUNICAÇÃO DE UMA GESTÃO PRA OUTRA? HÁ PRINCÍPIOS QUE PERMANECEM?

Teve mais. A minha experiência é limitada com isso porque eu trabalhei com o outro reitor, mas pouco tempo. Eu entrei na UEMS em setembro de 2010 e o reitor ficou até mais ou menos o mesmo período do próximo ano. Então eu fiquei mais ou menos só um ano com o primeiro reitor e o outro. E com o outro reitor, quando eu estava chegando na instituição eu só atuava como jornalista mesmo, eu não tinha acesso a gestão e eu nem coordenava os processos de comunicação, então a minha percepção é limitada sobre esse período. Mas assim de qualquer forma eu percebo que tem uma mudança no perfil do gestor que é fundamental pras assessorias de comunicação. Isso eu estou falando de maneira genérica. Tem gestores que gostam mais de se posicionar, tem outros que tem mais receio e eu tenho uma experiência nesse sentido que poderia contribuir, vendo as outras assessorias que eu tenho contato. Especialmente dentro do governo ou entre as redes que a gente tem. Eu tenho colegas, por exemplo, que são muito talentosos e que tem ideias sensacionais sobre pautas e tal e que na maioria das vezes são podados. E nem sempre as instituições dão retaguarda pra que o jornalista crie e desenvolva um trabalho criativo propriamente. Nessa atual gestão que é onde eu desenvolvo minha atuação como coordenador de ações como essa, eu sinto liberdade absoluta. Não teve nenhuma pauta que eu tenha proposto até hoje que tenha sido barrada ou tenha sido problematizada, todas foram acatadas. Dos projetos, e olha que a gente enfrentou projetos bem polêmicos, por exemplo, uma proposta minha de mudar a logo da universidade. Era uma logo que existia desde 94 e no ano passado a gente conseguiu aprovar no conselho a mudança da logo argumentando questões técnicas. A nossa logo era difícil de trabalhar. Eu estou dizendo isso porque são orientações que a gente dá enquanto comunicação que se não tiver um respaldo muito grande da gestão de falar que concorda com você, que sua visão é bem fundamentada, vamos enfrentar e vamos tentar, nem metade dos projetos que a gente desenvolveu teria sido desenvolvido. Então eu posso falar muito concretamente dessa gestão que

é onde eu tenho experiência como gestor também, que a gente tem na assessoria liberdade absoluta pra produzir. Existe um apoio forte e assim, nas nossas redes sociais mudou a linguagem completamente. A gente tem uma linguagem muito de brincadeira, a gente faz pautas bem ousadas, a gente usa um linguajar muito próximo dos adolescentes que é o público que a gente não conseguia alcançar, a gente mudou completamente. Mas pra chegar nisso a gente apanhou muito. Tipo assim “que isso, nós somos uma universidade, respeitável, formal”, e nesse momento em que a gente recebia as críticas fortes, porque chegaram a fazer reclamações formais pro reitor. Daí o que a gente fazia, primeiro a gente tinha todos os indicadores na manga, a gente sempre fez as coisas muito embasados, nunca fez tiro ao léu. A gente entendeu que mudar a linguagem da nossa rede social era fundamental pra gente falar com um público que a gente tinha dificuldade de alcançar pelo site e pelos editais, que é o público mais jovem, o que está saindo do terceiro ano e está entrando na universidade, a gente não conseguia engajar esses alunos. Quando eu comecei a mudar aumentou muito o alcance. A nossa página passou de menos de 700mil views em 2015 pra mais de três milhões e meio no ano passado só com mudança de linguagem. Então quando alguém vinha com essas reclamações eu tinha todo o relatório de alcance daquelas postagens e comparava com as postagens tradicionais. Eu cheguei a mostrar pros gestores “olha, porque eu estou fazendo isso, porque essa aqui teve 10 mil pessoas alcançadas e essa teve 300, então eu preciso disso aqui pra atrair as pessoas”. Com essa justificativa a gestão me dava feedback porque quando eu mostrava os dados, eles sempre se convenceram de que a estratégia era bem fundamentada e que a gente poderia continuar trabalhando naquela vibe, então essa retaguarda é fundamental. Porque o reitor ou diretores, quem está acima de mim no conselho, eles poderiam chegar e falar assim “André para, quero que você mude, a sua orientação agora é X não é Y”. Eu ia tentar argumentar, falar “olha eu sou o profissional da comunicação, eu sei que o que eu estou fazendo pode ter um resultado X” e eles poderiam falar “mas eu não quero” e eu teria que acatar. Mas não foi isso que aconteceu. Pelo menos nessa gestão eu tive bastante respaldo, nunca tive problema nenhum com restrição a atuação.

12. COMO É A RELAÇÃO DA REITORIA COM A ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO? VOCÊ CONSEGUE AVALIAR A VISÃO QUE O REITOR TEM SOBRE O PAPEL DE VOCÊS?

Consigo e vi muito isso ao longo desse período que eu estou na UEMS. Eu sou o primeiro jornalista concursado da UEMS, então de certa forma a gente desbravou, construiu o setor. Já tinha comunicação antes, mas a chefe quando eu cheguei é uma pessoa formada em publicidade que tinha uma trajetória bem consolidada como secretária da reitoria, tinha uma função administrativa muito intensa, a Ana Tereza Vendramini Reis. E tinha uma jornalista muito talentosa, a Maria Alice, que fez mestrado na Metodista também, fez doutorado lá. E quando eu cheguei a jornalista que estava era um cargo de confiança, um DGA, como era muito comum na época, e no concurso entrei eu. Eu considero que eu entrei bem no início. Naquele momento que eu entrei as pessoas já sabiam que comunicação é importante, mas eu acho que ainda não tinha dimensão do quanto. Comunicação era feita basicamente aquele bê-á-bá do release, clipping, indicação de fontes e uma newsletter que tinha. Área de atuação bem tradicional. E quando eu cheguei, foi onde estourou de verdade mesmo o lance das redes sociais. A atuação da rede social foi fundamental pra que as pessoas tivessem uma dimensão maior sobre a relevância do trabalho da comunicação institucional. A gente começou a conseguir números muito grandes de alcance que não tinham antes, e a gente nunca gastou um real pra isso, tudo orgânico. A partir dessas divulgações a gente conseguiu ter indicadores pra comprovar mais a relevância da UEMS. E eu comecei a tentar buscar desenvolver dados e buscar dados que eu apresentasse pra gestão e que a gestão falasse “ó, importante mesmo”. Por exemplo, a gente começou a levantar quanto que gastaria em um anúncio no jornal de meia página. É 10 mil reais, alguma coisa desse tipo. E daí eu fazia um clipping e fazia uma lista de tudo que saiu exclusivamente sobre a UEMS na imprensa que foi provocado por nós. E o resultado, se a gente convertesse em anúncio, tipo assim, quanto que eu

pagaria pra ter esse mesmo espaço que eu tive de graça, lógico que é uma conta relativa, não é o mesmo tipo de divulgação, mas é um referencial. E a gente chegava a números interessantes que a gente mostrava “ó, se a gente fosse pagar pra divulgar essa pesquisa a gente teria que ter pagado 40mil reais”. E aí os próprios pesquisadores começam a falar “Uau!”. Então tem uma relevância. A partir disso que a gente conseguiu ir mostrando o valor da instituição. O passo seguinte pra isso amadurecer mesmo, foi que a comunicação começou a ser chamada a mesa nas reuniões de gestão, como um todo. Então tinha a reunião de gestão entre a reitoria e pró-reitorias, que costumava ser uma reunião bastante fechada, a comunicação começou a estar ali também. Não pra opinar, mas eu estando ali, eu consegui entender claramente pra onde estava caminhando a instituição. Eu conseguia saber de muito perto, sem intermediário quais que eram as nossas potencialidades de divulgação a partir do núcleo de gestão. Então a comunicação integrar esse núcleo foi fundamental pra gente, porque daí sim a gente começou a ser ouvido, a gente começou a ser encarado como uma ferramenta de gestão e não só de divulgação de informações. Então hoje a comunicação na UEMS ela tem um papel de gestão também, ela está ali presente. Ela consegue ouvir as políticas da instituição e por muitas vezes a gente consegue até auxiliar que essas políticas sejam organizadas de forma a ter uma divulgação mais interessante, mais clara. Ações muito mais eficientes que de fato nos aproximem, porque a gente não tem uma ouvidoria estabelecida na universidade. Então nesse período todo a comunicação acaba sendo uma ouvidoria. Porque as pessoas vem falar pra gente os problemas, as sugestões. Eles procuram a página no Face, procuram o site, esses canais chegam em nós. Então a gente acaba sendo um termômetro sobre como tem sido a atuação da universidade e a partir desse termômetro a gente consegue estabelecer diretrizes que têm sido bastante eficientes até agora. A universidade cresceu muito nesse último período. É só considerar que ela passou em dez anos, fazendo um recorte simples, ela não tinha nenhum programa de pós-graduação strictu sensu em 2007. Hoje tem 14. São 14 mestrados e dois doutorados, é muita coisa. Ela foi a primeira universidade estadual do centro-oeste a ter um doutorado próprio. Então tem muitas coisas desse tipo que a gente ajudou, não a montar os programas, mas a gente ajudou a fazer com que a existência desses programas chegasse até todo mundo e todo mundo soubesse que esse ponto, por exemplo, que ter programas strictu sensu é uma coisa muito legal pra uma universidade, imponentíssimo. Sob o risco de ela perder o status de universidade se não tivesse. Porque hoje existe um parâmetro do MEC pra que uma universidade seja ou não considerada universidade. Tem faculdade, centro universitário, universidade. Pra ser universidade tem que ter um número X de mestrado e um número X de doutorado. Esse é só um exemplo de como a gente conseguiu fazer com que uma gestão administrativa tivesse uma repercussão de comunicação interessante pra nós. Então a comunicação na UEMS é enxergada com bastante importância, embora ainda estejamos muito longe de ter uma estrutura adequada. A gente precisava de um setor de publicidade, fundamental pra gente. A gente precisava de um setor de áudio e vídeo, a gente não tem essas coisas então a gente tem pedalado.

13. O REITOR TEM UM ASSESSOR DIRETO? AS OUTRAS UNIDADES DA UEMS TEM JORNALISTAS?

Ele tem assessores, mas não de comunicação, outros assessores. Pela assessoria eu tenho a Emanuelli aqui (Campo Grande) e uma em Dourados. A gente teve um em Ponta Porã que saiu ano passado, foi cedido também, mas a gente não tem hoje. A gente tenta fazer o seguinte, a gente acaba dividindo minimamente, tipo, determinadas unidades são atendidas por Dourados e determinadas unidades são atendidas por Campo Grande.

14. VOCÊS ORIENTAM OS PESQUISADORES A PASSAREM TUDO PRA ASSESSORIA? VOCÊS ACABAM MEDIANDO TUDO?

A gente tenta, mas a gente sempre esbarra exclusivamente no perfil do pesquisador. Tem o pesquisador que entende a importância disso, tem o pesquisador que eu falo que tem um senso distorcido, eu falo não em um mal sentido, mas ele não quer parecer exibido. Ainda tem uma parcela

dos pesquisadores que acha um pouco de exibicionismo essa parte e é onde a gente tenta atuar tentando quebrar isso, falando “não, isso aqui não é exibicionismo, é importante pra universidade”, e tem os que não gostam de falar. A gente faz uma intermediação constante, por exemplo, hoje assessoria e o Mídia com atuação na UEMS, a gente tenta fazer o seguinte, eu tenho uma jornalista que fica exclusivamente, ela é uma ponte entre a assessoria e as ações de pesquisa na universidade. Ela é responsável por pesquisar tudo o que tenha a ver com pesquisa e pós-graduação, então ela já se torna uma referência natural da área. Os pesquisadores se sentem mais a vontade de procurá-la porque é sempre ela que entra em contato, então essa ponte eu criei dessa forma. A gente também atua divulgando ações de extensão. Então nesse caso eu tenho um jornalista que fica exclusivo pra procurar pauta de extensão, e eu tenho uma outra jornalista que fica exclusiva procurando pautas de ensino, de ações de ensino. Um aluno de graduação da UEMS desenvolveu um projeto numa escola tal, a gente atua dessa forma. Exclusivo que eu falo, não que eles não façam outra coisa, mas eles são o meu ponto de referência em áreas específicas. A gente tenta fazer dessa forma pra organizar o tipo de trabalho. Quando eu tenho uma pauta de pesquisa em Coxim eu ligo pra jornalistas e falo “ó, tem uma pauta de pesquisa em Coxim, levanta os dados pra mim, faz a cobertura”, então ela já conhece a fonte, fica mais fácil esse trabalho. Então a nossa intermediação tem sido dessa forma. A gente tentou fazer no site um projeto que não decolou, mas eu gostaria muito que tivesse decolado que é um banco de fontes. Eu entrei em contato com todos os pesquisadores, pedi pra eles preencherem uma espécie de questionário que entre outras coisas, o que eu mais me interessava saber era áreas de atuação. Então “você trabalha com que área de atuação, fale com palavras chave”. Porque a partir desse banco o próprio jornalista poderia buscar na interface do site fontes pros assunto que ele pesquisa. Mas esse projeto ainda não deu certo porque eu não tive adesão muito dos pesquisadores, poucos responderam, é uma novela repetida. Então o que a gente faz hoje é correr mesmo atrás da fonte. Não dá pra esperar muito não.

15. VOCÊS FAZEM REUNIÃO DE PAUTA REGULARMENTE?

Constantemente a gente faz, inclusive com todo mundo. Eu faço reuniões específicas só com Dourados, faço reuniões com aqui, faço eventualmente vídeo conferência com todo mundo pra alinhar as pautas, principalmente pra organizar as pautas especiais, por exemplo, nesse momento a gente está desenvolvendo uma pauta com refugiados e educação superior. A gente para e fala como que a gente pode fazer isso, que dados a gente tem, você entrevista fulano, você pega o dado no ministério tal e a gente faz essas reuniões de pauta geral pra pautas que mais de uma pessoa atua e paralelamente a isso eu faço também periodicamente feedback individual com cada um. Eu tenho um controle de produção de número, eu sei o quanto que cada um está produzindo, eu acompanho toda a produção de todos e daí eu sento com cada um e dou um feedback qualitativo do que esta fazendo de legal, o que pode melhorar, por onde a gente pode caminhar e isso tem sido legal.

16. VOCÊ NOTOU ALGUMA MUDANÇA NO PAPEL DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO NOS ÚLTIMOS TEMPOS? VOCÊS TÊM PARTICIPADO DAS DECISÕES SOBRE A UNIVERSIDADE, POR EXEMPLO?

A gente participa das discussões. A decisão ela costuma ser tomada pelo gestor, mesmo em relação aos pró-reitores, por exemplo. Tem a reunião entre reitores e pró-reitores, mas a decisão final é da reitoria. Mas a gente atua, não só opina espontaneamente como a gente é provocado a atuar, a auxiliar em tomada de decisão. Por exemplo, quando tem gestão de crise, é algo que acontece muito em qualquer assessoria e uma universidade do tamanho da nossa é muito comum. Então quando tem gestão de crise a gente é chamado pra participar de uma reunião da gestão, onde cada responsável por uma área vai fazer as indicações relacionadas a sua área e a gente vai sempre orientar em relação a comunicação. Por exemplo, “ah, eu acho que a gente poderia fazer uma nota oficial pra condensar as reclamações que estão tendo sobre determinada crise, eu posso entrar em contato com a imprensa, posso buscar informações com tal órgão”. Então toda a atuação relacionada a como a crise repercute no nosso público a gente atua e opina. E eu falo que a gente não decide, mas a gente é muito ouvido

nas nossas opiniões. Dificilmente algo que a gente sugere é prontamente rebatido. Agora quando envolve só ação de ensino ou extensão ou pesquisa que não é da nossa área, a gente ouve mais e só atua naquela parte que diz respeito a comunicação ou produção de artes. Vai ter uma determinada ação, então a gente vai atuar falando como que a gente faz com que essa ação seja devidamente divulgada pros nossos públicos e a partir daí que a gente é ouvido efetivamente. E nos últimos anos a nossa presença nesses espaços de decisão estratégica da universidade mudou muito.

17. QUAL É A ESTRUTURA DISPONÍVEL DE TRABALHO, TANTO A NÍVEL MATERIAL QUANTO DE RECURSOS HUMANOS?

Na UEMS a gente tem três jornalistas que são efetivos, dois concursados da UEMS mesmo e uma cedida e temos outras duas jornalistas bolsistas. Estrutura física que a gente tem aqui onde vocês está, no escritório, a gente concentra a parte de marketing, a produção de artes, a produção de site, layout e mídias sociais. Então a parte mais de publicidade e mídias sociais fica aqui. A jornalista da universidade aqui, Emanuéli, ela atua mais na parte de jornalismo mesmo, de imprensa, assessoria de imprensa cobrindo eventos, produzindo pautas e tal. Ela fica lá na unidade da UEMS. Ela é estratégica lá porque a maioria dos eventos acontecem lá, é importante que ela esteja perto. E em Dourados eu tenho a estrutura principal de imprensa propriamente, então eu tenho duas jornalistas lá concentrando a organização das pautas, tudo que é de divulgação de jornalismo, propriamente, primeiro eu mando pra lá. A não ser que tenha alguma peculiaridade que a gente precise que seja feita aqui. E lá também fica a parte de desenvolvimento web. Então o núcleo principal ainda fica em Dourados e a gente atua aqui com mídias sociais e produção gráfica e assessoria de imprensa na unidade. A gente tem então três salas, cada um tem um computador, a gente tem uma câmera fotográfica aqui, uma câmera fotográfica em Dourados, a gente tem uma estrutura bem pequena, mas bastante útil de iluminação, algumas luzes que estão até aqui.

18. E VOCÊS TÊM RECURSOS FINANCEIROS PRÓPRIOS?

Na parte da UEMS não tem uma rubrica específica. A gente tem assim, às vezes tem alguma demanda a gente pode solicitar que seja feita, seja adquirido ou, por exemplo, ano passado eu fiz uma qualificação, participei da Social Media Week em São Paulo que é um evento interessante e a UEMS conseguiu passagem. Então a gente consegue eventualmente esse tipo de coisa, mas a gente não tem um orçamento próprio não. Tanto que a gente não tem comunicação patrocinada em redes sociais, nunca teve, e também não tem anúncio. Eventualmente quando tem anúncio é via governo, mas quando é via governo quase nem passa pela assessoria de comunicação, eles fazem por lá mesmo e só avisam a gente.

19. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES QUE VOCÊS LIDAM?

A gente tem uma dificuldade meio clichê, mas que é verdade, a gente tem dificuldade de gente. Eu acho que a gente faz bastante coisa pela estrutura que a gente tem, mas o ideal seria a compartimentação do setor. Que eu tivesse um setor, com chefia exclusiva pra publicidade, um setor exclusivo pra responder pelo jornalismo, que eu tivesse essa possibilidade de fazer setores. Hoje a gente não tem, fica meio que todo mundo faz de tudo e isso impede que a gente tenha voos mais altos talvez. E a gente tem a dificuldade também de não ter o recurso que a gente acha necessário, por exemplo, se eu tivesse um drone, um equipamento de microfonia avançado, a gente com certeza produziria coisas sensacionais. A gente tem espaço pra isso, a gente nem sempre tem estrutura mesmo. A gente poderia, por exemplo, a TVE é do estado, a gente poderia fazer uma parceria e falar assim “me dá um programa diário aí que eu faço pela UEMS”, divulgando o que eu quero. Tenho certeza que eles topariam, mas a gente não tem estrutura pra aguentar isso. A rádio UFMS, a gente é muito parceiro da assessoria de comunicação deles, até o reitor da UFMS foi colega de trabalho muito tempo do reitor da UEMS, então tem uma relação institucional bem favorável que a gente poderia falar “ó, dá um espaço da programação de rádio”, mas a gente nem pede porque não teria como aguentar isso.

Então a nossa dificuldade é mais de estrutura de pessoal e física pra poder crescer mais do que propriamente de qualquer outra coisa. A gente tem dificuldade nessa área mesmo.

20. E QUANTO A VANTAGENS E POTENCIALIDADES? O QUE VOCÊ ENXERGA?

Liberdade absoluta. A gente tem liberdade pra propor as pautas que a gente acha interessantes, a gente tem liberdade pra fazer as ações de mídias sociais que a gente acha interessante. A gente tem essa retaguarda que pra mim é o que mais me apetece de trabalhar na UEMS. Vou até te dar um exemplo pra você entender mais ou menos o que eu estou falando, porque são algumas coisas que outras instituições poderiam assustar um pouco. Por exemplo a matéria que eu fiz sobre transtornos psiquiátricos, que foi a finalista do prêmio lá no Rio de Janeiro, falava de um assunto que eu não sei se outras assessorias poderiam falar. A gente falou o seguinte, cerca de 10% dos professores da universidade se afastam por problemas psiquiátricos. Não é uma pauta tradicionalmente de assessoria, a pauta tradicional seria, os professores são super legais, ganham bem, bababá, e a gente teve liberdade pra fazer pauta densa sobre uma tema que não é muito agradável nem pra instituição. E a universidade deu retaguarda pra gente fazer isso, entendeu? Apresentar um problema. Aí a gente consegue revelar problemas a partir da assessoria de comunicação da UEMS, que é um tabu dentro das assessorias de comunicação. É um tabu muito grande que uma assessoria escreva sobre algo minimamente negativo pra instituição e a gente tem essa liberdade aqui. Por exemplo, no dia que saiu os escândalos da denúncia eu fiz este post aqui [André abre um link do Facebook no navegador do celular “De Brasília não param”]. Uma coisa aludindo a crise e amanhã eu falava que termina a inscrição do ENEM. Uma coisa bem simples mas só pra você entender que eu usei um contexto tenso político, e um contexto que afeta a universidade. A UEMS é um órgão público, estadual ea gente sabe que os órgãos públicos estão sujeitos, mas aí que está uma vantagem de trabalhar na própria UEMS. Diferente de uma secretaria, de educação ou qualquer outra secretaria, em que os governos determinam quem é o gestor ou secretário, a UEMS é guiada por dois conselhos, conselho universitário e conselho de ensino, pesquisa e extensão e o reitor não é escolhido pelo governo, ele é eleito diretamente. Não é nem lista tríplice como acontece nas federais, o reitor é eleito. Então isso dá pra universidade uma certa autonomia, ela tem mais respiro pra atuar, porque ela não é igual uma secretaria que se põe e tira quando quiser, ela tem eleição, as coisas são mais complexas. E eu sempre aproveitei isso pra ter minha liberdade também. Então tipo, eu sou concursado, não sou indicado por ninguém, não depende de favores políticos pra fazer o que eu faço então eu uso isso a meu favor de falar assim, “então eu vou escrever sobre o que eu acho importante escrever”. Em crises, por exemplo, a gente teve uma crise recentemente aqui de um aluno que atirou em um gato. Deu uma polêmica nacional. Foi assustador. Eu consegui imediatamente, no prazo de 24 horas falar assim, a gente precisa emitir uma nota falando o que tem que ser falado. Quê que tem que ser falado? Tem que ser falado tudo que estão querendo saber. Tem prisão de punição pro aluno? Porque todo mundo começou “expulsa e bababá”, e a gente falar “não, a gente tem legislação pra isso”. Porque não falar é muito pior. A gestão prontamente falou “bora, faz a nota aí e vamos alinhavar”. Então a gente sempre tem conseguido trabalhar de forma muito ágil sobre qualquer que seja o tema. Você falou uma expressão que eu acho muito feliz, a gente já foi tarefista e hoje a gente trabalha com uma perspectiva mais estratégica, e a equipe também entrou nessa vibe. O quê isso representa, que aconteceu uma treta no sábado eu tenho certeza que eu posso contar com qualquer pessoa agora. Depois a gente negocia folga, vê o que faz, mas a gente não tem essa de ter uma demanda que não é respondida. Isso é quase que um dogma dentro da assessoria: imprensa tem que ser respondida não importa o tema. Até hoje eu nunca precisei, e espero nunca precisar, não me pronunciar sobre um determinado tema. O que acontece e já aconteceu semana passada que me deixou bastante irritado, é que determinado jornal publicou um negócio envolvendo a UEMS e falava lá que entrou em contato com a assessoria de comunicação e não teve resposta. No outro dia eu liguei pra jornalista e perguntei, “como assim? Vocês tem meu celular, pode me ligar a qualquer momento”, “não, a gente mandou um e-mail”, “mandou um e-mail que horas? O expediente

termina às 16h30”, ela mandou um e-mail às 16h50 e publicou a matéria 17h30. Esse tipo de coisa me irrita profundamente, porque eu odeio essa coisa de não quer falar. Como assim não quer falar? A gente é obrigado a falar, a gente tem responsabilidade com o público, a gente tem que prestar contas, não tem essa de não falar. Não falar é pra outros setores, não pra universidade. As únicas vezes que aconteceu isso foi nesses casos, foi mais, falo com muita tranquilidade e respeito até, mas falha mais do jornalista que nossa, a gente se pronuncia. E a equipe está pronta pra isso também. Isso é uma grande potencialidade, a gente tem uma equipe motivada e comprometida que trabalha com tesão mesmo. A gente não tem trefistas mais, isso ajuda bastante nosso trabalho. Comunicação feita de modo trefista é o fim do mundo, já era.

21. NA SUA EQUIPE, ALÉM DE VOCÊ, OUTROS JORNALISTAS TEM PÓS-GRADUAÇÃO OU OUTROS TIPOS DE CAPACITAÇÕES, CURSOS EXTRA? E EXISTE ESTÍMULO POR PARTE DA UEMS PRA QUE ELES SE CAPACITEM, ELA CRIA CONDIÇÕES PRA ISSO?

A gente estava falando de vantagens, eu falei que a maior era liberdade, mas em termos profissionais, olhando pra carreira a maior vantagem é essa dentro da universidade. Dentro da UEMS, pros servidores efetivos, tem certamente o melhor plano de capacitação do estado. O salário base é muito ruim dos técnicos administrativos da UEMS, é um dos piores do Brasil, o inicial, quem entra só com graduação. Mas ela tem um plano de carreira que valoriza muito a pós-graduação strictu-sensu. Então, por exemplo, se você fizer mestrado o seu salário já vai multiplicar por dois ponto alguma coisa, se eu não me engano, mais que dobre. Se eu fizer doutorado já aumenta mais um tanto, e ela permite, o nosso plano de cargos e carreira, que a gente seja afastado pra pós-graduação recebendo o salário integralmente. Isso não acontece em outros lugares. Eu fui estudar na Espanha recebendo meu salário, levei minha família até. Não tinha com quem deixar. Isso permitiu que eu tivesse uma capacitação muito qualificada que eu nunca teria em outro espaço. Então a UEMS tem um plano de ascensão que não é ideal ainda, pode melhorar é claro, mas se a gente olhar, por exemplo, pra outro órgão que eu sei que tem algum tipo de aumento com pós-graduação é o TJ. O TJ dá 10% de aumento só e não importa se é mestrado ou doutorado, é só 10%. E tem outros órgãos que é menos. A UEMS não. A UEMS tem um grande salto. É obvio que isso incentiva muito as pessoas a buscarem a pós-graduação. Na minha equipe a jornalista daqui está fazendo especialização, os outros dois jornalistas mais o desenvolvedor também tem especialização, o meu publicitário não tem e a outra jornalista também não. De toda a equipe, contado o núcleo “Mídia Ciência” que atua junto com a gente, somente dois é que não tem nenhuma pós-graduação. O resto todo mundo é pós-graduado.

22. NO CASO TEM ALGUÉM QUE TEM ALGUM CURSO DE EXTENSÃO OU ALGO DO TIPO VOLTADO PARA JORNALISMO CIENTÍFICO?

Não. Eu como sou professor também dessa área, eu atuo dando aula desde 2011. Dava aula na UNIGRAM em Dourados e como eu mudei pra cá recentemente eu comecei a dar aula em uma pós-graduação da Estácio. Então como eu tenho essa experiência acadêmica também, e inclusive habilitado a atuar nessa área, eu acabo qualificando eles com nossa atuação interna. Então a gente procura também além da atuação prática, ter reuniões sobre discussão do trabalho, de porque que é assim, sugestões de bibliografia pra ler, a gente tenta alimentar isso neles também.

23. VOCÊ ACHA QUE A SUA EQUIPE HOJE ESTÁ BEM PREPARADA?

Bastante. Acho sinceramente que a gente tem uma das melhores equipes do estado de assessoria de comunicação. Falo isso com bastante medo de parecer arrogante, mas é porque assim, por estar no meio de comunicação há muito tempo, e isso não é uma crítica aos meus colegas jornalistas assessores, é uma crítica mais as gestões, porque a maioria acaba sendo trefista de ficar fazendo o release, o clipping e bababá. Poucas acho que conseguem ter o fôlego que a gente tem pra produzir coisas diferentes, especiais, tal, e fazer essa atuação. Isso de certa forma tem sido até reconhecido. A gente tem sido chamado inclusive por outras assessorias pra conversar sobre, a gente viu que outras

assessorias de universidades mesmo mudaram completamente a rede social depois que a gente mudou e começou a ter um resultado interessante. Isso a gente não faz como competição nem de longe, a gente troca ideia mesmo, brinca entre nós. Eu dei aula magna de jornalismo na UFMS esse ano e fui convidado pelos alunos, e uma das razões foi que eles viam as ações via rede social nossas. Então esse tipo de reconhecimento mostra que esse trabalho tem o seu alcance. Então acho que a nossa equipe está bastante qualificada.

24. COMO É A ROTINA PRODUTIVA DE VOCÊS? A DIVISÃO SISTEMÁTICA DO TRABALHO, AS ESTRATÉGIAS DE RELACIONAMENTO QUE VOCÊS USAM COM A MÍDIA EXTERNA, ETC.

A gente já tentou fazer das mais diversas formas tipo reunião semanal de pauta, a gente já fez várias estratégias que a gente pega da administração, grupos de trabalho de planejamento. Com o tempo a gente percebeu que como nós somos uma equipe não muito grande a gente consegue ter uma comunicação permanente muito intensa. E pode parecer muito simplista, mais uma coisa que é fundamental pra gente é o grupo de WhatsApp. Com o grupo, e o nosso grupo não funciona com bom dias e correntes e nada desse tipo graças a Deus, então a gente conseguiu transformar essa ferramenta simples em uma ferramenta de trabalho. Então todo dia a gente está constantemente, “gente mandei um e-mail pra vocês sobre determinada pauta. Eduarda essa fica com você, Tatiane aquela fica com você”, muito áudio até pra ser mais rápido e funciona de forma muito boa. Paralelamente a isso, pra organizar os fluxos a médio e longo prazo a gente usa o Trello. A gente tem as nossas planilhas do Trello, então tem uma planilha do Trello que é só pra desenvolvimento web, então lá eu e o desenvolvedor web vamos atualizando os sistemas que estão sendo desenvolvidos, aqueles que já foram desenvolvidos, as demandas pendentes, tudo certinho. Em termos da publicidade e do jornalismo a mesma coisa. Só que o Trello funciona parcialmente, funciona pra demandas mais longas, por exemplo, quando está acumulando muita demanda e a gente está esquecendo alguma coisa, bota no Trello. No mais, pro dia a dia, a gente se organiza entre nós mesmo, WhatsApp principalmente e vídeo conferências. A gente faz muito hangout também. Sobre as estratégias com as mídias externas. O bê-á-bá a gente faz, envio de release todo dia, pelo menos um pra imprensa, faz o clipping. E eventualmente a gente faz a ligação. Quando a pauta é mais intensa a gente liga pros principais veículos e tenta convencer pessoalmente da pauta, “ó, está acontecendo isso, agente consegue fonte”, e a gente também, não me lembro da última vez que a gente teve uma negativa nesse sentido, de ligar pra um veículo e falar “ó, a gente gostaria de divulgar tal pauta, vocês teriam interesse em tal pauta”, e eles não publicarem. Até porque a gente não faz pauta chapa branca. Tipo, “publica por favor que o vice-reitor vai encontrar uma autoridade amanhã”. A gente nunca fez isso. As pautas são pautas mesmo. por exemplo, tem uma ação que vai ter interesse público, essa pauta eu ligo e aviso. Eventualmente também, quando tem ações importantes eu ligo, eu tenho um contato mais pessoal com rádios, porque eu entendo que o rádio alcança um público que a gente tem dificuldade de alcançar via rede social, por exemplo, que não acessa internet. Então a gente tem um trabalho um pouco mais cuidadoso deter contato pessoal com jornalistas de rádio. Coletiva é muito difícil. Só quando tem assuntos muito bombásticos, mas não é muito nosso perfil.

25. E HÁ MUITA DEMANDA DOS JORNALISTAS PRA VOCÊS?

Muita. Diária. Especialmente na parte de Dourados pro sul, centro-sul do estado é diária. Aqui a gente está começando a construir isso e está funcionando, até foi uma das razões da gente ter fortalecido o núcleo de comunicação em Campo Grande, foi aumentar nossa relevância pra imprensa local e isso tem acontecido efetivamente. Um exemplo bem simples, pauta ENEM-SISU. Não é só a UEMS que adere ao ENEM-SISU, mas em diversas pautas daqui nós fomos chamados pra falar em nome das universidades que aderiram ao ENEM-SISU, então esse é nosso objetivo. Tipo, quando for falar de educação superior ou de qualquer ou tema que seja afeto a universidade, que a imprensa se lembre de procurar a UEMS como fonte. Então é isso que a gente tem feito e tem funcionado.

26. NO CASO VOCÊ MENCIONOU QUE VOCÊS CONSEGUEM PAUTAR MAIS OS VEÍCULOS DA REGIÃO SUL DO ESTADO. OS NACIONAIS VOCÊS TAMBÉM CONSEGUEM?

Pouco, mas conseguimos. Nesses últimos tempos a gente teve sucesso nisso. A gente teve R7, teve Record nacional e agora teve um Globo Rural bem recente, a gente publicou na página até. E está sendo organizado um Globo Repórter exclusivo sobre uma pesquisa da UEMS. Uma pesquisa sobre um camarão classificado em Aquidauana por pesquisadores da UEMS, uma camarão de água doce que chama Camarão do Pantanal e eles vão fazer um Globo Repórter sobre isso.

27. VOCÊ SABE DIZER QUAIS OS TEMAS MAIS PRESENTES NA MÍDIA QUE A UEMS CONSEGUE EMPLACAR? E ENTRANDO NO TEMA PANTANAL EM PARTICULAR O QUE ACABA SENDO MAIS DEMANDADO?

O programa de pós-graduação mais tradicional que a UEMS tem é o Recursos Naturais. Foi o primeiro a ter doutorado, o mais robusto. E isso reflete muito o perfil das nossas principais divulgações, quando tem mais alcance são relacionadas a campo. Pesquisas relacionadas a terra ou a criação de animais, enfim. E boa parte dessas pesquisas são feitas em Aquidauana que hoje tem um mestrado e um doutorado em Agronomia. Então Aquidauana já está na região do Pantanal, é nossa unidade na região do Pantanal. Então a maior parte dessas nossas divulgações grandes são nesse universo temático e tem pesquisas evidentemente sobre o Pantanal também. Até esse próprio camarão ele é desenvolvido nesse contexto, e sempre quando é Pantanal chama muito a atenção. Assim, a gente tem muita visibilidade externa, inclusive no exterior a respeito de pesquisas relacionadas a isso. Então as nossas divulgações nacionais e internacionais que a gente tem são mais voltadas pra essa área do campo, pesquisas agropecuárias. Agora do Pantanal, a gente tem algumas pesquisas pontuais que eu posso levantar. Mas a gente tem, por exemplo, que saiu recentemente no Globo Rural foi uma pesquisa com gado pantaneiro que está entrando em extinção e a UEMS tem um dos maiores grupos remanescentes de estudo em gado pantaneiro. E eles estavam utilizando um tipo de fruta do cerrado, a bocaiúva, pra alimentar esse tipo de gado. E essa é uma pesquisa de envergadura muito relevante. Então esse tipo de coisa costuma dar mais amplitude as nossas divulgações. Pelo menos na parte de divulgação científica, porque nós temos uma atuação muito grande na parte de políticas afirmativas. A UEMS é a única universidade do Brasil a ter cota pra indígena, a primeira e a única do jeito que tem. Tem em algumas universidades que tem cursos específicos. No caso da UEMS, 10% de todos os cursos é pra indígena. E a gente tem 20% das vagas pra negros. Então esse tipo de coisa também tem muita divulgação até nacional, mas a questão de pesquisa é mais voltada pro campo. O estado é a segunda maior população indígenas do Brasil hoje, só fica atrás da Amazonas porque o Amazonas é um continente. Mas as maiores concentrações indígenas em cidades é a do Mato Grosso do Sul, a gente tem muito indígena aqui, muito mesmo. E isso é uma coisa que eu gosto muito na UEMS. Eu fiz uma pesquisa com egressos indígenas em Mato Grosso do Sul, os indígenas que se formaram na UEMS que eu entrevistei eles ganham em média mais de 18 vezes a renda média do indígena em Mato Grosso do Sul. Então daí a gente vê a importância que tem a formação superior.

28. E COMO É QUE VOCÊS CAPTAM OS TEMAS PARA DIVULGAÇÃO? TANTO A INTERNA QUANTO A EXTERNA. POR EXEMPLO, VOCÊS CIRCULAM PELAS UNIDADES, TEM BANCO DE DADOS, RECEBEM DEMANDAS DA REITORIA, OS PESQUISADORES PROCURAM, ENFIM, DE ONDE VOCÊS TIRAM AS PAUTAS?

A gente tem um monitoramento permanente de ligar pra fontes chave, que a gente sabe que normalmente sai pautas boas. Mas nesse ponto é fundamental o trabalho que a gente fez ao longo dos últimos anos. Eu falei pra você que aumentou a relevância da assessoria de comunicação na estrutura universitária, com isso a gente conseguiu convencer os gestores da relevância de se comunicar. Então hoje quando tem uma pesquisa, alguma coisa sendo desenvolvida na pró-reitoria de pesquisa a própria pró-reitora ou os funcionários já criaram a cultura de falar “manda isso pro André, mas isso pra

imprensa”, a mesma coisa na extensão e no ensino. Então a gente melhora muito esse tipo de divulgação que parte espontaneamente de lá pra cá, da gente receber. A gente tem recebido muito. A gente tem um desafio nisso, porque eles também mandam coisas que não é pauta. É muito comum a gente receber coisas assim “ah, publica aí que eu apresentei um artigo na semana acadêmica de letras”. Não, isso não é pauta, é pressuposto do seu trabalho. Era pra você fazer isso mesmo, não era? Ou então, “ah, publica aí que aluno tal passou no mestrado na USP”. Não, não é o nosso objetivo também. Então como o tempo, a gente foi em dois momentos, primeiro a gente criou a relevância de que as pessoas procurassem a gente. No segundo momento a gente teve que educar essas pessoas pra que elas entendessem minimamente o que é pauta e o que não é. Critérios de noticiabilidade que nem a gente estuda no jornalismo. Então pra alguns eu cheguei a fazer mini oficina mesmo. O quê que é notícia? Eu não li Jorge Duarte, eu não li os autores, mas a gente tem algumas dicas pra saber o que é notícia: o que é muito ruim, o critério de negatividade; tem que estar próximo da gente, o critério de proximidade; tem que ter acontecido por agora, tem que ter um gancho temporal, não dá pra falar de um negócio que foi desenvolvido há três anos, então tem que ter a temporalidade; tem que ter a relevância; tem que ter a proeminência da pessoa envolvida talvez, por exemplo, às vezes um seminário qualquer não é uma pauta, mas se vier o Stephen Hawkins dar o seminário é uma pauta. Então dependendo da pessoa que está é pauta. Então esse trabalho de ensinar os gestores o que é, o que não é notícia foi um segundo passo pra isso. E hoje a gente já consegue falar não pra pouquíssimas pautas. Normalmente o que chega é muitíssimo relevante.

29. VOCÊ HAVIA COMENTADO QUE VOCÊS ORGANIZARAM UM SISTEMA DE BANCO DE PLANO DE AULA. DALI VOCÊS TIRAM ALGUMA COISA TAMBÉM? E VOCÊS TEM UM BANCO DE DADOS?

A gente também tira, mas ainda não está nesse nível. O plano de aula propriamente está servindo a um serviço interno só, a gente ainda não tem usado como indicador. Mas internamente a gente tem dentro da intranet, que a gente criou uma intranet, a gente criou um formulário que chama ‘sugestões’ que a pessoa pode ir e sugerir uma pauta por lá. Então a gente tem a organização disso. Mas ela tem sido pouco utilizada com esse fim, na maior parte das vezes, eu até nem sei se isso é bom pra mim porque eu acabo tendo uma sobrecarga de trabalho grande, mas eu tento manter um contato pessoal com as fontes. Então eu dou liberdade pra que eles me liguem mesmo, me mandem Whats, eu não tenho muito essa de dividir horário de trabalho. Eu dou bastante liberdade pra que eles me procurem, liguem pra gente mesmo porque eu acho que nesse contato a gente não só ganha pauta, mas ganha fonte. Quando uma pessoa me procura pra passar uma fonte é uma estratégia que eu tenho de captar ele como uma fonte permanente dali pra frente. Porque no momento em que ele vê a divulgação do trabalho dele eu vou falar assim, “ó, eu posso divulgar sempre. Sempre que você tiver notícia boa você manda pra mim porque a gente vai avaliar”. Então isso foi uma das razões pela qual amadureceu o trabalho de divulgação da nossa assessoria a crédito.

30. VOCÊ DISSE ANTERIORMENTE QUE TRABALHAM COM CLIPPING. COMO VOCÊS FAZEM ESSE CLIPPING? VOCÊS CONSEGUEM MONITORAR LOCAL, NACIONAL, INTERNACIONAL? E O QUE VOCÊS FAZEM COM O PRODUTO DO CLIPPING?

Clipping eu vou te falar que é o maior desafio que a gente tem na assessoria. O maior mesmo porque a gente faz o clipping, mas eu ainda acho que a gente perde muito tempo fazendo clipping. Como que a gente faz, hoje tem um profissional responsável pelo clipping. Ele faz o clipping impresso de alguns dos principais impressos, não de todos, os principais impressos da região central Campo Grande, e da região sul os jornais de Dourados e online. A gente elencou também alguns sites, mas a gente faz o clipping geral também via Google. A partir disso a gente tem um diagnóstico se as notícias foram negativas, neutras ou positivas. A gente faz uma classificação quase que informal quanto a isso. E a gente tem um espaço no site onde é divulgado o clipping. A gente demorou um tempo, porque a gente vinha divulgando tudo mesmo, inclusive notícias ruins. Até alguns assessores me falaram, você é

doido. Mas as pessoas tem o direito de saber o que está sendo falado a nosso respeito. A não que seja uma mentira, aí a gente publica uma nota e tenta rebater. Eu sou muito chato com esse negócio de prestação de responsabilidade pública. A gente não consegue fazer TV também e nem rádio. Esse é o jeito que está. Hoje a gente faz o clipping geral, pra manter o monitoramento. Há revezamento, mas uma pessoa é meu ponto de referencia, quando eu quero perguntar sobre eu pergunto pra uma pessoa, ele pode até pedir pra outras pessoas ajudarem ele, mas ele é minha referência. Eu faço esse clipping geral, mas eu uso mais estrategicamente o clipping de forma pontual, por exemplo, a crise do gato que eu te mencionei. Eu acho fundamental que a gente tenha um bent marking dessa crise, assim, que a gente aprenda o quê que ela nos ensinou, pra que futuras a gente saiba como se posicionar. Então eu pego dessa crise específica e faço uma espécie de dossiê sobre tudo que saiu sobre isso, então daí eu vou estudar essa repercussão. Então essa repercussão até agora já saiu em tal e tal veículo, o veículo tal se posiciona dessa forma, aquele outro tal, como isso está nas redes sociais, as pessoas estão falando aleatoriamente, estão batendo, estão entendendo. Eu publiquei uma nota, como foi o resultado dessa nota? Então eu faço muitos estudos pontuais sobre pautas pontuais porque eu acho que isso pode nos ajudar a dar dicas de como se comportar em estratégia. Mas assim, o meu maior objetivo como comunicador institucional é criar um sistema eficiente de clipping. Um sistema em que eu possa colocar, no mesmo momento poder fazer uma classificação mínima dele e ele me gerar relatório, é isso que eu gostaria no meu sonho colorido. Eu ainda não consegui fazer isso, mas estamos pensando a todo vapor.

31. COMO VOCÊS FAZEM DIANTE DE MATÉRIAS NEGATIVAS? E COMO A REITORIA ATUA EM CONJUNTO COM VOCÊS?

Eu tenho liberdade pra entrar em contato com o reitor, com a reitoria e qualquer um dos pró-reitores a qualquer momento. Então quando eu vejo algo que fuja mais do normal eu imediatamente os contato, atualizo da situação e a partir dali a gente já identifica quem são as fontes dentro da universidade que podem dar resposta praquilo. Por exemplo, é uma crise envolvendo ensino, então eu vou procurar o pró-reitor de ensino, o coordenador do curso, desse tipo. Então a gente consegue junto identificar as fontes. Então antes de dar qualquer posicionamento eu vou entrar em contato com o responsável da pasta internamente. Eu vou falar “fulano tem uma demanda assim, qual é a resposta?”. O cara vai me passar a resposta técnica, a partir dessa resposta técnica eu normalmente faço uma nota de esclarecimento que nem sempre é publicada. Às vezes eu faço uma nota só pra gente ter a resposta pro veículo que pediu. Então quê que eu faço, quando é uma repercussão negativa, mas pontual de algum veículo específico eu bolo uma resposta praquilo veículo. Eu não publico no nosso site ‘NOTA OFICIAL’ porque às vezes eu vou aumentar um problema. Às vezes pouca gente estava sabendo e tal. E no momento em que eu descubro a crise eu alerto todo mundo pra ficar atento as repercussões, inclusive, por exemplo, a gente tem páginas de alunos na UEMS, ‘Segredos UEMS’ e bababá. E ali é um termômetro muito interessante porque eu sei que começa a ficar grande quando os alunos começam a falar sobre determinado temas, quer dizer que aquilo mexeu com eles, então daí sim eu vou sentar e planejar outras ações, mas enquanto está só em um veículo, eu só respondo praquilo veículo, se é outro veículo, eu respondo praquilo veículo. Se forem três, quatro daí eu faço uma nota oficial, faço uma coisa mais formal.

32. VOCÊS USAM SÓ O CLIPPING COMO FERRAMENTA DE MONITORAMENTO?

Não, as redes sociais principalmente. O monitoramento hoje, e eu falo de qualquer assessoria que você for ver, vai ser rede social o principal termômetro. E no nosso caso de Mato Grosso do Sul, Facebook. O Twitter não é muito forte aqui ainda, não a ponto de saber o quê está rolando de repercussão, o Snapchat é muito restrito, a gente não tem muita estrutura. O Instagram também é muito forte, mas a gente também não atua tanto porque a gente entende que a maioria absoluta que a maioria das pessoas que estão no Instagram estão no Facebook também. Então isso nos dá uma segurança de saber que via Facebook a gente consegue ter um termômetro que muito preciso sobre a repercussão de determinados

temas. Eu monitoro pessoalmente e a partir disso bato estratégias. Voltando a coisa da linguagem das redes sociais, porque que eu mudei, comecei a fazer muita brincadeira? Eu comecei a aumentar muito o engajamento dos alunos com a página. Eles adoram as brincadeiras, então eles falam, “ah essa é minha universidade”, principalmente quando a gente faz alguma coisa com humor, eles compartilham e falam “eu amo essa universidade”. A gente conseguiu engajar e isso se reflete em uma estratégia também. Ao ter pessoas engajadas nas redes sociais conosco, quando tem uma repercussão negativa eu sempre tenho o que a gente chama de embaixadores da marca. Nos estudos de mídia social a gente estuda muito isso. Eu conquistei alguns embaixadores de marca, o que eles fazem, alguém fala assim “a UEMS é feia”, eu sempre tenho algum aluno que vai entrar e vai defender, “não, não é bem assim, você tem que entender”, porque a gente conseguiu cativar eles através desse tipo de comunicação. A UEMS passou a ter um perfil muito mais humanizado. Eles sentem que a UEMS é alguém que fala de verdade, que lê as notícias e que está atenta. Que nem, está caindo o mundo com delação, com JBS, não faz sentido eu soltar um post falando sobre os sapinhos do Pantanal. Aquela brincadeira foi pra mostrar assim “ó, nós não somos uma máquina, a gente está vendo tudo isso e estamos brincando com isso, e estamos informando com isso”. E isso é muito legal porque nós temos pessoas que nos defendem agora.

33. COMO VOCÊ QUALIFICA A RELAÇÃO COM OS PROFESSORES PESQUISADORES DA UEMS? QUAIS AS POSTURAS QUE VOCÊS SENTEM DELES PARA COM A ASSESSORIA? ELES MANIFESTAM ALGUM MEDO NA HORA DE DIVULGAR SUAS PESQUISAS? ELES JÁ TIVERAM PROBLEMAS COM A MÍDIA EXTERNA?

Já teve problema. Você teve aula com a Márcia Gomes. Então você vai lembrar da aula dela de teoria da comunicação e ela falava de uma teoria chamada ‘two step flow’ do Lazarsfeld, ele que desenvolveu. Ele desenvolveu no contexto da política. Ele queria saber como fazer as pessoas votarem. Como que as pessoas escolhem o presidente, era o nome do artigo. Então ele falou assim, até agora as pessoas acham que a informação sai do meio de comunicação de massa e chega no receptor, a ideia da agulha hipodérmica, por exemplo, que as pessoas são diretamente influenciadas. Como assim, a Globo falou pra votar as pessoas ouvem e votam. Só que aí o Lazarsfeld desenvolveu a teoria do ‘two step flow’ que tem dois níveis. Ele falava assim, não a informação primeiro vai até um líder de opinião e depois do líder de opinião chega lá. Então eu estou falando isso porque a nossa relação com os pesquisadores acontece também através de líderes de opinião, de dois fluxos. Fluxos a dois níveis porque a gente não consegue chegar em todos os pesquisadores, mas a gente sabe os pesquisadores que são influenciadores das suas respectivas áreas. Então eu sei que na área de agrárias tem os professores pesquisadores chave. Tem aqueles que desenvolvem mesmo, eu sei que tem, nem todo mundo é espetacular, nenhum lugar é assim. Então eu sei que na área de letras tem os caras que fazem projeto legal e são aqueles. Então eu consigo identificar esses, a gente literalmente classifica de saber quem são as nossas fontes, nossos pontos de apoio e a partir deles a gente chega nos outros. Quero uma fonte boa sobre determinado tema, eu vou no pesquisador e falo “olha eu sei que você não trabalha com isso, mas você é bom, então se você me indicar alguém eu sei que essa pessoa vai ter o seu crivo”, beleza eu tenho uma fonte mais qualificada. Porque as vezes que eu precisei recorrer diretamente aos pesquisadores o resultado foi muito ruim, muito ruim assim de não ter feedback porque eles estão envolvidos em suas próprias rotinas e todo mundo entende que é importante fazer isso. O dia que eu apareci com essa sugestão de cadastro, banco de fontes, tudo, a pergunta que muitos me faziam era “e aí? Eu já trabalho, quê que eu vou ganhar com isso?”, não de grana, mas não conseguiam entender. Eu não tenho como explicar isso pra 500 professores. Então eu tenho meus pontos de apoio, é dessa forma que eu me comunico. Quanto a problemas na divulgação, a gente já teve claro. O grande medo dos pesquisadores é que as suas pesquisas sejam tratadas de forma sensacionalista. Por exemplo, tem uma pesquisa em Naviraí que o cara estava desenvolvendo alguns tipos de propriedades químicas que poderiam ser úteis no tratamento de câncer. Qual que é o nosso

medo e que acontece, o jornal publica o cara encontrou a cura do câncer ou alguma coisa que dê a entender que a coisa é pra amanhã e daí quando a pessoa vai ler não é. Ele está desenvolvendo um negocinho. A ciência não funciona da mesma forma que funciona as pautas jornalísticas, ela é de pouquinho em pouquinho, “Pasito a pasito, suave suavecito”. Então ela funciona muito devagar, é diferente. A gente tem essa dificuldade do professor de ser tratado de uma forma superficial, ele também não entende que a divulgação necessariamente vai ser superficial. Obrigatoriamente. A gente não tem como reproduzir o peso e a metodologia de um trabalho de pesquisa numa área exata numa matéria de jornal. Então a gente tem que conscientizar que o que a gente está fazendo é quase que uma tradução, a gente está tentando fazer aqui e levando pro seu Zé lá da Moreninha e falando “Seu Zé pode ser que essa pesquisa aqui um dia ajude o senhor nisso”. Então esse trabalho que a gente tem, essa dificuldade que a gente tem de uma mídia... E assim, isso é bom e ruim a nossa mídia, não ser muito profissional nesse sentido, porque normalmente eles publicam nosso release. O que me dói o coração, mas... isso é até uma coisa que eu mudei na minha prática jornalística é que assim, como que a gente aprende que é o release na faculdade? A gente aprende que o release é uma sugestão de pauta. Então eu sugiro fonte, sugiro abordagem, é um roteiro. E eu lembro que um dos primeiros releases que eu fiz como assessor, não era na UEMS ainda, eu fiz um release lá e publiquei embaixo sugestões de fonte, e publicaram isso literalmente. Então eu preciso entender qual é o meu mercado, meu mercado não é esse. Então o que eu faço, o resumo do meu release é na forma de uma matéria. É uma matéria mesmo. a maioria absoluta publica a minha matéria. Tão daí não tem problema porque eu já me cerquei de todos os cuidados que eu precisava. E já tive muitas matérias que eu mandei sendo assinadas por outras pessoas, *ipsis literis* assim. A pessoa pegou meu texto e assinou com o nome dela. Isso acontece, é uma realidade ruim do nosso mercado, mas que acaba tornando mais escasso esse tipo de problema porque normalmente as matérias sobre pesquisa, as mais densas saem com nosso ponto de vista. Quando eles mudam muito, mudam o título e às vezes faz cagada no título normalmente. Mas daí eu tento me adaptar. A gente não tem um cenário muito profissional de comunicação no estado, então de certa forma eu sei que a nossa comunicação que a gente produz é profissional, então se eles publicarem o que a gente está produzindo pra gente está bom.

34. A UEMS TEM ALGUMA COISA NO SENTIDO DE ESTIMULAR A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA ENTRE OS PESQUISADORES, PARA OS PESQUISADORES SE INTERESSAREM EM DIVULGAR MAIS? POR EXEMPLO, NA EMBRAPA EXISTE UM SRANKING E OS PESQUISADORES PODEM ALCANÇAR MAIS PONTOS SE FIZEREM DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA.

Não. Eu acho que a Embrapa consegue funcionar porque ela tem um recurso de investimento em pesquisa. No nosso caso não. A maior atuação da universidade vai ser sempre na área da pós-graduação. O que a Embrapa não pode oferecer, a verticalização, a educação. É óbvio que quem produz mais acaba conseguindo mais fontes externas de pesquisa como fundos de incentivo do CNPq, CAPES, enfim. Mas nós não temos um programa desse tipo, o que a gente faz muito é estimular via divulgação mesmo. Então o pesquisador fez a gente vai mostrar pra ele toda a repercussão que teve a divulgação da matéria dele. É muito mais no nível de conscientização do que qualquer tipo de retorno mesmo. A gente não oferece nada em troca, só no gogó mesmo.

35. AGORA COMO QUE VOCÊ CLASSIFICA A RELAÇÃO DA ASSESSORIA COM OS JORNALISTAS DA MÍDIA EXTERNA?

Eu classifico como excelente. Porque assim, é muito da nossa postura eu acho. Quando eu trabalhava no jornal impresso diário eu já tive algumas situações de tentar entrar em determinado órgão público e ser barrado. Coisas do tipo sabe, “não você não vai escrever sobre isso”. E desde que eu assumi a assessoria, foi até meio que um combinado com os gestores de “ó a gente fala, a gente vai falar”, não tem essa de não poder. Então talvez pela nossa prestatividade e sempre estar disposto a falar sobre qualquer tema isso tenha ajudado muito na nossa relação com a imprensa. Eles tem um histórico de

algumas instituições complicadas pra lidar com a imprensa, que tratam a imprensa como se sempre estivessem querendo falar mal, é muito comum ver assessor com essa noia. Parece que o jornalista está sempre querendo meter o pau e a gente teve uma postura assim, bem ou mal a gente fala. A gente acha que isso é uma obrigação nossa, então isso ajudou a gente a construir um relacionamento bom porque eles sabem que sempre vão ter resposta. A gente tem até dentro dos jornais, alguns jornalistas que, eu falei do ‘two step flow’ pra pesquisa, mas a gente também tem isso nas redações. A gente tem dentro das redações aquelas pessoa que a gente liga e fala “fulano tenho uma pauta boa pra você”. Eu tento construir uma relação com os jornalistas também pra que isso ajude a divulgar. Tem alguns veículos que eu tenho grupos de WhatsApp específico com pessoas do veículo e eu pra falar pautas da UEMS. Isso a gente conseguiu construir de uma maneira bem consolidada. Mesmo quando tem esse caso da menina que publicou o negócio e não nos deu chance de nos ouvir. No outro dia eu liguei e falei “fulana, você publicou, você mandou e-mail. Ó eu queria passar meu celular pra você porque você pode ligar a qualquer momento. Esse e-mail a gente não viu, mas você está livre, se a pessoa fechar uma pauta logo, me liga”. Eu poderia ligar esculachando entendeu? Talvez outros colegas fariam isso. Eu tento sempre fazer um custo-benefício da situação e falar assim, qual é a melhor atitude? É me indispor com a imprensa? Eu preciso deles. Então eu tento construir essa relação pra que dentro dos veículos eu tenha minhas fontes e eu tenho certeza que isso também ajuda. Eu não dou bobinho. Eu sei que existem relações por trás. Eu não sei qual é a orientação políticas de determinado jornal pra publicar qualquer tipo de matéria, especialmente pela UEMS ser um órgão público vinculado ao estado, mas ao mesmo tempo eu não nessa noia de que tem gente querendo me prejudicar. Pra mim cada um está fazendo seu trabalho. Você está fazendo seu trabalho, eu faço meu trabalho. Quer falar com o reitor? Quando o reitor não pode eu falo assim “ele não pode”, mas se você encontrar com ele em uma pauta, fala véi. Eu não vou impedir ninguém de falar, muito pelo contrário. É assim que a gente tenta construir essa relação.

36. VOCÊS TEM ALGUM TRATAMENTO ESPECIAL EM RELAÇÃO AS NOTÍCIAS? DIVIDEM ELAS EM EDITORIAS OU ALGO ASSIM?

Não. Eu não sei se eu acredito muito em editoria como acadêmico mesmo, por isso que eu já não faço muita questão disso. O máximo que eu faço é pontualmente, por exemplo, eu estou fazendo uma série de notícias sobre o concurso que saiu. Daí eu costumo usar um elemento gráfico tipo colchetes [CONCURSO] pra pessoa se orientar que mesmo que eu não cite concurso no título eu estou falando daquele ambiente. Mas isso acontece bem pontualmente. Normalmente a gente não divide porque as nossas pautas em editoria X ou Y. Elas se misturam, elas falam sobre várias coisas, eu não vou ficar preso a um determinado tema. Acho que a editoria é um pouco de inveja que a gente tem das ciências de querer colocar tudo em umas caixinhas e achar que funciona. Eu acho que a gente é uma atividade muito humana pra segmentar. Se é que tem alguma editoria, não é explícito, mas tem. Assim, uma boa parte da nossa produção é de divulgação científica e a gente tem uma boa parte de assessoria. Cobertura de ação, reunião, colação de grau, essas coisas que acontecem no dia a dia, então a gente meio que tem essa divisão, mas ela não é explícita, a gente não coloca assim ‘essa matéria é de divulgação científica’.

37. E OS PESQUISADORES COSTUMAM REVISAR?

Eu não costumo mandar. Alguns pedem, mas eu nunca mando. A única exceção é se a pauta for muito boa, eu não posso perder ela de jeito nenhum, daí eu abro exceção daí eu falo “tá bom, pode ver”. Mas normalmente eu tento, e isso também foi uma construção dos últimos anos, de explicar pros pesquisadores e pros gestores assim “ó, eu sou o profissional de comunicação. Eu não estou aqui porque eu sei mexer no Word. Eu estudei isso aqui, eu sei o que eu estou fazendo, não é uma aventura. Você é o profissional de tal área, o profissional de divulgação sou eu, então pode confiar, dá matéria pra mim, vamos fazer” e divulga. Porque se eu for ter que mostrar é mais uma questão de logística. Eu perco tempo e a matéria esfria demais porque eles nunca respondem, um professor nunca vai ter o

mesmo senso de urgência que um jornalista tem, nunca. Então eles não entendem. Igual quando pede por e-mail, eu instruo toda a equipe que trabalha comigo, falo assim “só pede resposta por e-mail quando for uma pauta muito fria. No mais liga”. “Mas eu não posso falar”, “não, mas é rapidinho. Quê que você acha disso daqui?”, por telefone. Eu tento aproximar muito a nossa rotina de produção com a rotina de uma redação. Não dá tempo de esperar um e-mail, mandar tudo pra fonte. Não. Profissional somos nós, dá licença. O fato de ser assessor ajuda também. A gente não quer prejudicar ninguém, a gente quer o melhor de cada pesquisa. Então eu não mando não, só se eu estiver no processo de conquista da fonte. Se for uma fonte muito boa, eu sei que ela vai ser importante pra mim então daí eu faço com ela, a gente tenta dar uma paquerada, mas da segunda pra frente esquece.

38. DOS TEMAS PESQUISADOS PELA UNIVERSIDADE, CONSIDERANDO A LOCALIZAÇÃO, COMO É A DEMANDA E OFERTA DAS PESQUISAS SOBRE MEIO AMBIENTE EM GERAL E SOBRE O PANTANAL EM PARTICULAR?

Eu não tenho indicadores pra te passar, mas eu acho claramente que assim, a gente é uma ponte entre o que se produz de melhor na universidade e aquilo que tem maior interesse público. Na UEMS hoje tem dois doutorados, um em recursos naturais, que estuda coisas relacionadas a meio ambiente, biologia e o doutorado em agronomia de Aquidauana. Então só aí você vê que nossos principais programas de pós-graduação são voltados pra pesquisas ambientais, pesquisas relacionadas a coisas naturais. E naturalmente boas pesquisas de muita envergadura nossa estão nesses programas e isso faz com que a divulgação desses programas seja maior do que outras áreas. Então eu não tenho dúvida de que nossas pesquisas com maior peso de repercussão, de divulgação são as pesquisas relacionadas ao meio ambiente. Tanto agrárias quanto de animais, a gente tem um curso de Zootecnia em Aquidauana que rende muita pauta boa. Então as matérias de maior peso vêm daí. Paralelamente a isso a gente tem a nossa ação sociocultural. A UEMS tem uma tradição muito grande na área de licenciaturas então ela é fundamental pra educação básica do estado, então sai muita pauta relacionada a educação, muita pauta boa mesmo. E a gente tem outras divulgações mais dispersas, mas se for fazer um gráfico em pizza das divulgações, acredito que a fatia maior de divulgação de envergadura é na área de ambientais mesmo.

39. EXISTE UMA REDE DE PESQUISA ENTRE A UNIVERSIDADE E OUTRAS INSTITUIÇÕES? E EXISTE UMA REDE DE COMUNICAÇÃO INTEGRADA DENTRO DISSO? COMO OCORREM ESSAS PARCERIAS? QUE CRITÉRIOS VOCÊS USAM?

No caso da parceria com o Midiamax, foi um critério de visibilidade. A gente viu os indicadores de acesso dos sites, a gente viu que o Midiamax era liderança e paralelamente a isso, a gente sabia que o Midiamax vinha dando abertura pra trabalhar algumas pautas que são afins a área de atuação da UEMS. É um veículo que trabalha muitas pautas relacionadas as comunidades indígenas, enfim, uma série de posicionamentos do perfil do jornal que a gente encontrou espaço pra isso. E a gente também viu que eles estavam dando uma liberdade, eles estavam inovando um pouco mais. Eu sou muito ligado em inovação, eu acho que o jornalismo parou meio que no tempo. Até na aula magna que eu dei os alunos que estavam ingressando falaram “ah, mas é o impresso?”, o impresso já vai tarde. Pra quê que serve impresso? Aí eu fiz uma dinâmica com eles, quantos leram uma reportagem em um impresso na última semana? Ninguém. E no último mês? Ninguém. Então acabou se eu tenho um canal que ninguém lê. Eu senti uma abertura maior pra inovação de modelos jornalísticos. E percebi que nenhum veículo daqui trabalha com jornalismo científico mesmo. Então foi quase que eu oferecer uma editoria pra eles. A gente consegue fazer com que vocês atuem na área. Então o critério foi esse. Da revista o critério foi espaço porque eu poderia ter procurado um jornal diário de grande circulação, Correio do Estado, O Estado, mas eles me dariam meia página, uma página no máximo e isso pra mim é muito pouco pra desenvolver o tipo de jornalismo que eu desenvolvo. Não sei se você chegou a ver nossas matérias especiais, mas só pra você ter uma ideia do tamanho da matéria é uma matéria muito grande que tem texto, tem GIF, tem vídeo e eu não teria espaço pra fazer isso no diário, então eu

procurei a revista porque ela me deu quatro páginas. E é uma revista super legal, bonita, bem editada e que circula em consultórios, coma periodicidade mensal que é o que a gente consegue aguentar também. A gente não conseguiria uma periodicidade diária por exemplo. E por isso que a gente buscou essa parceria, mas são as primeiras. A partir do momento que a gente tiver mais fôlego a gente vai pra outras mídias.

40. ESSA REDE QUE VOCÊ COMENTOU QUE ESTÁ SURGINDO COM AS OUTRAS UNIVERSIDADES JÁ DEU RESULTADOS?

Deu. Até fiquei matutando um nome pra isso, seria FACUN, Fórum de Assessores de Comunicação Universitária, alguma coisa assim, mas não definiu. Paralelamente a isso, não dá pra dizer que a gente que propôs isso, mas certamente a gente foi muito responsável pelo sucesso disso, é que está sendo formada uma rede de reitores das universidades de Mato Grosso do Sul nesse momento. Então pela primeira vez, todos os reitores estão fazendo um conselho pra defender as pautas da educação superior no estado. Então juntas, todas as universidades sediadas no estado participam dessa rede: UEMS, UFMS, UFGD, IFMS, UCDB e UNIDERP. Porque que Estácio não entra, porque ela não é sediada em Mato Grosso do Sul, a sede dela é no Rio. Porque que a Anhanguera não entra, porque a universidade da Anhanguera aqui é a Uniderp. Então a gente tem a Uniderp, mas não tem a Anhanguera da Fernando Corrêa, por exemplo. Porque que a Unigran não está, porque não é universidade é centro universitário. Então as universidades com sede foram reunidas. A partir daí, eu paralelamente juntei os assessores dessas universidades e estamos discutindo ações de divulgação conjunta. A gente já tem um grupo que a gente se comunica, e que já é um avanço muito grande, da gente ter contato de se ver, de se falar, e agora o próximo passo vai ser organizar a produção conjunta dessas assessorias que vão poder usar, se assim entenderem, esses espaços que a gente “desbravou”. Eles tem liberdade pra isso. Eu tentei fazer tudo mais pessoalmente possível, porque eu sei também que às vezes tem alguém que não quer participar, que já acha que trabalha demais, sei lá, qualquer coisa do tipo, a gente respeita cada um, mas quem quiser se juntar e integrar com a gente pra fazer divulgação científica vai ter canal pra divulgar. E futuramente quem sabe a gente não consiga trabalhar com eventos também, de qualificar a imprensa através de oficinas, palestras, enfim. É um próximo passo.

41. OS JORNALISTAS QUE JÁ ESTAVAM ANTES ESTÃO TENDO ALGUMA DIFICULDADE NESTA TRANSIÇÃO DE TER UMA ASSESSORIA TIPICAMENTE TEREFEIRA PRA UMA ASSESSORIA MAIS DINÂMICA, MAIS ESTRATÉGICA?

Eu sou o primeiro jornalista. Logo que eu passei tinha uma jornalista que era cargo de confiança, que também entrou no concurso, só que ela saiu há bastante tempo, foi fazer doutorado e deixou o concurso, então essa equipe, essa é uma vantagem que a gente tem também, porque a equipe toda já nasceu nessa pegada. Então eu já consegui trabalhar com eles o perfil que eu acreditava ser o ideal.

42. COMO VOCÊ ACHA QUE A DIVULGAÇÃO EM ESPECIAL DAS NOTÍCIAS DE MEIO AMBIENTE, EM PARTICULAR SOBRE O PANTANAL PODEM IMPACTAR A SOCIEDADE?

Como assessoria a gente não produz a pesquisa, a gente faz ponte. Uma das coisas que a gente pode, ao criar cultura de comunicação, de mostrar pros pesquisadores o que é relevante em termos de divulgação, o que que não é, a gente acaba também por tabela sensibilizando eles a trabalharem temas que tenham um impacto mais direto na população. Pra eles saírem um pouco do laboratório e entender que a pesquisa deles tem repercussão social. Então eu acho que a comunicação nesse sentido tem um papel fundamental de conscientizar o pesquisador de que o que ele está fazendo tem que ser compreensível, compreendido e utilizado, e posto em prática pela ponta, pela população em geral. Então quando eles criam a cultura da comunicação, da comunicação científica inclusive, eles vão entender que comunicação científica não é só artigo em periódico qualis. Isso é uma parte. Não é só publicar em inglês numa revista com DOI. Não é! A publicação dele vai ter uma relevância social na

medida em que aquilo for útil pra sociedade. Então muito do que a gente faz é trabalhar com o pesquisador bem perto da gente e educando o pesquisador. Antes de educar a população que recebe as notícias, a gente tem que educar o pesquisador pra que eles desenvolva pautas suficientemente interessantes pra população. A partir daí a gente vai pra população com temas muito mais palpáveis. Com pesquisas que de fato interferem na vida das pessoas. A gente tem, por exemplo, uma pesquisa na UEMS de Dourados, que desenvolve um tipo novo de luz led. Tipo, milhares de vezes mais durável que essa, muito mais eficiente, eles chamam de luz branca inteligente. Eles tem uma série de pesquisas que mostram que gente que trabalha o dia inteiro exposto a esse tipo de luz branca desenvolve uma série de problemas. O nosso corpo não é acostumado a ficar com essa luz, a gente tem uma luz de manhã, uma luz no meio dia, a gente alterna as luzes, isso influencia na nossa saúde. Então eles têm um projeto desenvolvendo, um tipo de luz que se autorregula de acordo com o horário do dia. Imagina que eu estou em um escritório que não tenha entrada de luz, mas de manhã eu tenha uma luz equivalente a luz da manhã, durante o meio dia eu tenho uma luz equivalente, isso é sensacional. O nome da pesquisa é espectroscopia óptica e fototérmica. Não dá! Então nosso papel é esse de falar “meu irmão espectroscopia pode funcionar na sua área, mas não funciona aqui. Quê que isso? Me explica como se eu fosse uma criança de quatro anos”. “É uma luzinha tal”, aí você fala, “olha que da hora!”, tem pauta. A gente está desvendando esse universo ainda, já desvendamos alguma coisa, mas ainda tem muita coisa de interessante sendo produzido que a gente não sabe.

43. VOCÊS TÊM ALGUM TIPO DE MANUAL/DOCUMENTO QUE REGE O TRABALHO DA ASSESSORIA?

Eu já fiz, mas ele não foi oficializado pelo conselho. Mas a gente chegou a desenvolver um manual pra sugestão de pauta, essas coisas todas. Eu tenho que ver, se eu encontrar eu mando pra você.

Apêndice 3. Entrevista com o Professor/Pesquisador Paulo Robson de Souza da UFMS

Mini perfil: Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Espírito Santo (1984), mestre em Agronomia/Microbiologia Agrícola pela ESALQ/USP (1989), doutor em Ecologia e Conservação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2014). Desde 1987 é professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus Campo Grande. Atua principalmente na formação de professores (Ensino de Ciências/Biologia), na divulgação científica e educação ambiental, produzindo jogos e outros materiais didáticos, artigos, fotografias de natureza, músicas e poemas como instrumentos de apoio a essas atividades. Atuou como representante não-governamental na Câmara Técnica de Educação Ambiental do CONAMA, no Conselho Deliberativo do Fundo Nacional do Meio Ambiente e outros conselhos deliberativos e consultivos. Linha de pesquisa: interação formiga/planta (caracterização de ninhos arbóreos). **Fonte:** Currículo Lattes - <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4782225T0>

1. QUAL É A SUA FORMAÇÃO, SUA TRAJETÓRIA ACADÊMICA, E COMO VEIO TRABALHAR NA UFMS?

Eu brinco nas minhas palestras que eu sou um especialista em generalidades, porque eu sempre aproveitei as oportunidades que surgiram na minha vida. Eu me formei em Vitória (ES), portanto o nosso curso de Biologia era totalmente voltado para o mar, e eu comecei estagiado em um laboratório que trabalhava no manguezal. E a minha orientadora, Professora Tânia Simões do Carmo ela publicou uma cartilha sobre o manguezal para distribuir para as comunidades que eu considero a minha primeira publicação voltada para a divulgação científica porque embora eu não seja desenhista ela me pediu pra desenhar, isso deve ser 82-83. Eu fiz os desenhos porque eu era estagiário dela e nós distribuímos isso na comunidade, participamos de congressos e etc. Foi muito bacana. Depois disso eu trabalhei em um laboratório de parasitologia humana com leishmaniose, esse foi o meu início na pesquisa científica. Aí eu vim pra fazer o mestrado em Piracicaba em 85. No meio do mestrado nosso

filho nasceu e aí eu tive que me virar pra arrumar emprego, a bolsa estava acabando e em 87 eu vim pra Campo Grande porque eu fiquei sabendo do concurso. Eu nem sabia direito onde ficava Campo Grande, eu só sabia que tinha um time que tinha ficado em quarto lugar no campeonato brasileiro. E na época o meu departamento me autorizou a viajar toda semana pra São Paulo pra fazer o mestrado em Microbiologia Agrícola, olha só que loucura. Por quê que eu fui fazer Microbiologia? Pelo mesmo motivo, foi a oportunidade que apareceu. Eu sempre fui muito assim de não perder bondes. Aparecia uma oportunidade eu pegava. Me lembro como se fosse hoje, eu estava em uma reunião de departamento como representante estudantil na Federal do Espírito Santo e o chefe chegou dizendo “olha, nós temos uma bolsa para egressos pra fazer mestrado na ESALQ em Microbiologia Agrícola”. Eu nunca tinha feito a disciplina de Microbiologia, eu fui sem fazer a disciplina, eu estudei por conta própria, e aí fiquei encantado. Hoje eu não trabalho com Microbiologia, mas o mestrado me deu todo o arcabouço de pesquisa, foi ali que eu entendi o que é pesquisar verdadeiramente e passei a compreender um mundo microscópico. Isso me trouxe uma mudança filosófica, porque quando você passa a enxergar uma gosta d’água ou um torrão desse tamanhinho, você vê que um grama de terra tem um milhão de bactérias, tem dez mil fungos você muda completamente sua visão da natureza e você passa a dar valor as coisas simples, a encontrar beleza em um inseto, em um fungo que está crescendo em uma placa de petri. Então o mestrado me trouxe isso muito fortemente. Chegando em Campo Grande aconteceu uma coisa maravilhosa. Eu vim pra dar aula em Biologia Geral, eu ensinava citologia, mas me mandaram dar aula no curso de Pedagogia, Ensino de Ciências. E aí eu tive que me virar pra trabalhar fundamentos das ciências naturais para a Pedagogia. Acabei levando essas futuras Professoras para o Pantanal e vimos estrelas com a luneta velha que eu tenho por aí, vimos cobras, piranha, e eu fiquei encantado com o Pantanal. Porque imagina, eu sou da Bahia de uma região cuja natureza está detonada, em Vitória da Conquista. A caça lá é muito forte e o tráfico de animais é vergonhoso. Em Vitória da Conquista nós temos feira de passarinhos nativos. Quando eu era criança eu ia na feira e comprava passarinho. Eu acho que hoje eu estou pagando meus pecados. Então eu fiquei encantado pelo Pantanal e aconteceu uma coisa maravilhosa, uma guinada na minha vida que eu jamais esperava. Dando aula de Biologia Geral pra Educação Física, pra própria Biologia, Odontologia, um colega meu de Prática de Ensino, ou seja, a disciplina que cuida da preparação dos professores no final do curso pra dar aula de Biologia pediu pra mudar de departamento. Prontamente eu me ofereci pra assumir a disciplina. Então eu assumi uma cadeira para o qual eu não fiz o concurso e eu também não tinha formação específica em formação de professor. Eu fiz um bom estágio e eu tomei um choque porque gente, como é que pode ensinar Biologia em Mato Grosso do Sul sem ter um exemplo da flora ou da fauna nativa? Aquilo me impressionou demais. Nós tínhamos um único livro, que eu tenho conhecimento, voltado pra biodiversidade do Pantanal. Aí eu propus pra uma aluna de prática de ensino fazer um trabalho sobre a reprodução de um peixe do Pantanal chamado Cará Bobo. Ele tem esse nome porque ele pula sobre a vegetação quando ele tenta fugir do predador. Naquela época eu estava muito interessado em aquários. Eu tinha um monte de aquários no laboratório na perspectiva de transformar o aquário em material de ensino de biologia, usar na sala de aula pra que as crianças pudessem criar os peixinhos do Pantanal. E aí começou tudo, porque o peixinho se reproduziu e eu não sabia fotografar na época. Era no tempo do filme ainda. Olha só, eu me meti a fotografar peixes dentro de um aquário, que é uma coisa muito difícil, porque cada escama é um espelho e daí depois tem o vidro do aquário e tem a própria água também atrapalhando a fotografia. Aí eu pedi uma máquina fotográfica emprestada do departamento. Eu me lembro que o Seu Maurício Tibana, que era um laboratório famoso na época, eu fiz dois filmes, salvei três ou quatro fotos em slide, que é uma coisa difícil. O filme de slide é muito mais difícil. Ele ficou com pena que ele só me cobrou um filme, tanto que eu dediquei um livro pra ele uns tempos depois. Então foi assim que tudo começou, eu aprendi a fotografar por uma necessidade profissional de produção de material didático. Foi uma espécie de bichinho que me picou pra fotografia. Eu vi uma coisa que todo biólogo deveria enxergar que a fotografia é uma ferramenta. Muito embora a fotografia também seja arte, para o biólogo eu estou menos preocupado com a foto artística, eu estou preocupado em mostrar a pintinha da asa do passarinho que se aquela pintinha não aparecer ninguém sabe que bicho é. Então eu estou mais interessado em mostrar característica do animal, da planta, que um leigo possa bater o olho e saber que “olha, esse bicho eu tenho no fundo do meu quintal”. Eu comecei a fotografar com uns amigos, colegas do departamento e aconteceu uma coisa interessante, como eu não tinha verba para fotografar, eu fotografava em sociedade. O colega comprava o filme de slide, no campo eu fazia duas fotos, e aí

um slide ficava com ele e outro comigo. O slide era muito caro na época. Com isso meu acervo rapidamente chegou a cinco mil slides, e esses slides eu passei então a usar em material didático. O livro “Nos jardins submersos”, eu não tinha nada. Nós fomos a campo com o propósito de fazer fotos originais, um trabalho de documentação de peixes e plantas de Bonito. Foi meu trabalho em que a fotografia foi bancada por um projeto e teve um propósito muito claro e direcionado. Eu tive que desenvolver técnicas que eu não conhecia. Foi um trabalho belíssimo que eu considero que deve ter trazido uma grande contribuição para os guias de turismo de Bonito, porque até hoje esse livro é usado, já vi esse livro na internet, comentários sobre ele. Pra que o ecoturismo seja feito com uma base sólida. Quando você pratica o turismo ambiental com o conhecimento científico acoplado a coisa fica mais séria, mais valorosa. Então foi isso o meu começo na produção de material didático e não dá pra separar uma coisa da outra. Divulgação científica foi uma coisa ao acaso, uma situação não esperada de mudança e depois disso eu não parei mais.

2. VOCÊ CHEGOU A FAZER ALGUM TIPO DE CURSO, ESPECIALIZAÇÃO NA ÁREA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA?

Nunca! Eu me considero um autodidata no sentido de preparar o texto pra uma linguagem mais popular. Eu organizei livros de colegas, não propriamente de divulgação científica, mas voltados para fazendeiros, gestores públicos, que não pode ter uma linguagem extremamente técnica. Eu acho que a prática, a intuição e o fato de eu ter três filhos, esses três componentes, me fizeram ter essa vontade de levar o conhecimento científico para a população. E uma coisa curiosa, olha só como é a vida. Eu ia a campo a convite do colega botânico, do colega da zoologia, do pesquisador de aves, do pesquisador de morcegos. Eu ia pro campo para fotografar, uma verdadeira sinergia. Eu sempre falo que numa relação sinérgica uma mais um é sempre mais que três, porque você ajuda o colega, o colega te ajuda e essa parceria gera coisas novas que nenhum dos dois esperava. Indo pro campo eu ganhei as imagens, tive a despesa da viagem paga pela pesquisa do colega. Ele ganhou um fotógrafo. Ao ser dirigido pelo especialista eu aprendi particularidades em alguns seres vivos, por exemplo, hoje eu sei que seu for pro campo pra fotografar uma margarida, obrigatoriamente eu tenho que fazer um foto dela também debaixo da flor. Se eu fizer a foto só de cima da flor o especialista não sabe que planta é. Se eu fizer a partir do cálice, a parte debaixo, o especialista sabe que planta é. Então eu aprendi essa particularidade e no campo eu era igual o Topogigio, uma orelha desse tamanho, ouvindo tudo o que os meus colegas explicavam. Eles dão verdadeiras aulas enquanto mostram material pra gente. Dr. Arnildo Pott no campo fala tudo o que ele sabe, a Vale Pott também não poupa conhecimento científico, Geraldo Damasceno, o tempo todo explicando coisas, corrigindo nome científico de planta. Essas minhas idas ao campo foi uma verdadeira aprendizagem. O meu doutorado veio tardiamente. Eu entrei no doutorado em Ecologia com 48 anos. Eu era o tiozinho da turma. Obtive o título com cinquenta e poucos anos. Mas o pessoal brincava comigo, “olha Paulinho você é o Doutor do Pantanal”. Porque foram tantas viagens ao Pantanal e ao Cerrado, a Bodoquena, região de Bonito, então conheço o estado de ponta a ponta graças a essas parcerias e projetos, e foram muitos. Que eu coordenei foram três ou quatro projetos grandes, todos com uma grande equipe envolvida. A Rede Aguapé voltado a educação ambiental, tivemos quatro frentes de trabalho, cada uma coordenada por um especialista. Dois jornalistas, Alisson Ishy e Iara Medeiros, que cuidaram de programas de rádio, spots, publicação da Revista Aguapé. Enfim, foi toda uma escola que acabou contribuindo para eu e esse conjunto de colegas fazermos divulgação científica, educação ambiental e produção de material didático. Na minha cabeça as três coisas não se separam, aliás as quatro. A pesquisa também. Não dá pra separar a pesquisa da extensão, e a extensão que eu faço é voltada para a produção de material didático e divulgação científica. A minha grande frente de trabalho dentro da divulgação científica é valorização da biodiversidade. Pra isso eu uso todas as ferramentas possíveis. A fotografia é uma delas. Ao publicar uma fotografia, desde que ela esteja comentada, eu considero que eu esteja valorizando a biodiversidade. Ao publicar um poema no meu blog, que fale da biodiversidade regional eu também estou fazendo isto e a música ultimamente. Você me perguntou se eu era sozinho nessa empreitada. Nos primeiros anos sim. Eu ficava muito solitário no meu laboratório, não apenas como pessoa, porque eu era o único professor de prática de ensino de ciências e de Biologia, hoje nós somos quatro professores, e todos de alguma forma produzem material didático e artigos voltados ao ensino de Biologia. E com o passar dos anos eu fui convidando esses parceiros da pesquisa, que me convidavam para fotografar, para fazerem divulgação científica. Então nós temos trabalhos publicados na Ciência Hoje das Crianças eu com Geraldo Damasceno, um material sobre a banana, com Arnildo Pott, nós

publicamos um trabalho sobre as plantas raras do Pantanal, com a Doutora Ângela Sartori, nós publicamos um trabalho sobre o Chaco, mas estritamente a região brasileira e o último trabalho foi com a doutora Livia Medeiros que trabalha com animais de caverna. Aliás depois desse teve um outro trabalho na CH das Crianças, que foi com o Professor Fábio Roque da Ecologia sobre os grandes experimentos voltados a mudanças climáticas. Todos esses artigos ou eu convidei u fui convidado para publicar. A CH das Crianças tem duas coisas que eu considero super importantes: tem uma alta tiragem e eles tem um programa muito forte de doação pras escolas, além de publicar on-line. Então todos esses colegas hoje têm interesse em fazer divulgação científica. Com o Arnildo Pott, hoje nós estamos com dois livros no prelo. Comigo acontece uma coisa interessantes. Eu publico muito muito muito, mas tirando a CH das Crianças, que ela é pontuada pela CAPES, na Ecologia se não me falha a memória ela é B1, as outras publicações não vão aparecer em publicação acadêmica. Mas pergunta se eu estou triste com isso? A minha grande alegria é publicar pra criança. Quisera se eu pudesse a cada seis meses eu ter um trabalho pra crianças. É uma coisa que me encanta muito. A CH das Crianças também já publicou muito poema meu.

3. COMO VOCÊ O PAPEL DAS ASSESSORIAS DE UNIVERSIDADE E INSTITUTOS DE PESQUISA PARA MELHORAR A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM DIFERENTES PLATAFORMAS TANTO DENTRO DA PRÓPRIA INSTITUIÇÃO, COMO PARA A POPULAÇÃO EM GERAL E PARA AS ESCOLAS?

Eu tenho o maior carinho pelos jornalistas da universidade, pela assessoria de comunicação, pelo seguinte motivo, acima de tudo nós somos funcionários públicos. Nós temos que prestar conta para a sociedade. As assessorias acabam mostrando pra sociedade o trabalho da universidade. No caso da divulgação científica, popularização da ciência, ela tem um trabalho muito bacana porque ela cria pautas pra grande imprensa. Teve um trabalho que a ACS fez pra mim que pelo menos quatro sites publicaram, que dois ou três jornais publicaram e foram trabalhos que graças a divulgação pelos jornais o professor ficou sabendo, a escola ficou sabendo e aí buscou o material. Quase tudo isso [mostra uma pasta com matérias publicadas sobre seu trabalho em diversos veículos de mídia regionais e nacionais] passou pela assessoria de comunicação. Tudo muito bem casado com a divulgação científica, com o estado de Mato Grosso do Sul, é muito material, eu já perdi a conta.

Outra coisa que eu acho super importante, não é somente a assessoria de comunicação ter o cuidado demonstrar o nosso trabalho para a sociedade, eles tem o cuidado de traduzir. Eles não têm o menor pudor de perguntar “Professor, que palavrão é este que você tá dizendo? Dá pro senhor explicar de uma maneira mais adequada?”. Recentemente uma jornalista nos acompanhou no trabalho do “Apa para Todos”. Ela nos acompanhou numa ida para Bela Vista e foi conosco até o alto Morro Margarida. É o acidente geográfico de maior importância histórica para o Mato Grosso do Sul. As tropas de Camisão usaram ele pra se orientar na retirada da Laguna. E aí nós fomos fazer uma coleta botânica lá, com a Professora Ângela Sartori, com o apoio da infraestrutura do projeto e ela nos acompanhou. Então eu vejo a ACS com bons olhos. É um pessoal bem intencionado, que vive nos perguntando “e aí Professor, tem alguma novidade pra gente?”, e eles estão sempre indicando as fontes. De vez em quando eles me ligam “Professor você dar uma entrevista pro jornal A, jornal B?”, ou então nos indica alguém apropriado, então eu não tenho do que me queixar não sabe. Apenas em um momento, que eu não vou dizer quando, eu percebi nitidamente que a Assessoria de Comunicação Social virou uma personal assessoria de um determinado gestor. Teve um momento da idade média da nossa ACS que eu percebi que esse gestor era vaidoso, populista e ele praticamente colocou a assessoria a seu serviço. E naquele momento, propositadamente, eu me afastei da ACS.

Tem duas outras coisas que eu faço questão de destacar em termos de instituição. Primeiro, extensão. Eu considero a pró-reitoria de extensão a principal ponte para a divulgação científica da universidade. E não é uma ponte de mão única não, é um ponte de mão dupla, porque quando a pró-reitoria de extensão apoia um projeto de extensão, pelo menos na área biológica, o exemplo maior é o projeto do “Sabores do Cerrado e Pantanal”, esse dos alfabetos e do livro de receitas, quando ela apoia isso ela apoia publicação, envolve a própria ACS, e ao favorecer a ida do pesquisador a comunidade, o pesquisador tira também conhecimentos da comunidade, ele aprende com a comunidade. Aprende nome de planta que a comunidade dá, ele tem o nome científico, mas não tem o nome popular, ele aprende sobre usos da planta pelo conhecimento tradicional. Não necessariamente um indígena passou isso, mas uma comunidade que aprendeu com os povos indígenas do passado ou com a própria experiência. Então eu acho que a extensão é também um setor muito apropriado pra fazer esse trabalho

e eu me considero acima de tudo um extensionista, um leva e traz muito saudável. Eu trago da comunidade aprendizagens e levo pra eles conhecimento científico de alguma forma. Pretensamente melhorado, transformado, acessível. E a extensão ela tem esse papel muito forte. E outro fator que eu considero tão importante quanto são os editais externos. Todos os grande trabalhos que eu participei ou coordenando, ou colaborando, todos esses grandes trabalhos tiveram aporte financeiro gigantesco. Fundo Nacional do Meio Ambiente, CNPq que hoje graças a Deus apoia a extensão e por último editais do MEC. E a coisa acaba se misturando tudo, porque esses editais chegam até a gente por divulgação da assessoria de imprensa da universidade. Tudo acaba se encontrando.

4. A GENTE ESTÁ EM UM MOMENTO TENEBROSO NA CIÊNCIA COM ESSA CRISE POLÍTICA, ECONÔMICA E TAL. COMO VOCÊ AVALIA O PAPEL DA CT&I, A RELAÇÃO DELA COM A SOCIEDADE? E COMO VOCÊ ACHA TAMBÉM QUE DENTRO DISSO A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, O JORNALISMO CIENTÍFICO PODE AJUDAR?

Ajuda no sentido de mostrar pras pessoas que a ciência está no seu cotidiano. Não existe um aparelho que não tenha a mão de um cientista de alguma forma. Hoje a gente se comunica com o dedo. Esse tocar o celular, houve uma pesquisa básica de muitos e muitos anos atrás. A gente não consegue mais separar a ciência da nossa vida e a divulgação científica, a popularização da ciência ela tem esse papel de mostrar pras pessoas que as coisas não são mágicas, que as coisas tem um fundamento científico, uma pesquisa básica ou aplicada. A situação pior é pra pesquisa básica que muitas vezes o pesquisador pesquisa algo que não sabe pra que vai ser usado e muitas vezes o senso comum não percebe que sem a pesquisa básica não existe a pesquisa aplicada. Isso acontece muito na farmácia, na bioquímica né? Você identifica uma grande quantidade de produtos químicos por prospecção. Pega uma planta e tenta localizar, descobrir o que essa planta tem. Você pode identificar 100 compostos químicos, desses você não sabe quais vão ser utilizados um dia e pra quê. Mas com certeza se não há essa pesquisa básica dizendo, “olha, na planta eu encontrei X substâncias, algumas delas parece que pode ter utilidade pra tal coisa” o pesquisador de remédios não vai saber como trabalhar essa pesquisa que o antecede. E se a população inteira tivesse consciência da importância da ciência o seu cotidiano não seriam hoje apenas os pesquisadores que estariam cobrando a manutenção da pesquisa no Brasil, seria a população inteira. A população inteira estaria pedindo não maltratem a pesquisa, não matem a pesquisa, porque sem ela a gente não tem futuro. Vai chegar um tempo que a gente corre o risco de morrer de fome porque a pesquisa foi morta sabe?

5. COM RELAÇÃO AOS CORTES, COMO ESTÁ A SITUAÇÃO DO SEU DEPARTAMENTO? E NO CASO COMO VOCÊS ESTÃO LIDANDO COM ISSO?

Eu tenho uma preocupação muito grande com esses cortes. De certa forma a ciência me lembra aquelas construções que a gente vê de vez em quando na televisão, de creches de hospitais, que quando se corta a conclusão da obra ela vai se deteriorando e daqui a pouco fica imprestável. Porque você não consegue continuar daqui a dez anos aquela obra, os fundamentos dela foram destruídos pela chuva, pelas intempéries, o ferro enferrujou e o pessoal tem que começar do zero novamente. A ciência me lembra de certa forma esses prédios. Se você corta as verbas hoje, retomar, recuperar essas verbas daqui a cinco anos não é a mesma coisa, os ferros estarão podres. Vou te dar um exemplo, se você vem criando uma bactéria que supostamente combate o mosquito da dengue se você colocar ela na água, se você interromper a pesquisa hoje, se cortar as verbas, vamos supor que você tenha 50 linhagens de bactérias voltadas para a pesquisa ou esteja criando mosquitos da dengue pra tentar descobrir a melhor maneira de combatê-lo no campo, esses dois exemplos de laboratórios diferentes, um de bacteriologia e outro de insetos, entomologia. Se você parar a pesquisa hoje você vai perder todas essas linhagens de bactérias, todos esses mosquitos que vem sendo criados a não sei quantos anos com essa finalidade. Assim é na pesquisa de plantas. Linhagens de plantas que quem sabe um dia podem combater a nossa fome elas podem desaparecer para sempre por falta de pesquisa. Não tem como você manter certas plantas que vem sendo criadas em laboratório, dentro de tubinhos, as gemas mantidas em meio de cultura, você perder isso você perde anos e anos de pesquisa. Não adianta daqui a dez anos, “toma aqui pesquisador dez mil reais”. Estou falando dez mil reais porque nossas pesquisas são bancadas com dinheiro pequeno. Tem pesquisas que são mantidas com 20, 30 mil reais por ano pro pesquisador manter suas colônias de bactérias, seus cultivares dentro da estufa, porque muitas vezes os instrumentos já foram comprados, os equipamentos já foram comprados e muitas vezes ele pode fazer a manutenção desse equipamento, a gente não pode esquecer disso. Eu já vi casos

de equipamento de 100mil reais e precisar de 5 mil reais pra recuperar o equipamento e não consegue. Não estamos falando de grandes dinheiros, de emendas parlamentares de três milhões de reais. O montante brasileiro parece grande, mas geralmente a pesquisa brasileira é feita com recursos miúdos que é pra se comprar material de consumo principalmente, porque como eu disse o equipamento já está comprado e o salário já está sendo pago pro pesquisador. Então eu vejo com preocupação, e a falta de manifestação popular indica que infelizmente a maioria da população ainda não entende que a pesquisa está no seu dia a dia, e o dia que faltar pesquisa vai ter fome, vai ter doença, vai ter tragédias ambientais, etc, e vai falar celular!

6. ESSA FALTA DE ENGAJAMENTO VOCÊ OBSERVA SÓ NA POPULAÇÃO OU VOCÊ ACHA QUE OS CIENTISTAS ESTÃO UM POUCO APÁTICOS AINDA?

Eu não vejo que os cientistas estão apáticos. Os nossos representantes, a comunidade científica através da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (SBPC), da Academia de Ciências, as revistas tem gritado há muito tempo, os pesquisadores tem gritado há muito tempo, nos encontros das mais diversas especialidades a gente gera cartas abertas dizendo que a coisa está a beira do abismo, as nossas associações ADUFMS, estão sempre divulgando gritos de socorro. Os gritos são constantes e não é de hoje. Eu acho que a nossa cultura é complicada. É uma cultura de conformismo. Por mais que se grite parece que é tudo normal, que é só mais um grito. É um problema cultura que descamba na educação. Se a educação fosse prioridade há vinte, trinta anos hoje nós não estaríamos onde estamos. Hoje nós seríamos algo parecido com os Tigres Asiáticos, totalmente diferentes. Então é uma grande rede de dificuldades que começa na escola, lá no ensino fundamental. Isso me toca porque eu tenho a gratidão, uma sensação boa, uma certeza e uma crença, beira a religião. Eu acredito que de alguma forma o nosso trabalho, eu digo nosso porque eu estou levando juntos os parceiros que colaboram, que me chamam pra ir pro campo, e inclusive os parceiros de artigo. Embora eu tenha sido solitário por muitos anos ultimamente eu não me sinto sozinho. Então eu acredito que esse nosso trabalho vai gerar, com certeza, novos pesquisadores, um novo Arnildo Pott, um novo Paulo Freire, um novo grande pesquisador, um novo grande professor. Preciso acreditar nisso pra continuar trabalhando. Por mais que o retorno não apareça imediatamente nós estamos jogando sementes. Só que eu vejo que as sementes que a gente joga são as famosas sementes recalcitrantes, são as sementes do Cerrado, que você joga hoje, mas elas vão levar de cinco a seis anos para brotar. No caso aqui eu acho que elas vão levar de 10 a 20 anos para brotar. Eu tenho certeza que eu não testemunharei o surgimento dessas pessoas. Eu estou mais pra lá do que pra cá. Já dobrei o Cabo da Boa Esperança, então eu não verei isto, mas assim é a ciência. Principalmente o pesquisador básico não vê os seus frutos. Ele joga, ele produz sementes e ele planta e não vê os resultados, mas é da natureza da ciência. Eu disse uma vez em uma palestra que a ciência é como se fosse uma casa. Você planta um tijolinho, no dia seguinte você planta outro tijolinho, a pesquisa básica faz a fundação da casa. Ela sabe que sem fundação, sem esse conhecimento de como são as coisas, de como funcionam, o interessado em transformar isso em algo útil não vai poder fazer e aí você faz esse tijolo, bota ele na casa, vem outro bota outro tijolinho, vem o seu aluno bota outro. E um dia vem outro e diz “olha, não é assim mais que se constrói casas”. A casa é diferente hoje, vamos refazer essa casa. Aí o que você faz? Você derruba a parede, como cientista, e usa aqueles tijolos para construir uma nova casa. Então, cientista eu acho que é o único profissional que dá graças a Deus de ter o seu conhecimento substituído por um conhecimento novo. “Olha Paulinho, aquilo que você disse no artigo tal, não é aquilo mais. Agora é diferente”. E aí você escreve no seu artigo, “ao contrário do que pensava Souza (2017), aquele animal não é desse jeito, mas de outro, não é desse grupo é daquele outro, etc, etc.”. e aí eu te pergunto, o cientista fica triste ao ser negado? Não. Há exceções, tem gente vaidosa no meio científico, tem gente que detesta ser contrariado. Se você sabe o que significa a ciência, como ela funciona, você não fica chateado por você ter sido negado, o seu conhecimento ter sido substituído por um conhecimento novo. Porque você sabe que você foi o tijolo. Que enquanto você viveu aquela casa serviu para abrigar as novas gerações de cientistas e a sociedade de uma maneira geral. E essas gerações tem a obrigação de melhorar essa casa, de transformá-la ou até reconstruí-la para que ela sirva as novas gerações. E isto não diminui a importância do velho pesquisador, de maneira nenhuma. É desta maneira que a gente pensa ciência, uma casa que se reconstrói todo dia com novos tijolos, uma nova argamassa, um novo material que surge, ela vai crescendo, crescendo, quando você acha que ela está pronta ela reconstrói. Nós temos consciência disso. Então por isso eu digo que não verei as novas gerações usufruindo da nossa pesquisa, do nosso trabalho de divulgação científica, do nosso trabalho de educação ambiental,

do nosso material didático. Foi sua primeira pergunta se eu tinha retorno desse material. De vez em quando eu entro na internet e vejo o pessoal usando esse material, vejo professores usando, nos encontros de professores eu sempre encontro gente que fala “ah, você é o Prof. Paulo Robson daquele poema tal?”. Eu fico lisonjeado. A minha maior alegria é ter meu trabalho acolhido por aquela pessoa para a qual eu fiz o trabalho, ver uma criança que botou no mural um poema meu. Foi justamente um poema publicado na Ciência Hoje. Hoje o meu blog está com 57 mil acessos e eu fico muito feliz mesmo. Mas o meu sonho é isso. Eu falei no Arnildo Pott, que eu espero que surjam novos Arnildos Pott e que a gente ajude pra que isso aconteça, eu falei nele porque ele falou pra mim uma vez, “olha Paulinho, eu comecei a gostar de ciências lá numa cidadezinha do interior do Rio Grande do Sul num colégio agrícola, regime de internato e nas horas vagas eu lia um livro velho de botânica. Eu gostava tanto daquele livro que eu passava a limpo pra aprender”. Quer dizer ele virou um cientista por conta de ter tido acesso a um livro. Eu tenho esse sonho sim que uma criança lá do Pantanal, de uma escola multiseriada, que não tem acesso a livros peque o “Alfabeto do Pantanal” ou o “Pantanal de A à Z”, ou uma criança lá do assentamento lá no meio do Cerrado pegue o “Cerrado de A à Z” e comece a se interessar pelo estudo da vida, dos bichos, das plantas, da natureza, da cultura. Porque ultimamente a gente está tentando colocar algum componente da cultura nas publicações.

7. VOCÊ JÁ FALOU UM POUCO SOBRE COMO SURTIU SEU INTERESSE PELA PESQUISA NO PANTANAL E FOI UMA COISA DE OPORTUNIDADE E TAL. VOCÊ TEM GRUPO DE PESQUISA OU DE EXTENSÃO SOBRE O PANTANAL? QUAIS SÃO SUAS PARCERIAS E COMO ELAS ACONTECEM?

Até hoje eu me encanto pelo Pantanal. E o bacana de ser fotógrafo de natureza é que você treina o olhar pra enxergar as coisas de uma forma um pouco mais deslumbrada. E não é só enxergar. Quando eu ia pra mata fotografar passarinho eu tinha que ouvir os passarinhos pra saber onde eles estavam pra poder fotografá-los. E então eu treinei minha audição. O ouvido fica independente da fala, parece que tem vida própria. Até hoje eu fico encantado pelo pantanal pelo Pantanal por um motivo, o Pantanal é muito dinâmico. Todo ano que você vai ele está diferente. A lagoa que você visitar ela parece outra lagoa. E assim vai. E no meu mestrado eu passei a pesquisar formigas por indicação de um amigo ecólogo, Milton Longo. Eu cheguei pra ele “Miltão, o quê que eu vou pesquisar?”, ele foi muito firme. “Você não vai pesquisar mamíferos, porque você vai ter que levar 300 armadilhas pro campo e você não tem mais idade. Você não vai pesquisar aves porque você periga de não encontrar todos esses bichos lá. Um bicho que você vai encontrar todas as vezes que você for lá é formiga e não tem peso, não vai atacar sua coluna”. E aí eu comecei a pesquisar formigas. Olha, eu me apaixonei tanto pela experiência, tanto tanto tanto que eu cheguei a encontrar duas espécies novas de formigas. Elas estão na mão de especialistas. Cheguei a montar uma exposição internacional no RJ em um evento, essa exposição foi muito bem aceita, chegou a ser veiculada nacionalmente, e acabei fazendo descobertas interessantes de formigas que habitam o interior de plantas. Então eu sou um especialista em generalidades, mas em pesquisa hoje eu estou oficialmente cadastrado no CNPq como pesquisador de formigas. Eu faço parte de um grupo coordenado pelo Doutor Rogério Silvestre da Federal de Dourados, a gente pesquisa formigas do Chaco, da região de Porto Murtinho, o doutorado meu foi todo lá. Eu fiz 11 viagens de uma semana cada e identifiquei mais de 200 formigas. E tem me faltado tempo e recurso financeiro para pesquisar as formigas. Voltando de novo na falta de dinheiro. Mas eu me considero um especialista em formigas associadas a plantas. Não me chame pra falar de formigas cortadeiras, formigas de interesse agrônômico. Eu não tenho interesse em matá-las eu quero que elas fiquem vivas. Então formiguinhas que vivem dentro de plantinhas, do caule. Tem formigas que vivem totalmente associadas, em simbiose com plantas.

8. QUAIS SÃO AS DIFICULDADES QUE VOCÊ TEM PRA FAZER PESQUISAS NO PANTANAL?

Transporte, combustível e alimentação. Lembra que eu falei que a gente não precisa de muita coisa pra pesquisar. Uma ida minha pra Porto Murtinho eu gastava, incluindo hotel e alimentação, de 800 a 1.500 reais. É fchinha, deve ser uma ou duas diárias de um deputado e com esse dinheiro eu ficava uma semana com duas estagiárias, Suelen Sandim e Luciana Colado Nós trabalhávamos durante uma semana com esse dinheiro, mas na falta de condições, a universidade hoje está com sérios problemas de manutenção dos programas de mestrado, não é só o pesquisador que não tem mais o dinheiro da FUNDECT que é o órgão estadual de apoio a pesquisa, 20 mil, 30 mil um edital, os programas estão com dificuldade de fazer pesquisa, de mandar o pesquisador, o estudante para um evento. Nós

recebemos dinheiro de pesquisa voltado a participação em evento porque você tem que comunicar os resultados de pesquisa, 200 reais para cada aluno de mestrado nosso. Duzentos reais não paga nem um tanque de combustível.

9. AS GRANDES DISTÂNCIAS TAMBÉM SÃO PROBLEMA?

Não faz diferença porque mesmo em pequenas distâncias você vai coletar o material, chegando no laboratório não tem material de consumo pra fazer manutenção. Se você for coletar uma planta no cerradinho da universidade, ou seja vai a pé, dependendo do laboratório não vai ter papel pra preparar esse material pra guardar para as novas gerações saberem que tinha uma planta de tal tipo no Cerrado.

10. VOCÊ TEM COLABORAÇÕES, PARCERIAS, COM PESQUISADORES DE OUTRAS INSTITUIÇÕES NACIONAIS? REDES DE PESQUISA? QUE CRITÉRIOS VOCÊS USAM PRA FAZER PARCERIAS?

Em grandes projetos o próprio edital impõe condições pra que as parcerias aconteçam dentro de um determinado perfil. Geralmente o edital fala isso. Nós queremos montar uma rede de pesquisa para o Cerrado, mas obrigatoriamente eu tenho que ter um botânico, um ecólogo, tais e tais instituições, tem que ter uma instituição privada, uma pública e tem que ter uma instituição voltada para a conservação do material genético, por exemplo, sementes do Cerrado. Então o edital impõe essas condições e a gente identifica os parceiros. Muitas vezes essas parcerias não existiam e foram construídas em função do edital, já aconteceu muito. E outras parcerias acontecem por conta do coração grande das pessoas. No meu doutorado eu precisava usar o laboratório do Dr. Rogério Silvestre, que hoje eu faço parte do grupo de pesquisa dele, e ele abriu as portas do seu laboratório pra eu realizar toda a pesquisa que eu precisasse lá dentro. E um pesquisador de renome nacional, um franco-baiano, Dr. Delaby deixou eu morar no laboratório dele durante 15 dias pra eu fazer a identificação das minhas formigas. Ele não me conhecia, não levei carta nenhuma. Cheguei lá, me apresentei, levei umas formiguinhas e ele me deixou ficar durante 15 dias pesquisando lá. Ele é uma das maiores referências de pesquisador em formigas no mundo e ainda assim recebeu um ilustre desconhecido. O Paulinho pode ser conhecido como poeta da natureza, como fotógrafo de natureza e na produção de material didático em Mato Grosso do Sul. Agora na área de formigas ele é um ilustre desconhecido. Eu me lembro de uma coisa muito interessante. Eu sempre tive a fotografia como um dado científico. Porque a minha fotografia tem etiqueta, desde o tempo do slide, com local, data, nome da fazenda, nome do município, pesquisador que estava me acompanhando, número do filme, quando era tempo do filme, ou seja eu tinha como localizar três, quatro slides porque eu tinha o número do filme. Portanto, quando eu morrer e alguém pegar um slide meu, vai ter condição de saber o que aconteceu e, portanto é um dado de pesquisa. E aí eu mandei uma sequência de fotos, já digitais, de uma serpente engolindo a outra embaixo da base de estudos do pantanal, porque lá é uma palafita. Aí eu mandei pra pesquisadora e ela falou “manda pra fulano que é um pesquisador de serpentes e trabalha com esse grupo”. Eu mandei pra ele. Ele chamou o orientador dele e mostrou a sequência de fotos feitas no Pantanal. O que tem de bacana nessa sequência? Depois ele me contou. É uma cobra muçurana, que come cobra, só que ela não estava comendo qualquer cobra, ela estava comendo uma cobra d’água. Ora! Cobra d’água vive dentro d’água. O que aquela cobra d’água estava fazendo no seco? Então o que aconteceu. Nós acreditamos que por ser um período de seca a cobra d’água devia estar migrando pra outro local e aí a muçurana crêu, comeu a cobra d’água. E aí ficamos conversando pela internet durante meses e isto gerou uma nota científica publicada em uma grande revista. Parceria de três pessoas que nunca se viram até hoje. Eu achei eles de uma honestidade tão grande, porque eu passei todas as fotografias e eles sabiam de tudo da biologia das duas espécies. No final do artigo, antes da publicação o orientador colocou lá, em outras palavras, que o pesquisador fulano e cicrano não estavam no momento da fotografia. Então várias parcerias acontecem dessa maneira. Pesquisador pede foto minha, eu sempre dou desde que seja instituição pública.

11. COMO ESPECIALISTA, QUAIS SÃO AS MAIORES AMEAÇAS QUE VOCÊ OBSERVA PRO PANTANAL HOJE?

A maior ameaça ao Pantanal hoje, sem sobra de dúvidas, é a ameaça que altera a essência do que é o Pantanal. Se eu te perguntar em um frase qual é a alma do Pantanal? O que faz o Pantanal ser o que ele é hoje? O Pantanal é o que ele é hoje pela alternância de seca e cheia. Na seca plantas A B e C florescem, os ipês, etc. acontece isso e aquilo, uma arezinha ali pega fogo, se esse for um fogo natural, somente com esse fogo as sementes de Cerrado que vivem ali dentro vão germinar. Porque o Pantanal, embora não seja classificado como Cerrado, tem áreas de Cerrado dentro dele, como se fosse

um queijo suíço. Tem lugar no Pantanal, que você está dentro e jura que é Cerrado. Então ele precisa da seca também. E sem a cheia não aconteceria a deposição de matéria orgânica. Se não acontecer a cheia não existe pesca, não existe turismo, porque, olha como a natureza é sabia, o Pantanal é como se fosse o Nilo. A cheia vem, as sementes que estão ali, dormindo, esperando a água, e somente por causa da seca isso foi possível, elas precisaram descansar, quando a água vem elas explodem, crescem, vem uma explosão de verde. E as plantas aquáticas explodem também. Não apenas as sementes de capim, como as plantas aquáticas submersas. Sem contar as algas microscópicas que formam aquele caldo verde que você só consegue ver a vida pululando no microscópio. Olha que incrível, os peixes já subiram os rios, já botaram os ovos lá na cabeceira, na piracema. Pacu, pintado, piraputanga, os lambaris, eles sobem verdadeiras procissões de milhões de peixes subindo o rio, botam os ovos, esses ovos são fecundados e vem descendo o rio. Descendo, descendo, crescendo, uma célula, duas, quatro células, oito. Quando chega na planície eles já são larvinhas que conseguem comer. Já são alevinzinhos, já surgiu a boquinha e eles começam a comer não apenas essas algas microscópicas como o capim que apodreceu. Quando o capim apodrece é comida. Tem milhares de protozoários ali e fungos dentro d'água atacando o capim e transformando aquilo em comida. Aí os peixinhos vem, e você pensa que ele está comendo capim podre, não, ele está pastando diatomáceas, que são algas, ele está pastando algas verdes, protozoários, como se fosse um leão comendo a gazela. E aí tudo isso faz com que a vida exploda, o Pantanal se renova, e dá aquilo que se vê, que se fica encantado pelo Pantanal. Pois bem, o que está acontecendo? Devagarinho, escondidinho estão fazendo barreiras nos rios para formar as usinas hidrelétricas de pequeno porte, as PCHs. Pela última conta que eu soube, era algo como 120 com previsão de instalação. Alguém pode chegar e dizer, “ah Professor, é apenas uma usinazinha pequena lá no alto do rio Fulando de Tal”. É, só que uma usina é uma coisa, 120 usinas é outra. Então nossos gestores não estão considerando o efeito somatório dessas usinas. A grande ameaça ao Pantanal hoje são estas usinas que vão alterar o regime de seca e cheia no Pantanal, vão interferir nessa alternância. Se isto acontecer o Pantanal vais estar perdidamente condenado, altamente prejudicado. Eu vi com os próprios olhos. Eu tenho essas fotos publicadas no meu Facebook. Um fazendeiro fez um dique lá em Porto Murtinho. O dique como o nome está dizendo ele segura a água. Lá em Porto Murtinho a água fica represada durante três meses, é muito tempo. É diferente do restante do Pantanal. A água lá fica muito mais tempo represada. Só que esse dique a água ficou represada meses e meses. O que aconteceu? O Carandazal morreu. A palmeira carandá é super comum lá no Pantanal. Você anda quilômetros e quilômetros no meio do Carandazal, parece um oceano de carandás, eu fiz um sobrevoo lá e é dessa maneira. Um gigantesco Carandazal morreu. Você anda assim no meio dos carandás forma o que eles chamam de paliteiro, aquele monte de palito de estirpe (caule) de carandá. Você anda 10, 20 minutos no meio disso. Tudo morto. É isso que vai acontecer no Pantanal. A alteração do regime de alternância de seca e cheia, o famoso pulso de inundação, ele vai acabar matando o Pantanal devagar e silenciosamente. Infelizmente vai ser o que vai acontecer.

12. VOCÊ ACHA QUE AS PESQUISAS QUE EXISTEM HOJE SOBRE O PANTANAL ESTÃO DANDO CONTA DESSES PROBLEMAS? HOJE A FALTA DE POLÍTICAS PÚBLICAS MAIS EFICAZES PODE ESTAR RELACIONADAS A FALTA DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO?

Não. A velocidade da ganância é maior é maior que a velocidade da produção e chegada da pesquisa até o agricultor. Quem faz isso muito bem é a Embrapa. Como ela está em contato direto com o produtor, o fazendeiro, a Embrapa consegue de certa forma trazer a informação científica para o produtor rural. E o pantaneiro nativo ele não é destruidor. Hoje a soja esta chegando no Pantanal. Em um estado cujo governador é produtor de soja e seus principais assessores estão voltados à produção agrícola, onde o Imasul, órgão ambiental, está subordinado a produção, o que se pode esperar de um estado deste? Não existe políticas estaduais voltadas a conservação do estado. Se houvesse, e o que eu vou te dizer é extremamente grave, eu vi, eu filmei, eu fotografei, ninguém me contou, se houvesse não haveria plantação de soja no alto da Serra da Bodoquena. Gente... que inteligência é essa que autoriza a produção de soja em uma área que é que nem um ralo? Porque no alto da Serra da Bodoquena, na região da morraria que foi onde eu visitei, ali é local de grutas e cavernas. Tem local ali nas fazendas que você não anda 500 metros sem caírem um buraco. Aquilo ali é um ralo. E aquelas águas vão pra Bonito. Eu não me espanto se daqui a dois ou três anos encontrarem agrotóxicos nas águas de Bonito. Porque estão fazendo uma coisa que é contraproducente, que vai de encontro aos princípios básicos do que é conservação de lençol freático. E isto é publico e notório, não precisa

nenhum cientista avisar “olha, onde tem afloramento de lençol freático, de aquífero, não pode jogar veneno, não pode plantar nada que use veneno”. Então, infelizmente, a ganância da produção pela produção sem se preocupar com que está rio abaixo. No caso da produção de energia elétrica é uma coisa absurda. Você produz energia elétrica, beneficia um fazendeiro e dane-se quem está rio abaixo. É a coisa mais complicada do mundo trabalhar numa bacia se esquecendo que a parte baixa da bacia todinha também são produtores. Eu não estou sendo ambientalista, eu estou falando do produtor rural. O produtor rural que está no Pantanal vai ficar extremamente prejudicado com o que está sendo feito bacia acima. Quem vai jogar veneno no alto da Bodoquena vai prejudicar os fazendeiros que estão rio abaixo. O gado vai estar contaminado, os donos de fazenda que tem atrativo turístico vão perder turistas. Nós temos um exemplo escandaloso de produtores rurais que tiveram suas terras desaparecidas. Eles não ficaram prejudicados, eles deixaram de ser fazendeiros. São os fazendeiros daquela região do delta do Taquari, que tiveram suas terras 100% alagadas porque o Taquari mudou de curso porque houve aceleração do aumento da deposição de solos aluviais, o assoreamento, por conta do desmatamento nas regiões de cabeceira. Foi um processo que poderia ter sido evitado se políticas públicas tivessem sido evitadas, naquela época era diferente de como é hoje. Naquela época o governo militar incentivava o povo a desmatar. O cara só tinha direito a posse se provasse que desmatou e fez benfeitorias. Era essa a condição pro Incra dar a posse pra ele. Eu não culpo os fazendeiros da época, o governo mandava. Eu vi documentos. Havia uma tremenda falta de conhecimento científico sobre a importância das nascentes, sobre a importância das áreas úmidas. O governo criou uma política de ocupação das áreas úmidas chamada pró-várzea na década de 70 e 80, e dava dinheiro pro pessoal esgotar as áreas de nascentes, as áreas úmidas, pra plantar. Ou seja, matando as cabeceiras, as nascentes dos rios. Isto foi política pública. Então foi fazendeiro prejudicando fazendeiro. Graças ao assoreamento do rio Taquari fazendeiros perderam suas terras da noite pro dia. sabe o que é ir lá de barco e ver a casa dentro d’água, o curral dentro d’água, isso que aconteceu. O rio Taquari funciona como um chicote. Se você examinar os solos do delta do Taquari o leito foi mudando de lugar ao longo de milhares de anos. Se você pudesse olhar imagens a cada dez mil anos seria um desenho animado mudando a boca dele [como um chicote]. Esse processo acelerou. Então em vez de você ter uma mudança de boca de rio ao longo de milhares de anos, você teve essa mudança ao longo de 20, 30 anos. Em 20, 30 anos você teve o rio assoreado e a mudança do curso de rio. E hoje a soja está chegando no Pantanal.

13. A PARTE SUL DO PANTANAL É MAIS CONSERVADA MESMO? O QUE COLABORA PRA ISSO?

O Dr. Álvaro Banducci publicou o seu trabalho de mestrado e doutorado sobre o homem pantaneiro, o peão, o fazendeiro, que vive da terra e mora no Pantanal. Não estou falando do paulista recém-chegado no Pantanal e abre um dique, ou que traz sementes de capim exótico, capim africano pro Pantanal. O pantaneiro tradicional é extremamente conservador da natureza, ele usa a natureza em seu favor. A caça dele é pra subsistência. Ele inclusive prefere o porco monteiro que não é da nossa fauna ao cateto e queixada que são porcos nativos. Eu nunca vi no Pantanal uma gaiola prendendo passarinho. É da cultura do pantaneiro não matar além da conta, não pescar além da conta. O Banducci fala que dois mitos que os pantaneiros acreditam que existam mesmo, trazem lições de conservacionismo. O dono dos porcos, por exemplo, um velhinho que anda em cima da vara de queixadas, ele dá uma surra no caboclo que ele fica dias e dias de cama porque o caboclo pegou 20 porcos, matou mais do que precisava. Pra que matar 20 porcos senão tem geladeira, que na época não tinha, e se quando precisar de mais porco vai lá e mata? E tem o Mãozão, dizem que é um caboclo alto, bem grandão e que tem uma mão grande. Se o caboclo entrar no capão dele e tirar madeira que é dele, ele dá um susto no cara e bota a mão na cabeça dele que o cara fica desorientado e se perde no Pantanal. Então são vários mitos que concorrem para a conservação do Pantanal. O próprio regime de seca e cheia protege o Pantanal. Protege da chegada de sementes exóticas, se houver a manutenção do ciclo ela não se instalam. E os costumes deles, que eu acredito que deva herdar muito da cultura dos povos indígenas, o pantaneiro é de fato um caboclo. Os problemas que eu vi no Pantanal foram de fazendeiros que vieram de fora, que não conhecem a cultura, a dinâmica, querem produzir a qualquer custo e aí mete um dique, quer plantar sementes africanas, quer plantar braquiária e quer mudar o ritmo de produção do Pantanal. O Pantanal tem o ritmo de produção própria. Eu tenho certeza que o tal gado verde ainda vai ter o seu espaço no mercado europeu. Um gado que não passa por criação intensiva, respeita o período de seca e cheia.

14. O QUE VOCÊ ACHA QUE PODE E DEVE SER FEITO PRA MITIGAR A DETERIORAÇÃO DO BIOMA?

Eu acho que tem que ter editais mais específicos, como o CNPQ teve em em uma época, 2002, 2003. Um edital de apoio a pesquisa em áreas prioritárias, áreas que nunca haviam sido pesquisadas no Brasil inteiro. E aí nós, em conjunto mais de 40 pesquisadores, nos candidatamos e pesquisamos o Complexo Aporé-Sucuriu, que fica na divisa de São Paulo e Goiás. Com um dinheiro não muito grande nós conseguimos envolver mais de 40 pesquisadores, não lembro quantas instituições, pelo menos umas seis universidades. Houve um esforço gigantesco durante três anos e gerou uma pesquisa maravilhosa, um levantamento que pode subsidia grandemente o desenvolvimento do estado. Se qualquer gestor ler esse livro, eu garanto que ele não vai desmatar mais nenhuma nascente da região e não vai mais permitir a instalação de nenhuma usina de pequeno porte. Se ele ler esse livro ele vai ver que está atirando no próprio pé. Porque eu digo isso, vou citar um exemplo. Quando você desaparece com os polinizadores, as abelhas, de uma região aplicando veneno na soja, por exemplo, você não vai ter coisas como feijão a e própria soja. Tem algumas plantas que a polinização é pelo vento, o milho não precisa de insetos, mas a maioria das frutas sim. A laranja precisa de tanto inseto que hoje no Brasil já estão alugando colmeias para produzir laranja. Eu sabia que a Flórida fazia isso desde a década passada. Na década passada a Flórida conseguiu aumentar de 15% a 20% a produção de laranja com o aluguel de colmeias porque os polinizadores nativos desapareceram. E o Brasil está entrando nessa. Tudo isso a gente chama de serviços ambientais. A natureza faz um monte de coisa que a gente precisaria pagar pra fazer. Já existe fazendeiro de água hoje. Os donos de sítios os donos de sítios e fazendas da APA Guariroba hoje estão recebendo dinheiro da APA Guariroba para conservar as suas florestas. Porque se conserva as florestas a água vem. A água é produzida, onde tem floresta tem água, é uma coisa impressionante. Quer recuperar sua nascente plante uma floresta que a água volta. Existem hoje sim produtores de água, porque se eles recebem um dinheiro correspondente a produção agrícola para não desmatar é fazendeiro de água.

15. VOCÊ ACREDITA QUE A MÍDIA E A EDUCAÇÃO NAS ESCOLAS PODEM INFLUENCIAR O COMPORTAMENTO DAS PESSOAS, DA OPINIÃO PÚBLICA E AJUDAR A FREAR O IMPACTO AMBIENTAL DO PANTANAL?

Desde que eu estou mudando projetos de grande porte eu contrato jornalistas para trabalhar dentro do projeto na comunicação social. Porque quem sabe fazer comunicação social são os jornalistas, nós biólogos somos um arremedo de comunicação social quando a gente se mete a explicar alguma coisa na imprensa. O grande projeto de consolidação da Rede Aguapé nós tivemos dois jornalistas contratados diretamente pra ir a campo, e indiretamente mais dois jornalistas. No Projeto Pé na Água também tivemos dois jornalistas e agora, indiretamente, no Projeto Apa para Todos, nós temos a participação de uma jornalista. Esta é uma recomendação que eu dou para os pesquisadores que queiram levar a sua ciência para o grande público. Ao contratar jornalistas você encurta o caminho entre você e as mídias e, por conseguinte o grande público. Porque você prepara releases de qualidade, esses jornalistas acabam funcionando como uma assessoria de imprensa à disposição do projeto, eles conhecem o projeto por dentro, desde a sua concepção. Os nossos jornalistas trabalharam na elaboração do projeto e conhecem a pesquisa a fundo, exatamente o que a gente está fazendo, e isso garante uma coisa que pra mim é imprescindível: fidedignidade. Uma notícia que gere confiança dá credibilidade para o veículo e o pesquisador continua confiando na mídia. Muitos pesquisadores fogem da mídia com medo das suas palavras serem deturpadas. Não foi uma vez só que isso aconteceu comigo. Felizmente já aconteceu casos também que o jornalista trouxe de volta o texto pra eu revisar. Uma prática que tem gente que odeia e tem gente que defende, não vou entrar no mérito se é humilhante o jornalista levar o texto para o especialista ler. Vou colocar o lado do pesquisador. No lado do pesquisador, quando o jornalista devolve o texto para o pesquisador passar o olho ele pode chamar atenção de alguma coisa que foi mal interpretada e acaba os dois ganhando do meu ponto de vista. Quer dizer, você assegura que a informação não seja deturpada e o jornalista se livra de cometer uma gafe, por exemplo uma coisa muito comum na TV, de chamar aranha de inseto. E isto diminui quando você tem uma equipe que esta cuidando de levar notícias, o conhecimento científico pro grande público via mídias. O bacana dos jornalistas dentro do projeto de estruturação da Rede Aguapé e do Projeto Pé na Água, é que eles tiveram um subprojeto. Eles fizeram um projeto de educomunicação os seus produtos sob sua responsabilidade. Ele não estiveram à serviço dos pesquisadores, eles deram assessoria de comunicação pra todos nós, e eles próprios geraram só na

Rede Aguapé de Educação Ambiental foram 11 revistas Aguapé. Então só nisso daí eles a revista, o site, uma radionovela pra distribuir nas rádios. Por isso eu sempre recomendo que os projetos de pesquisa quando forem fazer divulgação científica se associem a profissionais da área. Eu disse isto em um evento científico em um evento científico há mais de 10 anos, falei isso no Fundo Nacional do Meio Ambiente, porque eu era representante das ONGs lá e isto está em ata. Falei várias e várias vezes, temos que prever uma parte de comunicação nos editais. Uma coisa é eu, porque eu reconheço o trabalho do jornalista prever a contratação de uma equipe no meu projeto, outra coisa é um edital abrigar, “Você só pesquisa, só faz tal coisa, se você tiver a previsão de publicações para a mídia, para as escolas, produção de material didático, cartilha, material pro jornalista, pra internet”. Quando o pesquisador for obrigado a fazer isso eu te garanto que nós vamos mudar completamente o perfil da divulgação científica no Brasil.

16. NO CNPQ VOCÊ ENCONTRA UMA ABA PARA PRODUÇÃO ARTÍSTICA, DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA... ISSO FAZ DIFERENÇA NA SUA OPINIÃO?

Sim. Isso acontece há dois anos mais ou menos. Até três anos atrás eu não tinha muito o que escrever dentro do Lattes. O meu currículo era extremamente pobre, porque toda minha produção acadêmica ela é quase toda voltada para a produção de material didático, educação ambiental e isso não se enquadrava. Agora tem lá a perguntinha se você usa seu material para a divulgação da ciência, tecnologia e sociedade.

17. VOCÊ ACHA QUE ESSE TIPO DE VEICULAÇÃO NA MÍDIA AJUDA A CRIAR UM NOVO COMPORTAMENTO, QUE CONSCIENTIZA AS PESSOAS E REALMENTE SENSIBILIZA?

Com certeza. Porém, o dia que a mídia se aliar aos pesquisadores vamos ter uma mudança muito grande devido ao enfoque. Vou te dar um caso real. Por volta de 90 assim que o mosquito da dengue chegou a Campo Grande, eu corri na biblioteca, peguei um livro e estudei tudo sobre mosquito da dengue. E chamei um colega, um vizinho de residencial, nosso residencial tem cento e poucos apartamentos e 70 casas, e ele conseguiu um aparelho de som e nós percorremos o bairro do residencial de microfone na mão, eu fiz um mosquito da dengue gigante com espuma, mas eu fui fiel ao mosquito da dengue. Peguei as larvas, botei num frasquinho e percorremos o bairro passando essa mensagem. Qual foi o forte naquela mensagem? Clareza no ciclo de vida. Se você não tem clareza no ciclo de vida do bicho você não combate, então a mídia está tomada de palavras vazias, principalmente as campanhas contra a dengue. Palavras vazias do tipo ‘esvazie o reservatório’. Quando a mídia se alia ao pesquisador pra conhecer o ciclo de vida do bicho, pra conhecer a ciência, tudo fica mais fácil porque você trabalha campanhas com convencimento. Qual vai ser o principal convencimento no caso da campanha que nós fizemos no bairro? Nós trouxemos pra eles um modelo do vetor, e deixamos muito claro o ciclo de vida, enfatizamos a quantidade de ovos e o tamanho do ovo. Passado um tempo o que eu vi nas campanhas da mídia, inclui governo federal, municipal, de serviço de TV Morena e tudo mais, foi uma falta de conteúdo. Quando falta conteúdo você não convence. As campanhas tornaram-se vazias, não efetivas. Obrigatoriamente no meu ponto de vista deviam ter dito que uma única fêmea põe 300 ovos de uma única vez, ou seja, se você deixar escapar um único mosquito isso pode significar 300 novos ovos. Segundo, que não disseram nas campanhas, em uma semana esses ovos eclodem. Se você deixar pra retirar a água no oitavo dia já era, você vai ter o mosquito da dengue. Não estou dizendo que ele vai virar adulto em um dia, mas se você esquecer eles vão eclodir. Eu não tenho que esvaziar no dia D a cada um mês, é bobagem, eu tenho que esvaziar todo sábado. Então campanhas que não explica a quantidade de ovos, que não explica o tempo que o ovo leva pra eclodir, o tempo que leva da postura até a fase adulta é fundamental pra combater o mosquito. Então não fizeram isto.

18. OLHANDO PRO PANTANAL VOCÊ ACHA QUE PODE ESTAR ACONTECENDO ISTO DAS INFORMAÇÕES ESTAREM VAZIAS?

Eu acho que no Pantanal não falta informação. Como o Pantanal é divulgado, como as pesquisas são divulgadas, como os guias de turismo se apropriaram do conhecimento sobre o Pantanal pra melhorar sua relação com o turista, o mundo inteiro sabe do Pantanal, sabe da sua importância, o Pantanal é orgulho da população sul-mato-grossense. O que está havendo é ganância. Eu não sou contra o desmatamento. Você desmatar uma área pra plantar feijão e ter uma vaquinha pra produzir leite não é pecado nenhum. Pecado é você ter uma área de 100 hectares de mata e passar um rio no meio e você desmatar até a margem do rio para ganhar 10% a mais. Porque se você mantivesse 30% da mata na

beira do rio, falando grosseiramente seu rendimento seria 30% menor. Você perde 30% entre aspas, porque quando você mantém 30% da mata você mantém os serviços ambientais. Você não perde 30%, você está ganhando em produtividade porque você vai ter mais água, mais polinizadores, só pra citar exemplos da nossa conversa. Você não vai ter perda de solo, porque a mata vai proteger os 70% que você desmatou, por aí vai. O que está acontecendo no Pantanal é ganância para casos isolados, é desrespeito à cultura local que é de conservação, o pantaneiro conserva e uma menor participação dos gestores na proibição de práticas lesivas ao Pantanal. Não é o técnico do Imasul sozinho que vai autorizar ou não vai autorizar o cultivo de soja no pantanal ou a instalação de PCHs. O governo do estado tem que dizer isso, que a partir de agora quer que a produção seja baseada em alto índice de conservação. Mas eu não espero, sinceramente, nada disso de um governo que usa como bandeira a produção agrícola unicamente.

19. OLHANDO PARA A DIVULGAÇÃO DAS SUAS PESQUISAS, ONDE VOCÊ COSTUMA PUBLICAR? E QUAL SERIA O GRAU DE IMPORTÂNCIA QUE VOCÊ DÁ PARA A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PARA O PÚBLICO LEIGO?

Felizmente eu prevejo em todos os meus projetos a produção de algum material. Com o advento da internet isso ficou muito fácil, porque eu tenho três páginas no Facebook, além do blog: ‘Falo pouco mas falo apurado’ que é voltada a cidadania, onde eu divulgo coisas que não são de minha autoria, por exemplo uma cartilha sobre desmatamento; na página ‘Professor Paulo Robson’ eu coloco tudo que é relacionado a minha produção e ultimamente eu tenho publicado fotos em blocos com título “Bom para Aula”. A última foi um conjunto de fotos de uma medusa, água viva, encontrada na Lagoa Misteriosa em Jardim. Esse “Bom para Aula” é um incentivo aos professores darem aula usando exemplos locais; e meu perfil pessoal, voltado para os amigos, eu tenho mais de 100 álbuns com fotografias voltadas ao uso livre em aulas palestras e tudo mais. Eu só peço que em publicação de qualquer natureza mantenham o meu crédito. Não é uma questão de vaidade apenas, quando você identifica a foto o pesquisador daquela plantinha pode te procurar pra saber onde ela foi encontrada, então isso favorece a pesquisa. Eu por conta disso de ter tido sempre verbas para a publicação eu tenho feito a distribuição do meu material em escolas públicas geralmente, em eventos e sempre noticiar a distribuição desse material. Porque se você só mandar o livro pra escola e o livro não tiver certa visibilidade na mídia a pessoa pode ler e botar na gaveta. Hoje algumas publicações eu sou procurado para escrever sobre alguma coisa, que foi o caso dos últimos números da CH das Crianças. Um amigo chega, e eu acho isso maravilhoso, uma pessoa que nunca se interessou por divulgação científica e diz “Paulinho vamos escrever sobre o Chaco brasileiro, vamos fazer isso pras crianças?”. Eu já perdi a conta do tempo que eu sou colaborador da CH das Crianças. Eu cheguei a ir lá pra conhecer e me receberam super bem. Vez por outra me perguntam “ah você tem a foto do bicho tal?”, se eu não tenho eu localizo quem tenha, e poemas eles usam bastante. Três livros de ensino de ciências já pediram autorização da revista pra usar nossos textos na revista, eles mandam o contrato pra gente assinar. Isso é muito interessante porque um livro de ciências são 150 mil exemplares. Então estas têm sido as principais formas de extravasamento das minhas pesquisas. E por incrível que pareça, eu não tenho muita pesquisa cadastrada no órgão de pesquisa, mas eu acabo fazendo parte de uma rede de pesquisadores e isso me satisfaz. Eu contribuir com a pesquisa de um colega e eu ficar mais responsável pela disseminação desse resultado.

20. E QUAL É SUA MAIOR DIFICULDADE COM RELAÇÃO À DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA?

Dificuldades financeiras sempre. Toda dificuldade sempre é financeira.

21. VOCÊ SOFREU ALGUM TIPO DE ISOLAMENTO PELO SEU TRABALHO? VOCÊ ACHA QUE ENTRE OS PESQUISADORES HÁ CERTO MENOSPREZO PELA DIVULGAÇÃO, SÓ VALORIZAM A PUBLICAÇÃO ENTREPARES?

Senti. Hoje eu comemoro a preocupação de vários colegas de laboratório. Infelizmente muito pares acham que divulgação científica é algo menor, assim como a extensão. Pra essas pessoas eu ajo como cavalo de desfile militar. Eu sei por intuição, desde o primeiro momento, que eu produzir algo com os nossos alunos e os professores ficaram tão felizes com a produção desse material, que eu ajo desde então com essa intuição de que eu estou fazendo a coisa certa, de que é uma missão na minha vida. Tanta coisa eu poderia ter sido, pesquisador de microbiologia, porque eu fiz mestrado em uma das melhores instituições da América Latina de Agronomia que é a Esalq se eu não tivesse me apaixonado pelo ensino de Biologia. E essa paixão se mostrou muito forte quando eu comecei a dar aula pra

Pedagogia e logo assumi o trabalho do meu colega. Essas pessoas que acham que a extensão é algo menor que a pesquisa são pessoas equivocadas. Um dia elas ainda vão descobrir isso. E as pessoas que torcem o nariz para um Professor que se dedica a produzir para as crianças e tem mais alegria por isto do que ter um artigo científico publicado em uma revista internacional, o dia que eles entenderem isso eles vão achar um sentido pra afinal de contas pra que serve a ciência? A ciência não é feita de nós para nós mesmo. eu tenho artigos científicos publicados em revista internacional. O material publicado pelo 'Sabores do Cerrado' é um deles, e não me deu tanta alegria quanto meu ter um artigo publicado pela CH das Crianças. Não que não seja importante, não isso que eu quero dizer. São duas coisas distintas. A comunidade científica, dentro da pirâmide social, está lá no topo. As pessoas que chegam na universidade já são o topo da pirâmide social. De cada 500 crianças que eu fui coleguinha, creio que três ou quatro, se muito dez, chegaram a universidade. É muito pouco. Escrevendo pra comunidade científica você atinge só os últimos degraus, pensando de baixo pra cima. Então quantas pessoas leem um artigo científico? Um artigo mediano 200 pessoas devem ler. Gente... não é que isso não seja importante, mas se eu puder fazer o conhecimento científico desse artigo chegar a um público muito maior eu corto o atalho dos livros didáticos. Porque os livros didáticos levam de 10 anos, um pouco mais, pra absorverem o conhecimento científico novo e levar pras crianças. Eu corto um atalho gigantesco, eu valorizo a pesquisa, eu dou visibilidade a pesquisa, dando visibilidade a pesquisa na hora que o pesquisador for passar o pires para pedir dinheiro para a pesquisa ele será lembrado. Esse trabalho de levar o conhecimento científico para o grande público não é de menos qualidade, ao contrário, tem que ter uma habilidade muito grande pra poder transformar uma linguagem estéril, uma linguagem difícil, uma linguagem que você muda de laboratório, você pega o colega do laboratório vizinho ao seu, dentro do mesmo departamento e a pessoa não sabe do que se trata. Se eu pegar um artigo da botânica e colocar pro pessoal da zoologia, periga do pessoal não entender do que se trata. Então é uma atividade que eu considero da mais relevância social, cumpre a função social da universidade e dos institutos de pesquisa e ainda bem que o CNPq hoje reconhece esse nosso trabalho como trabalho acadêmico. Eu tive sim dificuldade dentro do meu raio de 200 metros de atuação. Primeiramente, quando eu montei os aquários, no laboratório de prática de ensino, as pessoas viram com maus olhos. Eles não entenderam que eu estava propondo uma linha de atividade de ensino de biologia na escola. Eu trazia os peixes do Pantanal para os aquários. Meu intuito era usar o aquário como um local de pesquisa e de atividade didática e aí eu fui muito criticado por esses aquários. Só que eu continuei fotografando meus peixes e graças a isso eu usei minhas fotos em várias e várias publicações divulgando os peixes do Pantanal. Eu acredito que eu sou pioneiro na fotografia de peixes de pequeno porte do Pantanal. O maior acervo de peixes de pequeno porte de menos de 5cm é meu. Hoje talvez tenham outros colegas. Eu fiz isso graças a ter dominado a técnica de manutenção de peixes em aquário. Montei aquário para o stand do Governo do Estado na Eco92 com os peixes do Pantanal, fomos para o shopping center, para a exposição de gado de Campo Grande, divulgamos o aquário Pantaneiro, que será a maior obra voltada a divulgação científica do centro-oeste em termos de obra, porque as crianças vão poder conhecer a biodiversidade de Mato Grosso do Sul. Se eu tivesse ouvido os meus colegas eu tinha desmontado todos os meus aquários. Quando eu comecei a fotografar da mesma forma eu ouvi críticas porque eu não era fotógrafo, eu era professor. Eu dizia calma gente que não existe biólogo que possa ser feliz se não souber fotografar, todo biólogo deveria ter a fotografia como ferramenta. E aí montamos o projeto do livro de Bonito e eu entrei no projeto como autor das fotografias. A minha maior missão no campo era fotografar, e não dar nomes as plantas porque nós já tínhamos dois botânicos. E aí foi. Hoje eu já perdi o controle da quantidade de banners, artigos, material na internet, palestras onde minhas fotos são usadas. Essa minha alegria não é pelo fotógrafo, é pela divulgação da biodiversidade. Da gente não precisar mais usar fotos de terceiros, de pessoas que muitas vezes não são da área, e de exemplos de fora do estado. Não é pra me gabar não, mas eu tenho três prêmios de fotografia científica. Um da SBPC, um da Ciência Hoje e um de um Instituto de Aves Brasileiras. A gente não deve alimentar a vaidade, mas isto é um elemento concreto de que eu tinha razão de acreditar na minha intuição que não dá pra valorizar a biodiversidade local ou de qualquer lugar do mundo sem usar a fotografia. É com a fotografia que a pessoa vê uma coisa que é invisível, por exemplo, um animal de caverna que está escondido em um buraco a dois metros de profundidade. Eu fui lá com a pesquisadora fotografar o camarãozinho da Gruta do Lago Azul, eu fiz foto de duas espécies novas de onicófora e sabe o que aconteceu? Chegaram na revista de divulgação

científica antes da revista acadêmica. Isso pra mim é um furo. A pesquisadora até hoje não publicou o artigo, mas já está na revista das crianças.

22. NO CASO SUAS PESQUISAS SÃO DIVULGADAS NA MÍDIA REGIONAL E NACIONAL. JÁ HOUVE PUBLICAÇÃO INTERNACIONAL DO SEU TRABALHO? GERALMENTE SÃO SUAS FOTOS QUE ACABAM PUBLICADAS? A ASSESSORIA CONTRIBUI PRA ISSO?

Eu já tive fotos publicadas da Istoé, alguns veículos nacionais. Por exemplo, uma margaridinha que nós encontramos em Bonito, ela estava desaparecida desde 1915, virou notícia da Folha de São Paulo. Acho que a foi a assessoria que nos indicou. Notícia internacional eu nunca fui, mas no meu blog, quando eu acesso ele, aparece leitores de várias partes do mundo.

23. VOCÊ TEM O COSTUME DE PROCURAR PELA ASSESSORIA QUANDO QUER DIVULGAR ALGUMA COISA? EXISTE ALGUM PONTO QUE VOCÊ ACHA QUE PODERIA MELHORAR NO RELACIONAMENTO DA ACS COM OS PESQUISADORES?

Como a ACS geralmente é um penduricalho das reitorias, geralmente ela está ao lado das reitorias... penduricalho não é a palavra correta, é um anexo das reitorias, elas são tidas como algo das altas instâncias. Não por mim, eu não vejo dessa maneira. Eu sempre fui entrão e realmente sei que estão ali oferecendo o trabalho deles pra gente. Mas eu acredito que se as assessorias saíssem do gabinete, principalmente no começo do ano e visitassem os setores, fizessem uma visita de cortesia, se a assessoria puder oferecer o texto pra revisar antes de sair imediatamente o pesquisador vai aceitar, deixar um cartãozinho pra tomar um café... às vezes o que pra você é corriqueiro pra gente é uma coisa maravilhosa. Eu tenho certeza que o dia que a ACS fizer isso vai aumentar a quantidade de matérias publicadas de interesse da ciência para a comunidade, vai dar valor a coisas que o pesquisador às vezes está acostumado. Tem pesquisador que está acostumado a encontrar espécie nova, só que espécie nova é algo digno de notícia. Então eu acredito que essa é uma providência legal. E não cair na armadilha que nenhuma ACS do Brasil deve cair que é virar assessoria de comunicação do reitor. A ACS tem uma característica, no meu ponto de vista, que lembra a Rádio e TV Educativa. A Rádio e TV Educativa não são do governo, são do Estado. Mudou o governo ela tem que permanecer atenta a seus desígnios, a sua missão, ela não está a serviço do governador. Eu vejo a ACS da mesma forma. Ela é paga pelo dinheiro público federal. Então muda reitor ela deve permanecer com a sua missão de noticiar, de dar comunicação, de tornar visível o trabalho da comunidade acadêmica não apenas científica, a comunidade como um todo. Desde os estudantes, até os técnicos de laboratório, a extensão, etc., etc. Então a ACS tem que tomar cuidado, porque geralmente são cargos de confiança e eles se colocam de forma subalterna. Isso não pode acontecer. Eles têm que ter consciência disso, é um apelo que eu faço, não se vendam, não entendam que cargo de confiança é virar as costas a comunidade acadêmica e ficar a serviço do reitor. Isso não pode.

24. QUANDO PROCURA INFORMAÇÕES SOBRE PESQUISAS SUAS, DE COLEGAS, VOCÊ COSTUMA BUSCAR NO SITE INSTITUCIONAL DA UFMS? É UM PONTO DE REFERÊNCIA PRA VOCÊ? COMO VOCÊ AVALIA O SITE?

Eu uso o site da instituição de maneira geral pra ver novidade da vida acadêmica. Agora a busca por trabalhos de colegas eu uso mesmo o Google. O site da instituição melhorou bastante, está em progresso constante, já foi bem mais difícil. Porém tem coisas que ainda é difícil de localizar. Eu acho que ainda dá pra dar uma melhoradinha e atualmente eu acho que tem que dar uma injeção em realizações não reitorísticas. Sabe ultimamente, início de gestão, o pessoal que mostrar serviço, eu acho que ainda está muito chapa branca pela quantidade de notícias que teriam pra ser divulgadas.

25. COMO É SUA RELAÇÃO COM OS JORNALISTAS DA MÍDIA EM GERAL?

Muito boas! Tem pessoas que viraram amigas. Tem uma jornalista que viajou à campo comigo pra conhecer nosso trabalho, foi como amiga, não foi pra noticiar, mas acabou virando notícia. Eu tenho sido muito feliz. Eu acho que todas as matérias que surgiram foram muito proativas, tiveram aquela característica forte de serviço prestado. Nunca tive problema com a imprensa de Campo Grande.

26. E COM RELAÇÃO AS NOTÍCIAS SOBRE O PANTANAL ESPECIFICAMENTE? VOCÊ ACHA QUE O TEMA ESTÁ SENDO DEVIDAMENTE DIVULGADO, DE FORMA CONSISTENTE, BEM ARTICULADAS, SEM O ESVAZIAMENTO DAS QUESTÕES?

Não, eu acho que falta um pouco mais de aprofundamento sabe. Tem matérias que são muito rápidas e aí acaba acontecendo um esvaziamento. Eu prefiro que elas sejam mais abrangentes no sentido de que

tenha um box explicativo sobre certas coisas que valha a pena o leitor prestar atenção, enfim, eu prefiro uma matéria que tente esgotar um pouco mais o assunto do que três matérias rápidas e rasas.

27. E QUANDO VOCÊ VÊ ESSAS NOTÍCIAS DENTRO DO SITE DA INSTITUIÇÃO, VOCÊ ACHA QUE ESTÁ MELHOR DO QUE O QUE SAI NA MÍDIA TRADICIONAL, OU ACHA QUE TEM QUE MELHORAR?

Por um problema de espaço elas são muito curtas. Não é questão de ser melhor ou pior. As nossas embora contenham a informação esteja menos sujeito a erro porque o contato é direto com o pesquisador, às vezes o cara está na tela enquanto o jornalista está escrevendo, porém não passa de três parágrafos, vapt vupt. Falta espaço na mídia tradicional e institucional. Eu acho que a nossa ACS poderia criar séries especiais. Especial peixes do Pantanal, especial plantas do Cerrado, não uma coisa noticiosa, matérias frias onde pudessem avançar mais, significando em um jornal comum uma página inteira.

Apêndice 4. Entrevista com a Professora/Pesquisadora Liliam Hayd da UEMS

Mini perfil: Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1993), mestrado em Geografia-Análise Ambiental pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2002), doutorado em Aquicultura de Águas Continentais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007) e pós-doutorado no Biologische Anstalt Helgoland - BAH, Alemanha (2010-2011). Atua como Professora de nível superior na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul desde 1999, ministrando aulas na graduação e Pós-Graduação. Tem experiência na área de carcinologia e carcinicultura de água doce, atuando principalmente nos seguintes temas: camarão de água doce, larvicultura, caridea, macrobrachium, caranguejo de água doce (Trichodactylidae) e organismos aquáticos ornamentais (crustáceos). É sócia da Sociedade de Aquicultura e Biologia Aquática - AQUABIO e da Sociedade Brasileira de Crustáceos - SBC. Líder no CNPq do Grupo de Pesquisa em Camarões de Água Doce do Pantanal. Responsável pelo Laboratório de Carcinologia, Carcinicultura e Organismos Ornamentais do Cerrado Pantanal (CARCIPANTA). Tem cooperação com diversas Instituições de Pesquisa Nacional e Internacionais como: o Biologische Anstalt Helgoland, na Alemanha, Universidade de Aveiro em Portugal, Instituto de Pesquisa IPMA de Lisboa, Portugal, Universidad de Cádiz, em Cádiz, Espanha e com a Universidad Católica de la Santísima Concepción, Concepción, Chile. **Fonte:** Currículo Lattes - <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4709297P7>

1. QUAL É A SUA FORMAÇÃO E COMO VEIO TRABALHAR NA UNIVERSIDADE?

Sou formada em Biologia pela UFMS-MS, Mestrado em Geografia e Análise Ambiental pela UFMS, Doutorado em Aquicultura pelo CAUNESP-UNESP e Pós-Doutorado em Crustáceos Decápodos pela Biologische Anstalt Helgoland, Alemanha. Entrei na UEMS em 1999 por meio de concurso público.

2. COMO SURTIU O INTERESSE EM PESQUISAR SOBRE O PANTANAL? QUAL A ÁREA TEMÁTICA DE SEU GRUPO OU LINHAS DE PESQUISA?

Em 2000 entrei para o mestrado e tive interesse em trabalhar com os camarões de água doce. A área temática é aquicultura de água doce e minha linha de pesquisa é aquicultura, crustáceos, carcinicultura e carcinologia.

3. TEM PARCERIAS DE PESQUISA COM ONGS, OUTRAS UNIVERSIDADES OU INSTITUIÇÕES DE PESQUISA?

Com ongs não. Tenho parcerias com universidades brasileiras (UFMS E CAUNESP). E internacionais (universidades de Portugal, Inglaterra, Alemanha, Chile e Argentina).

4. DE ONDE VEM O FOMENTO PARA SUAS PESQUISAS?

Fundect

5. AS PESQUISAS TIVERAM REDUÇÃO DE APORTE FINANCEIRO COM OS CORTES GOVERNAMENTAIS SOFRIDOS PELA CIÊNCIA/EDUCAÇÃO?

Sempre os recursos destinados a projetos estão mais reduzidos.

6. QUAIS SÃO AS DIFICULDADES DE FAZER PESQUISAS NO PANTANAL?

Acessibilidade no local de coleta.

7. QUAIS SÃO, EM SUA OPINIÃO DE ESPECIALISTA, AS MAIORES AMEAÇAS AO PANTANAL HOJE?

Exploração desordenada do turismo e falta de profissionalismo por parte dos hotéis e pousadas. Existem, mas poucos são profissionais.

8. AS PESQUISAS SOBRE O PANTANAL DÃO CONTA DA DIVERSIDADE DE PROBLEMAS EXISTENTES?

Não, ainda está bem incipiente.

9. HÁ ALGUMA MOBILIZAÇÃO POR PARTE DOS PESQUISADORES PARA CONTER AS DEGRADAÇÕES QUE AMEAÇAM O PANTANAL?

Existem vários trabalhos científicos publicados que mostram os caminhos para melhorar as condições ambientais. Entretanto isso não é um trabalho isolado, precisa de parcerias com as instituições de pesquisa e empresas envolvidas no setor ambiental e turístico.

10. ACHA QUE O CONHECIMENTO PRODUZIDO POR VOCÊ E POR SEUS COLEGAS TEM SIDO APROVEITADO PARA A DISCUSSÃO/ADOÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS NACIONAIS E ESTADUAIS?

São poucas as pessoas de interesse que tem acesso aos trabalhos científicos produzidos pelas universidades. Quando apresentados aos órgãos governamentais, existe pouco interesse uma vez que implica em redução na exploração comercial e turístico do Pantanal e isso pode gerar redução de lucros.

11. NA SUA PERCEPÇÃO, A COMUNICAÇÃO NA MÍDIA E NAS ESCOLAS PODE INFLUENCIAR O COMPORTAMENTO DA OPINIÃO PÚBLICA E AJUDAR A FREAR O IMPACTO AMBIENTAL NO PANTANAL? COMO AVALIA A QUALIDADE ATUAL DESSA COMUNICAÇÃO?

Esse processo ao meu ver está em estágio inicial. Há muito que ser trabalhado nas escolas. Precisamos ter uma mudança radical e social que envolva a mobilização de toda a comunidade.

12. ONDE COSTUMA DIVULGAR SUAS PESQUISAS?

Em revistas científicas internacionais com alto fator de impacto.

13. ACHA QUE É IMPORTANTE DIVULGAR PESQUISAS PARA O PÚBLICO LEIGO? PROCURA INCORPORAR A DIVULGAÇÃO EM SEU TRABALHO? QUAL É SUA MAIOR DIFICULDADE COM RELAÇÃO A ISSO?

Muito importante, mas tem pouca repercussão no momento. Temos feito entrevistas na rádio da cidade e notas em jornais locais, mas isso tem pouco alcance.

14. COMO VOCÊ VÊ O PAPEL DAS ASSESSORIAS DE COMUNICAÇÃO DAS UNIVERSIDADES E DE INSTITUIÇÕES DE PESQUISA PARA MELHORAR A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA? JÁ PROCUROU A EQUIPE DE COMUNICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO ONDE ATUA PARA DIVULGAR ALGO? COMO AVALIA O TRABALHO DE COMUNICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO ONDE ATUA? PODERIA MELHORAR? QUE SUGESTÕES FAZ?

As assessorias são importantes, especialmente para que os colegas saibam o conhecimento que está sendo gerado. Isso pode promover interdisciplinaridade dentro da própria instituição. Entretanto, geralmente a equipe é pequena e fica restrito a divulgação local dentro da universidade.

15. COMO É SUA RELAÇÃO COM JORNALISTAS QUE TRABALHAM NAS REDAÇÕES?

Tive acesso a jornalistas do setor de comunicação da UEMS. Foram sempre muito profissionais e diretos nos seus questionamentos.

Apêndice 5. Entrevista com o Professor/Pesquisador Arnildo Pott da UFMS

Mini perfil: Possui graduação em Agronomia (1971) e mestrado em Fitotecnia (1974) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutorado em Pasture Science (Ecologia Vegetal) na University of Queensland (1979) e Pós-doc no Royal Botanic Garden Edinburgh (1997). Foi docente na UFRGS de 1972 a 1980. Foi pesquisador da Embrapa de 1980 a 2008. Tem experiência na área de Botânica, com ênfase em Fitogeografia, Ecologia e Florística de Pantanal, Cerrado, Chaco brasileiro, plantas daninhas e pastagens naturais. Foi Professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal (2004-2007), Professor Visitante concursado no PPG em Biologia Vegetal (2008-2010), Professor Visitante Nacional Sênior da CAPES nos PPGs em Geografia (Campus Três Lagoas) e Biologia Vegetal (2010-2015), Docente Visitante Sênior bolsista (2016-2018) nos PPGs em Biotecnologia e Biodiversidade, e em Biologia Vegetal, e atualmente Professor Visitante concursado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. **Fonte:** Currículo Lattes - <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4721986P1>

1. ME FALE UM POUCO SOBRE SUA FORMAÇÃO DE PESQUISADOR E COMO O SENHOR VEIO TRABALHAR AQUI NA UFMS?

Bom, eu nasci em 46e naquela época depois de cinco anos de escola primária aí vinha o ginásio, que hoje acho que são três anos do ensino básico/fundamental, mas naquela época eram quatro de ginásio. E eu pensei, ah não vou pro ginásio, lá tem latim, inglês, francês, álgebra e gramática. Eu queria uma coisa mais palpável e abriu uma escola agrícola criada pelo Brizola que era o governado do Rio Grande do Sul. Só que o Brizola tinha ideias próprias e era pra ser um curso de técnico agrícola de primeiro grau que o MEC nunca reconheceu. E o ano era pra começar conforme o calendário agrícola, depois do inverno, então que só abria em setembro a escola. Nesse tempo eu fiz uma tal de sexto ano, que era o sexto e o sétimo ano que era só matérias mais condensadas e práticas, então cálculo de juros, coisas assim. Bom, daí eu fui pra escola agrícola, na segunda semana chega uma coleção de mudas e sementes com os nomes científicos. Peguei um caderno novo e comecei a copiar os nomes científicos e um professor disse ‘para com isso, não vai te servir pra nada, tu vai ficar louco’. E o diretor que era agrônomo disse, ‘deixa ele, ele já tá louco por isso’, e ele me incentivava ‘você tem que estudar’. E depois eu patinei alguns anos porque essa escola não dava sequência pra continuar a estudar, era pra depois a pessoa ir trabalhar em fazenda ou ser agricultor mesmo. Mas aí o curso fechou, eu fui a turma que terminou, só que os que não terminaram eles tinham direito a conseguir uma bolsa pra terminar em Teutônia onde tinha uma igual, ou parecido. Aí só cinco quiseram. O diretor disse ‘você não quer uma bolsa? Se eu fosse você eu iria’. Eu fui, e com 16 anos sair de casa, isso muda a cabeça. De lá também não dava sequência, mas daí eu recebi um telegrama de que nos aceitariam em Viamão, lá tinha uma escola agrícola dentro dos moldes do MEC. Chegando lá eles olharam o histórico, ah você não teve história, geografia. Já que tinha ido até lá de trem, eu fiquei. E como eu já sabia aquelas disciplinas então eu estudava a frente sempre, principalmente botânica que nem era disciplina. Ali perto tinha uma escola técnica-agrícola de nível médio e tinha um vestibular pra entrar lá. Aí a nossa turma passou tudo em primeiro lugar e lá daí já tinha algumas disciplinas, silvicultura, floricultura que lidavam com nomes de plantas. Eu sempre tava a frente dos professores e aí conheci alguns que já tinham ido fazer Agronomia. O que eu queria mesmo era História Natural como se chamava a Biologia antigamente. Porque no Brasil não existia e não existe até hoje, faculdade de Botânica. Você pode fazer Botânica como pós-graduação. Aí, antigamente, como não tinha biólogo, os botânicos ou eram agrônomos, médicos, farmacêuticos. Então eu podia fazer agronomia e me tornar botânico também. Dali já piquei pro mestrado em pastagens naturais onde a gente precisa saber muita botânica. E terminado o primeiro semestre do mestrado o Professor de botânica já me chamou como professor horista, que é hoje o substituto, que não é carteira assinada, não tem férias, então já foi uma boa experiência. Depois eu passei no concurso pro departamento de Botânica (UFRGS), mas daí eles queriam que eu trabalhasse na Agronomia, em pastagens naturais. Hoje você consegue transferência até entre universidades. Na época pra mudar de departamento tinha que fazer outro concurso. E aí, como eu tinha recém mudado de departamento o chefe do curso disse ‘olha, a oportunidade de você sair pro doutorado é agora. Depois você vai ficando envolvido aqui e fica complicado’. E aí um professor tinha estado na Austrália, gostou muito, tinha contatos, aí eu fui pra Austrália, fiz meu doutorado lá. Mas na volta eu me desiludi. A universidade tinha mudado, o vestibular entrava pessoas que não queriam Agronomia em primeiro lugar, e dobrado o número de alunos. Daí eu fui pro Pantanal e resolvi ficar. Fiquei uns 20 anos em Corumbá, depois mais 8 na Embrapa aqui em Campo Grande e aí a Embrapa praticamente forçou os que tinham tempo de aposentadoria. Mandou embora os velhos e ainda pagava. E eu já era colaborador aqui da pós-graduação em Biologia Vegetal e aí vim pra cá. Só que daí aqui tinha que fazer concurso e aí tinha que reconhecer o diploma estrangeiro. E também o contrato por dois anos, daí fui bolsista da CAPES 4 anos. Depois fiquei como voluntário agora sou bolsista CAPES-UFMS outra vez.

2. COMO O SENHOR VÊ O PAPEL DAS ASSESSORIAS DE COMUNICAÇÃO DENTRO DAS UNIVERSIDADES E DAS INSTITUIÇÕES DE PESQUISA?

É difícil, vamos dizer, alguém que é daquele pesquisador que só fica no laboratório ou só no campo e também fazer ainda divulgação. Mas ela é essencial, necessária. Se tiver um setor que é assessorio, que traduza essa linguagem, principalmente pra criança, que seja mais lúdico. Então isso é importante. Aqui na Botânica, nós já, junto com o Paulo Robson, a gente já fez matérias pra Ciência das Crianças. A televisão é um veículo muito poderoso. Material impresso muitas vezes ele não tem tanto alcance. Hoje ninguém guarda mais nada, é tudo descartável. Talvez, essa informação impressa, se ela for posta

eletrônica ainda funciona melhor, todas essas ferramentas que existem na internet. Porque hoje as pessoas querem tudo na mão, acessar no celular. Alguém fala, “ah, você conhece pitanga?”, “ah, deixa ver”, chama aqui já vem uma foto. Claro também que tem que saber filtrar porque tu põe pitanga aparece também o nome de uma artista chamada pitanga, mas é, nos últimos anos houve uma grande transformação, ao da minha geração ainda tem uma certa dificuldade de lidar com essas ferramentas. Semana passada no evento de serviços ecossistêmicos... não foi no de frutos, alguém falou se você lê você guarda, sei lá, 1%, se você assiste uma palestra você guarda 5%, se você vê um documentário na TV você guarda 10%, e se você faz você guarda 50% e se você ensina você guarda 100%. Então todas as etapas são importantes. A visitas de alunos nos laboratórios ajudaria os jovens a decidir por que carreira. Porque hoje é tudo muito instável, a pessoa começa um curso superior “ah, mas não era bem isso o que eu pensava que fosse”, daí muda. Então se tivesse mais informação anterior seria melhor. O que faz o biólogo? Quais são os campos de atuação. Por exemplo o Professor, já está tão mal falado o salário dele que as pessoas nem almejam ser professor, mas muitos tem essa vocação. A gente nota na seleção do mestrado, que eles têm que apresentar seu projeto, e alguns você vê “ah, esse aí vai ser professor”. Talvez ele nunca vá ser na prática, mas... por exemplo na área médica, alguns médicos se destacam e aparecem na televisão, e aí ele consegue explicar uma doença complicada, que que é aquilo e o que fazer. Então na nossa área muitas vezes, com plantas, o que nasce sozinho não é valorizado, “ah, isso é mato”. Eu sempre digo, a gente planta o mato dos outros e os outros plantam o mato da gente. Até o ipê mais plantado, o ipê rosa, é da América Central e é um trambolho. A pessoa planta na frente da casa, daqui dez anos vai lá nos fios, no telhado. Ou por exemplo, o valor de áreas úmidas, as veredas, aquilo são estoques e filtros de água. A água de Campo Grande é uma das melhores águas do Brasil. Você pode tomar da torneira, porque ela é filtrada lá nas veredas do Guariroba e de outras bacias que tem uma contribuição menor. Mas se tivesse mais esclarecimento donde realmente vem a água... o córrego não nasce pronto, o rio também não. Então se as crianças vissem isso na escola, na TV, ou na visita a universidade, elas poderiam dizer pros pais, “pai, não faz assim, deixa essas árvores”. Vamos dizer assim. Vamos dizer assim, o retorno à natureza, ele não é mais possível e ninguém quer também. O brasileiro gosta de ver a natureza na TV, sem mosquito, sem carrapato, sem espinho. Já anglicanos, canadenses, outros, gostam de morar dentro do mato, australianos também, mas dá pra ter um meio termo.

3. COMO O SENHOR ACHA QUE A CT&I PODEM AJUDAR NO MOMENTO DE CRISE DO PAÍS? A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA PODERIA AJUDAR AS PESSOAS NESSE MOMENTO?

A comunicação com a sociedade em geral é mais fácil do que com os políticos, porque o político é muito volúvel. Se a sociedade talvez cobrasse mais nesse aspecto eles prestariam atenção e outra é que são muito imediatistas. A pesquisa ela é de longo prazo. Dificilmente você vai fazer pesquisa sobre um novo remédio em um ano. Isso não existe, mas pessoas muitas vezes não entendem, acho que se explicar, mostrar porque demora... houve épocas que pra ser ministro da saúde era médico, pra ser ministro do meio ambiente, tinha que ter uma profissão ligada a isso. Isso não se vê. Então esses cargos de alto comando aí se baseiam na opinião dos que estão em volta, os assessores, aí os assessores também não são pessoas preparadas. E existe umas sociedades como a Sociedade Brasileira do Progresso da Ciência, que de certo modo era pra fazer essa ponte entre a universidade, as instituições de pesquisa, com os que decidem, mas eu não sei... Eu fui duas vezes na SBPC e eles mais criticam, denunciam coisas que estão mal. Também virou, como se diz, tem um viés ideológico dentro, geralmente sempre contra o Governo. Se você é contra já não vai ser ouvido. Mas eu nunca me interessei por administração, talvez tenha sido um erro, devesse ter sido mais... não tão só fazer a pesquisa, mas também o de lado de fora, mas cada um tem um perfil. Eu fugia de entrevista, porque distorciam ou pegavam lá só um pedacinho do que eu tinha dito. Eu sempre fui da retaguarda. Por exemplo, lá na Embrapa Pantanal, eu era do comitê de publicações, porque a Embrapa tem um controle sobre o que se publica, não é simplesmente eu botar ideias próprias e divulgar como sedo oficiais. Na universidade isso é muito mais livre. Claro, se você publica em uma revista tem o crivo da própria revista. Fazia parte sempre, também, dos conselhos técnicos, mas era técnico né, não era de divulgação. Depois a Embrapa criou um diretor de comunicação e negócios. Aí já, também pesquisadores que tinham que tinham esse perfil de ir nas exposições agropecuárias e dar palestra e isso foi muito bom pra Embrapa também, esses canais rurais que às vezes só passa de madrugada e isto é outro benefício, esse contato com os clientes, que é o retorno. Que eles vão falar “o que vocês estão pesquisando, isso não é nosso problema, o problema é outro. Um exemplo disso foi o meu

orientador australiano que ele tinha um projeto de pastagens pra gado leiteiro na Tailândia. Colocava pastos embaixo de coqueirais e esse algo a mais sem atrapalhar a produção de coco, ia proteger o solo. Mas eles não adotaram pra produzir leite. E aí ele perguntou, _mas o que tá acontecendo? E o cara, _você quer sinceridade? _Claro! _Leite nos dá dor de barriga. Era melhor pesquisar aves ornamentais, nós somos apaixonados por aves ornamentais. Mas o trabalho de pesquisa aplicada, ele de certo modo é mais fácil de falar pra sociedade, é mais palpável, e os produtores são os diretamente interessados. Já, vamos dizer, a pesquisa básica, que é necessária, pra você explicar pro produtor que você está pesquisando as moléculas da saliva do carrapato, isso pra ele não tem interesse nenhum, quando essa saliva poderá ser um remédio. Como sanguessuga voltou a ser usada no controle de problemas de circulação.

4. COMO VOCÊ PERCEBE QUE A UNIVERSIDADE VEM LIDANDO COM OS CORTES DE RECURSOS PARA PESQUISAS?

Por exemplo, na Embrapa no início o dinheiro era 100% governamental. Aí, com as dificuldades a Embrapa começou a vender projetos. Então essa é uma tendência. Tem um risco também, porque pode, vamos dizer, grupos que não tem o mesmo interesse da universidade, financiar pesquisa e você ter que dançar conforme a música. Por exemplo na Embrapa, nós fizemos um livrinho sobre a identificação das invasoras de pastagens na região do Cerrado. Eles tinham direito a um capítulo onde eles dizem que estética é uma razão pra aplicar herbicida. É, a pastagem tá feia, tem arbustos, mas os arbustos têm passarinho, tem abelhas...e nós colocamos 40 páginas pra dizer que as invasoras não são só invasoras, elas podem ser medicinais, podem ser comestíveis, servem a polinizadores, dão o mel, controle de erosão, recuperação de áreas. Eu me lembro de uma frase que nós colocamos assim, “invasoras ou maravilhas da evolução”. Por exemplo, tem o araticum-marrom, você pode tirar com o enxadão meio metro de profundidade, ele volta. Quer dizer, como planta indesejada para o pasto ele é terrível, mas como sobrevivente é fantástico. Eu ficava olhando os barrancos de estrada, um colega disse ‘você tem que ser louco, ficar olhando barranco de estrada, não tem nada’. Você que não vê. Esse araticum brotando de raiz a quatro metros de profundidade. É parecido com a pinha, fruta-do-conde, são tudo parentes. Mas pra produzir a pinha, essa cultivada, você precisa das nativas próximas pra que os besouros que são os polinizadores fiquem vivos o ano inteiro. Por exemplo, pra produzir maracujá, você tem que ter mamangava. Pra mamangava procriar você tem que ter troncos podres. Então eles colocam troncos lá na plantação, mas se você tiver uma floresta perto é melhor. Então isso também é algo que... as pessoas ouvem falar que está tudo interligado, mas isso não tá muito assimilado né, o quanto isso tá ligado. De a pessoa em casa abre a torneira, mas ela não pensa que pra encher o copo o buriti lá tem que tá vivo. E o buriti vai ter a arara azul. Então se numa época que não vai ter o fruto do buriti, a arara vai comer castanhas de árvores da cidade. Tem uma aí que é a chapéu de sol, sete copas, e é uma árvore de Madagascar, africana. Mas os animais, eles procuram recurso similar. Essa castanha é parecida com de cumbaru que eles conhecem, então são espécies que se adaptam. Muitas plantas ornamentais bicho nenhum come. É só venenosas, por isso que elas tão aí. A formiga não come, lagarta não come. Mas, nós estávamos na Austrália e tinha uma cerca viva de pitanga na universidade. Um pitangão assim, e nós baixamo lá pra comer. As pessoas passavam, olhavam, até que um perguntou ‘vocês tão seguro que isso dá pra comer, que isso não é venenoso?’. Não, prova aí, ‘não,não,não,não. Nunca vi isso em supermercado’. Então isso foi a quarenta anos. Nós não chegamos nesse ponto. As pessoas em uma geração se tornaram praticamente 100% urbanas.

5. DE MODO GERAL OS CORTES AFETARAM SUAS PESQUISAS?

Primeiro corte foi no bolso, que minha bolsa terminou e não foi renovada, e quando ela foi renovada ela foi pra vinte horas, quer dizer, pra metade, e não é por isso que eu vou trabalhar menos. Hoje é frequente assim ah, o projeto é muito bom, mas não foi considerado prioritário. Quando é Amazônia, dada a importância, o tamanho, o desafio, a prioridade é a Amazônia. E quando é Centro-Oeste, às vezes a gente perde aqui no MS por tá o estado mais longe de Brasília. E quem está mais perto, tá de carro, vai lá, senador no braço... E aqui é um estado novo também.

6. NESSE SENTIDO O PANTANAL TERIA MENOR IMPORTÂNCIA?

Não. Muitas vezes... agora teve um edital direcionado pra Pantanal. E nós perdemos o prazo, porque era um prazo tão curto e era um projeto mais... ele envolvia também o social. Hoje pra você ter um projeto com grupos sociais tem todos protocolos que demoram a passar em comitês de ética. Você não pode deixar pra última semana. O que tem é também muita propaganda das ONGs. Ah, tal ONG aí descobriu tantas novas espécies. Muitas vezes ela deu um dinheirinho lá pra uns abnegados que

acharam essas espécies, mas fica com a bandeira deles. Eu me lembro o livro de plantas aquáticas. O presidente dessa ONG tinha ido ao Pantanal, a gente ficou três dias com ele lá. Depois ele disse, bom qualquer coisa passa lá. Aí nós passamos lá com o manuscrito e não financiaram. Por exemplo, o mapa do Pantanal. Nós temos o do Brasil, o do organismo do Paraguai tem o mapa do Pantanal do Paraguai e assim da Bolívia. Aí uma ONG chega e junta os três e põe o selo, é o mapa dessa ONG. E assim faz da América do Sul, faz da Bacia do Prata. Não que isso não seja útil, mas é uma certa apropriação de trabalho de outros. Claro, em pesquisa isso é normal, não se começa do zero, a gente vai acrescentando parcelas e tem muito trabalho de colaboração. Tem muita competição também. Até, às vezes você submete um artigo e vai pra um revisor que é concorrente. Ele vai encher de defeito. Nós já submetemos um projeto uma vez, e que não foi aprovado. Dois anos depois nós vimos a mesma ideia usada por alguém que possivelmente foi revisor daquele projeto. Existe geração simultânea de ideias, isso existe.

7. COMO SURTIU SEU INTERESSE EM PESQUISAR O PANTANAL?

Eles (Embrapa Pantanal) precisavam alguém em pastagem nativa, então eles já vinham convidando... que eu ainda tava na UFRGS. Aí teve um fator, que meu irmão já trabalhava lá no Pantanal e nós fomos visita-lo. E aí deu uma vaga numa Toyota que ia pro Pantanal, eu fui junto. E quando eu voltei a Vale me viu de longe assim e ela disse 'já sei, vamo vim pra esse fim de mundo'. Era um fim de mundo. Estrada de chão, balsa, não tinha supermercado em Corumbá imagina. E aí eu fui em princípio pra dois anos que era o tempo que os pesquisadores novos ficavam depois eles tratavam de ir embora. Terminando, ficamos 20. Mas em dois anos no Pantanal você recém começa a entender um pouquinho. Claro que com 20 ainda não entendo tudo. E depois que viemos pra Campo grande tivemos projetos em que nós viajamos todo o Pantanal. Porque pra ir pra todo o Pantanal você não precisa morar em Corumbá. De Corumbá a Cáceres, ou você vai de barco, ou você tem que ir por aqui, Campo Grande-Cuiabá-Cáceres. A mesma coisa pra ir pra Porto Murtinho ou Paiaguás. Paiaguás tem um rio, que foi o Rio Taquari, agora tem uma ponte, mas você tinha que dar a volta Campo Grande-Coxim. Então foi um ano teve muito seco, mas andamos o Pantanal de Sul a Norte, quase tudo por dentro. Pra mapear a vegetação. O Pantanal é assim, no início você se encanta. Aí as condições são tão duras que você começa a se questionar, será que vale a pena? Depois você tá tão dentro do Pantanal que você não consegue mais sair. Então hoje muitas vezes nos chamam pra falar de Pantanal mesmo a gente já não estando diretamente todo o tempo lá. A FAPESP fez uma série de palestras, que estão online, dos biomas brasileiros. Daí eles chamaram do Pantanal um pra flora que fui eu, um pra fauna que foi o Walfrido, e um pra peixes que foi o Sabino. E assim da Amazônia, Cerrado.

8. VOCÊ TEM LINHAS, OU GRUPOS DE PESQUISA ESPECÍFICOS DO PANTANAL?

Quando eles não sabem pra quem dar um aluno aí que não se encaixa em nenhum outro daí passa pra mim. Mas eu já tive um menino em abelhas nativas. Ele fez depois doutorado em abelhas, ele fez um sanduíche na Alemanha, daí ele fez um pós-doc na Alemanha e o orientador dele gostou tanto dele lá que convidou pra mais um ano de pós-doc e hoje ele é professor bolsista na UFGD. Em Três Lagoas eu tinha uma menina que fez as plantas medicinais e sua relação com o turismo em Três Lagoas. Duas meninas fizeram efeito de mata ciliar em pequenos córregos lá em Três Lagoas, mas assim o maior número de desorientados, eu chamo de desorientados (rs), foi em banco de sementes. Isso é algo que me encanta, banco de sementes, porque ali está digamos a chave pra geração. Você pode arrasar uma vegetação, mas se tem banco de sementes há o retorno. E o banco de sementes no Pantanal eu digo que ele é flex. Se o Pantanal secar ele estoque. Se ficar só cheio ele tem estoque também. E se encher normal, isso varia durante o ano também. Hoje teve uma defesa de tese da Franciele, ela pôs solos em bandejas dentro de tanques e fora de tanques. E fez o contrário também, deixou no tanque, vê o que vem, depois deixa fora do tanque e aí vem outras plantas. E quando se põe pra germinar não nasce tudo, fica ainda uma reserva, então ela peneirou, lavou, isso dá um trabalho. Porque tem sementes, elas são zero zero milímetros, então você tem que olhar na lupa, daí identificar o que é. Começa você indo na natureza e coletando o que se conhece e aí faz os seus padrinhos. Mas o banco de sementes ele tem mais coisas do que tem em cima do solo guardado de um outro tempo mais seco, mais cheio, ou que veio de outro lugar. Não sei se você já entrevistou o colega Geraldo sobre arroz. Então, o arroz como é uma semente grande eu imaginava que cai e germina naquele ano. O Evaldo, que fez mestrado comigo em banco de sementes, um tirou as amostras de zero a três, e ele tirou uma pouco mais fundo, acho que de três a dez. Tinha semente de arroz enterrada sabe lá quantos anos. Pôs na bandeja germinou. Leguminosas, da família do feijão, elas tem sementes duras em que a água não penetra, e se

ela fica submersa ou enterrada, pode ficar 20, 30 anos. Quando uma lagoa seca, o que nasce de coisas ali que não é via água é impressionante. E aí enche aquelas morrem e começa a nascer as da água. Começa a vir orelha-de-onça, até peixe. Daí que o cara lá do Pantanal fala que chove peixe. Não tava ligado com rio nenhum dali uns dias tem peixinho. Eles ficam dormentes, enterrados.

9. QUAIS SÃO AS DIFICULDADES DE FAZER PESQUISA NO PANTANAL?

Primeiro o acesso. O Pantanal não tem estradas, tem caminhos. Nesse evento de semana passada, uma [pesquisadora] de bactérias mostrou o veículo pregado na areia, que não sabia. Quer dizer, então é completa novata em Pantanal. Qualquer um no Pantanal sabe que na cheia ele vai ficar na água e na seca vai ficar areia. Então os veículos antigos, aquelas camionetas barulhentas e pouco confortáveis, ainda eram melhores do que as camionetas modernas, toda confortáveis. E você tem que ter a ajuda de um local, um pantaneiro. Eles têm um senso de orientação fantástico. Ele não se perde no campo onde parece tudo igual, porque é um mosaico repetido. Você tem uma lagoa, daí tem uma cordilheira, do outro lado de novo campo, lagoa, cordilheira, e isso não é em linha reta. Então o acesso, você tem que ter barco. Muita gente acha que ter um barco daqueles que tem no Pantanal dos EUA, o airbolt que ele tem a hélice fora da água que isso anda em qualquer lugar. Não anda! Em Corumbá um tinha um desse, mas nos Everglades não tem toco. No Pantanal de repente no meio de uma lagoa tem um toco de árvore, porque teve uma época mais seca quando cresceu árvore. E avião pequeno de asa alta, porque tem arbustos, tem pistas de areia. Cavalos muitas vezes, a pé... então você chegar em um lugar muitas vezes já é um drama, e isso varia durante o ano. Por exemplo, esse meu desorientado de abelhas nativas ele não conseguiu ir na cheia. Bom esse trabalho custou a ser aceito porque não tinha regularidade mês a mês, ficou dois meses sem ir. Então o examinador lá de fora não entende isso. É quente e tem seus riscos. Pessoal pensa que o maior risco é a onça, não é! É abelha africana. Eu já nadei em lugar que tem piranha, mas depois que um filho de um funcionário da Embrapa foi comido pelas piranhas hoje eu tô mais cauteloso.

10. VOCÊ TEM REDES DE COLABORAÇÃO COM OUTROS PESQUISADORES, PARTICIPA DE GRUPOS DE PESQUISA?

Eu devo fazer parte de uns quase 50 projetos. E redes de pesquisa acho que são cinco. Uma é da Química, de produtos naturais, outra é da Veterinária, de plantas tóxicas, uma outra a coordenadora é de Sinop, de flora neotropical, aqui nós temos uma também de Pantanal-Cerrado-Chaco-flora também. Aí faço parte também de uma da Embrapa Recursos Genéticos. Mas eu sou meio burro de carga, eu vou aceitando mais do que dou conta. Quando submetem projeto eles perguntam ‘quer participar?’. Porque os avaliadores de projetos eles também veem quem são os proponentes, se tem massa crítica que chamam. Pra escrever artigos mesma coisa, daí geralmente minha participação é colocar em inglês e dar umas polidas, mas se ele não tá bom em português é difícil fazê-lo bem em inglês. Eu era líder de uma [grupo] mas no ano passado eu acho que perdi o prazo de atualizar e aí ele cai, porque você tem que todos os anos colocar o nome dos alunos que participam. Mas essas redes elas são mais formais que funcionais. Às vezes você tem pessoas na rede passa ano passa ano você nem contribuiu nem recebeu... por isso que digo que é mais formal.

11. PRO SENHOR QUAIS SÃO AS MAIORES AMEAÇAS AO PANTANAL?

São as ameaças da Alta Bacias de fora. O primeiro grande impacto, mais que visível foi no Rio Taquari. Hoje tem um outro mais sutil que é... os tradicionais, os jovens não querem mais essa encrência porque ele é de baixo rendimento por hectare, e é muito sacrifício manter a estrutura. Em 1980 um economista colega nosso fez um levantamento demográfico, havia 1 mulher para cada 7 homens. Hoje deve ter dobrado, porque as mulheres não querem ficar lá no mato. Porque não tem escola. Ou os peões são solteiros, ou os casados tem família na cidade. Algumas fazendas têm escola, mas tinha mais. O Pantanal antigamente tinha muito mais gente. As beiras dos rios eram habitadas, cheia de rocinha. Hoje não pode mais fazer roça na beira do rio. Quem não sabe nem enxerga que ali teve roça. Por exemplo, uma escola, geralmente professora. Ela começa a se sentir mal todo dia aqueles peões todos olhando. O recurso de saúde também é difícil. Nós trouxemos um menino que havia sido picado por aquela jararquinha do Pantanal, que é aquela boca de sapo. Então acho que aconteceu de madrugada, ele já chegou de tardezinha na fazenda da Embrapa e não tinha tomado remédio nenhum, só aquelas coisas, fumo e querosene. Nós fomos numa fazenda, era uma fazenda tradicional, mas foi vendida para um grupo de fora. Em vez de andar a cavalo eles estavam usando moto. Então aquele vaqueiro tradicional tinha mudado completamente. Eles usavam cavalo no fim do dia pra fazer corrida. Se você troca o vaqueiro, ele só come carne bovina ou suína do porco monteiro, que é uma espécie que

não é nativa lá, ou dos seus parentes, queixada, catetu, quando [eles] estraga a mandioquinha da roça dele. Aí você traz alguém de fora que come até papagaio. Aí em Miranda tinha um que diz que o melhor que ele já tinha comido era filé de peito de filhotão de tuiuiú. Então as parabólicas já tão também mudando a cultura. Mas pelo menos ainda o cara vê a parabólica a noite e de dia ele sai no seu cavalo. Eles enxergam o que a gente não enxerga, ele lê o chão: aqui passou a onça, aqui passou uma cobra, aqui passou um tatu. Isso é a vivência deles desde pequeno e um me falou assim 'vai esfriá', eu disse 'não parece. Por que você diz isso?', 'as vaca tão berrando e indo pro mato'. Esfriou! Eu saía com um pescador tradicional. Ele lê a superfície da água, 'ah, boiô tal peixe', pelo tipo de movimento de ondinha ele já sabe que peixe que é. 'Ah, ta comendo tal coisa, então não adianta nós pescar com essa outra'. E já houve casos de pessoas com temporal virar o barco e morrer. O famoso arquiteto Gil de Camillo morreu assim, de hipotermia. Sabia nadar tudo, mas molhado, muito frio, hipotermia. O que eu aprendi com o pescador, você tá com barco pequeno, vai pra dentro do camalote. O camalote ele abafa. Tudo chacoalha, mas não vai entrar água no seu barco. Tem o que eles chamam estirão, lugar onde o rio não tem curva. Quando dá o vento sul, dá ondas vai assim de três metros. E nós tava num navio desses de dois andares, ele encostou. Marrequinhas que tavam voando mergulharam, pousaram no rio. Recentemente eu fui numa tese na Geociências da USP, eles descobriram uma linha reta e dois tipos de vegetação, você vê na imagem uns 50km. Isso é completamente fora do comum no Pantanal, então é uma fratura geológica, que tá centenas de metros lá pra baixo. E até ali foram os sedimentos do Rio Taquari, areia, e de lá vieram os sedimentos do Rio Cuiabá e outros com sedimentos mais finos, e ali tem terremoto. Teve uma vez no Pantanal que parecia que tinha dado uma trovoada seca, não tinha uma nuvem. Ué, estranho, parece uma trovoada. Daí o peão disse 'trovoada dentro do chão'. Então eles ouvem muito bem, mais do que nós. A gente tava na pista esperando o aviãozinho, ele escutava minutos antes da gente. E fala 'tah urrando'. Ou um animal, por exemplo quando eles estão caçando porco. 'Tá vindo, tá vindo'. Mas você não escutou nada.

12. AS PESQUISAS QUE ESTÃO SENDO FEITAS NO PANTANAL DÃO CONTA DOS PROBLEMAS QUE EXISTEM NO BIOMA E PRA ADOÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS?

Isso foi o tema desse seminário da semana passada. Houve mais ou menos um consenso de que a pesquisa ela é muito segmentada, pontual e heterogênea, então tem áreas em que o conhecimento sobre o assunto é maior, digamos aves, mamíferos. Já de outros grupos há bem menos. No caso da Botânica, as chamadas plantas superiores, essas plantas que dão flor semente, acho que já temos um... não vou dizer completo, porque nunca é completo, mas um levantamento bem substancial nesses 37 anos. Claro, não começamos bem do zero, mas não havia muita coisa quando começamos. Ecologia por definição deveria interligar tudo isso, mas também a Ecologia ficou um pouco fragmentada. Um estuda Ecologia de morcegos, outro Ecologia de formigas, outro Ecologia de peixes, e assim, vamos dizer, o que rege o sistema, que é a sazonalidade, cheia-seca, que é o pulso de inundação... que pulso de inundação não quer dizer só inundação. A não inundação é parte do pulso. Então aí nós temos gente que estuda só clima, gente que estuda só a qualidade dos rios, a água, outro estuda espécies exóticas que tão entrando. E entra de diversas maneiras, navios trazem, pessoal que vai pescar traz minhoca de lá não sei aonde com terra e joga lá, quer dizer como o solo vai nematóides, vai fungos, vai bactérias. De certo modo a alta bacia já despeja muitas dessas espécies lá e o Pantanal depois filtra. O Pantanal é bem severo, não é qualquer espécie que vai pra frente. O número de pesquisadores é relativamente pequeno.

13. E VOCÊ ACHA QUE ESSE NÚMERO ESTÁ AUMENTANDO?

É, cada vez tem mais cursos de Biologia, as pós-graduações nas áreas. Aumenta, mas não na velocidade que deveria. Por exemplo tem alguns pesquisadores no Paraguai, tem alguns pesquisadores na Bolívia e a gente pouco interage. Agora pra essa de frutos nós trouxemos uma especialista em palmeiras da Bolívia. Ela já fez parte de bancas de pós-graduação aqui, pessoal daqui foi num congresso de Botânica na Bolívia. Argentina também tem. Argentina era muito mais avançada em Botânica do que nós, só que depois com os governos de lá o pessoal foi embora e não renovou.

14. RECEBEM APOIO DOS ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS PARA AS PESQUISAS?

Sim, mas não tanto quanto poderiam ou deveriam. Vários projetos de mapeamento da vegetação do Pantanal e do MS foram através do Imasul. Recentemente temos o Projeto Biota MS, mas também os recursos estão travados e a coisa não tem andado. Na parte de bolsaseu acho que tá funcionando, a FUNDECT tem dado bolsa às pós-graduações aqui e também pra pós-doc, mas podia ser mais né?!

Por exemplo, uma bolsa de pós-doc ou de pesquisador sênior ela é mais, mas ela também rende mais. Você traz um cara já com experiência e que tem interesse de fazer um bom trabalho pra publicar. O mestrando às vezes ainda tá engatinhando. A prestação de contas da FUNDECT às vezes é mais complicada que a CAPES e CNPq, não sei por quê. Eu tive que devolver o dinheiro quatro anos depois por causa de uma nota. Porque era assim, fazia uma compra com o dinheiro do seu projeto, mas na nota tinha que constar o seu CPF, então cada vez que você ia na loja você tinha que recadastrar o nome FUNDECT, porque tava no CPF do outro pesquisador. Numa dessas eu não prestei atenção, esse dinheiro eu tive que devolver com juros, correção. Ah tem que ter rigor, mas às vezes tem excesso eu acho.

15. O QUE O SENHOR ACHA QUE PODERIA SER FEITO PRA AMPLIAR O CONHECIMENTO SOBRE O BIOMA E DE ALGUMA FORMA CONTRIBUIR PRA FREAR A DEGRADAÇÃO DO BIOMA?

Na semana passada cada especialista de certa forma fez o seu onde estamos e para onde vamos. E foram mais ou menos unânimes em um item que é coleções. Então se você fortalece coleções, se você coleta em muitos lugares e não assim muito ao redor de onde estão os pesquisadores você consegue saber a distribuição e inferir sobre possíveis locais onde uma espécie ocorre e com isso ver se ela tá aumentando, diminuindo, de vários acontecimentos. As coleções elas precisam pessoas. Por exemplo você coleta uma planta ela tem que ser secada, desidratada, depois ela é colada numa cartolina, ela tem que ser identificada, o que pode levar segundos ou dias, às vezes anos, porque se ninguém domina, tem grupos que são complicados, muitas espécies parecidas, daí só um especialista. Então, ou você manda o material para o especialista, se ele tiver tempo e se for seu amigo ele vai olhar, ou convidá-lo pra vir aqui, e custa passagem, hotel. Então é um processo de construção de coleções. Hoje nós temos aqui a maior coleção de plantas do estado, em torno de 60 mil números já no sistema e tem outras ainda em sacos do jeito que vieram do campo. O herbário está sendo colocado em uma plataforma online e você põe o nome de um gênero, digamos você põe o nome do gênero dos ipês ele te dá a lista do que já foi coletado no estado, por quem, em que data, onde está. E assim a coleção zoológica. Mas tem ainda muitos que vem coletar e não deixa nada aqui, vai pra outros estados. Pra ir pro exterior já hoje tem regras. Pesquisador estrangeiro tem que ser acompanhado por um nacional e tem que ter aprovação do CNPq, também não dá pra fechar o Brasil, porque a pesquisa não tem fronteiras, mas tem materiais que são proibidos de sair, orquídeas, cactos. Bom, então coleções, aí você precisa as pessoas que entendem pra cuidar da coleção, que se não vai ser só um amontoado de plantas ou de animais. Aquilo tem que tudo no seu armário certo, na sua gaveta certa. Então isso é útil pra material didático você vai dar aula de uma família, você e a pasta lá e você consegue mostrar, porque nem sempre consegue dar aula no campo ou nem sempre quando você vai ao campo, você vai encontrar aquilo com flor ou com frutos. Alguém da fauna quer saber o que um determinado animal come durante o ano, plantas digamos. Ele entende do animal, não das plantas. Então, traz as folhas pra identificar e se a gente não reconhece, bom isso talvez seja tal família, aí dá uma olhada na coleção. Se ele come frutos aí já é um pouco mais complicado, porque mastiga aí fica aquela maçaroca de coisa, ou se sai nas fezes, sementes. Você pode por exemplo identificar o que a capivara comeu pelos restos de plantas nas fezes. Isso tem um nome bonito, microestologia fecal. Mas pra tudo você tem que ter os padrões pra comparar, com o tempo espera-se tornar isso mais acessível. Toda vez ir na gaveta procurar e trabalhoso, demorado, nem sempre você acerta de cara aquele o grupo a que aquilo pertence, mas aí vai fazendo um banco fotográfico, um banco de imagens. Hoje eu posso visitar um herbário sem ir àquele herbário, claro, não é a mesma coisa do que eu olhar o material. Às vezes só de passar o dedo assim você reconhece uma lixeira, é uma lixa.

16. TRABALHANDO ESSES ANOS TODOS COM O HERBÁRIO VOCÊS TEM ATIVIDADES COM ESCOLAS, DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA?

Sim, quase todos os anos tem. Aí também é interessante você ter a pessoa certa. Nós tínhamos um menino aqui, mas daí no concurso, fizeram o concurso pro herbário em português e matemática, e ele daí passou pra Chapadão do Sul, perdemos. Mas ele era um apaixonado assim, tinha uma didática, um entusiasmo pelas crianças. Nós tivemos uma ex-mestranda que foi dar aula no Colégio Militar, ela trouxe os alunos, nossa que disciplina, você não ouvia bagunça, levantavam a mão “posso fazer uma pergunta?”.

17. VOCÊ ACHA QUE A COMUNICAÇÃO PODE INFLUENCIAR A OPINIÃO PÚBLICA E AJUDAR A FREAR OS IMPACTOS NO PANTANAL?

Poder pode né?! Existe também um pouco de informação distorcida. Por exemplo, falaram de carvoaria no Pantanal, na verdade não era no Pantanal, era uma estrada na borda do Pantanal. E existe também o carvão legal, por exemplo, se você tem autorização pra fazer a supressão de uma vegetação, você tem que fazer o aproveitamento do material lenhoso. Isso é de lei! O que é madeira, tira madeira, o resto pode fazer lenha ou carvão. Claro que nisso aí algumas áreas produzem muito mais carvão do que teria ali. Então os órgãos de comunicação e a população em geral não tem muito claro o que é o Pantanal da planície, o que é o Pantanal Alta Bacia, mas como eu disse no início, como as ameaças vem de cima, há que se cuidar também de cima. Fala-se muito ultimamente na crise de água para consumo humano. Então a sociedade urbana ela só percebe que talvez alguma coisa está errada no manejo do ambiente quando falta água, se não é considerado assim, um bem é... não gratuito, mas barato. A educação é a grande saída, porque não é a pessoa ficar mais culta, ela aprende a se virar. Aparece uma manchinha aqui ela vai na internet ela consegue entender o que diz. Eu fui a Macapá, tem tato búfalo, que o pantanal de lá, é um pantanal que enche com a maré, represa o rio Amazonas esse pantanal de lá, e tem tanto búfalo que só sobrou uma planta que e o algodão bravo, que é tóxico. E aí os meus colegas lá dando palestras, com gráficos, daí o cara do meu lado, ‘num dianta bota tanta palavra, nós chega na segunda linha já esqueceu a primeira’. Guardei a minha palestra fui lá fora, arranquei um pé de algodão bravo e fui lá no meio deles. O que que vocês me dizem dessa planta? ‘ah porque assim, porque pá, porque dá semente, porque bóia’, eles sabiam tudo da planta. Dois colega lá da Embrapa Macapá disseram ‘nós tamo há vinte anos aqui e não conseguimos conversar com esses cara, como é que você vem de fora a primeira vez e você consegue?’, eu digo ah, vocês tem que mudar a língua. Isso que não fui extensionista, porque na Agronomia tem os que trabalha na extensão, vai pegar a técnica e levar pro produtor. E tem produtor que testa o técnico. Meu irmão lá no Paraná, o cara ‘o que que tem os meus leitões?’, meu irmão pegou um lá olhou, abriu o boca, ‘ué, não tem nada’, e não tinha nada. E assim no Pantanal. Nós levamos muitos anos pra ser aceitos, porque o governo lá só tinha feito bobagem. Teve 14 anos de seca sem enchente, de 60 a 74. Aí houve um projeto do DENOCS, Departamento Nacional de Obras Contra Seca, de abrir um canal do Rio Taquari, do Paiaguás. Bom, aí voltou a cheia em 74 e aquele canal ficou pra nada. Dinheiro jogado na areia. Começaram a fazer um dique em Ladário (...), era pra secar duas lagoas: Baía Negra e Baía do Arroz, pra daí fazer produção de hortigranjeiros. Com tanta terra boa em volta de calcário porque secar duas lagoas? Mas foi nos anos secos. Aí depois descobriram que entra 14 ou 17 córregos, precisaria bombas imensas, isso não seria econômico. Então tá lá, aquele troço. Aí fizeram umas plataformas pra colocar o gado da cheia, tem uma lá no Porto da Manga, só que serviu pra uns caras fazer casinha. Eles esqueceram que o gado tinha que comer. Lá no Porto da Manga fizeram umas casinhas pra Polícia Florestal. Os locais sabiam que aquilo tava muito baixo, que ia entrar água. De metal. Você não podia abrir a janela por causa de mosquito. Era um forno. Bom, e aí aparece a Embrapa. Gente de outros estados querer ensinar alguma coisa. Riam.

18. QUANDO O SENHOR CHEGOU NO PANTANAL?

Eu cheguei em 80. Eram anos de muita cheia. E aí saía na imprensa, como sai até hoje, que a cheia é um problema. Entrevistam o ribeirinho e forçam ele a dizer que a situação é difícil. Ele sempre viveu assim, desde pequeno. Claro, ele poderia ter melhores condições.

19. ONDE COSTUMA DIVULGAR SUAS PESQUISAS? QUE IMPORTÂNCIA VOCÊ DÁ A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PARA O PÚBLICO LEIGO? QUAL É SUA MAIOR DIFICULDADE COM RELAÇÃO A ISSO?

Em artigos científicos de preferência em Inglês. Na Embrapa houve época em que o foco era o produtor, mas essas publicações tinha pouco valor no meio acadêmico no Brasil (CNPq, CAPES) e no exterior. Mas ainda acho importante a forma de divulgação para crianças e para o público em geral. Assim, ajudei o Paulo Robson de Souza em 2 glossários, sobre Pantanal e sobre Cerrado, e está por sair outro sobre o Rio Apa. A dificuldade é conseguir recursos para essas publicações. Tenho dado palestras para vários tipos de público, de pesquisadores a pequenos produtores, poucas vezes para crianças. A UFMS promoveu em novembro 2017 o II SINATEX (Simpósio sobre Frutos Nativos e Exóticos), que reuniu doutores e pequenos produtores, com feira da indústria familiar, muito estimulante, mas alguns criticaram as Universidades porque o pesquisador fica enclausurado!. A TV é um veículo muito forte, mas as TVs comerciais somente nos atendem quando é do interesse delas e às vezes gasta-se tempo e energia para uns segundos no ar, e ainda com informação parcial ou distorcida.

20. CONHECE O TRABALHO DA SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO DA UFMS? TEM O COSTUME DE PROCURÁ-LOS QUANDO PRECISA DIVULGAR ALGO? QUAL É A IMPRESSÃO QUE TEM SOBRE O TRABALHO DELES? ACREDITA QUE PODERIA MELHORAR?

Já atendi a Secretaria de Comunicação da UFMS, o Paulo Robson e eu saímos na Folha da UFMS. Não tenho procurado esses profissionais. Fazem um bom trabalho, sim. Sempre pode melhorar, tanto que agora a UFMS tem Facebook.

21. COMO É SUA RELAÇÃO COM JORNALISTAS DE MÍDIA EM GERAL? O QUE ACHA DAS REPORTAGENS DIVULGADAS SOBRE O PANTANAL?

Boa com repórteres como Claudia Gaigher, que conhece o assunto e sabe arrancar da gente algo que importa e interessa. Mas com outros fico frustrado. Muitas reportagens sobre Pantanal fazem confusão entre planície e planalto, MS e MT, ou dão a cheia como uma calamidade. Áreas com fogo também sempre são dadas como tantos campos de futebol destruídos, o repórter nunca volta após as chuvas para mostrar a regeneração e a florada.

22. TEM ALGO QUE EU NÃO PERGUNTEI E O SENHOR GOSTARIA DE ACRESCENTAR?

Você pode olhar meu currículo Lattes, talvez encontre algo mais que interesse: <http://lattes.cnpq.br/8915975180559275>.

Apêndice 6. Entrevista com a Professora/Pesquisadora Ieda Maria Bortolotto da UFMS

Mini perfil: Possui graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1987), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (1999), doutorado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho' (2006) e estágio de Pós-doutorado na Universidade de Hamburgo, Alemanha (2014). É professora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul desde 1992. Desenvolve projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão na área de etnobotânica. Coordena o Programa de Extensão da UFMS "Valorização de Plantas Alimentícias do Pantanal e Cerrado" desde 2009. **Fonte:** Currículo Lattes - <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4723314Z7>

1. PODE COMEÇAR FALANDO SOBRE SUA FORMAÇÃO E COMO VOCÊ COMEÇOU A SE INTERESSAR PELO PANTANAL?

Bom, eu me formei em Ciências Biológicas, na área de licenciatura, então no início eu trabalhei em escolas públicas e trabalhei também na prefeitura com arborização, que já era um tema que eu estudei na minha graduação, na monografia. Em seguida, após um ano e meio de formada eu já ingressei na universidade como professora no campus de Corumbá que está localizado no Pantanal. Naquela época existia um grupo até grande de professores na área de Geografia, na área de Biologia no dpto que compreendia dois cursos de Geografia e de Biologia, então desde cedo a começou a ter discussões interdisciplinares e multidisciplinares. E um grupo muito jovem que estava chegando naquele momento com muita vontade de fazer pesquisa. Então desde o início eu participei de projetos em grupo, nunca foram projetos individuais, onde eu trabalhei na área de Botânica. No início fazendo levantamentos florísticos, de modo geral porque a gente mesmo tinha que conhecer um pouco sobre o Pantanal. Eu tinha estudado em Campo Grande, aqui a gente também tinha conhecido um pouquinho do Cerrado. No Pantanal você tem também fisionomias de Cerrado também, nas áreas mais altas, mas tem uma grande variedade de espécies e de ambientes aquáticos, ambientes de mata seca, então pra gente era ainda muito novo e essa oportunidade de estudar junto com outras pessoas, outros colegas essas fisionomias vegetais foi uma oportunidade interessante pra começar a estudar um pouco sobre o Pantanal.

2. VOCÊ TEM PARCERIA DE PESQUISA COM OUTRAS INSTITUIÇÕES? E DE ONDE VEM O FOMENTO DAS SUAS PESQUISAS?

Antes de ingressar na universidade eu ajudei a montar uma ONG, a Ecoa. Foi uma ONG que eu fiz parte desde o início, então talvez por essa experiência e sabendo o potencial que tem de trabalhos e parcerias com as ONGs, desde cedo a gente desenvolveu atividades sim. Depois de trabalhar com levantamentos florísticos eu comecei a trabalhar com Etnobotânica. E o primeiro que eu fiz nessa área foi um estudo sobre o conhecimento que os índios da aldeia Guató tem sobre plantas e animais. Esse foi um trabalho feito em parceria com a Ecoa, e teve recursos que foram alocados pela Ecoa. Foi um projeto feito e parceria onde a gente como professor da universidade, pesquisador atuou no projeto,

mas eles conseguiram recursos externos por meio da Ecoa. Então a parceria foi nesse sentido. Também desenvolveram alguma atividade. Além da Ecoa a gente não trabalhou com muitas outras organizações não governamentais. Houve reuniões, sempre que a gente é chamado a gente participa, mas não no desenvolvimento de pesquisa e sim no desenvolvimento de discussão como o SOS Pantanal, eu já participei de reuniões, mas não no desenvolvimento de projetos em parceria, pelo menos que eu tenha participado como pesquisadora. Além dessa parceria com ONG, os nossos projetos de pesquisa tem financiamento principalmente do CNPq e da Fundect que são os órgãos de fomentos as nossas pesquisas. Nessa área de Etnobotânica a gente tem também projetos de extensão e recentemente esses projetos de extensão tem sido a forma como a gente consegue repassar esses conhecimentos pras comunidades. No caso eu trabalho com populações ribeirinhas, populações tradicionais, comunidades indígenas. E o fomento pra esses projetos tem vindo do Ministério da Educação. A gente já teve três editais com financiamento, e foram financiamentos importantes, porque a gente conseguiu uma soma de dinheiro considerável pra conseguir acessar essas comunidades e montar uma equipe grande tanto de professores, quanto de técnicos e alunos pra desenvolver as atividades na área.

3. OS RECENTES CORTES DE VERBA DA CIÊNCIA AFETARAM O TRABALHO DE VOCÊS?

Sim. Nas duas primeiras vezes que a gente teve projeto financiado pelo MEC o repasse de recursos foi muito rápido. A gente trabalha com ano letivo. Então o aluno ingressa aqui no início do ano e a gente precisaria que o recurso fosse passado no início. 2012 foi repassado, 2014 também, então a gente conseguiu trabalhar com os prazos todos certinhos. Em 2016 a gente tinha um projeto aprovado, que a gente encaminhou em 2015 pra dois anos. Que foi uma coisa boa pra gente não ter que ficar todo ano renovando projeto. Só que em 2015 atrasou muito, os alunos foram selecionados no prazo que a gente tinha um cronograma, a gente precisava selecionar esses alunos bolsistas, a gente teve em torno de 16 alunos bolsistas e aí eles começaram a exercer as atividades e quando foi o momento de pagar as bolsas o MEC não tinha repassado o recurso. E isso ficou por um mês, dois até que eles repassaram e neste ano o atraso foi bem maior. A gente teve cerca de 20 bolsistas e a gente teve que reduzir o tempo de bolsa de 8 meses pra 6 meses, porque o repasse de recursos foi prejudicado, ele demorou. Mas enfim, a gente tentou desenvolver todas as atividades, mesmo assim, com o tempo mais curto. Agora pra 2018 já não houve edital do ano passado, então a gente tá sem financiamento externo. A gente tá aguardando pra desenvolver essas atividades de extensão um financiamento interno aqui da universidade e vai ser um valor bem reduzido. Então assim, considerando a distância que a gente tá aqui do Pantanal, não é tão grande. Eu sei que tem outras universidades de São Paulo que conseguem também fazer pesquisa lá, por exemplo, localizado em áreas mais distantes. Mas mesmo assim, pra chegar em Corumbá, por exemplo, a gente tem 430 quilômetros. Depois chegando em Corumbá a gente tem que usar um barco. O gasto de combustível no barco que a gente usa, que é um barco mais rápido, é muito grande. Aí a gente depende também de motorista, depende de piloto, de serviços. Então se você não tem um projeto que tenha recurso pra pagar todas essas despesas, que não dependem da gente né, de realizar isso é, você tem sim as atividades reduzidas, prejudicadas.

4. VOCÊ APONTARIA ESSA COMO A PRINCIPAL DIFICULDADE PRA REALIZAÇÃO DE PESQUISAS NO PANTANAL?

Eu acho que a falta de recursos que são decorrentes, no meu entendimento, das políticas públicas, sim. Eu considero que seja um dos principais problemas pra você fazer pesquisa no Pantanal. Porque às vezes a gente trabalha em áreas que não são exatamente prioridade. A gente trabalha com comunidades pequenas. O Pantanal, ele tem grandes propriedades né, ele tem uma produção agropecuária grande. E a gente trabalha com um público que tem também uma produção de pesca, tem uma produção, no caso a gente trabalha com plantas alimentícias, potencial. Eles têm conhecimentos associados, então na minha área eu trabalho com esses conhecimentos associados, e muitas dessas populações, pelo fato de elas não usarem mais plantas, porque eles não comercializam isso mais há muitos anos, falta de interesse do mercado também de procurar essas coisas, eles próprios estarem mudando um pouco a dieta deles, é... muitas dessas plantas que eles usaram na dieta, ou mesmo pra remédio no passado, elas estão se perdendo. Em função dessas mudanças, influenciados pelo comportamento de acesso a medicamentos, acesso ao mercado, coisa e tal, que a gente também tá mudando na cidade né. Em parte, porque as populações jovens já não ficam nessas comunidades, então não aprendem com as pessoas mais velhas, e aí vão abandonando isso. Você tem uma biodiversidade no Pantanal que a gente conhece hoje, sabe quais são os usos, mas tem um uso potencial que é pro futuro, e se as universidades tão negligenciando isso, não estudam tudo isso, que a

gente não tem capacidade ainda de estudar tudo que existe no Pantanal dentro das universidades, as pessoas que vivem lá e que estão observando isso no dia a dia, e que acumulam conhecimento sobre isso, isso também tá sendo negligenciado. Então você tem aí um processo que a gente teria que interferir e se não tem políticas públicas que tenha esse olhar pra entender a importância disso, e promove um repasse de recursos pra que esses estudos sejam feitos, projetos sejam desenvolvidos, o tempo vai passando e esse processo continua. E quem sabe no futuro a gente tenha uma situação que poderia ser melhor se a gente tivesse conseguido estudar né?

5. OBSERVANDO ALGUNS DADOS COLETADOS EM REPOSITÓRIOS DE PESQUISA DÁ PRA NOTAR QUE O NÚMERO DE PESQUISAS SOBRE O PANTANAL AUMENTOU AO LONGO DOA ANOS. VOCÊ PODERIA FALAR SOBRE ESSE AUMENTO DO INTERESSE EM PESQUISAR SOBRE O PANTANAL?

Bom, o Pantanal ele ganhou uma visibilidade nos últimos anos. O fato de ter existido um conjunto de projetos, de pesquisas publicadas em meios de divulgação científica, mesmo na mídia, tudo isso promove um interesse maior por essa área. O Pantanal também foi reconhecido como Patrimônio da Humanidade, então existe um olhar diferenciado pra ele, não só das instituições de pesquisas brasileiras como de outros países. Eu penso também que a universidade, principalmente a pública brasileira ela cresceu, no sentido de aumentar o corpo docente, o número de pesquisadores. Também cresceu a qualificação dos pesquisadores. Quando eu ingressei, por exemplo, na universidade, como muitos colegas lá em Corumbá, com graduação. Hoje, todo aquele grupo, que eram cerca de 22 professores, 23, que ingressaram, todos tem doutorado. E se passaram pouco mais de 20 anos. Mas a universidade hoje, ela não contrata mais pessoas com graduação, salvo algumas exceções, mais quando não tem pessoas com mestrado, doutorado na área. Então assim, eu acho que a universidade cresceu em número, as instituições particulares também cresceu em número, e cresceu em qualificação de docentes que podem atuar no Pantanal. Eu acho que teve também influencia das políticas públicas, que forneceram mais recursos, financeiros mesmo, pra que essas pesquisas fossem realizadas. Na minha área específica, tenho certeza de que as políticas públicas dos últimos 10 anos, que proporcionaram editais pra atender comunidades por exemplo, pequenas comunidades, foi fundamental. Se eu for considerar, por exemplo, eu tô na universidade há 26 anos, se eu for comparar os últimos 10 anos com os anos anteriores, o perfil dos editais onde eu pudesse encaixar projetos de pesquisa na área de Etnobotânica, ele foi muito mais específico nos últimos anos, que eu acho que tem a ver com as políticas sociais dos últimos governos, e que permitiram que fossem desenvolvidas tanto atividades de pesquisa como de extensão. Mas de maneira geral, eu acho que tem a ver com o crescimento das universidades, do número de docentes e da qualificação também, e dessas políticas que tornaram o Pantanal mais visível, mostrando as demandas. E aí tema ver tanto com a área de comunicação, de jornalismo e tudo mais, das mídias né, quanto da divulgação científica, que também cresceu.

6. QUAIS SERIAM AS MAIORES AMEAÇAS AO PANTANAL A SEU VER?

Eu acho que uma das ameaças importantes do Pantanal está relacionada com os desmatamentos. Apesar de os desmatamentos não serem muito visíveis a gente tem os dados de que ele tem crescido nos últimos anos. Eu penso que o Pantanal, ele existe porque existe um pulso de inundação, e existem projetos grandes, como da hidrovía por exemplo, já houve várias discussões na década de 1990 sobre os impactos de um empreendimento grande como esse. Mas enfim, esses grandes projetos, se não respeitarem esse pulso de inundação eles podem, são potenciais vamos pensar assim, problemas pra interferir nesse pulso de inundação, que mantém esse Pantanal com essa biodiversidade toda de fauna, flora e todos outros organismos que tem lá. Eu acho que a qualidade da água é importante também, apesar de serem pontos ainda isolados, mas por exemplo, as mineradoras têm uma atuação em áreas altas e estão inseridas dentro do que se considera Pantanal. E aí tem os efluentes disso tudo, eu acho que isso é um risco. Então é um problema ambiental. E na minha área, que é Etnobotânica, eu vejo como um grande problema a perda de conhecimentos tradicionais sobre plantas. Assim como existe um crescimento científico acadêmico dentro das universidades, e você pode perceber isso pelo número de trabalhos científicos produzidos e tudo mais, esse conhecimento, ele só se mantém a medida que essas comunidades elas se mantem também. Porque o conhecimento empírico é passado de geração em geração pela experimentação, pela vivência daquilo, e essas comunidades, muitas delas, estão se desestruturando. Apenas aquelas que tem um certo poder político de atuação e são mais fortalecidas, elas conseguem se manter. Então precisaria que houvesse algum investimento público no sentido de

ter um olhar pra isso, pra que esses conhecimentos associados a essa biodiversidade se mantivessem, ou pelo menos que o ritmo de perda de conhecimento se desacelerasse. Porque se você for pensar, a gente fala muito da Amazônia, porque a Amazônia é muito rica em conhecimento científico sobre plantas medicinais, sobre plantas alimentícias, mas o Pantanal também tem. Mesmo nas grandes fazendas, não precisa ser só comunidade tradicional. Você tem o peão, a pessoas que mora lá no local, ele usa aquela biodiversidade. Isso é uma forma de conhecer, você não pode desprezar isso. E a gente não sabe o quê desse conhecimento a gente poderia usar no futuro. Assim como a gente tá crescendo dentro da universidade, dentro das instituições de pesquisa, essas comunidades também mudam no dia a dia. Elas não são estáticas. Algum conhecimento se perde com certeza, mas outros vão sendo incorporados. A ideia não é que a gente preserve aquilo e deixe a comunidade do jeito que elas são pra gente né, ficar como teste lá. Não! Elas têm que viver a vida delas, tem que passar por esse movimento, mas o que a gente percebe, por exemplo... eu tenho trabalhado com várias comunidades. Em algumas eu encontro pessoas que sabem coisas que nenhuma outra pessoa mencionou no grupo de mais de 100, 150 pessoas com quem eu conversei, que eu entrevistei. E conhecimento sobre plantas estratégicas! Então o que acontece quando aquela pessoa morre? Aquele conhecimento, teoricamente, não está mais naquele local. Então, pode ser que, como não são plantas exclusivas do Pantanal, em outros locais eles existam, mas naquele local o conhecimento tá perdido. Então pra você recuperar aquilo, levar esse conhecimento, mesmo que a gente tenha esse conhecimento na academia, levar de volta, custo financeiro, tempo, e você encontrar pessoas dispostas a aprender sobre aquilo.

7. VOCÊ PERCEBE ESSAS DISCUSSÕES SAINDO DA ACADEMIA E CHEGANDO AS POLÍTICAS PÚBLICAS POR EXEMPLO?

Acho que sim. Os estudos relacionados com pesca, por exemplo, eles acabam influenciando políticas públicas, período de defeso por exemplo. Então são informações muito relacionadas com as pesquisas que foram feitas. Essas pesquisas sobre desmatamento também, elas acabam interferindo nas políticas públicas. Agora, são também coisas isoladas ainda. A gente não tem movimento dentro, no meio acadêmico, pelo menos na minha percepção hoje, aqui dentro da universidade, pra ficar o tempo todo discutindo isso, e em contato direto com essas políticas. A gente participa dependendo da iniciativa de cada pesquisador, não é uma coisa, no meu entendimento, que seja nosso, em conjunto. Existe mobilização conjunta quando há iniciativa de fazer um projeto. Fazem então projeto específicos, junta pessoas de outras instituições e acaba discutindo alguns temas específicos por projeto.

8. ACHA QUE A COMUNICAÇÃO NA MÍDIA E NA ESCOLA PODEM INFLUENCIAR COMPORTAMENTOS CONSERVACIONISTAS EM RELAÇÃO AO PANTANAL?

Com certeza. Eu acho que quando você fala comunicação na mídia e na escola, na mídia são os meios de comunicação, rádio, tv, coisa e tal. Sim. Eu acho que uma informação de qualidade, embasada em trabalho científico, trabalho sério, ele influencia sim as pessoas. Eu acho que inclusive é um meio poderoso, porque as pessoas veem que o quê tá na televisão, no rádio, coisa e tal, é o que tá certo a acabam se pegando naquilo. Acaba influenciando muito sim. Na escola isso tá relacionado com uma coisa que a gente faz no nosso projeto de extensão também. Esse projeto que a gente trabalha com plantas alimentícias, chama “Valorização de Plantas Alimentícias do Pantanal e Cerrado”, ele foi feito inicialmente nessas comunidades onde eu trabalhei com Etnobotânica. Então a gente já sabia um pouquinho sobre a realidade do local. Mas também a gente trabalhou em outras comunidades onde a gente tinha trabalhos de outras pessoas, não necessariamente de Etnobotânica, mas que mostravam o interesse das pessoas em trabalhar com plantas alimentícias e a busca por alternativas econômicas que fossem diferentes simplesmente da criação de gado em grande escala, por exemplo, que é uma atividade econômica importante pro Pantanal, mas que é possível pra quem tem grande propriedades. A gente trabalhava com assentados, por exemplo, que tem lotes pequenos onde não dá pra fazer esse tipo de produção. E aí desde cedo a gente incluiu as pessoas adultas da comunidade. Mas, nas oficinas que a gente fazia, a gente preparava bolos, tortas, com frutos nativos, pra mostrar a possibilidade de aproveitamento daquilo que não fosse somente o fruto in natura. E a gente sempre teve adesão das crianças das escolas, porque às vezes a gente precisava do espaço da escola pra ter acesso a uma cozinha, por exemplo, que pudesse reunir bastante gente. E aí, a partir de um determinado momento, a gente começou a incluir as escolas nesse projeto. E foi um resultado muito interessante. A gente já vê que pessoas que eram crianças há 10 anos atrás, que participavam desse projeto, hoje estão aqui na universidade, tão fazendo cursos, estão participando de projetos. Tem um projeto que tava até olhando o relatório aqui ó, que é um projeto de capacitação de professores e orientação para iniciação científica

em escolas de assentamento rural. Então tem professores, técnicos e alunos aqui da universidade que vão até uma escola no assentamento rural, é localizado no Cerrado, esse aqui não é no Pantanal, mas capacitando professores e alunos a fazerem coleta de dados sobre o cumbaru, relacionado com a conservação de polinizadores do cumbaru. Então assim, tem visitantes florais que podem estar apenas visitando, mas tem aqueles que realmente fazem esse trabalho de polinização, e pra que continue tendo produção. Porque o cumbaru hoje é valorizado pra fins econômicos pelo menos, mas é preciso conservar. Então quanto que você pode retirar, quais são os polinizadores que tem que ser conservados pra que as plantas continuem dando frutos e assim por diante. Então essa é uma atividade que a gente tem feito já há uns dois anos e que tem surtido efeitos interessantes e mobilizado a escola, professores e alunos pra ingressarem na discussão pra conservação. E esse tipo de atividade a gente faz também nas escolas do Pantanal. Então a gente tem trabalho, por exemplo, na aldeia dos Guató, a gente fez uma pesquisa lá com a Ecoa em 97, por aí, a gente continuou trabalhando com eles. Então hoje a gente tem resultado assim de um grupo de jovens que está motivado pra usar alguns frutos que fazem parte da cultura deles, fizeram parte da cultura deles de acordo com a literatura, que já tinham sido abandonados. Os pais deles, os avós deles não usavam mais, mas tem registro de que era da cultura Guató. O arroz é um exemplo disso, e aí hoje a gente tem muitos jovens lá que estão motivados a conhecer esse arroz que está em torno da comunidade deles e conhecer as estratégias de uso, de conservação dessa espécie. E são pessoas que vivem lá no local, ou seja não estão discutindo conservação pra pessoas que estão fora do Pantanal, porque a gente parte do princípio que é possível conservar mesmo com a presença das pessoas. Se essa presença das pessoas não é agressiva, não deteriora o meio ambiente é possível você manter as pessoas lá, conservar a biodiversidade, a cultura das pessoas, ou resgatar a cultura que no caso a gente estaria não conservando, mas resgatando e tendo as pessoas do local como parceiros. Então nesse caso a escola é extremamente importante. Ela tá inserida nessas comunidades, ela tem que ter esse papel também de trabalhar em parceria com quem tá trabalhando com essas ideias relacionadas com a conservação. E a gente vê que tem várias instituições que trabalham com elas, são vários projetos nessa linha, que são projetos motivados por essa ideia de educação ambiental que muitas instituições de pesquisa também têm, universidade particulares e de maneira geral. E também eu acho que a formação dos professores que atuam hoje, porque eles já tiveram essa formação na universidade. Então não é uma coisa que a gente vai levar de novo pra escola. Você leva um projeto específico sobre um tema, e quando a gente chega lá a gente tem parceiros. Os próprios professores, que foram nossos alunos, sei lá, 10, 20 anos atrás são os parceiros e é muito fácil dialogar com eles, porque não é uma coisa nova o que você tá falando, é uma proposta específica no nosso caso de trabalhar com frutos, com alimentos. Mas a ideia da conservação também já faz parte desses professores, pelo menos dos de Biologia, Geografia, até de Matemática com que a gente tem trabalhado. É muito interessante.

9. E NO CASO, ONDE VOCÊ COSTUMA DIVULGAR SUAS PESQUISAS? VOCÊ PROCURA DIVULGAR TAMBÉM NA MÍDIA OU EM OUTROS CANAIS?

Olha, geralmente a gente é cobrado aqui pra produção científica em periódicos que tem mais impacto e que são melhor avaliados aqui pro programa de pós-graduação. Então a gente acaba investindo bastante nisso, e a gente encaminha tanto pra periódicos nacionais quanto internacionais, e fica feita essa publicação em função dessa cobrança que a gente tem de internacionalizar a nossa produção. Mas a gente tem também publicações que são feitas aqui pela editora da universidade, principalmente relacionado a esse projeto. Que na verdade é um programa grande, envolve cerca de 40 professores de diversos cursos aqui da universidade. Tem a colaboração de ong, de escola, de comunidade e um monte de coisa. Esse conjunto aqui de cinco volumes foi feito no ano passado. A gente ainda não distribuiu. A gente distribuiu no Sinatex, que é o Simpósio de Frutos Nativos e Exóticos, então todos os participantes foram sorteados com desses volumes, são cinco volumes. E agora a ideia nesses próximos dois anos é a gente trabalhar nessas mesmas comunidades com esses temas. Então esse é um tipo de material que a gente tem de divulgação. Fora isso, a gente tem o livro de receitas, não sei se você conhece, daí tem cartões postais, porque a gente entende que tem que trabalhar a questão dos turistas, tem fotografias de frutos nesses cartões postais, tem calendário. Então isso relacionado a esse programa de extensão, que é um programa grande que eu coordeno e que acaba ocupando a maior parte do meu tempo, então meu foco é pra esse tipo de trabalho, de publicação. Eu tenho uma irmã que é jornalista. E até por isso eu fiz um movimento no sentido de a gente começar a produzir algumas matérias pro jornal, se não me engano era Diário da Serra na época. Até conversei com uma pessoa lá

responsável por uma página, a gente fez reuniões aqui, conseguimos. Mas em algum momento a comunicação, por incrível que pareça, mesmo por e-mail, não deu certo, e a gente acabou perdendo o contato com essa pessoa do jornal e não publicamos. Então eu realmente não tenho essa prática de publicar em jornais de circulação local, ou regional. E eu sei que é uma coisa importante. A própria universidade ela tem, nas nossas avaliações, espaços para pontuar isso dentro da nossa produção aqui, mas eu realmente não tenho feito esse tipo de publicação. Eu participo assim, quando é na minha área, tem jornalistas que nos procuram para entrevistas. Já participei de programas do Globo Rural com projeto no Pantanal mostrando os trabalhos que a gente tem. Teve um Globo Rural que acho que foi em 2002, ou 2003, que teve um impacto muito grande. Até hoje encontro pessoas que falam que viram a gente no Globo Rural, e que conhecerem o trabalho, conheceram o Pantanal, por meio dessas matérias. De Globo Repórter também a gente já participou, mas de maneira geral a gente participa de entrevistas aqui. Na rádio, na FM também. No ano passado a gente atuou bastante, foi bem importante. A gente organizou um simpósio, que é esse Sinatex, relacionado a esse projeto, com o curso de plantas alimentícias. Então a gente conseguiu divulgar e eu acredito que tenha tido bom resultado, porque a gente teve uma adesão grande de pessoas que vieram fazer tanto o curso, quanto o simpósio. Então a experiência que eu tenho com os meios de comunicação são essas assim, mais relacionadas a esses projetos de extensão.

10. E QUANDO VOCÊ PRECISA, VOCÊ LEMBRA DE PROCURAR A ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE PRA PEDIR AJUDA OU MANDAR ALGUM MATERIAL PRA DIVULGAÇÃO?

Não, eu não tenho muito, infelizmente, essa prática. É importante, mas eu não tenho. Às vezes tem pessoas do projeto que tem essa iniciativa, eles acabam fazendo, mas eu não tenho essa coisa de eu buscar isso. Se eles me procuram e pedem alguma divulgação eu respondo. Então eu já fui procurada, pra falar inclusive desse projeto, e aí eu reúno fotografias, eu mando, eu faço o que as pessoas estão pedindo, mas eu não tenho esse caminho de me mover no sentido de divulgar, de procurar.

11. ACHA QUE ISSO É COMUM ENTRE OS COLEGAS?

É, eu não sei. Acho que talvez da personalidade de cada um, ou de talvez entender um pouquinho melhor como funciona isso, que tem que partir da gente por exemplo. Eu sempre vi os meios de comunicação vir me procurar, então eu não vejo essa coisa de eu vou buscar pra divulgar nesse meio, mas eu sei que é uma coisa poderosa, tem que fazer mudar um pouco isso.

12. E COMO VOCÊ PERCEBE A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA?

Eu acho que isso é extremamente importante. A universidade, ela produz com recursos públicos, muitos dos recursos vem do imposto que as pessoas pagam, e eu acho que todo pesquisador deveria fazer isso. A minha forma de fazer é na forma de extensão, e do grupo de pesquisa que eu faço parte. Então as pessoas veem isso como um caminho onde a gente consegue dialogar com as pessoas e consegue repassar um pouco desses resultados de pesquisa aqui em benefício da sociedade. Eu imagino que isso ainda é uma prática que não é compartilhada por todas as pessoas. As pessoas às vezes pensam que você publicar o seu trabalho num artigo científico é suficiente, mas a sociedade, muitas vezes, elas não compreendem a linguagem científica. Eu dou uma disciplina chamada prática de ensino. Eles escutam que Ciência e Biologia no Ensino Fundamental e Médio, eles servem, não pra formar a pessoa pra entrar na universidade, isso é uma consequência, mas é pra você formar cidadão, que consigam compreender essa linguagem científica, as tecnologias e tudo mais. Porém a gente sabe que isso tem um limite. Tem alguns trabalhos que a gente produz, por causa de serem publicados em inglês ou em outra língua, ou em periódicos que são pagos, então eles realmente são inacessíveis pra maior parte da população ainda, especialmente no Brasil, onde a gente sabe que a escolaridade não é tão alta ainda. Então eu acho que esses trabalhos de popularização da pesquisa são bem importantes, porque é um trabalho que é feito nesse caso por professores numa linguagem mais acessível. São professores, alunos que participam também, que são nossos bolsistas técnicos, que trabalham num sentido de traduzir um pouco do que a gente faz aqui pra sociedade. Então eu acho que a gente tá cumprindo um papel que é necessário, que é importante, com base nisso as pessoas também vão conhecendo um pouco mais esses assuntos. A gente sempre faz alguma coisa impressa quando a gente faz o trabalho, pra deixar lá. Que às vezes você faz uma atividade, você fala, e quando você vai embora as pessoas ficam com dúvida. Quem é mesmo esse pessoal que veio aqui? Da onde que eles são? Por que que eles vieram aqui? Então assim, tem também o nome da universidade pra eles terem uma identidade, tem nosso endereço e aí eles vão conseguir ler com mais calma e na próxima vez já

vão dialogar com a gente de uma outra forma. E eu acho que a gente poderia ter N trabalhos dessa forma. A gente não consegue atingir toda a universidade, todas as áreas com esses trabalhos.

13. E QUAL A MAIOR DIFICULDADE PARA OS PESQUISADORES PARA FAZEREM ESSA DIVULGAÇÃO?

Hoje eu acho que a gente tem aumentado muito o volume de trabalho que a gente tem aqui dentro. Não digo nem só a sala de aula, quem é da pós-graduação não tem o número de horas muito grande em sala de aula pra graduação. Aí você tem as aulas de graduação, as aulas de pós-graduação, você tem que ter um projeto de pesquisa, você tem que ter as publicações, você tem vários orientandos, e somado a isso você tem o e-mail, você tem o WhatsApp, você tem o telefone, você tem as pessoas que te procuram o tempo inteiro aqui no laboratório, que às vezes as pessoas agendam, às vezes elas não agendam, e tem as reuniões fora da universidade, tem os eventos científicos que a gente é convidado a colaborar como avaliador dos trabalhos, como revisor. Então assim, ampliou muito o número de trabalho, de tipos diferentes de coisas que a gente faz dentro da universidade. A extensão, ela ainda não é a rigor uma obrigação, vamos dizer assim, do pesquisador. Pra ele publicar ele tem que fazer um projeto de pesquisa, ele tem que orientar os alunos, e a extensão ela ainda é vista, por muitas pessoas eu acredito, não posso afirmar isso porque eu não tenho um trabalho relacionado a isso, mas eu acredito que é uma atividade a mais que ele teria que fazer e às vezes não cabe nas 60 horas que ele faz aqui. Que não são 40. Todo Professor que trabalha com um monte de coisa, que faz projeto, que viaja, não fica só 40 horas dentro da universidade. Leva muita coisa pra fazer final de semana, responde mensagem no feriado. Então, talvez, em sala de aula que é o ensino, se você pensar na universidade, ensino-pesquisa-extensão, você não pode fugir, é uma coisa que tem ali. Então ainda me parece que esse tipo de trabalho, ele tá relacionado com uma perna desse tripé que ainda falta ser fortalecida. Precisa entender que a extensão é tão importante quanto a pesquisa e o ensino.

14. VOCÊ PERCEBE ENTÃO A DC COMO ALGO DENTRO/RELACIONADO/AGREGADO À EXTENSÃO?

A divulgação científica é uma consequência da pesquisa, mas ela pode ser consequência do ensino e da extensão. Mas eu vejo que a extensão é um potencial grande de fazer essa divulgação para a população em geral. Uma comunicação mais popular. Agora, eu acho também que essa comunicação científica ela deveria fazer parte dessas assessorias de comunicação. Por exemplo, eu vejo sites que as pessoas colocam, foi publicado trabalho tal. Eu entendo que a assessoria de comunicação ela deveria ficar antenada pra essas publicações, não teria que eu ir lá ligar ‘olha, publiquei o trabalho em tal lugar, quer divulgar aí?’. Então eu acredito que a assessoria deveria fazer esse papel. Então, nesse sentido sim, eu vejo a publicação científica dentro dessa área de extensão, tendo essa assessoria mais conectada, não sei se dentro de uma pasta, vamos dizer assim, mas eu acho que mais conectada ela deveria estar.

15. O QUE VOCÊ ACHA DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE?

Eu acho que pessoas como eu, por exemplo, precisariam ter esse canal de comunicação mais aberto. Por exemplo, olha, você vai publicar um trabalho, então manda pra gente, tipo assim cinco linhas com título do trabalho, onde foi divulgado, e aí a gente coloca isso numa pasta e eventualmente a gente pode divulgar isso. Mas eu não tenho esse canal de comunicação aberto. Eu não sei a quem procurar, por exemplo. Sei que tem um grupo de pessoas que trabalham com isso, mas eu não sei se eu tenho esse... se eles têm necessidade dessa informação. Porque no meu entendimento essa informação está disponível pra quem quiser saber. Se eu trabalhasse em um setor como esse eu ia procurar saber. Então eu acho que falta uma política no sentido de que essa comunicação realmente se estabeleça e deixe claro de quem é o papel de comunicar nesses meios da assessoria. Se é a assessoria que tem que buscar essas informações, porque eles têm acesso a todas elas, ou se sou eu como professora e pesquisadora, e que quando publicar alguma coisa tenho que comunicar, ou produzir, ou divulgar, ou fazer um curso, pra fazer alguma coisa. Eu acho que falta melhorar esse canal de comunicação.

16. QUE SUGESTÕES FARIA?

“Uma reunião, por exemplo. Eu participei de uma reunião na TV Futura. Eles vieram aqui, falaram que queriam fazer um programa e falaram o que eles queriam. Então eu saí da reunião entendendo o que eles estavam querendo, se eu quisesse participar eu tinha o e-mail da pessoa, tinha o contato e tudo mais. Então essa, a própria política da universidade precisa ficar clara pra todos. Como que a gente pode colaborar? Eu sei que tem colegas que eles fazem qualquer coisa eles divulgam, e eles inclusive fazem esse papel de falar ‘não, liga lá, fala que você tá fazendo isso’. Mas não é uma prática que eu

tenho e eu não sei se isso é uma coisa da maneira que ele tem de atuar, ou se é isso que ele deve fazer e eu devo fazer também. Então tem que deixar mais claro isso. De quem é essa responsabilidade? Se sou eu então eu vou colocar na minha agenda. Olha, a partir do momento que eu divulgar eu informo que eu divulguei, que eu fiz, que vai ter um evento, que vai ter isso ou aquilo, não sei. No meu entendimento, pra mim não é clara essa política dentro da universidade e eu não tenho canal aberto assim, como eu sei que algumas pessoas têm. Mas é como eu te falo, eu acho que talvez seja da maneira como a pessoa age, ela tem iniciativa, ela é muito comunicadora e faz isso, e não que seja uma política mesmo que eu deva fazer.

17. DESEJA ACRESCENTAR ALGUMA COISA?

Eu acho que o Pantanal ele tem sido discutido muitas vezes por pessoas que estão fora do Pantanal. Então a gente discute nas universidades, nos institutos de pesquisa, pelos políticos de maneira geral. Eu vejo que em algumas reuniões ainda falta participação dessas comunidades com as quais eu trabalho, que eu acho que não tem uma visibilidade tão grande. E eu acho que pras coisas darem certo elas têm que ter todas as pessoas envolvidas no processo. Eu acho que a Ecoa faz bem esse papel, de trabalhar no sentido de organizar essas comunidades em associações, por exemplo. Mas falta por parte dos governos, prefeituras e do estado, e do governo federal mesmo, ter essa política no sentido de empoderar essas comunidades pra que elas se organizem e elas também falem, tenham voz. E que a mídia também mostre o que eles pensam, o que eles fazem. Lógico, tem alguns programas onde eles aparecem e tudo mais, mas eu acho que pelo menos essas pequenas comunidades, não só no Pantanal como em outras, elas precisam ter também esse canal de comunicação mais aberto, porque geralmente eles não têm muito poder político. Então, pode acontecer coisa assim, como eu por exemplo, tô aqui dentro da universidade e ainda não tenho esse canal aqui que tá muito próximo de mim. Imagina uma pessoa que mora a 200, 300 quilômetros de distância e que mal tem um telefone, internet funciona muito mal. E às vezes é até bom que eles fiquem meio protegidos lá, vamos pensar assim, mas uma invisibilidade muito grande também é ruim. Então eu acho que se pudesse melhorar, a própria comunicação dessas pessoas, pra eles se expressarem mais e as pessoas entenderem mais o que eles pensam, o que eles fazem, seria interessante. Acho que talvez a mídia, a assessoria de comunicação, sei lá, poderia trabalhar um pouco nesse sentido.

Apêndice 7. Entrevista com o Pesquisador Guilherme Mourão da Embrapa Pantanal

Mini perfil: Guilherme de Miranda Mourão é graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestre em Ecologia e Manejo de Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos e doutor em Biologia (Ecologia) pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia em 1996. Atualmente é Pesquisador A da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, e professor permanente no Programa de Pós-graduação em Ecologia e Conservação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde orienta alunos de mestrado e doutorado. Atua na área de Ecologia, com ênfase em Ecologia, Conservação e Manejo de Vertebrados Neotropicais e Invasores.
Fonte: Currículo Lattes - <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4789717T7>

1. ME FALE SOBRE SUA FORMAÇÃO (GRADUAÇÃO, PÓS, EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO QUE MARCARAM SUA CARREIRA, ETC.).

Ciências Biológicas, na UFMG; MSc em Ecologia e Recursos Naturais, UFSCar; Doutorado em Biologia (Ecologia) no INPA. Trabalhei um ano na Secretaria de Meio Ambiente de MS, mas fiquei à disposição da Embrapa (1 ano). Em 1987 entrei por concurso público na Embrapa Pantanal.

2. COMO VOCÊ FOI TRABALHAR NA EMBRAPA PANTANAL?

Conduzi a parte prática de meu trabalho de dissertação de mestrado no Pantanal.

3. COMO VOCÊ VÊ HOJE, O PAPEL DAS ASSESSORIAS DE COMUNICAÇÃO DAS UNIVERSIDADES E DAS INSTITUIÇÕES DE PESQUISA PARA MELHORAR A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA (INTERNAMENTE, PARA A POPULAÇÃO EM GERAL, VIA MÍDIA) E A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA?

As assessorias de comunicação destes órgãos estão mais engajadas em promover a imagem institucional do que fazer divulgação científica. Provavelmente não por culpa delas, mas por demanda das instâncias superiores.

4. COM A CRISE BRASILEIRA (POLÍTICA, SOCIAL, ECONÔMICA, AMBIENTAL), COMO AVALIA O PAPEL DE CT&I E SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE? E COMO VOCÊ ACHA QUE O JORNALISMO CIENTÍFICO PODE AJUDAR AS PESSOAS NESSE MOMENTO?

A atual crise econômica ameaça seriamente até a continuidade da existência de instituições de CT&I no Brasil. Por outro lado, o trabalho das instituições de CT&I pode ser a melhor chance de sairmos sustentadamente da crise e de sermos capaz de fazer a gestão de nossos problemas ambientais, mudando paradigmas. Quando eu era criança, não havia petróleo no Brasil. Veio a Petrobrás (difícil defendê-la nestes tempos de sicários!) e hoje somos um grande produtor mundial. Quando eu era pequeno, não era possível fazer uma agricultura de escalas nos solos ácidos e pobres do Brasil tropical. Veio a Embrapa e mostrou que o maior insumo agrícola é a energia solar. Fazemos 2 duas colheitas por ano, quando a maioria dos países temperados fazem apenas uma. Depois que resolvermos esta crise imediata, o desafio será conciliar desenvolvimento e conservação.

5. COMO A EMBRAPA PANTANAL ESTÁ LIDANDO COM OS CORTES DE RECURSOS PARA ELA E PARA AS PESQUISAS EM GERAL? JÁ SENTIU SEU TRABALHO SER AFETADO COM ISSO?

Fazendo cortes de gastos. Sim, praticamente todos as pesquisas estão sendo afetadas. Ficou bem difícil ir a campo coletar dados.

6. QUANDO E COMO SURTIU O INTERESSE EM PESQUISAR SOBRE O PANTANAL? QUAIS SÃO AS SUAS LINHAS DE PESQUISA SOBRE O PANTANAL? POSSUI/FAZ PARTE DE GRUPOS DE PESQUISA?

No mestrado. Ecologia manejo e saúde de animais silvestres; biologia da conservação.

7. TEM COLABORAÇÃO COM PESQUISADORES NACIONAIS? DE ONDE E COMO? COMO É A TROCA COM PESQUISADORES ESTRANGEIROS? EXISTEM REDES DE PESQUISA, PARCERIAS, OU COISA DO TIPO COM AS UNIVERSIDADES E OUTRAS INSTITUIÇÕES? COMO OCORREM AS PARCERIAS? QUE CRITÉRIOS USAM PARA ESSE TIPO DE AÇÃO?

Sim. Participo do PPG-Ecologia e Conservação da UFMS. Oriento alunos e ministro um curso no programa. Temos projetos em rede com universidades públicas e privadas e ainda trabalho com alguma frequência com pesquisadores da Fiocruz e eventualmente com pesquisadores estrangeiros.

8. AS SECRETARIAS ESTADUAIS DE MEIO AMBIENTE E DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA COLABORAM COM O TRABALHO DE VOCÊS? E AS AGÊNCIAS DE FOMENTO ESTADUAIS E FEDERAIS? HÁ ALGUM TIPO DE FINANCIAMENTO VINDO DE EMPRESAS PRIVADAS?

Normalmente nós é que colaboramos com secretarias estaduais e ministérios de meio-ambiente e MAPA. Costumo receber auxílios de pesquisa da Fundect e do CNPq, mas raramente de empresas privadas.

9. QUAIS SÃO AS DIFICULDADES DE FAZER PESQUISAS NO PANTANAL?

Por diversas razões, o acesso ao campo experimental e outras fazendas do Pantanal ficou mais difícil ao longo dos anos.

10. EM SUA OPINIÃO DE ESPECIALISTA, QUAIS AS MAIORES AMEAÇAS AO PANTANAL HOJE? AS PESQUISAS SOBRE O PANTANAL, EM TERMOS DE QUANTIDADE E QUALIDADE, DÃO CONTA DA DIVERSIDADE DE PROBLEMAS EXISTENTES E DO CONHECIMENTO NECESSÁRIO PARA A ADOÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS NACIONAIS E ESTADUAIS? O QUE PODE E DEVE SER FEITO PARA AMPLIAR O CONHECIMENTO DO BIOMA E REDUZIR SUA DETERIORAÇÃO?

Não há resposta simples e que caiba no espaço de um questionário. Tenho muito medo do Pantanal avançar em um processo de desertificação. No Pantanal a evapo-transpiração prevalece sobre a precipitação local. Precisamos da água que vem de fora. Há mais de uma centena de PCHs que estão sendo implantadas ao redor do Pantanal e muitas intervenções dentro da Planície que visam alterar a drenagem. O solo é raso e arenoso. A combinação toda é muito ruim.

11. EM SUA OPINIÃO COMO A COMUNICAÇÃO NA MÍDIA E NAS ESCOLAS PODE INFLUENCIAR O COMPORTAMENTO DA OPINIÃO PÚBLICA E AJUDAR A FREAR O IMPACTO AMBIENTAL NO PANTANAL?

Sou cético.

12. ONDE COSTUMA DIVULGAR SUAS PESQUISAS? TEM O COSTUME DE ESCREVER ARTIGOS PARA VEÍCULOS DE COMUNICAÇÃO? QUAL É O GRAU DE IMPORTÂNCIA QUE DÁ A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA PARA O PÚBLICO LEIGO? PROCURA INCORPORÁ-LO EM SEU TRABALHO? QUAL É SUA MAIOR DIFICULDADE COM RELAÇÃO A ISSO? COLOCA AS REPORTAGENS DE ENTREVISTAS QUE DEU NA ABA DO CNPQ QUE VALORIZA ESTE TIPO DE ATUAÇÃO?

Ui! ... seis pontos de interrogação. Principalmente em revistas científicas especializadas. Algumas vezes publiquei em revistas de divulgação científica e 4 alunos meus participaram de documentários na televisão. Eu e uma aluna publicamos um CD interativo sobre mamíferos do Pantanal, voltado para alunos do ciclo escolar básico. Foi divertido, mas nada disso mudou nossa vida. Li muitos livros de Stephen Jay Gould, um ícone da divulgação científica. Ele também foi um paleontólogo e biólogo evolucionista, mas nunca li um artigo científico dele. O que quero dizer é que são coisas diferentes, ser forjador da ciência e divulgá-la. Acho que uma precisa da outra e vice-versa, mas não podemos esperar que os profissionais sejam bons nas duas coisas ao mesmo tempo. Qual a “aba do CNPq” que valoriza entrevistas na mídia?

13. SUAS PESQUISAS SÃO DIVULGADAS NA MÍDIA LOCAL, REGIONAL, NACIONAL E INTERNACIONAL? DE QUE FORMA O NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO DA EMBRAPA PANTANAL ATUA PARA ESTA DIVULGAÇÃO?

Sim, de forma eficiente, mas veja também a resposta para pergunta n. 3.

14. CONHECE O TRABALHO DE COMUNICAÇÃO DA EMBRAPA PANTANAL? QUAL É A IMPRESSÃO QUE TEM SOBRE O TRABALHO DELES? TEM O COSTUME DE PROCURÁ-LOS QUANDO PRECISA DIVULGAR ALGO? COMO É O SEU RELACIONAMENTO COM OS JORNALISTAS DA ASSESSORIA? COSTUMA ACESSAR O SITE DA INSTITUIÇÃO EM BUSCA DE INFORMAÇÕES SOBRE PESQUISAS SUAS OU DE COLEGAS? COMO AVALIA O PORTAL INSTITUCIONAL?

Sim, conheço, gosto deles, veja resposta 13, mas também a 3. O portal institucional já foi melhor. Com a tendência de centralização e uniformidade que prevalece hoje ficou difícil ter acesso às informações.

15. COMO É SUA RELAÇÃO COM JORNALISTAS DE MÍDIA EM GERAL? O QUE ACHA DAS REPORTAGENS DIVULGADAS SOBRE MEIO AMBIENTE EM GERAL E SOBRE O PANTANAL EM PARTICULAR NA MÍDIA? E NO SITE DA INSTITUIÇÃO?

Minha relação com jornalistas é ótima. Reportagens, por definição, estão ligadas no presente imediato e no que o público mediano pode apreender em um espaço curto de tempo, bytes ou páginas. Então têm limitações intrínsecas. Sobre nosso site, veja a resposta da pergunta 14.

16. TEM ALGO QUE EU NÃO PERGUNTEI E VOCÊ ACHA IMPORTANTE SER MENCIONADO?

Não sei como você vai conseguir sintetizar esta entrevista, como vai conseguir dar um tratamento quantitativo para perguntas tão amplas.

Apêndice 8. Entrevista com o reitor da UEMS Fábio Edir dos Santos

Mini perfil: Reitor, pelo segundo mandato, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Formado no Bacharelado em Ciências Biológicas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Rio Claro (Unesp), em 1991, deu continuidade à sua formação na área de Zoologia, onde concluiu mestrado e doutorado também pela Unesp. É coordenador do Laboratório de Ictiologia do Centro de Pesquisa em Biodiversidade - CPBio/UEMS, e pesquisador associado ao Centro de Pesquisa do Pantanal e ao Instituto Nacional de Áreas Úmidas - INAU-INCT/CNPq. Atuou como Diretor-Presidente da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino Ciência e Tecnologia de MS (Fundect) por dois mandatos, de 2005 a 2010, e também presidiu a Assembleia Geral do Centro e Pesquisa do Pantanal (CPP) de 2007 a 2011. No campo da pesquisa, tem experiência na área de Recursos Pesqueiros, com ênfase em Avaliação de Estoques Pesqueiros de Águas Interiores, atuando principalmente nos seguintes temas: Biologia de Peixes do Pantanal, Monitoramento de Recursos Pesqueiros, Conservação de Recursos Naturais, Gestão Pública em Ciência, Tecnologia e Inovação e

Gestão de Educação de Nível Superior. **Fonte:**
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4797622J7>

1. ME FALE SOBRE SUA CARREIRA COMO PESQUISA E COMO ELA TE LEVOU A GESTÃO DA UEMS. VOCÊ TEVE OUTRAS EXPERIÊNCIAS RELACIONADAS? QUAIS OS DESAFIOS DA SUA GESTÃO?

Sou biólogo de formação. Fiz toda minha graduação na UNESP Rio Claro, bacharelado em Ciências Biológicas, mestrado e doutorado lá também na UNESP. Minha linha de pesquisa trabalha com peixes, eu fui pesquisador do Instituto de Pesca, em Santos, e quando estava terminando o doutorado um amigo me convidou pra vir prestar o concurso da UEMS. A UEMS estava começando na época, isso em 1998, foi o primeiro concurso público da UEMS e tive minha lotação no município de Jardim, ali na cabeceira do Pantanal, no planalto ainda. Embora no doutorado tenha trabalhado com peixes no ambiente marinho, já tinha vinculação com peixes de água e doce e vim pra trabalhar com peixes do Pantanal. Então começou essa produção minha na carreira vinculada com biologia pesqueira. Na época participei da criação do CPP, que é o Centro de Pesquisa do Pantanal, que é do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul e iniciativa do MCTI, do Governo Federal e até hoje o CPP existe e ele virou o INAU, o Instituto Nacional de Áreas Úmidas, que foi participou do primeiro edital do Brasil que tives, e até hoje eu sou pesquisador associado desse instituto. Sou coordenador do Laboratório de Ictiologia do Centro Integrado de Análise e Monitoramento Ambiental da UEMS (CINAM), então minha carreira de pesquisador é por aí. E na época, em 1998 eu já fui convidado pra ser o coordenador do curso de Biologia, até porque naquele momento em que estava começando a UEMS eu era um dos poucos com a titulação de doutor, então era meio que natural. E dali acho que fiquei nem um ano. A UEMS tinha seus núcleos de pesquisa, tinha o NUPEMA, que era Núcleo de Pesquisa em Meio Ambiente e Agropecuária, aí de Jardim já fui chamado pra Dourados, pra assumir a chefia desse núcleo e aí coordenava as pesquisas institucionais na área. Daí fiquei dois anos, de lá já fui convidado pra ser pró-reitor de pesquisa e pós-graduação, quatro anos. Daí concorri a reitoria quando terminou o mandato, não fui eleito. Acho que felizmente, porque à época não estava tão maduro a experiência necessária, mas um ano depois, isso já em 2005, eu assumi a presidência da FUNDECT, a nossa Fundação estadual de amparo a pesquisa, fiquei lá por dois mandatos. Em 2011 terminou o mandato, eu retornei a UEMS, concorri a reitoria e tô aqui até hoje. Tenho uma carreira hoje muito mais na gestão do que na pesquisa, mas a pesquisa tá no DNA, tá na raiz de toda minha formação básica, inclusive da pesquisa em recursos naturais, no caso de peixes, e tem tudo a ver com Pantanal. Então por conta disso, mesmo estando na gestão, muito do que a gente pensa ou tenta executar vem dos princípios do método científico que é muito claro e necessário na gestão da universidade como um todo.

2. QUAIS OS DESAFIOS QUE VOCÊ ENCARA NA SUA GESTÃO?

Nossa universidade é muito grande, ela é multicampi. Nossa reitoria fica em Dourados e estamos em mais 14 municípios. Então são 15 unidades universitárias, mais 10 pólos de educação a distância. Então são 25 municípios ao todo. O Estado tem 79 municípios, em 25 estamos presentes. Então a gestão tem que ser ágil suficiente, descentralizada pra que a gente consiga ter as ações acontecendo simultaneamente nesses 25 municípios. Hoje somos 66 cursos de graduação, mais 15 programas aí de mestrado e doutorado. O nosso mestrado e doutorado é relativamente recente. Bom a UEMS vai completar 25 anos de lei em dezembro desse ano e de efetivo exercício são 23 anos, e considerando que seus quatro primeiros anos ela muito mais lutou pra continuar viva, porque teve até intervenção governamental tentando fechá-la. Então eu falo que de efetivo exercício da instituição ela não tem mais que 20 anos. Nesses desafios, falo até mais do que como reitor, mas pelos cargos que já ocupei, eu sinto que aqui no Mato Grosso do Sul, e não é diferente em outros estados, a gente acompanha os pólos de escolas nacionais, ainda educação superior, ciência tecnologia e inovação no nosso país ela, a saúde do sistema varia muito com o humor dos governantes. Nós não temos uma saúde sólida e consolidada do sistema do sistema nacional CT&I no nosso país. Infelizmente ainda não. Nosso país produz muita ciência, produz muita tecnologia de excelência em N áreas sem dúvida, mas não temos a constância do financiamento das pesquisas. Não temos a constância do lançamento de editais e de pagamento de bolsas na formação de profissionais. Um grande programa que poderia ter dado muito certo e poderíamos ter dado um salto de qualidade muito grande foi o CsF, mas ele foi enxergado como um programa de governo e não de Estado. Assim que mudou o governo a primeira política foi, cancela esse programa. Os editais dos fundos setoriais, que começaram talvez um pouco modestos,

mas vieram depois com um folego muito grande. Deram ao FINEP uma capacidade de investimentos muito grandes, ao CNPq, a gente decolou e foi encarado que aquilo era um programa de governo. Inclusive quando se mudou o governo, mas dentro do mesmo partido ainda, do Lula pra Dilma, simplesmente se rompeu, independente de questões ideológicas, a mais importante linha de financiamento da ciência e tecnologia do país. E isso se transfere, de uma forma muito tranquila, nas esferas estaduais, seja no governo aqui de Mato Grosso do Sul ou de outros estados, sem exceção. A gente consegue observar que as linhas de financiamento de pesquisas ou as prioridades, elas não são prioridades de Estado, elas são prioridades de Governo. Isso eu falo de uma forma muito tranquila, sem menosprezar nem fazer uma crítica pessoal aos governos que passaram, ou estão aí presentes, mas uma crítica enquanto sociedade e principalmente enquanto comunidade científica, comunidade acadêmica. Não só em MS, mas no país. A gente ainda não consegue se mobilizar ou mostrar pra sociedade o real valor daquilo que a gente produz aqui. Hoje de manhã eu estava lendo uma matéria no Estadão chamando a atenção pra questão da evasão do ensino superior. Uma matéria extremamente tendenciosa do alto índice de evasão sem buscar causas. Depois vem lá falar quanto custa um aluno. Simplesmente pega um número lá, tem tantos alunos matriculados, tem tanto de orçamento, divido um pelo outro e comparo. Então, ah, um aluno da USP custa dois mil reais por mês, cinco mil reais por mês, enquanto que o aluno na particular custa tanto. Agora, quanto que a USP produz de conhecimento? E é só aluno da graduação que conta? Quê que a gente faz de conhecimento, de mestrado, de graduação, de doutorado, de pós-doutorado que a gente gera de conhecimento? A particular não faz isso. Ela não visa isso, ela tem que viver do lucro dela. E ciência não dá lucro a curto prazo. Nós não temos a cultura como Estados Unidos, e países europeus como Alemanha, Suíça, onde você tem investimento privado, depois aquele investimento privado retorna por meio de institutos de tecnologia que vendem aqueles serviços. No Brasil não. No Brasil ainda é tudo muito estatizado a questão da produção do conhecimento. Quem quer pagar pelo conhecimento? Eles acham que é obrigação das universidades, das Embrapas, dos institutos de pesquisa, da Fiocruz. Acham que é obrigação da Fiocruz desenvolver a vacina da febre amarela e distribuir de graça pra todo mundo. Essa é a mentalidade do brasileiro. Quanto custa a produção daquela vacina? Quanto custou o incêndio daquele banco de material genético que tá lá e agora quando se pede pra recuperar fala não, esse investimento aqui é muito alto. Então a população não dá valor praquilo que a gente tem. Se a população não dá valor os nossos dirigentes, nossos gestores são reflexos da população que a gente tem. Pode me chamar de utópico, de sonhador, mas eu acho que não vai ser por outro meio se não pela educação que a gente vai conseguir um dia ter uma sociedade mais justa e mais consciente dos direitos e acima de tudo dos deveres.

3. QUAL É SUA VISÃO SOBRE O PAPEL DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA? ATUA OU JÁ ATUOU COM A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA? DENTRO DA SUA GESTÃO JÁ FOI IMPLANTADA, OU PRETENDE IMPLANTAR ALGUM TIPO DE POLÍTICA VOLTADA PRA DC?

Museus, Aquários, Parques... Tudo que for pra fazer divulgação científica é fundamental. Mato Grosso do Sul começou e infelizmente foi enxergado como sendo uma ação de governo e não de Estado, também não quero entrar no mérito disso, mas nós começamos a construção do Aquário do Pantanal. E quando ele foi pensado, inclusive, o termo técnico CEPRIC, Centro de Estudo e Pesquisa da Ictiofauna do Pantanal, e aí o nome fantasia Aquário do Pantanal. Eu vejo que o Aquário do Pantanal ele pode e deve ser o embrião de uma nova mentalidade, trazer o Pantanal pra perto das pessoas, trazer o meio ambiente pra perto das pessoas, a conscientização, a necessidade da geração, da produção de conhecimento, a importância de um professor, a importância de um pesquisador, a importância de você investir em CT&I. A gente adora ficar olhando na internet e olha lá que bonito tem um museu. A gente tem o museu Dom Bosco aqui em Campo Grande, e quem conhece o museu Dom Bosco? Quais são as escolas que vão lá visitar, são pouquíssimas. É o único museu de qualidade que a gente tem no estado, é um museu privado da UCDB. Mas assim, a DC é fundamental. Por isso, assim que eu assumi, trouxe o André, que tá aqui conosco, e dei o desafio: “André, divulgação científica é prioridade pra nós, ponto!”. E quando eu falo divulgação científica, é em todos os níveis. Não só a popularização da ciência, da tradução do conhecimento científico no linguajar acessível à população, principalmente aquela população que tem um baixo nível de escolaridade, é pra dona de casa, é pra assalariada, que é aquela pessoa que tá pegando o ônibus todo dia de manhã, e que ela vai ver a importância de vacinar uma criança, de vacinar o filho dele, se é pra saber que se ele tá ali

usando o celular a internet, como que ele consegue ter uma conexão sem fio, que não caiu do céu, alguém pensou. Valor agregado... hoje um grande exemplo que eu dou, e eu falo pras minhas filhas, que “ah pai eu quero um celular novo”. Eu fiz isso duas vezes já. Pego o celular, coloco do lado da smart tv de 50 polegadas. Esse celular aqui 3 mil reais. Aquela tv ali, daquele tamanho, gigantona lá, custa mil e quinhentos, dois mil, que seja três mil reais. Eu falo, “por quê que esse celular custa três mil, sendo que essa grandona que é 100 vezes maior custa mais barato?”. E fica uma olhando pra cara da outra “é verdade pai, isso aqui não tem que ser mais barato?”. “Não filha! O que que tem aqui? Agregação de valor. Aqui tem conhecimento”. Então tem pessoas que milhares de bolsistas do país, do mundo todo pra que a gente pudesse ter hoje um celular que custa 3 mil reais, mas com isso você tem acesso... Se as pessoas não tiverem consciência do porque ela paga três mil reais em um celular e que ela paga três mil hoje nesse aqui, mas aquilo que ela pagava três mil há dois anos atrás custa 500. Que você vai agregando tb vai barateando. Ela tem que saber que esse valor agregado, tem conhecimento, então o que é conhecimento? Esse valor agregado ele tem que ser palpável na vida do cidadão. Ele precisa saber desde uma questão simples, a forma de ele preparar melhor um alimento na casa dele vai dar uma melhor qualidade de vida em termos de alguma doença, uma questão simples de um saneamento, de um tratamento, porque que que tem flúor na água? Porque que tem iodo no sal? Isso alguém pensou lá na frente pra ajudar na redução de cárie, pra ajudar na redução de bócio... são coisas que vão desde aquelas coisinhas Você sabia quê?. As vezes essas pequenas informações mostram e você consegue levar aquele cidadão com menor escolaridade, saber que alguém pensou e ele está usufruindo esse conhecimento, mesmo que pra ele chegue de graça, ou chegue de uma forma da qual ele não consegue nem ter uma dimensão de que talvez durante dezenas ou centenas de anos pessoas tiveram que estudar pra que ele tivesse acesso. Seja qualquer exemplo, seja o celular, a vacina, a vitamina que ele vai tomar... por que a gente tem remédio de graça hoje? Como que ele consegue tomar remédio de hipertensão de diabetes de graça? É um programa de governo, mas durante dezenas de anos pesquisadores, a grande maioria vinculada com universidades públicas, produziram conhecimento, que quebraram patentes e que hoje consegue ter um medicamento com um preço acessível, inclusive, que o governo vai lá e dá de graça pra ele. Aquele remedinho que não deixa a veia do vaso dele não estourar. Agora como traduzir isso pro dia a dia, pras questões cotidianas, esse é o grande desafio que deram pra vocês jornalistas.

4. MAS DENTRO DA SUA GESTÃO VOCÊ CHEGOU A PENSAR EM ALGUM TIPO DE POLÍTICA ESPECÍFICA?

Pelo fato da minha carreira, da forma como eu cresci na minha formação, e ter sido presidente da FUNDECT e tudo mais, então em ter conhecido outras realidades de mundo, de países diferentes, nós criamos por exemplo o programa Mídia Ciência. Ele começou ainda no final da nossa gestão [na FUNDECT], que foi quando o Professor Turine, que me sucedeu na FUNDECT, ele à época era meu diretor científico. Foi quando a gente começou um programa de popularização da ciência dentro da FUNDECT pra depois da FUNDECT, a gente somou a força das duas instituições estaduais, que é UEMS e FUNDECT, agora sob a coordenação e liderança das ações do André e da equipe dele, UEMS/FUNDECT trabalhando pela popularização da ciência no estado como um todo. E embora seja coordenação da UEMS a gente envolve as ações da FUNDECT da produção do conhecimento na UCDB, UFMS, IFMS, Uniderp, UFGD e divulgando isso na forma de jornalzinho, de panfleto, da internet pra divulgação. E agora a gente conseguiu um espaço que falta aprimorar, mas é uma questão de cultura de tempo de começar, na parceria que a gente fez com o jornal Mídiamax. Foi uma coincidência. Até porque quando a gente começou o nome Mídia Ciência, não tinha nada a ver com Mídiamax e cada um seguia uma linha, mas hoje a gente conseguiu fechar um acordo e hoje tem um espaço, uma coluna no jornal, que é o maior jornal de circulação eletrônica do estado, você consegue levar esse conhecimento traduzido ali na linguagem popular pras pessoas. Acho que esse é um grande avanço e é uma sementinha, mas isso vai crescer. Nessa questão que eu vejo que é por conta da educação e quando as pessoas enxergarem e conseguirem valorizar a importância das universidades e centros de pesquisa, ninguém mais passa a questionar ela. Eu entrei na UNESP em 1988. 1988 foi a última grande greve das universidades estaduais paulistas. Eu lembro que a gente ficou mais de três meses em greve. O Quéricia era governador na época. O mesmo Quéricia que sentou borrachada, soltou os cachorros os cavalos lá na Praça da República em cima dos professores e tudo mais, foi o governador que pensou assim, eu vou me livrar disso de uma vez por todas. Ele foi lá e assinou um decreto, que é o decreto da autonomia das universidades estaduais paulistas e a vinculação

orçamentária passando assim, ó a partir de hoje vocês tanto, e esse dinheiros é de vocês, vocês se virem, faz o que vocês quiserem e não me enche mais o saco. Foi aí que as universidades públicas começaram a ganhar as suas autonomias de fato, de direito. Aí que eu falo que vai do humor dos governantes. O mesmo governante que teve talvez a pior das greves, um ano e meio, dois anos depois ele assina um decreto, e esse decreto a gente sabe que é a forma legal mais frágil que tem. Não é constitucional nem nada, mas é um decreto. Quem se atreve a questionar o orçamento das universidades estaduais paulistas hoje? Que governador vai querer mexer em um centavo daquilo lá hoje. Nenhum. Infelizmente em Mato Grosso do Sul nós já tivemos decretos, tivemos leis, que vieram, emendas constitucionais tirando [não deu pra entender] e ninguém nunca falou nada. Hoje ninguém questiona a importância da UNESp USP UNICAMP não só pro estado mas pro país, mas nem todos conseguem enxergar a importância da UEMS pro desenvolvimento do MS, esse é nosso desafio. Quando as pessoas enxergarem e reconhecerem o potencial e a força que a universidade tem e a sua importância pro desenvolvimento do estado, aí sim a gente vai conseguir a nossa autonomia.

5. COMO A DC PODE CONTRIBUIR PRA ISSO?

A divulgação é essencial em todos os níveis. Tem a DC, da popularização da ciência, e a própria divulgação até pros nossos dirigentes. Eu não me canso de conversar seja com ex governador, a secretários de estados, a deputados. Ô deputado, sabia que na UEMS nós temos hoje, 75% dos nossos alunos são oriundos de escola pública? Os mesmos 70% são sul-mato-grossenses. O senhor sabia que na UEMS é a única universidade do país que ingressam em curso de medicina 5 alunos indígenas que nós iremos formar por ano? É o único curso de medicina do país que vai formar cinco alunos indígenas todos os anos. Ou seja, tem questões sociais que só uma universidade pública vai fazer isso. Uniderp, com td respeito, que cobra dois mil reais a mensalidade, não vai fazer isso. E acho que não tem que fazer porque não é o papel dela nesse momento, pode ser que um dia ela tenha esse perfil. Hoje é missão da UEMS, mas é importante que seja reconhecido, que essa é missão da UEMS. Não simplesmente que seja colocado ah, então se a UEMS tá fazendo isso, ela tem um orlamento de XXX, divide pelo número de alunos matriculados, dá tanto, então ah, seu aluno tá muito caro. Já ouvi até da boca de Secretário, ah vamos fechar a UEMS, que se for pagar na universidade privada sai mais barato. Peraí? A UEMS é só isso? É só um escolão pra formar curso de graduação? Ela não gera conhecimento? Quem que tá fazendo essa ação? Quem que vai lá em Porto Murinho, na beirada do Rio Paraguai onde nenhuma outra instituição vai? Quem que leva o conhecimento lá? Leva pra universidade privada, quero ver se uma universidade privada vai chegar lá e fazer o trabalho com a mesma dedicação. Quem que tem uma UNAMI, Universidade Aberta da Melhor Idade? Quem que recebe mais de 300 idosos todo anos e dá qualificação nas mais diversas áreas do conhecimento? Quem que faz o programa com mais de 600 bolsista na melhoria da qualidade do ensino na educação básica no estado? São 600 bolsistas PIBID, iniciação a docência. A universidade privada não tá nesse momento preocupada com isso. Então quando se coloca na balança simplesmente a universidade ganha tanto, forma tanto alunos e divide um pelo outro, então quando se quer reduzir a importância da instituição, quando se quer reduzir se vale a pena ou não investir na educação. A universidade ela faz muito mais que formar aluno, ela gera conhecimento, empodera a sociedade. É muito mais.

6. ACREDITA QUE AS ASSESSORIAS DAS UNIVERSIDADES PODEM CONTRIBUIR COM A DC?

Elas podem e devem. Mas acima de tudo hoje, e a cada dia mais, a velocidade do conhecimento tem se multiplicado a cada dia, principalmente a questão das redes sociais, a gente não consegue controlar algo que você acha que é banal, viraliza na rede social e vc tem que ficar dando explicação. Vou dar um exemplo. Infelizmente, não sei se ainda é, mas durante muito tempo foi o post no Face que mais viralizou e que mais foi comentado, foi o post quando um aluno nosso deu um tiro de espingardinha de chumbo e matou um gato na rua, e foi filmado isso. Ele estava em um final de semana, a noite, não sei se tava bêbado ou não, estava dirigindo com outras pessoas, saiu atirando num gato. Viram, identificaram, foi levado pra delegacia, foi preso. Coincidentemente era aluno da UEMS. Poderia ser de qualquer outra universidade, estava fazendo isso na condição de um cidadão ignorante, nada a ver com a UEMS. Porém na página da UEMS foi o post que viralizou numa notícia ruim. Soma tudo aquilo que a gente faz, não consegue dar... a sociedade não reconhece, mas ela gosta de ou criticar, ou condenar, ou julgar e não vou entrar no mérito, mas foi um ato errado, eu acho que foi. Mas às vezes você não consegue dar a mesma importância de divulgação, por exemplo, quando você tem o primeiro aluno indígena médico formado no estado. Que é milhares de vezes mais importante, mais salutar em

relação a, com todo respeito a vida do gato ou da questão daquilo que foi feito. Então como conseguir contrapor questões como essa? Então do ponto de vista da mídia, da divulgação com certeza é um desafio.

7. VOCÊ TEM O HÁBITO DE PROCURAR A ASSESSORIA QUANDO PRECISA DIVULGAR ALGUMA COISA?

Diariamente. Várias vezes ao dia.

8. E COMO VOCÊ CONSIDERA O SEU RELACIONAMENTO COM OS JORNALISTAS DA ASSESSORIA? ACHA QUE O TRABALHO DELES PODERIA MELHORAR? E QUANDO PRECISA DE INFORMAÇÕES VOCÊ BUSCA NO SITE DA UEMS?

Eu estou muito satisfeito com a nossa equipe de comunicação social da UEMS. Poderia melhorar? Poderia, mas aí eles vão jogar pra mim, “ah então Fábio e tds aqueles investimentos que a gente ficou de fazer e td mais?”. É lógico, nós temos uma equipe hoje, ela não é deficitária, é uma equipe bem estruturada, poderia ser melhor, poderia ser maior, poderia ser ampliada. A gente quem sabe no futuro poderia ter mais jornalistas espalhados lá nas demais unidades. Hoje nós temos assessoria de comunicação dividida em Campo Grande e Dourados. Dourados, pelo fato de ser a nossa sede, toda a estrutura administrativa tá lá. Campo Grande porque é a capital do estado, e nossa segunda maior unidade universitária e onde se encontra o maior centro de divulgação do estado em si, das nossas atividades, então tem que tá aqui, mas eu não consigo, por exemplo hoje, ter um jornalista em cada unidade universitária. Seria muito bom que a gente tivesse uma autonomia de fato e a gente conseguisse ter um jornalista em cada unidade. Poderia sem dúvida poder mostrar, por exemplo, o que o curso de ciências sociais de Amambai faz, qual que é a importância do curso de agroecologia da unidade de Glória de Dourados pra região, principalmente produtores de assentamentos rurais, pra agricultura familiar. Com certeza teria muita coisa boa sendo produzida diariamente, só que a gente não dá conta de publicar pq não tem profissional lá que vivencie, que entenda e que traduza aquele conhecimento no linguajar que vai chegar no produtor. Pode melhorar? Pode. Mas hoje nossa equipe é essencial e sempre que eu preciso de alguma informação, de algum número da UEMS, ou é direto pelo Whats ou nossa página sempre tem nossos relatórios, é minha principal fonte de referência.

9. ACHA QUE OS PESQUISADORES TÊM DIFICULDADE EM FALAR SOBRE SEUS TRABALHOS?

Muitos e muitos pesquisadores são introspectivos. São fechados no seu mundo, na sua forma de pensar e td mais. E tem muitos que falam, se eu for parar meia hora aqui pra dar entrevista eu to deixando meia hora de pesquisar, de produzir, então se ela quiser ela vem aqui que daí eu respondo as perguntas dela. São poucos aqueles que tem a iniciativa de ir atrás e fazer divulgação. Os que fazem sabem do sucesso dessa atividade. Outros por timidez. Eu até confesso que no começo, antes até de ser gestor, eu ficava assim “nossa, o quê que o jornalista tal vai querer saber do meu trabalho? Se eu for lá me oferecer vai parecer que eu tô querendo me aparecer. Então as pessoas as vezes nem tem ideia de que o jornalista quer que as pessoas vão lá levar informação, e se eu pesquisador, estou produzindo aquele conhecimento, gerando aquela informação, se eu não falar pra ninguém, nem pro jornalista, ninguém vai saber. E simplesmente publicar um paper lá, muitas vezes numa língua estrangeira, fica na prateleira ninguém vai saber que aquela informação está lá disponível. Por isso que assim, palestras de divulgação, palestras de conscientização e uma ação proativa, que é isso que eu peço pra nossa equipe de assessoria de com. Social. Eles vão, eles ligam. Eles entram com as pró reitorias de ensino, pesquisa e extensão, buscando, como a gente tem td hoje informatizado, busca por título, por assunto, por resumo. Ah, tem alguém que tá trabalhando com um projeto de ensino lá na unidade de Ivinhema. Parece que é interessante, passa o telefone e liga, “ô professora eu vim aqui no site que tem um projeto do senhor assim assim assim, eu gostaria de fazer uma entrevista com a senhora pode ser?” Ou faz por telefone, ou vai lá visita. “Ah vai ter atividade de campo, posso acompanhar a senhora?”. Eu peço essa proatividade pra eles. Até pra que eles interajam um pouco mais e com isso, vamos supor, tô lá. Eu não fiz nada e outra pessoa não fez nada. Aí eu vejo que ela fez o trabalho dela e saiu, Até por curiosidade você vai tentar também divulgar seu trabalho.

10. O QUE VOCÊ PERCEBE SOBRE A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PANTANAL DE MODO ESPECÍFICO NA MÍDIA EM GERAL? VOCÊ PODE COMPARAR COM AS MATÉRIAS QUE SAEM NO SITE DA UEMS SOBRE O BIOMA?

Eu acho que poderia sair mais. Nós poderíamos ter uma divulgação maior. Eu não sei se o Pantanal não está se vendendo suficiente, do ponto de vista do conhecimento. O Pantanal se vende sozinho do

ponto de vista turístico e pra fins de turismo não falta informação. Eu vejo que se a gente não tem um divulgação suficiente ou tão grande quanto eu acho que deveria ter em relação a questão do conhecimento do Pantanal, das suas potencialidades, mesmo porque as atividades turísticas e outras ações do Pantanal é porque a gente não encontra isso em outras... não é Pantanal em si, mas em outras áreas da sociedade, de ambientes, de ecossistemas do Brasil como um todo. O Pantanal talvez seja mais divulgado, melhor difundida sua divulgação no exterior, até na Europa, muito mais que no próprio Brasil. A gente pelo número de turistas que tem proporcionalmente, o número de turistas estrangeiros é muito maior que o potencial de turistas brasileiros. Existem algumas ações, vou falar especificamente na minha área que é peixes. Você pega Pantanal Bonito, nós temos um potencial grande pra divulgação. Nós já tivemos alguma iniciativas, que não quero entrar no mérito, que tb não sei ao fundo suas razões, mas eu sei que não foram tão bem sucedidas quanto deveriam ser. Já passou da hora do Pantanal ter agregação de valor, por exemplo, certificação de origem, produtos com certificação de origem do Pantanal. Isso começou com o novilho pantaneiro, gado pantaneiro, foi daqui dali, tiveram várias ações lá, mas que por um motivo qualquer deu uma agregação de valor, mas não teve a perenidade no programa. Eu vejo que hoje nós temos em MS, praticamente 50% do nosso território tá dentro da BAP, desses 30% é planície os outros 20% é planalto, e na planície muitos entendem que aquilo é um passivo ambiental mt grande o que a gente pode fazer lá. Eu acho o contrário, a gente tem que pegar a princípio o que é um passivo ambiental agregar valor em cima dele e fazer a carne do boi pantaneiro tem um valor de 20% a mais agregado, é criado sem agrotóxico, com manejo, com isso, com isso, etc que a carne tem uma qualidade melhor. Então você pode agregar um valor, só que pra isso tem que ter selo de certificação de origem, e precisa de toda uma estrutura que hoje nosso estado não tem. Mas eu acho que não tá muito longe disso também, e o mercado vai falar mais alto. Nós vamos ter um salto de qualidade aí dessas questões agora com a implantação da rota Bioceânica. O fluxo de mercadorias vai aumentar muito, principalmente o comércio com a China.

11. VOCÊS TIVERAM UMA MOVIMENTAÇÃO EM PROL DO PANTANAL NO INÍCIO DO ANO PASSADO QUANDO O BIOMA QUASE PERDEU O TÍTULO DE RB. QUAL FOI O PAPEL DAS UNIVERSIDADES NESSE PROCESSO? VOCÊ PERCEBE UMA MOVIMENTAÇÃO DA COMUNIDADE CIENTÍFICA DE UM JEITO MAIS ATIVISTA?

Dos pesquisadores que atuam no bioma Pantanal, você tem uma movimentação, eles tem uma consciência, eles sabem da importância que o Pantanal continue sendo considerado uma Reserva da Biosfera pela UNESCO. Isso é fundamental pra nós não só pelo status que você ganha. Primeiro da importância que tem o Pantanal em termos de ecossistema de bioma não só pro Brasil, pro MS, mas pro mundo. É um corredor de fauna e de flora, embora tenha uma baixo nível de endemismo, você tem uma área de transição muito grande entre Cerrado, Mata Atlântica e Amazônia e que é justamente esse mix de tudo que dá as características do Pantanal. A importância da gente ter isso caracterizado com selo de qualidade, selo de RB caracterizado pela UNESCO é fundamental pra nós. Não só pra preservação das espécies que ali estão, mas como ambiente de trabalho, de pesquisa e pra preservação como um todo. Quem milita, quem pesquisa na área sabe dessa importância, mas na comunidade acadêmica, quem não necessariamente pesquisa, acho que nem tem a ideia da dimensão da importância desse trabalho, por isso nós fizemos toda uma campanha, a UEMS participou juntamente com as outras universidade da campanha em prol À manutenção e a divulgação do status de RB, mais [não entendi] CPP, que daí já foi uma ação já em nível nacional pra que a gente pudesse ter essa conscientização, e as vezes a popularização da ciência ela tem que acontecer dentro da própria academia, antes mesmo dela chegar aí pra sociedade.

12. VOCÊS ATUAM EM CONJUNTO COM PODERES PÚBLICOS PARA PRESERVAÇÃO DO BIOMA E EXPLORAÇÃO SUSTENTÁVEL? OS RECURSOS DESTINADOS A PESQUISA DO PANTANAL TÊM SIDO SUFICIENTES?

Quantificar isso é complicado, mas assim a gente atua em conjunto? Atua. Não só com órgãos, mas dando suporte aos legisladores, deputados quando pedem informação, o próprio governo do estado, secretaria de meio ambiente, pra dar o devido suporte em conhecimento científico. Embasamento do conhecimento pras legislações, pros decretos e pra normatizações. O recurso que tem é suficiente? Não. Precitaria de muito mais e eu volto a falar, precitaria de um programa, de uma ação de estado e não de governo pra que isso fosse priorizado e repito e que fique registrado, independente das pessoas que estão hoje no governo, não estou falando em especifico deles, é uma questão cultural, é a cultura da nossa sociedade. Da mesma forma que não temos uma cultura em nível nacional da importância do

sistema nacional de CT&I forte, a gente tb não tem a nível de estado. Não se se a gente tem em qualquer nível de estado brasileiro que seja.

Apêndice 9. Entrevista com o pró-reitor de pesquisa da UFMS Nalvo Franco de Almeida Jr.

Mini perfil: Nalvo possui Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1985), mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - COPPE (1992), doutorado em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Campinas (2002). Atuou como visiting scholar no Virginia Bioinformatics Institute (VBI-Virginia Tech), USA (2007-2009). Professor titular da Faculdade de Computação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Diretor da Faculdade de Computação da UFMS de 2009 a 2016; Atualmente Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação da UFMS. Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Teoria da Computação e Biologia Computacional, atuando principalmente em comparação e análise de genomas. **Fonte:** Currículo Lattes - <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4785954A6>

1. FALE SOBRE SUA CARREIRA COMO PESQUISADOR (SUAS ÁREAS DE ATUAÇÃO, FORMAÇÃO, GRADUAÇÃO, PÓS, ETC.) E COMO FOI O PROCESSO ATÉ CHEGAR À PRÓ-REITORIA DE PESQUISA DA UFMS. JÁ TEVE EXPERIÊNCIAS ANTERIORES QUANTO A ISSO? QUAL É SEU GRANDE DESAFIO NESSE CARGO?

Nalvo possui Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1985), mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - COPPE (1992), doutorado em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Campinas (2002) e pós-doutorado em Bioinformática pelo Virginia Bioinformatics Institute (VBI-Virginia Tech), USA (2009). Professor associado da Faculdade de Computação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Diretor da Faculdade de Computação da UFMS de 2009 a 2016; Atualmente Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação da UFMS. Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Teoria da Computação e Biologia Computacional, atuando principalmente em comparação e análise de genomas. (copiado do Lattes). Cheguei à PROPP-UFMS a partir de um convite do prof. Marcelo Turine (atual reitor). Minhas experiências anteriores em gestão compreendem dois mandatos de chefe de departamento (então Departamento de Computação e Estatística) e dois mandatos na direção da Faculdade de Computação da UFMS. O grande desafio é, frente ao contingenciamento de recursos feito pelo MEC, transformar a pós-graduação da UFMS e a capacidade instalada de pesquisa e inovação da UFMS em instrumentos para elevar o nível da UFMS.

2. QUAL A SUA VISÃO SOBRE O PAPEL DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA (MUSEUS, ESCOLAS, MÍDIA, ETC.) PARA QUE A SOCIEDADE SE APROPRIE DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO? ATUA OU JÁ ATUOU COM A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA? A GESTÃO ATUAL DA UFMS, DA QUAL O SENHOR FAZ PARTE, PRETENDE IMPLANTAR, OU JÁ IMPLANTOU POLÍTICAS VOLTADAS PARA A DIVULGAÇÃO DAS PESQUISAS PRODUZIDAS PELA INSTITUIÇÃO? QUAIS?

A divulgação científica deve ser vista como um instrumento de apropriação do conhecimento científico, e deve ser capaz de alcançar a comunidade em todos os seus níveis sociais, econômicos e de instrução. Cada vez mais se tornam necessárias ações visando a conscientização da população no sentido de mostrar que o trabalho de pesquisa feito nas universidades, em especial nas universidades públicas, levam a benefícios diretos e indiretos à sociedade. A UFMS pretende atuar mais fortemente na popularização da ciência. Uma das ações para isso é a atuação de pesquisadores e alunos da UFMS em escolas de nível fundamental e médio, mostrando a pesquisa feita. Outra ação já iniciada é a organização do evento Integra UFMS, que abriga, além da FETEC-MS, todos os programas científicos da UFMS, envolvendo pesquisa, ensino e extensão. A UFMS está também preparando revistas de divulgação científica.

3. ACOMPANHA O TRABALHO DE COMUNICAÇÃO DA UFMS? ACREDITA QUE AS ASSESSORIAS DE COMUNICAÇÃO DAS UNIVERSIDADES E DE INSTITUIÇÕES DE PESQUISA PODEM CONTRIBUIR COM UMA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EFICAZ? COMO AVALIA O TRABALHO DESENVOLVIDO PELA SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO DA UFMS? PODERIA MELHORAR? QUE SUGESTÕES FAZ? TEM O HÁBITO DE PROCURAR A

ASSESSORIA QUANDO PRECISA DIVULGAR ALGO? COMO É SEU RELACIONAMENTO COM OS JORNALISTAS DA ASSESSORIA?

A Secretaria Especial de Comunicação Social e Científica da UFMS tem feito um excelente trabalho de comunicação da UFMS. E todas as ações, editais e anúncios importantes feitos pela PROPP são previamente enviados à SECOM, para a devida divulgação.

4. QUAL A SUA PERCEPÇÃO SOBRE A DIVULGAÇÃO DAS PESQUISAS SOBRE O PANTANAL NA MÍDIA EM GERAL E NOS CANAIS INSTITUCIONAIS DA UFMS? VOCÊ ACREDITA QUE AS MÍDIAS INSTITUCIONAIS PODEM FOMENTAR INFORMAÇÕES DE MAIOR QUALIDADE NA MÍDIA TRADICIONAL POR EXEMPLO?

Mídias tradicionais sempre tendem a dar uma visão simplista das pesquisas e seus resultados, levando muitas vezes a informações falsas. Do outro lado, a população sempre está querendo receber resultados diretos das pesquisas, como descobertas que levariam diretamente cura de doenças, etc. Cabe às agências/secretarias de divulgação científica a tarefa (que não é fácil) de fornecer a notícia científica de tal modo que seja real, verdadeira, com valor social, porém ao mesmo tempo com a devida cautela. Com relação ao Pantanal, a UFMS tem tentado promover a divulgação científica relacionada às pesquisas nas áreas de ecologia e conservação. A mídia local, por outro lado, tem dado uma atenção diferenciada a estes tópicos.

5. QUAL OU QUAIS SÃO AS ÁREAS MAIS FORTES EM PESQUISA NA UFMS? A PESQUISA PRODUZIDA PELA UNIVERSIDADE TEM CONTRIBUÍDO COM A PRODUÇÃO ECONÔMICA DO ESTADO? E NA ÁREA AMBIENTAL, ELA TEM CONTRIBUÍDO COM A CONSERVAÇÃO? NESSE CONTEXTO PODE ME DIZER ALGO SOBRE O PANTANAL PARTICULARMENTE?

Acho que a resposta em parte está contida na resposta da questão anterior. Com relação a produção econômica do estado, precisamos melhorar isso. Uma das ações voltadas para essa melhoria consiste em um acordo que está sendo firmado entre a UFMS e o CNPq, onde a agência de fomento deverá conceder bolsas de doutorado, mestrado e iniciação tecnológica. A ideia é aprovar, através de editais internos, projetos com inovação tecnológica, voltados para a solução de problemas de empresas da região. A área ambiental, em particular o interesse pela conservação do bioma Pantanal é uma das questões relevantes para o Estado e certamente é uma das vocações da UFMS. Projetos como esses previstos nessa ação deverão contemplar esses tópicos de pesquisa.

6. OS RECURSOS FINANCEIROS DAS PESQUISAS PARA O PANTANAL TÊM SIDO SUFICIENTES PARA AMPLIAR OS CONHECIMENTOS E TALVEZ AJUDAR A REDUZIR A DEGRADAÇÃO DO BIOMA?

Em 2018 a UFMS abrirá, somente no âmbito da pesquisa e da pós-graduação, cerca de R\$ 1.3 milhões em editais de fomento para pesquisa e atividades relacionadas à produção científica. Não são editais direcionados especificamente para pesquisas do Pantanal, mas considerando que esse tema tem tido um forte impacto e tem mantido um alto percentual das pesquisas realizadas na UFMS, entendemos que esse fomento deve fomentar projetos nessa área e consequentemente atingir temas relacionados à degradação do bioma.

Apêndice 10. Entrevista com a repórter Lúcia Morel do jornal impresso Correio do Estado

Mini perfil: Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Especialização em Teoria e Práticas Contemporâneas do Jornalismo pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e Região do Pantanal (Uniderp). Atualmente é subeditora da editoria de Cidades do impresso Correio do Estado. Sua experiência profissional concentra-se principalmente no jornalismo diário on-line e impresso, mas já trabalhou com assessoria de imprensa. Em 2014 recebeu o segundo lugar na categoria impresso do 1º Prêmio Fundect de Jornalismo Científico; em 2016 ficou em segundo lugar na categoria impresso do Prêmio MS Industrial de Jornalismo; e em 2017 ficou em segundo lugar na categoria impresso do 8º Prêmio Águas Guarairoba de Jornalismo Ambiental. **Fonte:** Currículo Lattes - <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4737010T4>.

1. CONTE-ME SOBRE SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL, FORMAÇÃO, EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS, E COMO ACABOU SE APROXIMANDO DAS QUESTÕES AMBIENTAIS.

Bom, eu me formei em 2004 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Um dos meus primeiros estágios foi durante as conferências ambientais que aconteciam em todo Brasil na época e tinham as realizações regionais. Isso na época quem estava à frente aqui era o IBAMA, e por incrível

que pareça eu já comecei trabalhando com essa questão ambiental. Chamava-se Conferências do Meio Ambiente. Era governo Lula na época e tinham essas conferencias nacionais e tinham as etapas regionais. Não sei como está isso hoje. Que era tipo assim pra apresentar quais eram as temáticas do meio ambiente de cada região e apontar posteriormente soluções. Aí depois eu fui para a extinta Folha do Povo e de lá pra cá eu só trabalhei no jornalismo diário. Fiz alguns freelas de assessoria de imprensa, enfim, mas o foco sempre foi o jornalismo diário, principalmente voltado para o impresso. Passei pela Folha do Povo, parei com jornalismo, fui fazer outra faculdade, não terminei, voltei pro jornalismo trabalhando em site, aí até que voltei pro jornalismo impresso. Trabalhei em outros jornais impressos e atualmente e estou no Correio do Estado. Confesso que o foco do meu trabalho atualmente ele não é ambiental, ok?! Que ele é muito diverso, eu trabalho na editoria de Cidades do Correio do Estado, mas eu confesso que as pautas ambientais me atraem. Se eu puder trabalhar com elas eu acho muito interessante, até por ser uma pauta assim que quanto mais você conseguir falar sobre mais as pessoas talvez se conscientizem de que elas precisam mudar alguns comportamentos e atitudes em relação ao meio ambiente. Então assim a pauta ambiental ela me atrai, eu trabalho com ela e acabo me aproximando dessas pautas, infelizmente, mas assim principalmente quando é assim dia da árvore, dia mundial da água, que por conta da limitação aí do jornalismo impresso, por não ser um veículo voltado exclusivamente pras questões ambientais elas acabam sendo esporádicas. Mas a gente sempre encaixar de alguma forma essas demandas.

2. É FILIADA A ALGUM TIPO DE ASSOCIAÇÃO OU REDE DE JORNALISMO CIENTÍFICO E/OU AMBIENTAL, OU ALGO DO TIPO? TEM ESPECIALIZAÇÕES OU CURSOS NA ÁREA?

Não sou filiada a nenhuma associação nem rede, como eu te falei no meu primeiro estágio eu trabalhei muito com a Ecoa na época, então assim eu tenho um erto conhecimento nessa questão de redes de jornalismo, essa ambientação de redes de ajuda de proteção ao meio ambiente, mas eu não sou afiliada a nada e também não tenho especialização, ou curso na área não.

3. EM SUA OPINIÃO, QUAL A IMPORTÂNCIA EM VEICULAR INFORMAÇÕES SOBRE TEMAS AMBIENTAIS NA MÍDIA (E NO CASO ESPECÍFICO DE MS SOBRE O PANTANAL), E QUAIS SÃO AS DIFICULDADES QUE OS JORNALISTAS ENFRENTAM PARA EMPLACAR PAUTAS AMBIENTAIS NOS VEÍCULOS?

Quando você trata de temas ambientais você de alguma forma está levando essa informação pra pessoas que precisam entender que sim o meio é importante, que o meio ambiente precisa ser preservado pra que a gente se preserve. E no caso específico de Mato grosso do Sul sobre o pantanal até recentemente se você der uma pesquisada no Correio do Estado, a gente trabalhou... é porque assim eu tenho escrito menos porque eu estou editando o caderno de Cidades, mas o caderno de Cidades em si trabalhou com tema específico pro Pantanal recentemente sobre uma denuncia de desmatamento na fazenda Santa Monica lá. O Imasul autorizou desmatamento de 20 mil hectares lá na região e a gente veio graça a deus denunciando isso. Repercutiu na Assembleia legislativa, existe um projeto hoje na assembleia que tenta vamos dizer assim, limitar essa devastação. E isso por exemplo, agora recente, tem umas 2, 3 semanas emplacou esse material, e assim, a importância disso é tremenda porque se por ventura nesse caso específico a gente conseguir barrar a devastação, que vitória! Até porque a gente sabe que a região ali do pantanal tem umas peculiaridades muito grandes e qualquer milímetro que você mecha repercute muito na fauna e na flora da região. Então assim, a importância é tremenda. Porque um pouquinho que você trata do assunto e se deus quiser tiver um resultado positivo, um resultado que você realmente consiga barrar talvez uma devastação, uma criação de pasto ali na região, já é uma vitória muito grande. E as dificuldades, infelizmente, as dificuldades são sempre as mesmas. São muito mais políticas do que pessoais. Infelizmente a gente atua em um segmento que a influência política é muito grande. Vamos supor que essa pauta mesmo da devastação no Pantanal não fosse do interesse dos donos do jornal por exemplo. Vamos supor que algum deles tivesse propriedade no Pantanal e quisesse devastar. Essa matéria jamais sairia. Quer dizer eu acho que as dificuldades elas são muito mais políticas e de interesse, do que uma questão de engajamento pessoal dos jornalistas.

4. SOBRE O PANTANAL, COM QUE FREQUÊNCIA COSTUMA PUBLICAR SOBRE O BIOMA E QUAIS AS DIFICULDADES QUE VOCÊ ENFRENTA PARA REALIZAR ESSAS REPORTAGENS? COMO CHEGA ATÉ AS PAUTAS?

Eu percebo que uma vantagem do Correio do Estado é porque os donos, os sócios ali, tem uma queda pela preservação do Pantanal. E Glória a Deus por isso! Porque a gente faz muita matéria sobre cheia

no Pantanal por exemplo, tivemos agora, por exemplo, igual eu te falei anteriormente, essa questão da devastação, esse material que tá inclusive no Tribunal de Justiça, tem uma ação correndo em relação a isso. Então assim eu posso dizer que a frequência que a gente costuma publicar coisas sobre o bioma é até uma frequência bacana. Eu diria que talvez uma matéria todos os meses, uma a cada dois meses, eu acredito que isso aí tá saindo no Correio do Estado. A dificuldade que a gente enfrenta pra realizar essas reportagens? Depende muito. Como a gente faz geralmente matéria sobre cheia a gente consegue as informações com os caras da Embrapa, do SOS Pantanal, então já tem um acesso bacana com esses contatos, fotos a gente consegue com eles também, então não existe muita dificuldade não. A Ecoa também sempre ajuda. Enfim. Até porque nossas reportagens são a distância. A gente não vai até o Pantanal pra fazê-las. Como que a gente chega até as pautas? Muitas vezes os donos do jornal. Eles pautam a gente em relação a isso, outras vezes a gente vê alguma coisa, acompanhando os sites da Ecoa principalmente que é o que a gente mais olha, acaba surgindo pautas relativas ao Pantanal.

5. QUAIS SERIAM AS ABORDAGENS QUE VOCÊ PERCEBE SENDO MAIS UTILIZADAS (ECONÔMICA, DE TURISMO, CIENTÍFICA, ETC.) PARA TRATAR DO PANTANAL?

Geralmente a questão da cheia, que impacta economicamente e geralmente é nesse viés. Científico é muito pouco, de turismo quase nunca, assim na editoria de cidades. Talvez outras editorias como Correio B, que fala de arte, lazer, cultura, a questão de turismo e científica seja mais presente.

6. COMO AVALIA A RELAÇÃO DOS JORNALISTAS DA MÍDIA TRADICIONAL COM AS ASSESSORIAS DAS INSTITUIÇÕES DE PESQUISA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL E UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL? E COM OS PESQUISADORES DESSAS INSTITUIÇÕES, ELAS SÃO ACESSÍVEIS POR EXEMPLO? AS ASSESSORIAS FACILITAM (OU ATRAPALHAM) O PROCESSO DE CHEGAR ATÉ OS PESQUISADORES QUANDO VOCÊ PRECISA DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA?

Cara... eu vou te falar que a UFMS é um porre. Porque que eu te falo isso, recentemente a gente tentou fazer uma matéria sobre pesquisa mais voltada na questão dessa redução que teve, na redução de cortes que teve pra realização de pesquisas na UFMS. A assessoria em si não passou os valores de queda. Só falou quanto eles estavam investindo, mas não citou por exemplo se esse dinheiro era federal, se era recurso de alguma parceria com a Fundect, que é regional, alguma coisa assim, Eles só passaram o valor específico lá, mas pelo portal da transparência deles nós vimos que teve uma redução muito grande de três milhões no ano passado pra 153 mil esse ano se não me engano. No caso da UFMS, eles são muito acessíveis, a assessoria, só que nem sempre eles dão a resposta completa entendeu. Geralmente as informações são truncadas, eu não sei se na tentativa de maquiagem alguma coisa. Assim, o acesso a eles é muito bom. As respostas é que as vezes pecam entendeu. Com relação a UEMS pelo contrário, eles são extremamente acessíveis e as respostas as vezes dão mais até mais do que a gente pede. O problema é que a questão de pesquisa na UEMS ela é pequena. Então assim, principalmente na questão ambiental eles tem muito pouca coisa. E a UFMS por outro lado ela tem muita coisa, mas não sei porque eu acho que eles não querem mostrar. A gente tentou falar com alguns pesquisadores pra essa matéria tal, eles não quiseram falar com a gente, talvez até temendo a universidade, não sei. Então assim as assessorias sempre facilitam, no caso de tipo assim é preciso ter uma assessoria pra que a gente tenha acesso as informações, mas por outro lado dependendo do que eles nos respondem elas podem atrapalhar, porque são informações truncadas, duvidosas. E o processo de chegar até os pesquisadores quando a gente precisa da informação científica... é porque assim, eu não sei também se é porque criou-se uma cultura de bater muito na UFMS e eles estão com pé atrás, mas tipo assim, eles limitam bastante esse acesso. A UEMS nem tanto, só que a UEMS tem pouca coisa então geralmente a gente não tem muito essa questão de procura-los quando a gente vai falar de pesquisa científica porque geralmente igual a gente descobriu recentemente, a maioria das pesquisas da UEMS é de humana. Então quando vai tratar de meio ambiente ou pesquisa é mais complicado

7. VOCÊ COSTUMA SER PROCURADA PELAS ASSESSORIAS E/OU PELOS PESQUISADORES COM SUGESTÃO DE PAUTA? COM QUE FREQUÊNCIA? CONSEGUE PERCEBER UMA ABERTURA POR PARTE DESSAS INSTÂNCIAS EM COLABORAR COM O TRABALHO DE VOCÊS?

Olha, ocasionalmente assim. Não é muito frequente isso não, a questão de ser procurada pelas assessorias, nem os pesquisadores também procuram. Com que frequência? Se eu te falar uma vez no ano é muito. Teve uma vez que eu tive uma experiência de fazer uma matéria sobre o Lago do Amor que era uma investigação que tava no Ministério Público Estadual. Eu não sei se é porque o assunto já

é de grande interesse, ou bastante debatido, ou não tem nada a se esconder sobre, eu procurei a assessoria da UFMS pra falar sobre isso e de pronto eles me deram o contato do pesquisador. Isso foi bem fácil. Eu consegui o acesso direto com o pesquisador, mas mesmo assim ele me passou só o e-mail, mesmo depois de contato direto com ele, ele não quis passar o celular. É tudo via e-mail. Se eu consigo perceber uma abertura? Eu acho que depende muito da procura tanto de um lado quanto do outro. Dificilmente a gente faz matérias sobre pesquisas específicas. Geralmente é como eu citei anteriormente, são matérias mais genéricas relativas a pesquisa, falando de verbas pra isso, quantos pesquisadores envolvidos, quantas pesquisas ocorrem, mas nunca sobre uma pesquisa específica. Mas eu acredito que se a gente procurar mais eu acho que a gente vai ter uma resposta positiva. Então assim, essa colaboração vai ser real. Agora o contrário geralmente não acontece. Geralmente é a gente que provoca, se a gente quiser alguma coisa. Dificilmente eles buscam a gente de uma maneira mais intensa pra sugerir essas pautas de pesquisa. Eu digo assim, mas em que sentido, geralmente as informações ficam restritas ao próprio site das instituições. Não é essa busca ativa pela incorporação da pauta no dia a dia. vamos supor, se a UFMS da vida liga na redação e fala “olha a gente tá com uma pesquisa assim assim assado interessa pra vocês fazer?” ou então manda uma e-mail específico pra editorias falando “olha a gente tá com uma pesquisa assim assim assim, os pesquisadores estão disposto a falar sobre essa pesquisa tal” isso geralmente não acontece. O que acontece é a informação institucionalizada nos sites das universidades. Então geralmente é a gente que tem que buscar nesses sites pra saber que pesquisas estão sendo feitas, o contrário geralmente não acontece. Quase nunca na verdade.

8. QUAL SUA OPINIÃO SOBRE A PRÁTICA DE ALGUNS VEÍCULOS DE REPUBLICAR RELEASES ENVIADOS PELAS ASSESSORIAS?

Olha eu acho que é melhor que nada. De verdade. Pelo menos tá sendo publicado, tá sendo informado de alguma forma o que foi enviado. Mas a questão específica de você simplesmente publicar sem fazer uma triagem, aí a gente já entra no quesito jornalismo. Não é o ideal. O ideal é que o release servisse como fonte e não como fim, como um meio de você conseguir a informação e ir atrás de mais detalhes e não o fim em si mesmo que seria a publicação específica, integral do que foi encaminhado. Assim, eu acredito que essa prática de republicar é melhor que nada, mas jornalisticamente falando ela é condenável. Porque o ideal seria que houvesse condições de buscar informação além do que foi enviado num release.

9. O QUE ACHA QUE AS ASSESSORIAS DE INSTITUIÇÕES DE PESQUISA - DE MANEIRA GERAL E PARTICULARMENTE UFMS E UEMS - PODERIAM FAZER PARA CONTRIBUIR COM O TRABALHO DA MÍDIA TRADICIONAL?

Eu confesso que a UEMS ela tem um acesso muito mais fácil que a UFMS. Na UFMS a gente sente que eles não têm muito essa questão de se inserir no meio da mídia tradicional. A UEMS por outro lado, eu não se se é só comigo, porque eu conheço os assessores de lá, uma delas até se formou comigo, mas assim, eles participam de grupos de jornalistas, que podem passar pauta, estão em contato mais direto via e-mail. A UFMS não tem essa prática. A assessoria é bem institucionalizada de uma produção bastante interna e pra atendimento da imprensa quando a imprensa demanda que eles passam. Dificilmente o contrário acontece quando a gente fala da UFMS. Eu acho que no caso da UFMS ao contrário do que acontece com a UEMS, eles poderiam se envolver mais com os grupos, principalmente atualmente de WhatsApp que é muito utilizado, pra que eles fomentem que a gente vá atrás dessas pautas. Porque geralmente, infelizmente, quando a gente vai atrás de matéria da UFMS é sempre negativo, é sempre num protesto porque vai fechar curso, porque o RU está com uma comida horrível. Eu acho que isso também é por conta dessa falta. Falta eles buscarem a gente e ter essa integração com a mídia tradicional. Eu sinto muito isso com relação a UFMS. Com relação a UEMS eu já sinto o contrário. Apesar de sim, haver muitos problemas lá dentro também, que a gente sabe.

10. SOBRE O CORREIO DO ESTADO ESPECIFICAMENTE, PODE ME INFORMAR SOBRE A ATUAL TIRAGEM DO JORNAL? EM QUANTAS CIDADES ELE CIRCULA? O JORNAL JÁ TEVE UM CADERNO ESPECÍFICO DE MEIO AMBIENTE CORRETO? POR QUE ELE DEIXOU DE SER PRODUZIDO? EXISTE UMA PREOCUPAÇÃO DA LINHA EDITORIAL DO JORNAL SOBRE O PANTANAL?

Algumas dessas perguntas eu já respondi anteriormente né, mas assim, a tiragem atual, a última vez que se falou disso falava-se em 16 mil. É possível que isso tenha diminuído de 2015 pra cá. Eu confesso que essas informações não são muito abertas pra gente. Em quantas cidades ele circula? Em todo Mato grosso do Sul. Não sei te falar especificamente se ele chega a todas as cidades, mas eu

acredito pelo menos as cidades pelo ele vai chegar pra ser então distribuído pros municípios menores. Já teve um caderno específico de meio ambiente sim. Ele deixou de ser produzido por corte de gastos mesmo, porque encarecia a produção. E sim, igual eu te falei anteriormente, geralmente as pautas relativas a Pantanal surgem da chefia

11. HÁ ALGO QUE CONSIDERE RELEVANTE E QUEIRA ACRESCENTAR?

Não.

Apêndice 11. Entrevista com a editora-chefe Marta Ferreira do site Campo Grande News

Mini perfil: Jornalista graduada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Chefe de redação do site de notícias Campo Grande News. Presidente do Sindicato dos Jornalistas de Mato Grosso do Sul - gestão Ocupa Sindjor-MS - Triênio 2016-2019. Ministrou a oficina “Como escrever para Web” no 3º Seminário Internacional de Ciberjornalismo na UFMS. Foi uma das homenageadas pela Câmara Municipal pelo Dia Municipal do Jornalista em 2018 em reconhecimento aos serviços prestados à sociedade. **Fonte:** Pesquisa realizada pela autora na internet.

1. CONTE-ME SOBRE SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL, FORMAÇÃO, EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS, E COMO ACABOU SE APROXIMANDO DAS QUESTÕES AMBIENTAIS.

Sou jornalista desde 1996, de formação, e atuo desde 1995. Já trabalhei em impresso, rádio, campanhas eleitorais, assessorias de imprensa. Em todos esses, a cobertura ambiental permeia o trabalho, não como foco específico, mas sempre esteve presente.

2. É FILIADA A ALGUM TIPO DE ASSOCIAÇÃO OU REDE DE JORNALISMO CIENTÍFICO E/OU AMBIENTAL, OU ALGO DO TIPO? TEM ESPECIALIZAÇÕES OU CURSOS NA ÁREA?

Fiz um curso durante a faculdade, de cobertura em jornalismo científico, voltada para área ambiental, com aulas in loco no Pantanal e em Três Lagoas, onde se instalavam plantações de eucaliptus com vistas ao fornecimento de material para as fábricas de celulose que só se tornaram realidade décadas depois.

3. EM SUA OPINIÃO, QUAL A IMPORTÂNCIA EM VEICULAR INFORMAÇÕES SOBRE TEMAS AMBIENTAIS NA MÍDIA (E NO CASO ESPECÍFICO DE MS SOBRE O PANTANAL), E QUAIS SÃO AS DIFICULDADES QUE OS JORNALISTAS ENFRENTAM PARA EMPLACAR PAUTAS AMBIENTAIS NOS VEÍCULOS?

A cobertura nesta área é de suma importância para esclarecimento da sociedade sobre o tema e formação de consciência ambiental. O tema, infelizmente, é tratado, no dia a dia, salvo exceções honrosas, de forma superficial, focada em operações ou casos pitorescos.

4. SOBRE O PANTANAL, COM QUE FREQUÊNCIA COSTUMA PUBLICAR SOBRE O BIOMA E QUAIS AS DIFICULDADES QUE VOCÊ ENFRENTA PARA REALIZAR ESSAS REPORTAGENS? COMO CHEGA ATÉ AS PAUTAS? QUAIS SERIAM AS ABORDAGENS QUE VOCÊ PERCEBE SENDO MAIS UTILIZADAS (ECONÔMICA, DE TURISMO, CIENTÍFICA, ETC.) PARA TRATAR DO PANTANAL?

O Pantanal é notícia frequente, mas, como disse acima, não com a profundidade merecida.

5. COMO AVALIA A RELAÇÃO DOS JORNALISTAS DA MÍDIA TRADICIONAL COM AS ASSESSORIAS DAS INSTITUIÇÕES DE PESQUISA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL E UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL? E COM OS PESQUISADORES DESSAS INSTITUIÇÕES, ELES SÃO ACESSÍVEIS POR EXEMPLO? AS ASSESSORIAS FACILITAM (OU ATRAPALHAM) O PROCESSO DE CHEGAR ATÉ OS PESQUISADORES QUANDO VOCÊ PRECISA DE INFORMAÇÃO CIENTÍFICA?

A relação poderia ser mais bem trabalhada e acho que existem erros de ambas as partes. Dos jornalistas que, engolidos pela pauta do dia a dia, pouco se aprofundam, e das assessorias que, da mesma forma, absortas em seu universo, não cultivam a aproximação com as redações.

6. VOCÊ COSTUMA SER PROCURADA PELAS ASSESSORIAS E/OU PELOS PESQUISADORES COM SUGESTÃO DE PAUTA? COM QUE FREQUÊNCIA? CONSEGUE PERCEBER UMA ABERTURA OU VONTADE POR PARTE DESSAS INSTÂNCIAS EM COLABORAR COM O TRABALHO DE VOCÊS?

Somos pouco procurados, talvez pela desconfiança que existe por parte dos pesquisadores.

7. QUAL SUA OPINIÃO SOBRE A PRÁTICA DE ALGUNS VEÍCULOS DE REPUBLICAR RELEASES ENVIADOS PELAS ASSESSORIAS?

O release é uma forma de propagar informação. Vejo como ponto negativo que ele não seja apenas o ponto de partida de uma pauta, mas sim a pauta em si, e atribuo isso, em geral, à falta de estrutura dos veículos para ampliar as pautas.

8. O QUE ACHA QUE AS ASSESSORIAS DE INSTITUIÇÕES DE PESQUISA - DE MANEIRA GERAL E PARTICULARMENTE UFMS E UEMS - PODERIAM FAZER PARA CONTRIBUIR COM O TRABALHO DA MÍDIA TRADICIONAL?

Acredito que é necessário um esforço geral de aproximação.

9. SOBRE O CAMPO GRANDE NEWS ESPECIFICAMENTE, PODE ME INFORMAR SOBRE O ATUAL ACESSO DO SITE DE NOTÍCIAS? DE ONDE VEM A MAIOR PARTE DESSES ACESSOS? O SITE MANTÉM ALGUM REPÓRTER ESPECÍFICO PARA COBRIR MEIO AMBIENTE?

Essas informações precisam ser obtidas junto à diretoria do jornal.

10. EXISTE UMA PREOCUPAÇÃO DA LINHA EDITORIAL DO JORNAL SOBRE O PANTANAL?

Não existe preocupação específica, mas entendemos o Pantanal como uma pauta importante do dia dia, ressalvados os aspectos já mencionados, que entendo serem compartilhados com a imprensa local.

11. HÁ ALGO QUE CONSIDERE RELEVANTE E QUEIRA ACRESCENTAR?

Não.